

In memoriam
João Carlos de Senna-Martinez

DE GIBRALTAR AOS PIRENÉUS MEGALITISMO, VIDA E MORTE NA FACHADA ATLÂNTICA PENINSULAR ARQUEOLOGIA, PATRIMÓNIO E TURISMO

Carlos Fabião, Mariana Diniz, António Faustino de Carvalho, Fábio Parracho Silva, António Carlos Valera

In memoriam
João Carlos de Senna-Martinez

DE GIBRALTAR AOS PIRENÉUS MEGALITISMO, VIDA E MORTE NA FACHADA ATLÂNTICA PENINSULAR ARQUEOLOGIA, PATRIMÓNIO E TURISMO

Carlos Fabião, Mariana Diniz, António Faustino de Carvalho, Fábio Parracho Silva, António Carlos Valera

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

Direcção: Ana Catarina Sousa
Série fundada por Victor S. Gonçalves (1985)

25.

FABIÃO, C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A. F. DE; SILVA, F. P.; VALERA, A. C. (Eds.) (2024) – *De Gibraltar aos Pirenéus – Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular Arqueologia, Património e Turismo*. estudos & memórias 25. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 272 p.

Edição: Uniarq/FLUL

Capa: João Carlos de Senna-Martinez, Lapa do Lobo, 2019. Foto: Sérgio Espírito Santo (CM Nelas)

Paginação e artes finais: Paulo Freitas
Impressão: AGIR, Produções Gráficas
300 exemplares

ISBN: 978-989-35113-3-6 / Depósito Legal: 542416/25
DOI: <http://doi.org/10.51427/10400.5/95883>

Copyright textos e imagens ©, 2024, os autores.

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi livre opção de cada autor. Os autores são responsáveis pelos seus originais, respeitando a UNIARQ a sua autoria e não sendo responsável por quaisquer elementos que, de alguma forma, possam prejudicar terceiros.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/00698/2020 (doi.org/10.54499/UIDB/00698/2020) e UIDP/00698/2020 (doi.org/10.54499/UIDP/00698/2020).

Lisboa, 2024.

ÍNDICE

- 5 **PREFÁCIO**
- 7 **APRESENTAÇÃO**
- 9 **COMISSÕES**
- 11 **AS MANIFESTAÇÕES TUMULARES PRÉ E PROTO-HISTÓRICAS DA REGIÃO DE LAFÕES À LUZ DA TESE DE JOÃO CARLOS DE SENNA-MARTINEZ**
António Faustino Carvalho
- 31 **ORCA DE FORLES (SÁTÃO, VISEU). RESULTADOS DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS E DE RESTAURO DESENVOLVIDOS EM 2020/2021**
Pedro Sobral de Carvalho, António Faustino Carvalho, Vera Caetano, Lara Alves
- 65 **REMOBILIZAÇÕES, MANIPULAÇÕES E REORIENTAÇÕES NO MEGALITISMO DA PLATAFORMA DO MÉDIO MONDEGO**
José Manuel Quintã Ventura
- 87 **O SÍTIO DE SÃO MAMEDE (BOMBARRAL) NAS REDES DE CIRCULAÇÃO DE SÍLEX DO 3º MILÉNIO A.N.E. NA FACHADA ATLÂNTICA DA ESTREMADURA**
Patrícia Jordão
- 109 **CONEXÕES SETENTRIONAIS. A CIRCULAÇÃO DE CERÂMICAS DECORADAS COM “PASTILHAS REPUXADA” VISTA A PARTIR DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ)**
António Carlos Valera
- 125 **OS DEPÓSITOS DE CERÂMICA NO EXTERIOR DO MONUMENTO PRÉ-HISTÓRICO DA PRAIA DAS MAÇÃS (SINTRA)**
Catarina Costeira, Eduardo Porfírio
- 157 **PASSADO, PRESENTE E FUTURO DO MEGALITISMO NO BAIXO ALENTEJO: OS MUNICÍPIOS DE VIDIGUEIRA, CUBA, ALVITO, MOURA E SERPA (DISTRITO DE BEJA)**
Nelson J. Almeida, Miguel Serra, João Reis, Luís Costa, João Barreira
- 175 **MULHERES E MEGÁLITOS – O FEMININO NAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS DO 4º E 3º MILÉNIOS AC, NO OCIDENTE PENINSULAR**
Mariana Diniz
- 197 **AS PLACAS DE GRÉS/ARENITO E MICAXISTO NO CENTRO E SUL DE PORTUGAL E NA EXTREMADURA ESPANHOLA: INVENTÁRIO PRELIMINAR, INTERPRETAÇÕES E PROBLEMÁTICAS**
Nuno Faria
- 245 **MONUMENTO DA VÍBORA (CARREGAL DO SAL, VISEU): ESTADO DA INVESTIGAÇÃO**
Telma Ribeiro
- 261 **APRESENTAÇÃO DA OBRA “PRONTUÁRIO PATRIMONIAL LOCAL – PARA DESCOBRIR OU RECONHECER MONUMENTOS E SÍTIOS DOS CONCELHOS DE CARREGAL DO SAL E NELAS”**
Evaristo Pinto, Luís Laceiras



PREFÁCIO

É com enorme orgulho e satisfação que a Fundação Lapa do Lobo acolhe a segunda edição do Congresso De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular, desta vez in memoriam a João Carlos de Senna-Martinez.

A investigação arqueológica que desde há muitos anos tem vindo a ser desenvolvida nesta região teve como grande impulsionador o Professor João Carlos de Senna-Martinez o qual dedicou uma grande parte da sua vida profissional às questões do Megalitismo nas terras da Beira e da Bacia do Médio e Alto Mondego.

Como ele próprio referiu na apresentação do livro das atas da primeira edição deste Congresso, “O megalitismo como fenómeno amplo do espaço europeu encontra neste território da Beira Alta um dos núcleos mais pujantes e com uma mais longa história de investigação.” Com efeito, são inúmeros os testemunhos presentes na região, muito particularmente nos concelhos do Carregal do Sal e de Nelas, que fruto do seu entusiasmo contagiante, foram sendo descobertos e estudados aos longo dos anos. Parte deles já se encontra musealizada e disponibilizada em roteiros ou espaços expositivos facilmente visitáveis, o que para além de contribuir para a sua preservação representa um potencial cultural e turístico de desenvolvimento. Relativamente aos outros, esperamos que o empenhamento das diversas entidades envolvidas com responsabilidades nesta matéria permita a sua rápida concretização. A Fundação acompanhou de perto as campanhas de escavações arqueológicas no sítio da Orca da Lapa do Lobo, na freguesia na Lapa do Lobo, coordenadas pelo Professor Senna-Martinez, cujos primeiros resultados (2015-2018) foram apresentados em 2018, na primeira edição deste Congresso internacional, que aqui decorreu. Foi para nós uma enorme honra e prazer ter tido a oportunidade de colaborar com tamanho vulto da Arqueologia – um homem de ciência e um homem de consensos, com quem muito aprendemos e cuja memória persistirá entre nós.

Agora, mais uma vez se reúne sob o nosso teto um número significativo de especialistas, para apresentar os seus mais recentes trabalhos de investigação, reflexo da vontade e do trabalho conjunto dos colegas e colaboradores do Professor João Carlos de Senna-Martinez, representados no Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa - UNIARQ, com as mesmas entidades cujo entendimento para estas questões na região ele tanto patrocinou e que tão prontamente voltaram a apoiar este evento, designadamente as Câmara Municipais de Carregal do Sal e de Nelas, Juntas de Freguesia e a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim.

Esta segunda edição do Congresso e a publicação das respetivas atas são, assim, bem a prova do seu legado e de que a investigação arqueológica continua e continuará a ser algo de muito importante na busca da identidade dos povos e das regiões e na compreensão da nossa história.

Cumpre-nos a todos continuar os seus trabalhos com o mesmo entusiasmo e persistência e ajudar a concretizar os seus sonhos. Será esta a melhor homenagem que lhe poderemos fazer!

A Fundação Lapa do Lobo orgulha-se de colaborar nestes projetos.

Maria do Carmo Batalha
Vice-Presidente da Fundação Lapa do Lobo
Lapa do Lobo, 14 de dezembro de 2024



APRESENTAÇÃO

Realiza-se agora a segunda edição do congresso De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular que retoma, em 2024, o propósito que animou em 2018, João Carlos Senna-Martinez, interessado em promover um evento que reunisse nos que tinham sido os seus territórios de trabalho – as terras da Beira e da bacia do Médio e Alto Mondego – e em torno de um dos tópicos nucleares da sua carreira de investigação – o Megalitismo – investigadores vindos de diferentes áreas, de diferentes gerações e com distintas perspetiva de análise sobre a temática ampla à qual dedicou a sua vida – os trajetos, no tempo longo, das primeiras sociedades agro-pastoris.

Responderam à chamada, cerca de 70 congressistas de diferentes pontos da Península que, beneficiando da insuperável hospitalidade da Fundação Lapa do Lobo e dos concelhos de Nelas e do Carregal do Sal, puderam ao longo de três dias, apresentar e debater o resultado dos seus projetos de investigação. As visitas aos monumentos megalíticos da região e ao Museu José Adelino, em Nelas, permitiram a todos testemunhar, em direto, o resultado de um trabalho continuado num território de imenso potencial arqueológico e de que João Carlos de Senna Martinez e as suas equipas foram desde 1985, peça fundamental para o seu estudo, valorização e divulgação.

Desses dias fica a memória, em todos os que participaram, do envolvimento para além de científico também social, que as equipas de Arqueologia assumem nos lugares com os quais estabelecem relações de longa duração e onde, como no caso do Professor Senna-Martinez, os títulos não são só um proforma, mas traduzem a estima e o respeito que conquistou ao longo de décadas. Ficam também desses dias, as atas logo publicadas, numa edição conjunta promovida pela Fundação Lapa do Lobo /UNIARQ - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / CEAACP – Universidade do Algarve, e disponíveis em acesso aberto no repositório da Universidade de Lisboa (<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/35835>), permitindo a todos aceder, muito para além dos dias do congresso, ao conhecimento que aí foi partilhado.

Agora, nesta segunda edição **De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular**, João Carlos Senna-Martinez não está presente, mas um dos seus mais próximos colaboradores – José Quintã Ventura – assumiu o testemunho e, por isso, aqui estamos reunidos para, e como melhor forma de homenagear os que já partiram, dar continuidade aos projetos que iniciaram.

Que estes dias do congresso, onde se voltam a reunir colegas, amigos, antigos alunos e instituições nucleares na vida de João Carlos Senna-Martinez, como o Centro de Arqueologia –da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – a UNIARQ, sua *alma mater* –, os Senhores Presidentes das Câmaras Municipais de Nelas e de Carregal do Sal, o Presidente da Fundação Lapa do Lobo, o Presidente da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim e a sua família, constituam pela excelência dos trabalhos aqui apresentados, um sinal claro do legado que nos deixou João Carlos Senna-Martinez, cujo entusiasmo e dedicação às suas Beiras permanece na memória de todos.

Mariana Diniz e António Faustino Carvalho
Lisboa, 29 de Novembro de 2023

COMISSÃO DE HONRA

Dr.^a Maria Adelaide Martinez
Direção da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Presidente da Câmara Municipal de Nelas
Presidente da Câmara Municipal de Carregal do Sal
Presidente da Fundação Lapa do Lobo
Presidente da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim

COMISSÃO ORGANIZADORA/ EXECUTIVA

Mestre José Manuel Quintã Ventura (Uniarq/FLUL/NeoMEGA)
Prof.^a. Doutora Mariana Diniz (Uniarq/FLUL)
Prof. Doutor António Faustino de Carvalho (U. Algarve)
Doutora Elsa Luis
Sónia Simão (Representante da Fundação Lapa do Lobo)
Representante da Câmara Municipal de Nelas
Representante da Câmara Municipal de Carregal do Sal

Apoio Técnico:

André Afonso Pereira (Uniarq/FLUL)
Ricardo Ribeiro (Fundação Lapa do Lobo)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Doutor Carlos Fabião (Uniarq/FLUL)
Prof.^a. Doutora Mariana Diniz (Uniarq/FLUL)
Prof. Doutor António Faustino de Carvalho (U. Algarve)
Prof. Doutor Fábio Parracho Silva (U. Bournemouth)
Doutor António Carlos Valera (Era Arqueologia SA · NIA/ICArEHB)

AS MANIFESTAÇÕES TUMULARES PRÉ E PROTO- -HISTÓRICAS DA REGIÃO DE LAFÕES À LUZ DA TESE DE JOÃO CARLOS DE SENNA-MARTINEZ¹

António Faustino Carvalho

CEAACP – Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património | Pólo UAlg

Universidade do Algarve – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Campus de Gambelas. 1800-117 Faro
afcarva@ualg.pt

Resumo: A tese de doutoramento de João Carlos de Senna-Martinez, de 1989, representou um ponto de chegada na retoma do estudo do megalitismo da bacia do Mondego em moldes modernos, que o autor encetara dez anos antes. Naquela tese salienta-se o levantamento das ocorrências conhecidas, a realização de novas escavações, e a análise uniformizada das culturas materiais de uma amostra de mais de 35 túmulos. Conseguiu-se assim o estabelecimento empiricamente fundamentado de um quadro cronológico-cultural e interpretativo que o autor foi aperfeiçoando em trabalhos subsequentes.

Por razões de delimitação geográfica, um território contíguo, porém, não foi incluído neste esforço de síntese – a sub-região de Lafões (Oliveira de Frades, S. Pedro do Sul, Vouzela). Os primeiros estudos remontam aqui ao final do século XIX, mas é em 1921 que se obtém a primeira grande visão de conjunto, com o trabalho de A. de Amorim Girão, que inventaria cerca de 50 megálitos. A partir deste ponto, a investigação foi descontínua no tempo e nos espaços tratados. Isto não impediu, no entanto, a escavação de dólmenes notáveis, como Antelas. Projetos em curso desde 2016 têm conseguido ultrapassar este estado de coisas: primeiro, através de prospeção de campo sistemática, que resultou num inventário de 304 sepulcros sob mamoa distribuídos entre o Neolítico e (sobretudo) o Bronze Final; depois, a escavação de 14 sítios tem permitido estudar arquiteturas e suas transformações no tempo, os respetivos “pacotes artefactuais”, processos de interação inter-regionais e aspetos da ideologia e simbolismo dos seus construtores.

A presente contribuição é uma visão geral destes trabalhos e a confrontação de três temas de investigação com o modelo proposto pelo homenageado para a sua região de estudo: a definição da chamada “1.ª geração” de monumentos; o reconhecimento de níveis arqueológicos subjacentes aos monumentos funerários; e a chamada “satelização” de dólmenes por pequenas mamoas com cistas de incineração do final da Idade do Bronze.

Palavras-chave: Lafões; Pré-História recente; Prospeção arqueológica; Sepulturas sob mamoa.

Abstract: João Carlos de Senna-Martinez’s doctoral thesis in 1989 was a culmination point in the study of the Mondego basin’s megaliths in modern terms, which the author had begun ten years earlier. The thesis included an inventory of known sites, new excavations and a standardised analysis of material cultures from a sample of more than 35 tombs. This led to the establishment of an empirically grounded chronological-cultural and interpretative framework that the author would refine in subsequent works.

¹ O presente texto de homenagem a João Carlos de Senna-Martinez é a publicação adaptada da comunicação homónima apresentada ao 5.º Seminário dos Fragmentos de Arqueologia de Lisboa, que teve lugar na Sociedade de Geografia de Lisboa a 8 e 9 de novembro de 2022, subordinado ao tema “Entre vivos e mortos: Mar, rios, os vivos e a Barca de Caronte”.

For geographical reasons, however, a neighbouring territory was not included in this effort of synthesis – the sub-region of Lafões (Oliveira de Frades, São Pedro do Sul, Vouzela). Here, the first studies date back to the end of the 19th century, but it was in 1921 that the first major overview was obtained, with the work by A. de Amorim Girão, who inventoried around 50 megaliths. From this point onwards, research was discontinuous in time and space. However, this hasn't prevented the excavation of remarkable dolmens, such as Antelas.

Projects underway since 2016 have managed to overcome this state of the art: first, through systematic field survey, which has resulted in an inventory of 304 burial mounds distributed between the Neolithic and (mostly) the late Bronze Age; then, the excavation of 14 sites has made it possible to study architectures and their transformations over time, the respective “artefactual packages”, processes of inter-regional interaction and aspects of the ideology and symbolism of their builders.

This contribution is an overview of this work and a comparison of three research topics with the model proposed by our honoured for his study region: the definition of the so-called “1st generation” of monuments; the recognition of archaeological levels underlying funerary monuments; and the so-called “satellisation” of dolmens by small mounds with late Bronze Age incineration cists.

Keywords: Lafões; Late Prehistory; Archaeological survey; Burial mounds.

1. INTRODUÇÃO

Os projetos de investigação plurianual que se vêm realizando desde 2016 sobre as manifestações tumulares pré e proto-históricas na região de Lafões têm vindo a ser objeto de diversas apresentações e publicações, tanto sobre resultados preliminares de prospeções (Carvalho *et al.* 2020) e escavações (Carvalho *et al.* 2022), como balanços parcelares (Carvalho *et al.* 2021) ou estudos sobre aspetos específicos destas realidades, tais como arte megalítica (Carvalho e Pires 2023), caracterização e proveniência de matérias-primas (Carvalho *et al.* 2018; Valério *et al.* 2023), micromorfologia de sedimentos (Simões *et al.* 2023), ou sobre a própria história da investigação (Carvalho 2023).

A presente contribuição, no entanto, centra-se somente em dois âmbitos concretos: os resultados obtidos na prospeção do território e o projeto de escavação, estudo e reabilitação da anta da Lapa da Meruje (Vouzela). Isto porque estas duas ações têm permitido carrear um conjunto alargado de novos dados que se ligam diretamente a temas caros na investigação levada a cabo por João Carlos de Senna-Martinez (JCSM) na bacia do Mondego: 1) a caracterização das primeiras etapas do megalitismo; 2) o reconhecimento de níveis arqueológicos subjacentes aos monumentos tumulares; e 3) a identificação de pequenas mamoaas com cistas de incineração do final da Idade do Bronze. Como se poderá verificar na sua extensa bibliografia, estes temas estão patentes de modo muito vincado na agenda de investigação de JCSM, de forma sistemática e recorrente os dois primeiros, de forma praticamente pioneira o segundo.

Outras temáticas igualmente caras a JCSM não serão para já objeto de tratamento, como por exemplo o Calcolítico – e respetivos “horizontes”, para usar a sua terminologia inicial (Senna-Martinez 1989, 1995) – ou a questão campaniforme, a que o autor consignou estudos desde muito cedo (Senna-Martinez 1982, 1994a; Senna-Martinez e Amaro 1987). Com efeito, foram recentemente descobertos dois importantes contextos campaniformes na Serra do Caramulo (Mamoas da Seixosa e necrópole do Marco da Mata), mas os dados obtidos nas suas escavações encontram-se ainda em processamento.

2. LAFÕES: O TERRITÓRIO E O ESTUDO DAS SUAS MANIFESTAÇÕES TUMULARES SOB MAMOA

Para enquadramento prévio, importa descrever nos seus traços essenciais as áreas geográficas em estudo, isto é, a bacia do Mondego (onde JCSM desenvolveu a sua investigação) e a região de Lafões.

Assinale-se neste ponto que este foi um exercício muito importante na tese de doutoramento de JCSM – a delimitação da área de estudo. Com efeito, logo nas páginas iniciais, estes limites são estabelecidos de forma muito rigorosa, definidos pelo curso do Médio e Alto Mondego (Senna-

-Martinez 1989: 9-12), designação que emprega no próprio título; a alteração que virá a ter lugar será a da própria designação, que mais tarde substitui por “Plataforma do Mondego”, inspirada na terminologia de Brum Ferreira (1978). Estes limites são também ilustrados através de vários mapas; aliás, a excelência da cartografia, elaborada com o apoio de Suzanne Daveau, é um dos sustentáculos empíricos fundamentais de diversos pontos desta tese.

É, pois, dentro deste amplo espaço geográfico que o autor procederá ao estudo de um conjunto de mais de 35 monumentos funerários – sobretudo de tipo dólmen, mas não só – dos quais recupera as localizações e as arquiteturas, reanalisa os materiais de modo uniforme, e reaprecia assim escavações que remontavam, em muitos casos, ao século XIX, da autoria de J. Leite de Vasconcelos, M. Apolinário ou A. dos Santos Rocha.

Porém, a região de Lafões, que coincide com o Médio Vouga, não está dentro dos limites da Plataforma do Mondego. É-lhes adjacente pelo quadrante noroeste (**Figura 1**), e portanto não será objeto de estudo por JCSM. Esta opção não o impediu, no entanto, de equacionar relações de interação, quando refere “que o grupo megalítico do Alto Vouga / Alto Paiva, por nós assim designado, marca a transição da região do Alto Dão para as bacias do Vouga e do Douro, explicando, quiçá, algumas relações e contactos detetados” (Senna-Martinez 1989: 22).

Lafões é, em parte, uma região histórica e, em parte, uma região natural. Até à reforma autárquica de 1836, este território estava reunido num único município, sediado em Vouzela, com raízes que remontavam pelo menos ao século XI e com o primeiro foral atribuído em 1280 por D. Dinis. Mas, para além das suas raízes e personalidade histórica e cultural próprias, este espaço reúne também condições orográficas e bioclimáticas particulares que o individualizam entre as Beiras Litoral e Alta. É formado pelos contrafortes meridionais do Maciço da Gralheira, a norte, e pela parte setentrional da Serra do Caramulo, a sul, estando ambos os acidentes orográficos separados – ou unidos?... – pelo curso do Médio Vouga. Trata-se, pois, de uma “sub-região”, como a classificou A. de Amorim Girão, ele próprio lafonense, que a descreve como “*as aprazíveis «Terras de Lafões»*”, com “*aspetos do Minho*” e quase “*paredes meias [com] as estranhas Terras do Demo de Aquilino Ribeiro*” (Girão 1941: 399). E, de facto, uma das coisas que mais surpreenderá quem visita a região pela primeira vez é o domínio do gado bovino, o cultivo extensivo do milho, e os omnipresentes espigueiros ou canastros, que evocam de imediato a típica paisagem minhota.

A discussão das origens e dos traços físicos e humanos que conferem a Lafões esta individualidade geo-histórica está obviamente para além do objetivo desta contribuição, mas é fundamental assinalar que são estes traços que tornam possível o tratamento das suas manifestações tumulares pré e proto-históricas de forma independente face aos contornos de que este fenómeno se revestiu na restante Beira Alta.

A mais antiga documentação que faz menção a dólmenes em Lafões recua aos séculos XII, XVI e XVIII, remontando, portanto, a uma fase pré-científica, e refere-se apenas ao atual concelho de Oliveira de Frades. O primeiro caso é uma Arca das Chãs, que consta em dois documentos sobre o Couto de Ulveira: um, é a carta de couto e confirmação da sua doação ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, em novembro de 1169 (**Figura 2**); outro, é o auto de demarcação, de 1 de outubro de 1511, e cuja descrição não deixa dúvidas: “... a Arca que é uma pedra que está sobre dois pilares que se chama a Arca das Chãs...”. Tanto quanto se conseguiu deduzir, no local desta anta existe hoje uma rotunda, no acesso à zona industrial do concelho (inf. pes. de Filipe Soares, a quem se agradece). A referência a outro dólmen consta do tomo I do “*Diccionario Geografico*” do Padre Luiz Cardoso, de 1747 (**Figura 2**), que se refere à Pedra de Arca – isto é, ao dólmen de Espírito Santo d’Arca – e descreve-a como tratando-se de “*huma mesa, ou altar*”, de que “*ha outras muitas em toda a Provincia da Beira, a que dão o nome de Antas, e se entende que eraõ os altares em que Gentios faziaõ os seus sacrificios*”.

Talvez não por coincidência, este será o primeiro megalito a ser tratado cientificamente na região, por J. Leite de Vasconcelos no final da década de 1890, que dele produz uma brevíssima descrição acompanhada de uma ilustração e do levantamento da planta. Com este artigo, é possível estabelecer, pelo menos simbolicamente, uma “fase pioneira”, de arranque, dos estudos megalíticos na região de Lafões. É, de facto, um marco mais simbólico que concreto, uma vez que o trabalho deste autor não incluiu trabalhos de escavação nem quaisquer considerações sobre a sua integração ou importância para o conhecimento do megalitismo regional (Vasconcelos 1898).

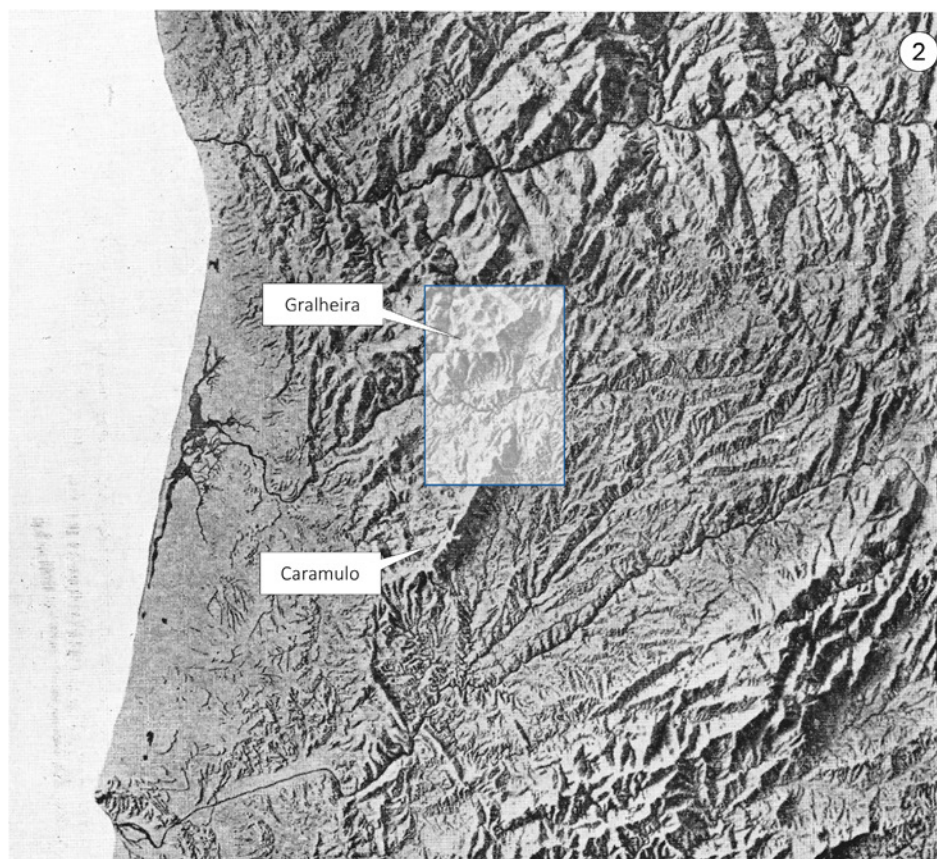
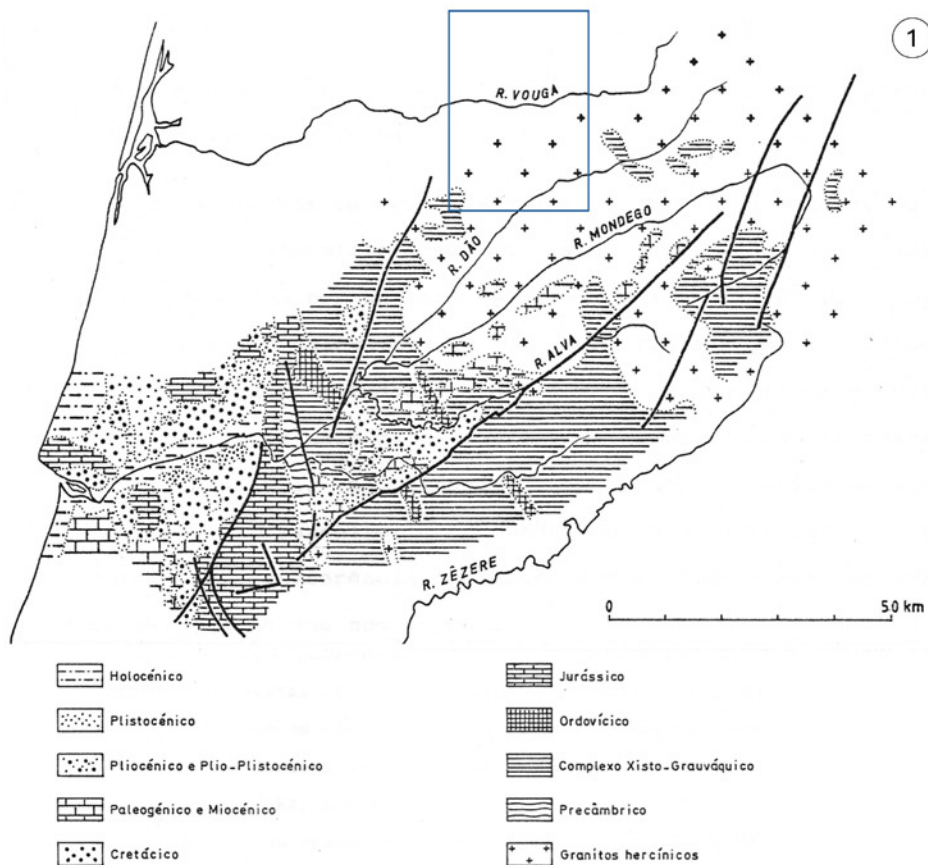


Figura 1 – Localização da região de Lafões. 1) Esboço geológico da bacia do Mondego elaborado sobre a Carta Geológica do Atlas do Ambiente, adaptado de Senna-Martinez (1989: fig. 1.4); 2) Relevo do centro-norte de Portugal, adaptado de Girão (1941: est. X). Os retângulos localizam a sub-região de Lafões.

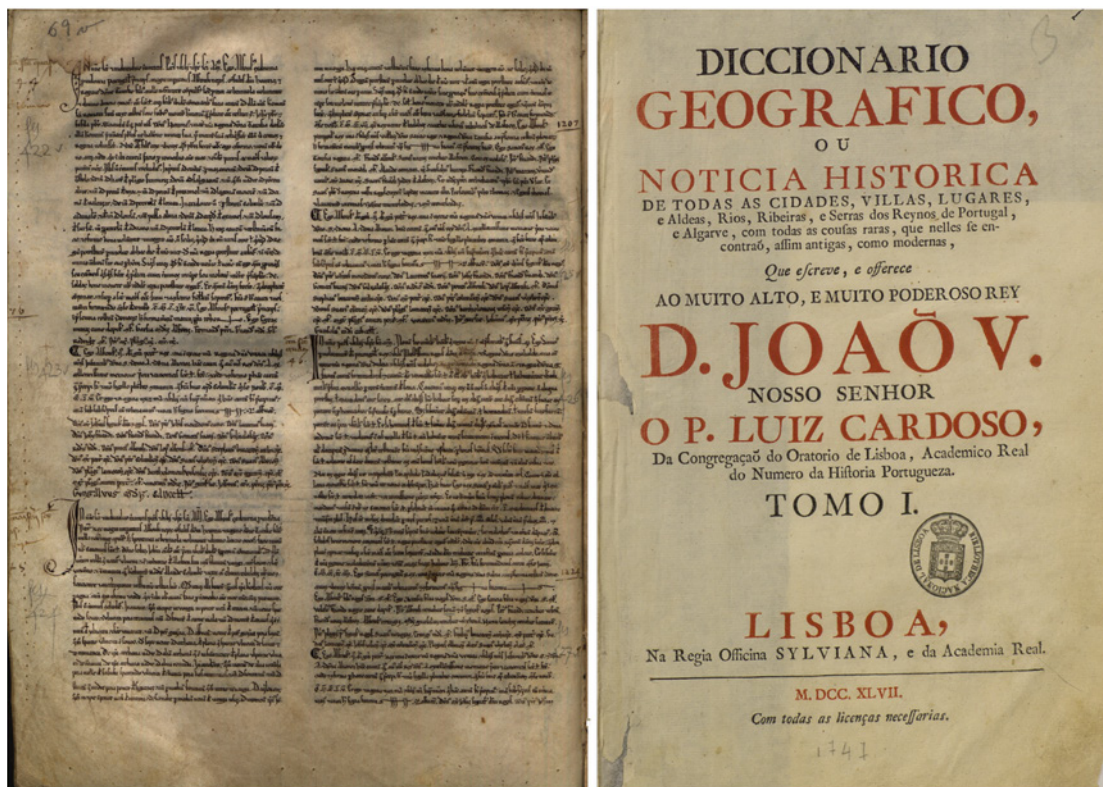


Figura 2 – Referências a antas em documentação histórica antiga de Oliveira de Frades. Reprodução da carta de couto e confirmação da doação do Couto de Ulveira ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (novembro de 1169), que refere uma “Arca da Chã” (à esquerda); e Frontispício do tomo I do Dicionário Geográfico do P.º Luiz Cardoso, de 1747, onde se descreve o dólmen de Espírito Santo d’Arca, aqui designado como “Pedra de Arca” (à direita).

Será somente com a publicação das “*Antiguidades Pré-Históricas de Lafões*”, por A. de Amorim Girão (1921), que se irá obter a primeira visão de conjunto, com uma listagem de mais de meia centena de mamoa e/ou dólmenes, a indicação das respetivas localizações (por vezes apenas aproximadas) e a descrição (mais ou menos sumária) das suas características. Deste trabalho pioneiro, deve ser salientado um traço caracterizador que irá determinar toda a investigação posterior: Amorim Girão só refere as mamoa de maiores dimensões (cuja morfologia e expressão no terreno favoreceu a sua identificação), que se apresentavam por vezes ainda providas de esteios, e são portanto de presumível construção neolítica ou calcolítica. No que respeita a este tipo de monumentos, o inventário presente nas “*Antiguidades*” é praticamente ainda aquele de que dispomos atualmente.

A fase seguinte da investigação pode ser designada de “fase de inventários”, e refere-se ao período de tempo compreendido entre a publicação das “*Antiguidades*” de Amorim Girão, em 1921, e a publicação póstuma dos “*Megalithgräber*” de Vera Leisner, em 1998. Nesta longa fase, novos trabalhos de campo são muito pontuais e sem continuidade. A principal exceção foi a prospeção conduzida por L. Albuquerque e Castro na década de 1950 no médio vale do Rio Vouga (Castro *et al.* 1956), altura em que também escavou o dólmen de Antelas (Castro *et al.* 1957). Por norma, apenas se publicam listagens de preexistências, mais ou menos exaustivas e documentadas. É o caso do próprio trabalho de Leisner e o inventário comentado de Irisalva Moita (1966) sobre a Beira Alta onde, naturalmente, inclui os monumentos de Lafões.

Em suma, como se pode ver na síntese da Tabela 1 e gráfico correspondente (Figura 3), o inventário de monumentos é relativamente estável ao longo do século XX. Aumenta apenas já entrado o século XXI.

	Oliveira de Frades	S. Pedro do Sul	Vouzela	Totais
1921, A. Girão	23	12	19	54
1966, I. Moita	35	12	18	65
1998, V. Leisner	29	12	21	62
2017, <i>Endovélico</i>	2	38	45	85
2024, Projetos em curso	83	49	172	304

Tabela 1 – Variação do inventário de túmulos pré e proto-históricos por município de Lafões entre 1921 e 2024 (para projeção em gráfico, ver Figura 3).

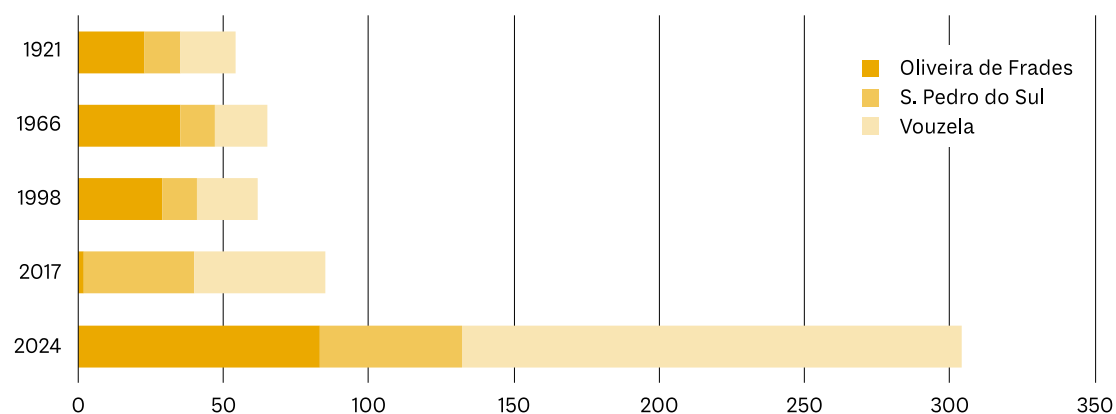


Figura 3 – Variação do inventário de túmulos pré e proto-históricos em Lafões entre 1921 e 2023.

Este crescimento recente, que conforma uma “fase de retoma” da investigação, é devido a três fatores. Um, é a implementação de estudos de impacto ambiental e a sua generalização, ainda na segunda metade da década de 1990, com a criação do Instituto Português de Arqueologia, o que resultou no crescimento do inventário que se pôde observar na base de dados *Endovélico* em 2017. Note-se que este salto no número de ocorrências é um salto também qualitativo, pois é no quadro destes trabalhos que tiveram lugar as primeiras descobertas de pequenas mamoaas proto-históricas que começaram a mostrar uma densa ocupação funerária (principalmente dos espaços de montanha) que era desconhecida até então. Outro fator, é a existência de técnicos de arqueologia nos municípios de Oliveira de Frades e de Vouzela que estão permanentemente no terreno, fiscalizam empreendimentos vários (agrícolas, industriais, viários, etc.), monitorizam o estado de conservação dos sítios arqueológicos, e no decorrer destas ações acontece não raras vezes a descoberta de novos monumentos. Acresce a estas atividades em permanência a existência de sucessivos projetos de investigação desde 2016, a que se fez referência na introdução, que reúnem meios humanos e técnicos para o apoio a estas autarquias na prospeção sistemática dos seus territórios.

É da conjugação destas atividades que resultou um aumento superior a 250% das ocorrências conhecidas em 2024 face a 2017. Há que matizar, todavia, que este impressionante aumento no número de sítios beneficiou diretamente dos dramáticos incêndios florestais de outubro de 2017, que eliminaram o denso coberto florestal da região e criaram condições de visibilidade e observação do terreno ímpares nas extensas áreas ardidas (Carvalho *et al.* 2020).

O mais impressionante que se tem vindo a verificar nesta terceira fase da investigação, é de facto a verificação de que as mamoaas proto-históricas atrás referidas conformam uma autêntica constelação de pequenos túmulos. Na distribuição atual dos monumentos por município e por período cronocultural (Tabela 2 e Figura 4) podemos ver a relação entre dólmenes (isto é, túmu-

los ortostáticos), construídos em época neolítica ou calcolítica, cujos 70 exemplares perfazem 23% do total, e as 220 pequenas mamoadas, que conterão cistas de incineração e outras estruturas funerárias e/ou rituais atribuíveis ao Bronze Final, e que perfazem 72% desse total – portanto, mais do triplo! Isto constitui-se como uma completa inversão do panorama regional que conhecíamos até muito recentemente.

Estas necrópoles, por vezes formadas por um número de mamoadas na ordem das duas dezenas ou mais, ocorrem isoladas na paisagem, mas por vezes, e de forma muito evidente, instalam-se em espaços funerários mais antigos, de fundação neolítica e/ou calcolítica, onde se distribuem em torno ou nas proximidades imediatas destas mamoadas de maiores dimensões – trata-se de um comportamento cultural que temos vindo a apelidar, na esteira de outros autores, de “satelização” dos monumentos dolménicos (Carvalho e Carvalho 2018).

Este aspeto das manifestações tumulares pré e proto-históricas de Lafões entronca diretamente em parte da investigação de JCSM, e será retomada nas conclusões.

	Oliveira de Frades	S. Pedro do Sul	Vouzela	Totais
Neolítico e Calcolítico	31	12	27	70
Idade do Bronze	44	32	144	220
Indeterminada	8	5	1	14
Totais	83	49	172	304

Tabela 2 – Variação absoluta do inventário de túmulos de Lafões por fase cronocultural (admitida com base em análise de superfície) e por município (para projeção em gráfico da distribuição por fase cronocultural, ver Figura 4).

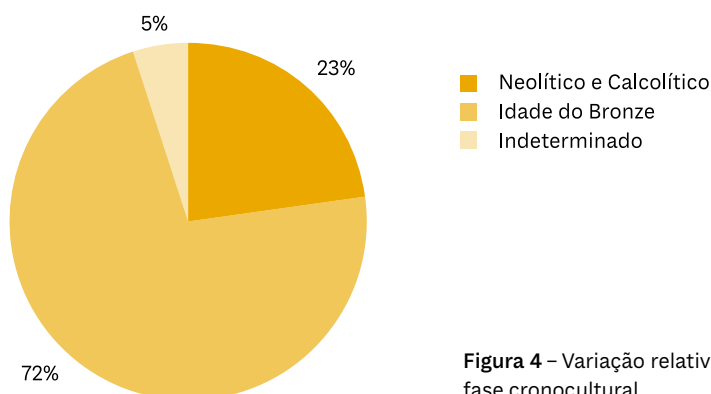


Figura 4 – Variação relativa do inventário de túmulos em Lafões por fase cronocultural.

3. A ESCAVAÇÃO E ESTUDO DA ANTA DA LAPA DA MERUJE (VOUZELA)

Como reiteradamente referido, as intervenções arqueológicas intrusivas realizadas no âmbito dos projetos que têm vindo a decorrer desde 2016 revestem-se de um caráter preventivo (p. ex., perante o alargamento de zonas industriais, o que aconteceu em Vouzela e Oliveira de Frades) ou visam o registo *a posteriori* de afetações várias (p. ex., abertura de caminhos ou atividades de reflorestação). Nestes contextos, as intervenções são tão extensas quanto o necessário para documentação suficiente dos monumentos em causa, dependendo diretamente do respetivo grau de afetação. Porém, no caso da anta da Lapa da Meruje, o contexto das intervenções arqueológicas enquadra-se num projeto próprio de reabilitação e valorização do monumento, promovido pelo Município de Vouzela.

As questões relacionadas mais diretamente com este projeto de reabilitação e valorização têm vindo a ser apresentadas em diversas instâncias (Carvalho e Costa 2021a, 2021b; Carvalho 2024), e não serão retomadas aqui. Para o entendimento da Lapa da Meruje à luz da tese de JCSM interessam sobretudo os resultados científicos (Carvalho 2018, 2024).

Este monumento localiza-se no centro de uma depressão de meia vertente no sector noroeste da Serra do Caramulo, a 925 m de altitude. Está oculto na paisagem, mas detém um amplo domínio visual sobre o Maciço da Gralheira, a Norte. As linhas de água sazonais que aqui confluem encontram-se represadas desde finais da década de 1990, o que contribui para a criação de um espelho de água artificial. Este contexto paisagístico único foi complementado com a construção de diversas infraestruturas pela autarquia (acesso e estacionamento automóvel, passadiços em madeira, e delimitação da mamoa). A estes fatores decisivos, que estão na base da sua seleção para valorização (Figura 5), acresceu o seu grande potencial científico.



Figura 5 – Vista aérea da bacia de montanha, no quadrante noroeste da Serra do Caramulo, onde se localiza a Lapa da Meruje, durante os trabalhos de escavação arqueológica (fotografia de drone por Hugo Pires).

Com efeito, a Lapa da Meruje foi apenas sondada aquando da sua primeira intervenção arqueológica, em 1917 (Girão 1921: 31), e desde então tem integrado algumas das principais sínteses produzidas sobre o megalitismo beirão (Moita 1966: 218; Leisner 1998: 68), havendo somente a registar o seu levantamento topográfico a 13 de agosto de 1965 (Leisner 1998: tafel 59, I-21-1) e a sua integração na carta arqueológica do município (Marques 1999: 27).

Novos trabalhos foram retomados apenas em 2016, mas de forma intermitente porque se encontram diretamente dependentes das diversas fases do projeto de reabilitação em curso. Estes trabalhos incidiram até ao momento em parte da câmara, no corredor e no átrio do monumento, de modo a recuperar informação científica e a permitir, após o projeto de reabilitação, a circulação dos visitantes no seu interior. Abriu-se também uma sanja na metade sul da mamoa para registo da estratigrafia e arquitetura da mesma (Figura 6).

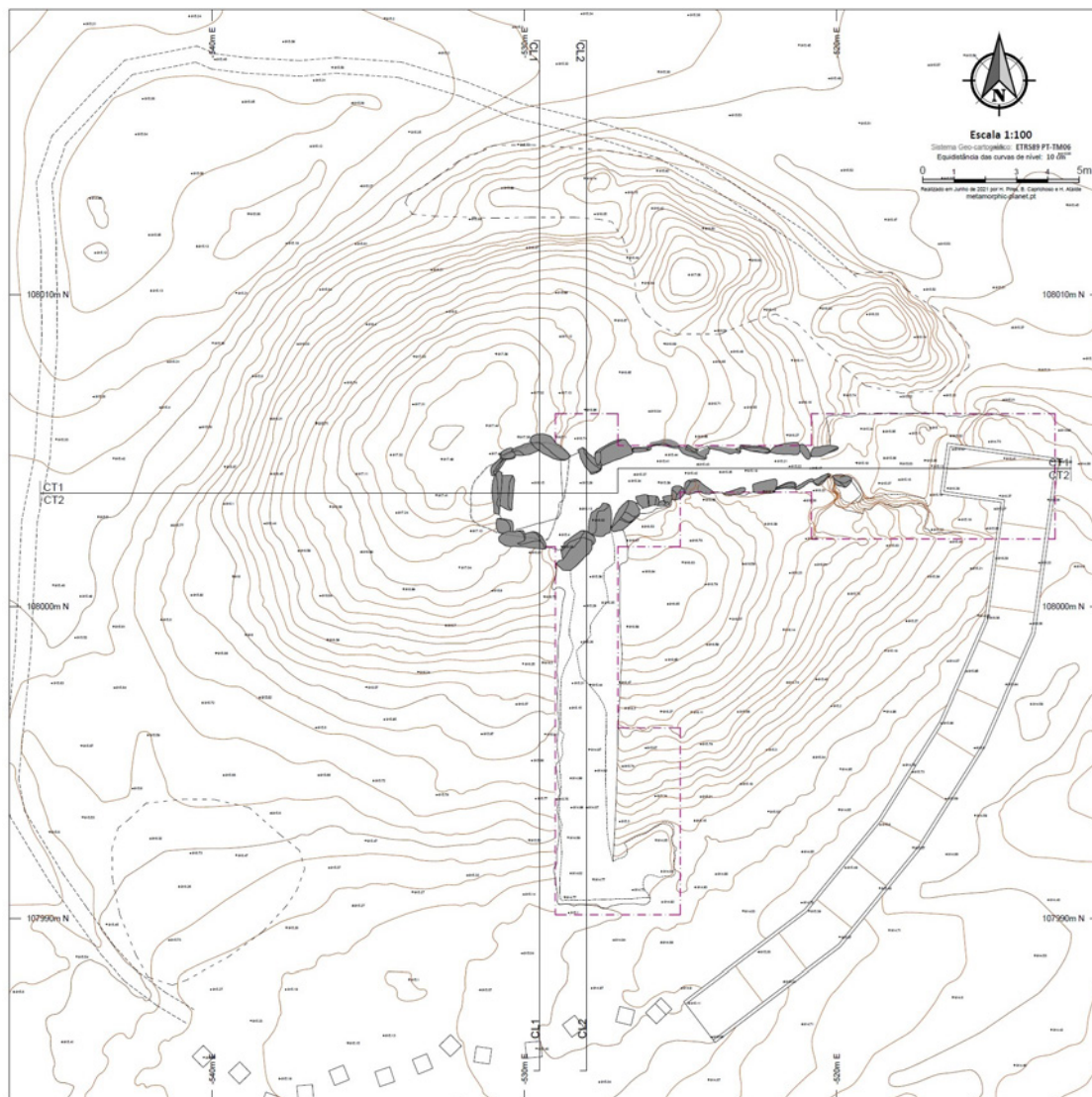


Figura 6 – Levantamento topográfico da Lapa da Meruje, podendo ver-se as diferentes áreas objeto de intervenção arqueológica (tracejado vermelho) e as infraestruturas anexas: os cubos de granito delimitadores do rebordo sul da mamoa e o passadiço em madeira que a envolve por sudeste (topografia por Hugo Pires).

A Lapa da Meruje é um monumento em granito, de grandes dimensões, cuja mamoa, bem conservada, apresenta 32 m de diâmetro por 2 m de altura. A câmara, de sete esteios, tem aproximadamente 3 m² de área, e o corredor, que se distingue em planta e alçado, atinge 8-9 m de comprimento. A câmara está reforçada por um espesso contraforte (2,5 m) e um anel pétreo em torno do mesmo (formado por grandes blocos graníticos), e a mamoa era coberta por uma carapaça pétreia (ainda bem conservada nalguns troços) delimitada exteriormente por um anel de contenção (formado por lajes dispostas na vertical) que se ergueria acima da sua superfície.

Terá sido esta imponente a suscitar eventos de reutilização em época proto-histórica e medieval, em particular nesta última. A câmara terá então sido utilizada como abrigo, o que implicou a remoção de parte do seu preenchimento e, dessa forma, a perturbação dos níveis pré-históricos. Os trabalhos mais recentes, no entanto, permitiram verificar que ainda existem depósitos neolíticos basais bem preservados.

O corredor não foi sujeito aos mesmos eventos, facto para o qual terá contribuído a “estrutura de condenação” que selou a entrada e o átrio em momento ainda impreciso da transição Neolítico-Calcolítico. Nestes espaços apareceram apenas materiais pré-históricos, portanto sem evidência de reutilizações. O átrio seria lajeado e a sua fachada teria um dispositivo cénico

que incluía duas estelas antropomórficas, uma de cada lado da entrada. Apenas subsiste hoje a do lado esquerdo (**Figura 7**); a do lado oposto terá sido arrancada naquele momento, uma vez que se identificou o seu alvéolo selado pela “estrutura de condenação”.



Figura 7 – Aspeto do corredor e do átrio da Lapa da Meruje após a sua escavação em 2018. Note-se a presença de grandes lajes no chão do átrio e de uma estela antropomórfica, semi-inclinada, junto à entrada do corredor, no lado esquerdo do observador.

A presença de materialidades relacionadas com o simbólico não se resume a estas estelas. Na escavação da “estrutura de condenação” foi possível recuperar um “ídolo” antropomórfico em granito (27 cm de comprimento), e na sanja encontraram-se seixos de quartzito de silhueta antropomórfica, no contacto entre a base da mamoa e o paleossolo, o que sugere uma deposição intencional. No corredor e na câmara foram ainda identificadas gravuras, de difícil visualização sem condições de luz apropriadas. Trata-se de figurações abstratas, sobretudo covinhas, mas há conjuntos mais complexos em esteios da câmara (onde se reconhecem temas ondulados, talvez um báculo, entre outros, ainda por registar) e no esteio E8 (linhas verticais encimadas por um triângulo).

No contexto de revolvimento medieval na área da câmara, onde surgiu cerâmica datável do século XII, encontraram-se geométricos em sílex remobilizados, que podem ser testemunho da construção e primeira utilização do monumento, isto é, que se estima datar de inícios do IV milénio a.C. (Neolítico Médio). A obtenção futura de datações de radiocarbono poderá precisar esta cronologia. A sondagem junto ao esteio E14, na câmara, revelou uma camada basal com material de pequenas dimensões ainda *in situ* (p. ex., dezenas de contas discoides em xisto, pequenos fragmentos cerâmicos), o que faz prever a obtenção de dados cruciais quando se escavar a totalidade deste espaço. Por seu lado, a análise de micromorfologia de sedimentos desta camada revelou abundante material vegetal não lenhoso total ou parcialmente carbonizado (folhas, cascas) e fúngico (esclerócios), pequenos fragmentos de carvões de madeira e fitólitos de gramíneas, o que sugere poderem resultar de “[...] fibras têxteis ou outros objetos incluídos nos rituais funerários, que envolveriam mais propriamente plantas, ou elementos botânicos perecíveis e de pequeno porte, do que madeira grossa” (Simões *et al.* 2023: 106). Esta observação é importante porque poderá permitir a datação do nível fundacional deste dólmen recorrendo a amostras orgânicas de vida curta diretamente correlacionáveis com o seu primeiro momento de utilização. A julgar pela cultura material associada a este nível fundacional, tudo aponta para que a Lapa da Meruje integre a primeira fase do megalitismo regional, sendo portanto talvez coeva dos monumentos apelidados de “1.ª Geração” por JCSM, possibilidade que será discutida adiante.

No contacto entre a base da mamoa e o substrato geológico – um terraço fluvial formado por pequenos seixos de quartzo – identificou-se ainda um nível arqueológico contendo cerâmica lisa, talhe da pedra (sobretudo quartzo) e numerosos carvões. Este contexto resulta da acomodação física (e ritual?) do local prévia à edificação do monumento (Simões *et al.* 2023), com a qual estarão relacionados os “ídolos” sobre seixo acima referidos. A eventual presença de carvões de espécies de vida curta poderá vir a permitir a sua datação direta. Contudo, a identificação deste nível arqueológico sugeriu a possibilidade de se estar perante uma ocupação pré-megalítica, eventualmente atribuível ao Neolítico Antigo, tal como avançado por JCSM para monumentos do setor mais oriental da região.

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES: TRÊS APONTAMENTOS SOBRE TEMAS DE INVESTIGAÇÃO NAS MANIFESTAÇÕES TUMULARES PRÉ E PROTO-HISTÓRICAS DA REGIÃO DE LAFÕES À LUZ DA TESE DE JOÃO CARLOS DE SENNA-MARTINEZ

Os três temas que se tratam seguidamente são linhas de investigação concretas dos projetos plurianuais a que se tem vindo a fazer referência. Trata-se, pois, de breves apontamentos com base em dados empíricos que permitem um primeiro ensaio de estabelecimento de semelhanças e diferenças entre Lafões e a Plataforma do Mondego, tal como esta última grande região foi sendo entendida por JCSM quanto às suas manifestações tumulares pré e proto-históricas. O prosseguimento da investigação em Lafões (que é, neste momento, de carácter quase exclusivamente laboratorial), e o alargamento do espectro comparativo, irá permitir alargar e aprofundar estas leituras.

4.1. Os monumentos de “1.ª Geração” no megalitismo da Beira Alta

Na região de Lafões conta-se atualmente com um número muitíssimo reduzido de datações de radiocarbono. Esta carência de elementos de datação absoluta – que se resumem aos disponíveis para o dólmen de Antelas – prende-se diretamente com a relativa estagnação da investigação que se verificou durante a maior parte do século XX; ou seja, é em boa medida fruto da “fase de inventários” no historial da investigação na região (ver acima). Outro fator que tem atrasado a obtenção de datações absolutas resulta das próprias opções metodológicas assumidas pelos projetos de investigação mais recentes, que privilegiam o uso de amostras de vida curta provenientes de contextos bem definidos e objeto de reconstituição dos respetivos processos de formação, tanto quanto possível corroborados por estudos geoarqueológicos baseados em análises de micromorfologia sedimentar.

Ora, estas opções metodológicas de partida debatem-se diretamente com duas dificuldades, uma de natureza tafonómica, outra de índole prática. Com efeito, os solos ácidos que caracterizam a geologia, essencialmente granítica, da região de Lafões impede a conservação de restos humanos que permitiriam a datação direta de eventos concretos de utilização funerária destes monumentos; por outro lado, a análise antracológica dos numerosos conjuntos de carvões recuperados até ao momento tem estado dependente do progresso dos próprios trabalhos de campo e da disponibilidade de especialistas que, simultaneamente, procedam à reconstituição dos cobertos vegetais registados nestes contextos e isolem, para datação absoluta, amostras de vida curta (p. ex., exemplares de espécies arbustivas). Esta é uma linha de investigação dupla – a reconstituição paleoambiental e a obtenção de um quadro cronométrico absoluto – que deverá começar a produzir resultados a curto/médio prazo.

Assim, até ao momento, a atribuição cronológica dos contextos tem-se vindo a fazer através de comparações entre as arquiteturas destes monumentos e os respetivos “pacotes artefactuais” com realidades homólogas.

Neste sentido, o monumento mais bem datado de Lafões é o dólmen de Antelas, que conta com seis datações (Cruz 1995, 2001: 253-255): cinco sobre amostras de cortiça carbonizada que se encontravam sob uma laje colocada no corredor intratumular, e uma amostra de pigmento negro do esteio de cabeceira. Sem entrar na discussão do efetivo significado (contextual, funcional) destas amostras, ou nos procedimentos laboratoriais de descontaminação aplicados na amos-

tra de pigmento, refira-se apenas que, a partir dos resultados obtidos, se pode sucintamente concluir o seguinte (de acordo com as medianas das datações calibradas): as primeiras datações revelam um intervalo de tempo amplo, de 300 anos, compreendido entre 4160 e 3860 cal BC e foram consideradas pelo autor dos trabalhos como se “correspondessem a momento imediatamente anterior, ou resultassem mesmo dos trabalhos de edificação (*terminus post quem* para a construção)” do dólmen; e que a amostra de pigmento resultou em 3450 cal BC, portanto mais tardia e não se coadunando com as observações estratigráficas e a tipologia dos conjuntos artefactuais, que sugerem “que o período de tempo de vida deste dólmen terá sido curto, tal como acontece em muitos monumentos similares da região.” E esta é, de facto, a conclusão que, neste momento, ainda sem qualquer datação de radiocarbono disponível, se sustenta igualmente para a Lapa da Meruje (Carvalho 2018, 2024), a qual revelou um conjunto artefactual equiparável ao de Antelas.

Ora, estas observações obtidas em ambos os dólmenes de Lafões vai ao encontro do modelo cronológico de Senna-Martinez e Ventura (1999a, 2008: 327) segundo o qual a “1.ª Geração” de monumentos da Beira Alta se define precisamente por este conjunto recorrente de características artefactuais mas dentro de um marcado polimorfismo arquitetónico: “monumentos de câmara poligonal sem corredor (Carapito 1, Orcas 1 e 2 do Ameal, por exemplo); monumentos de corredor curto (dólmen de Antelas, Carapito 2 e 3, dólmen de Areita e Orca do Folhadal) e, em alguns casos, quase que simbólico (Orca de Pramelas e Orca de Santo Tisco)”.

A possível confirmação futura da atribuição da Lapa da Meruje a esta fase inicial do megalitismo beirão acarreta um conjunto de consequências. Em primeiro lugar, vem confirmar aquele “pacote artefactual”, tal como definido. Mas, muito especialmente, virá sublinhar aquela variabilidade arquitetónica inicial – com 9 m de comprimento, o seu corredor não poderá ser considerado curto – e carrear novos dados sobre a existência de “espaços cénicos frontais” associados a uma “iconografia aposta aos esteios das respetivas câmaras e corredores”, para além de outras observações igualmente relacionadas com o simbólico — como será o caso dos seixos de aparente carácter ideotécnico encontrados na Orca da Lapa do Lobo (Senna-Martinez e Carvalho 2018) e na Lapa da Meruje. A conclusão da escavação da câmara e a datação por radiocarbono do monumento irão seguramente fornecer dados fundamentais a respeito de todas estas questões.

4.2. Níveis de ocupação pré-megalíticos

Ao contrário do observado nos monumentos da Orca do Folhadal (Senna-Martinez e Ventura 1999b, 2008) e Orca da Lapa do Lobo (Senna-Martinez 2018), até ao momento não se identificaram na região de Lafões efetivos níveis de ocupação subjacentes aos monumentos megalíticos. Naqueles monumentos de Nelas, com efeito, foi possível identificar “pisos de habitat” correspondentes a cabanas atribuídas ao Neolítico Antigo e, portanto, testemunhos do momento inicial do processo de neolitização destes territórios.

Estas realidades do Neolítico Antigo – ou de “tradição antiga”, como lhes chegou a chamar Senna-Martinez (1994b) – são colocadas nesse patamar cronológico (e, logo, interpretativo) com base num conjunto de observações que se pode sintetizar da seguinte forma: trata-se, em ambos os casos, de níveis arqueológicos próprios, individualizáveis estratigraficamente (o que não acontece na Orca 2 do Ameal e na Orca 2 de Oliveira do Conde, onde a presença de Neolítico Antigo se deduz a partir de artefactos remobilizados com as terras das mamoaas, portanto em posição secundária), com cabanas de 3-4 m de comprimento, cada uma contendo uma lareira em fossa, e cujos limites se definem a partir da disposição dos respetivos buracos de poste, mas com escassas componentes artefactuais (sobretudo líticas). A cronologia proposta baseia-se na observação da relação estratigráfica entre estes “pisos de habitat” e as mamoaas sobrejacentes e na classificação tipométrica de elementos laminares, por norma muito fragmentados, que é compatível com a cronologia sugerida. Tal como em Lafões, não se dispõe ainda de elementos de datação direta que corroborem de forma independente estas deduções.

Inversamente, tanto na Lapa da Meruje como na Mamoa 1 da Gândara da Seixa, ambas em Vouzela, os níveis arqueológicos identificados sob as mamoaas têm sido correlacionados com o aplanamento das superfícies e acomodação prévia dos espaços de implantação dos monumentos, e portanto fazendo parte das atividades inerentes à própria preparação (topográfica, arqui-

tetónica, ritual...) desses locais. Não há, com efeito, qualquer evidência empírica que sugira fundamentadamente uma cronologia tão recuada para esses níveis nem uma função tipicamente habitacional para os mesmos; pelo contrário, e apesar de diferenças observadas entre ambos os sítios, as análises de micromorfologia sedimentar levadas a cabo indicam, ao invés, que estamos perante “uma cuidada preparação prévia do espaço escolhido para erigir os monumentos e para receber os trabalhos da sua construção. Deste modo, a presença de talhe da pedra e cerâmica nestes níveis basais (que não se verifica nos sedimentos do corpo das mamoadas, salvo achados dispersos ocasionais) poderá estar relacionada com comportamentos da esfera do ritual ou resultantes da própria instalação dos construtores do megálito no local” (Simões *et al.* 2023: 110). No que respeita à cultura material associada, em ambos os casos trata-se de indústrias de lascas de quartzo (com raro sílex) e uma componente cerâmica, totalmente lisa, sem indícios de ter sido objeto de remobilização (apresenta fraturas “frescas”).

Se é certo que as áreas escavadas sob as mamoadas da Lapa da Meruje e da Gândara da Seixa são relativamente reduzidas, o que limitaria a possibilidade de identificação de estruturas habitacionais com um caráter mais perene (como nas orcas do Folhadal e da Lapa do Lobo), tudo aponta no caso dos sítios vouzelenses para que sejam realidades funcionais e cronológicas distintas. A obtenção de datações de radiocarbono irá permitir aferir esta oposição interpretativa.

4.3. A “satelização” de dólmenes por monumentos da Idade do Bronze

A primeira necrópole da Idade do Bronze escavada e estudada na região beirã foi o Paranho, em Tondela, por J. Coelho (1925). Só mais de meio século depois se viria a interencionar outra: a Fonte da Malga, em Viseu (Kalb e Höck 1979). De acordo com estes últimos autores, as duas mamoadas escavadas, de um total de oito, revelaram, num caso (Monumento 2), um túmulo megalítico em xisto, sem corredor, que já se encontrava violado, mas que se constitui como o segundo maior do conjunto da necrópole, com 9 m de diâmetro por 1 m de altura. Nos níveis remexidos da violação encontraram-se lajes de xisto que corresponderão a uma cista de incineração igual à que foi também possível escavar no Monumento 1. Com efeito, aqui estava-se perante uma mamoa de menores dimensões, com 6 m de diâmetro, que encerrava no seu interior uma cista formada por lajes de xisto de 25×30 cm colocadas na vertical sobre uma laje de fundo e tendo a presumível tampa destruída. O seu preenchimento estava desprovido de material arqueológico, mas no exterior encontraram-se fragmentos de cerâmica que foram interpretados como os restos da urna original, extraída (e fragmentada) durante a violação da cista. Com base nos poucos paralelos disponíveis, Kalb e Höck (1979: 599) concluem que a “cerâmica faz-nos lembrar, tanto pela qualidade e colorido como pela forma da asa, a cerâmica do Castro da Senhora da Guia, em Baiões”, acrescentando que “tendo nós apurado para Baiões o século VIII a.C.” e acrescentado o paralelo da necrópole do Paranho.

Os próprios autores retiram duas grandes conclusões destes trabalhos (Kalb e Höck 1979: 601-603): 1) que “noutras necrópoles semelhantes (e existem várias no centro e norte de Portugal), dever-se-á contar, portanto, com diversos tipos de sepulturas. De onde, não se poderem incluir todas as mamoadas inexploradas e destruídas na única categoria de monumentos megalíticos”; e 2) que, “segundo os apontamentos de V. Leisner, encontram-se também em outros locais, conjuntamente na mesma necrópole, sepulturas megalíticas com corredor, câmaras megalíticas sem corredor e outras mamoadas mais pequenas que, ou estão destruídas, ou não foram exploradas.”

Portanto, quando em 1989 JCSM conclui a sua tese de doutoramento, estes monumentos funerários não megalíticos revestiam-se de um caráter muito singular. Àquelas duas necrópoles – Paranho e Fonte da Malga – é agora adicionada a mamoa da Víbora (Carregal do Sal), um “provável monumento” constituído por “um *cairn* de pedras de médias dimensões em granito e quartzo, circundado a curta distância por um anel igualmente baixo de pedra” (Senna-Martinez 1989: 141). É realizado o levantamento da planta de superfície, que indica um sugestivo diâmetro de 11×9 m (ou seja, semelhante ao Monumento 2 da Fonte da Malga), mas não foi então objeto de escavação.

Dados mais consistentes provêm da necrópole de Moinhos de Vento, em Arganil, cujo Dólmen N.º 1 foi inicialmente escavado por J. de Castro Nunes (1974), mas que é composta por mais dois outros monumentos. O Monumento N.º 2 havia sido sondado em 1978, e o Monumento N.º 3 em 1984. Este último, porém, só foi reconhecido – tal como nas circunstâncias acima referidas a

propósito da região de Lafões – após ter a vizinha estação arqueológica da Lomba do Canho sido “devastada por um incêndio de grandes proporções que destruiu, quase totalmente, a respectiva cobertura vegetal. Aproveitando as condições de prospecção assim criadas, pudemos, não só observar o que restava do Monumento N.º 2, como localizar e identificar o Monumento N.º 3” (Senna-Martinez 1989: 132). A planta publicada desta necrópole é elucidativa quanto à relação espacial entre o dólmen, mais antigo, e estas mamoas, de menores dimensões e mais recentes, que o “satelizam” (Figura 8).

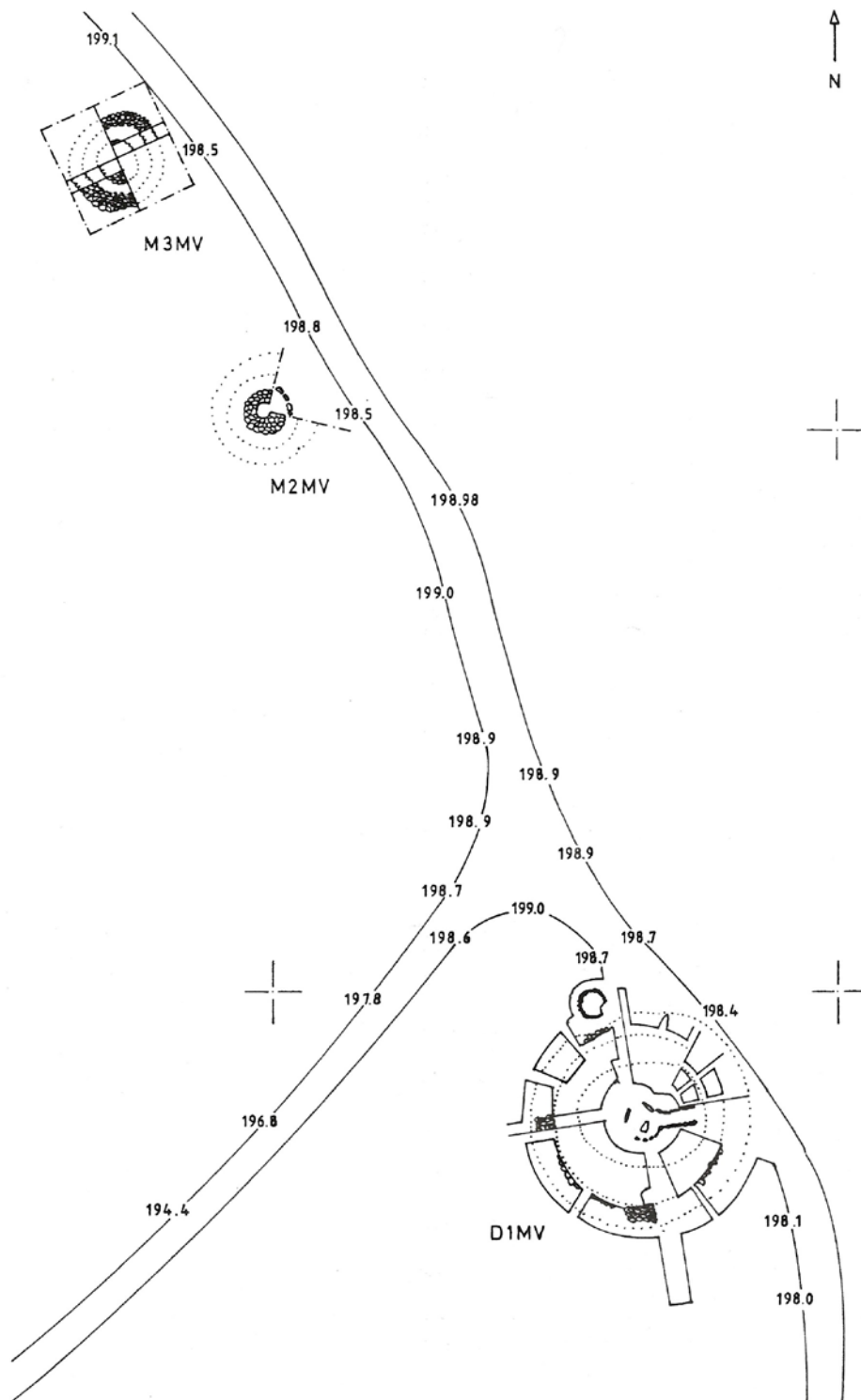


Figura 8 – Planta de conjunto dos monumentos da necrópole de Moinhos de Vento, Arganil. D1MV: Dólmen N.º 1; M2MV: Monumento N.º 2; M3MV: Monumento N.º 3 (Senna-Martinez 1989: fig. 2.114).

Talvez porque os resultados das intervenções foram infrutíferos no que respeita à caracterização das práticas funerárias, uma vez que ambos os monumentos já se encontravam violados, e não ser totalmente claro o significado das fossas que penetram o substrato xistoso (efeito das violações ou estruturas funerárias originais?), o capítulo conclusivo da tese de doutoramento de JCMS não retoma esta questão e cinge-se à discussão do significado, em termos de organização do território durante o final da Idade do Bronze, dos diversos povoados pertencentes ao que o autor apelida de “grupo Baiões / Santa Luzia”. Mesmo em trabalhos posteriores, direcionados para questões relacionadas com este período, o interesse do autor centrar-se-á invariavelmente nos sistemas de povoamento, na iconografia e significado das estelas gravadas, e sobretudo na metalurgia do bronze, muito mais do que nas práticas funerárias coevas (Senna-Martinez 2010, 2014).

Haverá subjacente a este aparente desinteresse um fator que os dados hoje disponíveis para Lafões parecem poder estar a revelar, e que consiste na relativa invisibilidade destas mamoaas de menores dimensões em contexto de prospeção convencional. Recordemo-nos da circunstância comum de a larguíssima maioria dos exemplares de Lafões e de os dois monumentos da necrópole dos Moinhos de Vento só terem sido re/descobertos após incêndios que eliminaram a vegetação local. Ou seja, as condições em que tem decorrido a prospeção podem estar a enviesar o quadro de distribuição geográfica disponível no sentido de uma maior concentração deste tipo de necrópoles onde trabalhos de prospeção puderam ter tido lugar em contexto de pós-incêndios.

Por outro lado, também não deixa de ser um facto que a rede de povoados de altura conhecida, cuja identificação não padece das mesmas dificuldades de visibilidade, mostra igualmente uma maior densidade nos setores mais ocidentais da região, como Lafões, coincidindo com a maior densidade de mamoaas proto-históricas. Aliás, os mapas de povoamento mais recentes de Senna-Martinez (2010: fig. 1) tendem a subestimar o verdadeiro número de povoados conhecidos em Lafões, onde se conhecem mais de uma dezena com comprovadas ocupações do final da Idade do Bronze. Embora poucos tenham sido escavados, o que limita o estabelecimento de relações de contemporaneidade e, logo, avaliações realistas quanto à variação da densidade demográfica dentro da região a cada momento, esta assimetria não pode ser ignorada no momento da construção de modelos interpretativos.

A confirmar-se no prosseguimento da investigação esta aparente maior concentração de povoados de altura e de necrópoles do final da Idade do Bronze em Lafões face à restante Beira Alta, a explicação poderá residir nas importantes jazidas de estanho da região, uma matéria-prima crucial nesta época, a que acresce a existência de vias naturais de circulação para o seu escoamento extrarregional, de que o próprio Vale do Vouga poderá ter sido o eixo principal.

5. UMA NOTA FINAL, PESSOAL

Abri a minha comunicação, no primeiro dia deste congresso, no auditório da Fundação da Lapa do Lobo, com umas breves palavras sobre as minhas memórias de João Carlos de Senna-Martinez – redigida, e então lida, na primeira pessoa – que não posso deixar de repetir aqui.

O João – ou o Prof. Senna-Martinez, como lhe chamávamos – foi o meu primeiro professor de Pré-História, e foi no decorrer das suas aulas, que tinham lugar na Cave F da Faculdade da Letras de Lisboa, no agora longínquo ano letivo de 1988-89, que pude sentir o entusiasmo, o método e a exigência que colocava no ensino; aliás, ninguém que tenha passado por essas aulas se esquecerá da dezena de textos de apoio e diversos livros que éramos obrigados a ler...

As minhas primeiras escavações “em Pré-História” foram também com o João, no verão de 1989, não muito longe daqui, no habitat neolítico do Ameal IV, em Canas de Senhorim, com a Teresa Graça. A anta vizinha, com o mesmo nome, estava nesse mesmo momento a ser escavada pelo José Ventura, e viria a fazer parte da sua tese mestrado.

O João foi também o meu Orientador de mestrado (na mesma “fornada” de vários outros colegas), e que defendi, no mesmo dia que o António Valera, em janeiro de 1996. Nessa tese tratei de realidades neolíticas mais antigas que estas, e tratei muito particularmente uma temática que não era ponto forte na investigação do João, mas isso não foi obstáculo para o apoio e a disponibilidade constantes em tudo, desde a cartografia à indicação de bibliografia.

De tudo isto adveio uma relação de amizade que perpassou a geografia do meu próprio percurso pessoal, da Serra d’Aire ao Vale do Côa, e depois ao Algarve, para culminar numa espécie de reencontro nas Beiras, a partir do momento em que iniciei, em 2016, os meus trabalhos na região de Lafões.

Este reencontro trouxe-me exatamente aqui, à Lapa do Lobo, em 2018, para organizar, com o João e a Mariana Diniz, o congresso que intitulámos “De Gibraltar aos Pirenéus”, que esta homenagem recupera; e depois, em 2021, para o encontro que organizei em outubro na cidade de Viseu com a Comunidade Intermunicipal de Viseu Dão Lafões sobre o megalitismo regional. Entre ambos os eventos, o João havia visitado os meus trabalhos de campo, em julho de 2021, na companhia da Tita; uma visita breve mas inesquecível, que incluiu a Anta da Lapa da Meruje, e cuja memória guardarei para sempre com saudade.

Por todo este passado, pela estima e pela amizade que sempre nutri pelo João, é com um estranho misto de sentimentos que me encontro hoje aqui, convosco, para falar um pouco dos trabalhos que tenho conduzido na região de Lafões e de apontar dois ou três aspetos – não terei tempo para mais – que entroncam na sua tese sobre as manifestações tumulares pré e proto-históricas da Plataforma do Mondego – não apenas a “tese” académica, mas a “tese” num sentido amplo, de pensamento estruturado.

Penso que ele iria gostar de a ver assim tratada, e que seria depois o primeiro a levantar-se para me questionar e chamar-me a atenção para o que lhe parecesse não estar muito bem. E, no fim de tudo, em conversa aqui à frente na primeira fila ou, lá ao fundo, junto à porta, iria, naquele seu tom grave de bom mestre, quase paternalista, dizer-me algo mais provocador começando com – “Meu menino, tu não achas antes que...?”



Figura 9 – Anta da Lapa da Meruje, 22 de julho de 2021 (fotografia de Daniel Melo).

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, A.F. (2018). Anta da Lapa da Meruje (Vouzela, Portugal). Resultados preliminares dos trabalhos em curso. In SENNA-MARTÍNEZ, J.C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A.F. eds. – *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 201-216.
- CARVALHO, A.F. (2023). Aristides de Amorim Girão e Georg Leisner. Imagens do megalitismo de Lafões em meados do século XX. In CARVALHO, A.F.; TENTE, C.; REAL, M.L., eds. – *II Jornadas de Arqueologia de Vouzela-Lafões*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela (Estudos de História e Arqueologia de Vouzela; 2), p. 37-50.
- CARVALHO, A.F. (2024). O projeto de reabilitação da anta da Lapa da Meruje no contexto das estratégias para o estudo, proteção e valorização do património megalítico de Vouzela (Viseu). In OLIVEIRA, J., ROCHA, L., ALMEIDA, N., eds. – *Menhir da Meada (Castelo de Vide) nos 30 anos da sua re-ereção. Seminário internacional de conservação e reabilitação de monumentos megalíticos*. Évora: Universidade de Évora (Scientia Antiquitatis; 8); no prelo.
- CARVALHO, A.F.; CARVALHO, P.S.; BRANCO, D.M.; ANASTÁCIO, J.P.; ROCHA, J.; PEREIRA, L.A. (2021). Monumentos dolmênicos e estruturas tumulares proto-históricas de Vouzela no quadro da região de Lafões: resultados preliminares dos trabalhos em curso. In REAL, M.L.; CARVALHO, A.F.; TENTE, C., eds. – *I Jornadas de Arqueologia de Vouzela-Lafões*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela (Estudos de História e Arqueologia de Vouzela; 1), p. 22-37.
- CARVALHO, A.F.; CARVALHO, P.S.; SOARES, F.; ANASTÁCIO, J.P.; COSTELA, Y. (2020). Wildfires and megalithic survey. Inventory and preliminary analysis of Neolithic to Bronze Age mounds in the Lafões territory (Beira Alta, Portugal). In SPASOVA, D.; GENOV, A., eds. – *Megalithic monuments and cult practices. Proceedings of the third international symposium*. Blagoevgrad: Neofit Rilski University Press, p. 164-174.
- CARVALHO, A.F., COSTA, A. (2021a). Ações de estudo e valorização do património megalítico de Vouzela (Viseu). O projeto de reabilitação da Anta da Lapa da Meruje. *CONREA '21. Congresso da reabilitação*. Aveiro: Universidade de Aveiro (EasyChair Preprint N.º 5942).
- CARVALHO, A.F., COSTA, A. (2021b). O projeto de reabilitação da Anta da Lapa da Meruje (Vouzela, Viseu): princípios, objetivos e propostas preliminares. *Al-Madan*. 24, p. 101-106.
- CARVALHO, A.F.; MELO, D.; CUESTA-GÓMEZ, F.; SOARES, F.; ROCHA, J.; PEREIRA, T. (2022). Novos dados sobre as manifestações tumulares pré e proto-históricas de Lafões. Síntese dos trabalhos de campo de 2016-2021. *Beira Alta*. LXXXI: 1-2, p. 73-111.
- CARVALHO, A.F.; PEREIRA, T.; GIBAJA, J.F. (2018). Proveniências e utilização do sílex no megalitismo de Lafões (Viseu, Portugal). Primeira abordagem a partir dos conjuntos dos dólmenes da Lapa da Meruje e de Antelas. In SENNA-MARTÍNEZ, J.C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A.F. eds. – *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 217-232.
- CARVALHO, A.F.; PIRES, H. (2023). Primeiros resultados da aplicação do modelo de resíduo morfológico no estudo da arte megalítica de Lafões. In CARVALHO, A.F.; TENTE, C.; REAL, M.L., eds. – *II Jornadas de Arqueologia de Vouzela-Lafões*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela (Estudos de História e Arqueologia de Vouzela; 2), p. 115-132.
- CARVALHO, P.S.; CARVALHO, A.F. (2018). Para uma recuperação do megalitismo de Lafões (Viseu, Portugal). O concelho de Vouzela enquanto *case-study*. In SENNA-MARTÍNEZ, J.C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A.F. eds. – *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 37-50.
- CASTRO, L.A.; FERREIRA, O.V.; VIANA, A. (1956). Acerca dos monumentos megalíticos da Bacia do Vouga. *XXIII Congresso luso-espanhol. 7.ª Secção: Ciências históricas e filológicas*, VIII. Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, p. 471-481.
- CASTRO, L.A.; FERREIRA, O.V.; VIANA, A. (1957). O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. XXXVIII: II, p. 325-348.
- COELHO, J. (1925). *A necrópole do Paranho, Viseu*. Viseu: Tipografia Popular.
- CRUZ, D.J. (1995). Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Noroeste Peninsular e da Beira Alta. *Estudos Pré-Históricos*. 3, p. 81-119.
- CRUZ, D.J. (2001). *O Alto Paiva: Megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História recente*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação de Doutoramento; policopiada).
- FERREIRA, A.B. (1978). *Planaltos e montanhas do norte da Beira. Estudo de geomorfologia*. Lisboa: Universidade de Lisboa (Memórias do Centro de Estudos Geográficos; 4).
- GIRÃO, A.A. (1921). *Antiguidades pré-históricas de Lafões. Contribuição para o estudo da arqueologia portuguesa*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- GIRÃO, A.A. (1941). *Geografia de Portugal*. Porto: Portucalense Editora.

- KALB, P.; HÖCK, M. (1979). Escavações na necrópole de mamoaas “Fonte da Malga” – Viseu, Portugal. *Beira Alta*. 38: 3, p. 593-604.
- LEISNER, V. (1998). *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- MARQUES, J.A.M. (1999). *Carta arqueológica de Vouzela*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela.
- MOITA, I.N. (1966). Características predominantes do grupo dolmênico da Beira Alta. *Ethnos*. V, p. 189-297.
- NUNES, J.C. (1974). *Introdução ao estudo da cultura megalítica no curso inferior do Alva*. Sá da Bandeira: Universidade de Luanda.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1982). Materiais campaniformes do concelho de Oliveira do Hospital (Distrito de Coimbra). *Clio*. IV, p. 19-34.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1989). *Pré-História recente da Bacia do Médio e Alto Mondego. Algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Lisboa: Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento, policopiada).
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1994a). Notas para o estudo da génese da Idade do Bronze na Beira Alta: o fenómeno campaniforme. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.* 2, p. 173-200.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1994b). Megalitismo, habitat e sociedades: a bacia do Médio e Alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c. 5.200-3.000 BP). *Seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal”*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (Estudos Pré-Históricos; 2), p. 15-30.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1995). The late Prehistory of central Portugal: a first diachronic view. In LILLIOS, K.T., ed. – *The origins of complex societies in Late Prehistoric Iberia*. Ann Arbor: International Monographs in Prehistory (Archaeological Series; 8), p. 64-94.
- SENNA-MARTÍNEZ, J.C. (2010). “Um mundo entre mundos”. O grupo Baiões/Santa Luzia: sociedade, metalurgia e relações inter-regionais. *Iberografias*. 6, p. 13-26.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (2014). Death as “life’s mirror”? Funerary practices and trajectories of complexity in the Prehistory of peasant societies of Iberia. In CRUZ, A.R.; CERRILLO, E.; BUENO, P.; CANINAS, J.C.; BATATA, C., eds. – *Rendering death: Ideological and archaeological narratives from Recent Prehistory (Iberia)*. Oxford: Archaeopress (British Archaeological Reports, International Series; 2648), p. 35-44.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (2018). A shrine in the Neolithic? Orca da Lapa do Lobo, Nelas (c. 5000-3000 BC). In SENNA-MARTÍNEZ, J.C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A.F. eds. – *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 167-181.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; AMARO, R.M.C. (1987). Campaniforme tardio e inícios da Idade do Bronze na Orca do Outeiro do Rato, Lapa do Lobo. *Da Pré-História à História. Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. Lisboa: Delta, p. 265-272.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; CARVALHO, M.M. (2018). Ideotechnical representations in the megalithism of Mondego’s Platform: the case of Orca da Lapa do Lobo, Nelas. In SENNA-MARTÍNEZ, J.C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A.F. eds. – *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 183-199.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J.M.Q. (1999a). Evolução das paisagens culturais na Plataforma do Mondego na Pré-História recente (c. 5.000-500 cal AC). *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.* 5, p. 9-20.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J.M.Q. (1999b). Espaço funerário e “espaço cénico”: a Orca do Folhadal (Nelas). *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.* 5, p. 21-34.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J.M.Q. (2008). Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Veiga Ferreira e o Megalitismo da Beira Alta, meio século depois. In CARDOSO, J.L., ed. – *Octávio da Veiga Ferreira. Homenagem ao Homem, ao Arqueólogo e ao Professor*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras; 16), p. 317-350.
- SIMÕES, C.D.; MARTINS, D.H.; OLIVEIRA, R.; CARVALHO, A.F. (2023). Processos de formação e práticas construtivas na Anta da Lapa da Meruje e na Mamoa 1 da Gândara da Seixa (Vouzela). In CARVALHO, A.F.; TENTE, C.; REAL, M.L., eds. – *II Jornadas de Arqueologia de Vouzela-Lafões*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela (Estudos de História e Arqueologia de Vouzela; 2), p. 97-114.
- VALÉRIO, P.; CARVALHO, A.F.; ALVES, L.C.; GONÇALVES, A.P.; SOARES, A.M.; SOARES, F.; ARAÚJO, M.F. (2023). Estudo preliminar de artefactos de prestígio da Mamoa 4 da Tojeira (Oliveira de Frades). In CARVALHO, A.F.; TENTE, C.; REAL, M.L., eds. – *II Jornadas de Arqueologia de Vouzela-Lafões*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela (Estudos de História e Arqueologia de Vouzela; 2), p. 133-146.
- VASCONCELOS, J.L. (1898) – Dolmen de Espírito-Santo d’Arca (Beira-Alta). *O Archeólogo Português*. 4, p. 338-339.

ORCA DE FORLES (SÁTÃO, VISEU). RESULTADOS DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS E DE RESTAURO DESENVOLVIDOS EM 2020/2021

Pedro Sobral de Carvalho

Eon, Indústrias Criativas, Lda.
pedrosobraldecarvalho@eonic.pt

António Faustino Carvalho

CEAACP – Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património | Pólo UAlg
Universidade do Algarve – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Campus de Gambelas. 1800-117 Faro
afcarva@ualg.pt

Vera Moreira Caetano

Independent researcher
vera.mcaetano@gmail.com

Lara Bacelar Alves

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Património (CEAACP) – Universidade de Coimbra
lara.b.alves@uc.pt

Resumo: Apresenta-se uma síntese dos trabalhos arqueológicos, de restauro e valorização efetuados na Orca de Forles, no Centro de Portugal, realizados entre setembro de 2020 e julho de 2022. Embora o monumento se encontrasse muito arruinado, proporcionou resultados importantes para o conhecimento do Megalitismo da Beira Alta.

Os principais dados obtidos prendem-se com a perceção de que houve uma efetiva utilização deste dólmen durante duas fases, a primeira do Neolítico Médio/Final e a segunda do Calcolítico/Inícios da Idade do Bronze. As estruturas identificadas, bem como o espólio exumado, indiciam que o uso do dólmen nestas duas fases terá sido contínuo, facto também observado em outros monumentos congéneres da região.

Um dado inesperado, foi a identificação de uma extensa estrutura negativa que se estende por uma ampla área sob o monumento, tendo sido, assim, realizada num momento anterior à sua edificação.

Palavras-chave: Megalitismo; Beira Alta; Reestruturação arquitetónica; Arte megalítica.

Abstract: This is a summary of the archaeological, restoration and enhancement work carried out at the Orca de Forles, in central Portugal, between September 2020 and July 2022. Although the monument was very ruined, it provided important results for the knowledge of Beira Alta megalithism.

The main data obtained relates to the realisation that this dolmen was effectively used during two phases, the first in the Middle/Late Neolithic and the second in the Chalcolithic/Early Bronze Age. The identified structures along with the exhumed remains indicate that the dolmen was in continuous use during these two phases, a fact also observed in other similar monuments of the region.

One unexpected finding was the identification of an extensive negative structure that extends over a wide area under the monument, and was therefore built before it was built.

Keywords: Megalithism; Beira Alta; Architectonic remodelling; Megalithic art.

1. ENQUADRAMENTO E OBJETO DOS TRABALHOS

A autarquia do Sátão, ciente do avançado estado de degradação do monumento megalítico denominado por Orca de Forles, adjudicou em 2020, através de concurso público, à empresa Eon Indústrias Criativas, Lda, o “*Projeto de Salvaguarda, valorização e Dinamização da Orca de Forles (Sátão)*”. A Orca de Forles era um dos monumentos megalíticos da região Centro de Portugal que mais carecia de um programa de salvaguarda. Efetivamente, este monumento pré-histórico apresentava-se num estado de ruína progressiva que poderia resultar no colapso total dos seus esteios.

A recuperação deste monumento inseriu-se num programa mais alargado de recuperação e divulgação do património arqueológico do concelho de Sátão, que o município se encontra a desenvolver desde os últimos anos, tendo para tal promovido protocolos de colaboração com a Universidade do Algarve e a Universidade Nova de Lisboa. Neste âmbito, e a título de exemplo, refiram-se as intervenções sistemáticas realizadas entre 2014 e 2106 no povoado alto-medieval da Senhora do Barrocal (Tente *et alii*, 2018) e, mais recentemente, os trabalhos na Orca do Tanque. Ainda neste contexto, a autarquia promoveu o estudo das sepulturas escavadas na rocha (Marques, 2020) e, mais recentemente, a divulgação do seu património arqueológico (Marques, 2022).

Por último, cabe aqui referir a integração deste dólmen na *MEG. Rota de Megalitismo de Viseu Dão Lafões e Sever do Vouga*, promovida pela CIM Viseu Dão Lafões (Carvalho, 2021).

2. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO

Do ponto de vista administrativo, este monumento pertence à União de Freguesias de Águas Boas e Forles, concelho do Sátão, distrito de Viseu, e apresenta as seguintes coordenadas geográficas (Carta Militar de Portugal, fl.ª 158) (**Figuras 1 e 2**): Latitude: 40°50´43.5” N; Longitude: 07°39’51.2” W; Altitude: 814 metros a.n.m.

É referido na 1.ª revisão do Plano Diretor Municipal da autarquia de Sátão (publicado em Diário da República no Aviso n.º 10603/2013, de 27 de agosto), tendo aí o número de inventário S044. Na base de dados Endovélico, da antiga Direção-Geral do Património Cultural, tem o Código Nacional de Sítio 5225.

Do ponto de vista administrativo, este monumento pertence à União de Freguesias de Águas Boas e Forles, concelho do Sátão, distrito de Viseu, e apresenta as seguintes coordenadas geográficas (Carta Militar de Portugal, fl.ª 158) (**Figuras 1 e 2**): Latitude: 40°50´43.5” N; Longitude: 07°39’51.2” W; Altitude: 814 metros a.n.m.

É referido na 1.ª revisão do Plano Diretor Municipal da autarquia de Sátão (publicado em Diário da República no Aviso n.º 10603/2013, de 27 de agosto), tendo aí o número de inventário S044. Na base de dados Endovélico, da antiga Direção-Geral do Património Cultural, tem o Código Nacional de Sítio 5225.

A Orca de Forles foi escavada 1896 por J. Leite de Vasconcelos, que a publicará depois, sempre de forma muito sumária, em diversas ocasiões. A partir dessa data, este dólmen foi sendo incorporado em várias sínteses sobre a Pré-História da região e, sobretudo, sobre o fenómeno megalítico, dada a importância do seu espólio e arte parietal, que foram por vezes objeto de reanálises aquando da integração naquelas sínteses.

As descrições dos trabalhos realizados por Leite de Vasconcelos providenciadas pelo próprio são pouco detalhadas e lacónicas. Cingem-se, quase em exclusivo, à listagem do material que deu entrada no então Museu Etnológico Português (Vasconcelos, 1897a), a diversas referências dispersas ao dólmen no primeiro volume das suas *Religiões da Lusitânia* (Vasconcelos, 1897b), à publicação de um motivo pintado – que se tratou, aliás, de publicação internacional, uma das primeiras sobre arte megalítica na história da investigação arqueológica europeia (Vasconcelos, 1907) – e, bastante mais tarde, dedica-lhe uma passagem na sua obra *De terra em terra* (Vasconcelos, 1927).

Ao que tudo indica, este investigador terá executado os trabalhos num único dia, tendo tido a ajuda do Sr. António de Magalhães e do P.º Silva. Os trabalhos terão sido levados a cabo algures entre 24 de agosto e 3 de setembro daquele ano e, segundo o seu próprio relato, “[...] a minha primeira excursão foi à Orca de Forles [...], uma cavalgada de soutos e matas. [D]epois chegamos à orca que escavei e estudei. O povo supunha que ela encerrava tesouros, e por isso, mal constou a nossa chegada, vieram até nós homens, mulheres e crianças, para verem o que levamos: e como na orca aparecesse cerâmica prehistorica e lâminas ou facas de sílex, criaram-se, dias depois, pelos lugares vizinhos, lendas em que se contava que tínhamos achado púcaros de prata e garfos de ouro. Ao anoitecer retirámo-nos” (Vasconcelos, 1927: 147-148).

A intervenção arqueológica de Leite de Vasconcelos no final do século XIX resultou pois na obtenção de um importante espólio que ingressou no Museu Nacional de Arqueologia (MNA), de que era diretor. Das 23 peças exumadas (Vasconcelos, 1897a), destaquem-se os fragmentos de alabardas e punhais em sílex, de retoque bifacial, que se constituem como achados excepcionais pela sua raridade na região beirã, e o pequeno, mas muito bem conservado conjunto cerâmico, em que pontuam formas atribuídas ao Neolítico pelo escavador, mas que hoje sabemos datarem da Idade do Bronze. Outros materiais, como um fragmento de cerâmica campaniforme de tipo internacional (decorado com bandas horizontais obtidas a pontilhado) e outro fragmento de alabarda, viriam a ser recolhidos à superfície, já um século depois (Cruz, 2001: 388).

No que respeita à arte parietal, Leite de Vasconcelos refere um motivo pintado num dos esteios do monumento, vagamente antropomórfico, cujo esboço publicado terá sido executado por um dos trabalhadores da escavação (Vasconcelos, 1907: 35 e pl. II, fig. G). Este motivo irá ser

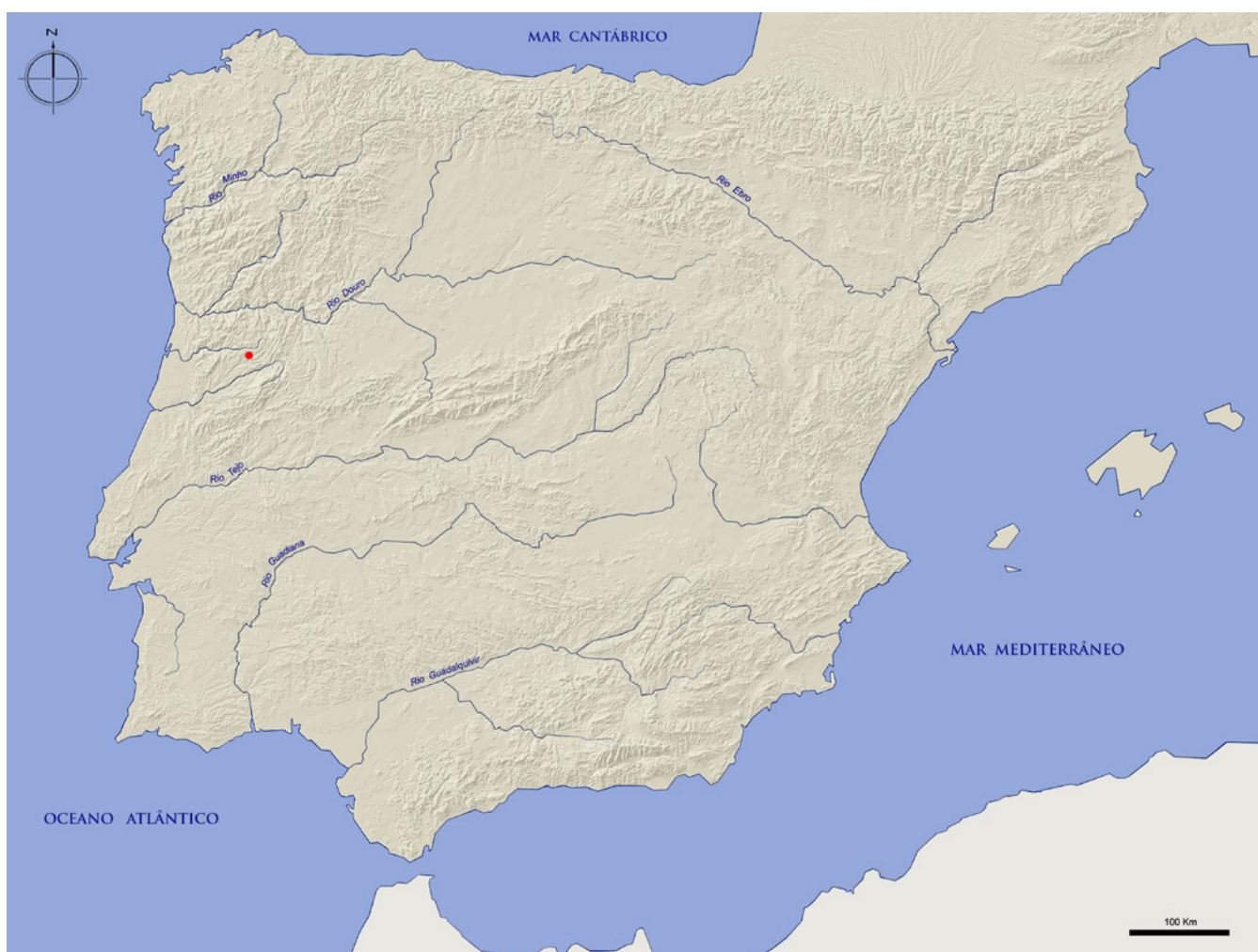


Figura 1 – Localização da Orca de Forles em mapa da Península Ibérica.



Figura 2 – Localização da Orca de Forles na Carta Militar de Portugal, fl.ª 158.

repetidamente referido na bibliografia – ver principalmente Breuil (1933: 51 e 53), Shee-Towhig (1988: 158 e fig. 65) e Santos *et alii* (2017) – sem nunca ter sido, todavia, verificado o seu estado de preservação ou mesmo a sua efetiva existência. No entanto, a referida autora britânica faz menção à existência de vestígios de pintura a vermelho no esteio de cabeceira, mas que não correlaciona explicitamente com este motivo; nas suas próprias palavras, “[t]races of painting are visible on the backstone but no pattern is distinguishable.”

O monumento foi visitado pelo casal Leisner a 23 de abril de 1934, dia em que efetuam o seu registo em planta e alçado. No trabalho póstumo de Vera Leisner estes levantamentos viriam depois a ser publicados juntamente com a descrição e a ilustração sistemática do espólio exumado por Leite de Vasconcelos, que se encontra depositado no MNA (Figura 3). O próprio monumento é também objeto de fotografia, na qual se pode observar a tampa da câmara já em início de colapso lateral (Leisner, 1998: 61, est. 53, taf. 143) (Figura 4), um processo que se viria a acentuar com o passar do tempo (ver adiante).

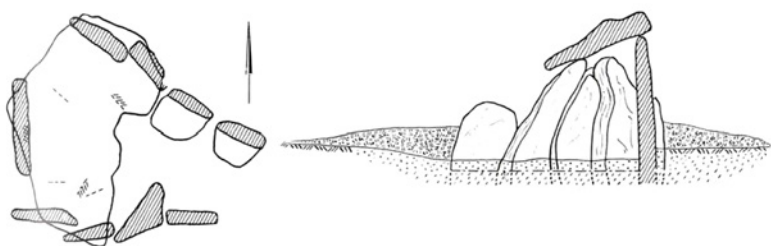


Figura 3 (em cima) – Planta e alçado da Orca de Forles (Leisner, 1998: est. 53, I-17-1).

Figura 4 (em baixo) – Foto da Orca de Forles (Leisner, 1998: taf. 143).

Em 1966, Irisalva Moita, ao descrever o monumento, refere que consultou a documentação inédita de Leite de Vasconcelos conservada no atual MNA, e que apenas encontrou “*uma planta e o desenho do chapéu*” (Moita, 1966: 246), o que nos leva a crer que a planta e alçados que a autora apresenta poderão ter sido feitos a partir destes originais. Note-se, a respeito deste pormenor no historial de estudo do sítio, que nesta documentação, que pudemos consultar em maio de 2021, a referida planta não se encontrava aí arquivada, pelo que não é possível confirmar em definitivo esta possibilidade. Um outro aspeto importante para o conhecimento da biografia do monumento é a referência que faz ao facto de este ter servido de abrigo de pastores: “[a]s aberturas entre os esteios estão calafetadas, o que indica ter servido o monumento de abrigo de pastores e dos trabalhadores durante tempestade [...]” (Moita, 1966: 247). Podendo ter a ver com estas utilizações recentes, verificou-se na escavação existirem com efeito alguns fragmentos de telha de meia cana dispersos, um dos quais ainda com argamassa agregada (ver adiante). No que diz respeito ao estado de conservação do monumento, a autora publica uma foto onde se a laje de cobertura se encontra com uma inclinação ligeiramente mais acentuada que a observada na foto de V. Leisner nos anos de 1930 (Moita, 1966: est. II) (Figura 5).



Figura 5 – Planta e alçados segundo desenho inédito de Leite de Vasconcelos, publicado por I. Moita (1966: 247).

A Orca de Forles consta também dos principais *corpora* de monumentos megalíticos publicados mais recentemente para a região, os quais, com exceções muito pontuais, não acrescentam dados novos sobre o conhecimento do sítio (Senna-Martinez, 1989, v. 1: 128-129, fig. 2.113, v. 2: ests. CXXVIII, CXXIX, CCXXVI; Devignes, 1993: 84; Cruz, 2001, v. 1: 387-388, v. 2: fig. 55). A principal exceção é o trabalho do primeiro autor citado, que faz uma análise exaustiva e em moldes modernos de todas as categorias artefactuais do espólio conservado no MNA, embora este estudo se mantenha ainda hoje divulgado apenas enquanto trabalho policopiado. A Carta Arqueológica do Sátão, por seu lado, não acrescenta novos dados. Porém, no seu registo fotográfico, a laje de cobertura da câmara encontra-se aí ainda sobre o esteio de cabeceira (Vaz, 1991: 14; ver também

Pedro *et alii*, 1994: fig. 159), mas é necessário salientar que este mesmo registo foi obtido em 1985 por um dos signatários (PSC). Com efeito, à data da edição desta carta arqueológica, a laje de cobertura já havia cedido, como se pode aliás atestar na foto publicada na monografia *Terras do Concelho do Sátão* (Sousa, 1991: 28), uma obra em que a Orca de Forles surge designada por “Orca da Pereira”. A sucessão de fotografias de que se dispõe ao longo do século XX ilustra, pois, de forma clara o processo contínuo de colapso da arquitetura do monumento após a sua escavação na década de 1890, e que justificou plenamente a necessidade da intervenção a que se reporta o presente artigo (**Figura 6**).



Figura 6 – Orca de Forles (Vaz, 1991: 14).

Cabe ainda salientar segundo informação oral recolhida junto de Maria de Conceição Curado, que terá havido muitas tentativas “dos mais variados forasteiros” de escavar a Orca tendo sua avó corrido para as impedir. Após a sua morte, um pediatra e dono da Quinta da Comenda, no Douro, apresentado como Dr. Cardoso, escavou o monumento tendo levado o espólio. Segundo esta mesma informação, foi após esta intervenção que a Orca colapsou. Embora não tenhamos uma data precisa, pensamos que terá acontecido em meados do séc. XX.

3. DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS

3.1. Metodologia

Após a limpeza da vegetação arbustiva e rasteira foi implantada uma rede de quadriculas de 2x2 m, orientada segundo os pontos cardeais formando um quadrado de 26 m de lado (**Figura 7**).

Os trabalhos arqueológicos realizados contaram ainda com avançadas técnicas de registo digital que permitiram a constituição de uma base de dados tridimensionais executadas por Hugo Pires. A malha de quadriculas encontra-se ligada à Rede Nacional Geodésica, resultando na obtenção de cotas absolutas.

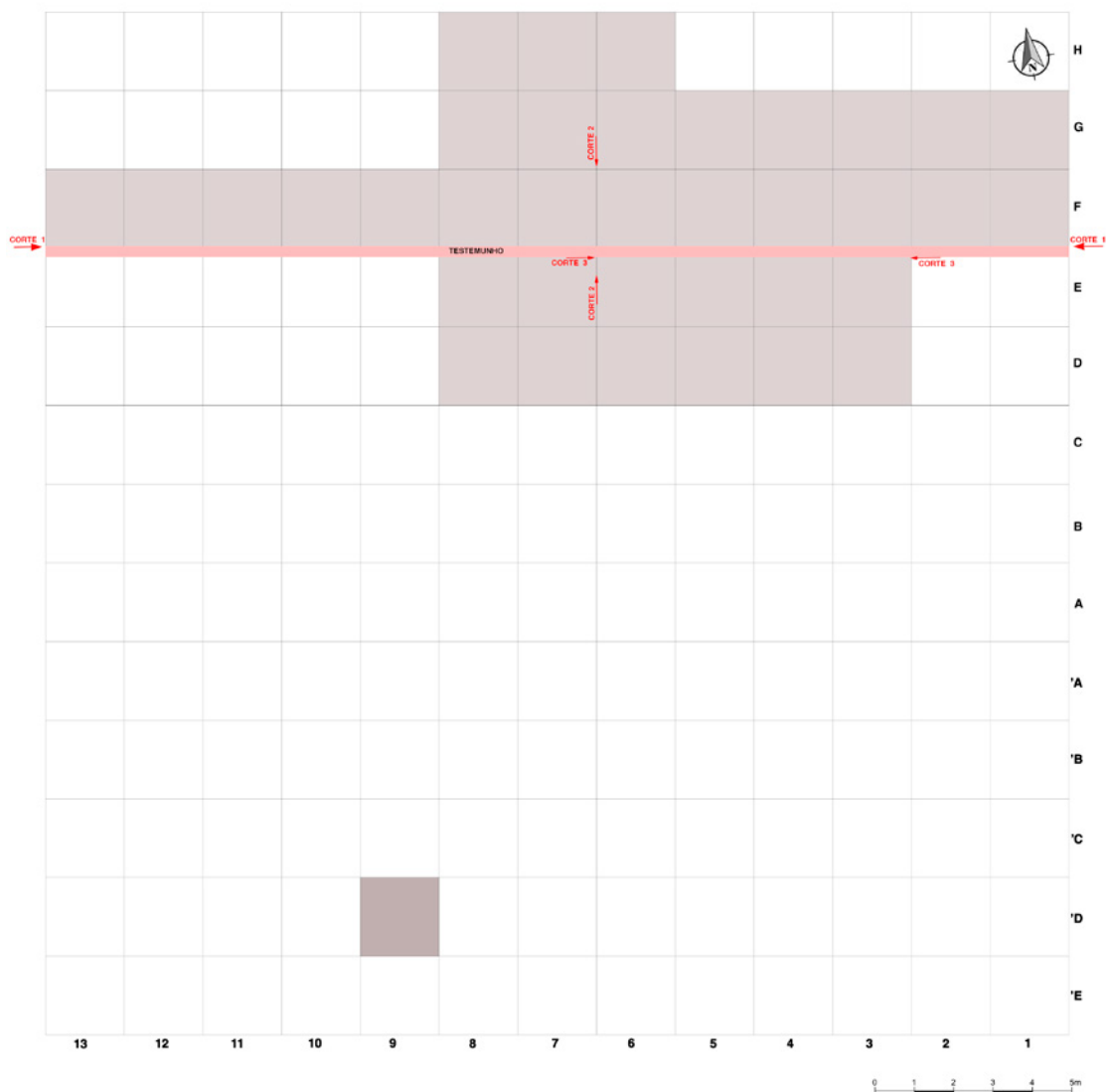


Figura 7 – Plano de escavação.

3.2. O sepulcro

A Orca de Forles encontrava-se, à altura do início dos trabalhos em bastante mau estado de preservação. O *tumulus* já quase não existia, sendo apenas perceptível na área mais próxima dos esteios, encontrando-se a área do átrio muito revolvida pela ação de consecutivos plantios de pinheiros. O esqueleto pétreo estava, igualmente, em muito mau estado de conservação. Por um lado, o corredor, que se afigurava curto, apenas mantinha dois esteios no lado norte e um no lado sul, sendo visível uma tampa caída para o interior do monumento; por outro lado, a câmara encontrava-se em estado de colapso eminente. O único esteio da câmara que se encontrava *in situ* era o de cabeceira. Todos os restantes se encontravam muito inclinados para o interior, sobretudo os do lado norte, onde o peso da tampa se fazia sentir com maior intensidade (Figura 8).

A escavação permitiu então colocar a descoberto um dólmen de câmara poligonal alargada de nove esteios com 3,50 m de largura (eixo N-S) por 2,45 m de comprimento (eixo O-E) e corredor curto com 1,90 m de comprimento e 1,70 m de largura. O *tumulus* que o envolvia, embora muito destruído era composto por terra e pedra, sendo coberto por uma carapaça pétreo. De frente ao corredor abria-se um átrio que embora muito danificado possuía um piso empedrado ou era formado mesmo por uma plataforma empedrada.



Figura 8 – Monumento após a remoção da tampa. Repare-se na acentuada inclinação dos esteios. Novembro de 2020.

3.2.1. O *tumulus*

A estrutura monticular estava bastante deteriorada, preservando-se sobretudo junto do esqueleto pétreo, sendo possível notar, igualmente, um volume um pouco elevado em termos topográficos, que se espalhava do centro do monumento para o seu exterior. Concretamente, o que se conseguiu colocar a descoberto com a primeira decapagem foi o vestígio de um revestimento feito de pedras de granito de pequeno e médio tamanho, que se dispunha em torno dos esteios do dólmen, formando uma estrutura de planta circular (**Figuras 9 e 10**). Não foi fácil distinguir o que era revestimento pétreo (carapaça ou couraça) da estrutura de contrafortagem. Contudo, assumimos que algumas das pedras dispostas no topo pertenciam à couraça, mesmo que cingidas ao seu embasamento.

A análise da micromorfologia do terreno e dos poucos vestígios ainda existentes permitiram-nos colocar a hipótese deste *tumulus* ter possuído primitivamente 10,70 m no eixo N-S e 12 m no eixo O-E, sendo constituído por terra e pedras, coberto por uma camada de pedras em granito e algumas (raras) em quartzo (carapaça superficial), com cerca de 1 m de altura conservada e implantado à cota máxima de 809.11 m.

3.2.2. A câmara e o corredor

A câmara funerária encontrava-se, à altura do início dos trabalhos, num estado de ruína eminente, com quase todos os esteios muito inclinados para o interior, com exceção do esteio de cabeceira (**Figura 7**). A derrocada gradual dos esteios do lado norte fez com que a laje de cobertura (Lg. 1) fosse resvalando no sentido este. Após a retirada desta última procedeu-se à escavação da câmara.

No interior, o único esteio que faltava era o esteio que encostava ao esteio de cabeceira do lado norte, o E.8. A análise da planta e do que restava das bases de assentamento dos esteios faz supor que se deveria tratar de um esteio do tipo pilar, tal como é o esteio que ladeia o esteio de cabeceira pelo lado sul (E.6), que se encontrava tombado para o exterior. De facto, tudo indica que a câmara teria tido dois esteios de tipo pilar a ladear o esteio de cabeceira. A colocação de um ou dois pilares a ladear o esteio de cabeceira é uma solução bastante comum no Megalitismo desta região, podendo-se apontar, apenas a título de exemplo, a Orca de Merouços, Orca 1 da Laje Branca, Orca de Pendilhe, Orca de Porto Lamoso e Orca das Castenairas, no concelho de Vila Nova de Paiva, a Orca do Tanque no concelho do Sátão, a Lapa do Repilau, no concelho de Viseu e a Anta do Juncal, no concelho de S. Pedro do Sul.

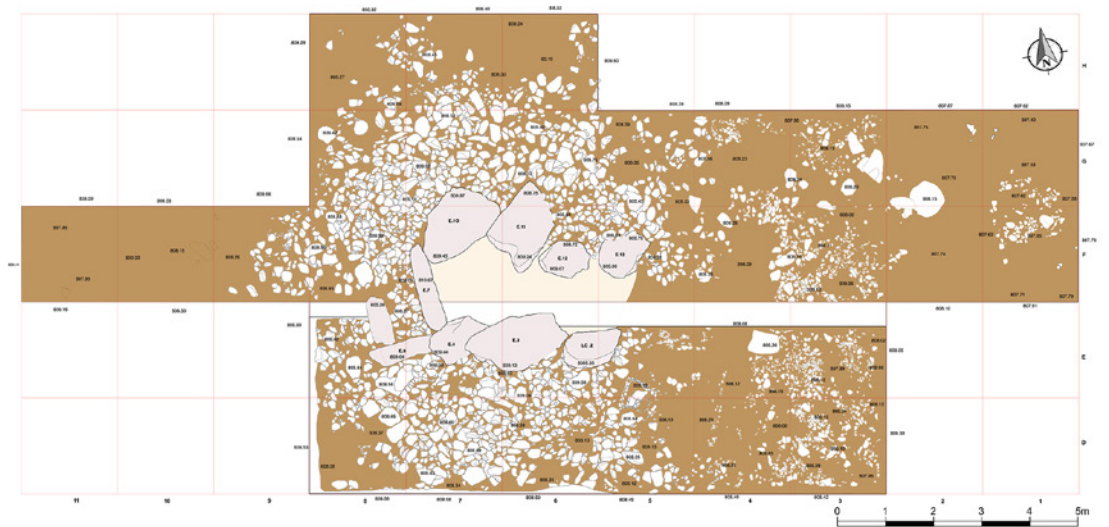


Figura 9 – Monumento após a primeira decapagem. Fotogrametria (em cima), representação gráfica (no meio) e modelo tridimensional (em baixo).

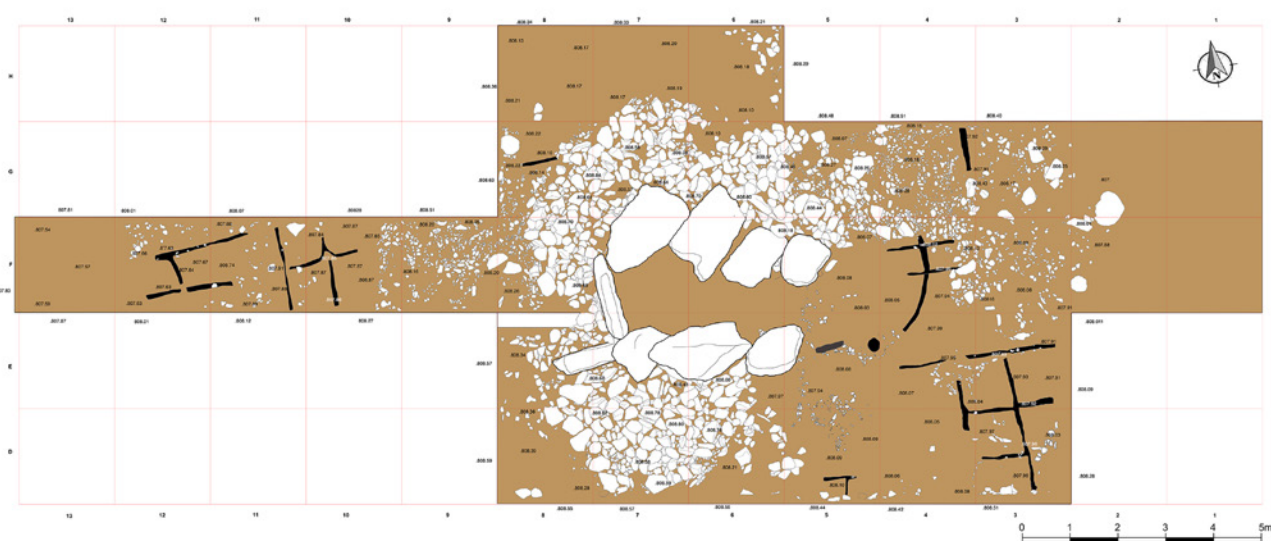


Figura 10 – Monumento após a última decapagem, com o contraforte e os rasgos subjacentes. Ortofoto (em cima) e planta (em baixo).

Um outro aspeto interessante é o facto de a maioria dos esteios estarem poisados diretamente no substrato, portanto sem alvéolo ou, quando este existe, apresenta pouca profundidade, como é o caso do esteio de cabeceira e dos esteios E.3, E.4 e E.5. Os esteios do lado norte, mais concretamente o E.9, E.10 e E.11, possuíam alvéolos com cerca de 30 cm de profundidade, em média. Deste modo, a situação dos esteios nesta parte do monumento era a seguinte: E.3: base *in situ*, muito inclinado para o interior, apresenta o canto superior direito fraturado; altura: 2,71 m, largura: 1,21 m; E.4: base *in situ* com ligeira deslocação, bastante inclinado para o interior, fraturado no topo, mais largo na base; altura máxima conservada: 2,17 m; largura máxima: 0,89 m; E.5: topo fraturado; altura máxima conservada após colado um fragmento que se encontrava no interior da câmara: 2.41 m, largura 1,15 m; E.6: esteio de tipo pilar, de morfologia fálica, fraturado em duas partes que jaziam no exterior sobre a mamoa (Figura 11), completo; altura máxima 2,68 m, largura 0,52 m; E.7: esteio de cabeceira, base *in situ*, inteiro; aspeto curioso é o facto de não apresentar a mesma orientação do corredor, apresentando uma ligeira inflexão para norte. Enquanto que este se encontra com orientação 90° N (NNE.), o corredor está 100° N. (E.). Embora a explicação lógica seja a da pressão exercida pelo resvalamento da tampa, a verdade é que a sua base se encontra, como já foi referido, *in situ*, junto da qual se identificou, inclusivamente, uma

deposição ritual (ver adiante); altura máxima: 2,69 m, largura máxima: 1,81 m; E.8: inexistente, deveria ser um esteio tipo pilar, como o congénere do lado sul do esteio de cabeceira; E.9: inexistente; E.10: inteiro, base deslocada, muito inclinado para o interior; altura: 1,81 m, largura 0,97 m; E.11: base *in situ*, muito inclinado para o interior, fraturado no topo; altura conservada: 2,26 m, largura: 1,06 m. A tampa apresenta a configuração de uma elipse irregular com 3,92 m de comprimento máximo, 3,18 m de largura máxima e 0,30 m de espessura média, pesando cerca de 10 t.

Os esteios da câmara encontravam-se imbricados colocando, desta forma, a sua força sobre o esteio de cabeceira.

A escavação do espaço camarário veio confirmar as profundas ações de revolvimentos e remeximentos perpetrados em momentos anteriores à intervenção. Efetivamente, a possança máxima de sedimentos existente não ultrapassava os 0,30 m (com exceção do local da fossa de violação onde atingia os 0,50 m), tendo sido individualizada apenas uma camada estratigráfica. Por outro lado, ao centro foi identificada uma fossa de violação que perfurou, inclusivamente, o substrato rochoso. Apresentava uma planta oval com 1,26 m no eixo maior (sentido SE-NO) e 0,84 m no eixo menor (sentido SO-NE) e 0,30 m de profundidade.

O espaço camarário era envolvido exteriormente por um possante contraforte composto por pedras de médias e grandes dimensões, em granito, havendo uma maior densidade destas últimas no limite externo. Este encontrava-se mais bem conservado na zona sul, encontrando-se bastante destruído na zona nordeste e algo danificado atrás do esteio de cabeceira (**Figura 9**). De notar que o contraforte era mais largo a sul, onde apresentava 2,45 m, em relação à área norte, com 1,90 m, e a oeste com 1,60 m. A altura média é de 0,60 m.

O corredor apresentava visíveis, ao início da intervenção, o topo de dois esteios em granito do lado norte, bastante inclinados para o interior e uma grande laje, também em granito e inclinada para o exterior, do lado sul. Os esteios do corredor eram mais baixos do que os da câmara, criando um vão de cerca de 1 m.



Figura 11 – Esteio-pilar de forma fálica (Esteio E.6).

A sua escavação permitiu identificar que a área sul defronte da câmara funerária se apresentava bastante destruída, tendo desaparecido os esteios do lado sul (E.1 e E.2) dos quais apenas restaram os seus alvéolos. Tanto o contraforte como o *tumulus* também foram removidos nesta zona. Os esteios do lado norte (E.12 e E.13), embora inclinados para o interior, possuíam as bases *in situ* e calços em granito nas bases.

Deste modo, a situação dos esteios do corredor é a seguinte: E.1: inexistente; E.2: inexistente; E.12: base *in situ*, inteiro, altura: 1,49 m, largura máxima: 0,94 m; E. 13: base *in situ*, inteiro, altura: 1,19 m, largura máxima: 0,91 m. A grande laje que jazia inclinada para o exterior, pelas suas dimensões (1,35 x 1,13 x 0,27 m), seria uma das lajes de cobertura do corredor (Lg. 2).

Um aspeto muito curioso foi a identificação do alvéolo de um pilar ou de um pequeno menir no quadrado E5, defronte ao E.1 (Figura 12). Apresentava um contorno subcircular com 0,30 m no eixo maior e 0,24 m no eixo menor e 0,30 m de profundidade.



Figura 12 – Alvéolos do E.1 e do menir-pilar.

Em forma de conclusão, podemos afirmar que a Orca de Forles é um dólmen complexo de câmara e corredor diferenciado em planta e em alçado. Apresentava primitivamente uma câmara funerária de planta poligonal alargada de nove esteios com 3,50 m de largura (eixo N-S) por 2,45 m de comprimento (eixo O-E) e uma altura máxima de 2,57 m e um corredor curto com 1,90 m de comprimento e 1,70 m de largura e uma altura de pouco mais de um metro (1,06 m). A sua planta original encontra-se recuperada em levantamento (Figura 13).

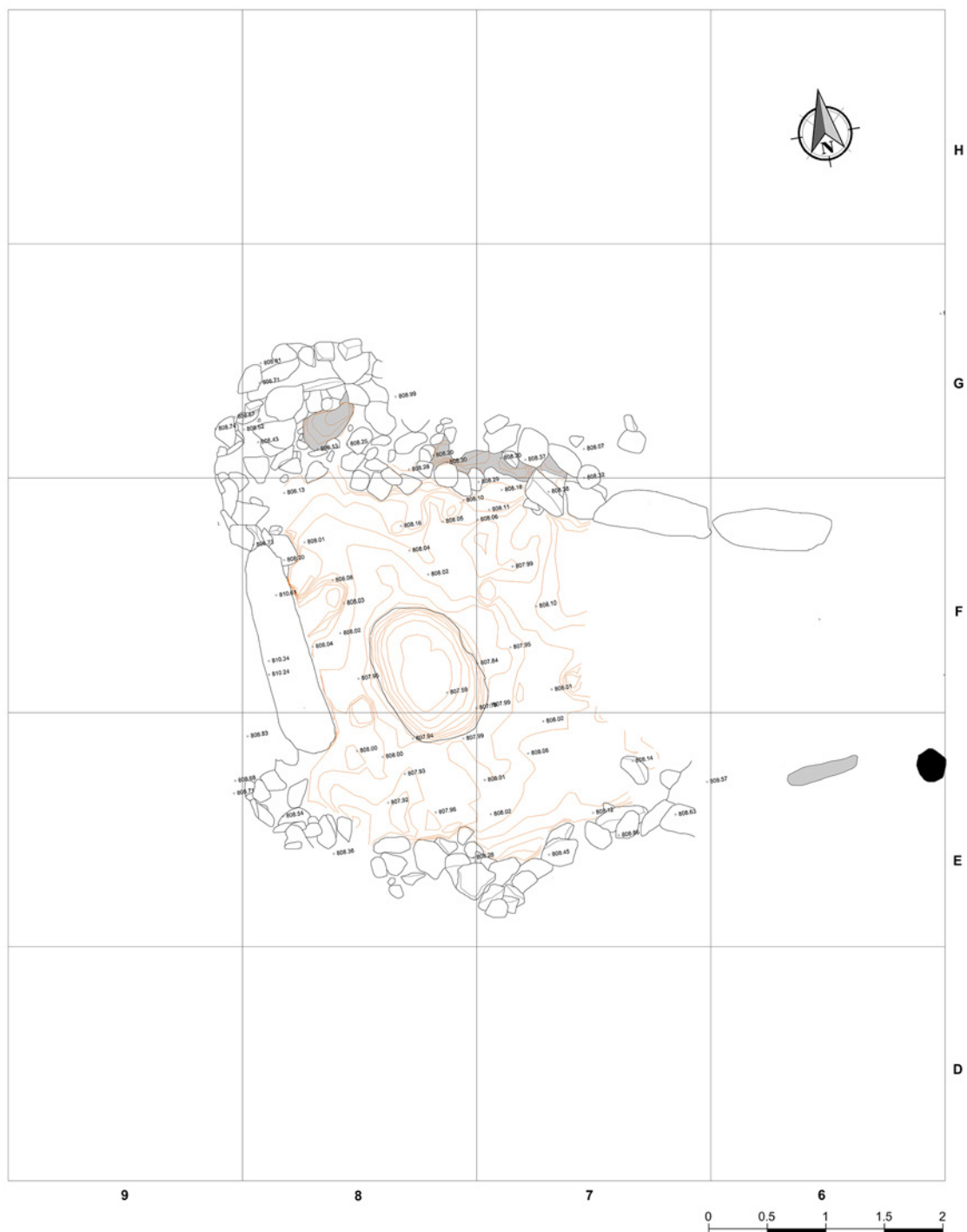


Figura 13 – Planta da câmara e corredor no final dos trabalhos.

3.2.3. O átrio

O corredor abria diretamente para uma zona ampla, o átrio, não havendo, no caso deste monumento, corredor intratumular. Importa, antes de mais, referir que esta área estava bastante revolvida pelo plantio de um pinhal, tendo sido exumados, inclusivamente, alguns fragmentos cerâmicos de época contemporânea. No entanto, foi possível a identificação de várias estruturas pré-históricas nesta área. A primeira, e mais evidente, foi um empedrado, quase como que um pavimento, feito à base de pequenas pedras em quartzo, com algumas (raras) de granito, que se estendia no sentido S-N, genericamente entre as quadrículas D3 e G3, a cerca de 1,70 m do início do corredor, apresentando uma largura variável em torno dos dois metros. Esta estrutura

assentava maioritariamente sobre o substrato de base, misturando-se com este, aproveitando a sua desagregação como parte integrante da mesma. A existência de algumas pedras de maiores dimensões em granito no limite nordeste desta estrutura entre as quadrículas G2 e G3 faz-nos colocar a hipótese de poder ter havido um fecho do átrio, entretanto destruído. O espólio associado a esta estrutura era maioritariamente cerâmico e em reduzida quantidade.

Entre as quadrículas F1 e G1 foi identificada uma estrutura de planta circular com 1,40 m de diâmetro (EC). Esta assentava diretamente no substrato rochoso e era composta por um anel feito de pequenas pedras de quartzo, intervaladas com alguns blocos de maiores dimensões em granito e quartzo (**Figura 14**). Embora não tenham sido identificados elementos carbonosos, colocamos a hipótese de se tratar de uma estrutura de combustão.



Figura 14 – Átrio com a estrutura de combustão (EC) em primeiro plano.

Levantado o lajeado ou pavimento de quartzo, identificou-se um conjunto de sulcos abertos no substrato de base¹. A escavação em profundidade, tanto do átrio como da vala oeste, permitiu perceber que se tratava de uma estrutura negativa de grandes dimensões que se estendia por quase toda a área intervencionada e que estava sob o monumento, pertencendo, deste modo, a um momento anterior ao da edificação do dólmen. Trata-se, pois, de um conjunto de rasgos com 0,10 m de largura em média e de 0,15 m de profundidade, que formam uma malha ortogonal de quadrados perfeitamente orientados segundo os pontos cardeais. As dimensões dos seus lados variam entre os 0,60 m à frente do corredor e o 1,10 m na zona sul do átrio, sendo de registar que os quadrados na vala oeste possuem em média 0,85 m (**Figura 15**) e 1 m junto ao contraforte, na quadrícula 8.

¹ Optou-se por não levantar o empedrado na sua totalidade, de modo a deixar um testemunho original do mesmo em parte das quadrículas F4 e G4.



Figura 15 – Vista de conjunto dos rasgos na área do átrio.

Fincado no substrato rochoso, foi identificado em D4 um machado de pedra polida, colocado em posição vertical com o gume virado para baixo, tratando-se, desta forma, de uma deposição fundacional (Figura 16).



Figura 16 – Machado depositado no átrio sob o empedrado.

Defronte do corredor, no intervalo entre este e o empedrado, mais concretamente nas quadrículas E4 e F4, foi colocada a descoberto uma outra estrutura negativa. Tratava-se de um sulco ou rasgo aberto no substrato rochoso com 0,10 m de largura e muito pouco profundo, apenas de alguns centímetros, às vezes só uma sombra ou uma linha fantasma, sobre a qual passaram alguns sulcos de estrutura ortogonal. A sua planta definia-se como o segmento de um círculo que a ser completo teria 3 m de diâmetro e que nascia muito próximo da base do pilar/menir a sul terminando a 2,20 m a norte (Figura 17).

Foi feita uma sondagem a 18 m a sul do monumento (quadrado D'9) para se avaliar a extensão dos sulcos abertos no substrato rochoso. Os resultados permitiram aferir que, de facto, estes se prolongam neste sentido pelo menos até aqui, tendo sido encontrados a 0,40 m de profundidade. Contudo a orientação dos sulcos com direção O-E é um pouco diferente encontrando-se o seu eixo 20° mais para norte.

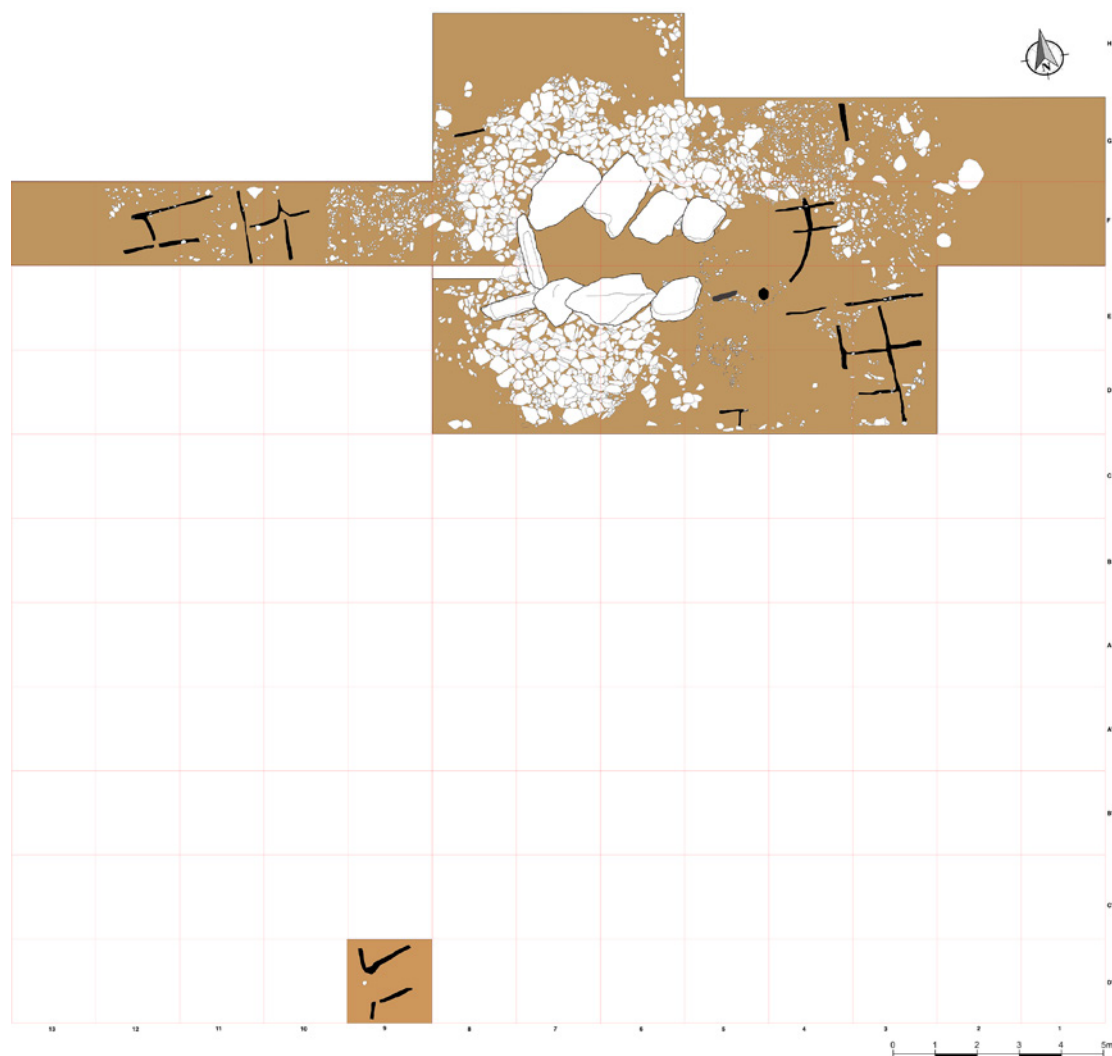


Figura 17 – Planta geral da escavação com a inclusão da escavação do quadrado D'9.

3.3. Estratigrafia

A estratigrafia observada na Orca de Forles revelou uma reduzida potência sedimentar, apresentando uma realidade que resulta, essencialmente, dos remeximentos resultantes do plantio de pinheiros no exterior e de violações modernas no interior do monumento. Efetivamente, o achado de artefactos de época moderna/contemporânea tanto no interior do monumento como na área fronteiria, muitas das vezes nos níveis mais profundos, são indiciadores dessas profundas violações. Relembre-se ainda a identificação de uma fossa de violação no centro da câmara.

Por questões metodológicas atribuíram-se números aos níveis estratigráficos de uma forma sequencial, tendo sido identificadas as seguintes camadas (**Figura 18**):

- Camada 1: Camada superficial com mais expressividade na área fronteiria ao monumento. Terras pouco compactas, de coloração castanha clara, com elementos pétreos de pequena e média dimensão e raízes, apresentando espólio de várias cronologias resultante dos remeximentos de épocas recentes.
- Camada 1a: Bolsa de terras castanhas escuras, pouco compactas com bastantes elementos pétreos de pequenas e médias dimensões. Poderá relacionar-se comos revolvimentos perpetrados no sector sul do monumento, provavelmente em época recente.
- Camada 1b: Camada que corresponde ao enchimento da câmara. Terras semelhantes à C1, de coloração castanha um pouco mais escura e com muitos elementos pétreos sobretudo de pequena dimensão e com especial concentração na passagem do corredor para a câmara. Os únicos sedimentos menos remexidos eram correspondiam ao enchimento dos alvéolos.
- Camada 1c: Enchimento do alvéolo do C1. Terras castanhas claras, pouco compactas e com poucos elementos pétreos.
- Camada 2: Nível identificado entre o empedrado e o início do corredor que preenche essencialmente algumas depressões no afloramento, muitas delas resultantes da ação da fauna. Terras castanhas amareladas, pouco compactas e com alguns elementos pétreos de reduzido tamanho.
- Camada 3: Terras medianamente compactas, castanhas escuras, estéreis, onde assenta o contraforte.

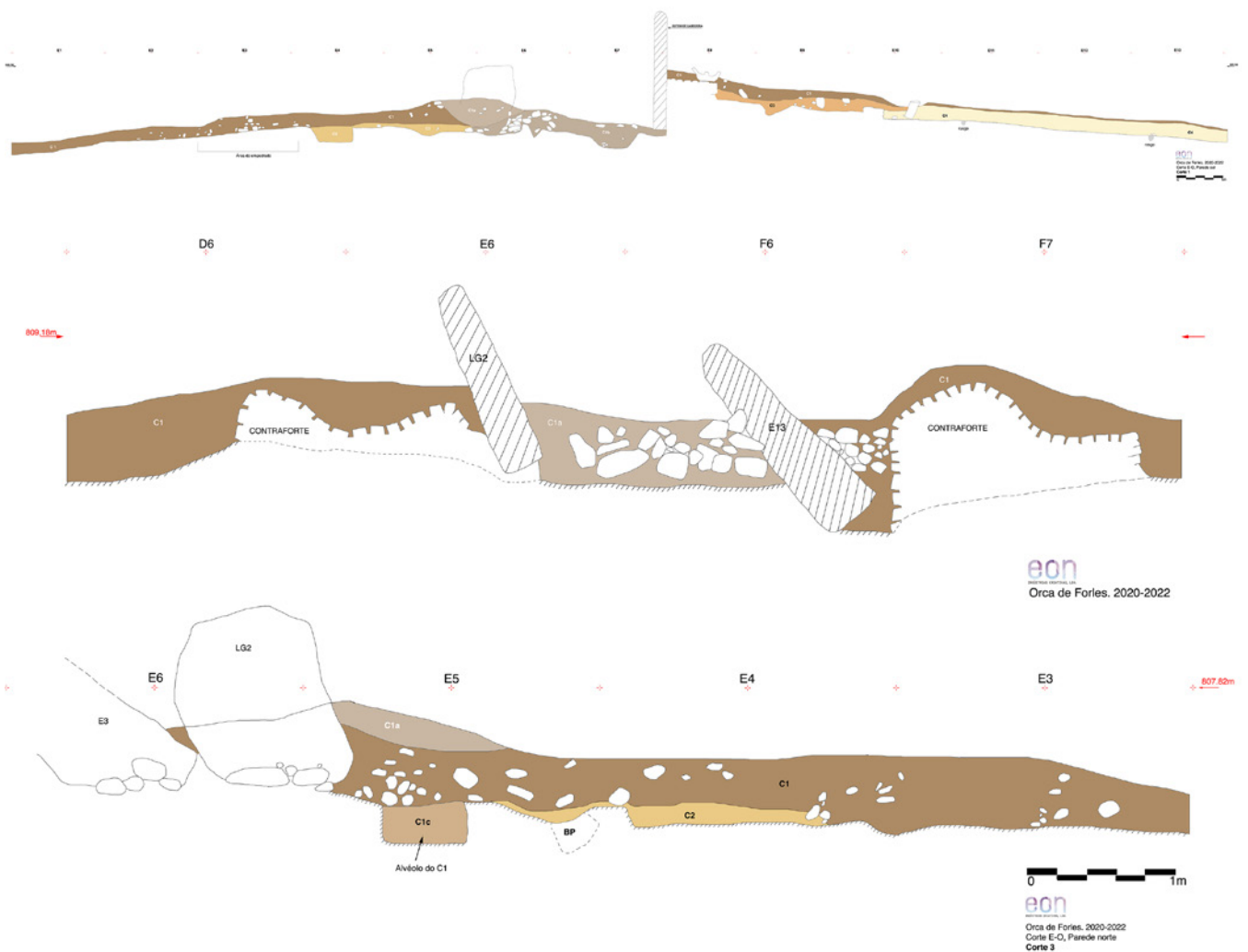


Figura 18 – Cortes 1, 2 e 3, respetivamente.

3.4. A cultura material

Os materiais arqueológicos recuperados são formados por um pequeno, mas significativo e heterogéneo conjunto artefactual que inclui peças em cerâmica de diversas épocas, pedra lascada, polida e afeioada, e fragmentos inclassificáveis de cobre ou bronze.

Os dados ora apresentados referem-se apenas aos trabalhos de campo realizados em 2020-2021. Isto é, não incorporam qualquer análise dos materiais recolhidos na década de 1990 por Cruz (2001), nem os dados analíticos obtidos sobre o material das escavações de 1896, por Leite de Vasconcelos (1897a), depositados no MNA e constantes da tese de doutoramento de Senna-Martinez (1989). Com efeito, só após a análise conjunta de todos estes dados e a realização de exercícios comparativos com outros monumentos da região, permitirá chegar a uma caracterização detalhada das suas fases de utilização e inserção no megalitismo regional, o que será realizado oportunamente.

No sentido da reconstituição da biografia do monumento, também será ensaiada posteriormente a análise da distribuição espacial e contextual destes diversos elementos de cultura material, na tentativa de se recuperar a espacialidade das diversas funções e reutilizações da Orca de Forles nos últimos seis milénios.

3.4.1. Cerâmica

Em cerâmica recuperou-se um conjunto total de 473 fragmentos, o qual, no entanto pode ser estruturado em seis categorias principais, inventariadas na **Tabela 1**, cada uma remetendo para a seis momentos distintos de presença humana no local: as duas primeiras associáveis à construção e uso funerário do monumento em época pré-histórica, e as restantes correspondendo a reutilizações de diversas naturezas do mesmo ou da sua envolvente imediata.

Tipo	Bordos	Bojos / fragmentos	Carenas	Bases	Total
Cerâmica pré-histórica	15	298	3	2	318 (67,2%)
Cerâmica campaniforme	--	5	--	--	5 (1,1%)
Cerâmica romana	5	6	--	--	11 (2,3%)
Faiança portuguesa	4	19	--	--	23 (4,9%)
Telha de meia cana	--	7	--	--	7 (1,5%)
Vasos resineiros	38 (a)	59	--	12	109 (23,0%)

(a) Inclui 3 peças com bojo e base (perfis completos).

Tabela 1 – Inventário cerâmico.

A cerâmica pré-histórica é a mais numerosa do conjunto (n=318; 67,2%), mesmo não incluindo o material campaniforme. Trata-se de peças de fabrico manual, apresentando diferentes graus de qualidade quanto ao alisamento das superfícies. As pastas são usualmente pouco compactas, por vezes friáveis, de texturas arenosas ou granulares (mais raramente xistosas), e cores que oscilam entre o castanho-escuro e o avermelhado, o que indica condições de cozedura muito distintas. A presença de espessuras também muito distintas (de 0,4 a >1 cm) deixa antever a presença de vasos de morfologias e dimensões muito variáveis. Esta variabilidade quanto a aspetos de tecnologia e tipologia será devida, em grande parte, ao facto de neste conjunto dever estar incluído material de diferentes momentos da Pré-História. E, com efeito, enquanto alguns vasos datarão seguramente de fases indetermináveis do Neolítico e Calcolítico, a presença de três fragmentos de carena e dois fragmentos de bases planas, ambos os tipos fabricados em pastas típicas das produções oleiras da Idade do Bronze (cozeduras reductoras, superfícies bem alisadas), indica sem margem para dúvidas o prolongamento tardio da utilização pré-histórica deste monumento.

Conquanto seja efetivamente cerâmica pré-histórica, achou-se pertinente para efeitos analíticos apartar um pequeno conjunto de cinco fragmentos de bojo de cerâmica campaniforme

recuperados nas escavações de 2020-2021, provenientes de F13, F6.C2, E7, F5.C1 e E4. Como se pode observar na foto da **Figura 19**, que ilustra três desses fragmentos, trata-se de uma produção muito homogénea sob todos os pontos de análise: pequena espessura ($\approx 0,3$ cm), que é muito constante, pastas compactas, finas e muito depuradas – os elementos não plásticos, de muito pequenas dimensões, parecem integrar desengordurantes calcários, o que remete para uma importação – de cores homogeneamente alaranjadas. Não foi possível recolher porções de bordos, mas dois dos bojos apresentam a característica curvatura da pança dos recipientes, o que aponta efetivamente para peças campaniformes. Porém, o elemento decisivo neste sentido é a típica decoração a pontilhado organizada em bandas.

Tudo indica assim tratar-se de fragmentos de um mesmo recipiente, o qual, portanto, se integra no grupo campaniforme marítimo ou internacional. A confirmar indiretamente esta conclusão, está o achado de fragmento de bordo por D. Cruz (2001: fig. 56, n.º 5) que, por ser semelhante em todos os aspetos, deve pertencer ao mesmo vaso a que se reportam estes fragmentos de bojo. A relativa escassez de manifestações campaniformes na região da Beira Alta faz da Orca de Forles mais um importante ponto no mapa na distribuição regional deste complexo.



Figura 19 – Amostra de cerâmica campaniforme decorada com bandas paralelas obtidas por pontilhado diagonal, de estilo marítimo ou internacional (provenientes respetivamente dos quadrados F6.C2, E7 e E4).

3.4.2. Pedra polida e afeiçoada

A pedra afeiçoada está representada por dois percutores sobre seixo, ambos fraturados pela metade: um de quartzito (F8.C1), também lascado na extremidade útil, e outro de xisto (G6.C1). Nesta categoria há a registar ainda um fragmento de seixo (F6), no que parece ser uma rocha anfibólica, sem sinais claros de utilização, pelo que deverá ser classificado como um manuporte.

A pedra polida, por seu lado, está representada por um machado fabricado em rocha anfibólica e por um pequeno fragmento de gume de peça similar. O machado (D4) encontra-se completo e mostra polimento integral (**Figura 20**). Mede 11,99 cm de comprimento, 6,46 cm de largura máxima (no gume) e 2,97 cm de espessura na região mesial, e pesa 231 g. Em termos de morfologia, apresenta secção transversal retangular e destaca-se por apresentar o gume esvasado, o que evoca os modelos metálicos da Idade do Bronze. Esta dedução, conquanto frágil do ponto de vista da sua sustentação empírica, encontra no entanto paralelo noutros monumentos da região, pelo que será desenvolvida no estudo de conjunto dos dados obtidos neste monumento a realizar futuramente. Por seu lado, o referido fragmento (F3.C1) é uma pequena lasca de gume de machado ou enxó, com 3,2 cm de largura enquanto medida máxima, provavelmente um resíduo resultante do próprio uso do utensílio original no local.



Figura 20 – Machado de pedra polida exumado no átrio.

Ainda nesta categoria, exumaram-se três elementos em granito. Um, muito fragmentado, parece estar reduzido ao rebordo de um movente de mó manual (F5.C1). O segundo, completo, consiste num bloco achatado, de bordos arredondados, com uma superfície polida (previamente picotada?) e perfeitamente aplanada. Foi encontrado sobre o afloramento rochoso, em E5. Poderá ser um dormente de mó ou uma bigorna pouco usada, mas a sua face aplanada sugere igualmente poder ter sido uma “almofada”, de que há registo em diversos funerários pré-históricos não só na Beira Alta como também na Estremadura e Alentejo. O terceiro elemento refere-se a um dormente de mó manual fragmentado, em granito, interpretado como uma paleta, possuindo vestígios de pigmentos vermelhos na sua face polida (Figura 21). Apresenta 0,34 m de largura máxima conservada e 0,04 m de espessura máxima conservada. Foi reaproveitado na couraça pétreia, identificado por detrás do primeiro esteio do corredor do lado norte (E. 13).



Figura 21 – Paleta em granito.

3.4.2. Pedra lascada

O conjunto de pedra lascada, muito mais numeroso, encontra-se inventariado na **Tabela 2** de acordo com as matérias-primas utilizadas e as principais categorias tecnotipológicas.

Tipo	Sílex	Quartzo	Cristal de rocha	Xisto	Total
Núcleos	--	1	2	--	3
Lascas	2	5	--	15	22
Lâminas	3	--	--	--	3
Geométricos	1	--	--	--	1
Pontas de seta	12	2	--	--	14
Totais	18	8	2	15	43

Tabela 2 – Inventário da pedra lascada.

A componente mais numerosa é, como se pode ver, a das lascas. Porém, há que salientar uma diferenciação: as lascas de xisto parecem poder corresponder, pelo menos em parte, à obtenção de discos regulares pois resultam de talhe bifacial centrípeto. Uma interpretação verosímil para estes raros artefactos, mas não de todo desconhecidos, é a de se tratarem de tampas de recipientes cerâmicos pré-históricos – aliás, uma interpretação também avançada por Vasconcelos (1897a) para discos em pedra que o mesmo encontrara nas escavações da vizinha Orca do Tanque.

Os três núcleos apresentam dois, morfologia prismática obtida através de prismas de cristal de rocha e o terceiro é de tipo bipolar, em quartzo; portanto, em ambos os casos, rochas disponíveis na geologia da região.

No que respeita aos utensílios formais, o único geométrico encontrado é um trapézio simétrico de base menor retocada, fabricado sobre lamela de sílex. Por seu lado, o conjunto das pontas de seta (**Figura 22**), num número total de 14 exemplares, é formado maioritariamente por peças em sílex (n=12; 85,7%), rocha não regional, com base reta (n=9; 64,3%). Deve assinalar-se que três das peças em sílex apresentam os bordos serrilhados, um acabamento que parece ser pouco usual no megalitismo da Beira Alta.



Figura 22 – Orca de Forles. Pontas de seta.

3.5. As manifestações de arte

O presente contributo acerca dos vestígios de gravuras e pinturas rupestres identificados na Orca de Forles reveste-se de um cariz preliminar e iminentemente informativo. Cumpre, assim, ressaltar que os registos e considerações que sobre eles faremos, não resultam de um estudo monográfico, programado e circunstanciado que, idealmente, deveria ser realizado num futuro próximo. A excecionalidade e interesse científico dos achados justificou as ações de documentação que, pese embora o seu carácter apriorístico, permitiram alterar substancialmente o que se conhecia sobre a presença de arte pré-histórica neste dólmen.

A intervenção sobre as manifestações de arte, inicialmente prevista apenas para a aferição da presença/ausência de pintura no esteio de cabeceira da câmara dolménica, teve início na sequência da descoberta de um conjunto de gravuras na superfície superior da laje de cobertura do monumento após limpeza da flora líquénica que a recobria. De igual modo, a ação de remoção de líquenes no esteio de cabeceira da câmara do dólmen desvelou a presença de múltiplos vestígios de pintura a vermelho dispersos por toda a superfície, tendo-se realizado o levantamento fotográfico da superfície do esteio para posterior processamento das imagens digitais e registo gráfico da pintura, em gabinete.

Ao longo de mais de um século, e pese embora a dinâmica da investigação sobre Megalitismo desde a década de 1970 aos alvares do novo milénio, manteve-se inalterado o conhecimento em torno da presença de pintura da Orca de Forles dada à estampa por J. Leite de Vasconcelos: *“De la peinture qui se trouvait dans ce dolmen, je ne peux présenter ici que cette ébauche grossière, fait par un de mes ouvriers; elle est plus ou moins cruciforme.”* (1907: 35 e estampa II-G). Esta informação, obtida certamente aquando da sua intervenção em Setembro de 1896 (Vasconcelos, 1987: 109) e o esboço do motivo publicado foi, até à data dos levantamentos realizados no âmbito do presente projeto, sucessiva e reiteradamente reproduzido nos diversos trabalhos de síntese publicados sobre arte megalítica em Portugal, conforme suprarreferido. Isto independentemente do facto de se manter como um motivo algo singular adentro do repertório iconográfico da arte megalítica comumente aceite pelos especialistas.

Nem mesmo no decurso do trabalho de campo preparatório da sua obra seminal, Elizabeth Shee-Twohig (1981) teve oportunidade de proceder a uma observação cuidada da superfície que lhe permitisse corroborar ou infirmar a presença do motivo publicado. Afirma, no entanto, que são visíveis vestígios de pintura, mas sem motivos identificáveis. Menciona ainda que a laje de cobertura se encontra coberta de concavidades circulares, sem que possa discernir se são de origem natural ou antrópica.

A realidade é que, quer a laje de cobertura do monumento, quer o esteio de cabeceira se mantiveram, ao longo de muitas décadas, recobertos por uma espessa camada líquénica que impediam a boa visualização da superfície rochosa. O aspeto decisivo para a alteração do *status quo* foi, indubitavelmente, a sua cuidada remoção, com metodologias e técnicas adequadas ao contexto específico.

3.5.1. As pinturas da laje de cabeceira

A observação da superfície permitiu à equipa no terreno reconhecer a presença de vestígios de pintura dispersas por praticamente toda a face interna do esteio, constituídas por pequenas manchas, algumas >4 cm², mas a maioria <1 cm². Identificou-se ainda, no quadrante inferior direito, bordejando o limite do bloco, o esboço de uma forma triangular e vestígios de uma segunda que, atendendo ao repertório figurativo da arte megalítica do ‘grupo de Viseu’ tal como definido pela autora acima citada (Shee-Twohig 1981), poderiam corresponder a formas constituintes do designado ‘motivo em dentes de serra’ (*“saw-tooth motif”*). Pese embora se tenha verificado que no centro do esteio haja uma concentração de pigmento conservado, não se vislumbrou qualquer forma similar à figura cruciforme que Vasconcelos publicara.

Só um projeto futuro exclusivamente dedicado ao estudo da arte permitirá obter uma documentação rigorosa.

Porém, o registo digital preliminar levado a cabo na Orca de Forles permitiu-nos reconhecer o esboço de uma linha de triângulos dispostos na vertical junto ao limite inferior direito do esteio e o que parece ser um outro do lado oposto (**Figura 23**). Conforme sugerimos, poder-se-á tratar de

um motivo em dente de serra que tipifica a arte megalítica do ‘grupo de Viseu’, na medida em que, das 14 ocorrências identificadas por Shee-Twohig (1981: 24-26), 13 se encontram associadas a este grupo/região, destacando-se, entre estes, Antelas, Pedralta, Tanque, Juncais, Carapito e Fontão.

Independentemente do seu cariz apriorístico, esta leitura permitiu confirmar a presença de pintura consentânea com os cânones da arte megalítica regional, e, simultaneamente, refutar a existência, no esteio de cabeceira, do motivo cruciforme publicado por Leite Vasconcelos, renovando, assim, o interesse científico sobre a arte megalítica da Orca de Forles.



Figura 23 – Registo preliminar das pinturas do esteio de cabeceira após processamento digital da imagem com saturação de vermelhos e densificação de formas identificáveis (registo morfológico).

3.5.2. O conjunto de gravuras

No que respeita à laje de cobertura do dólmen, a remoção da flora líquénica revelou algo absolutamente surpreendente: para além de gravuras de cronologia histórica, surge uma combinação de círculos concêntricos com covinha central associados a um longo reticulado cujo o sulco é quase impercetível. As demais incluem gravuras de época histórica – representações de tabuleiros de jogo, figuras antropomorfas, cruciformes – e concavidades subcirculares ou ovaladas cuja origem natural ou antrópica se revela difícil de aferir.

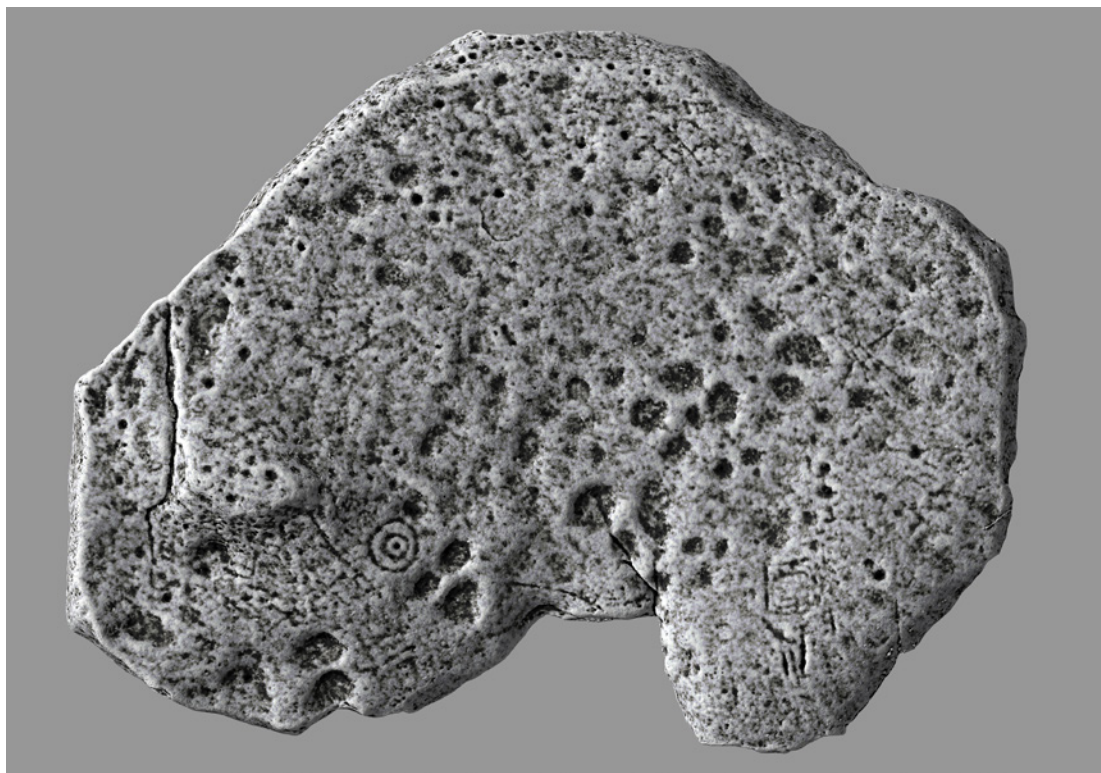


Figura 24 – Aspecto geral da superfície decorada da laje de cobertura processada a partir de modelo fotogramétrico (Imagem de Hugo Pires).

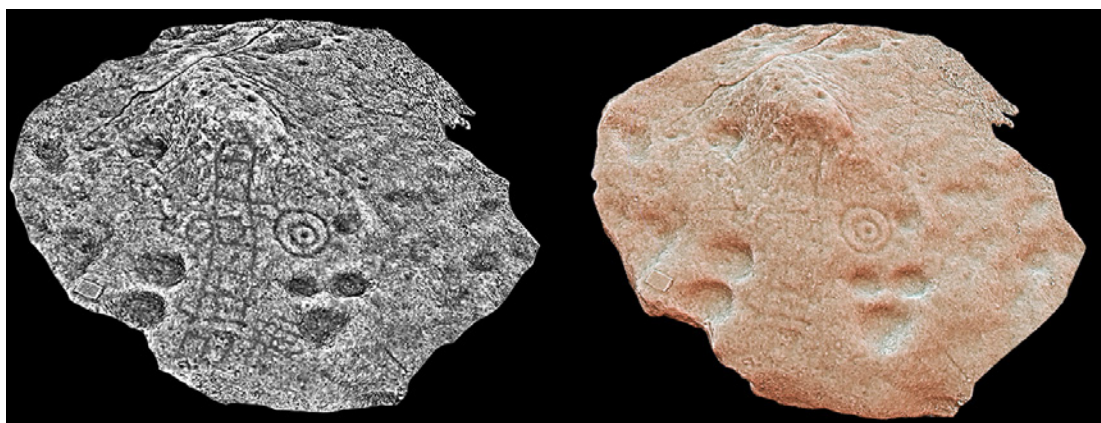


Figura 25 – Detalhe dos motivos de cronologia pré-histórica processada em Meshlab a partir de modelo fotogramétrico (imagem Lara Bacelar Alves).

A questão mais interessante que esta descoberta suscita é a de que se as gravuras de cronologia pré-histórica estariam ou não presentes no afloramento aquando da sua remoção para integrar a estrutura dolménica. Perante a possibilidade de se classificar estas gravuras adentro da tradição de Arte Atlântica peninsular, este aspeto deve ser aferido criteriosamente por poder vir a contribuir para o debate em torno do balizamento cronológico daquela tradição de arte de ar livre já que, desde 2003, se propôs recuar a sua origem ao IV milénio AC e a sua contemporaneidade com o Megalitismo, balizamento que é hoje aceite pela maioria dos estudiosos no contexto europeu (e.g. Alves, 2003; 2021). Esta revelação, a par das que se adivinham a partir do registo preliminar das pinturas no esteio de cabeceira exigem, obviamente, apreciação e discussão circunstanciadas no âmbito de um trabalho exclusivamente dedicado às manifestações artísticas da Orca de Forles que temos em preparação.

4. RECUPERAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO MONUMENTO

A Orca de Forles encontrava-se num estado de conservação crítico e inquietante pela instabilidade estrutural da câmara fúnebre e a desconjunção de todo o conjunto arquitetónico que se encontrava colapsado no interior do monumento. O motivo pintado referido por Leite Vasconcellos, presente no esteio de cabeceira encontrava-se comprometido e submisso às condições climáticas, uma vez que estava completamente a descoberto após o deslize da laje de cobertura. As causas deste colapso terão origem numa conjugação de diversos fatores, porém são sobretudo os antrópicos diretos e indiretos os mais perniciosos, não só pelas escavações que foi alvo, mas também, pelas inúmeras violações que resultaram no revolvimento do solo promovendo a instabilidade de todo o conjunto arquitetónico. A atividade agrícola e florestal na envolvente do monumento, também teve o seu impacto negativo, levando à destruição a quase totalidade, do *tumulus*.

A intervenção de conservação e restauro teve como objetivo a recuperação estática do aparelho construtivo e arquitetónico do dólmen, mas sobretudo na restituição da dignidade que este monumento tanto merece. A recuperação do espaço funerário teve em conta as necessidades definidas para a restituição física dos materiais, garantindo a estabilização do monumento e concomitantemente a proteção do esteio com pinturas face à meteorização e aos agentes de degradação a que estavam sujeitas.

4.1. Reconstituição da arquitetura dolménica

A reconstituição da arquitetura dolménica, centrou-se na reposição dos esteios no interior da câmara fúnebre e na colocação dos esteios de corredor e suas lajes de cobertura, respetivamente. A colocação e posicionamento dos esteios foram de acordo com a orientação e indicação do arqueólogo responsável, seguindo a mesma filosofia da sua construção primitiva.

Neste processo é importante referir dois aspetos relevantes que foram alvo de debate e discussão: o preenchimento de espaços vazios nas áreas de lacuna e o reposicionamento dos esteios. Os preenchimentos de espaços vazios compreenderam as áreas de lacuna de dois esteios do lado direito, junto ao esteio de cabeceira e o lado esquerdo do corredor, onde é feita a sustentação da única laje de cobertura do mesmo. Os preenchimentos foram realizados por meio de um murete de alvenaria, para sustentação das terras da mamoa e posteriormente revestido por uma argamassa de cal, levando como acabamento uma fina camada de terra peneirada, colocada a fresco, para simulação do corte, demarcando as áreas de lacuna. Esta solução para o acabamento intenta salvaguardar a ideia errónea, muitas vezes gerada pelo público, que estas reconstituições em alvenaria, presentes em muitos monumentos megalíticos, são contemporâneos da construção primitiva. Em relação ao reposicionamento dos esteios, que geralmente se apresentam inclinados para o interior, foram alvo de uma avaliação criteriosa devido à mutilação da estrutura pétreo do lado a norte e as fraturas consideráveis que apresentam, levando-nos a reconsiderar as suas inclinações originais. Não estando contemplado nenhum sistema de contenção, nem de escoramento da estrutura interna, entendeu-se que a colocação dos esteios na sua inclinação original seria inexequível. Encontrando-se o esteio E.11 fraturado e inviabilizado o seu apoio nos esteios em falta que poderiam proporcionar esta ligeira inclinação, acrescendo o facto de ser um dos pontos de assentamento da laje de cobertura, não nos permitia garantir a sua estabilidade estrutural ou condições que possibilitassem esta sustentação viável, optando-se, irremediavelmente, pela verticalização do mesmo que concomitantemente levou à verticalização dos restantes esteios da câmara. Ainda que esta tenha sido uma decisão ponderada devido aos pressupostos supramencionados, prevalecendo a garantia da estabilização estrutural do monumento, temos presentemente a consciência que esta decisão influenciou significativamente a configuração arquitetónica original do monumento. Contudo, garantimos, que qualquer ação futura que permita a reversibilidade da configuração atual e que não comprometa a estabilidade do monumento possa ser totalmente exequível, manifestando aqui o nosso sentimento de impotência para soluções ambiciosas, que surgem no decorrer de obras desta natureza que se tornam mais complexas do que é expectável.

A reconstituição parcial do *tumulus* teve como objetivo não só a restituição da leitura próxima do original do monumento, mas também a estabilização estrutural dos esteios. A recons-

tuição foi feita com terras isentas de matéria orgânica e com compactações de 50 em 50 cm, considerando-se como limite máximo o topo do murete do corredor.

4.2. Conservação e restauro das estruturas pétreas

Os trabalhos de conservação e restauro das estruturas pétreas incidiram em duas ações: limpeza da superfície dos esteios e colagens de fragmentos.

A limpeza é um dos passos mais decisivos e cuidadosos de todos os tratamentos, por ser um processo irreversível. No caso, foi apenas feita uma limpeza superficial em todos os esteios para remoção de terras e sujidades de fraca aderência, porém foi necessária uma ação mais incisiva no esteio de cabeceira (E7) para que permitisse a identificação e auxiliasse nos trabalhos de registo e documentação da pintura pré-histórica, até então impercetível devido à imensa colonização biológica presente. Esta tarefa extremamente minuciosa e delicada, foi deveras surpreendente porque revelou novos vestígios de pinturas em grande parte da superfície pétre, permitindo entender que grande parte do esteio teria tido pinturas. Porém, apesar desta boa nova, as pinturas estão bastante deterioradas, sendo muito difícil a perçetibilidade das formas ou de motivos figurativos a olho nu.

As colagens foram realizadas nos esteios E.5, E.6 e E.11 sendo necessário a implementação de reforços estruturais, recorrendo à introdução de espigões em aço no interior dos suportes pétreos, não só pela dimensão dos fragmentos, mas também pela espessura que possuíam, garantindo uma maior estabilidade face às forças gravitacionais, mas também face à pressão exercida com a colocação da laje de cobertura.



Figura 26 – Evolução das diferentes fases da reconstituição da câmara fúnebre: a) após a remoção da laje de cobertura ainda com os esteios colapsados; b) início da recolocação dos esteios do lado a sul; c) vista geral da câmara com os esteios recolocados e preenchimentos das áreas de lacuna; d) vista geral da câmara reconstituída.



Figura 27 – Vista geral do monumento – alçado a norte. Evidencia-se a dimensão da fratura do E.11 que inviabilizou a sua inclinação e reposicionamento original.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos arqueológicos, de restauro e valorização desenvolvidos entre 2020 e 2022 na Orca de Forles permitiram, por um lado, a obtenção de dados muito importantes para o conhecimento do Megalitismo regional e por outro, torná-lo visitável por diversos públicos, tendo, desta forma, sido atingidos os objetivos propostos com esta ação.

Pese embora o estado de acentuada destruição e de ruína deste monumento, foi possível a sua caracterização arquitetónica e compreender o seu ambiente cronocultural.

Desta forma, podemos definir a Orca de Forles como um dólmen de câmara poligonal alargada de nove esteios e corredor curto com dois esteios de cada lado, envolvido primitivamente por um *tumulus* de planta tendencialmente ovalada com 12 x 11 m. A estrutura ortostática era contida por um possante contraforte constituído de pedras de média e grande dimensão, em granito.

A área fronteira ao corredor preservava ténues vestígios de estruturas relacionadas com processos culturais que aqui se efetuaram em diversas fases da vida do monumento. De facto, os vestígios preservados permitem afirmar com alguma certeza que o corredor abria diretamente para um espaço aberto, ou seja, um átrio, não existindo, assim, um corredor intratumular. Esta é uma situação pouco comum, mas já identificada em outros monumentos megalíticos da região: p. ex. Arquinha da Moura, Tondela (Cunha, 1995), Anta do Penedo do Com, Penalva do Castelo (Perpétuo, 2021: 148), e Dólmen de Areita, S. João da Pesqueira (Gomes *et alii*, 1998).

A identificação de um lastro de pequenas pedras em quartzo que cobriam e se misturavam com o substrato rochoso distanciado 1,70 m do início do corredor, que denominámos como empedrado, poderia, à primeira vista, ser interpretado como uma estrutura de selagem do átrio. Contudo, se assim fosse, cobriria, igualmente, a parte mais próxima do corredor. A semelhança desta estrutura com uma recentemente escavada por nós na Orca do Tanque, leva-nos a colocar a hipótese de se tratar de uma espécie de pavimento empedrado. Estas superfícies ou “plataformas” empedradas foram igualmente identificadas em monumentos com forte (e talvez únicas) ocupações calcolíticas, como é o caso dos átrios do Dólmen de S. Pedro Dias, Poiães (Senna-Martinez, 1989: 24-25) e do Dólmen 1 de Moinhos de Vento, Arganil (Senna-Martinez, 1989: 30-31).

Outro dado que nos parece importante foi o facto de não ter sido identificado qualquer vestígio de uma estrutura de selagem do átrio, mesmo tendo-se observado que a área do átrio estava bastante truncada dos sedimentos mais superficiais pela ação das máquinas. Mais uma vez recorrendo ao paralelo geográfica e morfologicamente mais próximo, a Orca do Tanque, mas também a outros monumentos com estruturas de selagem bem conservadas – como por exemplo nos monumentos de Senhora do Monte e Lameira de Cima 1 e 2, em Penedono (Carvalho, 2005; Gomes, 1995) – podemos afirmar com alguma segurança que estas estruturas se diferenciam bem, pois são geralmente compostas por pedras de pequena dimensão, quase que um cascalho, misturadas com terras orgânicas. Provavelmente relacionada com estes rituais estaria a estrutura de combustão que se localizava mais a este, no eixo do monumento.

Verdadeiramente excepcional e algo inédito foi a identificação de um extenso conjunto de rasgos abertos no substrato de base que forma uma malha ortogonal de quadrados de um metro de lado. Os paralelos mais próximos que temos até ao momento são os rasgos identificados na Mamoa 12 da necrópole megalítica da Serra de Campelos, em Lousada, interpretados como resultado da ação de terraplanagem feita por maquinaria (Lemos *et alii*, 2008/09: 16). A observação, tanto da planta como das fotografias desta intervenção, levam-nos a considerar estes rasgos como semelhantes aos da Orca de Forles. De facto, a regularidade da planta (quadriláteros de um metro de lado) e das profundidades (0,11-0,36 m), é em tudo semelhante aos da Orca de Forles.

Um outro paralelo, embora menos evidente, são as estruturas identificadas no sítio de *habitat* do Barrocal Tenreiro, em Vila Nova de Foz Côa, datado por radiocarbono de meados do III milénio a.C. (Carvalho, 2003). Estes apresentavam uma distribuição espacial recorrente, na qual as mais estreitas apresentavam uma orientação NW-SE e as mais largas uma orientação N-S ou E-W; quando associadas configuravam NN (em H13) ou NN quebrados (em E13 e G15). Foram igualmente identificados pequenos buracos de poste junto a estes rasgos interpretados como o “propósito de conferir mais estabilidade às estruturas de madeira” originais (Carvalho, 2003: 152). A interpretação provisória, apoiada em análises de composição dos sedimentos que preenchem estas estruturas, é a de que poderiam corresponder às fundações de estruturas aéreas de tipo celeiros, em madeira (Carvalho, 2003: 160).

Os rasgos identificados na Orca de Forles compõem uma malha de quadrados de um metro de lado que se encontrava coberta pelo *tumulus* e pelo empedrado do átrio, sendo, por isso clara a sua anterioridade em relação ao dólmen neolítico. Esta observação estratigráfica indica que se tratam, neste caso, de estruturas mais antigas que as observadas no Barrocal Tenreiro. Por outro lado, não podemos esquecer que na área próxima ao corredor foi identificada uma linha semicircular que partia ou terminava numa estrutura negativa onde estaria um pilar ou menir. Infelizmente, é precisamente a área sul do corredor aquela que se apresentava mais destruída, sem os esteios e com o contraforte muito destruído. Para já, e atendendo à falta de paralelos, apenas podemos referir que se trata do vestígio de uma estrutura anterior à construção do dólmen, mas muito provavelmente relacionada com algum tipo de procedimento, ritual ou não, preparatório à sua construção, uma vez que a sua planta e a inexistência de espólio associado colocam de lado a hipótese de serem vestígios de um habitat. Efetivamente, a malha parece ser uma estrutura pensada para a orientação do monumento, sobretudo se atendermos ao facto do esteio de cabeceira estar perfeitamente orientado com esta, ao contrário do corredor que está 10° mais para oeste.

Do pacote artefactual exumado ressaltam, pelo que representam, o fragmento de paleta pintada em granito e o machado de pedra polida. A primeira foi exumada fraturada pela parte mesial, encontrando-se depositada atrás dos esteios do corredor do lado norte, no meio das pedras da couraça, num claro propósito de reaproveitamento desta peça no processo reconstrutivo. O reaproveitamento deste tipo de peça no *tumulus* foi também verificado, por exemplo, na Mamoa 1 do Taco, em Albergaria-a-Velha, onde uma mó/paleta pintada se encontrava integrada quase na base das terras argilosas que constituíam a mamoa (Carvalho, 2016, 2017).

Por sua vez, o machado encontrava-se encastrado no afloramento de base sob o pavimento empedrado. A sua morfologia lembra, como já foi referido, os modelos metálicos da Idade do Bronze. Ora, este é um aspeto que nos leva a considerar a hipótese desta peça ter sido aqui depositada numa fase tardia do uso do sepulcro, provavelmente já na Idade do Bronze, o que

estaria em consonância com a tipologia da arte pré-histórica (na hipótese de esta poder datar desta época) e do considerável do espólio cerâmico, bem conservado, recolhido por Leite de Vasconcelos (p. ex., os vasos carenados e troncocónicos).

Um elemento material indiciador de uma reutilização calcolítica ou de uma utilização em continuidade, é a cerâmica campaniforme. Embora este seja um tema a explorar com profundidade em trabalho monográfico, gostaríamos apenas de salientar o fato de este fenómeno se encontrar presente sobretudo em alguns dólmenes de corredor, conquanto seja de sublinhar a sua presença em *tumulus* com estruturas de tipo cista como em Rapadouro 3, Vila Nova de Paiva e Rapadouro 1, um *tumulus* com uma complexa estrutura central, na mesma necrópole onde surgiu um extraordinário vaso com decoração geométrica (Cruz, 2001). Há que tentar perceber por que motivo as populações campaniformes optam por fazer os seus depósitos maioritariamente em monumentos neolíticos em detrimento de construírem os seus próprios sepulcros.

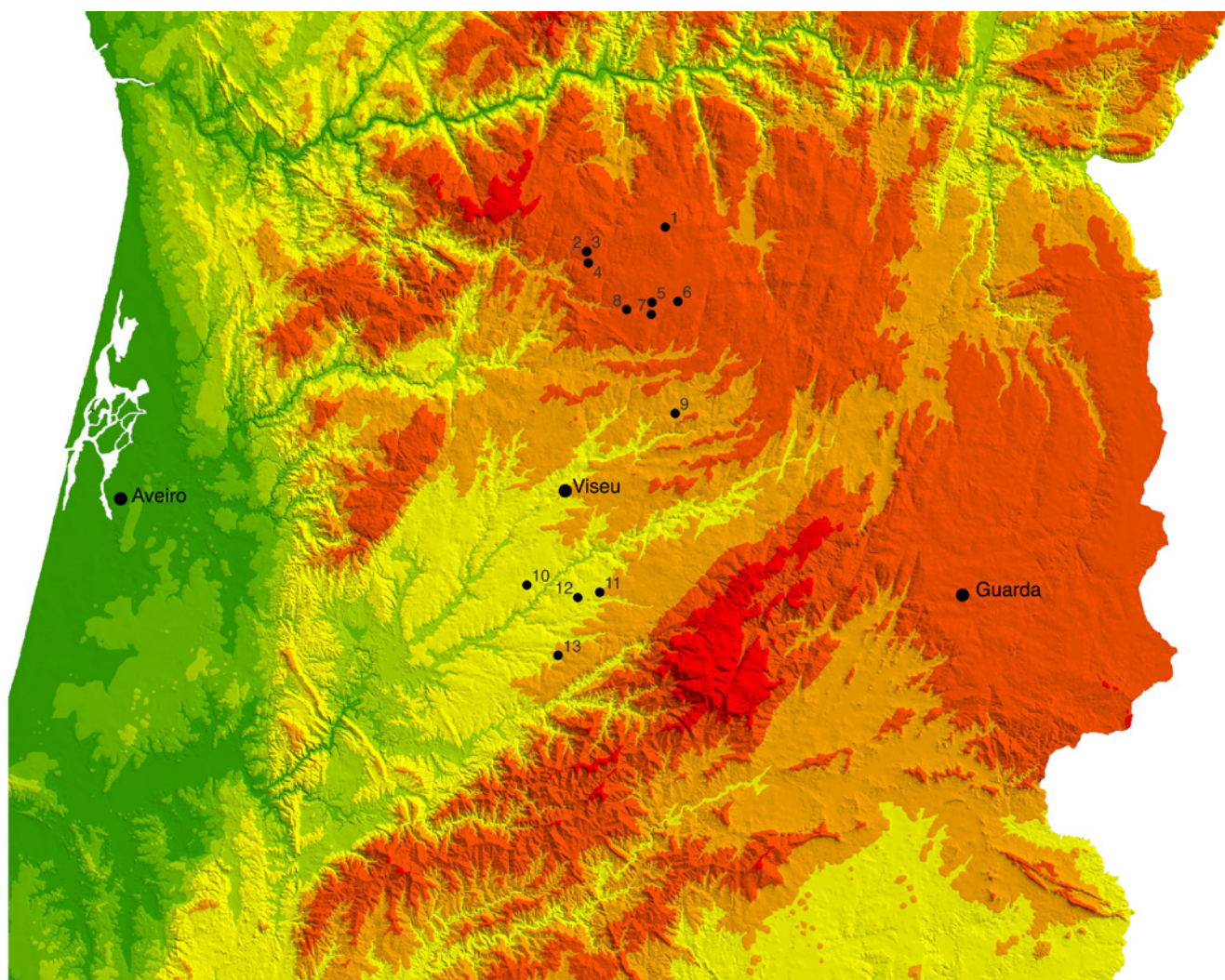


Figura 28 – Distribuição dos monumentos funerários com cerâmica campaniforme no Centro de Portugal 1. Orca das Seixas; 2. Rapadouro 1; 3. Rapadouro 3; 4. Orca de Pendilhe; 5. Orca de Porto Lamoso; 6. Orca de Forles, 7. Orca do Tanque; 8. Orca das Castonairas; 9. Anta do Penedo do Com; 10. Orca do Outeiro do Rato; 11. Orca da Sobreda; 12. Arcainha do Seixo da Beira; 13. Anta do Pinhal dos Abraços.

Em suma, os dados disponíveis e os seus paralelos regionais permitem inferir que a Orca de Forles terá sido edificada nos finais do Neolítico, tendo sido alvo de pelo menos uma reestruturação nos finais do Calcolítico/Inícios da Idade do Bronze. A grande questão é saber se o monumento passou por alguma interrupção no seu uso como sepulcro, ou se, pelo contrário, foi conti-

nuamente usado e alvo de alterações estruturais. Tudo aponta para a segunda hipótese, que está em conformidade com um conjunto cada vez maior de monumentos onde isto se tem verificado. A título de exemplo, podemos referir a Anta da Arquinha da Moura, em Tondela (Cunha, 1995) ou a Orca das Castenairas, em Vila Nova de Paiva (Cruz, 2001).

Vejamos então quais as observações que nos levam a optar por aquela hipótese. A primeira, e mais evidente, prende-se com a orientação do dólmen. Se observarmos com atenção a planta do monumento, podemos reparar que o esteio de cabeceira, que estava *in situ* e encontra orientado a 90° N (N.NE.), orientação bastante diferente da do corredor, que apresentava 100° N (E.), levando-nos a considerar a forte hipótese de o corredor ter sido um acrescento posterior ou ter sido reorientado. A segunda refere-se à reutilização da paleta na carapaça pétreia, junto ao lado externo do corredor, e por último a ausência de uma estrutura de selagem do átrio. Torna-se, assim, evidente que terão sido feitas obras ou ações no monumento no final do Calcolítico ou inícios da Idade do Bronze, altura em que muito provavelmente terá sido colocado o empedrado do átrio. A constatação de diferentes fases construtivas em monumentos megalíticos é cada vez mais clara e frequente, se bem que já referida e assumida por muitos autores desde os anos de 1980 (Delibes e Santonja, 1986: 159-160; Tejedor, 2014: 77-79).

Estas ações construtivas, ou remodelações de monumentos, não nos parecem poder ser consideradas como um processo de monumentalização equivalente àquele notado, por exemplo, no Dólmen de Dombate, na Galiza (Bello Diéguez, 1994), ou na Anta da Portela de Anta, em Arouca (Silva, 1986, 1993), casos em que, sobre um monumento mais antigo, se constrói um novo monumento. Existe nestes casos uma espécie de *damnatio memoriae* que oblitera e esconde por completo o monumento mais antigo. Pelo contrário, nos processos de remodelações construtivas, como o observado na Orca de Forles, há uma reorganização dos espaços que poderá refletir ou corresponder a novas ideologias ou a outras práticas funerárias que as comunidades calcolíticas ou da Idade do Bronze trouxeram.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Lara Bacelar (2021) – On Identity and Otherness. Reshaping the dynamics of Late Prehistoric rock art traditions on northern Portugal, in Lopes, S.S., Gomes, S. A. (eds), *Between the 3rd and the 2nd millennia BC: Exploring Cultural Diversity and Change in Late Prehistoric Communities*. Oxford: ArchaeoPress: 49-65.

BELLO, José Maria (1994) – Grabados, pinturas e dolos em Dombate (Cabañas, Coruña). Grupo de Viseu o grupo noroccidental? Aspectos taxonómicos y cronológicos”, *Actas do Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal, Estudos Pré-históricos*, 2, pp. 287-305.

BREUIL, Henri (1933) – *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*. 1. Au nord du Tage. Lagny: Fondation Singer-Polignac.

BUENO, Primitiva; BARROSO, ROSA; BALBÍN, Rodrigo de (2005) – El dolmen de Azután (Toledo). Áreas de habitación y áreas funerarias en la cuenca interior del Tajo. UAH Monografías, n. 02. Universidad de Alcalá de Henares Diputación de Toledo. Alcalá De Henares.

CARVALHO, António Faustino (2003) – O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996-2000), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, nº 2, pp. 229-273.

CARVALHO, Pedro Sobral de (2005) – A necrópole megalítica da Senhora do Monte. Um espaço sagrado da Beira Alta, *Estudos Pré-históricos*, vol. 12, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, Viseu.

CARVALHO, Pedro Sobral de (2016) – *Taco a Taco. A história de dois monumentos (Albergaria-a-Velha)*, Câmara Municipal de Albergaria a Velha.

CARVALHO, Pedro Sobral de (2017) – Tumulações da Pré-história Recente do Centro / Norte Litoral: o caso das Mamoas do Taco (Albergaria-a-Velha), in *Atas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Arqueologia em Portugal. Estado da Questão*, Lisboa, pp. 505-517.

CARVALHO, Pedro Sobral de (2021) – Quando a arqueologia faz sentido. MEG, Rota de Megalitismo de Viseu Dão Lafões e Sever do Vouga, in Carvalho, A.F. (ed.), *Encontro de arqueologia do megalitismo de Viseu Dão Lafões. Investigação, conservação, valorização*. Viseu: Comunidade Intermunicipal Viseu Dão Lafões (Beira Alta; LXXX: 1-2), pp. 275-293.

- CRUZ, Domingos Jesus da (2001) – *O Alto Paiva: Megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História recente*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação de Doutoramento; policopiada).
- DELIBES DE CASTRO, Germán; SANTOJA, Manuel (1986) – *El fenómeno megalítico en la provincia de Salamanca*. Diputación de Salamanca. Salamanca.
- CUNHA, Ana Maria C. Leite da (1995) – Anta da Arquinha da Moura (Tondela), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (3), Porto, SPAE, (Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto, 12-18 de Outubro de 1993), pp. 133-140.
- DELIBES DE CASTRO, Germán; ROJO, Manuel A. (2002). Reflexiones sobre el trasfondo cultural del polimorfismo megalítico en La Lora burgalesa, *Archivo Español de Arqueología*, 75 (185-186), pp. 21-35.
- DEVIGNES, Marc (1993) – Contribution a l'étude de l'art mégalithique peint ibérique. 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. I. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*; 33:1-2), pp. 69-92.
- FERREIRA, António Brum (1978) – *Planaltos e montanhas do norte da Beira. Estudo de geomorfologia*. Lisboa: Universidade de Lisboa (Memórias do Centro de Estudos Geográficos; 4).
- GOMES, Luís Filipe Coutinho (1995) – A necrópole megalítica da Lameira de Cima (Penedono, Viseu), *Estudos Pré-históricos*, vol. 4, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, Viseu.
- GOMES, Luís Filipe C.; CARVALHO, Pedro M. Sobral de; PERPÉTUO, João M. André; MARRAFA, Carmo (1998) – O dólmen de Areita (S. João da Pesqueira). *Estudos Pré-históricos*, vol. 6, Centro de estudos Pré-históricos da Beira Alta, Viseu, pp. 33-93.
- JORGE, Vítor Oliveira (1989) – Sobre os monumentos megalíticos das Beiras, *Atas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Coleção Ser e Estar, nº 2, Governo Civil do Distrito de Viseu, pp. 29-36.
- LEISNER, Vera (1998) – *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Die Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEMOS, Paulo; LEITE, Joana; NUNES, Manuel (2007) – Estudo e valorização da Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos (Lustosa, Lousada) (Lustosa, Lousada), *Oppidum*, ano 2, nº 3, pp. 11-38.
- LEMOS, Paulo; LEITE, Joana; NUNES, Manuel; GONÇALVES, Carlos (2008-2009) – Centro Arqueoambiental da Serra dos Campelos (Lustosa, Lousada): resultados preliminares das intervenções arqueológicas nas Mamoas 12 e 13 da Necrópole Megalítica, *Oppidum*, ano 4, nº 3, pp. 11-30.
- MARQUES, Jorge Adolfo de Meneses (2020) – Sepulturas escavadas no concelho de Sátão, *Beira Alta, Revista de estudos da região*, LXXVII, pp. 37-77.
- MARQUES, Jorge Adolfo de Meneses (2022) – *Sátão. Património Arqueológico*, Câmara Municipal de Sátão.
- MOITA, Irisalva Nóbrega (1966) – Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta. *Ethnos*. V, pp. 189-297.
- PEDRO, Ivone; VAZ, João Luís Inês; ADOLFO, Jorge (1994) – Roteiro arqueológico da Região de Turismo Dão Lafões. Viseu.
- PERPÉTUO, João Miguel André Monteiro (2021) – *A Anta do Penedo do Com (Penalva do castelo, Viseu). Reflexões sobre os dólmenes do Douro interior frente aos resultados da escavação*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiada.
- RIBEIRO, Orlando (1991) – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. 6.ª edição. Lisboa: Sá da Costa (Nova Universidade; 13).
- ROCHA, Leonor (2014) – A Anta dos Pardais 4 (cabeção, Mora), Novos dados arqueológicos sobre o megalitismo de Mora. In S. Melro, S. Correia, *Atas do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste peninsular*. Câmara Municipal de Serpa: 35-45.
- ROJO, Manuel; PENA, Rafael Garrido; TEJEDOR, Cristina; ALT, Kurt W. (2015) – El tiempo y los ritos de los antepasados: La Mina y el Alto del Reinoso, novedades sobre el megalitismo en la Cuenca del Duero. *ARPI*, 03 Extra. Homenaje a Rodrigo Balbín Behrmann; Área de Prehistoria (UAH), pp. 133-147.
- SANTOS, André Tomás; CRUZ, Domingos Jesus da; BARBOSA, Fernando (2017) – Gravuras e pinturas em dólmenes. O “Grupo de Viseu” de E. Shee (1981) trinta anos depois. In CRUZ, D. J., ed. – *A Pré-História e a Proto-História no centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (*Estudos Pré-Históricos*; XVII), pp. 25-57.
- SENNA-MARTINEZ, João Carlos (1989) – *Pré-História recente da Bacia do Médio e Alto Mondego. Algumas contribuições para um modelo sociocultural*, 3 vols. Lisboa: Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento, policopiada).

- SHEE-TWOHIG, Elisabeth (1981) – *The megalithic art of Western Europe*. Oxford: Clarendon Press.
- SILVA, Ana Maria (1995) – Os restos humanos exumados da Anta da Arquinha da Moura (Tondela, Viseu), *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, CEPBA, pp. 83-87.141-150.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da; SILVA, Celso Tavares da; LOPES, António Batista (1984) – Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu). Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão. Porto: Centro de Estudos Humanísticos (*Lucerna*), pp. 73-95.
- SILVA, Fernando A. Pereira da (1986) – Dólmen 1 da mamoa da Portela da Anta – Serra da Freita, *Informação Arqueológica*, 7, Lisboa: 8-13.
- SILVA, Fernando Augusto Pereira da (1993) – Megalitismo e tradição megalítica no centro-norte litoral de Portugal: breve ponto da situação, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, [Atas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. I], vol. XXXIII (fasc. 1-2): 93-130.
- SOUSA, A. M de (1991) – *Terras do concelho do Sátão. Documentos para a História de Sátão*, IV. Sátão: Câmara Municipal de Sátão.
- TEJEDOR RODRÍGUEZ, C. (2014) – Reconstruyendo 'biografias megalíticas': algunos ejemplos de alteraciones estructurales en monumentos megalíticos del valle del Duero/Douro. En J. Honrado Castro, M. A. BrezmesEscribano, A. Tejeiro Pizarro y O. RodríguezMonterrubio (eds.): *II Jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero. Del Neolítico a la Antigüedad Tardía*, Glyphos Publicaciones. Valladolid, pp. 67-86.
- TENTE, Catarina; BAPTISTA, Hugo; TERESO, João Pedro; CÉRCIO, M.; VELOSO, João L.; OLIVEIRA, C.; SEABRA, Luís; MEIRA, Catarina; SOUZA, Gabriel; CORDERO RUIZ, Tomás; REAL, Manuel Luís (2018) – Senhora do Barrocal (Sátão) na viragem do milénio. Primeira abordagem. In TENTE, C., ed. – *Do Império ao Reino. Viseu e o território entre os séculos IV a XII*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu, pp. 263-295.
- VASCONCELOS, José Leite de (1897a) – Acquisições do Museu Ethnographico Português. *O Archeólogo Português*. 3, pp. 107-111.
- VASCONCELOS, José Leite de (1897b) – *Religiões da Lusitânia*, I. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELOS, José Leite de (1907) – Peintures dans les dolmens de Portugal. *L'Homme Préhistorique*. 2, pp. 33-37.
- VASCONCELOS, José Leite de (1927) – *De terra em terra*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- VAZ, João Luís Inês (1991) – Carta arqueológica do concelho do Sátão. Sátão: Câmara Municipal do Sátão.
- VELA, Raúl Martín; CASTRO, Germán Delibes de; GONZÁLEZ, Lucino Muncio (2021) – Megalitos al norte de la sierra de Guadarrama: primicias de la excavación del dolmen de Santa Inés en Bernardos (Segovia), *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid* (CuPAUAM), 47|2|, pp. 1-28.

REMOBILIZAÇÕES, MANIPULAÇÕES E REORIENTAÇÕES NO MEGALITISMO DA PLATAFORMA DO MÉDIO MONDEGO

José Manuel Quintã Ventura

Investigador do NeoMega

Investigador Colaborador do Centro de Arqueologia – Universidade de Lisboa (UNIARQ)

Av. Dr. José Pontes, N.º 45, 8.º Esq. 2720-205 Amadora – Portugal

jmqtventura@yahoo.com

Resumo: Recentes desenvolvimentos no estudo do fenómeno megalítico da plataforma do médio Mondego, mais especificamente nos concelhos de Nelas e Carregal do Sal, permitiram identificar realidades que nas primeiras análises tendencialmente integrariam uma situação «não-ritual», mas a continuidade de ocorrências parece apontar para processos rituais associados a estes monumentos.

Assim, desde a localização dos monumentos megalíticos, que coincidentemente se sobrepõe a anteriores ocupações antrópicas, nomeadamente de um Neolítico antigo e médio regional, bem como a remobilização de materiais destas ocupações anteriores nas massas tumulares dos monumentos, situação que pode ou não ser considerada como um processo consciente. Em pelo menos uma situação, foi identificado um processo de manipulação de deposições rituais em «átrios» dos monumentos, com materiais a serem fragmentados e deslocados e refragmentados.

Por outro lado, existe cada vez mais o reconhecimento de que os monumentos megalíticos não são estanques e, como tal, sofrem alterações à sua estrutura, com ampliações e mesmo reorientações, associadas, ou não, a novos paradigmas astronómicos.

Palavras Chave: Deposições Rituais; Manipulações; Reorientações.

Abstract: Recent developments in the study of the megalithic phenomenon of the mid-Mondego platform, more specifically in the municipalities of Nelas and Carregal do Sal, have made it possible to identify realities that in the first analyses tended to be part of a “non-ritual” situation, but the continuity of occurrences seems to point to ritual processes associated with these monuments.

Thus, starting with the location of the megalithic monuments, which coincidentally overlaps previous anthropic occupations, namely from early to middle Neolithic, as well as the remobilisation of materials from these previous occupations in the tomb masses of the monuments, a situation that may or may not be considered a conscious process. In at least one situation, a process of manipulation of ritual deposits in the “atriums” of the monuments was identified, with materials being fragmented and displaced and refragmented.

On the other hand, there is increasing recognition that megalithic monuments as they can be seen in present day, aren't the same as when they were built and, as such, undergo changes to their structure, with extensions and even re-orientations, associated or not with new astronomical paradigms.

Key words: Ritual Depositions; Manipulations; Reorientations.

“Play and ritual have many aspects in common, and ritual is a key component of the early cult practices that underlie the religious systems of societies in all parts of the world.”

Renfrew, Morley & Boyd (2018) Ritual, Play, and Belief, In Evolution and Early Human Societies

“The idea of a ‘votive deposit’ [...] in most cases it was treated as a residual category made up of collections of objects whose composition resisted a practical interpretation.”
“These collections [...] were associated with the supernatural and with a process of transformation that could extend to human bodies.”

Bradley (2017) A Geography of Offerings. Deposits of Valuables in the Landscapes of Ancient Europe

1. OS INÍCIOS...

Decorria o ano de 1984, quando João Carlos de Senna-Martinez (JCSM) se deslocou ao concelho de Nelas, bem como ao de Seia, seguindo os conselhos de João de Castro Nunes, para desenvolver trabalhos que se integrassem nas suas provas de doutoramento na FLUL, usando o artigo de Irisalva Moita (1966) como documento de acompanhamento. Nessa mesma estada, em Canas de Senhorim, teve oportunidade de ser contactado por Horácio Peixoto, que o iria auxiliar na identificação de uma série de estações arqueológicas, tendo então sido possível (re)identificar um total de 7 arqueossítios de interesse, os primeiros de um longo processo, que dura há 38 anos.

Em 1985, iniciou-se o 1º Campo de Trabalhos Arqueológicos de Canas de Senhorim, apoiados pelo Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ) e pela Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim, tendo esta última ligação permanecido até à atualidade.

Iniciava-se assim o PEABMAM – Programa de Estudos Arqueológicos da Bacia do Médio e Alto Mondego – que englobaria o estudo das comunidades de pastores e agricultores da plataforma do Mondego, envolvendo grosso modo os concelhos de Carregal do Sal e de Nelas, mas também os concelhos limítrofes de Oliveira do Hospital e Viseu. Neste primeiro ano, foi feita uma primeira aproximação com limpezas superficiais e levantamento topográfico de 4 monumentos megalíticos e um habitat presumivelmente do Bronze final, bem como a prospeção num conjunto de abrigos sob penedos graníticos.

Passados 38 anos de investigação contínua, com o desenvolvimento de diversos projetos, desde o «Paisagens» ao atual «NeoMega» (Senna-Martinez, Ventura & Luis, 2023), esta contabilidade atinge agora um total de 11 arqueossítios integráveis num Neolítico de tradição antiga e Neolítico médio, 21 monumentos megalíticos, ou de tradição megalítica, 8 habitats associados ao Neolítico final regional, 3 outros sítios integráveis em momentos mais tardios, já do Bronze antigo ou mesmo Bronze médio regional, e por fim 4 espaços habitacionais associados a momentos já do Bronze final, aos quais se associam pelo menos 5 áreas com gravuras rupestres, de diacronia similar, isto para um total de 53 sítios da Pré-história recente (**Figura 1**).

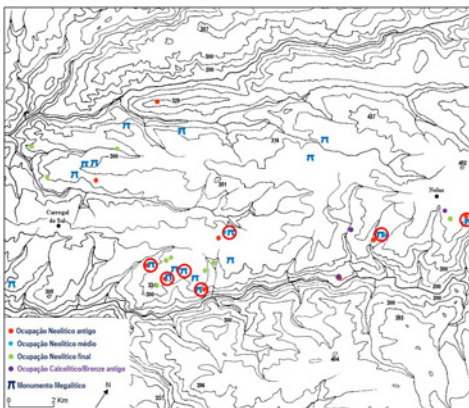


Figura 1 – A área da Plataforma do médio Mondego analisada e a localização dos diversos sítios da Pré-história recente. Com círculo os monumentos onde ocorrem remobilizações de materiais anteriores.

Complementando esta investigação, desenvolveram-se circuitos de visita criados em articulação com as autarquias locais, bem como a respetiva representação, em espaços museológicos: Museu Municipal “Manuel Soares de Albergaria” de Carregal do Sal (Pinto, 2005; 2007 e 2012) e Sala de Exposições Temporárias em Canas de Senhorim, do Museu Municipal de Nelas.

No geral, em termos geomorfológicos, encontramos-nos em plena área dominada por granitos hercínicos, representados pelas suas séries mais jovens, nomeadamente calco alcalinos, biotíticos e porfiróides de grão maioritariamente médio a grosso, esporadicamente atravessados por filões quartzíticos. Este conjunto encontra-se escassamente coberto por depósitos quaternários formados por argilas e arcoses diversas (Teixeira, 1961:21-23) de fraca potência. Os solos são extremamente ácidos, o que dificulta a preservação de materiais orgânicos.

2. REMOBILIZAÇÕES...

Ao longo do desenvolvimento da investigação neste território, foi possível propor diversos modelos explicativos, diacronias e sincronias em termos da narrativa histórica, que envolvem as alterações das «Paisagens Culturais» das comunidades que se instalaram na plataforma do Mondego.

Mas, se o dito fenómeno megalítico da Beira alta foi um dos elementos do arranque da investigação, outras realidades foram sendo identificadas e levantando diversos tipos de questões.

Desta forma, no espaço em apreço, tem ocorrido uma sistemática deteção de materiais cronologicamente anteriores à construção dos monumentos megalíticos, que foram remobilizados e englobados nos seus *tumuli*, envolvendo desde os «clássicos» elementos de moagem, a cerâmicas e artefactos talhados.

Em complemento, ocorre em algumas situações uma sobreposição das massas tumulares a estruturas anteriores, como no caso das Orcas do Folhadal e Lapa do Lobo, em Nelas, onde foram identificadas estruturas em negativo – provável habitat – com sobreposição do monumento megalítico e remobilização de alguns materiais nas massas tumulares (Senna-Martinez & Ventura, 1999a, 2000a e 2008b; Senna-Martinez, 2018a).

No concelho de Carregal do Sal, uma situação semelhante foi recentemente identificada na Orca 1 dos Troviscos, onde o monumento megalítico se sobrepõe a um nível englobando materiais do Neolítico antigo, no sector este, e a uma estrutura em vala, no sector norte, similar à detetada noutros monumentos, dos quais salientamos pela tipologia o caso do *tumulus* de Vale do Chão 1, Braga (Boas, 2014:40)

Enquanto na Orca 2 do Ameal e Orca 2 de Oliveira do Conde, bem como na Orca dos Fiais da Telha (Carregal do Sal) e Orca do Pinhal dos Amiais (Nelas), foram identificados materiais remobilizados nas mamoadas, nos dois primeiros casos com uma clara inserção no Neolítico antigo regional (Ventura, 1998, 1999a, 2000d).

No estado atual dos nossos conhecimentos, este primeiro povoamento identificado regionalmente corresponde a um Neolítico Antigo que, até ao momento, parece escolher locais abertos em rechãs ou vertentes suaves e, num dos casos, em abrigo granítico, sem condições especiais de controlo da paisagem e muito menos defensivas, todos eles localizados com boa exposição a nascente – e aqui a orientação parece ser fundamental – e caracterizado por indústrias líticas com alguma variabilidade mas predominantemente sobre suportes lamelares, dominando as matérias-primas locais.

A olaria apresenta características que se integram nas tradições do Neolítico Antigo dito “evoluído” quer da área Estremenha atlântica quer da Andaluzia, permitindo colocar a questão de uma eventual dualidade de origens para este mundo cultural (Estevinha, Senna-Martinez & Valera, 1989; Senna-Martinez & Estevinha, 1994; Valera, 1998, 2000a e 2000b; Ventura, 1998, 1999b e 2000b; Senna-Martinez & Ventura, 2008a e 2008b).

Uma datação *Optically Stimulated Luminescence* (OSL) (GL22041, 6628-5308 cal AC, Tabela 1) do nível anterior à construção da estrutura da Orca 1 dos Troviscos (Oliveira do Conde, Carregal do Sal) e estratigraficamente associado à unidade estratigráfica com cerâmicas integráveis no Neolítico Antigo regional, permite-nos, pelo menos, estabelecer uma situação de *terminii post*

quem, para este episódio em termos locais, colocando-o claramente ainda entre meados do VII e finais do VI milénios cal AC.

Em momentos já do IV milénio cal AC inicia-se, em termos regionais, um primeiro processo de monumentalização da paisagem e, coincidentemente (ou não), dos 6 monumentos claramente atribuíveis a esta realidade, 4 deles foram erigidos sobre ocupações anteriores e/ou com remobilizações de materiais de ocupações anteriores, nas massas tumulares (Ventura, 1998, 1999b e 2000b; Senna-Martinez & Ventura, 2008a e 2008b).

Também outra realidade, para além da localização, é a própria orientação de alguns destes primeiros monumentos, com a maioria a encontrar-se orientada para nascente, mas particularmente para a estrela *Aldebarã*, na sua posição outonal, ou a estrela *Alnilam*, consubstanciando mais uma vez um processo de continuidade.

Passando agora a casos específicos e iniciando o processo pela Orca 2 do Ameal, localizada no centro do Núcleo Megalítico e Circuito Megalítico Fiais-Azenha (Figuras 2 e 3, Ventura, 1998 e 1999b).

Intervencionada entre 1993 e 1996, permitiu estabelecer o que presumivelmente teria tido uma utilização curta e não muito intensa, com deposições de materiais numa pequena câmara megalítica, que foi encerrada por um anel pétreo, não existindo traços de corredor intratumular ou átrio frontal.

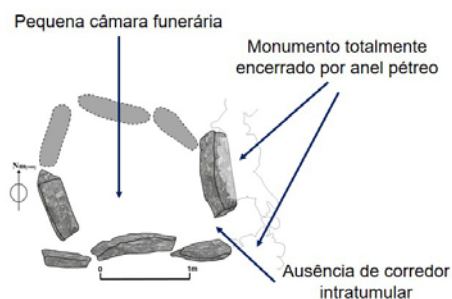


Figura 2 – Planta simplificada da câmara megalítica da Orca 2 do Ameal, Oliveira do Conde, Carregal do Sal.



Figura 3 – Orca 2 do Ameal, após recuperação patrimonial (Pinto 2005) durante a visita ao Circuito Megalítico dos Fiais-Azenha, no contexto do 1º Congresso «De Gibraltar aos Pirenéus» 3 de novembro de 2018, com JCSM a proceder à apresentação do circuito.

As deposições simbólicas na câmara são reduzidas em número e variedade e privilegiam fundamentalmente o que podemos designar como «uma tradição de caça e recolção», com geométricos sobre produtos alongados em sílex, um elemento em pedra polida, bem como pequenas contas discoides em xisto, deposições estas que se podem referenciar como a «Tradição» (Figura 4). Este tipo de deposições são comuns a estes primeiros monumentos megalíticos em termos regionais e supra-regionais, com a ausência de materiais cerâmicos e uma seletividade em termos de tipo e qualidade dos depósitos nas câmaras megalíticas, mas que contrastam com os materiais remobilizados na mamoa deste monumento em particular.

As remobilizações, neste monumento, são integráveis num Neolítico Antigo regional, onde dominam, em termos de pedra lascada, os produtos alongados, maioritariamente em sílex (65%) intactos ou fragmentados, com presença de micro-buris, lamelas de crista, lascas retocadas ou não, esquirolas ou restos de debitage, lascas corticais e, em especial, um geométrico – segmento de círculo ou crescente – sobre lamela (Figura 6, Ventura, 1998 e 1999b).

Deve ser também destacada a presença de 304 fragmentos cerâmicos, dos quais 5 apresentavam decoração através de impressão e incisão, em claro contraste com a sua total ausência nos depósitos da câmara megalítica ou mesmo à superfície do monumento (Figura 5).

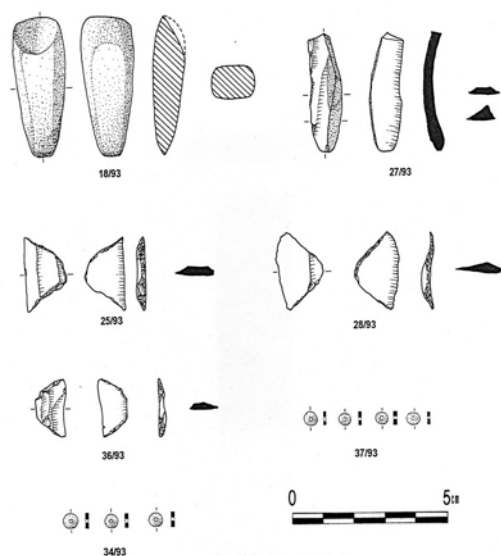


Figura 4 – Deposições na câmara megalítica da Orca 2 do Ameal (Ventura, 1998).

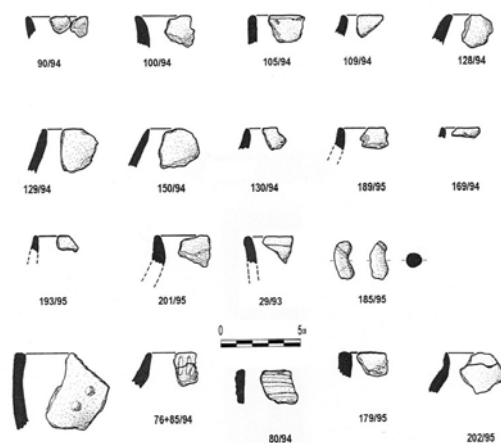


Figura 5 – Materiais cerâmicos inseríveis no Neolítico antigo regional, remobilizados nas terras da mamoa da Orca 2 do Ameal, escala 5 cm (Ventura, 1998).

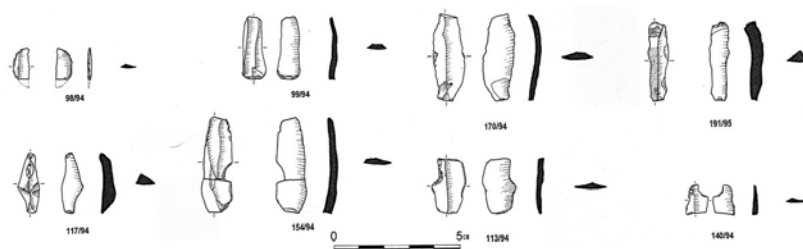


Figura 6 – Materiais líticos inseríveis no Neolítico antigo regional, remobilizados nas terras da mamoa da Orca 2 do Ameal (Ventura, 1998).

Outro monumento a salientar será a Orca 2 de Oliveira do Conde, escavada entre 1995-2001 (Figura 7), que apresentava uma mamoa com cerca de 8 metros de diâmetro, bastante destruída na sua zona central, mas ainda foi possível determinar a existência de uma pequena câmara megalítica, da qual restava apenas um alvéolo de esteio. Esta câmara encontrava-se associada a um relativamente longo corredor intratumular – tipologicamente similar ao do monumento do Picoto do Vasco, em Vila Nova de Paiva (Cruz, 2001:90-99) – encerrado por um anel pétreo na zona frontal, onde ocorreram também deposições simbólicas com geométricos sobre produtos alongados (Ventura, 2000d).

As deposições no corredor intratumular e anel de pétreo frontal encontram-se mais uma vez dentro do que referenciamos como a «Tradição» fundamentalmente com geométricos e lamelas em sílex. A presença de alguns elementos fragmentados em pedra polida apontam para a sua possível existência, mas à semelhança do monumento anterior ocorre uma total ausência de elementos cerâmicos (Figura 8).

Mais uma vez, estas deposições “megalíticas” contrastam com as identificadas no seio das terras da massa tumular do monumento (recolhidas na escavação de uma sanja do *tumulus* no seu setor norte) apesar de estas envolverem fundamentalmente elementos em pedra talhada – existem apenas alguns fragmentos de bojos cerâmicos – que mais uma vez se inserem claramente num Neolítico Antigo regional, com um reportório similar aos artefactos identificados na Orca 2 do Ameal (Figura 9).

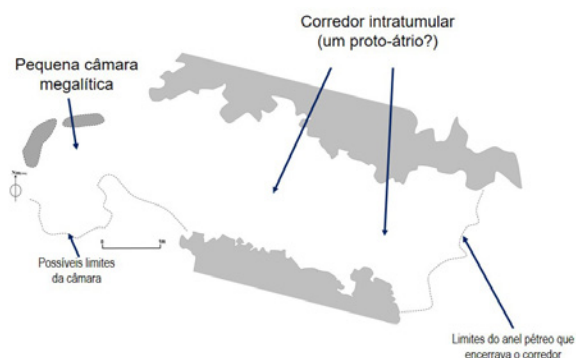


Figura 7 – Planta simplificada da câmara e corredor intratumular da Orca 2 de Oliveira do Conde, Carregal do Sal.

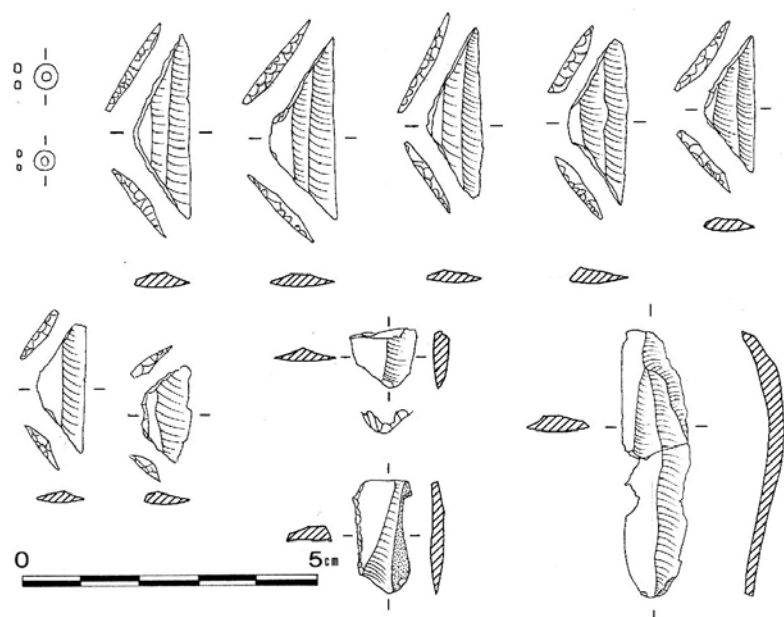


Figura 8 – Deposições no corredor intratumular e fecho do mesmo da Orca 2 de Oliveira do Conde (Ventura, 2000d).

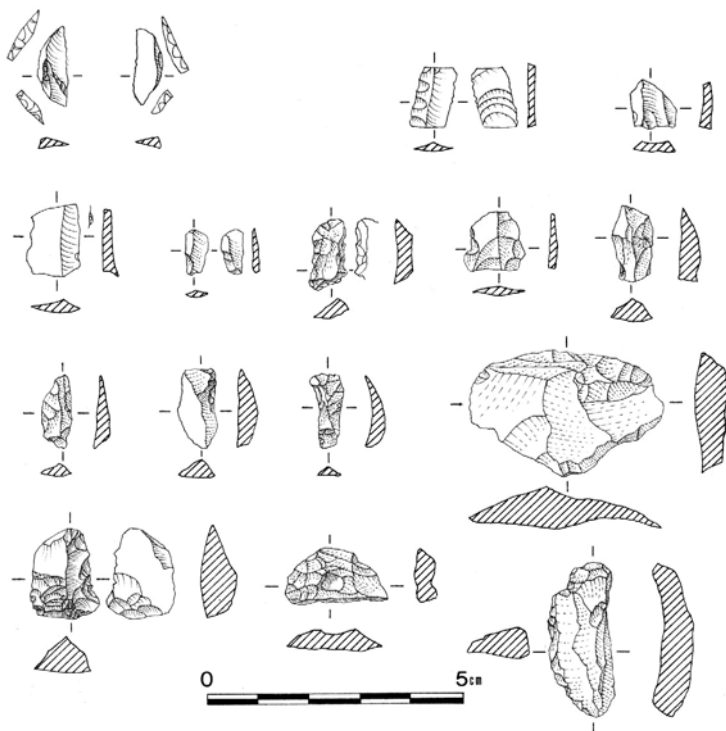


Figura 9 – Materiais remobilizados nas terras da mamoa na Orca 2 de Oliveira do Conde (Ventura, 2000d).

Um outro caso será o da Orca do Folhadal (Nelas), onde foi identificada, pela primeira vez em termos regionais, uma clara sobreposição sobre uma ocupação anterior (Neolítico médio), formada pelo menos por 5 fundos de cabanas, marcados por negativos de postes. Esta realidade parece indicar uma ideia de continuidade no espaço (Figuras 10 a 13).

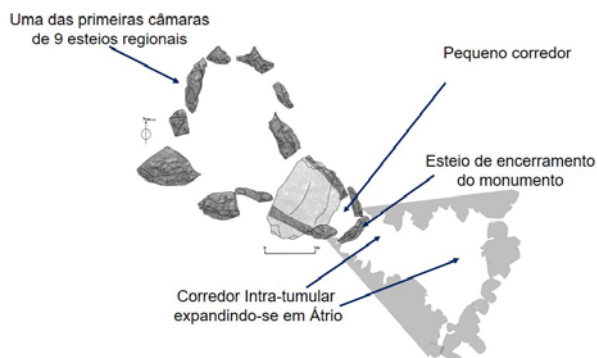


Figura 10 (à esquerda) – Planta simplificada da câmara e corredor megalítico e corredor intratumular da Orca do Folhadal, Nelas.

Figura 11 (à direita, em cima) – Orca do Folhadal, Nelas, área frontal, com o Esteio de fecho do Corredor e o corredor intratumular a abrir num átrio (Senna-Martinez & Ventura, 2003).

Figura 12 (à direita, em baixo) – Orca do Folhadal, setor Sudeste, com a área frontal e negativos dos buracos de poste da cabana 1, no final dos trabalhos de 1999.



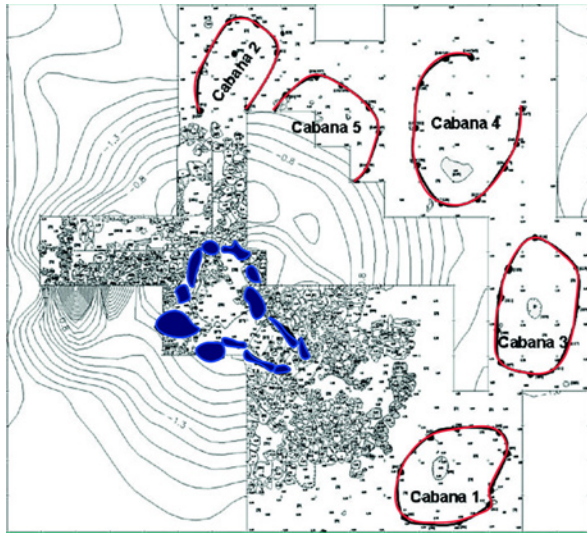


Figura 13 – Planta final da Orca do Folhadal, campanha de 2001, com a indicação das cabanas (Senna-Martinez & Ventura, 2008a).

Por outro lado, a orientação deste monumento, para a estrela *Alnilam*, a mesma orientação da Orca do Pinhal dos Amiais, e de outras Orcas, já situadas no concelho de Mangualde, indica talvez uma outra realidade cultural.

As deposições simbólicas, depositadas exclusivamente na câmara megalítica, demonstram mais uma vez a continuidade da «Tradição» (Figura 14B), apesar de ampla evidência de presença de fragmentos cerâmicos – não decorados – remobilizados nas terras da mamoa, bem como de artefactos em pedra talhada, maioritariamente em matérias-primas locais, que demonstravam uma clara tradição de talhe do que se sabia até então do Neolítico Antigo regional (Figura 14A, Senna-Martinez & Ventura, 2008a e 2008b).

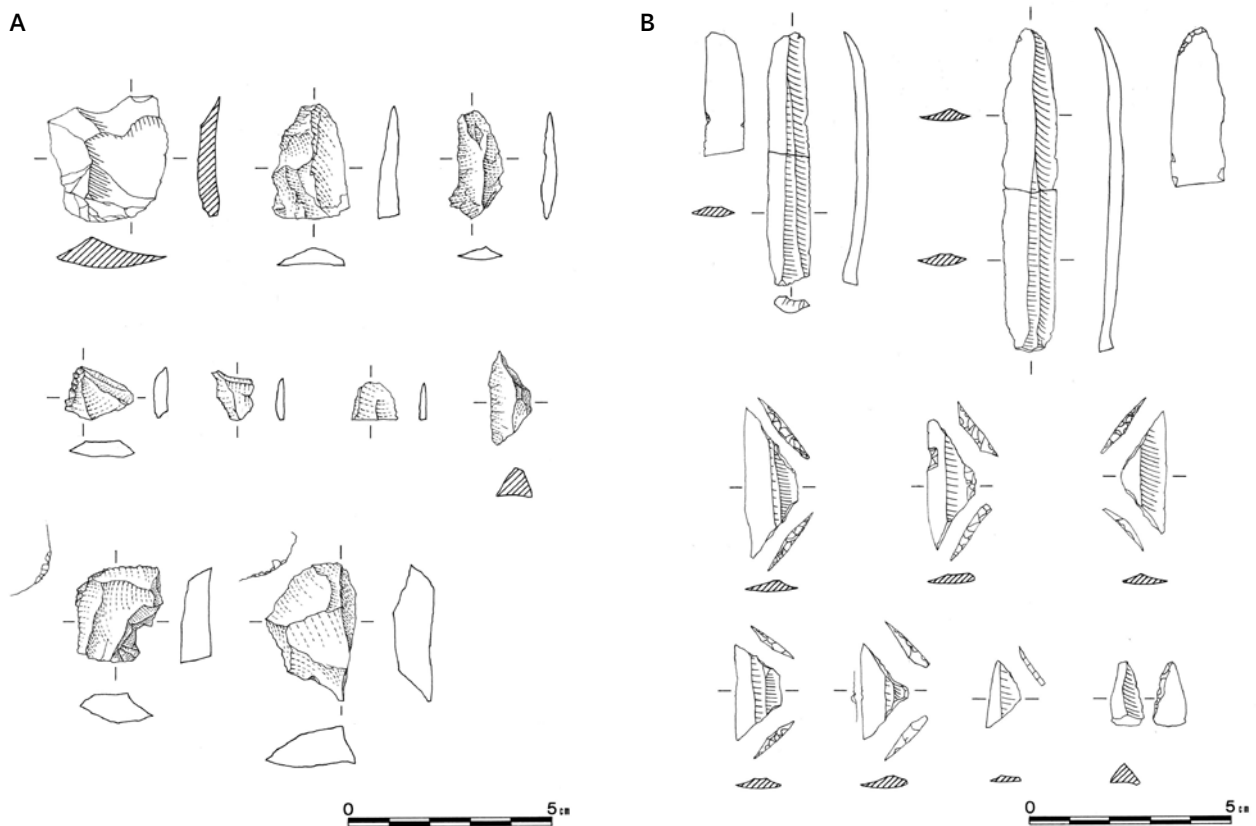


Figura 14 – Materiais da Orca do Folhadal, Nelas: A – Remobilizações nas terras da mamoa; B – Deposições na Câmara Megalítica (Senna-Martinez & Ventura, 1999b).

Este monumento também se destaca pela presença de um Átrio aberto frontal ao corredor megalítico, misto de corredor intratumular alargado e pela presença de um esteio ou porta de encerramento do corredor (**Figura 11**).

Na altura, escrevemos num texto, em parceria com JCSM, onde foram colocadas algumas questões, nomeadamente de que «apenas uma das cabanas era indiscutivelmente anterior à construção do monumento megalítico e de que não haverá certezas da coexistência de todas as cabanas [...] e, de que a indústria de pedra talhada, indiscutivelmente de talhe lamelar, associado a uma tradição de Neolítico Antigo, mas que a ausência de geométricos, como os que ocorriam noutros sítios do Neolítico antigo regional, podia fazer avançar um pouco a cronologia das cabanas, colocando-as no Neolítico médio», indicavam, pelo menos para nós, uma inserção mais tardia destas cabanas em relação a materiais das Orcas 2 do Ameal, 2 de Oliveira do Conde e do Sítio das Carriceiras, todos no concelho de Carregal do Sal. Infelizmente, o texto não foi publicado na íntegra.

A partir destes 3 casos, aos quais se podem adicionar outros tantos em termos regionais, a questão que se coloca será sempre uma de interpretação: uma coincidência de um processo involuntário/inconsciente ou consciente (**Ritual**)?

Perante a «coincidente» repetição do processo – não só nos monumentos mais antigos mas também em alguns mais tardios – torna-se possível compreendê-lo como um processo mais do que involuntário.

Mais do que uma coincidência fortuita, esta situação de remobilizações de terras com materiais de ocupações anteriores, e como tal involuntária, configura-se como uma continuidade voluntária, não só na forma física, mas também simbólica, da ocupação de um espaço, com uma conotação ancestral – o Espaço – também provavelmente associado a uma orientação astronómica específica (Silva, 2014), como que um processo de perpetuação da memória e de elementos identitários, associado a uma desconstrução consciente, com materiais a serem manipulados com a sua integração nas massas tumulares dos monumentos megalíticos, como que uma «reconstrução» justificativa e validação da presença em continuidade – ou não – de determinadas comunidades, é a construção de uma «**Memória do Espaço**».

3. REORIENTAÇÕES

Outra realidade recentemente identificada é o reconhecimento de que determinados monumentos megalíticos sofrem alterações na sua estrutura ao longo da sua existência.

Um dos processos identificados na área corresponde à expansão/ampliação do monumento, que parece ocorrer por exemplo na Orca dos Fiais da Telha/Lapa da Orca, Oliveira do Conde, Carregal do Sal, provavelmente realizada ainda durante a utilização primária do monumento (c. 3800-3200 cal AC), com uma situação similar à identificada na Anta dos Currais do Galhordas, Castelo de Vide (Rodrigues & Oliveira, 2018), apesar das diferenças formais e cronológicas.

Desta forma, no caso específico da Orca dos Fiais da Telha, que, relembre-se, apresenta uma câmara de 9 esteios, antecâmara e um corredor megalítico longo, associado a um pequeno corredor intratumular e um átrio com empedrado frontal, ambos muitos destruídos (Senna-Martinez, 1989), existe a hipótese de os 3 últimos esteios de cada lado do corredor terem sido acrescentados já depois do processo de construção original do monumento. Todos os restantes ortóstatos têm alvéolos de implantação, que foram identificados durante a escavação, o que não ocorre com estes (**Figuras 15 e 16**).

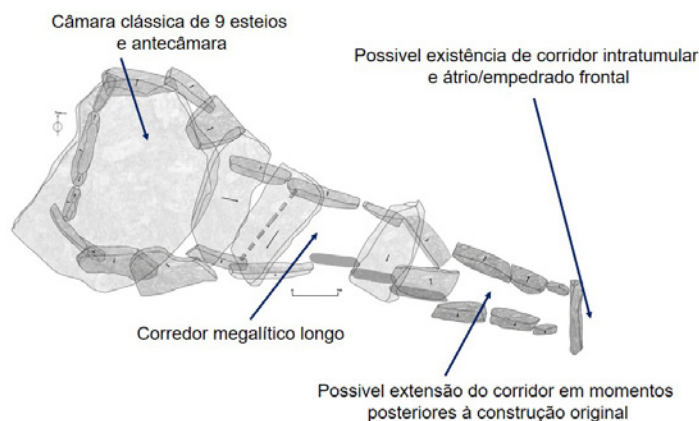


Figura 15 – Planta simplificada da câmara e corredor megalítico, da Orca dos Fiais da Telha (Lapa da Orca), Oliveira do Conde, Carregal do Sal.



Figura 16 – Orca dos Fiais da Telha, vista frontal, 1996, antes dos trabalhos de consolidação e valorização patrimonial. Note-se a «amputação» da mamoa neste sector, devido a caminho rural, que terá destruído corredor intratumular e um Átrio/Empedrado, cujas fundações são ainda visíveis, da posição do fotógrafo.

Encontra-se levantada a dúvida, embora o «acrescento» não tenha alterado a orientação do monumento e muito provavelmente tenha sido realizado ainda no Neolítico final regional.

Em outros monumentos, no entanto, identificaram-se não só ampliações, em especial do corredor, bem como a alteração da orientação original dos acessos do monumento – maioritariamente para a estrela *Aldebarã* ou *Sírios* – ou seja para uma orientação mais a sudeste.

Esta situação ocorre na Orca do Pinhal dos Amiais, Nelas (Pinheiro, 2012), onde os dois últimos esteios do corredor foram infletidos para sudeste, para além de outros monumentos como a Orca das Castenairas, Vila Nova de Paiva, Dólmen 2 de Chão Redondo e Anta da Capela dos Mouros, Sever do Vouga (Carvalho, 2013), Anta da Lapa de Meruge, Vouzela (Carvalho, 2018), Dólmen de Sangrino e Dólmen 2 da Lameira de Cima, Penedono (Carvalho, 2005:172-6) só para referenciar os que mais se destacam em termos regionais.

Uma situação paradigmática será a Orca 1 dos Troviscos, Carregal do Sal, localizada no sector sudeste do Núcleo/Circuito Megalítico dos Fiais/Azenha (Figura 17). Descoberta em 2015 e em escavação e estudo desde 2017, foi possível até ao momento determinar a ocorrência de mais uma «coincidência» entre o local de uma ocupação anterior do Neolítico antigo regional, responsável por diversos negativos associados a cerâmicas inseríveis em momentos do VI-V milénio cal AC consubstanciado por diversas datações, obtidas através da recolha de amostras de solos provenientes de várias áreas da zona frontal (Tabela 1).



Figura 17 – Orca 1 dos Troviscos, Oliveira do Conde, Carregal do Sal, localizada numa plataforma, sobre o Mondego, com ampla campo de visão para nascente e a Serra da Estrela (Fotografia – Drone de Pedro Mateus).

Ref. Lab	[UE]	Datação (Ka)	Datação e var. 2σ	Contexto
GL22042	[37]	8,48±0,59	(6458 AC) 7048-5868 AC	Solo antigo, pré-ocupação humana
GL22041	[55]	7,99±0,66	(5968 AC) 6628-5308 AC	<i>terminii post quem</i> , Neolítico antigo
GL22040	[39]	5,84±0,47	(3818 AC) 4288-3348 AC	Construção da estrutura tumular

Tabela 1 – Datações OSL (*Optically Stimulated Luminescence*) da Orca 1 dos Troviscos.

Desta forma foi também possível estabelecer o momento da construção de um monumento megalítico funerário (GL22040 Ka 5,84±470), com valor médio à volta de 3818 cal AC, por isso muito provavelmente integrável num Neolítico médio regional, situação que poderá ser aferida com os dados da escavação integral da câmara megalítica.

A escavação da Sanja D (Sanja Norte) permitiu identificar toda a «cadeia operatória» que levou à preparação e construção do *tumulus* megalítico, com a preparação prévia do terreno, iniciada com a regularização das arcoses de base [UE.43]. Após esta regularização, foi escavada uma fossa [UE.45], presumivelmente de forma elíptica e com diâmetro calculado de cerca de 10 metros, para a implantação da câmara e corredor megalítico.

As terras movimentadas terão sido usadas para preencher parte desta fossa e servir de base e enchimento para uma potente estrutura pétreo, quase que em *courça/cairn* que serviu de contraforte externo da estrutura megalítica da câmara e corredor, formando um *tumulus*, que no final dos trabalhos teria um diâmetro entre os 12 a 13 metros.

Destaca-se que a maioria das estruturas tumulares escavadas nesta área apresenta uma solução de um anel pétreo exterior e um outro interior, que serve de contraforte exterior à estrutura de uma câmara e corredor megalíticos. O espaço entre estes dois anéis pétreos é preenchido com um “anel” de terras, pelo que a opção construtiva neste monumento é original, em termos regionais.

Nesta estrutura tumular foram construídos uma câmara e corredor megalíticos, bastante destruídos por ações antrópicas ocorridas pelo menos na 2ª metade do Séc. XIX e inícios do Séc. XX, com a remoção de tampas da câmara e corredor e fragmentação de alguns esteios.

Pelos dados das intervenções realizadas até ao momento, foi possível determinar que originalmente existiria uma câmara de 8 a 9 esteios, com um pequeno corredor e, aparentemente – a confirmar em futuras intervenções – existia um esteio ou estela de fecho da câmara megalítica, com uma linha gravada no seu topo, enquanto alguns dos esteios configuram-se como estando cobertos com pinturas a vermelho.

O corredor megalítico sofreu também profundas alterações, algumas delas recentes, coevas das ocorridas na câmara megalítica, mas outras claramente mais antigas, com um processo de «Desconstrução» e «Reconstrução» (Figura 18).



Figura 18 – Orca 1 dos Troviscos, Oliveira do Conde, Carregal do Sal, Vista superior do monumento, no final dos trabalhos de 2019 (E-O) destacando-se as alterações realizadas na zona frontal do monumento e no acesso à estrutura megalítica (Fotografia – Drone de Pedro Mateus).

Com base da escavação e a identificação dos alvéolos de implantação de esteios, escavados no granito de base, foi possível determinar que originalmente o corredor teria cerca de 2 metros de comprimento, com uma fórmula de 3 a 4 esteios imbricados de cada lado.

Enquanto os esteios conservados da câmara indicam uma altura média de 2,5 a 3 metros para a mesma, os presentes no corredor – julgamos que os esteios UE.19 e UE.31 corresponderam a esteios originais – apresentam uma altura máxima de 1,10 a 1,20 m, configurando um monumento de câmara e corredor diferenciado em altura e largura.

A orientação original do monumento é consentânea com um padrão da estrela Aldebarã, na sua posição outonal.

Posteriormente o corredor megalítico foi «remodelado» e ampliado com mais quatro esteios (UE.33, UE.35, UE.34 e UE.62) de tipologia diferente dos originais, provavelmente mais outros 3, que se encontravam tombados no setor sul do mesmo (UE.63, UE.64 e UE.65), bem como ocorreu alteração na estrutura tumular frontal (Figura 19).

Note-se que esta reformulação não conseguiu «emparelhar» elementos similares no lado norte e sul do corredor, pelo que foi necessário acrescentar-lhe um elemento em forma de Pilar [UE.66]. Julgamos que esta redefinição do percurso do corredor estaria associada a uma reorientação astronómica com uma importante carga ritual, criando-se um novo eixo de orientação do monumento, com um «desvio» em cerca de 27º graus de diferença para SE, em relação ao original (Figura 20).



Figura 19 – Orca 1 dos Troviscos, corredor megalítico, 2018 (S-N). Note-se a diferença de alturas e tipologias. Do lado esquerdo, a azul claro, os esteios, originais do corredor megalítico. Do lado direito, a vermelho, as adições posteriores, com reorientação.

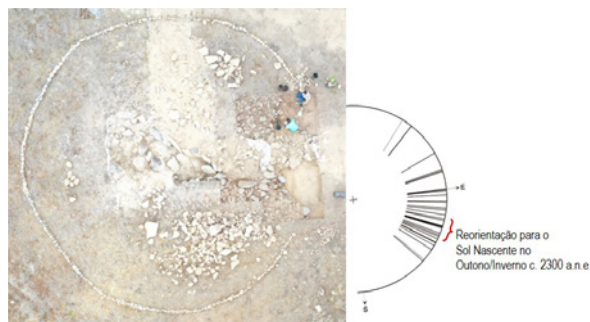


Figura 20 – Orca 1 dos Troviscos, com a reorientação em direção ao nascer do sol sobre a paisagem próxima do Solstício de Inverno (Montagem: Fotografia-Drone Marco Lopes e Hoskin, 2001).

Durante a campanha de 2022, foram recolhidas várias amostras de carvão vegetal dos alvéolos dos esteios do corredor, aparentemente associadas aos momentos de construção do monumento e que foram submetidos a dois laboratórios diferentes, para análise ^{14}C .

No entanto, os resultados, disponibilizados, não foram elucidativos, claramente indicando contaminações dos carvões, por via antrópica e/ou ambiental (**Tabela 2**).

Ref. Lab.	[UE]	Datação	Cal. 2 σ	Contexto
UBA-48561	[56] J-7	3111 \pm 28 BP	1440-1293 AC	Sob Esteio UE.31 (corredor)
UBA-48562	[56] J-7	863 \pm 24 BP	1053-1256 DC	Sob Esteio UE.31 (corredor)
UBA-48563	[144] K-8	3006 \pm 29 BP	1381-1127 AC	Alvéolo de Esteio UE.35 (corredor)
VERA-7771	[144] K-8	2618 \pm 45 BP	900-590 AC	Alvéolo de Esteio UE.35 (corredor)
VERA-7772	[144] K-8	2013 \pm 37 BP	101 AC-118 DC	Alvéolo de Esteio UE.35 (corredor)
UBA-48564	[140] I-8	2415 \pm 29 BP	742-402 AC	Alvéolo de Esteio UE.19 (corredor)
VERA-7773	[140] I-8	2615 \pm 42 BP	898-590 AC	Alvéolo de Esteio UE.19 (corredor)

Tabela 2 – Datações ^{14}C (AMS) da Orca 1 dos Troviscos (*Calibração OxCal 4,4*).

Desta forma, apenas se pode concluir que a última alteração à estrutura do corredor terá ocorrido em momentos anteriores a 1440 cal AC (UBA-48561 3389-3242 BP, calibração a 2 sigma 1440-1293 cal AC).

Associado a este processo de redefinição do corredor, não só em extensão, mas também em orientação, o corredor intratumular pré-existente foi redefinido para corresponder a esta nova inflexão do corredor, removendo parte sul da estrutura dos tumulus, bem como parte de uma estrutura de condenação anterior.

Os trabalhos arqueológicos realizados, até ao momento, incidiram especialmente na entrada deste corredor intratumular, com desmontagem de parte do entulho, resultado de remeximentos e derrubes, mas foi possível detetar no quadrado M-7, da Sanja A (Sanja Este), uma pequena estela ou menir e a respetiva fossa de implantação, criada no que restava da estrutura de condenação anterior [UE.78].

Tendo em conta o posicionamento desta estela/menir, a linha de orientação em relação ao alinhamento do corredor, bem como o facto de ter sido implantada em parte da estrutura de condenação desmontada, é claramente uma adição tardia no monumento e associada à redefinição desta zona frontal do monumento.

Este processo de redefinição estrutural do monumento inclui a desmontagem de parte da estrutura da mamoa frontal, nomeadamente do átrio original do monumento, que se desenvolvia na frente do corredor intratumular [UE.39/49/50] e após esta «Desconstrução» foi criado um novo «Átrio» (processo de «Reconstrução») localizado mais a sudeste em articulação com a linha do novo corredor intratumular, seccionando a estrutura da mamoa nesse sector e criando um novo espaço de acesso ao monumento, ao mesmo tempo que se bloqueava o acesso anterior, com uma nova estrutura pétrea, a norte desta nova área. Estas alterações de entrada parecem estar associadas à reorientação astronómica do monumento (**Figura 21**).

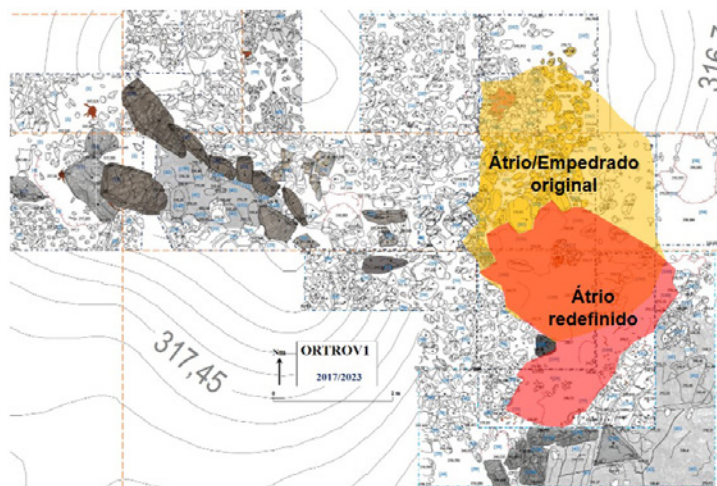


Figura 21 – Orca 1 dos Troviscos, planta da campanha de 2022, com a indicação da área do Átrio/Empedrado original e da zona alterada para um novo Átrio e orientação, ainda que se sobreponha em parte ao anterior.

Esta realidade – de criação/abertura de um novo «Átrio» – tinha já sido identificada em outros monumentos da Beira Alta, como tinha já sido referido anteriormente, mas não tinha sido ainda possível determinar a sua inserção cronológica em termos regionais.

Coincidentemente, esta reorientação é consentânea com uma orientação direcionada ao nascer do sol sobre a paisagem próximo do Solstício de Inverno, tal como postulado por Michael Hoskin (2001) para outros monumentos da Beira Alta.

As entradas, ou melhor os átrios/empedrados, são o espaço cénico por excelência, mormente quando possuem deposições em zona frontal, como já tínhamos referido em artigo conjunto com JCSM, relativamente à Orca do Folhadal (Senna-Martinez & Ventura, 1999b, 2000a e 2008b), uma temática muito querida ao nosso Mestre.

Estaremos assim perante um processo de “**refundação simbólica**” do *Espaço de Memória Coletiva*, com a «Solarização» do antigo paradigma – quando, no início do outono, se reocupa o território que, durante a primavera/verão, ficara confiado à tutela simbólica dos ancestrais.

4. MANIPULAÇÕES

Neste novo espaço frontal, foram depositados alguns elementos cerâmicos, associados a processos de fragmentação, manipulação, remobilização, mais fragmentação e por fim deposição, alguns deles mesmo numa «estrutura de fragmentação».

Esta reorientação e novo átrio estão associados a um conjunto de novas deposições de materiais, com tipologias que permitem integrá-las em momentos já do Bronze antigo regional.

No caso específico da Orca 1 dos Troviscos, seguem um processo ritual, onde conscientemente recipientes cerâmicos são fraturados na zona frontal do *tumulus*, sendo alguns dos frag-

mentos posteriormente recolhidos e englobados numa fossa, ou na realidade uma «estrutura de fracturação» no novo átrio do monumento.

Nesta «estrutura de fragmentação» fragmentos dos recipientes cerâmicos foram colocados em camadas, depois novamente quebrados com pedras sobrepostas, sendo o processo repetido pelo menos mais 2 vezes até ao preenchimento total da fossa (Figura 22).



Figura 22 – Orca 1 dos Troviscos, Sanja A, quadrados P-6/7 (E-O) «Estrutura de fragmentação» [UE.101, após definição e antes da desmontagem. Note-se que consiste numa fossa, escavada na unidade de base do novo Átrio [UE.100]. Do lado direito, planta e perfil estratigráfico da «estrutura de fragmentação». De cor cinzenta, os elementos pétreos usados para fragmentar os fragmentos cerâmicos, anteriormente quebrados sobre a estrutura da mamoa, de cor mais escura – quadricula de 1m.

Estes depósitos frontais, quer sejam resultado de um esvaziamento de depósitos anteriores (ou não), com remobilizações ou de deposições posteriores, apontam para uma inserção mais tardia e também formalizam o fim do uso do monumento, com o seu encerramento ritual.

Os materiais recolhidos ao longo destas 6 campanhas neste monumento apontavam, eventualmente, para a existência de pelo menos duas realidades arqueológicas (Senna-Martinez, 1989):

- Uma relacionada com a construção do monumento megalítico e respetivo encerramento, com materiais enquadráveis com o *Neolítico final* regional, inserível, *grosso modo*, na 2.ª metade do IV milénio *cal* a.C. – à semelhança do que ocorre com monumentos próximos, como a Lapa da Orca/Orca dos Fiais da Telha – os quais incluem elementos cerâmicos e artefactos talhados em sílex e anfibolite;
- As deposições de materiais cerâmicos, na nova zona frontal, serão tipologicamente integráveis em momentos do *Bronze antigo* regional, inserível, *grosso modo*, nos finais do III milénio *cal* a.C. como ocorre na Orca dos Fiais da Telha e na próxima Orca do Outeiro do Rato.

Em momentos posteriores à construção e respetivo encerramento do monumento megalítico, estratigraficamente coevo da redefinição da orientação do monumento e da criação de um novo espaço frontal, foram escavados pelo menos nove buracos de poste, provavelmente associados a outros tantos elementos verticais, possivelmente varas de madeira, nos sectores norte e noroeste – correspondendo à zona escavada da Sanja D e Sanja C – afastados cerca de 1,2 a 1,5 m uns dos outros.

Estes elementos, ou postes, teriam uma altura máxima de cerca de 1 m a 1,2 m, se considerarmos a profundidade média e diâmetro dos respetivos negativos. Não podemos ainda estabelecer se estes «postes» estariam simultaneamente visíveis, apenas podemos dizer que seriam coevos uns dos outros. A que corresponderiam está ainda na área da especulação, mas parecem formar uma linha no quadrante oeste da mamoa, estando afastados entre 1 a 3 metros da estrutura tumular (Figura 23).



Figura 23 – Orca 1 dos Troviscos, vista geral do monumento (O-E), nos finais dos trabalhos de 2021, com a «reconstrução», usando os buracos de poste originais identificados em 2019 e 2021 que foram «reconstruídos» para se estabelecer uma visão de conjunto dos mesmos (fotografia-Drone de Marco Lopes).

Apesar de «encerrado/condenado» uma primeira vez, por volta de 3100-3000 cal AC (ciclo de Aldebarã), não deveremos entender «fim da ocupação» ou «uso» do monumento, mas somente que uma das funções do monumento foi descontinuada – **O espaço continuou a ser de «Memória».**

5. EM SÍNTESE...

Este papel simbólico, em especial, dos monumentos megalíticos como elementos de coesão identitária, com (re)criação de identidade de grupo, parece permanecer, neste e noutros monumentos em termos regionais, mesmo para além da sua função funerária primária.

Numa primeira situação, com as remobilizações de materiais, mesmo que basicamente restritas, em alguns casos, a elementos de moagem, julgamos que este processo não é corriqueiro ou mesmo de ordem prática; julgamos ser um processo de carácter ritual, pela sua repetição sistemática.

Sempre que o registo foi possível, no Núcleo Megalítico em apreço, este tipo de materiais, em especial os dormentes, muitas vezes quebrados e com marcas de bastante uso, são encontrados nos contrafortes internos das massas tumulares, em especial na base destas estruturas pétreas encostados aos Ortóstatos ou então nos fechos dos corredores Megalíticos ou Intratumular, como no caso da Orca de S. Tisco e Orca 2 de Oliveira do Conde, Carregal do Sal (Ventura, 2000d).

Em relação aos moventes, a situação é similar, mas num caso foi identificado um elemento destes como calço de um dos esteios da Orca dos Fiais da Telha (Senna-Martinez, 1989).

A inclusão de outros materiais, em especial nas terras das mamoadas, veio adensar ainda mais esta questão. Não querendo entrar em aspetos mais simbólicos, em que os materiais remobilizados podem representar uma transformação ou associação física dos mesmos com os corpos dos «Ancestrais» (Bradley, 2017:12) ou mesmo num processo de continuidade do espaço habitacional para um espaço ritual (Robin, 2010), não deixa de ser uma indicação de uma continuidade, quer seja somente física e/ou então simbólica, da ocupação de um espaço, com uma conotação especial e ancestral – o Espaço – num processo de perpetuação da memória e de identidade.

Esta «desconstrução» é física e naturalmente que o será simbólica, neste tipo de monumentos, em que a «monumentalização» da Paisagem consiste antes de mais construção de uma **«Memória do Espaço»**.

No verão de 1998, eu e Michael Hoskin visitámos a maioria dos monumentos megalíticos, localizados a norte do Mondego, na continuação de um projeto de medição das orientações do megalitismo do Mediterrâneo (Hoskin, 2001). Em muitos monumentos, a expressão que lhe mais ouvi foi de que «eles enganaram-se na orientação no início do processo e corrigiram-no depois», situação que se aplicava a diversos monumentos, como a Orca das Castenairas, Monumento 1 do Carapito, Anta 1 de Chão de Brinco entre outras.

A realidade é que estávamos a medir monumentos na sua fase final, tal como se apresentavam no presente, e desconhecíamos a ideia de uma «biografia» do monumento, ainda que esse conceito fosse mais ou menos aceite, em termos de deposição de materiais, com ideias como «reutilização», «parasitagens» etc.

Como a conceção de Hoskin tinha que ver com uma orientação fundamentalmente solar e associava-se ao que JCSM postulava, estas situações não causavam mais questões.

Posteriormente, com o início da parceria com Fábio Silva, começou-se a procurar outras conceções, associadas ao reconhecimento de alterações às estruturas dos monumentos, que no caso da Orca das Castenairas eram claras, visto estar ainda em escavação, quando a visitámos em 1998, e confirmada depois com outras escavações, um pouco por todo o país, e no nosso caso específico com a escavação da Orca 1 dos Troviscos e releituras de outros monumentos no Núcleo, tornou-se claro que esta situação não era isolada e estava quase sempre associada a novas deposições tardias, levantando a problemática do papel destes monumentos a longo prazo.

Que a **memória** do local permanece, e vai ser reforçada em momentos cronológicos mais do final do III milénio cal AC, é uma realidade consubstanciada pela presença de deposições claramente inseríveis no Bronze antigo regional, que são mais do que simples «parasitagens», como tínhamos inicialmente pensado (Senna-Martinez, 2018b).

Cria-se e amplia-se o conceito de «Memória do Espaço», para «Espaço de Memória», associado a uma alteração, com a valorização do Solstício solar de inverno, logo uma afirmação de uma nova Cosmogonia, que se pode claramente ver como a Solarização da mesma, ainda que os monumentos continuem a ser espaço de comunicação e interação entre dimensões ou planos (Eliade, 1978).

A dinâmica do Bronze antigo regional, no global, parece surgir assim como um momento de necessidade de legitimação e reforço do grupo, o que na área em apreço passa pela recuperação do papel simbólico dos monumentos megalíticos como elementos de coesão, sentido e (re)criação de identidade de grupo como **«Espaços de Memória»**.

BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, L. & GOMES, S. A. (2019) – Fragmentation and Architecture. Contributions to the debate on the “fill” of negative structures in Baixo Alentejo’s Late Prehistory. In VALERA, A. Ed. *Fragmentation and Depositions in Pre And ProtoHistoric Portugal*, Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA), ERA Arqueologia S.A, pp. 85-103.
- BOAS, L. V. (2014) – *O Povoamento Pré-Histórico da Serra do Carvalho: Estudo a Partir dos Tumuli 1 e 2 de Vale de Chão, Braga*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade de Braga (Policopiado).
- BRADLEY, R. (2017) – *A Geography of Offerings. Deposits of Valuables in the Landscapes of Ancient Europe*, Insights in Archaeology, Oxbow Books, Oxford.
- CARVALHO, A. F. (1995/1996) – O talhe da pedra e a transição Neolítico-Calcolítico no Centro e Sul de Portugal: tecnologia e aspectos da organização da produção”. In *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, ¾, Ed. Colibri, Lisboa, pp. 41-60.
- CARVALHO, A. F. (1998a) – *O Neolítico Antigo do Maciço Calcário Estremenho: Tecnologia e Tipologia da Indústria de Pedra Lascada*. Texto Monográficos 2, Ed. Colibri, Lisboa.
- CARVALHO, A. F. (2018) – Anta da Lapa da Meruje (Vouzela, Portugal). Resultados preliminares dos trabalhos em curso. In SENNA-MARTÍNEZ, J. C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A. F. eds. – *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo. vida e morte na fachada atlântica peninsular*, Nelas: Fundação Lapa do Lobo, pp. 201-216.
- CARVALHO, P. S. (2005) – A Necrópole Megalítica da Senhora do Monte (Penedono, Viseu) Um espaço sagrado pré-histórico na Beira Alta. *Estudos Pré-Históricos*, 12, CEPBA, Viseu.
- CARVALHO, P. S. (2013) – Pré-história. Os senhores das montanhas. In *Genius Loci: O Espírito do Lugar*, Ed. Câmara Municipal de Sever do Vouga, coord. Eon. Indústrias Criativas, Lda, pp. 42-65.
- CARVALHO, P. S. & CARVALHO, A. F. (2018) – Para uma recuperação do megalitismo de Lafões (Viseu, Portugal). O concelho de Vouzela enquanto case-study. In SENNA-MARTÍNEZ, J. C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A. F. eds. – *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*, Nelas: Fundação Lapa do Lobo, pp. 37-50.
- CRUZ, D. (2001) – *O Alto Paiva: Megalitismo, Diversidade Tumular e Práticas Rituais durante a Pré-história recente*. Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Universidade de Coimbra, 2 Vols (policopiada).
- ELIADE, M. (1978) – *O Mito do Eterno Retorno*. Ed. 70, Coimbra.
- ESTEVINHA, I.; SENNA-MARTINEZ, J. C. & VALERA, A. C. (1989) – O Complexo 1 do Penedo da Penha, Vale de Madeiros (Canas de Senhorim): alguns resultados preliminares da campanha 1(987). In *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 125-142.
- FERREIRA, A. B. (1978) – *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira*. Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 4, Lisboa.
- GOMES, L. F. (1996) – *A Necrópole Megalítica da Lameira de Cima (Penedono-Viseu)*. *Estudos Pré-Históricos*, 4, CEPBA, Viseu.
- HOSKIN, M. (2001) – *Tombs, Temples and their Orientations. A New Perspective on Mediterranean Prehistory*. Ocarina Books, Oxford.
- MOITA, I. (1966) – Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta. In *Ethnos*, V, Lisboa, p. 189-297.
- TEIXEIRA et al. (1961) – *Notícia explicativa da folha 17-C. Santa Comba Dão*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- PINHEIRO, P. (2012) – *O monumento da Orca do Pinhal dos Amiais (Nelas) no contexto do Megalitismo da Plataforma do Mondego*. Tese de Mestrado em Arqueologia, Universidade de Lisboa.
- PINTO, E. J. (2005) – *Roteiro Arqueológico do concelho de Carregal do Sal*. Carregal do Sal: Museu Municipal Manuel Soares de Albergaria/Câmara Municipal de Carregal do Sal.
- PINTO, E. J. (2007) – *Património Arqueológico do Concelho do Carregal do Sal – 2ª Fase da Carta e Roteiro*. Carregal do Sal: Museu Municipal Manuel Soares de Albergaria/Câmara Municipal de Carregal do Sal.
- PINTO, E. J. (2012) – *Novos contributos para a actualização da Carta Arqueológica do Concelho de Carregal do Sal – 3ª Fase da Carta e Roteiro*. Carregal do Sal: Museu Municipal Manuel Soares de Albergaria/Câmara Municipal de Carregal do Sal.
- RENFREW, C.; MORLEY, I. & BOYD, M (ed.) (2017) – *Ritual, Play and Belief, in Evolution and Early Human Societies*. Cambridge University Press, Cambridge.
- ROBIN, G. (2010) – Spatial Structures and Symbolic Systems in Irish and British Passage Tombs: the Organization of Architectural Elements, Parietal Carved Signs and Funerary Deposits. In *Cambridge Archaeological Journal*, 20:3, Cambridge, pp. 373-418.

- RODRIGUES, S. M. & OLIVEIRA, C. (2018) – A Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide, Alto Alentejo, Portugal): análise química de resíduos orgânicos identificados em recipientes cerâmicos. In SENNA-MARTÍNEZ, J. C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A.F. eds. – *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*, Nelas: Fundação Lapa do Lobo, pp. 453-480.
- SCARRE, C & OOSTERBEEK, L. (ed.) (2020) – *Megalithic Tombs in Western Iberia: Excavations at the Anta da Lajinha*, Oxbow Books, Oxford.
- SENNAMARTINEZ, J. C. (1989) – *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Universidade de Lisboa, 3 Vols. (Policopiado).
- SENNAMARTINEZ, J. C. (2014) – Death as “life’s mirror”? Funerary practices and trajectories of complexity in the prehistory of peasant societies of Iberia. In A. Cruz, et al. Eds. *Rendering Death: Ideological and Archaeological Narratives from Recent Prehistory (Iberia)*, Archaeopress. *BAR International Series*, 2648, Oxford, pp. 35-44.
- SENNAMARTINEZ, J. C. (2018a) – A shrine in the Neolithic? Orca da Lapa do Lobo, Nelas (c.5000-3000 BC). J. C. SENNA-MARTINEZ, M. DINIZ, e A. F. CARVALHO, Eds. *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*, Lapa do Lobo (Nelas), Fundação Lapa do Lobo, p. 167182.
- SENNAMARTINEZ, J. C. (2018b) – Parasitic frequentation or cultural continuity? The reuse of megalithic monuments in the Ancient/Middle Bronze Age of the Mondego’s Platform. J. C. SENNA-MARTINEZ, M. DINIZ, e A.F. CARVALHO, Eds. *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*, Lapa do Lobo (Nelas), Fundação Lapa do Lobo, p. 277302.
- SENNAMARTINEZ, J. C.; DINIZ, M. e CARVALHO, A. F. Eds. (2018) – *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*. Lapa do Lobo (Nelas), Fundação Lapa do Lobo, (<http://hdl.handle.net/10451/35835>).
- SENNAMARTINEZ, J. C. & ESTEVINHA, I. (1994) – O sítio de Habitat das Carriceiras (Carregal do Sal) Notícia Preliminar. In *Actas do Seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal”, Estudos Pré-Históricos*, 2, pp. 55-61.
- SENNAMARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (1999a) – Evolução das Paisagens Culturais na Plataforma do Mondego na Pré-História Recente (c.5000/550 cal AC). In *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 5, Ed. Colibri, Lisboa, p. 920.
- SENNAMARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (1999b) – Espaço Funerário e “Espaço Cécnico”: a Orca do Folhadal (Nelas). In *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 5, Ed. Colibri, Lisboa, p. 2134.
- SENNAMARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (2000a) – Espaço Funerário e “Espaço Cécnico”: A Orca do Folhadal (Nelas). In *Actas do «3º Congresso de Arqueologia Peninsular»*, Vol. III, ADECAP, Porto, pp. 379-389.
- SENNAMARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (2000b) – Os Primeiros Construtores de Megálitos. In *Por Terras de Viriato*, Catálogo da Exposição, Governo Civil de Viseu, p. 3538.
- SENNAMARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (2000c) – Pastores, recolectores e construtores de megálitos: O Neolítico Final. In *Por Terras de Viriato*, Catálogo da Exposição, Governo Civil de Viseu, p. 53.
- SENNAMARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (2004) – A Luz e as Sombras. A encenação da morte no Neolítico do centro de Portugal. In *Turres Veteras*, VI História da Morte, Câmara Municipal de Torres Vedras, pp. 19-33.
- SENNAMARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (2008a) – Neolitização e Megalitismo na Plataforma do Mondego: Algumas reflexões sobre Transição Neolítico Antigo/Neolítico Médio. In *Actas do IV Congreso del Neolítico en la Península Ibérica*, Alicante, Vol. II, pp. 77-84.
- SENNAMARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (2008b) – Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Veiga Ferreira e o megalitismo da Beira Alta, meio século depois. In *Estudos Arqueológicos de Oeiras. Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*, 16, pp. 317-350.
- SENNAMARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. M. Q. & LUÍS E. (2023) – From PEABAM to NeoMEGA 2, 40 years of Research in the Centre and North of Portugal (1982-2021). In *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular*, pp. 129-141.
- SILVA, F. (2010) – Cosmology and the Neolithic: A New Survey of Neolithic Dolmens in Central Portugal. In *Journal of Cosmology*, 9, pp. 3094-3106.
- SILVA, F. (2014) – A Tomb with a View: New Methods for Bridging the Gap between Land and Sky in Megalithic Archaeology. *Advances in Archaeological Practice: A Journal of the Society for American Archaeology*, 2(1), pp. 24-37.
- SILVA, F. (2015) – The View from Within. In A ‘Time-Space- Action’ Approach to Megalithism in Central Portugal. In *Skyscapes: The Role and Importance of the Sky in Archaeology*, ed by F. Silva and N. Champion, Oxbow Books, Oxford, pp. 120-139.
- VALERA, A. C. (1998) – A Neolitização da Bacia Interior do Mondego. In *Actas do Colóquio «A Pré-História da Beira Interior»*, «Estudos Pré-Históricos», 6, Viseu, pp. 131-148.

- VALERA, A. C. (2000a) – A problemática da neolitização dos territórios do interior: O caso da bacia do alto e médio Mondego. In *Por Terras de Viriato*, Catálogo da Exposição, Governo Civil de Viseu, pp. 15-22.
- VALERA, A. C. (2000b) – O sítio arqueológico da Quinta do Soito no contexto do Povoamento do Neolítico Antigo da Bacia Interior do Mondego. In «Estudos Pré-Históricos», 8, Viseu, pp. 5-17.
- VALERA, A. C. (2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Câmara Municipal de Fornos de Algodres.
- VENTURA, J. M. Q. (1998) – *A Necrópole Megalítica do Ameal, no contexto do Megalitismo da Plataforma do Mondego*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).
- VENTURA, J. M. Q. (1999a) – Monumentalidade e Visibilidade nos Sepulcros Megalíticos da Plataforma do Mondego. In *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 5, Ed. Colibri, Lisboa, pp. 35-49.
- VENTURA, J. M. Q. (1999b) – Os Materiais da Mamoa da Orca 2 do Ameal (Carregal do Sal, Viseu): Análise Tipológica e Enquadramento Cronológico. In «Estudos Pré-Históricos», 7, Viseu, pp. 65-84.
- VENTURA, J. M. Q. (2000a) – Orca 1 do Ameal (Oliveira do Conde, Carregal do Sal). In *Por Terras de Viriato*, Catálogo da Exposição, Governo Civil de Viseu, pp. 42-43.
- VENTURA, J. M. Q. (2000b) – Orca 2 do Ameal (Oliveira do Conde, Carregal do Sal). In *Por Terras de Viriato*, Catálogo da Exposição, Governo Civil de Viseu, pp. 43-46.
- VENTURA, J. M. Q. (2000c) – Orca 2 de Oliveira do Conde (Oliveira do Conde, Carregal do Sal). In *Por Terras de Viriato*, Catálogo da Exposição, Governo Civil de Viseu, pp. 46-47.
- VENTURA, J. M. Q. (2000d) – Orca 2 de Oliveira do Conde, Carregal do Sal, Viseu. In *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 6, Ed. Colibri, Lisboa, pp. 1-20.
- VENTURA, J. M. Q. (2018) – O Núcleo Megalítico dos FiaisAzenha (Carregal do Sal, Portugal): um balanço. J. C. SENNA-MARTINEZ, M. DINIZ, e A.F. CARVALHO. Eds. *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*, Lapa do Lobo (Nelas), Fundação Lapa do Lobo, p. 5163.

O SÍTIO DE SÃO MAMEDE (BOMBARRAL) NAS REDES DE CIRCULAÇÃO DE SÍLEX DO 3º MILÉNIO A.N.E. NA FACHADA ATLÂNTICA DA ESTREMADURA

Patrícia Jordão

Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

pjordao@letras.ulisboa.pt

Resumo: O desenvolvimento, nos últimos anos, de estudos de proveniência de matérias-primas líticas, em particular de sílex, aplicados à Pré-história recente da Estremadura, contribuiu para uma nova e mais fundamentada abordagem aos territórios de abastecimento e circulação das comunidades do 3º milénio a.n.e. Foi efectuado o estudo petrográfico de uma amostra de materiais líticos debitados em São Mamede, recuperados no âmbito de uma intervenção arqueológica realizada entre 2000-2002.

Após a análise petroarqueológica, foi possível definir o seu território de abastecimento directo, de âmbito regional, com cerca de 20km, extensível para Este, na direcção da bacia de Rio Maior. Foram documentadas também vias de abastecimento para Norte (eixo Nazaré-Ourém) e para Sul (zona de Pero Pinheiro/Carenque-Lisboa), por onde circularia a matéria-prima extra-regional identificada, que testemunha a inscrição de São Mamede na rede de trocas mais vasta do Sul Peninsular.

A comparação com outros povoados da faixa Atlântica, nomeadamente Zambujal e Fórnea (Torres Vedras) e também Vila Nova de São Pedro (Azambuja), permitiu reconhecer uma diversidade e complexidade das estratégias de abastecimento em sílex na Estremadura, determinadas por condicionalismos geológicos e culturais.

Palavras-chave: Sílex; Estudos de proveniência; Mobilidade; Calcolítico.

Abstract: The development, in recent years, of provenance studies of lithic raw materials, particularly flint, applied to the Recent Prehistory of Portuguese Estremadura, has contributed to a new and more grounded approach to the supply and circulation territories of the communities of the 3rd millennium BCE.

A petrographic study was performed on a sample of lithic materials recovered in São Mamede by an archaeological intervention carried out between 2000-2002.

Through the present petroarchaeological study of lithic raw materials debited in São Mamede, it was possible to define a direct supply territory of regional scope, about 20km long, extending eastwards towards Rio Maior basin. Supply routes to the North (Nazaré-Ourém axis) and to the South (Pero Pinheiro/Carenque-Lisbon area) were also documented, through which extra-regional raw materials identified circulated, testifying the inclusion of São Mamede in the wider exchange networks in the south of the Iberian Peninsula.

Comparison with other settlements in the Atlantic façade, particularly Zambujal and Fórnea (Torres Vedras) and also Vila Nova de São Pedro (Azambuja), allowed us to recognise the diversity and complexity of flint supply strategies in Portuguese Estremadura, determined by geological and cultural constraints.

Keywords: Flint; Provenance studies; Mobility; Chalcolithic.

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento, nos últimos anos, de estudos de proveniência de matérias-primas líticas, em particular de sílex, aplicados à Pré-história recente da Estremadura (Jordão 2010, 2022, Jordão & Pimentel 2017, 2021), contribuiu para uma nova e mais fundamentada abordagem aos territórios de abastecimento e circulação, constituindo uma ferramenta importante para estudar a mobilidade, a circulação e a dinâmica das redes de troca nas comunidades do 3º milénio a.n.e.

Como se tem defendido, a articulação entre o conhecimento da origem da matéria-prima dos conjuntos artefactuais de pedra lascada e as características tecno-tipológicas dos mesmos possibilita, por um lado, o reconhecimento do estatuto da matéria-prima lítica no sistema técnico, enquanto rocha dominante, complementar, de substituição ou ainda com uma posição socialmente valorizada (Marchand 2012). Por outro lado, a delimitação dos territórios de exploração directa de cada sítio, através da correlação entre tipos de sílex geológico e arqueológico (por cadeia operatória), permite estabelecer uma unidade mínima de referência, de dimensão local ou regional, que pode integrar na sua área de influência directa outros sítios. É a partir deste território complexo e intensamente frequentado, que se devem entender as redes de contactos entre sítios e avançar interpretações acerca da mobilidade humana no Calcolítico (Jordão & Pimentel 2021, Jordão 2023).

No caso de São Mamede, com uma posição geomorfológica central no litoral estremenho, a construção de um modelo de território de abastecimento com identificação de marcadores litológicos de circulação, é particularmente relevante no quadro de uma Estremadura Atlântica, entendida como «placa giratória central através da qual seriam organizadas as relações “atlânticas” e “mediterrânicas”» (Senna-Martinez 2019).

2. ENQUADRAMENTO GEOLÓGICO E GEOMORFOLÓGICO DO VALE TIFÓNICO DAS CALDAS DA RAINHA (VTCR)

O Outeiro de São Mamede (Bombarral) localiza-se numa pequena elevação alongada, de direcção NNE-SSW, no interior do Vale Tifónico das Caldas da Rainha. Desenvolve-se em três patamares, sucessivamente menos elevados, delimitados a oeste pelo afloramento que se ergue abruptamente, constituindo uma encosta escarpada de difícil acesso. Esta elevação faz parte de um conjunto de relevos de dureza, constituídos por calcários dolomíticos do Hetangiano (**Figura 1**), do topo da Formação de Dagorda ($J_{ab}1$) (Zbyszewski & Almeida 1960, Azerêdo et al. 2003), que afloram no núcleo da depressão diapírica, formando um alinhamento paralelo aos seus flancos. O Vale Tifónico é a unidade geomorfológica central, que surge paralela à actual linha de costa e interrompe a plataforma (litoral) de Aljubarrota (Henriques 1996), separando a faixa litoral, a oeste, da restante superfície de aplanagem até ao Maciço Calcário Estremenho (MCE), a leste, e ao planalto das Cesaredas, a S-SW. Os bordos desta estrutura anticlinal, são geralmente abruptos formando, no litoral a oeste, arribas altas interrompidas por passagens estreitas, entalhadas no Pliocénico através das quais, durante a transgressão flandriana o mar penetrou, inundando os sectores mais baixos e transformando-os em estuários lagunares, dando lugar às actuais várzeas, com cobertura aluvionar, como a da Nazaré e a de Óbidos (Henriques, 1996) (**Figura 2**).

A Sul e Sudoeste da depressão diapírica, destaca-se o planalto das Cesaredas, cuja série carbonatada jurássica (Rugot-Perrot 1961) contacta através da falha da Serra d'El Rei com a Formação de Dagorda.

O enrugamento da plataforma litoral, para Este, é visível no sinclinal de A-dos-Francos, com a mesma orientação do Vale anteriormente referido e num dos seus principais relevos em anticlinal – o Maciço Calcário Estremenho (MCE). O sinclinal encontra-se no sopé da Serra dos Candeeiros, contrastando com o forte declive da sua vertente ocidental. Esta superfície aplanada nos calcários do Jurássico Médio e Superior estabelece a divisão da drenagem entre o litoral e a bacia de Rio Maior (Henriques, 1996).

As unidades evaporíticas do Vale Tifónico são sobrepostas por uma cobertura detrítica plio-pleistocénica, mais bem preservada nas zonas deprimidas e erodida nos respectivos flancos mais elevados. O Pliocénico da orla ocidental tem características gerais de fácies marinhas, mais na base, observando-se, para o topo e sectores interiores, o predomínio de influência continental (e.g. Azevêdo 1982, Cunha 1992, Pimentel 1997).

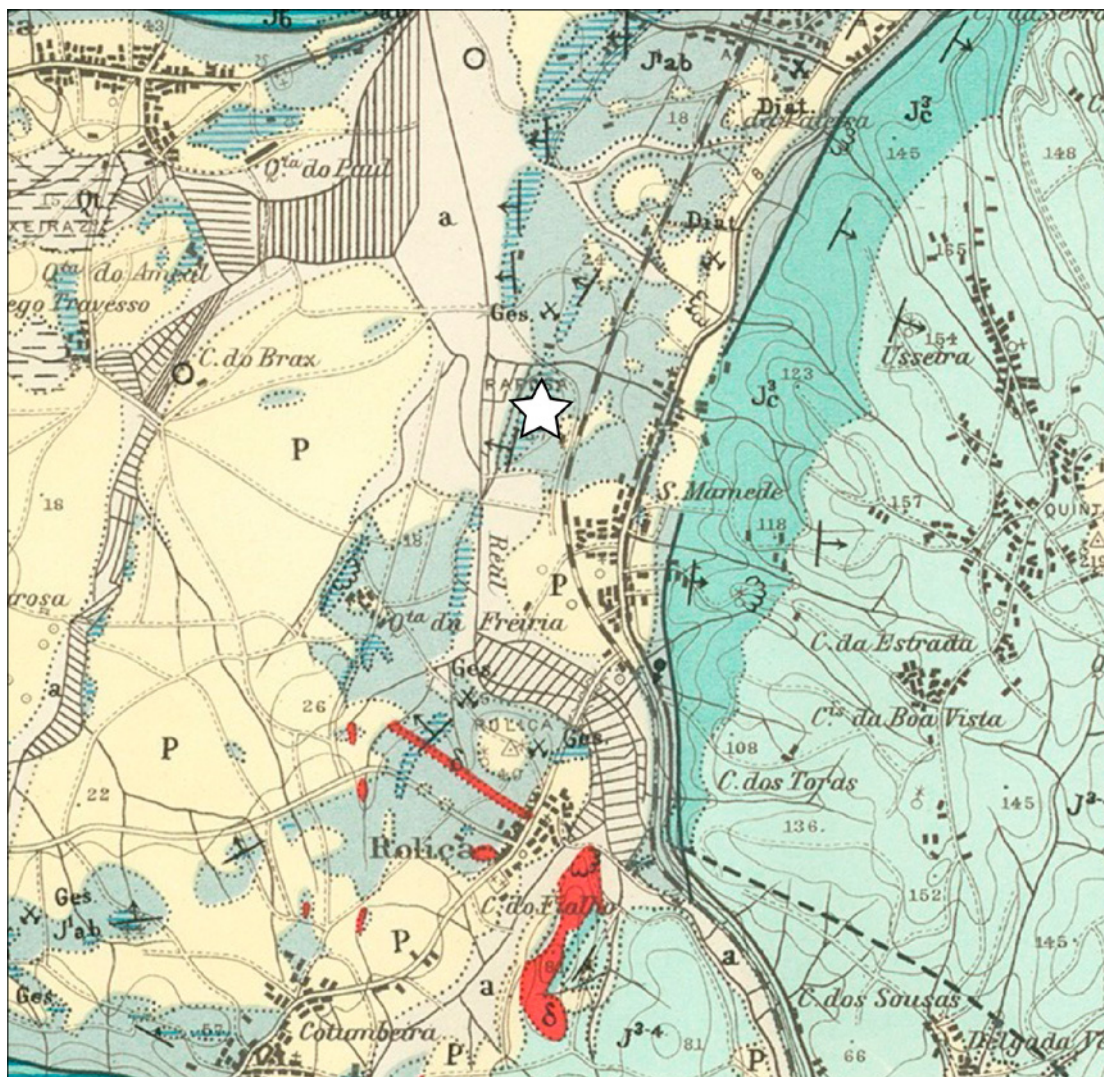


Figura 1 – Localização do povoado de São Mamede (WGS 84: 39°19'46.79"N, 9°10'59.26"W) na Carta Geológica de Portugal à escala 1: 50000 (26-D Caldas da Rainha). Actualmente na freguesia da Roliça (Bombarral), com o CNS 1157.

A faixa litoral entre a linha de costa e o MCE é atravessada por uma densa rede hidrográfica, de curta extensão e pouco hierarquizada (Figura 2). O estabelecimento da rede de drenagem foi determinado, em parte, pelas oscilações do nível do mar, em regime de alternância entre transgressões-regressões a partir do final do Terciário. Também, ao longo do Quaternário, as movimentações tectónicas foram responsáveis pelo desenvolvimento da rede hidrográfica antecedente, forçando o seu encaixe (Cabral 1995). No Holocénico, com a subida do nível do mar, a rede escavada anteriormente foi inundada e preenchida por sedimentos flúvio-marinhos e, nas áreas mais deprimidas, deu origem a estuários lagunares destacando-se, no Vale Tifónico, a lagoa de Óbidos.

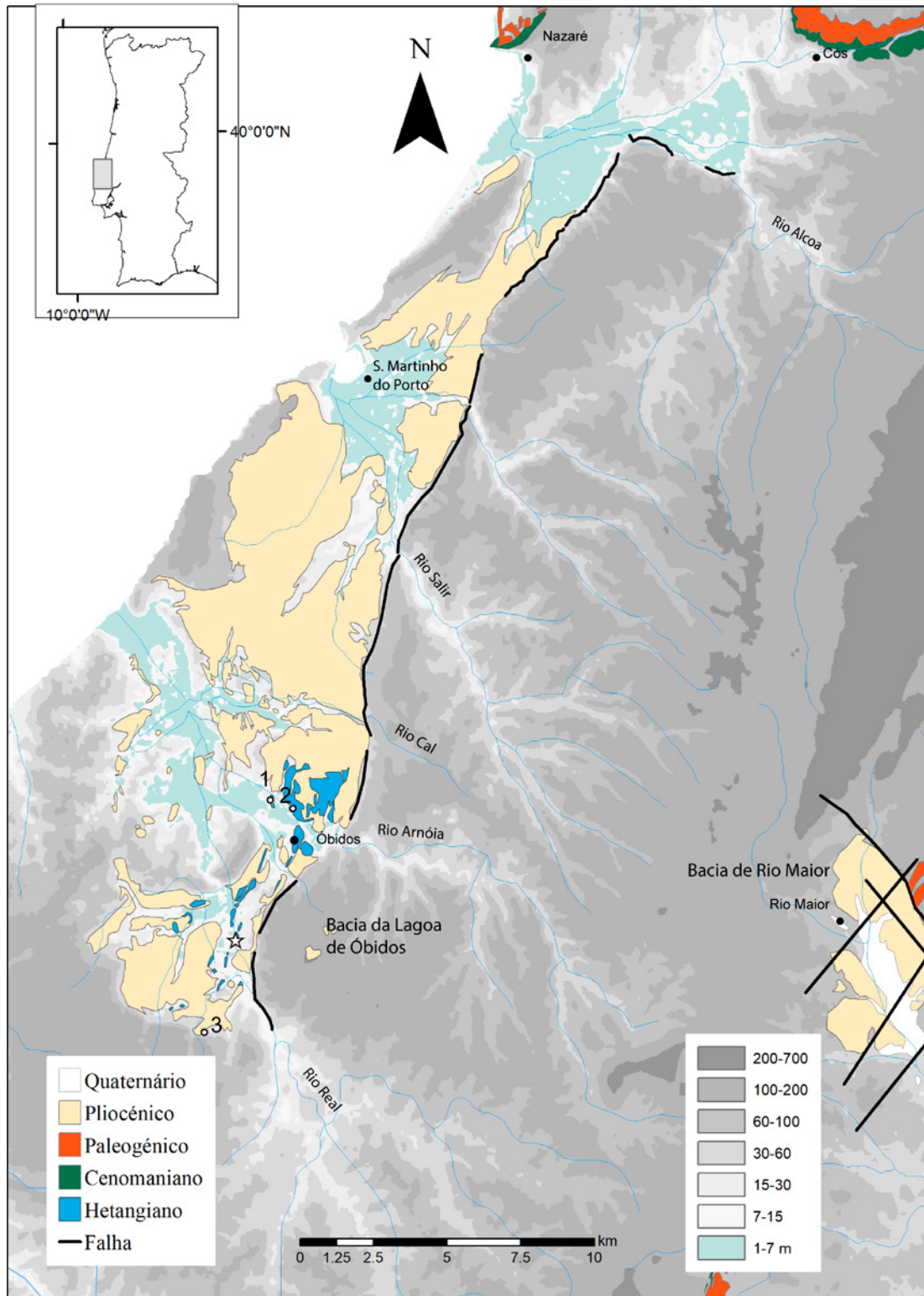


Figura 2 – Localização de S. Mamede (estrela) no Vale Tifónico, implantado nos calcários dolomíticos do Hetangiano que surgem sob a forma de retalhos no Vale Tifónico. Principais sítios com ocupação pré-histórica, para além de São Mamede e Óbidos: 1 – Outeiro da Assenta; 2 – Santo Antão; 3 – Columbeira. Interpretação da curva de nível de 7 m como limite médio da planície de inundação da lagoa de Óbidos, adaptada de Ferreira et al. 2009.

3. A LAGOA DE ÓBIDOS NO CALCOLÍTICO

A lagoa de Óbidos situa-se entre o Cabo Carvoeiro e S. Martinho do Porto, e tem uma forma alongada, com uma direcção sensivelmente NW-SE. Desenvolve-se numa depressão pouco profunda separada do mar por uma barreira natural constituída por um cordão de dunas litorais, apoiado nas arribas do Facho e do Gronho, mantendo-se em contacto com o oceano artificialmente (Ferreira et al. 2009). Ocupa uma área com cerca de 6km², com comprimento máximo de 4,5km e uma largura máxima de 1800m, prolongando-se por dois braços, designados por Braço do Bom Sucesso e Braço da Barrosa, bem como a Poça das Ferrarias” (Freitas 1989 p. 5). Para a lagoa de Óbidos confluem as bacias dos rios Real, Arnóia, Cal e Arelho (Henriques 1996).

A aplanção envolvente sugere a existência de um paleo-estuário mais extenso, que se estenderia, no máximo da transgressão flandriana, das arribas do Facho e do Gronho ao Nadadouro, Águas Santas, Óbidos, Raposa, Amoreira, Vau, Bom Sucesso e Ferrarias, aproximadamente coincidente com a dos depósitos aluviais que hoje definem uma superfície a 7-10m de altitude (Figura 3).

Na análise de sistemas lagunares análogos da costa Oeste portuguesa (e.g. Freitas et al. 2003, Drago et al. 2006) constatou-se que, após um período de subida rápida do nível do mar, entre 18 e 6 ka BP, há uma desaceleração dessa tendência. Até 6000-5000 BP a sedimentação foi controlada por factores à escala global, nomeadamente, pela subida média das águas do mar e, a partir de 5000 BP, parece ter havido um ponto de viragem em consequência desse abrandamento, em que os factores locais, nomeadamente a isostasia, a subsidência, a abastecimento sedimentar e a acção antrópica passam, progressivamente, a desempenhar um papel preponderante na evolução dos sistemas costeiros (e.g. Freitas et al. 2003, Dinis et al. 2006).

Entre a Nazaré e Óbidos, a área inundada no máximo transgressivo holocénico definiu um perímetro que provavelmente corresponde ao limite dos depósitos aluviais entre 7-10 m de altitude, geralmente marcados por uma inflexão no declive. A área inundada terá permanecido pouco alterada até cerca de 2000 BP e presume-se um perímetro quatro vezes superior ao actual (Henriques et al. 2002) (Figura 4).

Em torno da várzea de Óbidos foram-se agregando núcleos de povoamento (Outeiro da Assenta, Santo Antão, Óbidos, São Mamede), actualmente mais distantes do litoral devido ao preenchimento aluvionar (Figura 3).

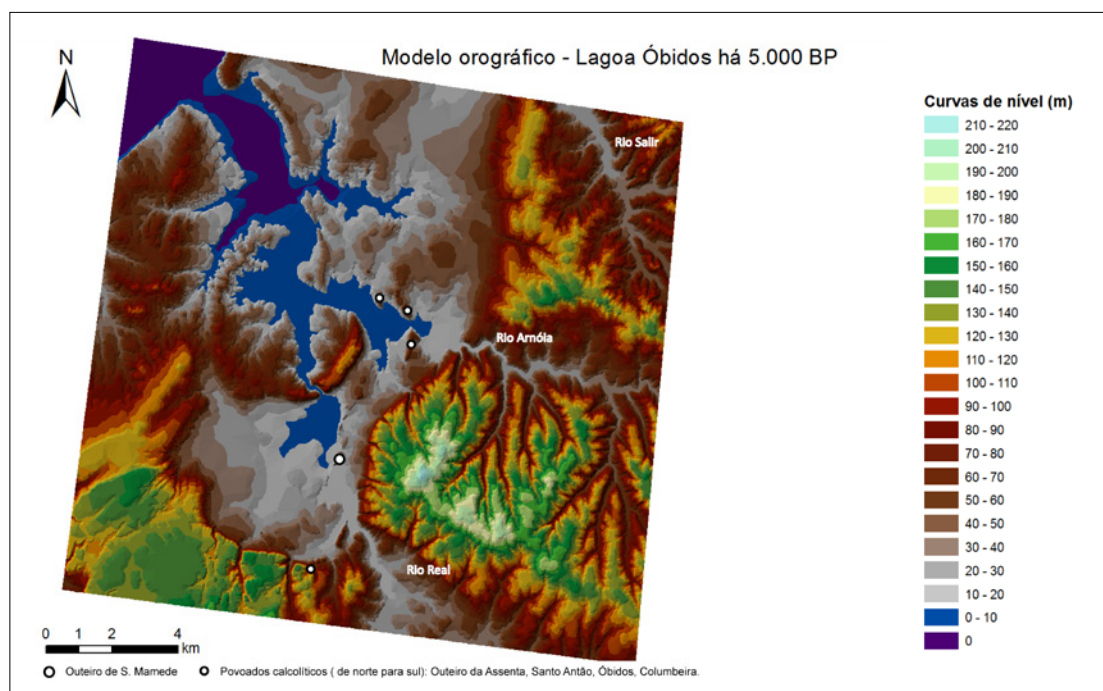


Figura 3 – Modelo orográfico da Lagoa de Óbidos há 5000 BP (curva de nível dos 10 m assinalada a azul), com implantação dos principais sítios com ocupação calcólítica (Jordão 2010).

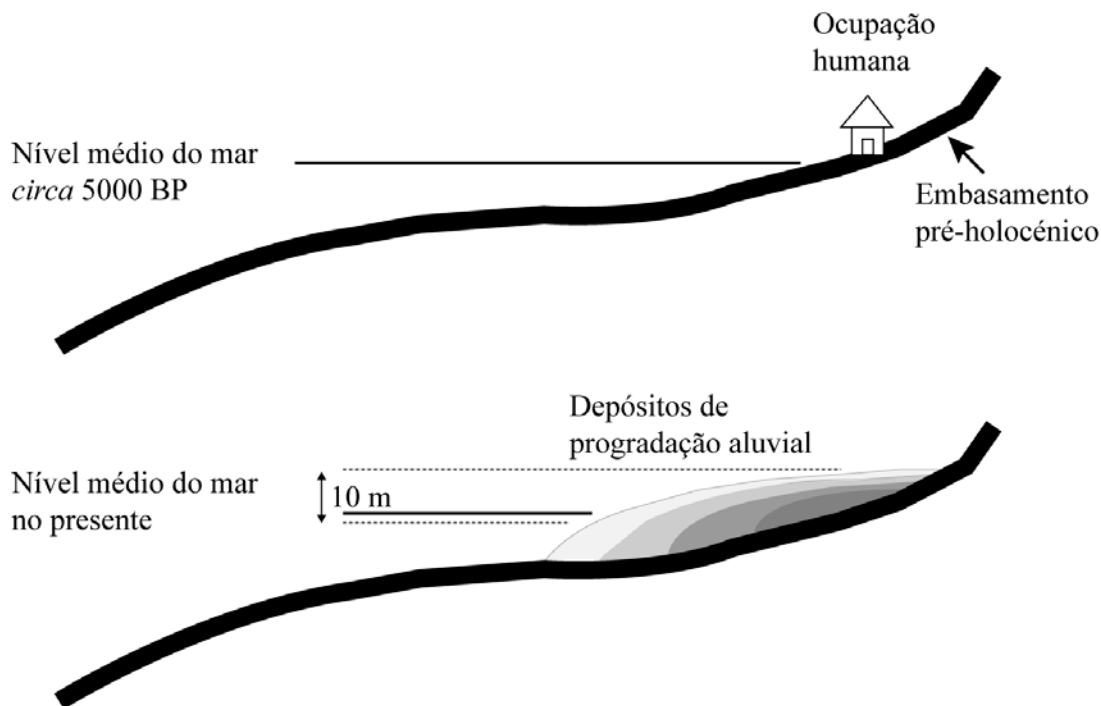


Figura 4 – Diagrama esquemático do máximo da transgressão holocénica e sua relação com a curva de nível dos 10 m. Ao longo do Holocénico deu-se a progradação sucessiva dos depósitos aluviais, elevando a superfície acima do nível de base actual. A ocupação no Calcolítico, há 5000 BP, marca o limite exterior da planície de inundação da lagoa de Óbidos (modelo de Dinis et al. 2006).

Na faixa litoral da plataforma continental, embutida entre o MCE e o Oceano Atlântico, De norte para sul, desenvolvem-se as várzeas Cela-Valado de Frades e de Maiorga, a “concha” de S. Martinho do Porto e a várzea de Óbidos correspondentes, no 3º milénio a.n.e., provavelmente a zonas estuarinas (Dinis et al. 2005), desenhando-se um litoral com uma faixa aplanada de circulação terrestre Norte-Sul com cerca de 5km de largura.

As áreas periféricas mais elevadas seriam acedidas por uma vigorosa e complexa rede hidrográfica, provavelmente mais caudalosa do que actual (Henriques 1996), através de alguns vales encaixados, como o da Ribeira de Crastos para Leste, ou o vale do Roto, para Sul. O Outeiro de São Mamede insere-se nesta unidade geomorfológica, onde estão presentes os acessos terrestres, fluviais e marítimos.

4. TRABALHOS ANTERIORES E ENQUADRAMENTO ARQUEOLÓGICO

Em 1895, J. Leite de Vasconcelos publicou n' *O Archeologo Português* a notícia da descoberta do Outeiro de São Mamede por Maximiano Apolinário. A partir desta data começam a chegar ao Museu Nacional de Arqueologia (MNA) objectos provenientes do povoado. Entre 1903 e 1906, Bernardo de Sá empreende “explorações” nas plataformas do sítio, recolhendo milhares de materiais arqueológicos, que leva para o referido museu. Salienta-se a descoberta em 1905 de pequeno recinto, com um inventário de espólio associado, cuja descrição nas “Notas” de Bernardo de Sá (Alves 1957) sugere tratar-se de um recinto contido por estruturas pétreas, com uma lareira no interior, um “tesouro de setas” e uma “mina de raios”. Foi efectuada um esboço em planta do que teria sido essa “cabana”, com indicação aproximada das estruturas. Encontra-se depositado no MNA um conjunto de pontas de seta estudado por S. Forenbaher (1999) que teria atingido um universo de mais de 300 pontas de projectil, pelas palavras de Bernardo de Sá. Posteriormente, J. Cardoso e J. R. Carreira (2003) publicaram o espólio recolhido pelo primeiro explorador, referindo o “extravio” de parte dos materiais inventariados.

Entre 1969-1986 Antero Furtado, António Maurício e Vasco Cortes, arqueólogos amadores do Bombarral, efectuaram algumas recolhas isoladas de materiais, actualmente em depósito no Museu de Bombarral.

Em 1991, J. L. Gonçalves realizou quatro sondagens nas plataformas intervencionadas nos anos 70, onde recolhe sobretudo cerâmica lisa, restos líticos de talhe e material arqueobiológico, abandonado no local por antigos escavadores.

Entre 2000-2002, no âmbito do projecto de “Estudo da Pré-história recente do Vale Tifónico de Caldas da Rainha” (PROVATIS), integrado no plano nacional de trabalhos arqueológicos (PNTA), foram efectuadas três campanhas arqueológicas na vertente Este de uma das plataformas escavadas por Bernardo de Sá, local nunca antes intervencionado. Nas sondagens foram identificadas estruturas, uma delas adossada ao afloramento calcário, associadas a contextos de ocupação cujos materiais arqueológicos e arqueobiológicos, preliminarmente publicados (Queiroz & Van Leewarden 2004, Moreno-García 2005, Jordão 2010), confirmaram a atribuição do sítio ao 3º milénio a.n.e., nomeadamente através da presença de cerâmica canelada, cerâmica com decoração de folhas entalhadas e cerâmica campaniforme. A indústria lítica recolhida nas intervenções de 2000-2002 foi alvo de estudo tecno-tipológico e de uma primeira análise de proveniência de matérias-primas (Jordão 2010, 2012, 2013, Jordão & Pimentel 2012). Foi proposto um modelo de aprovisionamento local de quartzito e quartzo para a conformação sobretudo de cadeias de debitage expedita de lascas. Por outro lado, foi sugerido um aprovisionamento regional de sílex (até cerca de 35 km para Norte), com matéria-prima associada ao sílex do Cenomaniano do Sector Norte da Bacia Lusitânica (BL) – Nazaré, Cós e Ourém – e também ao sílex de contextos detríticos da bacia de Rio Maior (cerca de 20-25 km para Este), com presença de fácies características do Cenomaniano e do Jurássico (Jordão & Pimentel 2012).

O modelo de implantação do povoado de São Mamede, no contexto do “Calcolítico da Estremadura”, corresponde ao que se caracteriza pela proximidade da linha de costa, oceânica ou estuarina, ou de linhas de água, em pequenos esporões ou elevações de altitude média a baixa. Frequentemente, as características singulares do sítio foram integradas na própria estruturação, aproveitando recintos ou protecções naturais, como é evidente nos afloramentos de calcários dolomíticos em São Mamede e na Fórnea (Gonçalves 1982), no cone vulcânico do Penedo do Lexim (Sousa 2010), ou nas plataformas aplanadas de Leceia (e.g. Cardoso 1994), Zambujal (e.g. Kunst 1987) ou Vila Nova de São Pedro (Martins et al. 2019).

A diversidade da ocupação calcolítica, a nível habitacional, verifica-se nos tipos de implantação e na dimensão dos povoados. A rede de povoamento parece reflectir uma certa hierarquização coexistindo, num mesmo território, sítios relacionados, como o proposto para Zambujal-Fórnea (Kunst 1995), ou entre São Mamede-Columbeira, em que neste caso o segundo poderia ter uma função mais especializada de controlo territorial sobre o acesso sul à depressão de Dargorda (Jordão 2010). Sabe-se que a rede de ocupação integrava também sítios “abertos”, como Carrascal, em Oeiras (Cardoso Silva e Soares, 2008), sem condições naturais de defesa, numa paisagem aparentemente sem marcadores particulares. Por fim, registam-se ocupações de carácter especializado, em que a escolha dos locais de assentamento são condicionados pela proximidade de matérias-primas líticas: sítios relacionados a exploração e produção de artefactos, caso de Vila Pouca e Santana (Forenbaher 1998, 1999), oficinas de talhe, como é exemplo Casas de Baixo (Ourém) (Zilhão, 1994), e ainda sítios com produção lítica especializada: exemplo de Barotas e Monte do Castelo, relacionados com Leceia (Cardoso & Costa 1992, Cardoso & Norton 1998).

5. METODOLOGIA

O sílex é uma rocha que tem como característica a variabilidade de aspecto. Estas diferenças têm, em regra, correspondência com as respectivas origens genéticas e gitológicas. A análise dos aspectos visíveis em amostra de mão constitui uma ferramenta fundamental na primeira distinção de tipos, que poderão ser posteriormente detalhados em termos petrográficos e físico-químicos. O material amostrado foi alvo de caracterização macroscópica, complementada com lupa binocular com aumento até 40x (Motic SMZ-140), com câmara digital integrada FHD V.2

(Panasonic). Foram salientados os aspectos macroscópicos do sílex com base nos critérios utilizados por B. Luedke (1992) e C. Bressy (2002): cor, homogeneidade (cor), transparência, aspecto geral das superfícies (rugosa/lisa), patinas, rolamento, fissuração, tipo de córtex. Também foi registada a observação da textura geral (*mudstone*, *wackestone*, *packstone*, *grainstone*), segundo a abordagem composicional de Folk (1959), e da textura particular com indicação de inclusões (por exemplo, óxidos minerais, bioclastos, recristalizações, geodes), porosidade, passagem do córtex para o miolo (regular/irregular e nítida/gradual) e zonagem sub-cortical (ZSC), de acordo com o Protocolo Petroarqueológico de caracterização de sílex (Jordão 2023).

6. BREVE DESCRIÇÃO TECNO-TIPOLOGICA DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO

O material de pedra lascada recolhido durante as intervenções de 2000-2002, encontra-se estudado e publicado (Jordão 2010, 2013). Num universo de 1598 registos conta-se sobretudo material residual, que espelha a natureza dos contextos escavados, cuja maior parte das unidades estratigráficas continha materiais remobilizados, não recolhidos pelos antigos escavadores (Fase III – século XX). O material de debitage é maioritariamente constituído por lascas, seguindo-se as peças retocadas e, em número reduzido, núcleos e material de reavivamento.

Foi reconhecida, no sítio, a debitage de lascas e de produtos alongados (maioritariamente lamelas), nomeadamente com vista à produção de lascas em bruto, lascas retocadas e, provavelmente de pontas de seta. É notória a reduzida quantidade de núcleos, de material de preparação e reavivamento, e de peças com córtex (23%), contrastando com o elevado número de material de debitage de fase plena e de peças no seu estado final de “utensílio” (77%). Provavelmente, parte das sequências de talhe teriam sido efectuadas noutros locais do povoado ou noutros sítios, a partir dos quais os produtos debitados seriam transportados. (Jordão 2013 p. 68).

A cadeia operatória das lâminas não se encontra atestada em São Mamede. Estas são de dimensão pouco normalizada, a avaliar pela ausência de bordos paralelos e pela variação significativa entre as larguras máxima e mínima. Pelo contrário, nas lamelas verifica-se a presença de bordos mais regulares, ainda que não paralelos, e a diferença entre os valores máximo e mínimo da largura é bastante reduzida (Jordão, 2010: 44).

A utensilagem geral (UG) foi produzida maioritariamente sobre lasca, utilizando-se também lâminas como suporte de truncaturas, denticulados, furadores e raspadeiras. Os entalhes, denticulados e lascas de retoque marginal constituem os tipos de UG mais numerosos.

O grupo dos foliáceos é constituído essencialmente por pontas de seta (80%), seguido dos foliáceos ovóides e de uma quantidade reduzida de grandes pontas bifaciais, estes dois últimos tipos bastante fragmentados (Jordão 2010).

As pontas de seta recolhidas nas escavações recentes (89 exemplares) são, maioritariamente, do tipo triangular de base côncava, sendo residuais as restantes tipologias (Jordão 2010 p. 49). No entanto, a contabilização do universo total de pontas de projectil do povoado São Mamede (421), incluindo os materiais recolhidos durante as intervenções de J. L. Gonçalves (Jordão 2017) e, em particular, nas escavações antigas de Bernardo de Sá (Forenbaher 1999), apontam para o domínio do tipo mitriforme. Este facto pode estar relacionado com o facto de as recolhas terem sido localizadas numa zona de produção de armaduras, o apelidado “depósito de pontas de seta” (Alves 1957 p. 35). Considera-se bastante provável a produção local de pontas de seta, à semelhança de outros povoados não especializados, onde a produção de pontas de seta em contexto doméstico está documentada, por exemplo, em Los Millares, na cabana CE 15 do Fortim 1 (Molina et al. 1986, Molina & Cámara 2005) e no Camino de las Yeseras (Liesau et al. 2008). No caso de São Mamede, eventualmente com produção especializada deste tipo (Cardoso & Carreira 2003 p. 119).

7. DESCRIÇÃO DA AMOSTRA

Foi observada a matéria-prima de uma amostra de 380 peças, cerca de 25% dos 1598 artefactos de pedra lascada recuperados durante as intervenções de 2000-2002, em depósito no Museu

Municipal do Bombarral. Este conjunto é proveniente das unidades estratigráficas 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, dos Sectores I e II que são sobrepostas pela U.E. 6. Esta U.E. foi interpretada como resultante das acções de despejo de terras das escavações antigas para a vertente Este do povoado, e marca o início da fase de perturbação mais recente da estratigrafia pré-histórica – Fase III – século XX (Jordão 2010) (Figura 5).

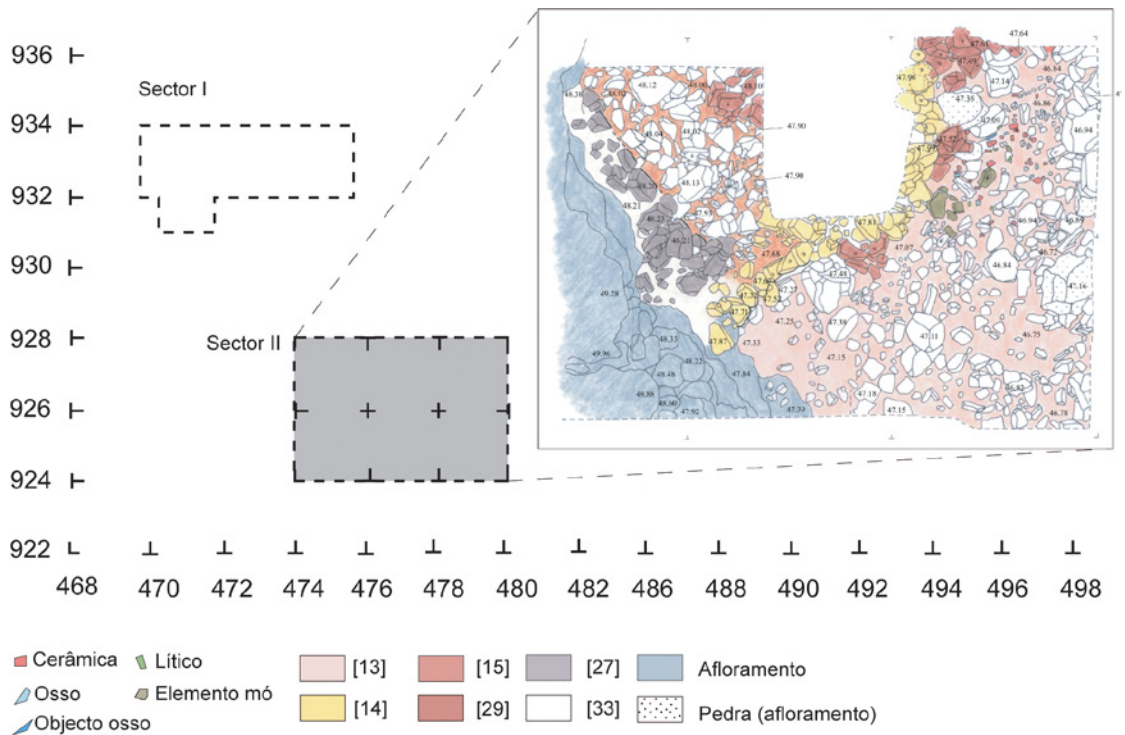


Figura 5 – S. Mamede: Planta do sector I e II com as principais U.E. identificadas (Coordenadas M-109 474/P- 262-924 Datum Lisboa).

A amostra apresenta as categorias tecno-tipológicas identificadas no restante espólio (Jordão 2013), em proporção ligeiramente diferente (Gráfico 1). Destaca-se o material de debitage (47%), em particular as lascas (31%) e os resíduos de talhe, sendo a quantidade de utensílios menor do que a identificada no conjunto total (15% para 21%) (Gráfico 1).

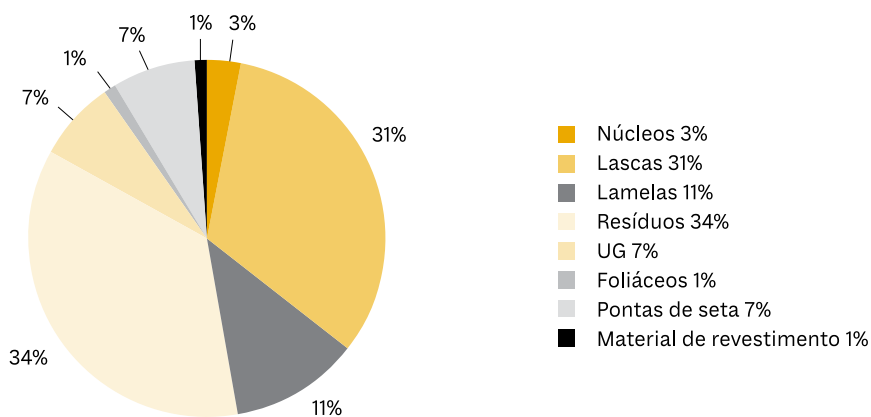


Gráfico 1 – Distribuição das principais categorias tecno-tipológicas da amostra estudada.

8. CARACTERIZAÇÃO PETROARQUEOLÓGICA

Foi efectuada análise macro- e mesoscópica, sempre que necessário com auxílio de lupa binocular (aumento até 40x). A matéria-prima utilizada predominantemente foi o sílex (72%) e também o quartzito (13%) e o quartzo (11%), sob a forma de clastos. Foi identificada uma reduzida percentagem de arenito silicioso ou ortoquartzito (3%) e quartzo hialino (1%) e, por fim, a presença residual de silcreto e calcedónia (menos de 1%) (**Gráfico 2**).

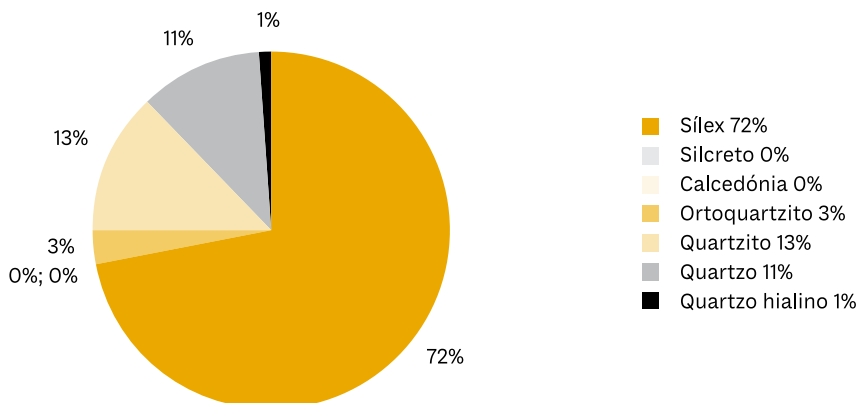


Gráfico 2 – A matéria-prima da indústria lítica de S. Mamede é constituída maioritariamente por sílex (72%), quartzito (13%), quartzo (11%), ortoquartzito (3%), quartzo hialino (1%), silcreto e calcedónia (menos de 1%).

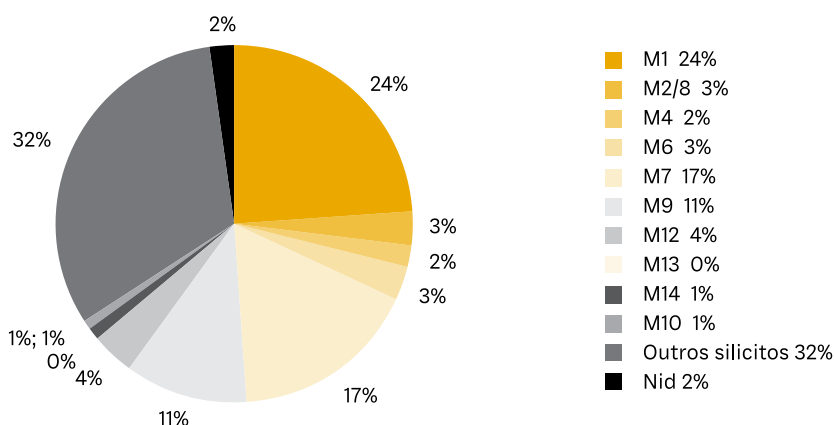


Gráfico 3 – Microfácies identificadas no material debitado em S. Mamede: M1 (cinzento), M2/8 (3%, verde claro), M6 (verde), M7 (vermelho), M9 (11%, verde claro), M10 (castanho), M12 (amarelo escuro), M13 (azul), M14 (amarelo claro), outros silicitos (quartzito, quartzo, arenito, quartzo hialino – branco), Não identificado (Nid, riscas oblíquas).

O quartzito e o quartzo foram utilizados para a conformação de mais de 70% dos núcleos para obtenção de lascas, sem criação de arestas-guia. O quartzo hialino, de grão mais fino, foi seleccionado para a obtenção de lamelas. Estas matérias-primas, a que se junta o arenito silicioso, ocorrem nas formações detríticas do Plio-Plistocénico do Vale Tifónico, acessíveis nas imediações do sítio.

O sílex faz parte da matéria-prima não local, cuja ocorrência mais próxima, em posição primária e secundária, é nas formações mesocenozoicas situadas no eixo Nazaré-Ourém, no Sector Norte da BL e, a Este, nas formações detríticas de Rio Maior. Foram observadas doze microfácies nos artefactos de sílex. A microfácies **M1**, de textura *mudstone* sem elementos figurados, foi identificada em cerca de 24% das peças, encontrando-se em maioria, tal como no Zambujal e na Fórneia. Também em São Mamede, a presença de peças com uma área de observação limitada,

frequentemente correspondente ao miolo da matéria-prima, sem presença de córtex, dificultou bastante a caracterização a nível macro- e mesoscópico.

O sílex de microfácies M7 encontra-se bem representado em São Mamede (17%, **Gráfico 3**), em particular a M7-2, de textura *mud-* a *wackestone*, com presença de espículas de espongiários, foraminíferos textularídeos, fragmentos de bioclastos recristalizados por quartzo macrocristalino, numa matriz de grão fino pontuada por óxidos de ferro. Embora este tipo não tenha sido identificado em núcleos, observa-se em algumas peças com córtex de alteração, por vezes ferruginizado, e em bastantes lascas e resíduos.

A microfácies M9, de textura *wacke-* a *packstone*, foi identificada num sílex de cor castanho a cinzento, de aspecto semi-opaco a translúcido, com matriz provavelmente criptocristalina, em que se observam diversos foraminíferos e, eventualmente, calcisferas. As texturas *wacke-* a *packstone* ocorrem em amostras da formação de Bica na zona de Carenque-Lisboa, associadas a um material de aspecto opaco, correlativas dos tipos Z-2 e Z-9, do Zambujal. Contudo, na Fórnea, foi observado um tipo de sílex com textura e aspecto muito semelhante a CSM-9 (Jordão 2023). Em São Mamede este tipo de sílex de grão fino encontra-se presente em todas as categorias tecnológicas, salientando-se a sua utilização num núcleo para lamelas (**Gráfico 4**).

A M12 e a M14 associadas, respectivamente, ao sílex de Ourém e Nazaré, representam cerca de 5% da amostra (**Gráfico 5**). Sobressaem os agregados micríticos numa matriz peloidal, no primeiro (Figura 6I-J) e, no segundo, a matriz é mais fina. Estas microfácies encontram-se dispersas por todas as categorias tecnológicas, excepto em lamelas (**Gráfico 4**).

As restantes microfácies ocorrem em percentagens reduzidas: a M2 e M8, associadas ao sílex C3-PPC-Lx, constituem 3% da amostra do conjunto lítico. A M6, de sílex dolomítico, encontra-se em São Mamede numa proporção ligeiramente mais elevada do que no Zambujal e na Fórnea, observando-se uma maior variação de microfácies (**Figura 6A e B**). Tal é o caso também da M4, com elementos figurados arredondados, alguns provavelmente litoclastos, residual nos referidos povoados mais a Sul e em São Mamede visível em maior número de exemplares, com semelhanças texturais com CSM-9 (**Figura 6D**).

O sílex oxfordiano também se encontra presente em São Mamede – M13 -, em particular a fácies brechoide – CSM-13 (**Figura 6C**).

Por último, foi identificado sílex continental – M10 – de fácies brechoide (M10-1) e calcedonítica fina (M10-2), atingindo cerca de 1% da matéria-prima debitada (**Gráfico 5**).

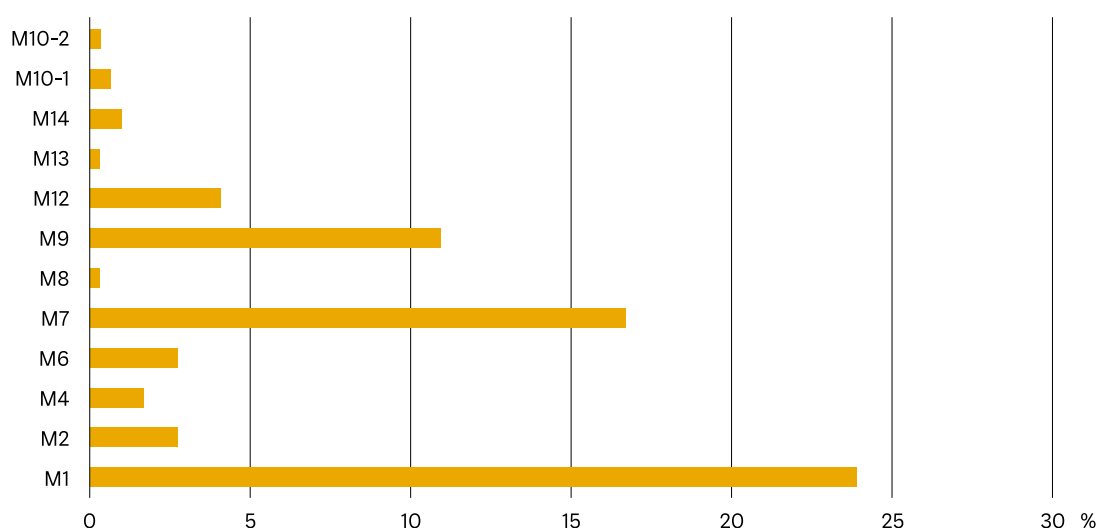


Gráfico 4 – Microfácies siliciosas da amostra de núcleos, material de debitação e resíduos de pedra lascada de S. Mamede (2000-2002) (Jordão 2023).

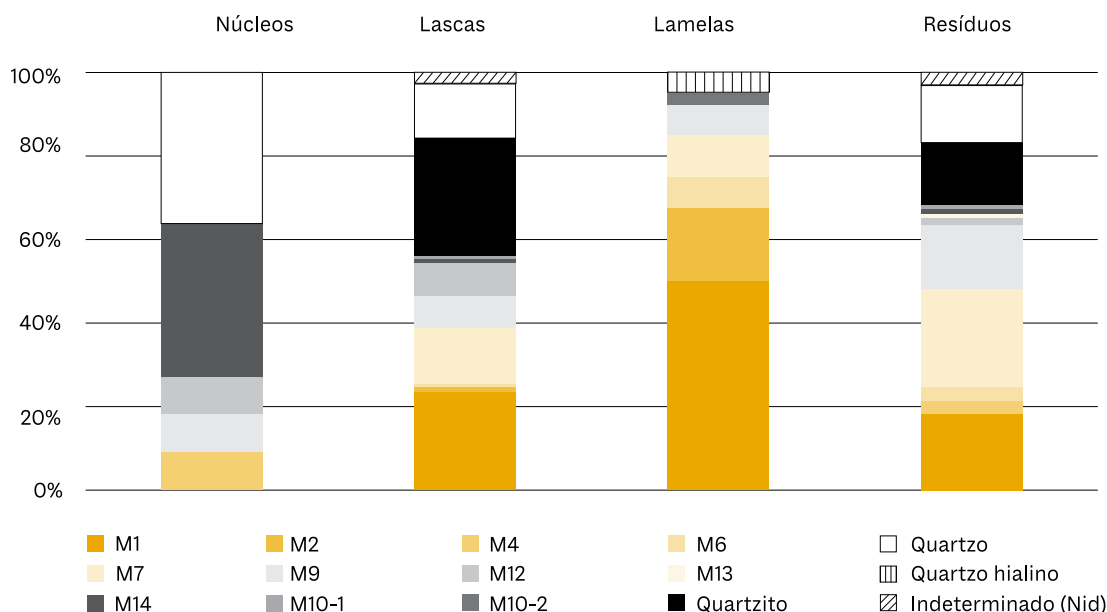


Gráfico 5 – Distribuição de microfácies por categorias tecnológicas da indústria lítica debitada em S. Mamede (Jordão 2023).

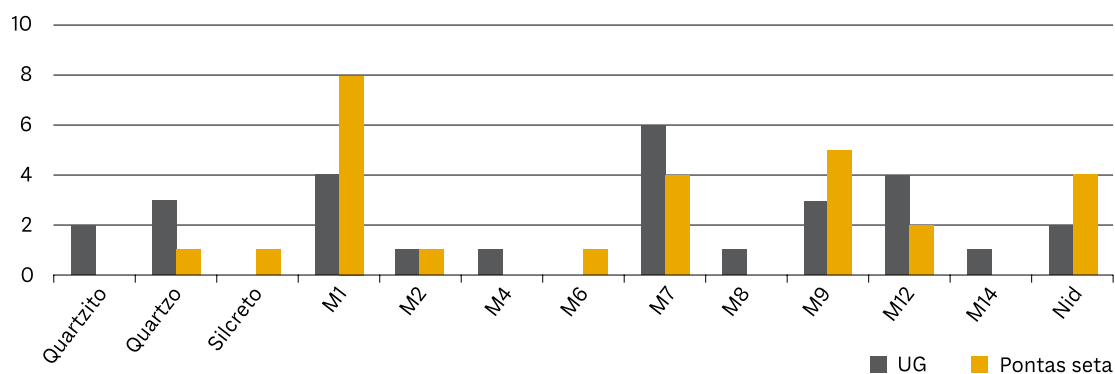


Gráfico 6 – Distribuição de microfácies na amostra de utensilagem geral (UG, cinzento escuro) e nas pontas de seta (cinzento claro) de S. Mamede (Jordão 2023).

Entre a matéria-prima debitada no sítio, o quartzito e o quartzos foram utilizados para a obtenção de lascas essencialmente destinadas a UG (denticulados, raspadeiras, furadores). As microfácies identificadas apresentam uma distribuição semelhante à das peças retocadas. Os tipos CSM-7 e CSM-12 associados, respectivamente, ao sílex de Rio Maior (RM-2) e de Ourém (C3-Ourém), foram mais procurados para a conformação de utensílios, o primeiro para o fabrico de pontas de seta e o segundo para UG (Gráfico 6). Nas pontas de seta, o tipo CSM-9 é ligeiramente dominante relativamente à restante utensilagem, constituindo matéria-prima de uma pré-forma.

As peças foliáceas são um grupo modestamente representado na amostra, apenas com cinco exemplares. A identificação das microfácies M1, M2, M7 e M9 está de acordo com as microfácies siliciosas das restantes categorias tecno-tipológicas. O deficiente estado de conservação das peças (fragmentação e alteração da superfície devido a altas temperaturas) não permite a retirada de ilações acerca da sua produção. Não obstante, é provável que estes artefactos circulassem em produto final.

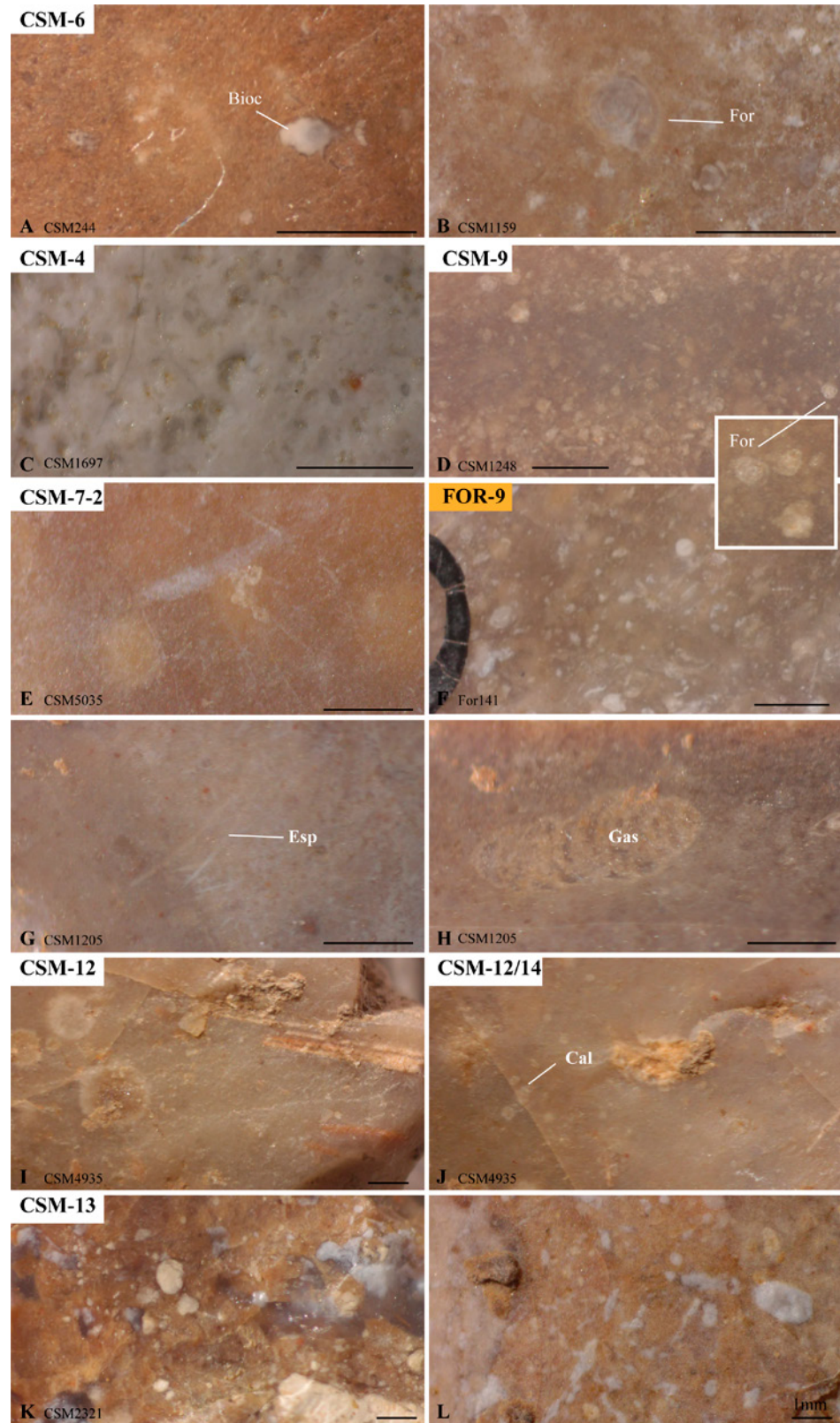


Figura 6 – Tipos de sílex característicos de S. Mamede: **CSM-6**, sílex dolomítico de textura *mud- a wackestone*, com diversos bioclastos (A e B); **CSM-4**, sílex de superfície lisa e opaca, onde se observam bioclastos e outros elementos figurados arredondados (C); **CSM-9**, sílex de textura *wacke- a packstone*, de superfície lisa semi-opaca (D), com foraminíferos (em pormenor, janela de 1mm); **CSM-7-2**, sílex com zonas mais claras, de textura *mud- a wackestone* (E, G), com espículas de espongiários (G), correlativo do tipo RM-2 (F) e gastrópode (H); **CSM-12**, sílex de textura *mudstone* com agregados de micrite e fragmentos de bioclastos (I), correlativo do tipo C3-Our (J); **CSM-13**, sílex oxfordiano de fácies brechoide, com superfície rugosa a lisa, zonas de preenchimento com calcedónia e elementos figurados (K e L) (Jordão 2023).

As lâminas, tal como os utensílios, evidenciam a tendência de domínio do tipo CSM-7, *mudstone* de grão fino, com córtex de alteração ferruginizado. Também ocorre o tipo CSM-9, semi-opaco com bioclastos visíveis e CSM-4, com elementos figurados arredondados. Contrariamente ao que se observa no Zambujal, os tipos de sílex das lâminas não parecem ter uma expressão proporcionalmente diferente das restantes categorias tecnológicas. À semelhança da Fórnea, os tipos de sílex para a utilização também chegam ao povoado sob a forma de produtos alongados, à excepção, aparentemente, do tipo CSM-13, presente somente em resíduos de talhe e numa lâmina, associado ao sílex da Formação de Cabaços (Oxfordiano); e de CSM-2, como matéria-prima de produtos alongados, a materializar a via de abastecimento para Sul, em matéria-prima da Formação de Bica (Cenomaniano) (Gráfico 7). De notar, ainda, a conformação de uma lâmina em quartzo, certamente de produção local.

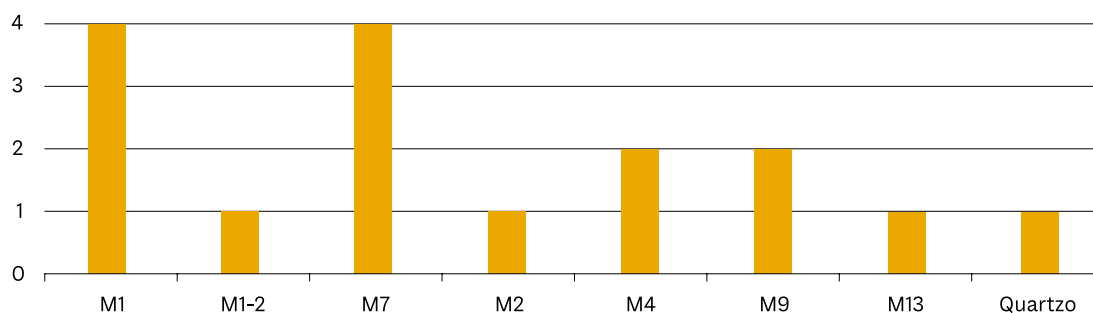


Gráfico 7 - Distribuição de microfácies na amostra de 16 lâminas de S. Mamede (Jordão 2023).

Uma referência particular a um fragmento de lâmina de sílex oolítico que não faz parte da amostra, mas que foi identificada no estudo preliminar da matéria-prima (Jordão 2010). Este artefacto constitui o registo material mais a norte deste tipo de sílex no actual território português, sendo indício relevante da respectiva difusão para o ocidente peninsular. Esta lâmina encontra-se dentro dos valores dimensionais de largura/espessura das lâminas do Zambujal, muito próxima da média dos produtos em circulação no Calcolítico, ao longo do 5º milénio BP.

No entanto, comparando com dimensões das lâminas recuperadas durante as intervenções de 2000-2002 possui uma largura notavelmente superior (Gráfico 8).

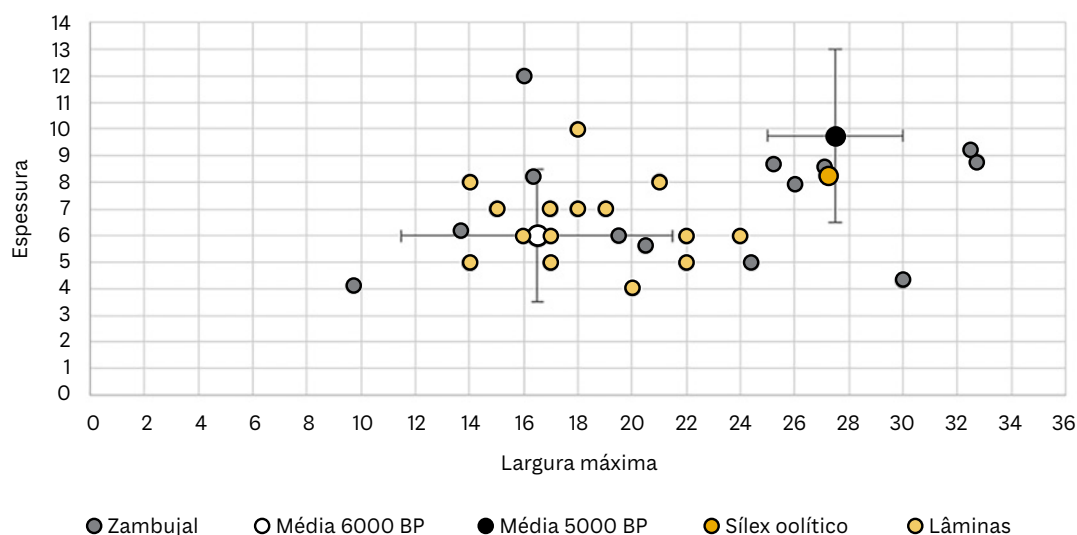


Gráfico 8 - Dimensões das lâminas (verde) e da lâmina sílex oolítico (vermelho) de S. Mamede, das lâminas de sílex oolítico do Zambujal (pontos cinzentos). Média e intervalo dos mesmos valores nas lâminas de sítios do vale do Guadalquivir no 5º e 6º milénios BP apud Nocete, 2005 (adaptado de Jordão et al. 2022).

O sílex oolítico apresenta textura *grainstone*, quase completamente silicificada, com oólitos bem desenvolvidos (de dimensão até 0.4 mm), intraclastos e fragmentos de bioclastos, numa matriz com porosidade secundária (Figura 7). A microfácies arqueológica CSM-11 é correlativa da microfácies da lâmina da Fórnea (FOR-11) e da variante predominante nas peças do Zambujal (Z-11b).

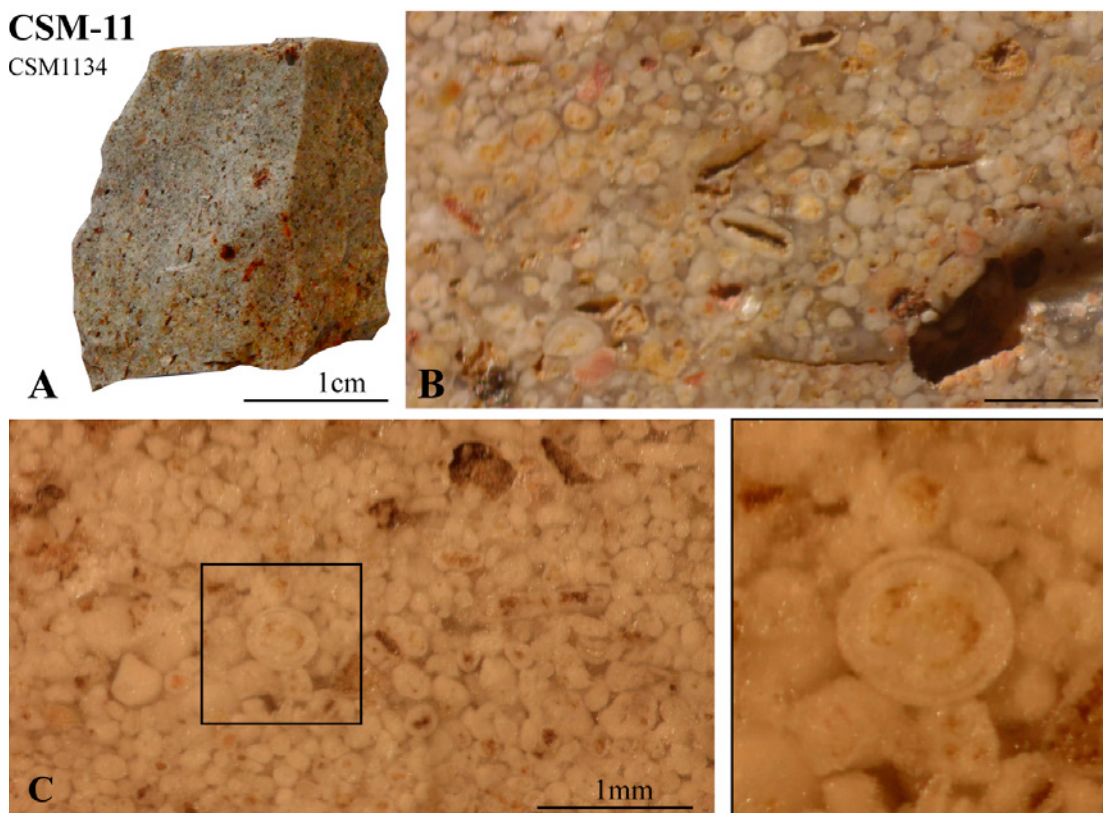


Figura 7 – Lâmina de sílex oolítico de S. Mamede (A): tipo CSM-11, de textura *grainstone* com porosidade secundária por dissolução e oólitos bem desenvolvidos (B, C), com pormenor de oólito com anéis concêntricos assinalado (Jordão 2023).

9. DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO

A análise petrográfica da matéria-prima de uma amostra do material de pedra lascada recuperado durante as intervenções de 2000-2002 permitiu detalhar os tipos de matéria-prima provenientes das áreas-fonte identificadas na análise preliminar (Jordão 2010), bem como a sua utilização diferenciada nas cadeias operatórias do sítio.

A **matéria-prima local** – quartzitos, quartzos e arenitos – encontra-se ao longo da Depressão de Dagorda, nas formações conglomeráticas do Plio-Plistocénico e depósitos aluvionares da bacia da lagoa de Óbidos. Os clastos observados (Jordão 2010), são predominantemente, de cor cinzenta, com dimensões que variam entre 3-10 cm, nos quartzitos. Os calhaus de quartzo ocorrem na variante “leitoso” e rosa, com dimensões menores (até 5 cm). O conjunto evidencia bom rolamento e alguns exemplares apresentam uma coloração avermelhada no córtex. Macroscopicamente, não parece haver diferenças significativas entre os seixos provenientes dos conglomerados ou das aluviões (Figura 8).

Os quartzitos e quartzos foram colectados de forma recorrente para a extracção de lascas, utilizadas para a conformação de utensílios mais expeditos, de retoque marginal e denticulados.

Para além dos silicitos disponíveis nas imediações de São Mamede, o sílex foi o principal recurso utilizado, cuja ocorrência mais próxima se situa a cerca de 20 km para Este. A **matéria-prima regional** foi seleccionada para a grande maioria dos utensílios, cuja debitage local teria rondado os 68% (Figura 8).

O reconhecimento do tipo CSM-7 em cerca de 17% da amostra debitada, frequentemente com restos de córtex ferruginizado, que se associou à área-fonte de Rio Maior (20-25km), permitiu estabelecer uma via de abastecimento importante para **Este**.

A diversidade de silicitos em deposição secundária nesta zona (Jordão et al. no prelo), na formação de Arenitos de Ota – que para além da presença de rochas paleozoicas, contém clastos de sílex do Jurássico, Cretácico e Paleogénico – justifica a variedade de tipos de sílex observados em São Mamede. Em particular, os tipos CSM-13 (oxfordiano) e o sílex de ambiente continental (silcreto) – sob a forma de resíduos e lascas – terão sido, no povoado, matérias-primas de debitação excepcional, o que poderá estar relacionado com a variedade de silicitos disponíveis na área-fonte habitualmente frequentada. A calcedónia aparece apenas em lamelas, estando ausente a sua cadeia operatória. É provável que o transporte directo de pequenos clastos da área-fonte de Rio Maior fosse a principal modalidade de abastecimento em sílex, em cujo “pacote” poderiam incluir-se alguns objectos finalizados (**Figura 8**).

A identificação do tipo CSM-12, associado à área-fonte de Ourém, e de CSM-14, provavelmente correlativo do sílex C3- Nazaré, permitiu a confirmação da existência de uma via de abastecimento em sílex para **Norte**. Não só o sílex de Nazaré-Cós, a cerca de 30-35km, mas também matéria-prima proveniente da faixa entre Leiria-Ourém teria sido procurada para a produção dos utensílios de São Mamede. Enquanto que ao Zambujal o sílex C3-Ourém parece ter chegado sob a forma de lâminas, em São Mamede este ocorre nas cadeias operatórias da utensilagem geral

Áreas fonte da indústria de pedra lascada recolhida em S. Mamede (2000-2002): núcleos, produtos de debitação (lascas e lamelas), material de preparação e resíduos de talhe

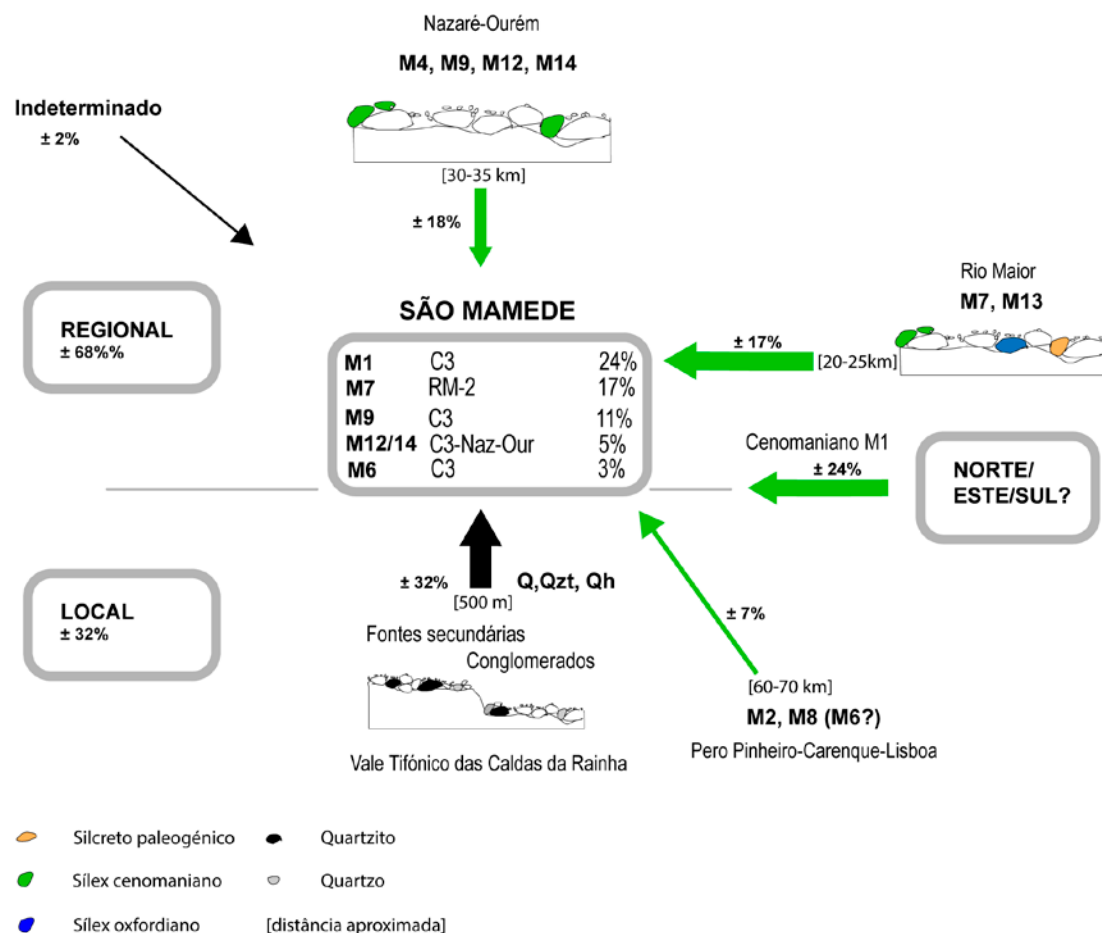


Figura 8 – Esquema de abastecimento da matéria-prima debitada em S. Mamede a partir de amostra (n=293) de núcleos, produtos de debitação (lascas e lamelas), material de preparação e resíduos de talhe (Jordão 2023).

e das pontas de seta, estando ausente das lâminas. Independentemente de os valores poderem reflectir a reduzida amostragem – e existirem lâminas deste sílex – o tipo CSM-12 também foi talhado no sítio, aparentemente, sem estar associado a uma tipologia (Figura 8).

A distribuição nas categorias tecno-tipológicas do tipo CSM-9 é semelhante a CSM-12, embora ocorra em maior quantidade. No referencial geológico amostrado para norte do eixo Nazaré-Ourém, não foram encontradas microfácies *wacke-* a *packstone* em matriz de grão muito fino. Nas amostras da Nazaré observou-se, em lâmina delgada, uma estrutura cripto- a microcristalina, de textura *mud-* a *wackestone*, com fragmentos de bioclastos (bivalves, ostracodos) preenchidos por quartzo meso- ou macrocristalino, visíveis em amostra de mão. As amostras de Ourém têm um aspecto liso a rugoso, de superfície opaca e, em lâmina delgada, não foram observados bioclastos bem conservados (Jordão 2023). A existência de texturas *wacke-* a *packstone*, com presença de foraminíferos pouco diversificados e calcíferas encontra-se bem caracterizada nos calcários com sílex do Cenomaniano da Nazaré, nomeadamente no nível H (Hart et al. 2005). Paralelamente, nas formações do Cenomaniano do Sector Norte da BL, regista-se a introdução de maior quantidade de elementos detríticos finos (Callapez 1998), reconhecidos nas amostra de sílex da Nazaré e de Ourém (Jordão 2023).

As microfácies siliciosas da formação de Bica, onde ocorre o sílex C3-PPC-Lx, também evidenciam um conteúdo micropaleontológico abundante, com um cortejo microfossilífero bastante diversificado, tendo sido identificados em amostras de sílex foraminíferos aglutinados, porcelanosos e hialinos, ostracodos, moluscos, equinodermes, algas calcárias, etc. (Leitão et al. 2019, Jordão & Pimentel 2021, 2023, Jordão 2023). O sílex de tipo CSM-9 apresenta maiores semelhanças texturais com o sílex da Formação de Bica, salientando-se, no entanto, que esta matéria-prima se encontra neste momento mais bem caracterizada. Um dado a ter em conta é a ausência do tipo de sílex arqueológico CSM-9 no povoado do Zambujal, apesar de aqui chegar em quantidades importantes matéria-prima do Sector Sul da BL. Aponta-se assim, e por agora, que o sílex CSM-9 possa ter chegado a São Mamede juntamente com sílex CSM-12 e CSM-4, através de um eixo de circulação Norte-Sul.

Estes tipos – CSM-12 e CSM-4 – poderiam ter sido recolhidos em áreas-fonte de deposição secundária, não necessariamente na zona de Casas de Baixo, mas por toda a bacia de Ourém e até na bacia do Lis (Leiria) (Teixeira et al. 1968, Aubry 2009).

As vias de abastecimento para Norte e para Este teriam sido percorridas para sustentar a necessidade de produzir uma utensilagem em sílex. O abastecimento a partir de Norte poderá não terá sido directo, porventura através de uma rede de povoados implantados no rebordo dos sistemas estuarinos do VTCR, como é exemplo, na lagoa de Óbidos, do Outeiro da Assenta e de sítios especializados próximo das áreas-fonte, como a oficina de talhe de Pomar (Montes), onde foram realizados trabalhos de selecção e desbaste de nódulos de sílex e conformação em núcleos, para posterior transporte (Jesus 2011) aspiren a ser, una addició a la investigació existent sobre el Calcolític estremenho tallers lítics, així com un punt de partida per al programa de treball futur de l'ASEM. Aquest treball és el fruit del mètode d'anàlisi tecnològic, teoritzat per Tixier et al. (1980). O tipo de abastecimento, directo ou indirecto, foi certamente sob a forma de nódulos ou clastos com desbaste inicial e descarte da parte cortical, praticamente ausente na pedra lascada de São Mamede.

As vias de abastecimento para Norte e para Este teriam sido percorridas para sustentar a necessidade de produzir uma utensilagem em sílex. O abastecimento a partir de Norte poderá não terá sido directo, porventura através de uma rede de povoados implantados no rebordo dos sistemas estuarinos do VTCR, como é exemplo, na lagoa de Óbidos, do Outeiro da Assenta e de sítios especializados próximo das áreas-fonte, como a oficina de talhe de Pomar (Montes), onde foram realizados trabalhos de selecção e desbaste de nódulos de sílex e conformação em núcleos, para posterior transporte (Jesus 2011) aspiren a ser, una addició a la investigació existent sobre el Calcolític estremenho tallers lítics, així com un punt de partida per al programa de treball futur de l'ASEM. Aquest treball és el fruit del mètode d'anàlisi tecnològic, teoritzat per Tixier et al. (1980). O tipo de abastecimento, directo ou indirecto, foi certamente sob a forma de nódulos ou clastos com desbaste inicial e descarte da parte cortical, praticamente ausente na pedra lascada de São Mamede.

O sílex de Rio Maior, a área-fonte com sílex mais próxima, poderá ter sido recolhido directamente, a julgar pela quantidade de peças corticais, não se colocando de parte a hipótese de um abastecimento alimentado por povoados mais próximos, num sistema de rede. Mas, até ao momento, a ocupação calcolítica entre São Mamede e Rio Maior é mal conhecida, referindo-se as duas grutas artificiais de Ribeira de Crastos no vale da ribeira de Crastos, afluente do rio Salir, que constitui um corredor natural de acesso à bacia de Rio Maior (Jordão & Mendes 2000), após passagem pelas grutas da Senhora da Luz (Cardoso et al. 1996).

O tipo CSM-2, correlacionado com o sílex C3-PPC-Lx, da Formação de Bica, ocorre numa percentagem diminuta, observado sobretudo em lamelas. A ausência em resíduos e núcleos, e a presença em suportes alongados e utensílios faz suspeitar uma utilização com alguma parcimónia, de uma matéria-prima de boa qualidade mas de acesso, pelo menos, não imediato. A via de acesso para a **Sul** teria sido frequentada, através da qual circularia o sílex do Sector Sul da BL e – no último troço do caminho – provavelmente algum material **extra-regional**, como é o caso da lâmina de sílex oolítico. Este objecto testemunha a inscrição de São Mamede na rede de trocas mais vasta do Sul Peninsular, e contribui para a extensão da mesma até ao bordo ocidental da Estremadura portuguesa.

Não deixa de ser curiosa a existência de uma eventual produção especializada de pontas de seta (mitriformes?), num sítio distante de fontes de sílex (Jordão 2013, 2017, no prelo). A ter existido uma debitagem direccionada para armaduras, o abastecimento em matéria-prima teria que ser de alguma forma garantido, provavelmente, através de controlo directo, ou indirectamente através de povoados subsidiários, num esquema de “redes de relações” (Valera 2020) próximas. No primeiro caso, o território de abastecimento teria que ser estendido para Norte, mais distante mas facilitado pelo corredor natural que é a o VTCR, ou para Este, na direcção de Rio Maior. A segunda hipótese, pressupõe a existência de uma estrutura de povoamento hierarquizada na zona do VTCR, em que São Mamede poderia desempenhar um papel centralizador.

Para clarificar as modalidades de abastecimento da cadeia operatória das pontas de seta será necessária a continuação da análise da matéria-prima, na qual ainda não foi possível eleger um tipo de sílex específico para a sua conformação. O estudo petroarqueológico da totalidade das pontas de seta recolhidas pelos primeiros escavadores (em depósito no Museu Nacional de Arqueologia), poderá esclarecer se foi seleccionado algum tipo de sílex particular, contribuindo para o apuramento da importância dessa matéria-prima na economia do sítio. Por outro lado, a determinação da zona de proveniência, poderá vir a reforçar uma das vias de abastecimento em sílex identificadas, contribuindo para estabelecer a dimensão e configuração do território de abastecimento directo de São Mamede.

10. CONCLUSÕES

O estudo petrográfico preliminar de um conjunto de artefactos de pedra lascada de São Mamede recuperados durante a intervenção arqueológica realizada entre 2000-2002 foi importante para testar a aplicação do protocolo petroarqueológico de caracterização do sílex de uma forma expedita, sem recurso a técnicas destrutivas.

Com base numa amostragem ainda que reduzida, verificou-se que as dinâmicas de exploração de sílex foram condicionadas, por um lado, pelo factor “distância à área-fonte”. São Mamede tem sílex disponível a uma distância de cerca de 20km, por essa razão o seu território de abastecimento terá sido, necessariamente, de âmbito regional, ao contrário de outros sítios congéneres, como Vila Nova de São Pedro, situados muito próximos de áreas-fonte com sílex (2-5km), em que o aprovisionamento directo desta matéria-prima terá sido fundamentalmente local.

Por outro lado, a variedade de recursos da própria área-fonte condicionou a selecção de matérias-primas. No caso de São Mamede, a existência de outros silicitos disponíveis nas imediações do sítio (quartzo e quartzito) facilitou a sua utilização, em particular para a conformação expedita de utensilagem geral.

Para além dos constrangimentos geográficos/geológicos, saliente-se que os factores culturais foram uma variável importante na determinação do território de recursos explorados, inde-

pendentemente da distância do sítio e da variedade e abundância dos mesmos nas áreas-fonte exploradas. O acesso a áreas-fonte locais e regionais mais próximas (Rio Maior) bastaria, na teoria, para suprir as necessidades de São Mamede em matérias-primas líticas. No entanto, a ocorrência de sílex proveniente de Norte (Ourém-Leiria) e de Sul (Península de Lisboa), sob a forma de matéria-prima em bruto ou de produtos debitados, inscreve o sítio no eixo de circulação Norte-Sul da plataforma atlântica, certamente com uma posição destacada no VTCR.

A ligação a redes de troca extra-regionais, provavelmente através desse mesmo eixo atlântico, foi confirmada pela presença de lâminas de sílex oolítico, inserindo São Mamede nas grandes redes de circulação do Ocidente Peninsular.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Salvador D. (1957) – O Outeiro de S. Mamede. Contribuição para o conhecimento da estação arqueológica e sua integração no neo-eneolítico português. Tese de licenciatura em História. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

AUBRY, Thierry (2009) – *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico* (IGESPAR,I.P).

AZERÉDO, Ana C.; DUARTE, Luís V.; HENRIQUES, M. Helena; MANUPPELLA, Giuseppe (2003) – *Da dinâmica continental do Triásico aos mares do Jurássico Inferior e Médio*. Lisboa (Instituto Geológico e Mineiro).

AZEVEDO, Teresa (1982) – O sinclinal de Albufeira, evolução pós-miocénica e reconstituição paleogeográfica. Tese de doutoramento em Geologia. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

BRESSY, Céline (2002) – *Caracterisation et gestion du silex des sites mesolithiques et neolithiques du nord-ouest de l'arc alpin. Une approche pétrographique et géochimique*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Provence – Aix-Marseille I.

CABRAL, João (1995) – *Neotectónica em Portugal continental*. Lisboa (Instituto Geológico e Mineiro).

CALLAPEZ, Pedro (1998) – Estratigrafia e Paleobiologia do Cenomaniano-Turoniano. O significado do eixo da Nazaré-Leiria-Pombal.

CARDOSO, João Luís (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do Povoado Fortificado Pré-Histórico*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio R. (2003) – O povoado calcolítico do Outeiro de S. Mamede (Bombarral): estudo do espólio proveniente das escavações de Bernardo de Sá (1903-1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 11, pp. 97-228.

CARDOSO, João Luís; COSTA, João (1992) – Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras). *Setúbal Arqueológica*. 9-10, pp. 229-245.

CARDOSO, João Luís; FERREIRA, Octávio da Veiga; CARREIRA, Júlio R. (1996) – O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 6, pp. 195-256.

CARDOSO, João Luís; NORTON, José (1998) – A oficina de talhe do sílex do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 7, pp. 35-45.

CUNHA, Pedro P. (1992) – Estratigrafia e sedimentologia dos depósitos do cretácio superior e terciário de Portugal Central, a leste de Coimbra.

DINIS, J.L.; HENRIQUES, V.; FREITAS, M.C.; ANDRADE, C. (2005) – The holocenic evolution of the Óbidos,Alfeizerão and Pederneira lagoons (western Portugal). Natural and anthropic forcing. – *Iberian Coastal Holocene Paleoenvironmental Evolution. Coastal Hope Proceedings* pp. 42-43 (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa).

DINIS, Jorge; HENRIQUES, Virgínia; FREITAS, Maria da Conceição; ANDRADE, César; COSTA, Pedro (2006) – Natural to anthropogenic forcing in the Holocene evolution of three coastal lagoons (Caldas da Rainha valley, western Portugal). *Quaternary International*. 150:1, pp. 41-51.

DRAGO, Teresa; FREITAS, Maria da Conceição; ROCHA, Fernando; CACHÃO, Mário; MORENO, José; NAUGHTON, Filipa; FRADIQUE, Carlos; ARAÚJO, F.; SILVEIRA, Teresa; OLIVEIRA, António; CASCALHEIRA, João (2006) – Paleoenvironmental evolution of estuarine systems during the last 14000 years – the case of Douro estuary (NW Portugal). Actas do 8º International Coastal Symposium. *Journal of Coastal Research Special Issue*. 39, pp. 186-192.

- FERREIRA, Tânia; RAMOS, R.; FREITAS, Maria da Conceição; ANDRADE, César (2009) – Morphological Evolution of the Óbidos Lagoon (Western Coast of Portugal) Since the Holocene Transgressive Maximum. *Actas do 8º International Coastal Symposium. Journal of Coastal Research*. 56, pp. 612-616.
- FOLK, Robert (1959) – Practical Petrographic Classification of Limestones. *AAPG Bulletin*. 43.
- FORENBAHER, Stašo (1998) – Production and exchange during the Portuguese Chalcolithic: the case of bifacial flaked stone industries. *Trabajos de Prehistoria*. 55:2, pp. 55-71.
- FORENBAHER, Stašo (1999) – *Production and exchange of bifacial flaked stone artifacts during the Portuguese Chalcolithic*. Oxford, England: Archaeopress : Available from Hadrian Books.
- FREITAS, Maria da Conceição (1989) – Lagoa de Óbidos: morfosedimentogénese aplicada. Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- FREITAS, Maria da Conceição; ANDRADE, César; ROCHA, Fernando; TASSINARI, Colombo; MUNHÁ, José Manuel; CRUCES, Anabela; VIDINHA, Jesus; DA SILVA, Carlos Marques (2003) – Lateglacial and Holocene environmental changes in Portuguese coastal lagoons 1: the sedimentological and geochemical records of the Santo André coastal area. *The Holocene*. 13:3, pp. 433-446.
- GONÇALVES, João Ludgero (1982) – O castro da Fórnea: Uma fortificação calcolítica em Matações (Torres Vedras). *Arqueologia*. 5, pp. 52-55.
- HART, Malcolm; CALLAPEZ, Pedro; FISHER, John; HANNANT, Katharine; MONTEIRO, João; PRICE, Gregory; WATKINSON, Michael (2005) – Micropalaeontology and Stratigraphy of the Cenomanian/Turonian boundary in the Lusitanian Basin, Portugal. *Journal of Iberian Geology*. 31:2, pp. 311-326.
- HENRIQUES, Maria Helena (1996) – A faixa litoral entre a Nazaré e Peniche: unidades geomorfológicas e dinâmica actual dos sistemas litorais. Tese de doutoramento. Évora: Universidade de Évora.
- HENRIQUES, Maria Helena; FREITAS, Maria da Conceição; ANDRADE, César; CRUCES, Anabela (2002) – Alterações morfológicas em ambientes litorais desde o último máximo transgressivo - exemplos da Estremadura e do Alentejo. *Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos*. 1, pp. 99-109.
- JESUS, Luís Filipe Correia de (2011) – Pomar : Uma oficina de talhe do Calcolítico da Estremadura portuguesa. *Estrat crítico: revista d'arqueologia*. pp. 170-180.
- JORDÃO, Patrícia (2010) – Análise de proveniência de matérias-primas líticas da indústria de pedra lascada do povoado Calcolítico de S. Mamede (Bombarral). Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- JORDÃO, Patrícia (2012) – Análise de proveniência de matérias-primas: o caso da indústria de pedra lascada do povoado calcolítico de S. Mamede (Bombarral). In CASCALHEIRA, João, ed. – *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica – JIA 2011: Faro, 11 a 14 de maio de 2011* Faro: Universidade do Algarve, Núcleo de Arqueologia e Paleoecologia.
- JORDÃO, Patrícia (2013) – Estudo tecno-tipológico da indústria de pedra lascada de S. Mamede, Bombarral (Sondagens de 2000-2002). *Arqueologia & História*. 62-63, pp. 65-76.
- JORDÃO, Patrícia (2017) – Armas de guerra ou de caça? Funcionalidade e proveniência das pontas de seta do Zambujal (Torres Vedras, Portugal). *Journal of Lithic Studies*. 4:3, pp. 103-125.
- JORDÃO, Patrícia (2023) – A proveniência de sílex e a mobilidade no Calcolítico da Estremadura: Uma abordagem geológica e petroarqueológica. Tese de doutoramento em Geologia, Especialidade de Geodinâmica Externa. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- JORDÃO, Patrícia (no prelo) – The arrowheads of Zambujal (Torres Vedras, Portugal): functionality and raw material provenance. *Madrider Mitteilungen*. 65.
- JORDÃO, Patrícia; MARTINS, Andrea; NEVES, César; DINIZ, Mariana; ARNAUD, José; CURA, Pedro (no prelo) – O território de Vila Nova de São Pedro no 3º milénio a.n.e. - análise de proveniência das matérias-primas líticas a partir de novos dados (Sondagem 1, área 3, 2017-2018). In DINIZ, Mariana, MARTINS, Andrea, NEVES, César & ARNAUD, José, eds. – *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico peninsular 2; Estudos e Memórias*, 23 (UNIARQ).
- JORDÃO, Patrícia; MENDES, Pedro (2000) – As grutas de Ribeira de Crastos (Caldas da Rainha). *O Arqueólogo Português*. 18, pp. 11-60.
- JORDÃO, Patrícia; PIMENTEL, Nuno (2012) – Modelo de gestão e circulação de sílex há 5000 BP na faixa litoral entre a Nazaré e Peniche (Estremadura Portuguesa). In ALMEIDA, António Campar de, BETTENCOURT, Ana, MOURA, Delminda, RODRIGUES, Sérgio Monteiro & ALVES, Maria Isabel Caetano, eds. – *IV Jornadas do Quaternário. Alterações Ambientais e Interação Humana na Fachada Atlântica Ocidental* Coimbra, pp. 203-215.

- JORDÃO, Patrícia; PIMENTEL, Nuno (2017) – The Zambujal arrowheads: a petroarchaeological approach to the provenance determination of flint. In PEREIRA, Telmo, TERRADAS, Xavier & BICHO, Nuno, eds. – *The exploitation of raw materials in prehistory: sourcing, processing and distribution* Cambridge Scholars Publishing, pp. 174-190.
- JORDÃO, Patrícia; PIMENTEL, Nuno (2021) – Flint sources and mobility at the Chalcolithic (3500–2200 BCE) settlement of Zambujal (Portugal). *Geoarchaeology*. 37, pp. 522-543.
- JORDÃO, Patrícia; PIMENTEL, Nuno (2023) – Sobre a presença de sílex na Praia das Maças. – *Arqueologia em Portugal/2023 – Estado da Questão*, pp. 333-344.
- KUNST, Michael (1987) – *Zambujal. Glockenbecher und kerbblattverzierte Keramik aus den Grabungen 1964 bis 1973*. Mainz: Verlag Philipp von Zabern.
- KUNST, Michael (1995) – Central Places and Social Complexity in the Iberian Copper Age. In LILLIOS, Katina T., ed. – *The Origins of Complex Societies in Late Prehistoric Iberia*, pp. 32-43.
- LEITÃO, Eva; PIMENTEL, Nuno; DIDELET, Carlos; MOURÃO, Cyntia; LUZ, Nuno; CARDOSO, Guilherme (2019) – Identificação e análise preliminar dos sílex da área oeste do município de Lisboa. In SENNA-MARTINEZ, João Carlos, MARTINS, Ana Cristina, CAESSA, Ana, MARQUES, António & CAMEIRA, Isabel, eds. – *III FRAGMENTOS DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA 18- Extrair e Produzir... dos primeiros artefactos à industrialização (2018, November)* Lisboa, pp. 35-44 (Câmara Municipal de Lisboa).
- LIESAU, Corina; BLASCO, Concepción; RÍOS, Patricia; VEGA, Jorge; MENDUIÑA, Roberto; BLANCO, J. Francisco; BAEANA, Javier; HERRERA, Teresa; PETRI, Aldo; GÓMEZ, José Luis (2008) – Un espacio compartido por vivos y muertos: El poblado calcolítico de fosos de Camino de las Yeseras (San Fernando de Henares, Madrid). *Complutum*. 19:1, pp. 97-120.
- LUEDTKE, Barbara E. (1992) – *An archaeologist's guide to chert and flint*. Los Angeles: Institute of Archaeology, University of California.
- MARCHAND, Grégor (2012) – Différences de potentiel géologique entre massifs cristallins et bassins sédimentaires. – *Roches sédimentaires siliceuses du Massif armoricain répartition géographique, minéralogie et économie au cours de la préhistoire* Presses universitaires de Rennes, pp. 11-30.
- MARTINS, Andrea; NEVES, César; ARNAUD, José; DINIZ, Mariana (2019) – O povoado Calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) - Notas sobre as Campanhas de 2017 e 2018. *Arqueologia & História*. 69, pp. 133-167.
- MORENO-GARCÍA, Marta (2005) – La contribución del Laboratorio de Arqueozoología del IPA para el desarrollo de la Arqueozoología en Portugal. pp. 525-535.
- PIMENTEL, Nuno (1997) – O Terciário da Bacia do Sado. Sedimentologia e análise tectono-sedimentar.
- QUEIROZ, Paula; VAN LEEWAARDEN, Wim (2004) – *Estudos de arqueobotânica no Castro de S. Mamede (Bombarral/Leiria)*. Lisboa (IPA).
- RUGET-PERROT, C. (1961) – *Études stratigraphiques sur le Dogger et l e Malm inférieur du Portugal au nord du Tage. Bajocien, Bathonien, Callovien, Lusitanien*. Lisboa.
- SENNAMARTINEZ, João Carlos (2019) – Metais: questões de produção, circulação e consumo das antigas sociedades camponesas da Estremadura Atlântica. In SENNA-MARTINEZ, João Carlos, MARTINS, Ana Cristina, CAESSA, Ana, MARQUES, António & CAMEIRA, Isabel, eds. – *III FRAGMENTOS DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA 18- Extrair e Produzir... dos primeiros artefactos à industrialização (2018, November)* Lisboa, pp. 56-79 (Câmara Municipal de Lisboa).
- SOUSA, Ana (2010) – O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico final e do Calcolítico na Península de Lisboa. Tese de doutoramento em História, especialidade de Pré-história. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- TEIXEIRA, Carlos; ZBYSZEWSKI, Georges; ASSUNÇÃO, C. Torre da (1968) – *Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 23-C (Leiria)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- VALERA, António Carlos (2020) – Interação e recursos exóticos na Pré-História Recente: a circulação e consumo de marfim em Portugal. In VILAÇA, Raquel & AGUIAR, Rodrigo Simas de, eds. – *(I) mobilidades na Pré-história. Pessoas, recursos, objetos, sítios e territórios* Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 135-182 (1.ª).
- ZBYSZEWSKI, George; ALMEIDA, Francisco Moitinho de (1960) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50000. Notícia explicativa da folha 36-D (Caldas da Rainha)*. Lisboa (Serviços Geológicos de Portugal).

CONEXÕES SETENTRIONAIS. A CIRCULAÇÃO DE CERÂMI- CAS DECORADAS COM “PASTILHAS REPUXADAS” VISTA A PARTIR DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ)

António Carlos Valera

NIA-Era Arqueologia SA / ICArEHB-Universidade do Algarve
antoniovalera@era-arqueologia.pt

... ao João

Resumo: Durante o 3º milénio a.C., a Península Ibérica assistiu a um acelerado crescimento das redes de interação de larga escala, onde circulavam pessoas, animais, matérias-primas, objectos, informação, ideias, técnicas e estilos, circulação essa que se constituiu como variável fundamental do processo de complexificação social em curso. No presente texto aborda-se um elemento estilístico específico que integrou essas redes: a decoração cerâmica com “pastilhas repuxadas”. É analisada a sua distribuição e discutidas algumas rotas de difusão, relacionando-as com a circulação de outros elementos, numa análise a partir do contexto mais meridional em ocorrem em Portugal: o recinto dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). Conclui-se que este é mais um elemento que vem reforçar as conexões setentrionais do interior alentejano, ajudando a matizar as tradicionalmente privilegiadas conexões meridionais/mediterrânicas.

Palavras-chave: Interação; Circulação; Estilo; “Pastilhas repuxadas”; Calcolítico.

Abstract: During the 3rd millennium BC, the Iberian Peninsula witnessed a rapid growth of large-scale interaction networks, through which people, animals, raw materials, objects, knowledge, ideas, techniques, and styles circulated. This circulation constituted a fundamental variable in the ongoing process of social complexification. The present text addresses a specific stylistic element that integrated these networks: ceramic decoration with “repoussé patches.” Its distribution is analysed, and some diffusion routes are discussed, relating them to the circulation of other elements, in an analysis from the southernmost context where they occur in Portugal: the Perdigões enclosure (Reguengos de Monsaraz). It is concluded that this is another element that reinforces the northern connections of the Alentejo interior, helping to nuance the traditionally privileged southern/Mediterranean connections.

Keywords: Interaction; Circulation; Style; “Repoussé patches”; Chalcolithic.

1. INTRODUÇÃO

A interação social, nomeadamente a de larga escala, é uma variável central na complexificação e aceleração dos processos históricos, tendo assumido um papel de destaque nas trajectórias sociais das comunidades peninsulares durante o 3º milénio a.C. No decurso desse milénio, a Península Ibérica assistiu a um acelerado crescimento dessas redes de circulação de pessoas, animais, objectos, matérias-primas, informação, ideias, técnicas e estilos. Estes contactos, mais directos ou mais intermediados, mais contínuos ou mais arritmados, aceleraram os processos de mudança e ajudaram a configurá-los, satisfazendo e simultaneamente gerando necessidades sociais.

Tradicionalmente, a detecção desta circulação pela Arqueologia baseava-se sobretudo na estilística dos objectos ou em determinados procedimentos técnicos, cuja difusão estava carregada de etnicidade. O advento da arqueometria permitiu começar a sustentar estas abordagens na análise de composições e proveniências de matérias-primas, enquanto a evolução teórica fazia cair a carga étnica associada à ideia de difusão, privilegiando o termo interação, numa concepção de relações de reciprocidade organizadas em redes complexas. Mais recentemente, a arqueologia isotópica e genética tem permitido documentar a própria movimentação de indivíduos e animais, tanto a nível regional e local, de forma directamente relacionada com a interação e mobilidade de baixa/média escala espaço-temporal, como a escalas continentais, mais ligadas aos movimentos populacionais migratórios de ampla escala espaço-temporal. Contudo, apesar destes desenvolvimentos sustentados nas proveitosas relações da Arqueologia com outras ciências, o recurso à estilística continua a constituir uma interessante via de acesso à interação, aos seus ritmos, aos seus trajectos, nomeadamente quando cruzada com a informação proporcionada por aquelas outras abordagens.

No âmbito da estilística, um dos elementos que a arqueologia recorrentemente utiliza para identificar e avaliar os níveis de interação e reconstruir as suas redes de circulação é a decoração cerâmica. Tanto ao nível das técnicas como das organizações decorativas, este recurso seguiu diversos enquadramentos teóricos: da já referida vinculação a culturas que ajudavam a definir grupos étnicos pelo histórico-culturalismo, ao papel que lhe foi reconhecido na relação tradição/adaptação/interacção pelo funcionalismo (Binford, 1965) e à recusa da sua subalternização relativamente à função (Sackett, 1977), até aos mais recentes enfoques evolucionistas, recorrendo aos aparelhos metodológicos da análise de redes sociais e de circulação e propagação da informação (Bernabeu *et al.*, 2017; Jiménez-Puerto, 2022; Escribá Ruiz, 2023). Neste contexto, e para o 3º milénio a.C. peninsular, se é certo que o campaniforme tem assumido incomparável protagonismo nesta matéria, também outros elementos decorativos cerâmicos têm sido utilizados na análise das relações transregionais. É o caso da decoração com pastilhas repuxadas (López Plaza, 1978; Hurtado, Amores, 1982; López-Astilleros, Carcía Törrönen 1983; Alday Ruiz, 2001; González Cordero, 2011).

Material pouco abordado na Pré-História portuguesa, a sua presença rara, mas espacialmente abrangente no extremo ocidente peninsular, e a sua grande especificidade técnica proporcionam a estas decorações um relevante potencial informativo relativamente às redes de relações em que diferentes regiões do actual território português se integravam durante o 3º milénio a.C, às formas como materiais e informação eram canalizados através delas e de como eram absorvidos ou rejeitados.

Explorando esse potencial, neste texto analisa-se a distribuição das cerâmicas com decoração com “pastilhas repuxadas” e algumas das rotas propostas para a sua difusão, tomando como “ponto de observação” a sua presença mais meridional em território português, o recinto de fossos dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz, Évora), procurando contextualizá-la na geografia da rede de interação de larga escala que se tem vindo a construir para este sítio.

2. A TÉCNICA E ORGANIZAÇÕES DECORATIVAS

A particularidade das designadas pastilhas repuxadas reside essencialmente na técnica com que são obtidas. A parede do recipiente ainda crua é pressionada pelo interior com um

fino punção rombo, o qual não a chega a perfurar, mas produz uma saliência hemisférica na superfície exterior, normalmente com um relevo pequeno (2-3 mm). Depois o interior da parede é coberto com uma fina camada de argila que cobre os negativos realizados pelo punção, e que não são totalmente preenchidos, deixando espaços ociosos internos que são visíveis nas secções dos fragmentos, ou quando uma pastilha se rompe pelo exterior (como acontece com um dos fragmentos de Castanheiro do Vento – **Figura 2: 2a** – e com o fragmento do Caldeirão – **Figura 2: 3**). Pontualmente a recobertura interna não é feita, ficando então as perfurações visíveis pelo interior (caso do fragmento de Vila Nova de S. Pedro – **Figura 2: 4**; de um fragmento dos Perdígões – **Figura 3: 1** – ou de um fragmento de El Ventorro – Fernández del Campo, Quero Castro, 1992: Fig. 151, nº200935).

Em termos muito gerais, as organizações decorativas são sobretudo constituídas por linhas de pastilhas paralelas ao bordo, normalmente entre uma e três, mas podendo chegar a seis ou oito (Hurtado, Amores, 1982: 190). Com menos frequência essas linhas podem formar grinaldas (López Plaza, 1978: 145), ou fiadas verticais, conferindo-lhes um aspecto metopado. Tendencialmente, correspondem a organizações decorativas pouco abrangentes, que não se associam a outros motivos e organizações num mesmo recipiente. Contudo, em Portugal, entre os poucos contextos em que estas decorações ocorrem, existem várias situações em que aparecem associadas num mesmo recipiente a motivos penteados e desenhando organizações abrangentes: no Castanheiro do Vento, no Buraco da Moura de São Romão, na Gruta do Caldeirão e em Vila Nova de S. Pedro (**Figura 2**). Já em Espanha, esta associação de pastilhas repuxadas e decorações penteadas num mesmo recipiente apenas foi identificada na Extremadura e num único sítio e fragmento: Mesa Alta, em Cáceres (González Cordero, 2011: fig. 52).

3. A SUA DISTRIBUIÇÃO NA PENÍNSULA IBÉRICA

A referenciação peninsular desta técnica ocorreu em meados do século passado na Catalunha, com o seu reconhecimento na Gruta de Torralla (Lérida), e de seguida noutras grutas do País Basco. A sua presença em dois núcleos de contextos do Nordeste Peninsular, quer na Catalunha, quer na bacia do Alto Ebro, foi desde logo relacionada com influências geradas pela proximidade ao foco francês transpirenaico, (Maluquer, 1949; Cavalier, 1949; Martin Colliga, 1977; Hurtado, Amores, 1982; Alday Ruiz, 2001; González Cordero, 2011), onde se apresentava abundante no Neolítico Final e Calcolítico nos grupos de Ferrière, Fontbuisse e no de Veraza, abrangendo sobretudo o Languedoc, a Provença e atingindo a Borgonha (Guilaine, 1980; Thevênet, Cabre, 1976; Courtin, 1974). Esta conexão tem sido aceite pela maioria dos vários autores que têm abordado a questão, apesar do aparecimento desta decoração na Andaluzia, na gruta de Cueva Chica de Santiago, tenha suscitado a possibilidade de uma origem meridional peninsular (Pellicer, Acosta, 1982). Uma proposta que se afigura pouco credível, dada a natureza do contexto, a cronologia quase que exclusivamente calcolítica da esmagadora maioria dos contextos em que ocorre e a sua distribuição na península (ver discussão em González Cordero, 2011: 252-253).

Essa distribuição (**Figura 1**), núcleo catalão à parte (que parece não ter tido expansão subsequente), apresenta uma configuração em diagonal, que do Alto Ebro se desenvolve para Sudoeste, ligando as bacias do Douro, do médio Tejo e do médio Guadiana, num trajecto comunicacional que ligaria o Sudoeste continental ao Sudoeste peninsular (Hurtado, Amores, 1982; Alday, 2001; González Cordero, 2011), atingindo pontualmente a Andaluzia central e a fachada atlântica. Trata-se, pois, de uma distribuição eminentemente interior, que deixa de fora o Noroeste (sem casos referenciados) e o Este (com apenas um caso assinalado), e que evidencia um eixo central nas relações norte-sul na península.

Neste quadro, as pastilhas repuxadas apresentam-se pouco representadas no território hoje português. Contudo, apesar da raridade, reflectida na presença em apenas sete sítios inventariados e sempre com um número relativamente reduzido de fragmentos (ou com apenas um fragmento), a sua distribuição geográfica é ampla.

A Norte, na bacia do Douro, mas já do lado Sul, estão presentes nos recintos murados de Castanheiro do Vento, com pouco mais de uma dezena de exemplares (Carneiro, 2011; informa-

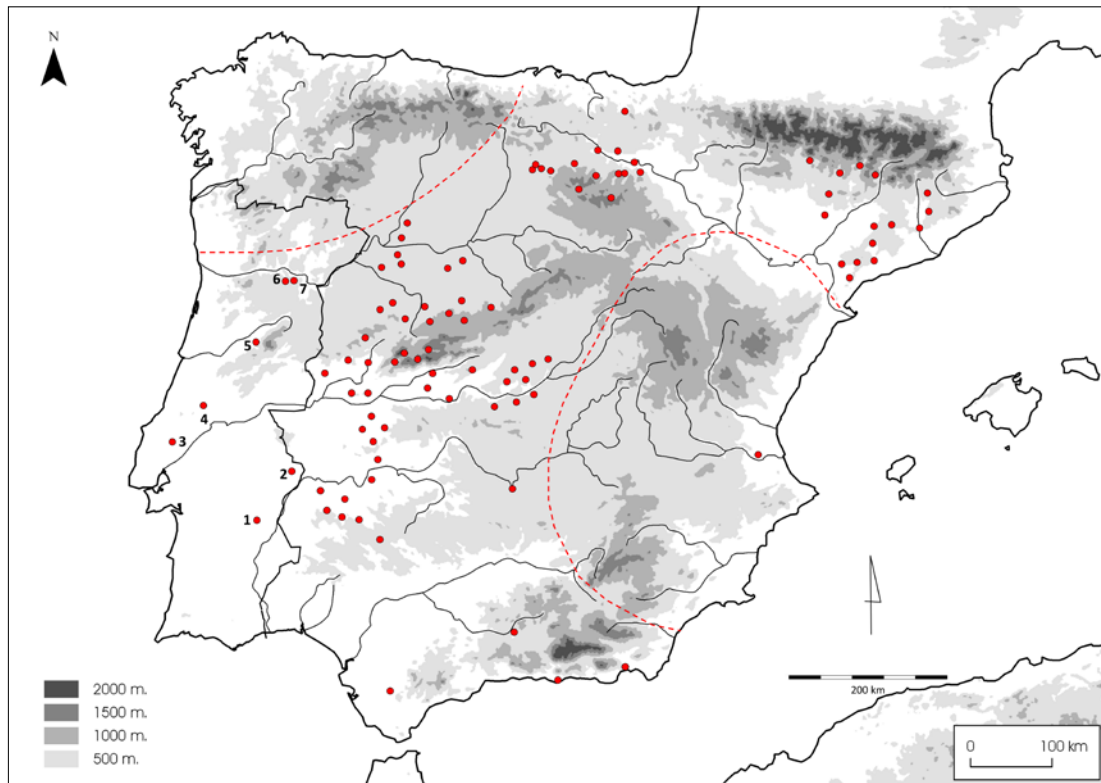


Figura 1 – Distribuição das pastilhas repuxadas na Península Ibérica, com identificação dos sítios situados em Portugal: 1 – Perdigões, 2 – Santa Vitória, 3 – V.N.S.Pedro, 4 – Gruta do Caldeirão, 5 – Buraco da Moura de S. Romão, 6 – Castanheiro do Vento, 7 – Castelo Velho de Freixo de Numão.

ção pessoal de Ana Vale), e no Castelo Velho (informação pessoal de Susana Lopes). Conservam a tendência para se organizarem em linhas sob o bordo, raramente se associando a outras decorações no mesmo recipiente. Apenas num fragmento de Castanheiro do Vento (**Figura 2: 2a**) as pastilhas repuxadas surgem associadas a penteado arrastado.

Um pouco mais a Sul, ocorrem na bacia interior do Mondego no Buraco da Moura de São Romão, num grande recipiente globular recolhido na Sala 2 em contexto de escorrência (Valera, 2013). As pastilhas surgem em três linhas paralelas ao bordo e estão associadas a métopas de incisões penteadas arrastadas e a bandas verticais de penteado ondulado, que formam uma organização decorativa complexa e abrangente (**Figura 2: 1**), realizada numa superfície com um bom acabamento brunido.

No vale do Nabão, já perto da sua confluência com o Tejo, existe um fragmento com três linhas de pastilhas novamente associadas a impressões penteadas arrastadas (**Figura 2: 3**) proveniente da na Gruta do Caldeirão em contextos atribuíveis ao Calcolítico (Zilhão, 1992).

Igualmente exemplar único, foi registado um fragmento na Estremadura, em Vila Nova de São Pedro (Paço, 1970, Fig.24: 8), onde três linhas de pastilhas repuxadas paralelas ao bordo se associam a bandas de penteado ondulante (**Figura 2: 4**), e cujas perfurações não foram revestidos pelo interior, ficando visíveis.

No sul de Portugal, estão presentes no interior alentejano na bacia do Guadiana, em dois recintos de fossos. Em Santa Vitória (Campo Maior) há informação relativamente a um único exemplar (Dias, 1996), mas que não está publicado. Já nos Perdigões, foram registados seis exemplares (**Figura 3: 1-6**), que apresentam uma ou duas linhas de pastilhas paralelas ao bordo, sendo que num dos fragmentos (**Figura 3: 1**) uma das linhas de buracos não foi revestida pelo interior, à imagem do fragmento de Vila Nova de São Pedro.

Um fragmento decorado com três linhas de pequenas pastilhas proveniente do povoado do Penedo (Torres Vedras) tem sido considerado como decorado com pastilhas repuxadas (López Plaza, 1978; Val Recio, 1983). Contudo o desenho publicado deste fragmento (Spindler, Trindade,

1970, Estampa XXIX: 711) não revela os espaços ocultos internos na secção da peça e na sua descrição em texto apenas se refere o “campo de três filas de pequenos nós” (idem: 129). Existindo igualmente a técnica de aplicação destas pequenas pastilhas pelo exterior dos recipientes, também presente nos Perdígões (Figura 3: 7), optou-se por não considerar este registo sem uma observação directa do fragmento.

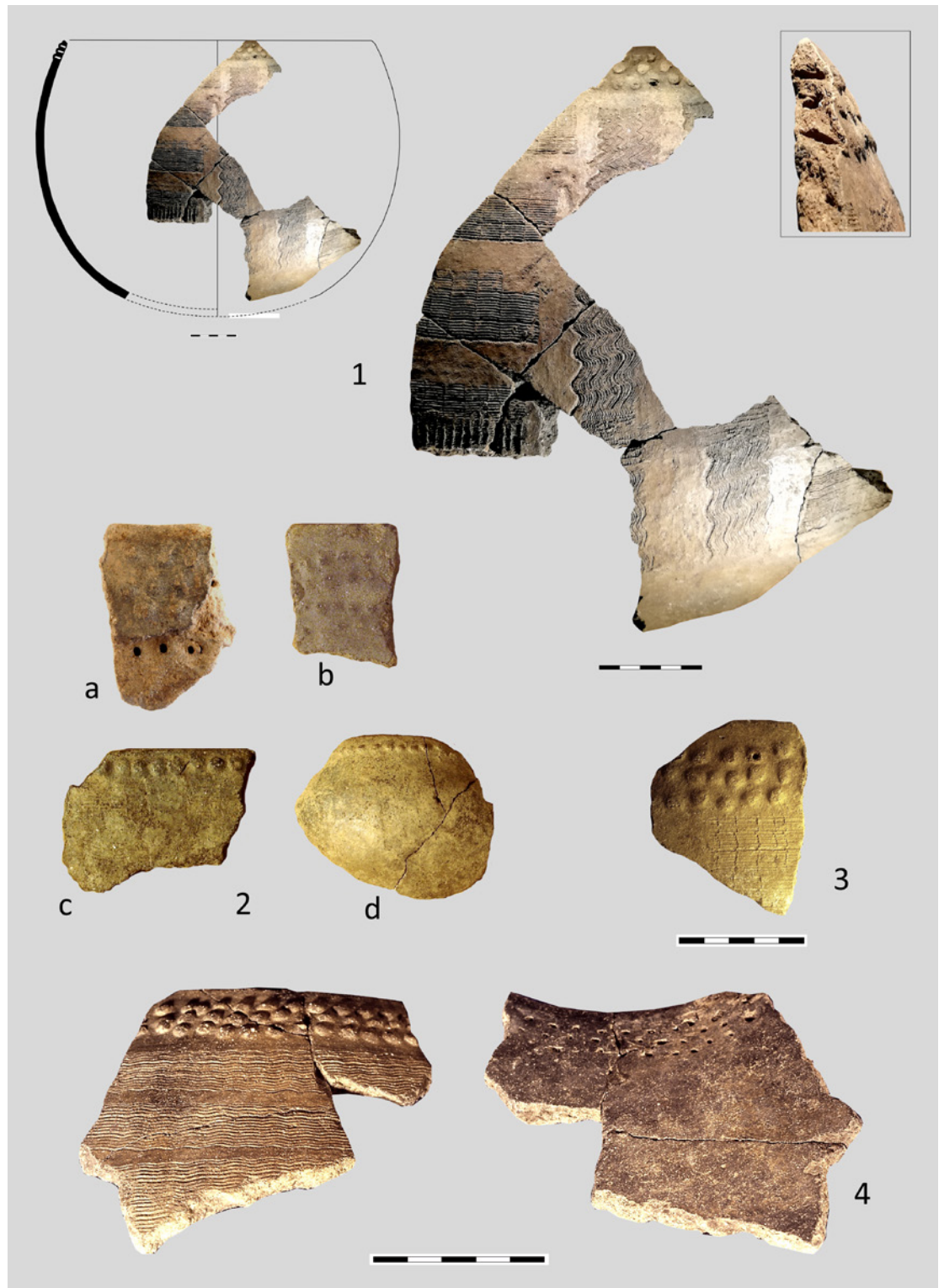


Figura 2 – Recipientes decorados com pastilhas repuxadas. 1. Buraco da Moura de São Romão, 2a a 2b. Castanheiro do Vento. 3. Gruta do Caldeirão. 4. Vila Nova de S. Pedro.

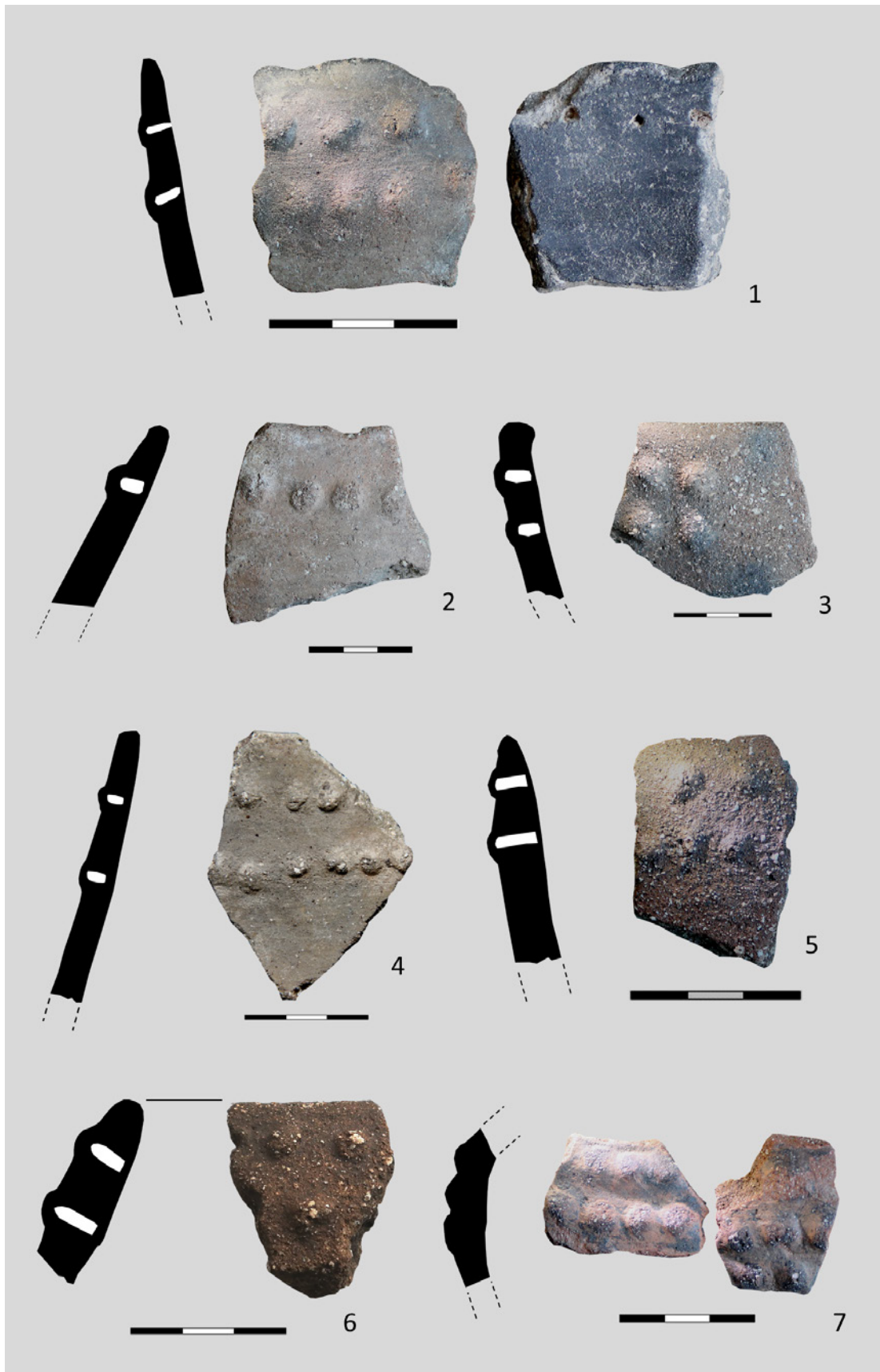


Figura 3 – Fragmentos decorados com pastilhas repuxada e aplicadas (nº 7) nos Perdigões.

4. A CRONOLOGIA

Em território português a presença de pastilhas repuxadas parece restringir-se a contextos calcolíticos, ainda que em algumas situações o seu posicionamento cronológico seja pouco seguro. No Norte, a sua presença ocorre nos recintos murados de Castelo Velho e Castanheiro do Vento em contextos datados do 3º milénio a.C., mas sem uma especificação mais precisa. Na Beira Alta, no Buraco da Moura de São Romão, o exemplar recolhido encontrava-se em contextos de escorrência, mas as características da sua organização decorativa (bandas e métopas penteadas, abrangência e barroquismo decorativo) indiciam uma cronologia avançada dentro desse mesmo milénio. O exemplar da Gruta do Caldeirão sofre de igual imprecisão, mas encontrava-se integrado em contextos com outros materiais atribuídos ao Calcolítico e o contexto global de Vila Nova de São Pedro é igualmente do 3º milénio a.C.

Já para os dois recintos alentejanos dispomos de cronologia absoluta para os contextos onde foram recolhidas pastilhas repuxadas. Em Santa Vitória, as datas obtidas enquadram o sítio na segunda metade do 3º milénio a.C., com particular ênfase no terceiro quartel (Basílio, Valera, 2023), num “momento campaniforme”, mas onde o campaniforme não está presente. Já nos Perdigões, dos seis fragmentos existentes três foram recolhidos à superfície, mas os restantes três surgem em contextos datados de meados / terceiro quartel do 3º milénio a.C., que num dos casos integra igualmente material campaniforme.

Já em Espanha, em geral é igualmente durante o 3º milénio a.C. que estas decorações ocorrem, tanto em fases anteriores à presença campaniforme (ou sem campaniforme), como em sítios e contextos em que essa cerâmica está presente (González Cordero, 2011).

5. DISCUSSÃO

As questões relacionadas com esta técnica e motivos decorativos, assim como as particularidades da sua distribuição, nunca foram especificamente abordadas em Portugal, o que em grande medida se relacionará com a sua escassez em território nacional. Existem algumas referências (Jorge, 1986; Dias, 1996; Carneiro, 2011), mas normalmente breves, relacionando-as com a sua presença em regiões espanholas próximas ou no contexto da análise de cerâmicas penteadas, com as quais têm recorrente associação contextual. Já em Espanha, vários foram os autores que abordaram este tipo de técnica decorativa, com especial destaque para Hurtado e Amores (1982), talvez o texto mais citado sobre esta matéria. Todavia, a sua raridade em Portugal, mas simultânea ampla distribuição espacial, levantam algumas questões interessantes no contexto das redes de interação de larga escala, das rotas que se estabeleceram e dos conjuntos de materiais/informações com que circularam.

Olhando à distribuição destas decorações em território português e à sua relativa raridade, a sua presença parece claramente resultar de contactos com as áreas mais centrais da península, nomeadamente através dos vales dos grandes rios. Assim, poderíamos relacionar a sua presença em Castanheiro do Vento e Castelo Velho com relações estabelecidas com a Meseta Norte ao longo do vale do Douro. A ocorrência no Buraco da Moura de São Romão resultaria igualmente da integração deste sítio nas redes de ligação à Meseta, já perceptíveis em períodos mais antigos do Neolítico Antigo (Valera, 2003), ou através das relações estabelecidas com o alto Douro português, as quais, durante meados/segunda metade do 3º milénio a.C. ajudam a explicar a proliferação das decorações penteadas e diferentes técnicas associadas na bacia interior do Mondego (Valera, 2007: 610-612).

Da mesma forma, para os casos singulares do Caldeirão e Vila Nova de São Pedro, podemos eleger o vale do Tejo como via de ligação ao centro peninsular, onde se evidencia a maior concentração de sítios com estas cerâmicas. Contudo, a sua associação nos mesmos recipientes a decorações penteadas poderá igualmente indicar uma ligação a partir do Norte, do Alto Douro e Mondego interior, onde estas decorações também aparecem associadas nos mesmo recipientes, circunstância praticamente desconhecida no interior peninsular (com o referido único registo conhecido na Mesa Alta, em Cáceres). Poderemos, pois, notar um certo regionalismo do cen-

tro-norte portugueses nesta associação num mesmo recipiente com organizações penteadas e abrangentes, revelando alguma especificidade na forma com estas decorações são pontualmente absorvidas. De facto, se a presença de pastilhas repuxadas é comum em contextos em que ocorrem igualmente cerâmicas penteadas, seja na Meseta Norte, seja na Extremadura, a tendência é claramente para não se misturarem nos mesmos recipientes, o que também acontece, por exemplo, no interior alentejano, em Santa Vitória ou Perdigões, sendo que neste último ocorrem igualmente algumas cerâmicas penteadas.

Esta última circunstância e a própria posição geográfica destes dois recintos alentejanos facilmente nos levam a considerar a sua integração em redes de contactos estabelecidas através da bacia do Guadiana, nomeadamente através da Terra de Barros estremenha, que estudos arqueométricos (da cerâmica campaniforme) e proximidades estilísticas em várias outras categorias artefactuais (nomeadamente nos artefactos ideotécnicos) têm vindo a evidenciar (Odriozola *et al.*, 2008; Valera, Basílio, 2017). Todavia, os trabalhos desenvolvidos sobre a interação e mobilidade nos Perdigões podem permitir sugerir igualmente uma ligação setentrional mais forte, seguindo vias tradicionais interiores de circulação Norte-Sul, como as ligações entre a Bacia do Côa-Beira Interior-Alto Alentejo, ou, ligeiramente mais interior, Cáceres-Salamanca-Ávila, constituindo-se como amplo corredor que mais tarde seria marcado pelas estátuas-estelas armadas (Ruiz-Gálvez, Galán Domingo, 1991; Senna-Martinez, 2013).

5.1. As pastilhas repuxadas no contexto da interação dos Perdigões

Inúmeros trabalhos têm vindo a evidenciar a integração dos Perdigões em redes de interação de larga escala, estabelecendo os seus principais eixos de conexão (Dias *et al.*, 2008; 2017; 2018; Emslie *et al.*, 2015; Odriozola *et al.*, 2008; Valera, 2017a; Valera, André, 2016/17; Valera *et al.*, 2015; 2020; Zalaite *et al.*, 2018). Estes eixos, quer ao nível da proveniência de matérias-primas quer ao nível estilístico, desenham conexões que essencialmente abrangem a metade meridional da Península e a bacia do Mediterrâneo Ocidental. Ligações à Extremadura e ao litoral atlântico são percebidas em algumas decorações e forma cerâmicas (nomeadamente os grandes recipientes globulares de bordo reentrante, decorados com caneluras profundas e padrões geométricos variados), no calcário de betilos e recipientes ou na variedade de conchas marinhas e estuarinas (*Pecten maximus*, *Trivia* sp., *Cerastoderma eduli*, *Mytilus* sp., *Ruditapes decussatus*, *Solen marginatus*, *Srobicularia plana*). Os mármore, usados igualmente em betilos e vasos, provêm da zona de Vila Viçosa-Borba-Alandroal. A varicoste das contas foi referenciada às minas de Pico Centeno na Serra Morena, o cinábrio às minas de Almaden em Ciudad Real e o sílex oolítico das grandes lâminas ao Maciço Bético. A variada iconografia (Valera, 2015) partilha representações e estilos com todo o sul peninsular e, fora deste, as relações estendem-se ao Norte de África (com o marfim) e à Sicília (com o âmbar). Contudo, os últimos anos têm vindo a revelar evidências de conexões setentrionais, nomeadamente de influência continental e norte europeia, que matizam esta preponderância meridional e mediterrânica.

A mais marcante, e simultaneamente surpreendente, é a identificação no centro dos Perdigões de uma estrutura cerimonial de tipo *Timber Circle* (Valera, 2023). De momento, única em termos peninsulares, esta estrutura remete inequivocamente para influências norte europeias. Mas outras influências setentrionais podem ser percebidas na presença de morfologias campaniformes de perfil alto e adelgado, ou na boa representatividade das organizações decorativas do complexo de Ciempozuelos.

Por outro lado, depois de uma primeira publicação de resultados relativos à mobilidade humana (Valera *et al.*, 2020), novos dados têm vindo a ser obtidos que aportam alguma novidade, nomeadamente sugerindo ligações a norte. Correspondem a um conjunto de três indivíduos, dois integrados no contexto funerário de deposições de cremações na área central dos Perdigões (Valera *et al.*, 2024) e um terceiro, correspondente a uma cabeça humana decapitada e depositada na reabertura da Fossa 96, situada ao centro do *Timber Circle* dessa mesma área nuclear do sítio (Valera *et al.*, 2023), estando estes contextos datados de meados/terceiro quartel do 3º milénio a.C. e associados à ocupação campaniforme do recinto. Se um significativo número de indivíduos exógenos ao Vale da Ribeira do Álamo (contexto local dos Perdigões) já havia sido identifica-

do no estudo acima referido, todos esses elementos evidenciavam valores de $^{87}\text{Sr}/^{86}\text{Sr}$ abaixo dos valores abrangidos pelo espectro local (situado entre 0.7137 e 0.7168). Pelo contrário, estes três indivíduos são os primeiros a apresentar valores superiores a esse espectro, situando-se entre 0,7175 e 0,7185 (Figura 4). Trata-se de valores altos (>0,7170), cuja raridade nos indivíduos peninsulares analisados de cronologia Pré-Histórica já foi sinalizada (Díaz-del-Río *et al.*, 2022; Valera *et al.*, 2023; Cintas-Peña *et al.*, 2023): apenas um indivíduo de Humanejos, um de Valencina, um de Camino Molino, um da Cova da Moura e outro de Los Berrocales. São valores correspondentes a litologias antigas e que, na amostragem recentemente realizada para o estabelecimento de uma linha base para a variação dos valores de $^{87}\text{Sr}/^{86}\text{Sr}$ à escala do território português (James *et al.*, 2022), se verificam nas regiões do interior centro-norte e norte, e que caracterizam o corredor percorrido pela referida ligação Alto Alentejo-Beira Interior-Bacia do Côa. Sublinhe-se que, para além destes três indivíduos com valores de $^{87}\text{Sr}/^{86}\text{Sr}$ em torno aos 0,718, existem igualmente nos Perdigões, entre os 64 animais já analisados (dados ainda parcialmente inéditos), um equídeo, um suídeo e um cervídeo com valores acima de 0,717 e um bovino com valor acima de 0,718, caindo os restantes dentro ou abaixo do espectro definido para a área de povoamento local. Mesmo tendo em conta que os mapas de valores $^{87}\text{Sr}/^{86}\text{Sr}$ a uma escala peninsular estão ainda em processo de construção, e que nem sempre as escalas a que são efectuados reflecte adequadamente variações locais relevantes, os dados actualmente disponíveis para humanos e animais dos Perdigões revelam que alguns, poucos, indivíduos e animais poderão estar relacionados com uma mobilidade a partir de territórios do centro-norte interior, e que todos eles (humanos e animais) provêm de contextos datados pelo radiocarbono de meados/terceiro quartel do 3º milénio a.C., ou seja, já de época campaniforme.

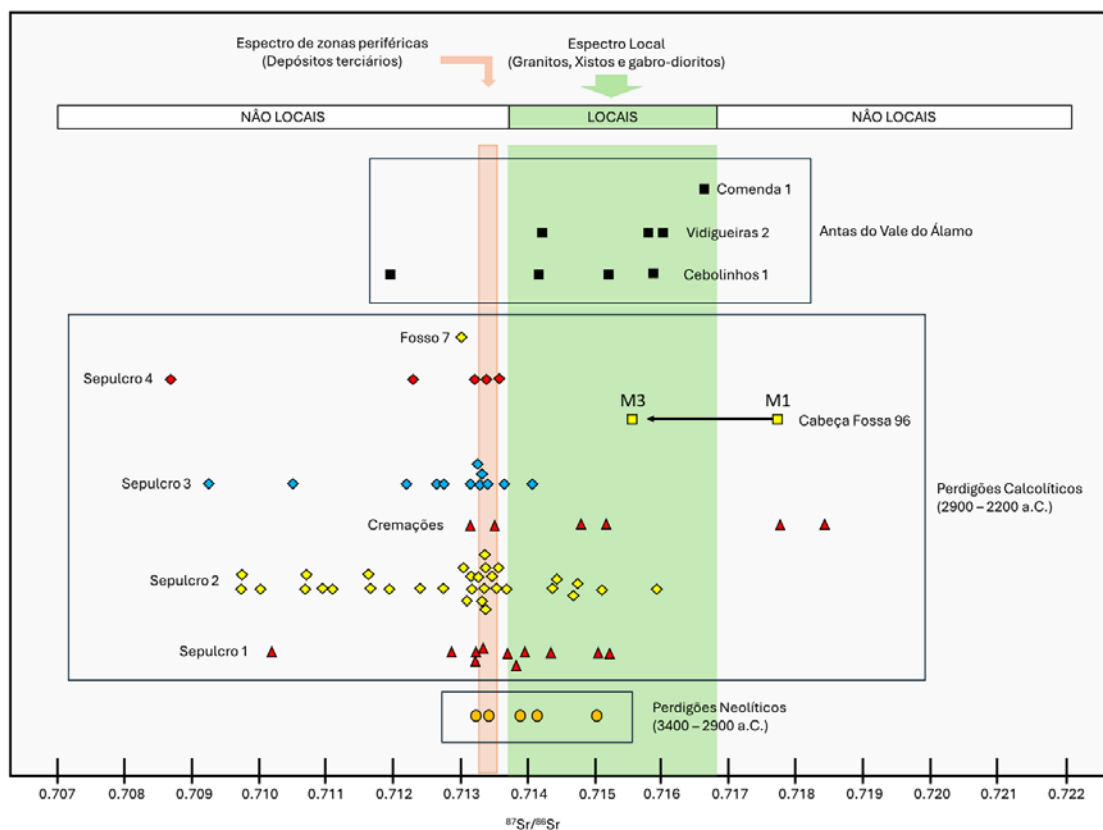


Figura 4 – Mobilidade no 4º e 3º milénio a.C. no vale da Ribeira de Vale do Álamo (Reguengos de Monsaraz). Valores para o espectro local, para uma zona periférica ao vale (distâncias entre 10 e 20km dos Perdigões) e para 73 indivíduos dos Perdigões e 8 indivíduos de três antas do Vale do Álamo.

Outra questão que convém convocar para esta discussão é a relativa ao sal, “fantasma” que seguramente integrou as redes de interacção do final do 4º e 3º milénio a.C. Na síntese realizada sobre a produção e circulação de sal no ocidente peninsular (Valera, 2017b) sublinhou-se a necessidade de o considerar, seguindo a argumentação de Appadurai (1986) sobre a natureza das “mercadorias” (commodity), como produto de troca (independentemente do formato que essa troca possa ter assumido). Por outro lado, no mesmo estudo, sublinhou-se a importância das especificidades da sua produção (que envolve o “mistério” da mudança de estados, o que terá associado à actividade uma dimensão de ritualidade) e o facto de o seu valor ser essencialmente social, isto é, derivar não só do investimento na sua produção, mas igualmente do valor gerado nos processos de circulação, troca e consumo (Appadurai, 1986; Kopytoff, 1986), nomeadamente como produto exógenos nas reuniões onde não existe.

Não sendo um produto fácil de rastrear (conhecem-se sítios de produção, mas dificilmente conseguiremos informação sobre a circulação e consumo), a localização dos sítios produtivos e a respectiva cronologia permitem sugerir algumas hipóteses que ganham credibilidade quando cruzadas com outras evidências na construção de redes de interacção.

Assim, a localização de sítios extractores no litoral, nos estuários do Tejo e Sado (Monte da Quinta, Ponta da Passadeira, sítios da Comporta, etc.), e cujos volumes de produção inferidos revelam claramente uma orientação para a *exportação*, terão funcionado como centros abastecedores, satisfazendo as necessidades de territórios onde o sal faltava, nomeadamente no interior alentejano, durante o Neolítico Final e Calcolítico Inicial. Contudo, e de forma pouco espectável, estes contextos estão desactivados já em meados do 3º milénio a.C., quando o processo de complexificação social em curso atinge o seu apogeu. Acontece que nessa mesma altura se dá a emergência de sítios produtores de sal na Meseta Norte, nas lagoas de Villafáfila (Zamora), e na região de Madrid, como Santioste, Molino Sanchón ou Espartinas (Delibes de Castro *et al.*, 2016; Valiente Cánovas; Ramos, 2009). Para explicar esta sequência cronológica (desaparecimento de centros produtores estremenhos e a sua emergência no interior centro-norte) foi proposta a possibilidade de uma mudança das rotas de abastecimento de sal, a qual resultaria da integração deste produto num complexo de trocas que se estavam a reforçar em meados do milénio ao longo das bacias do médio Guadiana, médio Tejo e a Meseta Norte (Valera, 2017b). O sal poderia ser, assim, mais um elemento das conexões setentrionais dos Perdigões e do interior alentejano durante a segunda metade do 3º milénio a.C.), constituindo-se como recurso estratégico para os centros produtores do interior centro-norte no contexto da interacção de larga escala, conduzindo a uma reorientação das suas rotas de circulação e reforçado as ligações interiores norte-sul.

É no contexto de reforço destas relações que a presença de pastilhas repuxadas nos Perdigões deve ser entendida, seja de forma intermediada pela vizinha Extremadura, seja de forma mais directa, dada a sua natureza de sítio agregador inserido nas redes de interacção de larga escala e os valores isotópicos que alguns indivíduos dos Perdigões evidenciam. De facto, a facilidade de circulação norte-sul proporcionada pelo corredor Cáceres-Castelo Branco aproxima, em termos relativos, o interior do centro e norte alentejano da própria Meseta Norte ocidental (**Figura 5**), ajudando a perceber, como já foi por outros sublinhado, a presença mais a norte de influências meridionais. Casos da cerâmica simbólica oculada em Trás-os-Montes, no Buraco da Pala e em S. Lourenço (Sanchez, 1997; Jorge, 1986) e em vários sítios da Meseta Norte (Fabián García, 1995; Villalobos García, 2013), ou, ainda na Meseta, de algumas placas decoradas na zona de Salamanca (Bueno Ramírez, 2020), de um recipiente de calcário em El Fonsario, precisamente em Villafáfila (Villalobos García, 2013), e de Ídolos de Cornos em vários sítios (López Plaza, 1978; Val Recio, 1983; Fabián García, 1995).

A circulação por estas rotas interiores, que seguramente teriam ainda maior profundidade histórica, acentua-se durante o final do 4º e sobretudo durante o 3º milénio a.C. no contexto das dinâmicas de interacção que aceleram o processo complexificação social em curso, o qual, apresentando ritmos e intensidades diferenciados, tem uma abrangência peninsular. As pastilhas repuxadas podem, neste contexto, ser entendidas como um marcador arqueológico desses trajectos e contactos em momentos do 3º milénio pré-campaniformes, mas com prolongamento pelo campaniforme (que utiliza os mesmos trajectos), eventualmente já com menor expressão (González Cordero, 2011).

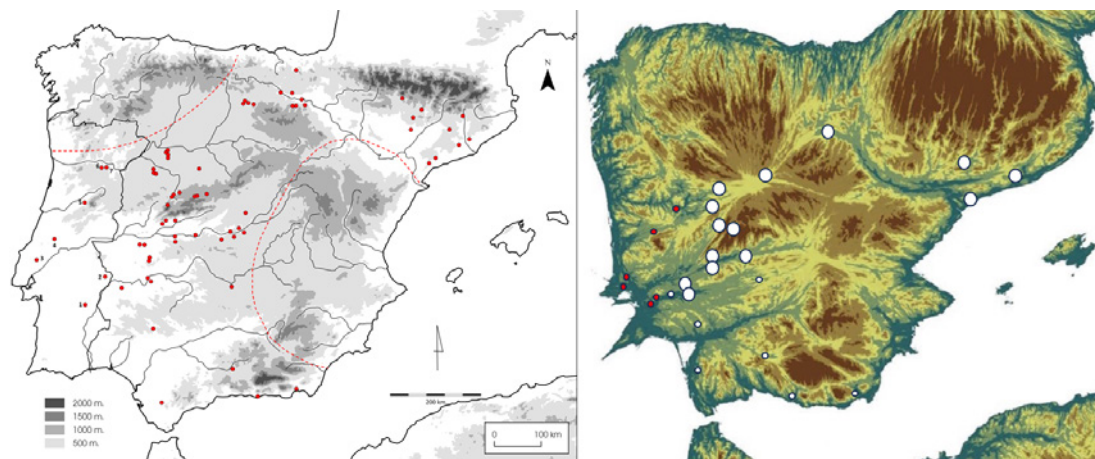


Figura 5 – Distribuição de sítios com pastilhas repuxadas na cartografia da Península Ibérica (esquerda) e dos mesmos sítios (agrupados em núcleos) no cartograma da península (realizado por António Uriarte, segundo Díaz-del-Río, 2021: 176). Realce para o “encolhimento” do Sudoeste Peninsular e a sua aproximação relativa ao interior centro-norte.

No caso dos Perdigões e de Santa Vitória, a sua presença surge precisamente em meados / terceiro quartel do 3º milénio a.C., acompanhada de campaniforme no primeiro (nomeadamente com uma boa representatividade do complexo de Ciempozuelos – Valera, Basílio, 2017), mas não no segundo. Circunstância que se ficará a dever às diferenças entre ambos os recintos de fossos, recentemente sublinhadas numa abordagem comparativa (Valera, Basílio, 2023). Diferenças que não são apenas de escala (temporal e de tamanho), mas também de desempenho social e de distinta integração nas redes de interacção transregional. Santa Vitória evidencia um baixo nível de integração (medido através da raridade de material e matérias-primas exóticas). A presença do recipiente com pastilhas repuxadas pode ser mais facilmente entendida como uma interacção de escala local ou regional, dada a sua proximidade a vários sítios extremos onde essa presença é mais frequente. O próprio padrão arquitectónico de recintos (lobulados padronizados) em que Santa Vitória se insere, e que têm vindo a evidenciar uma cronologia campaniforme, mas sem campaniforme, foi interpretado como um possível fenómeno de resistência a essa absorção e às dinâmicas sociais que lhe estavam associadas (Valera, 2020; Valera, Basílio, 2023).

Nos Perdigões, contudo, a situação é bem diversa, nomeadamente no período em que foram contemporâneos de Santa Vitória. A sua integração plena em redes de larga escala de circulação de bens, pessoas e informação, e a sua capacidade catalisadora a diferentes escalas espaciais (como os estudos de mobilidade têm demonstrado), contextualizam a presença de pastilhas repuxadas de uma forma diferente, a qual tem de ser articulada com as outras evidências de interacção existentes no sítio, ganhando relevo as que orientam o nosso olhar para Norte e sugerem conexões através de mobilidade a longa distância.

De facto, a informação que tem vindo a ser proporcionada por abordagens isotópicas à mobilidade vem documentando que a deslocação de indivíduos a longas distâncias tem de ser integrada nos modelos de redes de interacção como uma das modalidades de funcionamento do contacto e a circulação de informação, a par de outras que operem através de mecanismos de vizinhança. Independentemente dos modelos teóricos e de cenários que a Etnografia possa sugerir (peregrinações, viagens iniciáticas, transumância, especialização na actividade intermédia, itinerância artesanal, etc.), esta mobilidade está agora demonstrada empiricamente de forma directa em relação a humanos e animais. Com ela terão que ser cruzados aos dados proporcionados pelos estudos de proveniência de matérias-primas, mas também os estilísticos, na progressiva construção que vamos fazendo das redes de interacção do 3º milénio a.C.

6. CONCLUSÃO

A proliferação dos estudos arqueométricos e isotópicos, se trouxeram ao estudo da interacção na Pré-História Recente uma base empírica mais sólida e um aprofundamento do conhecimento relativamente à identificação de origens e definição das redes de contacto, não anulam o potencial das abordagens baseadas no estilo dos artefactos. A este têm sido cada vez mais aplicados modelos e metodologias desenvolvidos noutros campos disciplinares, tão amplos como as ciências da informação ou ciências cognitivas, encontrando-se também na ante-câmara das aplicações da Inteligência Artificial em Arqueologia. A estilística cerâmica, nomeadamente a referente à decoração, continua, pois, a manter, mesmo nas abordagens metodologicamente menos elaboradas (como a que aqui se desenvolveu), um valor heurístico relevante para a reconstrução das dinâmicas de circulação e contacto das comunidades pré-históricas.

No caso em análise, a decoração cerâmica com pastilhas repuxadas, pela sua cronologia, distribuição e associações contextuais, tem vindo a ser vista como um marcador arqueológico de um grande corredor de ligação entre o Sudoeste francês e o Sudoeste peninsular, essencialmente durante o 3º milénio a.C. Neste contexto mais amplo, a análise da sua distribuição e associações estilísticas em Portugal permite propor dois eixos de conexões para a sua presença mais ocidental a nível peninsular. Um ligando a Meseta Norte, o Alto Douro português, a Beira Alta e a Estremadura portuguesa, com a rarefação do número de exemplares por sítio a partir da Beira, acompanhada de uma especificidade estilística (a associação de pastilhas repuxadas e motivos penteados nos mesmos recipientes). Um segundo, mais interior, conectando a Meseta Norte, a Beira Interior, a Extremadura espanhola e o centro e norte alentejano, e cuja importância nas ligações norte-sul foi sendo várias vezes sinalizada para este e outros períodos históricos subsequentes.

Olhando a partir dos Perdigões, o ponto mais a sul em território português em que esta decoração foi registada, a sua conjugação com outras ocorrências no sítio e com as informações proporcionadas pela arqueometria de proveniências e pelos estudos isotópicos de mobilidade de humanos e animais ajuda a alargar a espacialidade da rede de interacções de larga escala em que o sítio se encontrava integrado. Reforça, pois, as evidências relativas às suas conexões setentrionais em meados/segunda metade do 3º milénio a.C., matizando a preponderância do eixo meridional e mediterrânico que caracteriza o sítio e a região em que se integra.

AGRADECIMENTOS

Trabalho realizado no âmbito do Programa Global de Investigação Arqueológica dos Perdigões coordenado pelo Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA) da ERA Arqueologia S.A.. Agradece-se as informações prestadas sobre a presença de pastilhas repuxadas em Castelo Velho a Susana Lopes e as fotografias sobre fragmentos cerâmicos decorados com pastilhas repuxadas de Castanheiro do Vento a Ana Vale. A João Zilhão agradece-se a oportunidade de, no final da década de noventa, fotografar o fragmento do Caldeirão. Ao Museu Arqueológico do Carmo agradece-se a possibilidade de fotografar o fragmento de Vila Nova de S. Pedro. Agradece-se, ainda, à organização pela iniciativa de homenagem a João Carlos de Senna-Martinez e pelo convite e oportunidade para nela poder ter participado. Finalmente, um último agradecimento... ao João.

BIBLIOGRAFIA

- ALDAY Ruiz, A. (2001) – Vías de intercambio y promoción del campaniforme marítimo y mixto sobre el interior peninsular, Cuadernos de Arqueología Universidad de Navarra. 9, 2001, pp. 111-174.
- APPADURAI, A. (1986) – Introduction: commodities and the politics of value. In: A. Appadurai (Ed.). *The social life of things. Commodities in cultural perspective*. Cambridge University Press (New York). 3-63. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511819582.003>.
- BASÍLIO, A. C.; VALERA, A. C. (2023) – Cronologia dos Recintos de Santa Vitória, in: A. C. Valera; A. C. Basílio (eds.), *Santa Vitória (Campo Maior, Portalegre). O “primeiro” recinto de fossos*, Era Monográfica, 7, Lisboa, Nia-Era: 123-126.
- BERNABEU, J.; LOZANO, S.; PARDO-GORDÓ, S. (2017) – Iberian Neolithic networks: the regional rise and fall of the Cardial World, *Frontiers in Digital Humanities*, 4. doi.org/10.3389/fdigh.2017.00007.
- BINFORD, L. (1965) – Archaeological systematics and the study of cultural process, *American Antiquity*, 31(2): 203-210.
- BUENO RAMÍREZ, P. (2020) – Placas decoradas en la Península Ibérica. Imágenes humanas entre la vida y la muerte, in: P. Bueno Ramírez; J. A. Soler Díaz (eds.), *Ídolos. Miradas Milenarias*, Alicante, Museu Arqueológico de Alicante: 203-216.
- CARNEIRO, A. (2011) – As cerâmicas do terceiro e segundo milénios a. C. de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), V Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal, DRCN: 187-218.
- CAVALIER, M. (1949) – Sobre la distribución de la cerámica decorada com botones en relieve, *Ampurias*, 11: 186-190.
- CINTAS-PEÑA, M.; GARRIDO PENA, R.; HERRERO-CORRAL, A. M.; FLORES FERNÁNDEZ, R.; WATERMAN, A. J.; ZORITA BONILLA, M. D.; DÍAZ-DEL-RIO, P.; PEATE, D. W. (2023) – Isotopic Evidence for Mobility in the Copper and Bronze Age Cemetery of Humanejos (Parla, Madrid): a Diachronic Approach Using Biological and Archaeological Variables, *Journal of Archaeological Method and Theory*, doi.org/10.1007/s10816-023-09633-6.
- COURTIN, J. (1974) – Les civilisations neolithique en Provence, *Mémoires de la Société Préhistorique Française*, II, Paris, Klincksieck.
- DELIBES DE CASTRO, G.; GUERRA DOCE, E.; ABARQUERO MORAS, J. (2016). Rituales campaniformes en contextos no funerarios: la factoría salinera de Molino Sanchón II (Villafáfila, Zamora). *Arpi*. 4 Extra. 286-297.
- DIAS, A. M. M. Carvalho (1996) – Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcólico de Sta Vitória, Dissertação de mestrado apresentada à FLUP, Policopiado.
- DIAS, M. I.; KASZTOVSZKY, Zs.; PRUDÊNCIO, M. I.; VALERA, A. C.; MARÓTI, B.; HARSÁNYI, I.; KOVÁCS, I. and SZÓKEFALVI-NAGY, Z. (2017) – X-ray and neutron based non-invasive analysis of Pre-historical stone artefacts: a contribution to understand mobility and interaction networks, *Archaeological and Anthropological Sciences Journal*, 457. DOI: [10.1007/s12520-016-0457-2](https://doi.org/10.1007/s12520-016-0457-2).
- DIAS, M. I.; KASZTOVSZKY, Zs.; PRUDÊNCIO, M. I.; HARSÁNYI, I.; KOVÁCS, I.; SZÓKEFALVI-NAGY, Z.; MIHÁLY, J.; KÁLI, G.; VALERA, A. C.; RODRIGUES, A. L. (2018) – Investigating beads from Chalcolithic funerary cremation contexts of Perdígões, Portugal, *Journal of Archaeological Science: Reports* 20 (2018) 434-442, <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2018.05.030>.
- DIAS, M. I.; VALERA, A. C.; LAGO, M. e PRUDÊNCIO, M. I. (2008) – “Proveniência e tecnologia de produção de cerâmicas nos Perdígões”, *Vípasca*, nº 2, II Série, Actas do III Encontro de Arqueologia do SW, pp. 117-121.
- DÍAZ-DEL RÍO, P. (2021) – Qué sucedió en la Edad del Cobre. *BSAA arqueología*, LXXXVII: 164-241.
- DÍAZ-DEL-RÍO, P.; URIARTE, A.; BECERRA, P.; PÉREZ-VILLA, A.; VICENT, J. M.; DÍAZ-ZORITA, B., & M. (2022) – Paleomobility in Iberia: 12 years of strontium isotope research. *Journal of Archaeological Sciences: Reports*, 46, 103653. <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2022.103653>.
- EMSLIE, S. D.; BRASSO, R.; PATTERSON, W. P.; VALERA, A. C.; MCKENZIE, A.; SILVA, A. M.; GLEASON, J. D. and BLUM, J. D. (2015) – “Chronic mercury exposure in Late Neolithic/Chalcolithic populations in Portugal from the cultural use of cinnabar”, *Scientific Reports*, (1/10/2015). DOI: [10.1038/srep14679](https://doi.org/10.1038/srep14679).
- ESCRIBÁ RUIZ, M. P. (2023) – *Geometría y decoración del Xúquer al Ebre del VI al V milenio cal BC*, Monografies de Prehistòria I Arqueologia Castellonenques, 16, Castelló, Diputació de Castelló.
- FABIÁN GARCÍA, J. F. (1995) – El aspecto funerario durante el calcólico y los inicios de la Edad de Bronce en la Meseta Norte, Salamanca, Ediciones Universidad.
- FERNÁNDEZ DEL CAMPO, C. P.; QUERO CASTRO, S. (1992) – El Ventorro, un poblado prehistórico de los albores de la metalurgia, *Estudios de Prehistoria y Arqueología Madrileña*, 8, Madrid, Ayuntamiento de Madrid.

- GONZÁLEZ CORDERO, A. (2011) – La Edad del Cobre en la Extremadura. Asentamientos y organización del territorio. Cáceres, Universidad de Extremadura.
- GUILAINE, J. (1980) – Le groupe de Veraza et le fin des temps néolithiques dans le sud de la France et la Catalogne. París.
- GUILAINE, J.; ROUDIL, L. (1976) – Les civilisations néolithiques en Languedoc, La Prehistoire française, II, Paris: 267-278.
- HURTADO, V.; AMORES, F. (1982) – Relaciones culturales entre el sudeste francés y La Pijotilla (Badajoz) en el Calcolítico: las pastillas repujadas y el Campaniforme cordado, Habis 13: 189-211.
- JAMES, H. F.; ADAMS, S.; WILLMES, M.; MATHISON, K.; ULRICHSEN, A.; WOOD, R.; VALERA, A. C.; FRIEMAN, C. J.; GRÜN, R. (2022) – A large-scale environmental strontium isotope baseline map of Portugal for archaeological and paleoecological provenance studies. *Journal of Archaeological Science* 142, 105595. <https://doi.org/10.1016/j.jas.2022.105595>.
- JIMÉNEZ-PUERTO, J. R. (2022) – *Conectando con el pasado. Redes sociales en la Prehistoria Reciente*. Tesis doctoral. Universitat de València.
- JORGE, Susana O. (1986) – Povoados da Pré-História recente (III inícios do II milénio a.C.) da região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental). IAFLP, Porto.
- KOPYTOFF, I. (1986) – The cultural biography of things: commoditization as process. In: A. Appadurai (Ed.). *The social life of things. Commodities in cultural perspective*. Cambridge University Press (New York). 65-91. <https://doi.org/10.1017/cbo9780511819582.004>.
- LÓPEZ-ASTILLEROS, K. M.; GARCÍA TÖRRÖNEN, T. (1983) – Hacia una caracterización de la Edad del Cobre en la cuenca media del Tajo, *Anales Todelanos*, 37: 9-28.
- LÓPEZ PLAZA, E. M. S. (1978) – Comienzos del Eneolítico Protourbano en el S.O. de la Meseta Norte, Salamanca, Universidad de Salamanca.
- MALUQUER, J. (1949) – La Cueva de Torralla, Monografía del Instituto de Estudios Pirenaicos, Zaragoza.
- MARTÍN COLLIGA, A. (1977) – El grupo de Veraza en Cataluña. *Actas del XIV Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: 341-355.
- ODRIOZOLA, C. P.; HURTADO, V.; DIAS, M. D. e VALERA, A. C. (2008) – “Produção e consumo de campaniforme no vale do Guadiana: uma perspectiva Ibérica”, *Apointamentos de Arqueologia e Património*, 3, NIA-ERA, pp. 45-52.
- PAÇO, A. (1970) – A Póvoa Eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre as 3ª, 4ª e 5ª campanhas de escavação – 1339, 1940 e 1941, *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço (1929-1968)*, Vol. 1, Lisboa, AAP: 275-305.
- PELLICER, M.; ACOSTA, P. (1982) – “El Neolítico Antiguo en Andalucía Occidental”. *Actes du Colloque International de Prehistoire (Montpellier, 1981): Archeologie en Languedoc*. Montpellier: 49-60.
- RUIZ-GÁLVEZ, M.; GALÁN DOMINGO, E. (1991) – Las estelas del Suroeste como hitos de vías ganaderas y rutas comerciales, *Trabajos de Prehistoria*, 48: 257-273.
- SACKETT, J. R. (1977) – The meaning of style in Archaeology: a general model, *American Antiquity*, 42(3): 369-380.
- SANCHES, M. de J. (1997) – Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. O abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto regional, Porto, SPAE.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (2013), Um rio na(s) rota(s) do estanho: o Tejo entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro, *Cira Arqueologia*, 2: 7-18.
- SPINDLER, K.; TRINDADE, L. (1970) – A Póvoa Eneolítica do Penedo – Torres Vedras, *Actas das Primeiras Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, AAP: 57-191.
- THEVÉNET, J. P.; CABRE, H. (1976), Les civilisations néolithique de la Bourgogne, *La Prehistoire Française*, II, Paris: 402-414.
- VAL RECIO, J. M. (1983) – El calcolítico precampaniforme en el Occidente de la Meseta. El yacimiento: “Las Pozas” (Zamora), *Memoria de Licenciatura*, Valladolid, Universidad de Valladolid.
- VALERA, António Carlos (2003) – “Problemas da neolitização na bacia interior do Mondego a propósito de um novo contexto: a Quinta da Assentada (Fornos de Algodres, Guarda)”, *Estudos Pré-Históricos*, Vol. X, Viseu: 5-29.
- VALERA, António Carlos (2007) – Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda), Braga, CMFA/TA.
- VALERA, A. C. (2013) – A ocupação calcolítica da “Sala 20” do Buraco da Moura de São Romão, *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1: 37-53.

- VALERA, A. C. (2015) – The diversity of ideotechnic objects at Perdígões enclosure: a first inventory of items and problems, *Arpi*, 3, Alcalá de Henares, 2005, 238-256.
- VALERA, A. C. (2017a) – “The ‘Exogenous’ at Perdígões Approaching Interaction in the Late 4th and 3rd Millennium BC in Southwest Iberia”, In BARTLHEIM, M.; BUENO RAMÍREZ, P.; KUNST, M. – Key resources and sociocultural developments in the Iberian Chalcolithic, pp. 201-224.
- VALERA, A. C. (2017b) – Salt in the 4th and 3rd Millennia BC in Portugal: specialization, distribution, and consumption. *Cuaternario y Geomorfología*: 105-121 <https://doi.org/10.17735/cyg.v31i1-2.53656>.
- VALERA, A. C. (2020) – Ephemeral and cosmological monumentality: the strange ditched enclosures of Chalcolithic South Portugal, in: A.B. Gebauer; L. Sørensen; A. Teather; A.C. Valera (eds.), *Monumentalising life in the Neolithic. Narratives of change and continuity*, Oxford, Oxbow: 239-250.
- VALERA, A. C. (2023) – Monumentality in wood: a preliminary approach to timber circles of Late Prehistory in South Portugal. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología da Universidad Autónoma de Madrid*. 49(1): 11-31.
- VALERA, A. C.; ALMEIDA, N.; EVANGELISTA, L. S.; MAURER, A.-F.; DIAS, C. B.; MACROBERTS, R.; RIBEIRO, S.; SANTOS, J. F. (2023) – No centro do centro dos Perdígões: o contexto de deposição de cabeça humanada Fossa 96 (2^a metade do 3^o milénio A.C.), in M. Diniz; A. Martins; C. Neves; J. Arnaud (Coords), *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular*, Estudos & Memórias, nº 22, UNIARQ-FLUL: 383-401.
- VALERA, A. C.; ANDRÉ, L. (2016/2017) – Aspectos da interação transregional na Pré-História Recente do Sudoeste Peninsular: interrogando as conchas e os moluscos nos Pedígões. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 23, Oeiras, CMO, pp. 189-218.
- VALERA, A. C.; BASÍLIO, A. C. (2017) – Approaching bell beakers at Perdígões enclosures (South Portugal): site, local and regional scales, In: V.S. Gonçalves (ed.), *Bells and bowls near the ocean and far away. About beakers in the Iberian Peninsula*, Estudos e Memórias, 10, Lisboa, pp. 82-97.
- VALERA, A. C.; BASÍLIO, A. C. (2023) – Contextualizando Santa Vitória: o sítio, o local, o regional e... os Perdígões, in: A.C. Valera; A.C. Basílio, *Santa Vitória (Campo Maior, Portalegre. O “primeiro” recinto de fossos. Era Monográfica 7*. Lisboa. NIA-ERA: 129-154.
- VALERA, A. C.; EVANGELISTA, L. S.; GODINHO, R. (2024) – Dissolving and contrasting. The secondary deposition of human cremains at Perdígões enclosure (3rd millennium BC, South Portugal). In: G. Higginbottom; C. Scarre; A.C. González-García; F. Criado Boado (eds.), *Megalithic Societies: old questions, new narratives*. Oxford: Archaeopress.
- VALERA, A. C.; SCHUHMACHER, T. X.; BANERJEE, A. (2015) – “Ivory in the Chalcolithic enclosure of Perdígões (South Portugal): the social role of an exotic raw material”, *World Archaeology*, 47:3, 390-413. DOI: 10.1080/00438243.2015.1014571.
- VALERA, A.; ŽALAITĖ, I.; MAURER, A. F.; GRIMES, V.; SILVA, A. M.; RIBEIRO, S.; SANTOS, J. F.; BARROCAS DIAS, C. (2020) – Addressing human mobility in Iberian large prehistoric ditched enclosures: the case of Perdígões (South Portugal). *Journal of Archaeological Sciences Reports*. 30: 102264. <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2020.102264>.
- VALIENTE CÁNOVAS, S.; RAMOS, P. (2009) – Las salinas de Espartinas: un enclave prehistórico dedicado a la explotación de la sal. *La explotación histórica de la sal: investigación y puesta en valor. Actas I Congreso Internacional*. Sociedad Española de Historia de la Arqueología. 167-182.
- VILLALOBOS GARCÍA, R. (2013) – Artefactos singulares de filiación meridional en el Calcolítico de la Meseta Norte española: un vaso calcáreo procedente de El Fonsario (Villafáfila, Zamora), *Zephyrus*, 71: 131-148.
- ŽALAITĖ, I.; MAURER, A. F.; GRIMES, V.; SILVA, A. M.; RIBEIRO, S.; SANTOS, J. F.; DIAS, C. B. and VALERA, A. C. (2018) – Diet and mobility of fauna from Late Neolithic–Chalcolithic site of Perdígões, Portugal, *Journal of Archaeological Science: Reports* 19: 674–685. <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2018.03.033>.
- ZILHÃO, J. (1992) – Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo, *Trabalhos de Arqueologia*, 6, IPAAAR, Lisboa.

OS DEPÓSITOS DE CERÂMICA NO EXTERIOR DO MONUMENTO PRÉ-HISTÓRICO DA PRAIA DAS MAÇÃS (SINTRA)

Catarina Costeira

Câmara Municipal de Sintra / DPA/DCUL / Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa
catarinacosteira@gmail.com

Eduardo Porfírio

Câmara Municipal de Sintra / DPA/DCUL / CEAACP – Centro de Estudos em Arqueologia Artes e Ciências do Património – Universidade de Coimbra
eporfirio@gmail.com

Resumo: Entre 2020 e 2023 realizaram-se quatro campanhas de escavação no monumento pré-histórico da Praia das Maças, no âmbito do projeto de conservação e restauro promovido pela Câmara Municipal de Sintra. Estes trabalhos tiveram como principais objetivos realizar a limpeza de todas as estruturas do monumento e a escavação metódica das áreas internas e externas necessárias à viabilização do referido projeto. Nas áreas exteriores Norte e Sul foi possível identificar contextos pré-históricos inéditos, dos quais se destacam as deposições estruturadas de recipientes cerâmicos inteiros, parciais ou fragmentados. Neste trabalho realiza-se uma abordagem preliminar a estas deposições, enquadrando-as nas fases de utilização deste monumento funerário e discutindo os seus possíveis significados.

Palavras-chave: Megalitismo; Práticas funerárias; Deposições estruturadas; Recipientes Cerâmicos; Final do 4^o – 2^o milénios a.C.

Abstract: Between 2020 and 2023 four excavation campaigns were carried out at the Praia das Maças pre-historic monument, as part of the conservation and restoration project promoted by Sintra Municipality. The main objectives of these works were to clean all the structures of the monument and methodically excavate the internal and external areas necessary for the development of the aforementioned project. The excavation of the northern and southern exterior areas of the monument allowed the identification of pre-historic contexts, highlighting several structured depositions of whole, partial or fragmented ceramic containers. This paper aims to present these structured depositions, integrating them in the phases of use of this funerary monument and discussing their possible meanings.

Keywords: Megalithism; Funerary Practices; Structured Depositions; Ceramic Containers; End of 4th – 2nd millennium b.C.

“(…) se as tumulações secundárias e outros materiais mais recentes do que aquilo que parecia tão definido como megalítico, tivessem sido sistematicamente documentadas, ter-nos-iam chegado informações preciosas para o problema que entretanto reconhecemos como significativo.”

Philine Kalb, 1994

1. INTRODUÇÃO

No monumento pré-histórico da Praia das Maças realizaram-se amplos trabalhos arqueológicos entre 2020 e 2023 no âmbito da elaboração e execução do projeto de conservação e restauro das suas estruturas (Ramos, 2020), que se encontra integrado num programa mais vasto de estudo e valorização do património arqueológico do concelho de Sintra (Porfírio et al., 2023 b). Com a implementação deste projeto pretende-se garantir a preservação deste monumento e incentivar o desenvolvimento de um programa de valorização e musealização que o torne um recurso cultural aberto à comunidade (Porfírio et al., 2023 a).

Os contextos inéditos identificados nas escavações arqueológicas referidas, a par da relevância científica, patrimonial e da longa história de investigação deste monumento exigem a sua divulgação célere e regular, para que as decisões tomadas no âmbito do projeto de conservação e restauro sejam devidamente fundamentadas. Até esta data foi possível elaborar vários artigos científicos (Costeira et al., 2023 b; Costeira et al., no prelo; Porfírio, et al., 2023 a), bem como conferências e visitas guiadas para públicos diversificados. Decorridos apenas quatro anos do início deste projeto e uma vez que os trabalhos de escavação e gabinete ainda não foram concluídos, muitos dos resultados apresentados têm ainda um carácter preliminar.

Este artigo centra-se nos depósitos de materiais cerâmicos identificados no exterior do monumento pré-histórico da Praia das Maças, durante as intervenções arqueológicas realizadas entre 2021 e 2023, tendo como principais objetivos a apresentação dos seus contextos, o seu enquadramento na história de utilização do monumento, bem como uma reflexão sobre a categoria das deposições cerâmicas estruturadas na qual se inserem. A escolha deste tema explica-se pela expressão espacial e quantitativa destes depósitos, sobretudo na área exterior sul do monumento, bem como pela necessidade de atualização desta problemática no âmbito das mais recentes correntes de estudo do megalitismo no Ocidente da Península Ibérica.

Era evidente desde a primeira intervenção arqueológica na década de 1960, quer pela diversidade de estruturas funerárias e materiais identificados, quer pelas datações de radiocarbono então obtidas, que este monumento teve várias “vidas” entre o final do 4^o e o início do 2^o milénio a. C. Contudo, o paradigma vigente e a necessidade de demonstrar a antiguidade das estruturas megalíticas, tornava difícil de aceitar e explicar os diferentes episódios da história deste monumento, sobretudo no que se refere aos mais recentes (Kalb, 1981; 1994, p. 417-418).

Até ao final da década de 1970, a identificação de materiais campaniformes e de cronologia posterior no interior de monumentos megalíticos era interpretada como um fenómeno residual, de reaproveitamento oportunista de anteriores estruturas funerárias ou violações, com pouco destaque simbólico ou ritual, o que minimizava a publicação e abordagem destes contextos (Tejedor Rodriguez, 2013, p. 34). No caso específico dos materiais identificados na área exterior destes monumentos e mais concretamente de artefactos em cerâmica, a sua presença era tendencialmente interpretada como ações de limpeza e esvaziamento do interior das estruturas funerárias.

A partir dos trabalhos de H. Schubart (1965; 1973; 1975), K. Spindler (Gallay et al., 1973; Spindler e Ferreira, 1974; Spindler, 1988), J. C. Senna-Martinez (Senna-Martinez et al., 1984; Senna-Martinez, 1994 a) e P. Kalb (1994, p. 415-426) assistiu-se a uma valorização da presença de materiais tardios, principalmente campaniformes e da Idade do Bronze, em múltiplos monumentos megalíticos do Centro e Sul do território português. Todavia, estas abordagens tinham ainda uma dimensão demasiado artefactualista, faltando amplas escavações, sequências estratigráficas, datações de radiocarbono e o enquadramento teórico que permitisse apreender a complexidade das múltiplas utilizações dos monumentos megalíticos.

Nas primeiras décadas do século XXI, com a “Revolução Empírica” (Valera, 2013, p. 436) proporcionada pelo aumento significativo das intervenções arqueológicas de campo, pelo crescimento dos estudos antropológicos e zooarqueológicos e uma maior precisão das datações de radiocarbono, aliada à transformação teórica, no sentido do crescimento e diversificação das correntes interpretativas integradas na arqueologia pós-moderna, diversificaram-se as abordagens sobre o megalitismo, valorizando-se a individualidade dos monumentos e procurando-se reconstituir as suas longas biografias de utilização (Mataloto, 2007; 2018).

Os trabalhos que temos vindo a desenvolver no monumento pré-histórico da Praia das Maças enquadram-se nestas inovações tóricas e metodológicas e refletem a experiência profissional desenvolvida anteriormente noutras regiões do país como o Alentejo, sobretudo em contextos arqueológicos domésticos.

2. LOCALIZAÇÃO DO MONUMENTO E PAISAGEM ENVOLVENTE

Este monumento localiza-se na povoação da Praia das Maças, freguesia de Colares, concelho de Sintra, distrito de Lisboa, implanta-se na margem direita da Ribeira de Colares, em posição destacada, junto ao cume da vertente norte de uma elevação designada “Outeiro das Mós” que atinge cerca de 44 m de altitude. (Figura 1)

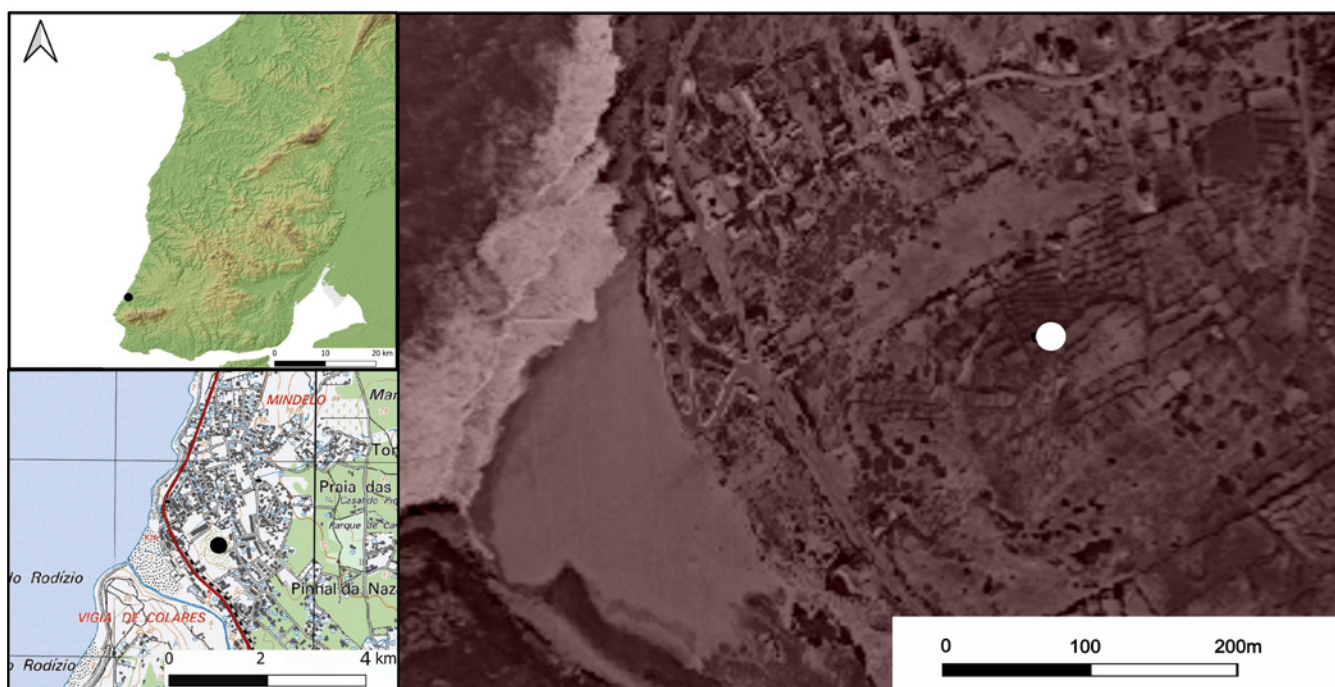


Figura 1 – Localização do monumento pré-histórico da Praia das Maças. Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000, folha n.º 415, Serviços Cartográficos do Exército e fotografia aérea de 1944, Direção-Geral do Território.

Nesta colina afloram rochas do Cenomaniano Inferior, Médio e Superior, constituídas por calcários e margas, com intercalações arenosas e argilosas, cobertas por dunas holocénicas, que ocorrem por toda a região litoral a Norte da Serra de Sintra. Afloram ainda nas proximidades da área de estudo, em retalhos entre as dunas, rochas paleogénicas, constituídas por arenitos e conglomerados com cimento margoso e intercalações de níveis argilosos e calcários, e rochas miocénicas constituídas por calcários brancos, fossilíferos, mais ou menos arenosos, por vezes com aspeto brechóide (Costeira et al., 2023 b). O substrato geológico onde foi construído o monumento é constituído por níveis de calcário cristalino, compacto e rijo, fraturados e fragilizados

por processos cársicos atribuídos à formação da Bica e por níveis de calcário margoso, com intercalações argilosas, pouco coeso e muito friável (Jordão e Pimentel, 2023). O monumento foi construído numa zona de acidente tectónico, com possível deslocação subvertical, que põe em contacto calcários cristalinos e calcários margosos. Este acidente tectónico tem orientação aproximada NNW-SSE, compatível com um dos sistemas dominantes de falhas que ocorrem na área, relacionados com a instalação do Maciço Eruptivo de Sintra.

A paisagem deste território litoral caracteriza-se por um acentuado dinamismo ao longo do tempo, evidente nas alterações da linha de costa e nas características da Ribeira de Colares e da sua foz. O Outeiro das Mós sofreu também profundas alterações, particularmente evidentes a partir do século XX, em resultado dos trabalhos agrícolas, das escavações arqueológicas do monumento megalítico, e da crescente urbanização da envolvente, que acelerou a erosão, com a redução substancial dos níveis de sedimento arenoso e consequente diminuição da imponência desta elevação. Efetivamente, esta colina é limitada a Norte, Sul e Este por espaços construídos, o que condiciona muitíssimo o seu enquadramento paisagístico, sobretudo no que se refere à relação com a Serra de Sintra. A parte ocidental da colina corresponde à área *non aedificandi* da Zona Especial de Proteção (ZEP) do monumento (Portaria n.º 49/2014, DR n.º 14, Série II de 21 de janeiro), estando por isso livre de construção e permitindo ainda a relação visual direta com o mar.

3. BREVE SÍNTESE DA HISTÓRIA DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NO MONUMENTO PRÉ-HISTÓRICO DA PRAIA DAS MAÇÃS

O monumento pré-histórico da Praia das Maças foi identificado na década de 20 do século XX, no âmbito da realização de trabalhos agrícolas, tendo sido pela primeira vez referido na bibliografia arqueológica por L. Saavedra Machado (1929, p. 19). De acordo com informações orais recolhidas no final da década de 1960 por José Cardim Ribeiro, a descoberta deste monumento por parte dos agricultores da Praia das Maças teve um grande impacto a nível local, procedendo-se a diversas recolhas de materiais arqueológicos, que foram dispersos pelos moradores e por forasteiros, bem como à reutilização de elementos pétreos do túmulo na construção de casas.

Em 1943 Georg e Vera Leisner no volume dos *Megalithgräber der Iberischen Halbinsel der Süden* classificaram o monumento pré-histórico da Praia das Maças como um *Felskuppelgräber* (Leisner e Leisner, 1943, p. 293, Tafel 82; 174-175 e 176). No final da década de 1950, Vera Leisner intensificou a pesquisa sobre a coleção privada de materiais provenientes deste monumento e visitou-o várias vezes (Leisner, 1965, p. 44). No Arquivo Leisner encontram-se várias cartas e relatórios datados de 1958 e 1959 com indicações úteis sobre estas primeiras pesquisas (Costeira et al., 2023b).

A primeira intervenção arqueológica no Outeiro das Mós decorreu no final de 1961, tendo sido dirigida por Vera Leisner e Octávio da Veiga Ferreira, e permitiu identificar dois monumentos funerários com características distintas: uma gruta artificial (câmara ocidental) e um tholos (câmara central e corredor) e recolher um conjunto numeroso e diversificado de materiais arqueológicos, que se encontram depositados no Museu Geológico em Lisboa. Os principais resultados destes trabalhos foram publicados entre 1963 e 1969 (Leisner e Ferreira, 1963; Leisner, 1965; Ferreira, 1965; Monteagudo, 1966; Leisner et al., 1969). Os documentos disponíveis no Arquivo Leisner e no Arquivo OVF/JLC são um elemento fundamental para reconstituir a referida campanha de escavação arqueológica e para a análise da arquitetura e faseamento do monumento (Costeira et al., 2023b). (Figura 2)

A relevância dos resultados obtidos com esta escavação, aliada ao detalhe descritivo, gráfico e fotográfico dos documentos referidos tornaram a Praia das Maças um dos monumentos incontornáveis para o estudo do megalitismo na Península Ibérica. Os elementos mais inovadores destes trabalhos consistiram na identificação de duas estruturas funerárias com arquiteturas distintas, que se encontravam interligadas e na realização das primeiras datas de radiocarbono para um monumento megalítico em Portugal, o que contribuiu significativamente para demonstrar a antiguidade destas estruturas na Península Ibérica (Renfrew, 1967, p. 279 e 286; 1973, p. 91;

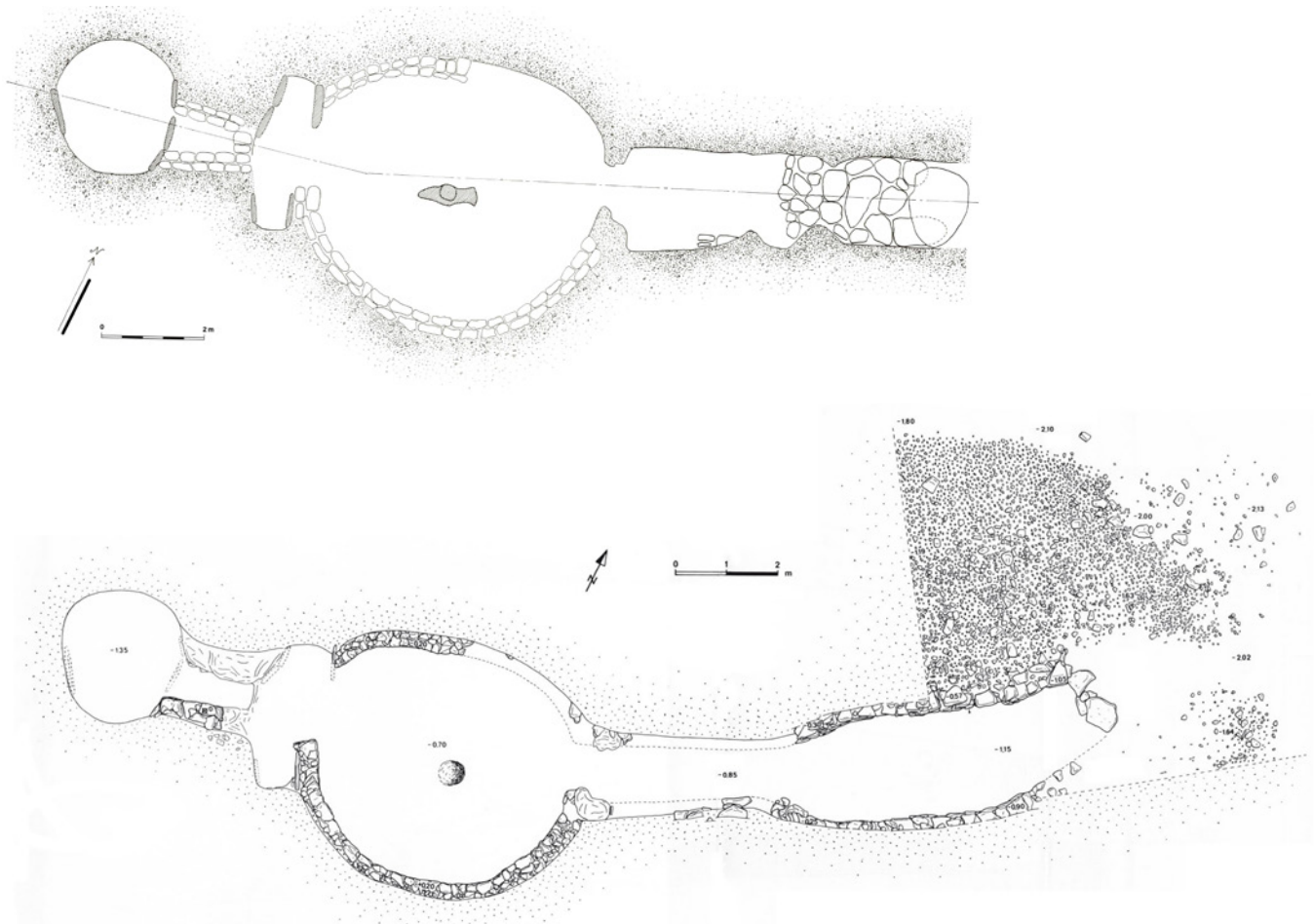


Figura 2 – Representação em planta do monumento pré-histórico da Praia das Maças (Leisner, 1965, tafel 36) e planta geral de 1979 com indicação de todas as estruturas arquitetónicas (adaptado de Gonçalves, 1982-1983: fig.5).

Savory, 1968, p. 122 e 152; Almagro-Gorbea, 1970; Daniel, 1973, p. 211; Kalb, 1981, p. 58-59 e 79; Soares e Cabral, 1984, p. 177).

Nos finais dos anos 60 / inícios dos anos 70 do século XX, José Cardim Ribeiro, ainda aluno de liceu, realizou uma pequena sondagem no corredor do tholos e recolheu um conjunto significativo de materiais arqueológicos e ossos humanos nas terras resultantes da escavação de 1961 e acumuladas no exterior do monumento (Gonçalves, 1979, p. 74). A documentação e espólio referente a esta escavação encontram-se conservados no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

Em 1979 João Ludgero Gonçalves dirigiu duas campanhas de trabalhos de campo neste monumento, com o apoio da Câmara Municipal de Sintra, tendo procedido à limpeza de todos os compartimentos, à escavação da entrada e de uma área de cerca de 125 m² no exterior, especialmente na vertente Norte (Gonçalves, 1979; Gonçalves, 1982-83). Esta intervenção arqueológica consistiu numa das primeiras escavações sistemáticas no exterior de um monumento megalítico em Portugal (Silva e Soares, 1983, p. 85), procurando valorizar o monumento na sua globalidade em termos espaciais e cronológicos (Jorge, 1978; Kalb, 1994; Cruz, 2001).

Entre as décadas de 1980 e 2020 realizaram-se as primeiras análises geológicas e petrográficas, com o objetivo de identificar a proveniência dos elementos pétreos utilizados para a construção das várias estruturas funerárias deste monumento (Dehn et al., 1991, p. 1-28), efetuaram-se estudos pontuais de alguns materiais arqueológicos (Schuhmacher, 2017; Schuhmacher et al. 2013), bem como duas datações de radiocarbono (Cardoso e Soares, 1995) e as primeiras análises antropológicas (Silva e Ferreira, 2007; 2017), sendo frequentemente referido em diversas publicações sobre o Neolítico final e o Calcolítico em Portugal.

No que se refere à história da proteção e conservação do monumento pré-histórico da Praia das Maças, registaram-se ações pontuais de consolidação e reconstrução de algumas estruturas pétreas em 1961 (Leisner, 1965, p. 65; Costeira et al., 2023 b) e de limpeza e proteção das áreas escavadas no exterior em 1979 (Gonçalves, 1979; Gonçalves, 1982-83). Assim, as principais estruturas do monumento ficaram, como era usual até à década de 1980 (Bugalhão, 2021, p. 486), expostas à erosão e ao vandalismo, o que a par da antiguidade e da sua fragilidade estrutural condicionou substancialmente a sua conservação. (Figura 3)

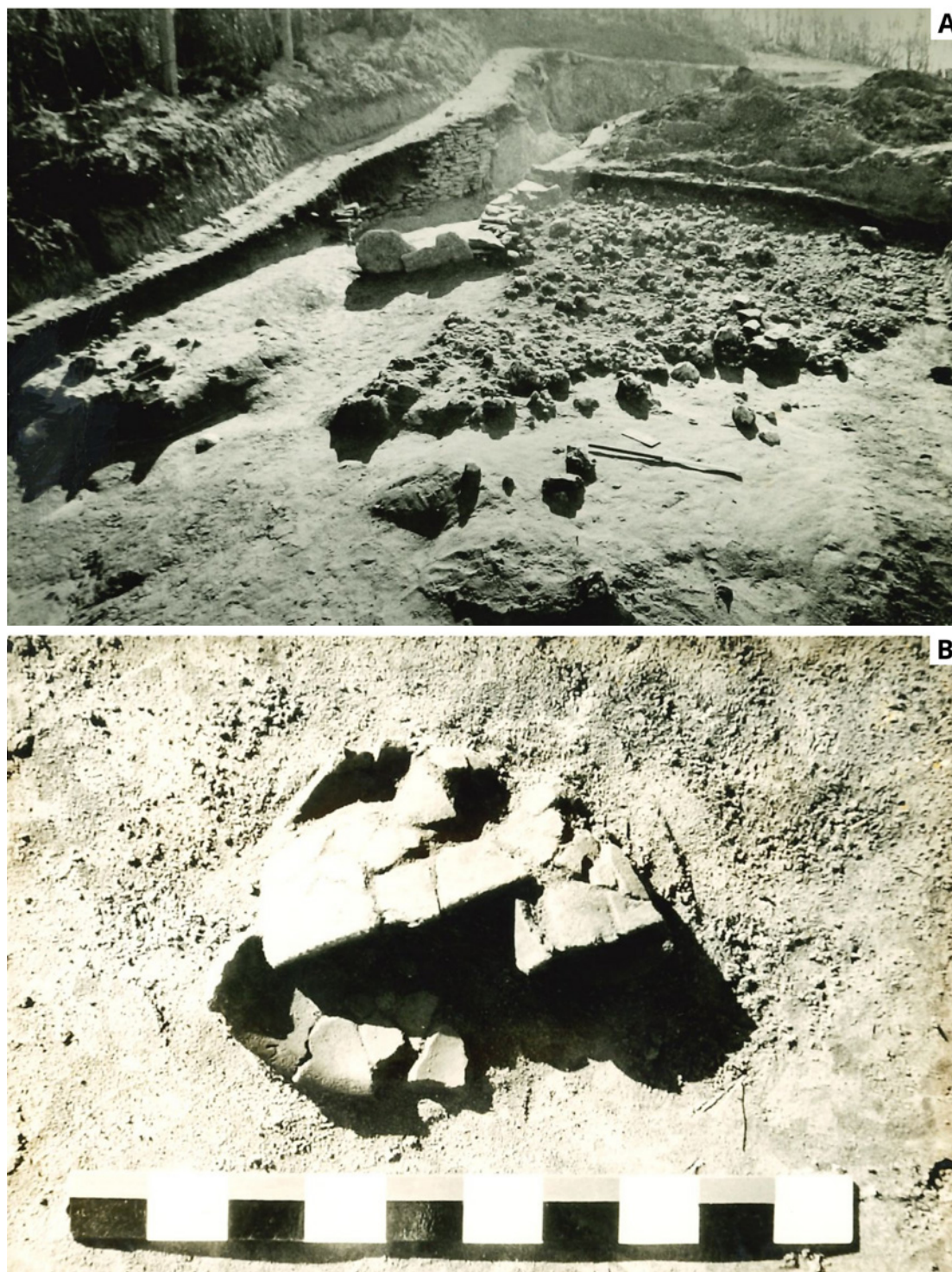


Figura 3 – A) Vista geral da área exterior norte intervencionada em 1979 (Gonçalves, 1982/1983: 41, fig. 14). B) Recipiente fragmentado em conexão (fotografia de João Ludgero Gonçalves/Arquivo da Câmara Municipal de Sintra).

Em dezembro de 1974 este sítio arqueológico foi classificado como Monumento Nacional (Decreto n.º 735/74 de 21 de dezembro), contudo a sua permanência em terrenos privados, numa zona litoral de forte pressão urbanística, tornou muito complexa a sua salvaguarda pelas entidades nacionais e municipais.

Nas últimas décadas, acompanhando a tendência nacional e europeia (Bugalhão, 2021, p. 485; Arnold, 2014), de incremento das autoridades locais na gestão e proteção do património histórico e arqueológico, a Câmara Municipal de Sintra tem desenvolvido várias ações com vista à salvaguarda e valorização do monumento pré-histórico da Praia das Maçãs, como a demarcação de uma Zona Especial de Proteção, com área *non aedificandi*, proposta desde a década de 1990 e aprovada em 2014 (Portaria n.º 49/2014, DR n.º 14, Série II de 21 de janeiro), a aquisição dos terrenos e a vedação da área arqueológica, bem como a implementação do projeto de conservação e restauro já referido, baseado numa forte componente de trabalhos arqueológicos.

Todavia, o desenvolvimento de um projeto de valorização de um monumento megalítico com a complexidade do da Praia das Maçãs exige não só disponibilidade de meios técnicos e humanos especializados para a realização dos trabalhos de arqueologia e conservação e restauro necessários, mas também a garantia da sua manutenção e estabilidade posterior. Face à importância arqueológica e cultural deste monumento e ao seu grau de classificação, a sua valorização não deve ser encarada apenas como uma questão de âmbito local.

No caso dos monumentos megalíticos portugueses, os projetos de conservação e restauro aprovados e executados nem sempre refletem a investigação arqueológica que se tem vindo a desenvolver a nível nacional e europeu, optando-se por soluções tradicionais e pouco fundamentadas cientificamente em muitos casos. Partindo da experiência do processo do monumento pré-histórico da Praia das Maçãs, bem como nas reflexões publicadas para projetos semelhantes (Cruz e Vilaça, 1990; Cruz, 2001; Morán e Parreira, 2004, p. 67; Villalobos Gómez, 2015; Linares Catela, 2017, p. 526), consideramos que a definição e aprovação de um projeto de conservação e restauro devem ser antecedidas da realização de amplos trabalhos arqueológicos, que incluam não só ações de escavação, mas também o estudo de materiais e a publicação de resultados, que permitam o debate científico alargado e dessa forma a escolha das melhores soluções.

4. OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS ENTRE 2020 E 2023

A direção científica de todos os trabalhos arqueológicos realizados foi da responsabilidade de Catarina Costeira e Eduardo Porfírio, a direção dos trabalhos de antropologia esteve a cargo de Linda Melo, a coordenação geral do projeto foi assegurada por Teresa Simões, o projeto de conservação e restauro foi realizado pela ArqueoHoje e a sua execução esteve a cargo da empresa RBS. Ao longo das quatro campanhas arqueológicas realizadas a direção científica de arqueologia manteve-se, mas as equipas de trabalho foram constituídas por elementos de diferentes entidades. Assim, em 2020 a equipa de escavação foi formada por arqueólogos e conservadores restauradores da empresa ArqueoHoje, em 2021 por estudantes de arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e jovens do programa de Voluntariado Jovem da Câmara Municipal de Sintra, em 2022 por arqueólogos da empresa Eon e em 2023 exclusivamente por arqueólogos municipais.

A intervenção arqueológica realizada no monumento pré-histórico da Praia das Maçãs no mês de junho de 2020 enquadrou-se no âmbito da recolha de informação para a elaboração do relatório prévio de diagnóstico do estado de conservação deste monumento e de desenvolvimento do respetivo projeto de conservação (Ramos, 2020). Realizou-se a limpeza da vegetação que cobria as estruturas arquitetónicas do monumento e da área envolvente e removeu-se manualmente todos os sedimentos recentes que se acumularam no seu interior desde 1979. Efetuou-se também a limpeza, definição e registo dos limites das várias estruturas que compõem o monumento, a escavação de duas sondagens arqueológicas e o levantamento topográfico da área total de intervenção. Os resultados obtidos tornaram evidente o potencial arqueológico deste monumento (Costeira, 2020) e conseqüentemente a necessidade de intensificar os trabalhos de escavação e registo na fase de execução do projeto de conservação e restauro.

Nos meses de verão de 2021 prosseguiram os trabalhos de diagnóstico, com o objetivo de avaliar o potencial científico e arqueológico da entrada e da vertente Norte. Esta intervenção teve a particularidade de ser concretizada por uma equipa constituída por jovens voluntários do município de Sintra e por alunos de arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Porfírio et al., 2023 a).

Entre os meses de março e junho de 2022 a intervenção arqueológica decorreu no âmbito da execução do projeto de conservação e restauro, tendo-se procedido à escavação do interior do monumento (78m²) e à realização de sete sondagens na área exterior perfazendo um total de 223m². Paralelamente efetuou-se o levantamento topográfico de toda a área intervencionada, assim como o registo gráfico e fotográfico pormenorizado de todas as estruturas e contextos arqueológicos identificados. Procedeu-se ainda ao acompanhamento dos trabalhos de conservação e restauro efetuados nos muros da câmara e do átrio do tholos. A complexidade arquitetónica e estratigráfica do monumento, a par dos contextos inéditos identificados impôs o abrandamento dos trabalhos de campo e o ajustamento de algumas medidas de conservação e restauro, permitindo analisar a informação entretanto produzida, aprofundar a pesquisa nos acervos documentais disponíveis e preparar várias publicações e outras ações de divulgação.

Durante os meses de outubro e novembro de 2023 efetuou-se a escavação arqueológica dos depósitos de cerâmica pré-histórica identificados nas sondagens 4 e 5 na área exterior Sul do monumento.

Nas várias etapas da escavação seguiu-se uma metodologia Open Area (Barker, 1978), com registo de cada unidade estratigráfica em ficha descritiva, fotografia e desenho de planta, de acordo com os princípios definidos por E. Harris (1979). Para um maior controlo do registo, sobretudo nas áreas exteriores, elaboraram-se fotografias orto-retificadas e georreferenciadas de diferentes momentos da escavação arqueológica. Face ao estado de conservação do interior dos compartimentos optou-se por integrar todos os materiais de pequena dimensão em unidades estratigráficas de tipo depósito, à semelhança do realizado na escavação de outros monumentos megalíticos (Mataloto e Boaventura, 2010, p. 10; Mataloto et al., 2015, p. 59). No que se refere aos recipientes inteiros, fragmentados em conexão ou a concentrações de fragmentos optou-se pela sua individualização em unidades estratigráficas, o que permitiu um registo mais detalhado. As condicionantes de conservação do monumento nesta fase dos trabalhos arqueológicos exigiram que se efetuasse a escavação parcial de alguns depósitos.

Apesar das críticas que ainda ocorrem, raramente por escrito, à utilização da metodologia Open Area na escavação de sítios pré-históricos, consideramos que os resultados globalmente alcançados têm demonstrado a sua aplicabilidade, contribuindo significativamente para a modernização dos estudos desta cronologia em Portugal (Valera, 2006; p. 81; Costeira, 2017, p. 39 e 43; Baptista e Gomes, 2019, p. 86). **(Figura 4)**

Todos os sedimentos do interior e do exterior das várias estruturas do monumento pré-histórico da Praia das Maças foram removidos manualmente, com ferramentas adequadas às condições do terreno e à elevada sensibilidade das estruturas e contextos arqueológicos. Tendo em conta o conhecimento arqueológico sobre este sítio, compilado em anteriores trabalhos e a sua cronologia, os sedimentos recolhidos nas câmaras, corredor e átrio do tholos foram integralmente crivados, bem como os sedimentos provenientes das sondagens exteriores que estavam associados a contextos pré-históricos. No caso dos estratos superficiais mais revolvidos e dos depósitos dunares, as crivagens foram realizadas por amostragem.

Os sedimentos do interior da câmara ocidental e central identificados a maior profundidade e associados a materiais pré-históricos foram integralmente recolhidos e crivados nas instalações do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, com o objetivo de realizar análises mais detalhadas, bem como manter o ritmo dos trabalhos de escavação no terreno. Foram crivados 159 sacos de sedimentos, com peso médio entre 10 – 20 kg, num crivo de 3mm, não se tendo recolhido sementes nem carvões pré-históricos e raros artefactos, o que reforça os dados obtidos durante a escavação.

Nos vários momentos de interrupção dos trabalhos arqueológicos no monumento pré-histórico da Praia das Maças foram aplicadas medidas de conservação preventiva, tendo-se garantido a proteção das estruturas e dos depósitos arqueológicos identificados.

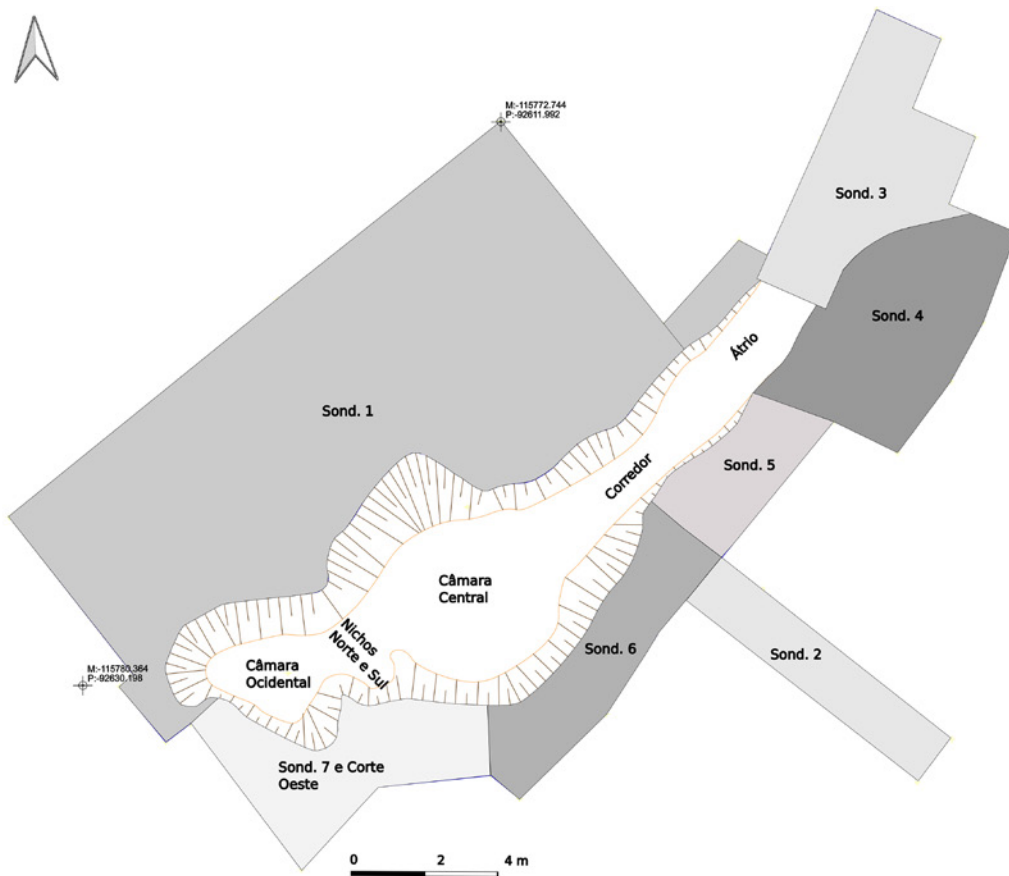


Figura 4 – Ortophotografia e planta geral com indicação das áreas intervencionadas no monumento pré-histórico da Praia das Maças entre 2020 e 2022.

A realização de uma intervenção arqueológica em sítios com longas histórias de investigação, como é o caso do monumento pré-histórico da Praia das Maças, exige a análise minuciosa da informação publicada e dos documentos conservados em arquivos pessoais e institucionais no decurso dos trabalhos de campo e gabinete. No que se refere à intervenção arqueológica da década de 1961, a análise do diversificado espólio documental conservado no Arquivo Leisner e no Arquivo OVF/JLC tem constituído uma etapa de trabalho fundamental para a interpretação deste sítio arqueológico, não só no que se refere às suas materialidades, mas também para melhor compreender o contexto e as condições em que decorreram as referidas escavações e a publicação dos dados (Costeira et al., 2023 b; Costeira et al., no prelo).

No caso das intervenções da década de 1970, a informação disponível é mais reduzida, correspondendo a uma curta notícia e a dois trabalhos publicados (Gonçalves, 1979; 1982; 1982-83) e um conjunto de documentação, sobretudo gráfica e fotográfica inédita, conservada no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas / Câmara Municipal de Sintra. Esta aparente contradição, dos trabalhos de escavação mais recentes e que decorreram num contexto de profissionalização da atividade arqueológica em Portugal (Bugalhão, 2021, p. 64-66) terem menos documentação consultável, relaciona-se com uma certa opacidade na definição e proteção dos arquivos de escavação (Bugalhão et al., 2020, p. 638), sobretudo os que são elaborados de forma mais personalizada, como o tradicional “caderno de campo”, bem como com o facto da documentação pessoal dos intervenientes nos trabalhos referidos se encontrar ainda à sua guarda. Não obstante a fragilidade e uma certa desvalorização desta documentação, por ser considerada mais pessoal do que científica, reveste-se de grande importância por permitir aceder a informação direta das várias fases do processo de escavação e tratamento dos materiais, que nem sempre é referida nos relatórios oficiais ou nas publicações.

Neste artigo, em que abordamos os contextos do exterior do monumento, iremos realizar uma análise estratigráfica retrospectiva da intervenção arqueológica realizada em 1979, à semelhança do que efetuamos para as áreas interiores (Costeira et al., 2023 b; Costeira et al., no prelo), procurando correlacionar estes dados com os resultados das escavações mais recentes.

5. AS ESTRUTURAS FUNERÁRIAS E O SEU FASEAMENTO

O complexo funerário da Praia das Maças agrega diferentes estruturas, nomeadamente uma gruta artificial (câmara ocidental) e um tholos (câmara, corredor e átrio), que foram ajustadas às características naturais da área de implantação, tendo diferentes fases de utilização, algumas das quais com profundas reestruturações.

As intervenções arqueológicas realizadas neste monumento permitiram documentar uma sequência estratigráfica complexa, que abrange um hiato temporal balizado entre os meados/final do 4º milénio a. C. e a atualidade, com especial destaque para as utilizações do 3º milénio a. C. e as reutilizações posteriores. Possibilitou igualmente, registar e descrever de forma mais pormenorizada as características arquitetónicas e estruturais deste monumento, bem como o processo que “levou à formação do sítio arqueológico em si” (Fabião, 2022). Toda esta informação obtida diretamente com os trabalhos de campo, permite um novo olhar sobre os materiais recolhidos e os dados publicados anteriormente.

Para uma análise detalhada desta sequência estratigráfica propõe-se a consulta dos relatórios técnicos (Costeira, 2020; Costeira e Porfírio, 2022) e das publicações disponíveis (Costeira et al., 2023 b; Costeira et al., no prelo, Porfírio et al., 2023 a).

A câmara ocidental corresponde a uma estrutura escavada nos sedimentos margosos do substrato geológico, apresenta uma morfologia circular irregular, com cerca de 2,4m de diâmetro e 4m de profundidade, que teria o teto aplanado e não abobadado, constituído por blocos de calcário. As características naturais destes elementos geológicos (grandes blocos sobre margas mais friáveis), a par da sua exposição aos agentes atmosféricos, constituem a maior fragilidade desta câmara funerária pré-histórica, colocando sérios desafios aos trabalhos de arqueologia e de conservação e restauro. Não obstante a intensidade da afetação da câmara ocidental, as

intervenções arqueológicas realizadas em 2022 permitiram documentar um contexto funerário pré-histórico na parede Oeste (Costeira et al., 2023 b; Costeira no prelo).

Na área de acesso à câmara ocidental, em 1961 registava-se um pequeno corredor, de morfologia trapezoidal, com 1,50 m de comprimento, formado por paredes constituídas por finas lajes de calcário e embasamento de blocos de calcário irregular, que em 2022 se encontravam derrubados, e um pequeno degrau lajeado.

O conjunto artefactual registado nesta câmara integra-se nas tradições culturais do final do 4º / inícios do 3º milénio a. C., ajustando-se às datas de radiocarbono disponíveis (Boaventura, 2009; Cardoso e Soares, 1995; Soares e Cabral, 1993). Contudo, com os dados obtidos durante a intervenção de 2022 a dinâmica construtiva e de utilização desta câmara afigura-se mais complexa do que o anteriormente defendido (Leisner et al., 1969; Gonçalves, 1982-83). Assim, com os dados atualmente disponíveis, propomos duas grandes fases de construção desta estrutura funerária, a que se associam diferentes momentos de utilização, ainda difíceis de reconstituir arqueologicamente (Costeira et al., no prelo).

A área de ligação entre a câmara ocidental e a câmara do tholos é constituída por um sector central e por duas câmaras ou nichos laterais, um localizado a Sul e outro a Norte, escavados no substrato geológico, com morfologias genericamente retangulares e com as paredes revestidas por elementos pétreos. A área central, entre os nichos, apresentava na sua base um bloco rochoso de coloração esbranquiçada, ligeiramente rebaixado, sobre o qual foram depositados fragmentos de recipientes cerâmicos e de ossos humanos muito fragmentados (Leisner, 1965; Leisner et al., 1969; Costeira et al., 2023). As características singulares destes compartimentos intermédios, com traços algo cistoides e as particularidades de alguns dos materiais recuperados, sobretudo no que se refere aos fragmentos de recipientes cerâmicos (Monteagudo, 1966, p. 70), sugerem que se associam a fases de reutilização do tholos, à semelhança do identificado noutros monumentos peninsulares como por exemplo La Sima, em Soria (Rojo-Guerra et al., 2011, p. 239). Contudo é necessário realizar o estudo aprofundado dos materiais recuperados nas várias intervenções arqueológicas para uma análise mais aturada. (Figura 5)

O tholos é formado por câmara, corredor e átrio. A câmara foi escavada num depósito muito heterógeno, composto maioritariamente por calcários margosos, mas com intercalações argilosas de colorações variadas, tem uma planta ovalada, com paredes revestidas por muros pétreos e cerca de 5,2 cm de diâmetro.

O muro Norte era composto por lajes de calco-arenito de pequena dimensão, dispostas em fiadas, três das quais registadas. Este muro encontra-se segmentado, preservando-se cerca de 2,40 m, junto ao nicho Norte e apresenta uma estrutura ligeira e uma orientação linear. De facto, a área Norte desta câmara é a mais desgastada desde os anos 20 do século XX, devido aos trabalhos agrícolas, às escavações clandestinas e às ações antrópicas do século XX e inícios do século XXI. Contudo, as características específicas do aparelho construtivo do referido muro, que dificultam a sua reconstituição em altura e a sua associação ao muro Sul, bem como a reduzida presença de ossos humanos e espólio, colocam a hipótese da área Norte da câmara do tholos ter sido reestruturada numa fase mais recente do 3º milénio a.C., eventualmente associadas às utilizações campaniformes ou mesmo posteriores.

O muro Sul apresenta uma morfologia semicircular, delimitando toda a parede Sul da câmara e é constituído, na sua parte mais alta, com cerca de 0,90m, por 12 fiadas de lajes de calco-arenito de tamanho diversificado. As lajes deste muro estão bem-afeiçoadas, com morfologias tendencialmente retangulares e arestas vincadas. Durante a intervenção arqueológica de 1961, tal como em 2022, esta estrutura foi alvo de ações de consolidação e restauro, sendo por isso a mais estabilizada (Costeira et al., 2023).

Apesar do frágil estado de conservação deste muro Sul, esta área da câmara central do tholos era a que apresentava maior potência estratigráfica e os vestígios arqueológicos mais bem preservados em 1961 e em 2022, o que poderia estar associado à maior estabilidade deste talude, globalmente menos desgastado e intervencionado.

A escavação integral da área central da câmara do tholos não permitiu identificar o negativo do buraco de poste referido na bibliografia (Leisner, 1965, p. 50; Leisner et al., 1969, p. 18-19), uma



Figura 5 – O monumento pré-histórico da Praia das Maças: A) a câmara ocidental e o nicho da parede Oeste onde se identificaram dois enterramentos humanos durante os trabalhos de 2022; B) perspetiva da câmara central.

vez que este não foi escavado no substrato geológico. As lajes registadas no desenho de J.L. Gonçalves (1982-83) não se encontravam a estruturar o referido buraco de poste, mas a cobrir concentrações de fragmentos cerâmicos.

Nas intervenções arqueológicas realizadas recentemente em monumentos tipo tholos como Montelirio (Fernandez Flores; García Sanjuan, 2016, p. 107), Cardim 6 (Valera et al., 2019, p. 13) ou Monge (Costeira et al., 2023 a, p. 113), assim como naqueles que foram alvo de reavaliações como no caso de A-dos-Tassos (Martins, 2014) os buracos de poste identificados no interior das câmaras e interpretados como elementos estruturais foram escavados no substrato geológico e não nos pisos de utilização. Deste modo, a depressão no centro da câmara descrita na década de 1960 poderia não estar associada à sustentação da cobertura, sendo também importante analisar criticamente a associação de sedimentos com cinzas a um possível incêndio da estrutura (Leisner, 1965, p. 50 e 171), uma vez que os vestígios osteológicos, os artefactos arqueológicos e os elementos pétreos então registados e recuperados não apresentam evidências de terem sido expostos a altas temperaturas, como as que foram reportadas em monumentos como La Peña de La Abuela ou La Sima (Rojo Guerra et al., 2002, p. 32-34; Rojo Guerra et al., 2011, p. 239-240).

Nesta área central identificou-se, em 2022, uma depressão, escavada no substrato geológico, que se prolonga na direção do corredor, cuja funcionalidade e faseamento está ainda em análise (Costeira et al., 2023).

O corredor do tholos corresponde a um compartimento com cerca de 3,5 m de comprimento, com paredes irregulares, escavadas no substrato geológico e em contextos pré-existentes, com poucos vestígios de revestimento pétreo. A parede Norte deste corredor encontrava-se muito perturbada, tendo-se definido os limites de uma estrutura negativa de maiores dimensões, que foi escavada no substrato geológico. Esta estrutura podia originalmente ter sido uma câmara funerária pré-histórica, que posteriormente foi perturbada por várias ações de escavação (corte) e re-enchimento (deposição), as últimas das quais integradas no século XX.

Os materiais recolhidos nesta área do corredor entre 1961 e 2022, apesar de estarem muito revolidos, reforçam a grande dinâmica de utilização deste espaço. De facto, recolheram-se diversos fragmentos de placas de xisto gravadas, bem como algumas pontas de seta, fragmentos de artefactos em calcário, uma grande quantidade de cerâmica lisa e alguns fragmentos cerâmicos com decoração campaniforme. Os artefactos metálicos da coleção do médico Caetano de Oliveira (pontas de palmela e um punhal) são, com fortes probabilidades, também provenientes desta área (Leisner, 1965, p. 49; Monteagudo, 1966, figura 8).

A parede Sul do corredor tinha um traçado mais sinuoso e apresentava menos revolvimento, registando-se algumas lajes de calco-arenito derrubadas. A escavação integral da base deste compartimento permitiu identificar uma depressão na área central, que acompanha o rebaixamento identificado na câmara do tholos.

A área designada por átrio corresponde a um espaço de 6 m de comprimento, por 2 m de largura máxima, que estreita na ligação com o corredor, de morfologia ovalada. Este espaço tem as paredes revestidas por muros, constituídos por lajes de calco-arenito de calibre diversificado, com uma altura máxima conservada de 1,15 m na parede Sul e 50 cm de altura máxima na parede Norte, o que se aproxima dos vestígios identificados na escavação de 1979. A morfologia deste espaço e a presença dos muros pétreos leva-nos a considerar que poderia corresponder ao primeiro tramo do corredor e não a um compartimento autónomo.

Na planta do tholos publicada na década de 1960 (Leisner, 1965; Leisner et al., 1969, PL. A) registam-se nesta área diversos elementos pétreos de calibre diversificado, incluindo alguns seixos, que foram interpretados como uma estrutura de encerramento. Não temos muitas informações sobre estes elementos pétreos, ainda que pareçam estruturados no desenho referido, nem se foram identificados materiais arqueológicos associados.

De acordo com o registo esquemático realizado por José Cardim Ribeiro no início da década de 1970, consultado no arquivo do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas / Câmara Municipal de Sintra, a camada de elementos pétreos referida encontrava-se pouco abaixo do topo conservado do muro Norte, tendo cerca de 20 cm de espessura e aproximadamente 3 m de extensão (valor calculado a partir de Leisner, 1965, tafel 36 e de Gonçalves, 1982-83, figura 3) e sobrepunha-se a um depósito com materiais pré-históricos. Os elementos referidos constituem um indício de diferentes fases de utilização da área de acesso ao monumento.

Na entrada do monumento João Ludgero Gonçalves identificou lajes de pequena dimensão, que fariam parte do derrube do muro sul, bem como fragmentos de uma grande laje, dois dos

quais fincados na sub-vertical (Gonçalves, 1982-83, p. 38). Nas intervenções arqueológicas realizadas em 2020 e 2022 identificaram-se vestígios dos alvéolos destes elementos pétreos.

Os vários compartimentos do tholos apresentam múltiplas ações de derrube, desmonte, reestruturação e escavação, o que associado ao estado muito fragmentado dos ossos humanos e dos materiais que compõem o espólio funerário, sobretudo os recipientes cerâmicos (Leisner, 1965, p. 277), evidenciam um grande dinamismo na utilização deste monumento e da própria colina em época pré-histórica, tornando difícil de reconstituir a sua imagem original (Scarre, 2016, p. 232). O estudo da biografia pré-histórica deste monumento está ainda numa fase inicial, porque a análise estratigráfica tem de ser complementada com o estudo dos materiais recolhidos nas várias intervenções arqueológicas.

6. OS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS DA ÁREA EXTERIOR DO MONUMENTO PRÉ-HISTÓRICO DA PRAIA DAS MAÇÃS

6.1. Área Exterior Norte

A primeira escavação no exterior do monumento foi realizada por J. L. Gonçalves em 1979, numa área de cerca de 98 m², que se estende da entrada do monumento para Norte. Em termos metodológicos esta área de intervenção foi organizada em quadrados de um metro, ordenados de Sul para Norte (A a M) e numerados de Este para Oeste (1 a 10), tendo-se escavado por camadas e por fileiras paralelas. Definiram-se quatro camadas, muito extensas e abrangentes registadas em diversos perfis estratigráficos e fotografias a preto e branco (Gonçalves, 1982-83, p. 36-41). Os materiais arqueológicos foram referenciados tendo em consideração o quadrado em que foram identificados, o que permite uma aproximação à sua dispersão espacial.

Na área exterior Norte foi registada uma camada de pedras de calcário de pequena e média dimensão, envolvidas por um sedimento argiloso de coloração amarelada, que foi interpretada como uma estrutura de consolidação do tholos (mamoá). Sobre esta camada foi identificada uma quantidade significativa de fragmentos de recipientes cerâmicos, alguns dos quais concentrados e em conexão, que não foram individualizados, tendo sido integralmente associados à camada 3 (Gonçalves, 1982-83, p. 40). Em termos morfológicos e contextuais estes materiais apresentam características diferentes, contudo torna-se difícil reconstituir a sequência de deposição, quando estão todos associados na mesma camada. Com este método de escavação não foi possível registar ações de corte, algumas das quais observadas nos desenhos dos perfis, tornando muito difícil a reconstituição da dinâmica de utilização desta área exterior do monumento.

Na intervenção de 2020 conscientes do potencial desta área exterior considerou-se pertinente realizar uma pequena sondagem (sondagem 1) na área não intervencionada em 1979, de modo a avaliar o seu potencial arqueológico. Apesar, desta sondagem ter sido muito restrita em extensão e profundidade, os resultados obtidos foram relevantes (Costeira, 2020). Assim, na intervenção arqueológica do verão de 2021 procedeu-se ao alargamento para Oeste e Este desta sondagem, ainda afastada do limite do monumento, enquanto na intervenção de 2022 se optou por realizar uma escavação em área (123m²), desde o limite da câmara ocidental até ao limite da área de intervenção de 1979 (Costeira e Porfírio, 2022).

Após a remoção da unidade estratigráfica superficial nas várias áreas da sondagem 1, identificou-se um conjunto de sedimentos areno-argilosos, medianamente compactos, de coloração castanha-escura, com elementos pétreos de pequeno calibre e muito perturbados por raízes, que dão origem a manchas de sedimentos arenosos de coloração amarelada. Nestes sedimentos recolheram-se alguns fragmentos de cerâmica pré-histórica de reduzida dimensão e raros artefactos em sílex, bem como alguns materiais recentes. A remoção destes sedimentos tornou evidente, em toda a área desta sondagem, mas especialmente no lado Oeste e junto aos limites dos vários compartimentos do monumento, vestígios de perturbações provocadas por trabalhos agrícolas, como marcas de arado e covas de plantação, bem como por escavações variadas, que desde a década de 1920 foram realizadas na colina, com o objetivo de recolher materiais arqueológicos. Junto aos limites do monumento, os sedimentos encontravam-se muito revolvidos e o substrato geológico muito afetado, recolhendo-se raros materiais pré-históricos.

Na área central desta sondagem, na direção do corredor do tholos registou-se o depósito

[41] que apresentava terras de coloração avermelhada, compactas, semi-argilosas e muito homogêneas e continha frequente cascalho miúdo e vários fragmentos cerâmicos. Este depósito apresenta muitas semelhanças com a unidade estratigráfica [117] identificada na sondagem 5, na área exterior Sul do monumento, o que reforça a intencionalidade da deposição destes sedimentos avermelhados, que parecem envolver a câmara e uma parte do corredor do tholos. Os sedimentos referidos poderão ter sido obtidos com a escavação dos depósitos geológicos e / ou reutilização de terras do interior da câmara do tholos.

Identificaram-se dois aglomerados pétreos [53] e [144], constituídos por elementos de médio calibre e algumas lajes pequenas, imbricadas, com evidências de estruturação, apresentando uma morfologia genericamente semi-circular, sobre os quais se registaram várias concentrações de fragmentos cerâmicos e alguns recipientes inteiros ou fragmentados em conexão, que mantinham a sua integridade formal. (Figura 6)

Com a informação disponível e devido às múltiplas afetações registadas nesta área, não se consegue ainda estabelecer a relação estratigráfica entre estes elementos pétreos e a camada 4a definida por J. L. Gonçalves em 1979. Contudo, parece-nos pertinente colocar a hipótese destes aglomerados pétreos poderem constituir vestígios de uma estrutura tipo cairn, que em associação aos elementos pétreos identificados no “átrio” e na área exterior Sul, fariam o encerramento do monumento funerário, marcando a sua “memorialização” (Scarre, 2016, p. 230). Refira-se que em vários sítios arqueológicos do Alentejo, associados a cerâmica campaniforme, têm sido identificadas estruturas pétreas, que sobrepõem anteriores ocupações, parecendo corresponder a ações intencionais de amortização (Mataloto et al., 2015, p. 87; Basílio e Cabaço, 2019).

Os depósitos identificados junto ao limite Norte da sondagem 1 não foram escavados na sua totalidade, não sendo por isso ainda possível avaliar a potência estratigráfica em profundidade de uma grande parte desta área exterior.

6.2 Área Exterior Sul

A área exterior Sul do monumento foi pela primeira vez intervencionada em 2020, tendo-se realizado uma sondagem com 1,5 m x 8m e que tal como na área Norte, estava na direção do corredor (Costeira, 2020). A escavação desta sondagem permitiu recolher alguns núcleos e lascas corticais de sílex e diversos fragmentos de cerâmica pré-histórica, o que associado aos fragmentos de recipientes cerâmicos identificados no lado meridional da câmara central, corredor e átrio do tholos durante as primeiras ações de limpeza reforçou a importância arqueológica desta área.

Em 2022, como a prioridade era a escavação do interior do monumento, de modo a permitir a realização dos trabalhos de conservação e restauro, considerou-se pertinente subdividir a sondagem 2 em duas áreas e escavar apenas 4 m junto ao limite do monumento. Estes trabalhos permitiram identificar depósitos pré-históricos conservados, alguns materiais, bem como vestígios de uma estrutura negativa, no perfil nordeste. (Figura 7)

Com o objetivo de limpar e definir os taludes do lado Sul do monumento e o muro do “átrio”, muito afetados pela erosão e pelo crescimento descontrolado de grandes arbustos e canas, intervencionou-se uma área de 49 m², organizada nas sondagens 4; 5 e 6. A subdivisão desta área nas sondagens referidas pretendia tornar mais organizado o registo arqueológico e evitar a realização de uma grande escavação em área, que nesta fase poderia fragilizar mais o monumento pré-histórico.

Os sedimentos mais superficiais apresentavam grande quantidade de matéria orgânica, com frequentes elementos pétreos e metálicos associados à antiga vedação que delimitava as propriedades. Sob estes sedimentos identificou-se o depósito dunar [77], que se caracteriza por ser muito arenoso, solto, de grão fino e apresentar uma coloração amarelada. Este depósito apresenta algumas perturbações provocadas por raízes e embala elementos de calcários de pequeno calibre, alguns dos quais com as superfícies muito alisadas (indícios de forte exposição à erosão eólica) e raros artefactos pré-históricos. A superfície deste depósito acompanha a pendente do terreno, apresentando maior potência na sondagem 4 e sendo apenas vestigial na sondagem 6.

Sob este depósito dunar identifica-se um conjunto de sedimentos compactos, de coloração castanha escura, com elementos pétreos de calcário de pequeno e médio calibre como [108] e [132], apresentando algumas semelhanças com a camada 2 definida por J.L. Gonçalves em 1979.



Figura 6 – Vista geral dos contextos arqueológicos da área exterior do monumento pré-histórico da Praia das Maças: A) área exterior Norte; B) entrada do monumento e área exterior Sul; C) área exterior Sul, junto ao muro Sul do átrio.

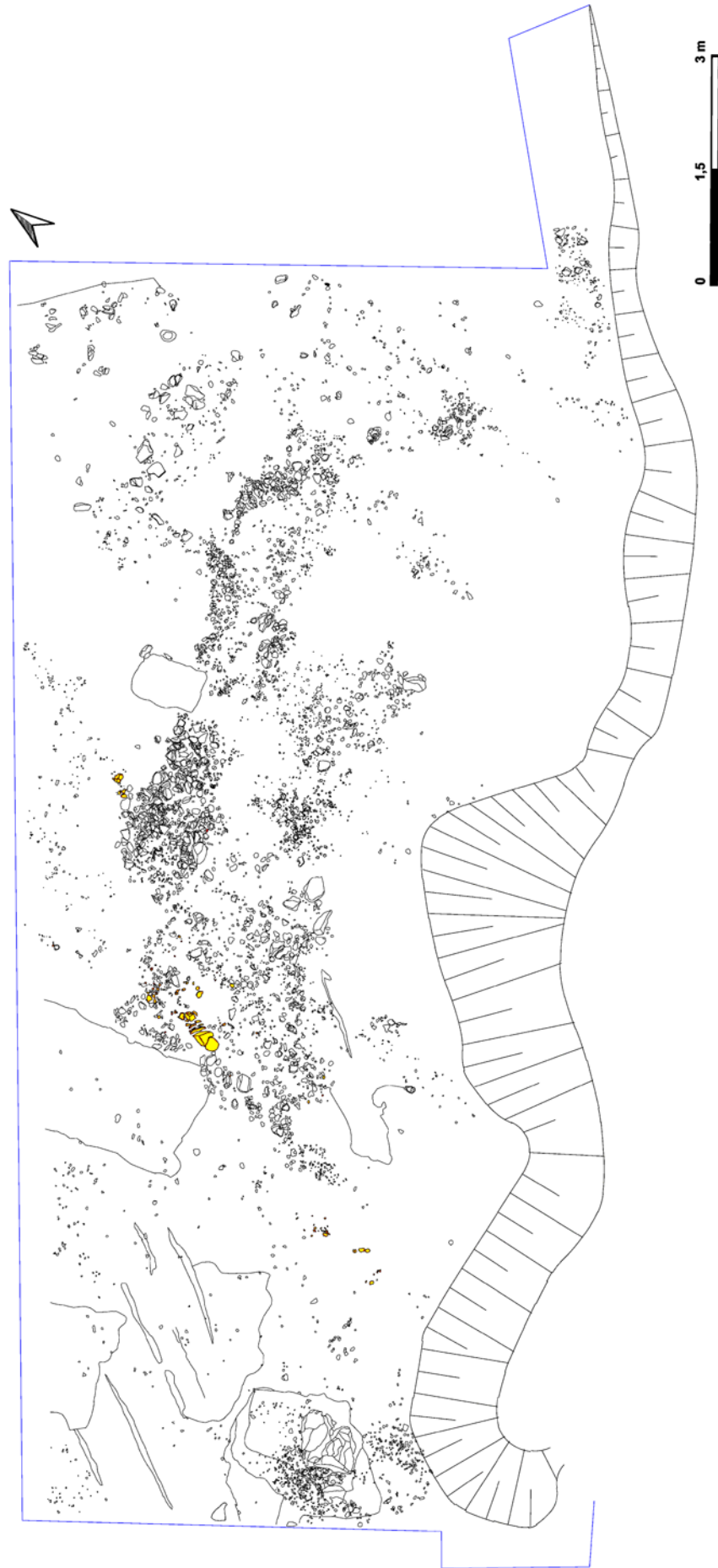


Figura 7 – Planta da escavação da área exterior Norte monumento pré-histórico da Praia das Maças.

Na área ocidental da sondagem 4 e na sondagem 5, sob a unidade estratigráfica [108] identificou-se a unidade estratigráfica [112], que corresponde a um sedimento areno-argiloso, de coloração castanha, com frequentes elementos pétreos de calcário de pequena, média e alguns de grande dimensão com as superfícies alisadas, que cobrem o muro Sul do átrio. Estes elementos pétreos estão associados a diversas concentrações de fragmentos de recipientes cerâmicos. A relação estratigráfica destes elementos pétreos e das concentrações de fragmentos cerâmicos é muito variada, registando-se casos de deposição sobre; sob e encostados às pedras. Esta multiplicidade de relações estratigráficas evidencia o dinamismo das deposições de fragmentos e / ou recipientes cerâmicos na área exterior Sul do átrio. A presença dos elementos pétreos referidos e as significativas concentrações de fragmentos cerâmicos apresentam semelhanças com a camada 4a registada por J. L. Gonçalves, ainda que a descrição da coloração e da compactação não coincidam com a da unidade estratigráfica [112].

Na área Este da sondagem 4, sob a u.e. [108] identificou-se o sedimento [121], argiloso, compacto, de coloração muito escura, que embala frequentes pedras de pequeno calibre e algumas de maiores dimensões, bem como alguns fragmentos de cerâmica pré-histórica. Este depósito ainda não foi escavado, o que torna difícil estabelecer a sua relação com a unidade estratigráfica [112].

Na sondagem 5, que se localiza na área exterior Sul do átrio e do corredor do tholos, identificou-se sob a unidade estratigráfica [108], um sedimento argiloso, compacto, homogéneo, de grão fino e coloração avermelhada [117], que embala frequente cascalho miúdo de calcário e diversos conjuntos de fragmentos de recipientes cerâmicos, alguns dos quais em conexão. Este depósito apresenta muitas semelhanças com a unidade estratigráfica [41] registada na sondagem 1 na área exterior Norte do monumento, reforçando a intencionalidade da deposição de sedimentos avermelhados na envolvente das estruturas funerárias. A menor afetação da área Sul da colina permite determinar a relação estratigráfica entre o depósito avermelhado [117] e as estruturas do tholos, uma vez que cobre as fiadas superiores do muro Sul do átrio e o topo do talude do corredor, sendo por isso uma deposição posterior à construção do monumento. Parte significativa deste sedimento derrubou para o interior das estruturas do tholos nos últimos 50 anos.

Na sondagem 6, localizada na área exterior Sul da câmara do tholos, identificaram-se diversos elementos pétreos de pequena dimensão e várias concentrações de fragmentos de cerâmica pré-histórica, alguns dos quais muito próximos do limite do monumento, o que permite explicar, a recolha de diversos fragmentos de cerâmica pré-histórica no interior desta estrutura nas unidades mais superficiais durante as limpezas recentes (Costeira, 2020). Nesta sondagem identificou-se o interface [249], que corta depósitos arqueológicos e o substrato geológico, podendo corresponder ao caminho de circulação utilizado na escavação de 1961 (visível em algumas das fotografias do Arquivo Leisner).

Tendo em conta os resultados apresentados, torna-se pertinente dar continuidade aos trabalhos arqueológicos na área Sul do monumento, com o alargamento das sondagens 4; 5 e 6, para melhor caracterizar os contextos pré-históricos identificados.

7. AS DEPOSIÇÕES CERÂMICAS DA ÁREA EXTERIOR

Nas áreas intervencionadas entre 2021 e 2023 no exterior do monumento pré-histórico da Praia das Maças registou-se, tal como em 1979, um conjunto diversificado de deposições de artefactos cerâmicos, com diferentes indícios de formalização e intencionalidade, que se enquadram na categoria analítica de deposições estruturadas que tem vindo a ser definida para os contextos da Pré-história recente (Bruck, 1999; Bradley, 2003; Garrow, 2012, p. 85-115; Thomas, 2012, p. 124-127; Mataloto e Costeira, 2016, p. 195; Valera, 2019, p. 10; Baptista e Gomes, 2019).

Na área exterior Norte do monumento identificaram-se 20 deposições cerâmicas estruturadas, 12 das quais estavam envolvidas pelo sedimento de tonalidade avermelhada [41] e sobre os elementos pétreos da unidade estratigráfica [53]. Associadas ao depósito de tonalidade avermelhado [117] detetado na área Sul, registaram-se duas deposições cerâmicas estruturadas, localizadas no tardo do muro do “átrio”.

Estas deposições correspondem maioritariamente a recipientes cerâmicos fragmentados em conexão, que preservavam a sua forma [49], [51], [62], partes de recipientes [55], [56], [61], [66], [341] ou associações de fragmentos [47], [48], [57]; [64], [192] e apenas a um recipiente completo [50]. No que se refere à posição das peças mais completas, a maioria encontrava-se com o bordo a tocar o solo, registando-se uma peça em posição lateral e uma com a base a tocar o solo. Parte do recipiente carenado [66] encontrava-se no interior da peça [62]. As características destas deposições cerâmicas aproximam-se muito das descrições efetuadas por Vera Leisner para os recipientes cerâmicos do interior da câmara do tholos (Leisner, 1965, p. 277), nomeadamente no que se refere à presença de recipientes no interior de outros, associação de fragmentos de recipientes diferentes (interpretada como intencional) e fragmentos do mesmo recipiente em conexão.

Estes recipientes cerâmicos encontram-se em tratamento no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas / Câmara Municipal de Sintra, tendo-se procedido à remoção dos sedimentos do interior das peças mais completas, que posteriormente poderão ser analisados, e realizando-se diversas colagens. O estudo morfo-tipológico está ainda numa fase inicial, podendo indicar-se a presença de taças de bordo sem espessamento, hemisféricos, globulares e recipientes carenados, com dimensões diversificadas, mas tendencialmente pequenos e médios, não se tendo identificado nenhum motivo decorativo nas suas superfícies. Assim, em termos morfológicos e decorativos não se parecem registar elementos diferenciadores, que individualizem estes recipientes. (Figuras 8 e 9)

No exterior Sul, na área lateral da entrada do monumento registaram-se 57 conjuntos de fragmentos ou partes de recipientes cerâmicos, que evidenciavam diferentes índices de estruturação, muitos dos quais estavam associados a elementos pétreos de calibre diverso, que em alguns casos intensificaram a sua fragmentação. A presença de elementos pétreos associados a contextos de amortização de recipientes cerâmicos inteiros ou fragmentados é recorrente em diversos sítios arqueológicos, parecendo reforçar a intencionalidade destas deposições (Mataloto e Costeira, 2016, p. 196-199; Valera, 2019, p. 19; Baptista e Gomes, 2019, p. 91-92; Madsen, 2019, p. 907-911). Com efeito, os elementos pétreos podem contribuir para o destaque das deposições, com a manutenção da forma e posição dos recipientes (Cooper et al., 2022, p. 182-183), ou para acentuar a sua fragmentação e dispersão. (Figura 10)

As concentrações de fragmentos cerâmicos [350] e [390] encontravam-se no interior de uma pequena depressão natural [368], que ainda não foi integralmente intervencionada. Nesta área, ao contrário do apresentado para o lado Norte, os fragmentos cerâmicos têm dimensões mais reduzidas e superfícies mais desgastadas, especialmente os que se encontram sobre e entre os elementos pétreos. Nestas concentrações regista-se uma grande mistura de fragmentos de recipientes diferentes, sendo residuais as peças que preservavam a sua forma.

Este maior grau de fragmentação torna mais difícil o processo de remontagem, quantificação e reconstituição das formas em laboratório. Face às características específicas dos contextos de deposição, optámos por não separar os bordos dos bojos no processo de colagem, o que se tem revelado muito útil para a reconstituição dos perfis das peças. É também importante referir que as remontagens têm sido realizadas de forma mais global incluindo a totalidade da área intervencionada e não apenas por unidade estratigráfica.

Em termos genéricos documentam-se taças, hemisféricos, globulares, potes muito fragmentados e diversos recipientes carenados. As carenas destas peças apresentam posições e espessuras muito variadas. As superfícies das peças são maioritariamente alisadas, verificando-se a presença de aguadas avermelhadas em alguns casos. As decorações são igualmente reduzidas, identificando-se um conjunto de bordos, que se podem integrar genericamente na categoria dos “bordos denteados”, com alguma variabilidade na técnica, posição e motivo decorativo.

As características destas deposições assemelham-se aos registos fotográficos de J. L. Gonçalves realizados em 1979 e parcialmente publicados (Gonçalves, 1982-83, p. 42), salientando-se o elevado grau de fragmentação dos materiais cerâmicos, que por vezes se encontram concentrados, sobretudo junto ao muro Norte do átrio e no limite Sul desta área de intervenção, muito próximo da sondagem 4 intervencionada em 2022 e 2023.

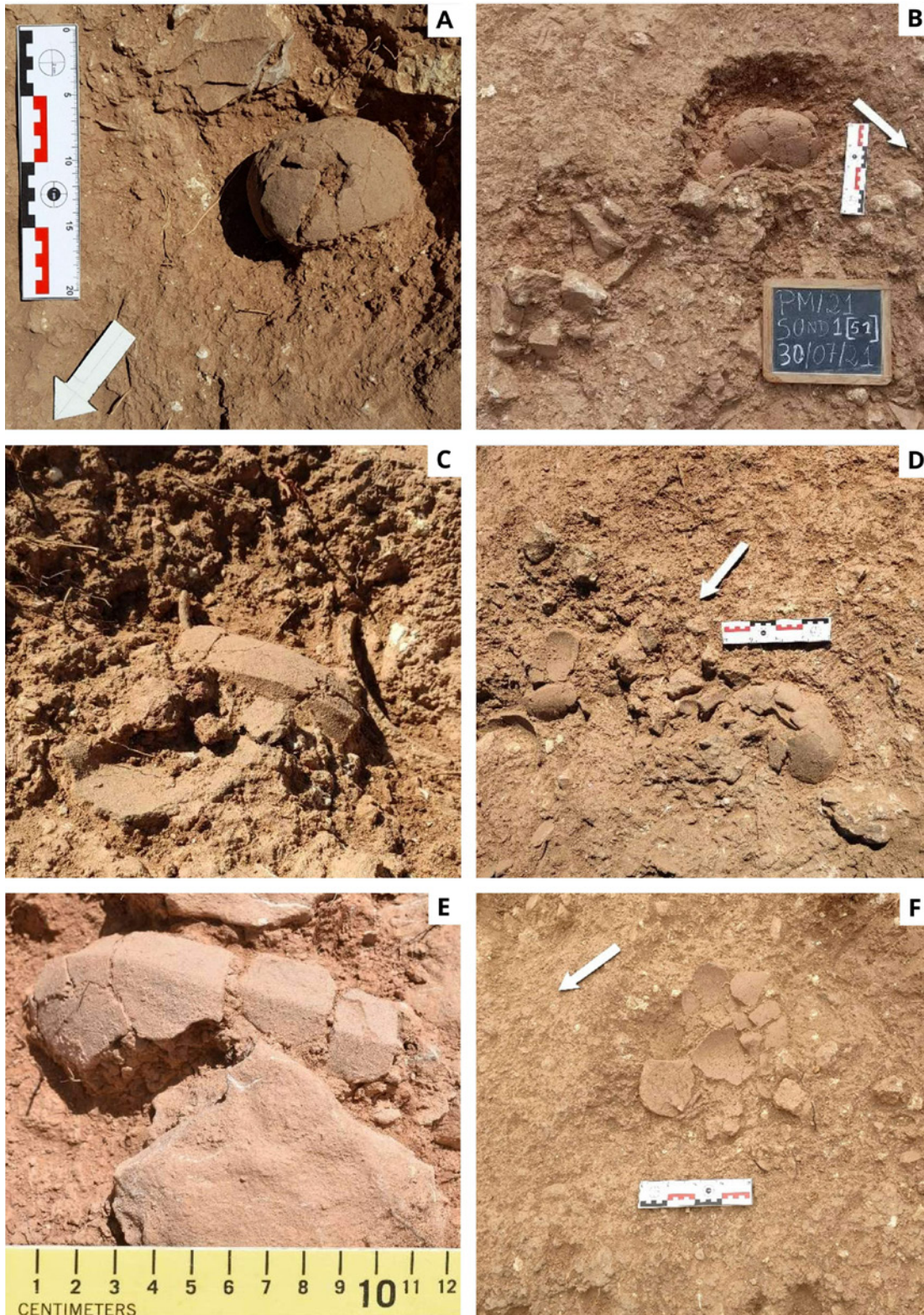


Figura 8 – Pormenor das deposições cerâmicas associadas aos sedimentos [41] e [117].



Figura 9 – Recipientes cerâmicos associados aos sedimentos [41] e [117].

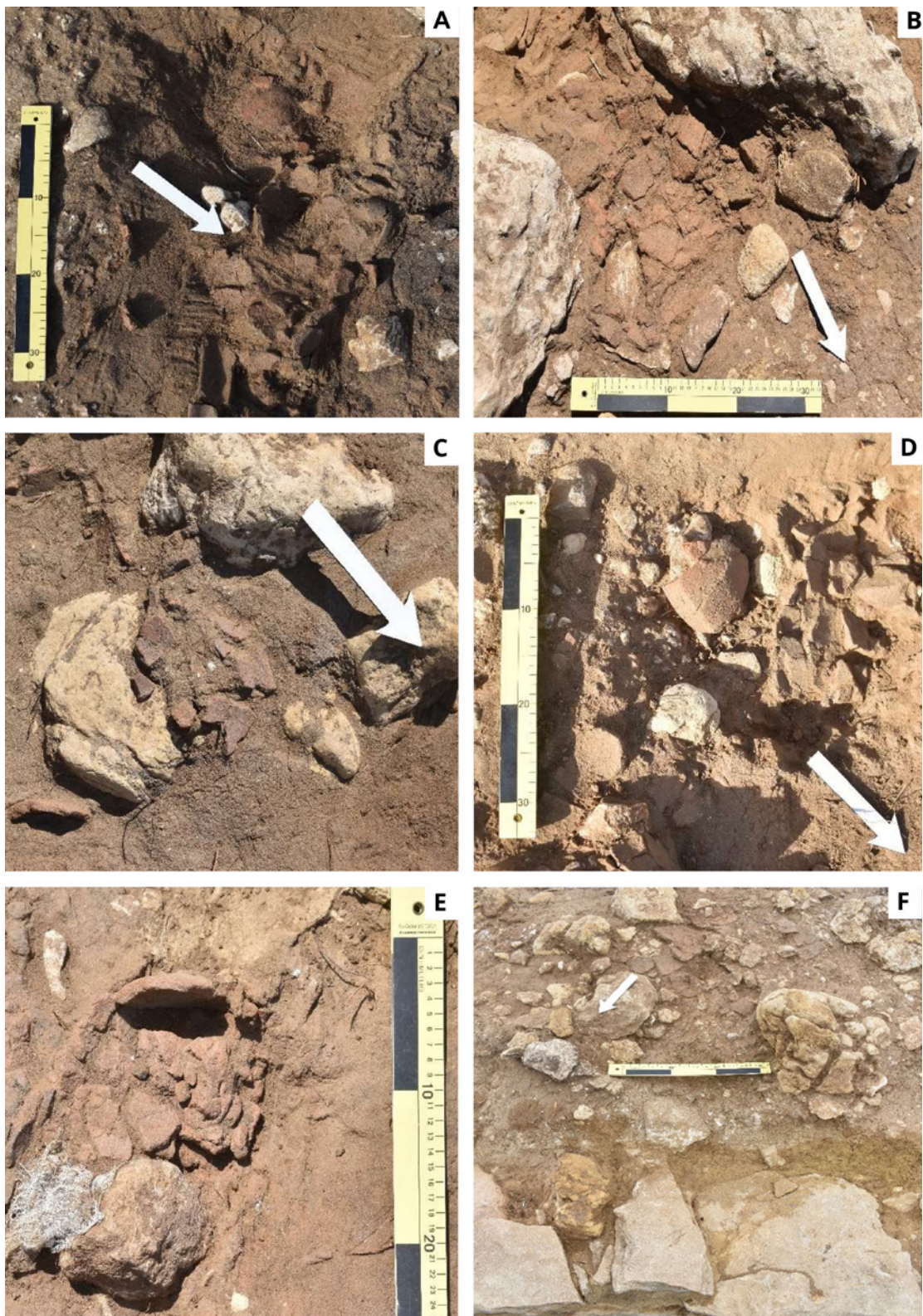


Figura 10 – Pormenor das deposições cerâmicas identificadas na área exterior Sul, na área lateral da entrada do monumento.

A grande quantidade de fragmentos de cerâmica concentrados numa área relativamente restrita, junto à entrada do monumento, associados a elementos pétreos e a reduzida presença de outras categorias de materiais arqueológicos parecem indicar uma seleção deliberada dos elementos depositados, que podem corresponder a múltiplas ações realizadas num tempo longo.

A diversidade de estados de conservação, a disposição destas deposições cerâmicas e a diminuta presença de decoração assemelha-se ao identificado noutros sítios arqueológicos, sobretudo no Sul de Portugal, enquadrados na pré-história recente tanto de cariz funerário, como ritual ou mesmo em povoados. A título de exemplo assinalamos os contextos do hipogeu 1 e fossa 50 dos Perdigões, do sítio de Carrascal 2 (Valera, 2019, p. 18 e 19), os depósitos cerâmicos do Cromeleque do Arneiro dos Pinhais (Mataloto, 2018) e dos menires de S. Sebastião (Calado, 2004, p. 95), bem como algumas das deposições de recipientes cerâmicos dos povoados de Outeiro Redondo (Cardoso, 2011, p. 97, fig. 17 e 18) ou de São Pedro (Mataloto e Costeira, 2016; Costeira, 2017). **(Figura 11)**

Estas deposições estruturadas parecem corresponder à evidência material, com grande capacidade comunicativa e transversalidade cronológica, de manifestações simbólicas e rituais mais vastas. No caso de alguns recipientes identificados na área Norte do monumento pré-histórico da Praia das Maçãs, que preservam a sua forma, é possível que tivessem sido depositados com conteúdo, mantendo assim uma certa relação com a sua funcionalidade enquanto contentores. As peças cerâmicas segmentadas ao meio e em fragmentos de menores dimensões poderão associar-se a ações rituais de fragmentação de recipientes utilizados em cerimónias específicas (Thomas, 1999, p. 125; Bruck, 2006; Valera, 2019, p. 15), eventualmente relacionadas com práticas de comensalidade individual ou coletiva (Sánchez Romero, 2011, Parker Pearson et al., 2011) ainda que falte a presença de elementos faunísticos para reforçar esta hipótese.

Efetivamente, a deposição significativa de fragmentos de recipientes cerâmicos no exterior deste monumento funerário reforça a importância da análise e publicação detalhada destes contextos e dos materiais cerâmicos identificados, independentemente do significado simbólico que se lhes atribua.

O enquadramento destas deposições na diacronia de utilização do monumento pré-histórico da Praia das Maçãs e da sua área envolvente está ainda em análise. Contudo a posição estratigráfica destes depósitos, que encostam e cobrem algumas das estruturas do tholos e a reutilização de alguns dos seus elementos pétreos, parecem indicar que estas deposições de recipientes cerâmicos terão sido realizadas numa fase avançada da utilização deste monumento, eventualmente associadas a celebrações rituais de valorização dos antepassados e dos seus espaços (Bradley, 1999; Gacia Sanjuán, 2008), não sendo ainda claro se estão diretamente relacionadas com cerimónias fúnebres.

Neste âmbito é importante referir a presença de outros materiais e vestígios que evidenciam a longa utilização deste monumento, nomeadamente o reduzido conjunto de fragmentos cerâmicos com decoração campaniforme (18 fragmentos e uma peça integralmente reconstituível), maioritariamente identificados na área sudeste da câmara do tholos, próximo da sua entrada, no corredor e no exterior Norte (Leisner, 1965, p. 67, tafel 42 e 48; Costeira, 2020; Costeira e Porfírio, 2022), o conjunto de artefactos metálicos (Leisner, 1965, tafel, 42, p. 181) e mesmo as amostras de carvão recolhidas nos sedimentos sobre o derrube do muro Sul da câmara do tholos, cuja datação remete para o 2º milénio a. C. Apesar das fragilidades destes dados, consideramos que é importante aprofundar o seu estudo para uma melhor caracterização das fases de utilização mais recentes do monumento pré-histórico da Praia das Maçãs. **(Figura 12)**

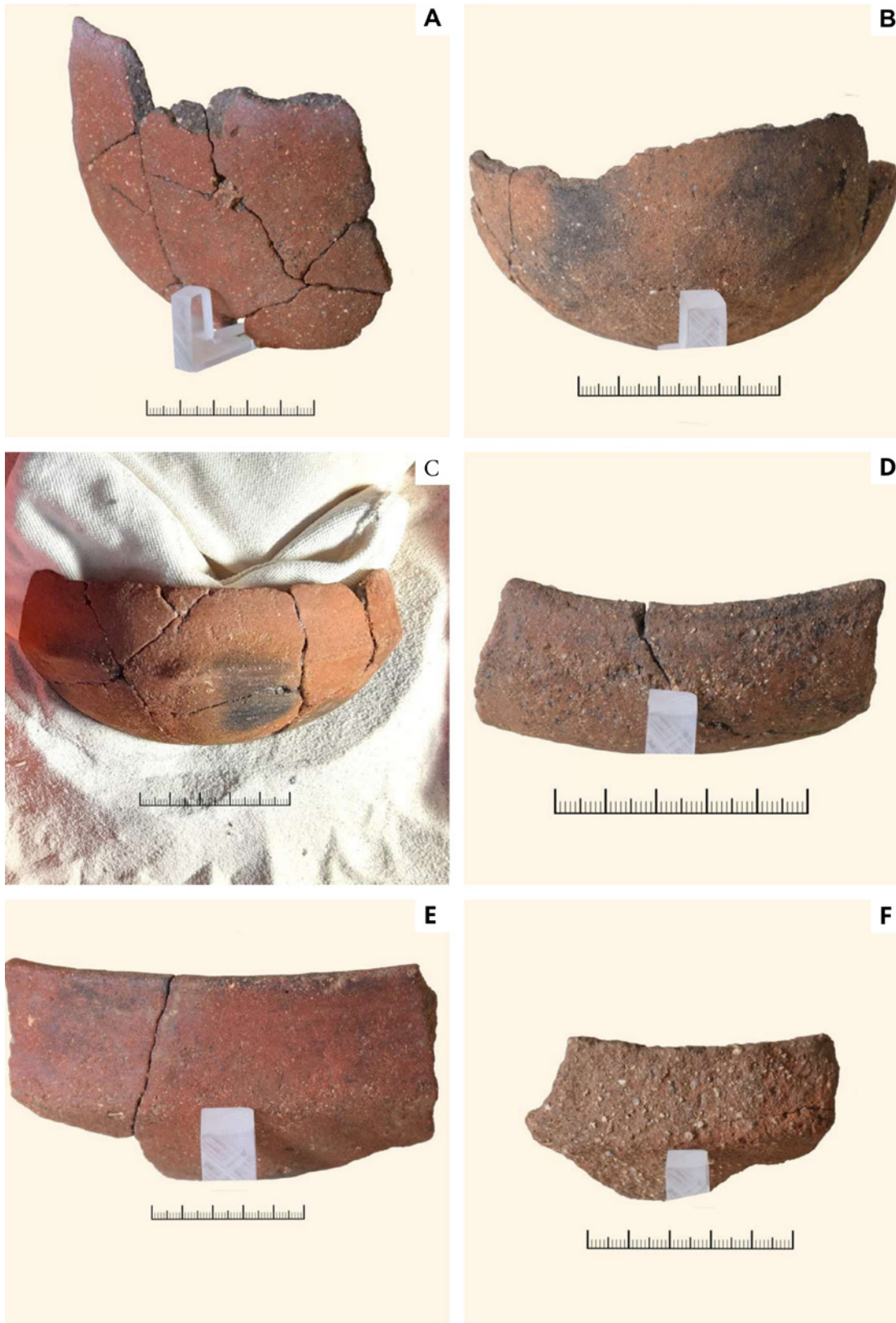


Figura 11 – Recipientes cerâmicos provenientes da área exterior Sul do monumento.

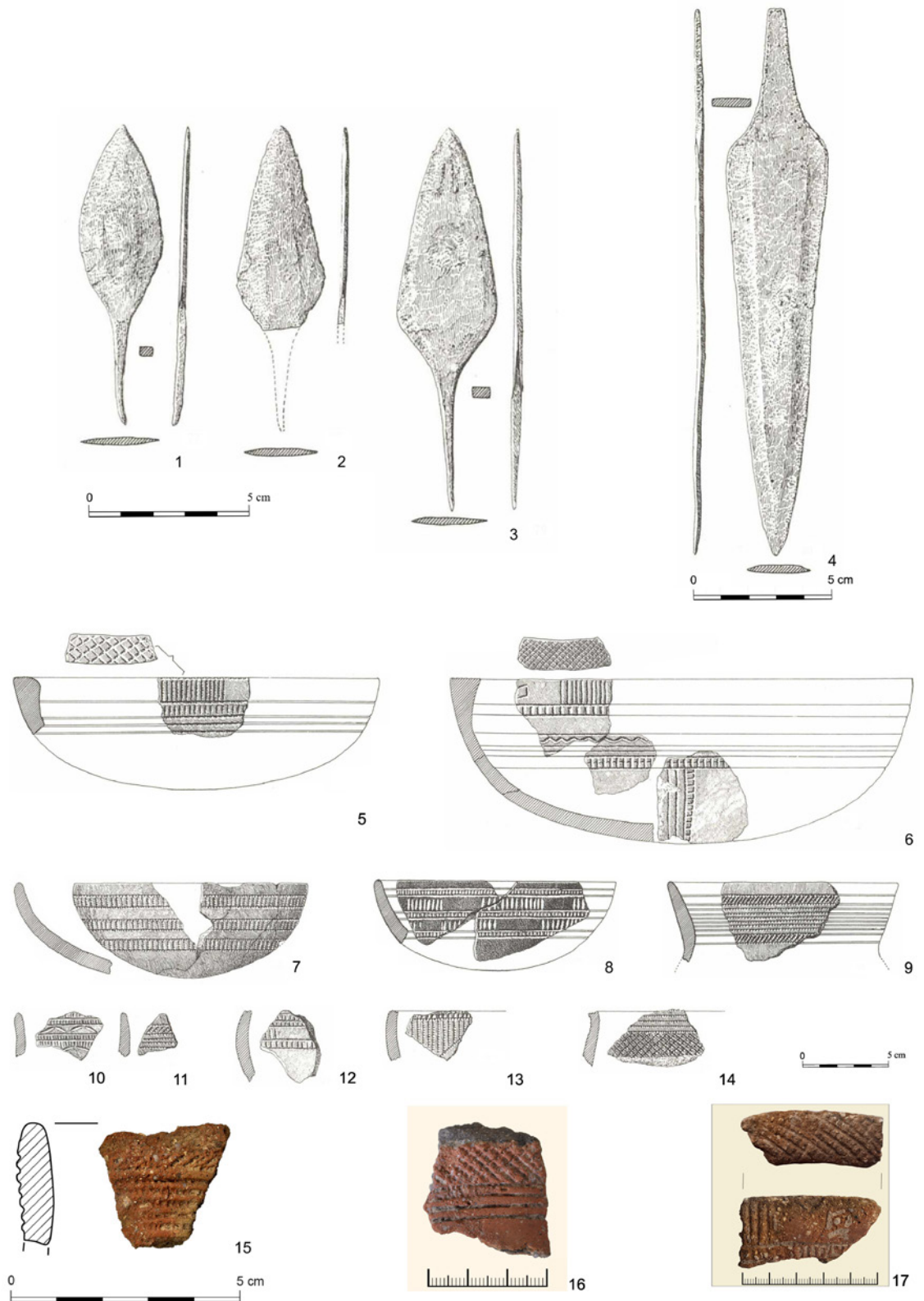


Figura 12 – Conjunto de artefactos metálicos e fragmentos com decoração campaniforme provavelmente provenientes do corredor (n.º 1 a 5 e n.º 8), fragmentos cerâmicos com decoração campaniforme identificados na área sudeste da câmara do *tholos* próximo da sua entrada (n.º 11 e 16), no corredor (n.º 10, 15 e 17) e na área central da câmara do *tholos* sobre a camada de cinzas (n.º 13). O fragmento n.º 9 foi recolhido no corredor ou na área Sudeste da câmara do *tholos* (Leisner, 1965, p. 67, tafel 42 e 48). Fragmentos n.º 15 a 17 recolhidos nas intervenções de 2020 a 2023 no corredor e na área exterior Norte.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com as escavações arqueológicas realizadas no interior e exterior do monumento pré-histórico da Praia das Maças entre 2020 e 2023 foram importantes para avaliar o seu estado de conservação, caracterizar a sua arquitetura e reconstituir as suas diversas fases de utilização. O nível de preservação de estruturas e contextos arqueológicos é surpreendente, sobretudo nas áreas exteriores, apesar das vicissitudes que o monumento sofreu nos últimos 45 anos, permitindo atualizar e aumentar a informação disponível.

Na fase dos trabalhos em que nos encontramos não é ainda possível definir totalmente a extensão e profundidade dos depósitos arqueológicos identificados no exterior do monumento, nem apresentar o estudo morfo-tipológico dos materiais cerâmicos recolhidos, o que fragiliza algumas das interpretações propostas. Contudo, consideramos que as leituras e reflexões que este artigo exigiu são muito profícuas para o desenvolvimento dos trabalhos, nomeadamente no que se refere à definição das áreas de escavação, na estratégia de registo gráfica e fotográfica dos materiais em campo, bem como nas metodologias de abordagem a um conjunto de recipientes cerâmicos maioritariamente fragmentados e não decorados. De facto, a relevância quantitativa, diversidade formal, métrica, decorativa e de estados de conservação dos recipientes cerâmicos associados ao monumento pré-histórico da Praia das Maças, tornam esta categoria artefactual num elemento decisivo para reconstituir a sua história.

Para terminar gostaríamos de referir, à semelhança do que temos feito noutros artigos, que é necessário reunir as condições para o desenvolvimento de um projeto de investigação abrangente e interdisciplinar, que permita prosseguir os trabalhos de escavação, o estudo dos materiais arqueológicos e antropológicos recuperados nas várias intervenções efetuadas e o aprofundamento da pesquisa do acervo documental. Deste modo será possível construir uma abordagem integrada e garantir o desenvolvimento de um programa de conservação, restauro e valorização que respeite a autenticidade do monumento e garanta a sua preservação para as gerações futuras.

Praia das Maças, abril de 2024

AGRADECIMENTOS

À Câmara Municipal de Sintra agradecemos a disponibilização de todos os meios indispensáveis para a realização deste trabalho.

Ao Instituto Arqueológico Alemão (Delegação de Madrid) agradecemos a disponibilização em acesso aberto do acervo epistolar do Arquivo Leisner e a cedência das fotografias do monumento pré-histórico da Praia das Maças.

À Dra. Fernanda Torquato e à Dra. Filipa Bragança agradecemos todo o apoio prestado nas pesquisas efetuadas no Arquivo Leisner (DGPC).

Ao Professor Doutor João Luís Cardoso agradecemos todo o apoio prestado na análise dos cadernos de campo e do registo gráfico e fotográfico do monumento pré-histórico da Praia das Maças elaborado por O. da Veiga Ferreira.

Ao Dr. José Moita agradecemos o apoio prestado na análise dos materiais arqueológicos do monumento pré-histórico da Praia das Maças depositados no Museu Geológico/LNEG.

Ao Dr. Pedro Mendes agradecemos o apoio prestado na escavação, tratamento e colagem dos materiais cerâmicos identificados nas áreas exteriores e por todos os debates que enriqueceram este trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO-GORBEA, M. (1970) – Las fechas del C-14 para la Prehistoria y la Arqueología peninsular. *Trabajos de Prehistoria*, 29. Madrid, pp. 228-242.
- ARNOLD, B. (2015) – Archaeology and politics in the twenty-first century: still Faustian but not much of a bargain. In Kristiansen, K.; Smejda, L.; Turek, J. (eds.) – *Paradigm found – Archaeological Theory Present, Past and Future. Essays in Honour of Evzen Neustupny*, Oxbow Books, pp. 177-185.
- BARKER, P. (1977) – *Techniques of Archaeological Excavation*. Routledge. Londres.
- BAPTISTA, L.; GOMES, S. (2019) – Fragmentation and architecture. Contribution to the debate on the “fill” of negative structures in Baixo Alentejo's late Prehistory. In Valera, A. C. (ed.) – *Fragmentation and depositions in Pre and Protohistoric Portugal*. Núcleo de Investigação Arqueológica / Era – Arqueologia. Lisboa, pp. 85-104.
- BÁSILIO, A. C.; CABAÇO, N. (2019) – An end that perpetuates: A cairn from the End of the 3rd Millennium BC at Perdígões. In Valera, A. C. (ed.) – *Fragmentation and depositions in Pre and Protohistoric Portugal*. Núcleo de Investigação Arqueológica / Era – Arqueologia. Lisboa, pp. 105-123.
- BOAVENTURA, R. (2009) – *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BRADLEY, R. (1999) – *The Past in Prehistoric Societies*. Londres. Routledge.
- BRADLEY, R. (2003) – A life less ordinary: the ritualization of the domestic sphere in Later Prehistoric Europe. *Archaeological Journal*. Cambridge, 13, pp. 5-23.
- BRUCK, J. (1999) – Ritual and rationality: some problems of interpretation in European archaeology. *European Journal of Archaeology*. Cambridge, 2, pp. 313-344.
- BRUCK, J. (2006) – Fragmentation, personhood and social construction of technology in Middle and Late Bronze Age Britain. *Cambridge Archaeological Journal*, 16 (3), pp. 297-315.
- BUGALHÃO, J. (2021) – *A arqueologia em Portugal entre o final do século XX e o início do século XXI (1970 – 2014)*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BUGALHÃO, J.; SOUSA, A. C.; BRAGANÇA, F. (2020) – Os arquivos pessoais de arqueólogos em Portugal (1800 – 1974). In Sousa, A.; Bragança, F.; Torquato, F.; Kunst, M. (eds.) – *Georg e Vera Leisner e o estudo do megalitismo no Ocidente da Península Ibérica. Contributos para a história da investigação Luso-Alemã através do Arquivo Leisner (1909 – 1972)*. Lisboa. Uniarq/IAA/DGPC, pp. 635-663.
- CALADO, M. (2004) – *Menires do Alentejo Central. Génesis e evolução da paisagem megalítica regional*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CARDOSO, J. L. (2011) – Deposições rituais de vasos cerâmicos em contextos domésticos: os exemplares do povoado do calcólítico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra). *Revista Portuguesa Arqueologia*, 14. Lisboa, p. 85-106.
- CARDOSO, J. L. (2020) – Uma colaboração de afectos: Vera Leisner (1885 – 1972) e Octávio da Veiga Ferreira (1917 – 1997). In Sousa, A.; Bragança, F.; Torquato, F.; Kunst, M. (eds.), *Georg e Vera Leisner e o estudo do megalitismo no Ocidente da Península Ibérica. Contributos para a história da investigação Luso-Alemã através do Arquivo Leisner (1909 – 1972)*. Lisboa. Uniarq/IAA/DGPC, pp. 561-581.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*, II s. 4. Almada, pp. 10-13.
- COOPER, A.; GARROW, D.; CATRIONA, G.; MELANIE, G.; WILKIN, N. (2022) – *Grave Goods: Objects and Death in Later Prehistoric Britain*. Oxford.
- COSTEIRA, C. (2017) – *No 3^o milénio a.n.e., o sítio de São Pedro e as dinâmicas de povoamento no Alentejo Médio*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- COSTEIRA, C. (2020) – *Monumento Pré-histórico da Praia das Maças – Elaboração do Relatório Prévio e Projeto de Conservação e Restauro*. Relatório Progresso. Câmara Municipal de Sintra.
- COSTEIRA, C.; Porfírio, E. (2022) – *Monumento Pré-histórico da Praia das Maças: trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do Projeto de Conservação e Restauro* – Nota Técnica. Câmara Municipal de Sintra.
- COSTEIRA, C.; Porfírio, E.; Simões, T. (2023 a) – O Monumento Pré-histórico do Monge (Sintra) - Resultados dos trabalhos arqueológicos de 2021. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 32, pp. 93-130.
- COSTEIRA, C.; PORFÍRIO, E.; CARDOSO, J. L.; COSTA, A.; SIMÕES, T. (2023 b) – O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças – Leitura comparada dos dados da escavação arqueológica realizada em 1961 e das intervenções arqueológicas de 2020 – 2022. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 33, pp. 253-321.

COSTEIRA, C.; PORFÍRIO, E.; MELO, L. (no prelo) – *O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): Resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos na Câmara Ocidental*.

CRUZ, D. (2001) – *O Alto Paiva: Megalitismo e diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História Recente*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

CRUZ, D.; VILAÇA, R. (1990) – Trabalhos de escavação e restauro do Dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, Dist. Guarda). Resultados preliminares. *Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa*. Faculdade de Ciências do Porto, 45. Porto, pp. 5-23.

DANIEL, G. (1973) – Spain and the problem of megalithic origins. *Estudios dedicados al Prof. Dr. Luis Pericot. Instituto de Arqueología y Prehistoria*. Barcelona. Universidad de Barcelona, pp. 209-214.

DEHN, W.; KALB, P.; VORTISCH, W. (1991) – Geologisch-Petrographische untersuchungen an megalithgräbern Portugals. *Madrider Mitteilungen*, 32. Heidelberg, pp. 1-28.

FABIÃO, C. (2022) – A síntese de estratigrafias arqueológicas em diagrama (a chamada Matriz de Harris) e a sua difusão em Portugal. *Al-madan*, 2.ª série, 25. Almada, pp. 23-40.

FERNÁNDEZ FLORES, A.; GARCÍA SANJUÁN, L. (2016) – Arquitectura, estratigrafía y depósitos del *tholos* de Montelirio. In Fernández Flores, A.; García Sanjuán, L.; Díaz-Zorita Bonilla, M. (eds.) – *Montelirio – Un gran monumento megalítico de la Edad del Cobre*. Sevilla. Junta de Andalucía, Consejería de Cultura, pp. 79-142.

FERREIRA, O. da V. (1965) – Acerca de métodos de escavação e de determinação do rádio carbono 14 em arqueologia. *Arquivo de Beja*. Beja. XXII, pp. 143-148.

GALLAY, G., SPINDLER, K., TRINDADE, L.; FERREIRA, O. da V. (1973) – O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã). Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

GARCÍA SANJUÁN, L. (2008) – “Muerte, tiempo, memoria. Los megalitos como memoriales culturales”. *PH*, 67 Especial, pp. 34-45.

GARROW, D. (2012) – Odd deposits and average practice. A critical history of the concept of structured deposition, *Archaeological Dialogues*, 19 (2), pp. 85-115.

GONÇALVES, J. L. (1979) – O monumento pré-histórico da Praia da Maças. Arquitetura e cerâmica pré-campaniforme. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, 3ª série. Lisboa 1979, pp. 137-162.

GONÇALVES, J. L. (1982/83) – Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra). Notícia preliminar. *Sintria*, I-II. Sintra, pp. 29-58.

HARRIS, E. (1989) – *Principles of Archaeological Stratigraphy*. Londres. Academic Press.

HOLTORF, C. (2013) – The life-histories of megaliths in Mecklenburg-Vorpommern (Germany). *World Archaeology. The Past in the Past: The Reuse of Ancient Monuments*, 30:1, pp. 23-38.

JORDÃO, P.; PIMENTEL, N. (2023) – Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra). In J. Arnaud; C. Neves; A. Martins (eds), *Arqueologia em Portugal 2023 – Estado da Questão*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 333-344.

JORDÃO, P.; MENDES, P. (2007) – As grutas artificiais da Estremadura Portuguesa: uma leitura crítica das arquiteturas. *Arqueologia e História*, 58 / 59. Lisboa, pp. 43-78.

JORGE, V. O. (1978) – Escavação de um túmulo megalítico: problemas metodológicos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 3, p. 241-254.

JORGE, V. O. (1982) – *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto – os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

KALB, P. (1981) – Zur relativen chronologie portugiesischer megalithgräber. *Madrider Mitteilungen*, 22. Heidelberg, pp. 55-77.

KALB, P. (1994) – Reflexões sobre a utilização de necrópoles megalíticas na Idade do Bronze. In *Actas do Seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal, novos dados, problemáticas e relações com outras áreas peninsulares. Estudos Pré-históricos*, 2. Viseu, pp. 415-426.

LEISNER, G.; LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Süden. Römisch – Germanische Forschungen*. Berlin, Walter de Gruyter & C.°, 17.

LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen. Madrider Forschungen*, 1/3. Berlin, Walter de Gruyter & C.°.

LEISNER, V.; FERREIRA, O. V. (1963) – Primeiras datas de radiocarbono 14 para a cultura megalítica portuguesa. *Revista de Guimarães*, 73: 3-4. Guimarães, pp. 358-366.

- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1969) – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos*. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, Memória 16.
- LINARES CATELA, J. (2017) – *El megalitismo en el sur de la Península Ibérica: arquitectura, construcción y usos de los monumentos del área de Huelva, Andalucía occidental*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Historia, Geografía y Antropología da Universidade de Huelva.
- LORRIO, A.; MONTERO RUIZ, I. (2004) – Reutilización de sepulcros colectivos en el Sureste de la Península Ibérica: la colección Siret. *Trabajos de Prehistoria*, 61:1, Madrid, pp. 99-116.
- MACHADO, L. S. (1929) – Sepultura pré-histórica da Praia das Maças. *O Arqueólogo Português*, 27. Lisboa, p. 194.
- MADSEN, T. (2019) – Pots for the ancestors. The structure and meaning of pottery depositions at passage graves. In Muller, J.; Hinz, M.; Wunderlich, M. (eds.) – *Megaliths societies landscapes. Early monumentality and social differentiation in Neolithic Europe*. Kiel, pp. 893-920.
- MARTINS, A. (2014) – *Megalitismo da região de Ourique (Portugal). Um conjunto megalítico esquecido*. Tese de Mestrado em Património Histórico y Natural apresentado no Departamento de História I da Universidade de Huelva.
- MATALOTO, R. (2005) – A propósito de um achado na Herdade das Casas (Redondo): megalitismo e Idade do Bronze no Alto Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8:2. Lisboa, pp. 115-128.
- MATALOTO, R. (2007) – Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10:1. Lisboa, pp. 123-140.
- MATALOTO, R. (2018) – Who's u? Um santuário da Idade do Bronze no Cromlech do Arneiro dos Pinhais (Lavre/Ciborro-Montemor-o-Novo). *Almazor, Revista de Cultura*, n.º 3, 3.ª série. Montemor-o-Novo, pp. 5-42.
- MATALOTO, R.; BOAVENTURA, R. (2010) – Anta da Vidigueira (Freixo, Redondo): intervenção de caracterização. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 13 (1), pp. 5-24.
- MATALOTO, R.; BOAVENTURA, R.; NUKUSHINA, D.; VALÉRIO, P.; INVERNO, J.; SOARES, R.; RODRIGUES, M.; BEIJA, F. (2015) – O sepulcro megalítico dos Godinhos (Freixo, Redondo): usos e significados no âmbito do megalitismo alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 18, pp. 55-79.
- MATALOTO, R.; COSTEIRA, C.; ROQUE, C. (2015) – Torres, cabanas e memória: a fase V e a cerâmica campaniforme do povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 18, pp. 81-100.
- MATALOTO, R.; COSTEIRA, C. (2016) – Gestos do simbólico II – Recipientes fragmentados em conexão nos povoados do 4.º/3.º milénios a. n. e. de São Pedro (Redondo). In Sousa, A.; Carvalho, A.; Viegas, C. (eds.) – *Terra e água, escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. Estudos & Memórias 9. UNIARQ/ FL-UL. Lisboa, pp. 189-208.
- MONTEAGUDO, L. (1966) – Versuch einer chronologischen gliederung der portugiesischen kupferzeit. *Madriider Mitteilungen*, 7. Heidelberg, pp. 61-78.
- MORÁN, E.; PARREIRA, R. (2004) – *Alcalar 7: Estudo e Reabilitação de um Monumento Megalítico*. Lisboa, IPPAR.
- PEARSON, M.; POLLARD, J.; RICHARDS, C.; THOMAS, J.; WELLMAN, K.; ALBARELLA, U.; CHAN, B.; MARSHALL, P.; VINER, S. (2011) – Feeding Stonehenge: Feasting in Late Neolithic Britain. In Aranda Jiménez, G.; Montón-Subías, S.; Sánchez Romero, M. (eds.) – *Guess Who's Coming To Dinner: Feasting Rituals in the Prehistoric Societies of Europe and the Near East*. Oxbow Books, pp. 73-90.
- PORFÍRIO, E.; COSTEIRA, C.; SIMÕES, T. (2023 a) – O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas. In Arnaud, J.; Neves, C.; Martins, A. (eds.) – *Arqueologia em Portugal 2023 – Estado da Questão*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, pp. 1963-1978.
- PORFÍRIO, E.; GONÇALVES, A.; COSTEIRA, C.; CAMPOS, R.; SIMÕES, T. (2023 b) – Conservação e valorização do Monumento Pré-histórico da Praia das Maças e do Sítio Arqueológico do Alto da Vigia, Sintra, Portugal. In Olaió, A. António, T.; Cardoso, A. (coord.) – *Atas do Encontro Internacional Gestão de Sítios Arqueológicos em Meio Urbano*. Câmara Municipal de Almada.
- PRIETO-MARTÍNEZ, M. (2007) – Volviendo a un mismo lugar: recipientes y espacios en un monumento megalítico galego (NW de España). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 10:2, pp. 101-125.
- RAMOS, J. (2020) – *Projeto de Conservação e Restauro do Monumento Pré-histórico da Praia das Maças*. ArqueoHoje.
- RENFREW, C. (1967) – Colonialism and Megalithism. *Antiquity*. 41:164, pp. 276-288.
- RENFREW, C. (1973) – *Before the civilization. The radiocarbon revolution and prehistoric Europe*. Londres.

- ROJO-GUERRA, M.; KUNST, M.; PALOMINO LÁZARO, A. (2002) – El fuego como procedimiento de clausura en três tumbas monumentales de la Submeseta Norte. In Rojo-Guerra, M.; Kunst, M. (eds.) – Sobre el significado del fuego en los rituales funerários del Neolítico. *Studia Archaeologica*, 91, Valladolid, pp. 21-38.
- ROJO-GUERRA, M.; GARRIDO-PENA, R.; HERRERO-CORRAL, M. (2011) – Symbolic arenas for social display: the Dynamics of power from the Middle-Late Neolithic to the Copper Age (c.4000-2000 cal BC) In *Proceedings of the International Conference "Around the Petit-Chasseur Site"* – Sion, Switzerland, 2011, pp. 237-243.
- SÁNCHEZ ROMERO, M. (2011) – Commensality rituals: feeding identities in Prehistory. In Aranda Jiménez, G.; Montón-Subías, S.; Sánchez Romero, M. (eds.) – *Guess Who's Coming To Dinner: Feasting Rituals in the Prehistoric Societies of Europe and the Near East*. Oxbow Books, pp. 8-29.
- SAVORY, H. (1969) – *Spain and Portugal. The prehistory of the Iberian Peninsula*. Londres, Thames and Hudson.
- SCARRE, C. (2016) – Dolmens without mounds in Britain, France and Ireland. In *Dolmens in Denmark. Architecture and function*. Aarhus University Press, pp. 217-233.
- SCHUBART, H. (1965) – As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*, 75, Guimarães, pp. 195-204.
- SCHUBART, H. (1973) – Tumbas megalíticas con enterramientos secundarios de la Edad del Bronce de Colada de Monte Nuevo de Olivenza. *Cronica del XII Congreso Arqueológico Nacional (Jaen, 1971)*. Zaragoza, pp. 175-199.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel*. Walter de Gruyter. Berlin.
- SCHUHMACHER, T. (2017) – Ivory exchange networks in the Chalcolithic of the Western Mediterranean. In Barteilheim, M.; Bueno Ramirez, P.; Kunst, M. (eds) *Key Resources and socio-cultural developments in the Iberian Chalcolithic*. RessourcenKulturen Band 6. Tübingen, pp. 291-312.
- SCHUHMACHER, T.; BANERJEE, A.; DINDORF, W.; SASTRI, C.; SAUVAGE, T. (2013) – The Use of Sperm Whale Ivory in Chalcolithic Portugal. *Trabajos de Prehistoria* 70. Madrid, pp. 185-203.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994 a) – Notas para o estudo da génese da Idade do Bronze na Beira Alta e o fenómeno campaniforme. *Trabalhos de arqueologia da EAM*. Lisboa, 2, pp. 173-200.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994 b) – Megalitismo, habitat e sociedades: a Bacia do Médio e Alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c. 2500 – 3000 BP). In *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal, novos dados, problemáticas e relações com outras áreas peninsulares. Estudos Pré-históricos, 2*. Viseu, pp. 15-29.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; GARCIA, M. F.; ROSA, M. J. (1984) – Contribuições para uma tipologia da olaria do megalitismo das Beiras: olaria da Idade do Bronze (I). *Clio/Arqueologia*, 1, Lisboa, pp. 105-138.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. (2008) – Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Veiga Ferreira e o megalitismo da Beira Alta, meio século depois. In *Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 16, pp. 317-350.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS, E.; MATOS, R.; VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M.; TERESO, J.; COSTEIRA, I. (2017) – O Enteramento da Idade do Bronze da Gruta das Redondas (Carvalhal de Aljubarrota): um contributo para o estudo do Bronze Antigo na Estremadura Atlântica. In Arnaud, J.; Martins, A. (eds.) – *Arqueologia em Portugal / 2017 – Estado da Questão*. Lisboa, pp. 833-847.
- SILVA, A. M.; FERREIRA, M. T. (2007) – Os ossos humanos "esquecidos" da Praia das Maças. Análise antropológica da amostra óssea do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, *Conimbriga*, 46. Coimbra, pp. 5-26.
- SILVA, A. M.; FERREIRA, M. T. (2017) – Perscrutando espólios antigos 5: contributos da análise dos restos ósseos humanos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 23, pp. 219-232.
- SILVA, C.; SOARES, J. (1983) – Contribuição para o estudo do megalitismo no Alentejo litoral. A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*, série IV, 1. Lisboa, pp. 63-88.
- SOARES, A.; CABRAL, J. (1984) – Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e a sua calibração: revisão crítica. *O Arqueólogo Português*, série IV, 2. Lisboa, pp. 167-214.
- SOARES, J.; SILVA, C. (1974/77) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*, Série III, 7-9. Lisboa, pp. 101-112.
- SPINDLER, K. (1988) – Campaniforme e Bronze – Um dualismo cultural na Península Ibérica. *Arqueologia e História*, Série X, Volume I/II (1). Lisboa, pp. 52-61.
- SPINDLER, K.; FERREIRA, O. da V (1974) – Das vorgeschichtliche Fundmaterial aus der Gruta do Carvalhal/ Portugal. *Madri der Mitteilungen*, 15, Heidelberg, pp. 28-75.

- TEJEDOR RODRÍGUEZ, C. (2013) – La pervivencia de los “usos megalíticos” en el Valle del Duero a lo largo de la Prehistoria Reciente (III – II milénio BC): Una aproximación al estudio del Alto Douro. In *Arqueología en el Valle del Duero – del Neolítico a la Antigüedad Tardía: nuevas perspectivas. Actas de las primeras jornadas de jóvenes investigadores en el valle del Duero*. Madrid, pp. 33-40.
- TEJEDOR RODRÍGUEZ, C.; ROJO, M.; GARRIDO PENA, R.; MARTÍNEZ DE LAGRÁN, I.; PALOMINO LÁZARO, A. (2017) – Biografía de un monumento megalítico: fases de uso y clausura en el dolmen de el Teriñuelo (Aldeavieja de Tormes, Salamanca). *Zephyrus*, 79. Salamanca, pp. 39-61.
- THOMAS, J. (1999) – *Understanding the Neolithic*. Londres, Nova Iorque, Routledge.
- THOMAS, J. (2012) – Some deposits are more structured than others. *Archaeological Dialogues*, 19. Cambridge, pp. 124-127.
- VALERA, A. C. (2006) – *Calcolítico e transição para a Idade do Bronze na Bacia do Alto Mondego*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- VALERA, A. C. (2019) – Segmentation and depositional practices in Prehistoric South Portugal: between ontological stability and fluidity. In Valera, A- C. (ed.) – *Fragmentation and depositions in Pre and Protohistoric Portugal*. Núcleo de Investigação Arqueológica / Era – Arqueologia. Lisboa, pp. 9-29.
- VALERA, A. C.; FIGUEIREDO, M.; LOURENÇO, M.; EVANGELISTA, L.; BASÍLIO, A.; WOOD, R. (2019) – *O Tholos de Cardim 6. Porto Torrão. Ferreira do Alentejo (Beja)*. Era-Monográfica, 3. Era-Arqueologia/NIA. Lisboa, pp. 31-44.
- VILLALOBOS GÓMEZ, (2015) – *Arqueología, Proyecto y Paisaje: Musealización in situ de los Dólmenes de Antequera*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Construções Arquitetónicas da Universidade de Sevilha.

PASSADO, PRESENTE E FUTURO DO MEGALITISMO NO BAIXO ALENTEJO: CONTRIBUTOS PARA UMA SÍNTESE DOS CONCELHOS DE VIDIGUEIRA, CUBA, ALVITO, MOURA E SERPA (DISTRITO DE BEJA)

Nelson J. Almeida

CHAIA, Centro de História da Arte e Investigação Artística – IN2PAST, Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território – Departamento de História, Universidade de Évora

UNIARQ, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada

nelson.almeida@uevora.pt

Miguel Serra

Câmara Municipal de Serpa / CEAACP, Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património

mserra@cm-serpa.pt

João Reis

O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada

Luis Costa

O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada

João Barreira

Museu Rainha Dona Leonor

O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada

CEAACP, Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património

Resumo: Pela sua antiguidade, frequência e características, o megalitismo alentejano tem sido amplamente discutido na literatura científica e alvo de interesse por especialistas e não-especialistas. Ao mesmo tempo, possui um histórico de destruições, alterações e reutilizações, desde o passado até à atualidade. No Baixo Alentejo, o megalitismo não é tão abundante, com ocasionais trabalhos de investigação e salvaguarda. Partindo das evidências dos concelhos de Alvito, Cuba, Moura, Serpa e Vidigueira, é apresentado um ponto da situação sobre o megalitismo pré-histórico funerário e não funerário. A descrição dos sítios conhecidos e a discussão de situações recentes, levam-nos a olhar para o megalitismo nesta área e para possíveis rumos de valorização, preservação e estudo.

Palavras-chave: Anta; Menir; Megalitismo; Baixo Alentejo; Património.

“A história da terra
o pó que te cobre
o tempo enterra
a gente descobre”

Excerto da moda “Legado da Terra”, Ana Santos

1. INTRODUÇÃO

À semelhança do que sucedeu em outras áreas europeias, o Megalitismo no Sul do actual território português assumiu uma posição de destaque no estudo da Pré-História recente. Vários autores dedicaram-se à origem e desenvolvimento do Megalitismo, associando-o, desde diversas perspectivas, aos processos de desenvolvimento e maturação das primeiras economias de produção e sociedades metalúrgicas do Neolítico e Calcolítico (e.g., Leisner e Leisner, 1956, 1959; Gonçalves, 1992; Oliveira, 1995; Silva e Soares, 2000; Calado, 2004; Rocha, 2005; Andrade, 2009; Scarre e Oosterbeek, 2010; Boaventura, 2011; Boaventura e Mataloto, 2013; Almeida et al., 2018; Andrade et al., 2022). Do ponto de vista cronológico, o Megalitismo parece abranger grande parte destes processos históricos, com autores a atribuir cronologias mais recuadas à componente não-funerária, ainda que geralmente não datada, ocorrendo uma expansão e maior desenvolvimento do megalitismo funerário após meados/segunda metade do 4º milénio a.n.e.

Sínteses recentes que enquadram o Megalitismo a uma maior escala (e.g., Laporte e Bueno 2015; Cerrillo e Bueno, 2019) demonstram a escassez de sítios megalíticos no Baixo Alentejo, face a áreas circundantes do Alentejo Central e Norte Alentejano. Trabalhos focados no território do Sul de Portugal e contando com base cartográfica do projecto MegaGeo (Andrade et al., 2018, p. 357), demonstram a posição periférica que o Megalitismo baixo alentejano possui. Contudo, outras tipologias de contextos funerários enquadráveis na Pré-História recente existem nestas áreas e zonas limítrofes, sobretudo associados ao “mundo em negativo”, com fossas funerárias e hipogeus (e.g., Valera, 2013; Valera e Nunes, 2020) a serem crescentemente registados. O Distrito de Beja, apresenta-se também como uma região onde as tholoi se destacam, sendo um dos maiores conjuntos no Centro e Sul de Portugal (Sousa, 2016), com destaque para o núcleo de Ferreira do Alentejo, devido à proximidade à nossa área de estudo (Valera, 2010; Valera et al., 2013).

Em paralelo, trata-se de uma zona que, como outras do Sul de Portugal, apresenta um franco desenvolvimento de trabalhos de reconversão agrícola, sobretudo desde inícios do século XXI e que deverá continuar nos próximos anos. Mais do que debater o aumento, técnicas utilizadas, seu impacte e sustentabilidade, interessa-nos neste âmbito o resultado desta dinâmica no que corresponde à destruição de património arqueológico das mais variadas tipologias e cronologias.

Numa fase inicial, o objectivo de procedermos a esta síntese decorreu da tentativa de enquadrar os trabalhos recentes realizados na Anta do Zambujal, em Selmes, Vidigueira (Almeida et al., 2022). Porém, verificou-se desde logo que uma tentativa de caracterizar evidências ao nível regional estaria truncada devido à ausência de uma síntese regional actualizada o que, paralelamente, se assume como uma etapa preliminar necessária para outros projectos. Tendo o Megalitismo ganho, recentemente, novo impulso do ponto de vista político e social devido ao Processo de Classificação do Megalitismo Alentejano, promovido pela Direção Regional de Cultural do Alentejo, pareceu-nos uma excelente oportunidade e enquadramento para o trabalho que aqui se apresenta.

2. ÁREA DE ESTUDO E OBJECTIVOS

No que concerne à área de estudo, escolheu-se a zona de transição da Serra da Adiça – Ficalho, limite Este para a planície que abarca os concelhos de Alvito, Cuba, Moura, Serpa e Vidigueira (**Figura 1**). Seria relevante a adição do concelho de Barrancos, porém, havendo trabalhos de síntese em curso focados no Megalitismo deste concelho, optámos por não o incluir. Outros concelhos, como Beja ou Ferreira do Alentejo, tendo um conjunto de trabalhos mais recentes e, como tal,

apresentando uma informação mais facilmente acessível, não foram por isso mesmo contemplados na presente síntese. Como veremos, desde logo as maiores dificuldades estiveram relacionadas com a ausência de intervenções arqueológicas o que impossibilita uma discussão mais aprofundada das evidências. As características da informação, usualmente escassa, dispersa e nem sempre acessível (e.g., trabalhos inéditos de cartas arqueológicas concelhias) introduzem também certo viés na componente descritiva deste trabalho.

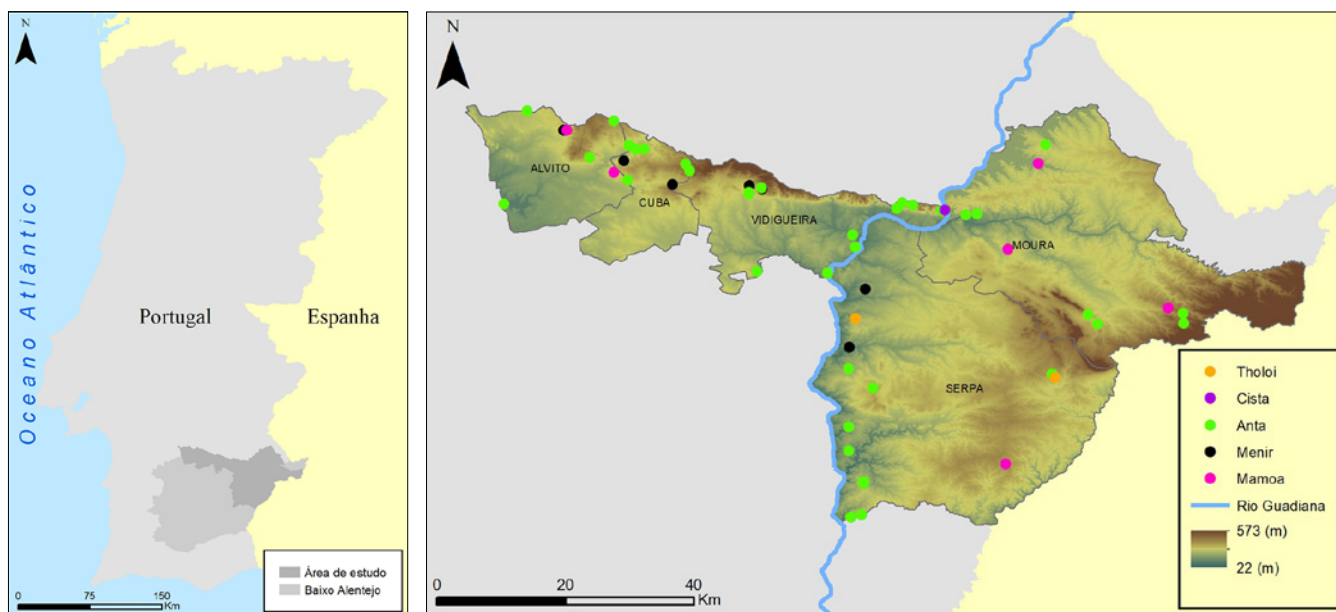


Figura 1 – Localização da área de estudo e sítios considerados consoante a sua tipologia¹.

Tomando em conta aspectos cronológicos e tipos de estudos, podem dividir-se os contributos feitos relativamente ao estudo do Megalitismo nestes concelhos em dois períodos. Um primeiro período, engloba os contributos existentes até meados do século 20 e abarca uma fase “pioneira” anterior à década de 30 e outra de “consolidação” entre os anos 30 a 50, incluindo trabalhos de José Leite de Vasconcelos, José Frago de Lima, Luís de Pina Manique, Abel Viana, Vera e Georg Leisner. No segundo período, desde finais dos anos 60 do século 20, os estudos apresentam i) um carácter mais alargado, ainda que geograficamente restringidos a términos administrativos (e.g., Cartas Arqueológicas, Planos Directores Municipais) ou ii) são direccionados para sítios específicos. Esta fase, que intitulamos de “dispersa”, apresenta contributos de vários autores, incluindo os trabalhos mais antigos de Irisalva Nóbrega Moita, António Monge Soares e José Arnaud, João Sardica e Rui Parreira, José de Frago de Lima, Emília Salvado Borges, António Valério e Susana Correia, até outros mais recentes, como os publicados por Conceição Lopes junto com Pedro Carvalho e Sofia Gomes, ou mais recentemente Luísa Costa e Hugo Palhete, entre outros.

A síntese apresentada decorre de pesquisa bibliográfica, incluindo relatórios de trabalhos arqueológicos entregues à tutela, da consulta da base de dados Endovélico - disponível no Portal do Arqueólogo, mas também de informações inéditas decorrentes dos levantamentos no âmbito do processo de classificação do Megalitismo Alentejano ou outras facultadas por colegas arqueólogos. De salientar que a ausência de dados geográficos em vários sítios levou a que os mesmos não fossem apresentados nos mapas, ainda que mencionados em texto. Em seguida, descrevem-se os dados que foram passíveis de obter por concelho.

¹ As tipologias indicadas no presente texto seguem as designações indicadas no Endovélico, salvo casos nos quais pela descrição ou visitas recentes foi possível identificar especificamente o tipo de sítio.

3. PASSADO E PRESENTE

3.1. Alvito

O concelho de Alvito, com 264,85 km², localiza-se no limite Noroeste do Distrito de Beja, confinando com os municípios de Alcácer do Sal (Distrito de Setúbal), a Oeste, Viana do Alentejo (Distrito de Évora), a Norte, Ferreira do Alentejo, a Oeste e Sul e Cuba, a Este, ambos no Distrito de Beja.

Apenas se conhecem, com segurança, três monumentos megalíticos em Alvito, dois na freguesia de Vila Nova da Baronia e um na freguesia de Alvito, no limite com o concelho de Viana do Alentejo e nenhum foi objeto de estudos ou intervenções arqueológicas (Figura 2). Apesar da parca quantidade de evidências relacionadas com o fenómeno megalítico, os três sítios identificados reportam-se a situações variadas, com a presença de uma mamoa, uma anta e um menir, estando assim representados o megalitismo funerário e não funerário.

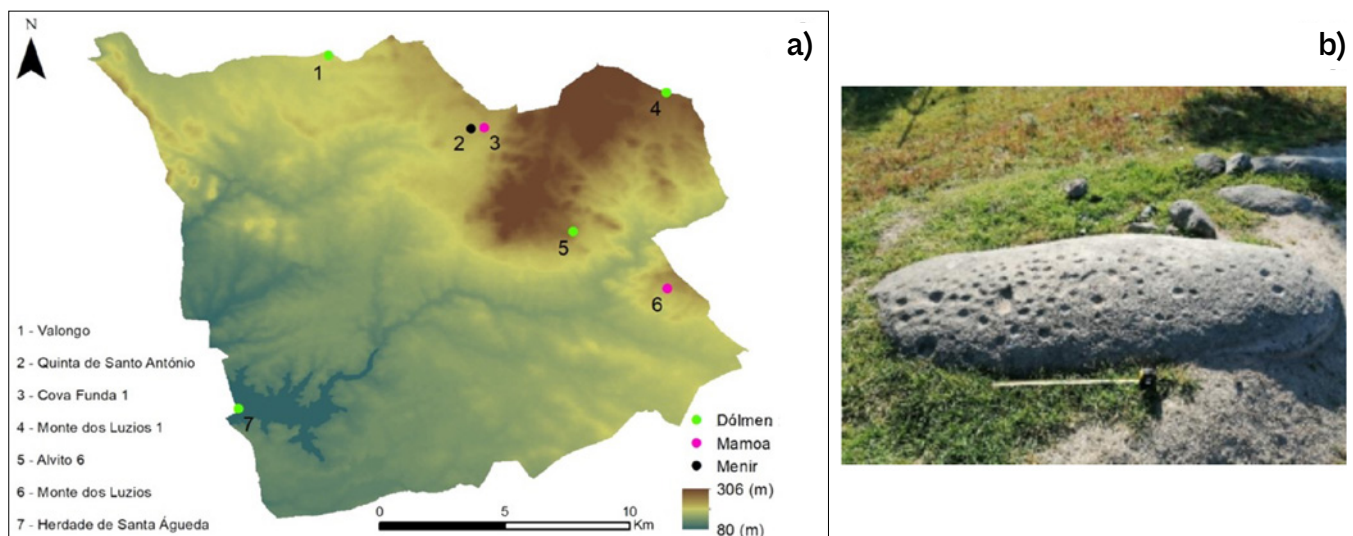


Figura 2 – a) Localização de sítios mencionados em texto por tipologia. b) Menir da Quinta de Santo António (Fotografia: Rafael Lima e João Gomes).

O monumento de Cova Funda 1 (CNS 39020), situado na freguesia de Vila Nova da Baronia, foi identificado no âmbito do levantamento para a Carta Arqueológica de Alvito². Localiza-se numa zona de planície, sendo bem notória uma elevação artificial que poderá corresponder a um monumento megalítico de grandes dimensões.

A Anta do Monte dos Luzios 1 (CNS 23427), situa-se na freguesia de Alvito, no limite com o concelho de Viana do Alentejo e corresponde a um monumento funerário do qual apenas subsistem quatro grandes blocos pétreos tombados e um possível esteio, para além de restos de uma couraça formada por pequenas pedras. Foi identificado no âmbito de prospeções do Estudo de Impacto Ambiental do Troço de Ligação Alvito – Pisão, do Projeto Alqueva³.

Por fim, o menir da Quinta de Santo António (CNS 39713), na freguesia de Vila Nova da Baronia, foi identificado no decurso de trabalhos de acompanhamento arqueológico do Circuito Hidráulico de Viana do Alentejo e respetivo bloco de rega (Lima e Pereira, 2021). Trata-se de um monólito em granito, com 2,5 metros de altura por 1,1 metros de largura, mas que poderá atingir uma dimensão superior, uma vez que se encontra parcialmente soterrado. Numa das faces apresenta mais de 70 covinhas, não sendo claro se estará deslocado.

Para além dos monumentos acima mencionados, que integram a proposta de classificação

² <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3557270> [consultado a 28.12.2023 às 10h15].

³ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2540172> [consultado a 28.12.2023 às 10h19].

do Megalitismo Alentejano, existem referências a mais quatro sítios no concelho de Alvito, insuficientemente caracterizados. Alvito 6 (CNS 22067), na freguesia de Alvito, identificado como uma anta (Valério, 1993) e Valongo (CNS 22136), em Vila Nova da Baronia, uma anta mencionada em documentos antigos (Valério, 1993), de que não se conhecem quaisquer vestígios atualmente; Monte dos Luzios (CNS 23426), também localizado na freguesia de Alvito e identificado como mamoa nos trabalhos de prospeção do Estudo de Impacto Ambiental do Troço de Ligação Alvito – Pisão e que corresponde a um montículo de pedras de pequena dimensão⁴. Por fim, a anta da Herdade de Santa Águeda ou Santa Ágata (CNS 6591), na freguesia de Vila Nova da Baronia, que atualmente se encontra submersa na Barragem de Odivelas. José Leite de Vasconcellos (1917, p. 168) refere que foi informado da existência de esteios em calcário retirados do local original, com a particularidade de um deles apresentar um orifício. Localizava-se junto a uma antiga ermida, que já se encontraria em ruínas aquando do enchimento da barragem.

3.2. Cuba

Cuba é o concelho de menor dimensão dos cinco que integram o presente estudo, com uma área total de 172,09 km², delimitado a Norte por Portel e Viana do Alentejo (Distrito de Évora), a Este pela Vidigueira, a Oeste por Alvito e Ferreira do Alentejo e a Sul por Beja. Apesar da escassa área que ocupa, o concelho de Cuba apresenta um importante e variado conjunto de monumentos megalíticos, com 15 registos (Figura 3). Em relação ao megalitismo funerário, conhecem-se em Cuba oito antas e uma mamoa, das quais duas terão sido destruídas, enquanto que para o megalitismo não funerário registam-se seis menires.

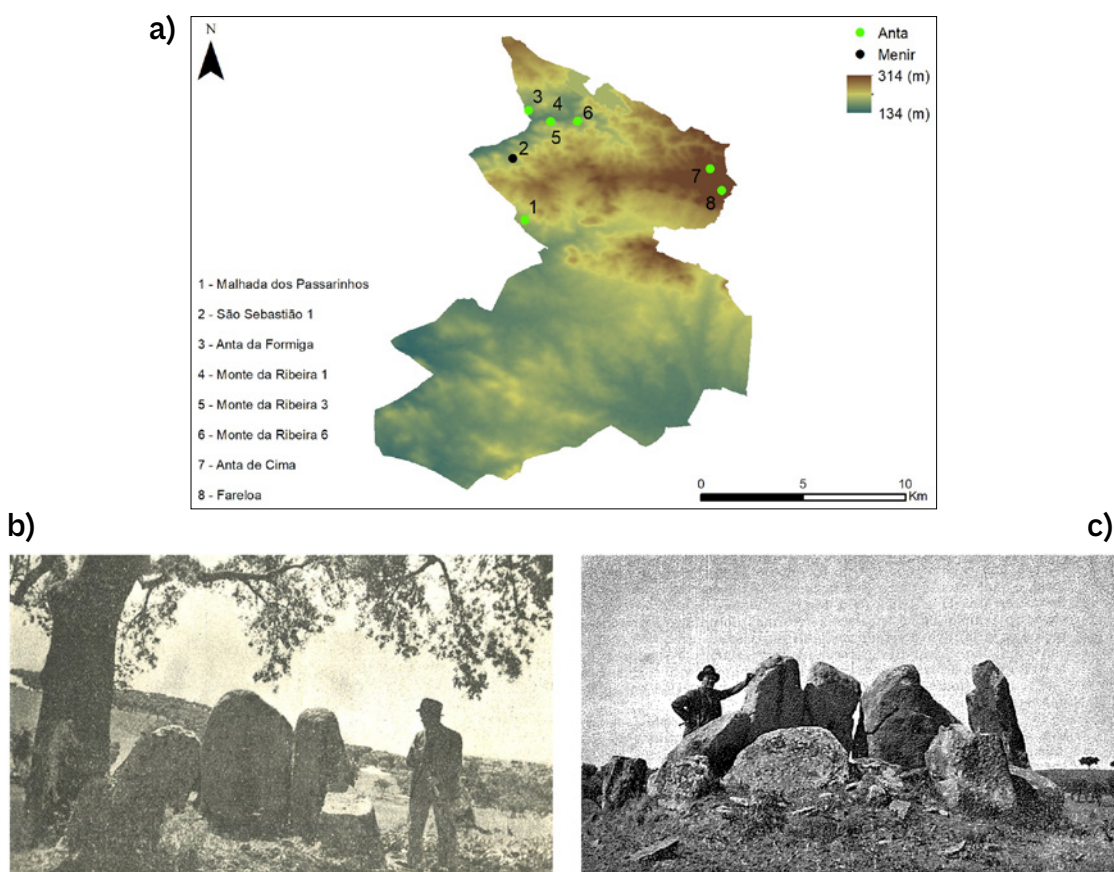


Figura 3 – a) Localização dos sítios mencionados em texto por tipologia. b) Anta da Fareloa (Manique, 1945, p. 213). c) Anta de Cima (Viana, 1946, p. 15).

⁴ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2540164> [consultado a 28.12.2023 às 10h39].

A Anta da Formiga ou Formiga 1 (CNS 13695), na freguesia de Vila Ruiva, que foi destruída em 1994, caracterizava-se por uma câmara poligonal com 2,25 metros de diâmetro, da qual apenas subsistem o esteio de cabeceira e dois outros adjacentes. O maior dos esteios possui 2 metros de altura por 1,3 metros de largura. Não se identificaram vestígios de corredor nem da mamoa, mas permitiu a recolha de um machado de pedra polida (Manique, 1945; Viana, 1946; Borges, 1981; Correia, 1996; Fialho e Ponte, 2011).

Aroeira 4 (CNS 40501), sito na freguesia de Cuba, é outro possível monumento desaparecido, do qual apenas se observaram vários blocos de mármore dispersos à superfície do terreno⁵.

A Anta de Cima (CNS 2516), na freguesia de Vila Alva, localiza-se numa pequena colina e apresenta câmara poligonal alongada, de orientação Este-Oeste, com 2,63 metros por 3,47 metros, com 9 esteios, dos quais apenas 4 se conservam *in situ* e completos, com uma altura máxima de 2,3 metros. Possui um pequeno corredor, que conserva 70 cm de comprimento por 60 cm de largura, onde só se identificam 2 esteios fraturados. O início do corredor é marcado por dois pequenos esteios cilíndricos, um com 68 cm de altura por 45 cm de largura e outro com 62 cm de altura por 64 cm de largura (Vasconcellos, 1918, 1927; Manique, 1945; Leisner e Leisner, 1959; Borges, 1981; Correia, 1996; Fialho e Ponte, 2011). José Leite de Vasconcellos faz referência a duas antas neste local, mas Pina Manique já só observou uma delas, colocando-se a possibilidade de ter sido destruída (Manique, 1945; Vasconcellos, 1918, p. 135).

A Anta da Fareloa (CNS 2524), também na freguesia de Vila Alva, apresenta uma câmara poligonal com um diâmetro de 2,25 m por 1,85 m, com 9 esteios, à semelhança da Anta de Cima, mas de menor dimensão e sem corredor preservado. Conserva o esteio de cabeceira *in situ*, três esteios no lado Nordeste, com um a apresentar um sulco e covinhas na face externa e dois a Sudoeste (Manique, 1945; Leisner e Leisner, 1959; Borges, 1981; Fialho e Ponte, 2011).

No Monte da Ribeira, sito na freguesia de Vila Alva, conhecem-se referências a quatro antas, sendo que duas delas apresentam alguns vestígios. O Monte da Ribeira 1 (CNS 2087), que sofreu destruições durante um processo de reflorestação, conservava o esteio de cabeceira *in situ* e um outro deslocado (Correia, 1996), e o Monte da Ribeira 6 (CNS 40500) possui ainda um esteio completo *in situ* e dois fraturados, bem como duas lajes fragmentadas que poderão ter pertencido ao chapéu⁶. Já em relação às antas de Monte da Ribeira 3 (CNS 40503) e Monte da Ribeira 4 (CNS 40504), que se encontravam insuficientemente caracterizadas por estarem sob moroiços, não se conhecem atualmente quaisquer vestígios (Correia, 1996).

A Malhada dos Passarinhos 1 (CNS 23441), na freguesia de Vila Ruiva, corresponde a um possível monumento megalítico, conservando uma mamoa subcircular com 1 metro de altura e 8 metros de diâmetro, com uma cratera ao centro⁷, que poderá indicar uma eventual violação.

Em relação ao megalitismo não funerário são conhecidos os menires de Assentes, Horta dos Canos do Meio, Fareloa 2, São Sebastião 1 e 3 e Vale de Arada 1. O menir de Assentes (CNS 40507), na freguesia de Faro do Alentejo, é um monólito de granito de formato cilíndrico, que apresenta uma covinha e estaria deslocado da sua posição original⁸. O Menir da Horta dos Canos do Meio (CNS 37823), em Vila Alva, não se encontra descrito e apenas é referido que se encontrava junto a um telheiro ou cabana de época romana, sendo ainda referido o aparecimento de uma estrutura circular com cerca de 20 metros de diâmetro (Mantas 1986, p. 210), possivelmente uma mamoa.

Na Herdade da Fareloa é mencionado o menir Fareloa 2 (CNS 40502), mas a descrição refere a presença de dois grandes menires em calcário, que foram colocados na entrada do monte e caídos de branco, após serem removidos da sua eventual posição original durante obras de uma estrada⁹. São Sebastião 1 (CNS 23486) e São Sebastião 3 (CNS 40505) referem-se a dois menires na freguesia de Vila Ruiva, com o primeiro a ser identificado num moroiço durante os trabalhos de prospeção relativos ao Estudo de Impacte Ambiental do Troço de Ligação Alvito – Pisão e de-

⁵ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3676533> [consultado a 28.12.2023 às 10h48].

⁶ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3676525> [consultado a 28.12.2023 às 10h54].

⁷ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2540738> [consultado a 28.12.2023 às 10h59].

⁸ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3676558> [consultado a 28.12.2023 às 11h07].

⁹ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3676536> [consultado a 28.12.2023 às 11h11].

positado em Cuba¹⁰ e o segundo corresponde a um monumento já destruído¹¹. Também em Vale de Arada 1 (CNS 40506), na freguesia de Cuba, há referência à descoberta de um menir (Correia 1996), de que se desconhece a localização¹².

3.3. Vidigueira

O concelho de Vidigueira apresenta o mais expressivo conjunto de monumentos megalíticos da presente análise. Este território, localizado ao centro da faixa Norte do concelho de Beja, tem 316,61 km² de área e encontra-se rodeado pelos concelhos de Portel (Distrito de Évora), a Norte, Moura, a Este, Serpa, a Sudeste, Beja, a Sul e Cuba a Oeste. São 22 os monumentos megalíticos referenciados no concelho de Vidigueira, repartidos por três freguesias, a que correspondem 12 antas, três menires e uma cista megalítica, para além de outros seis monumentos incertos (Figura 4). Tal como nos concelhos de Alvito e Cuba, são escassos os trabalhos arqueológicos efetuados sobre o conjunto de monumentos megalíticos, sendo, no entanto, de referir a recente intervenção de minimização efetuada na Anta do Zambujal (Almeida *et al.*, 2022). Destaca-se a freguesia de Pedrógão, com a maior quantidade de monumentos megalíticos.

A Anta 1 do Monte da Sobreira de Cima (CNS 21418) é composta por dois esteios *in situ* e dois deslocados, em xisto, conservando ainda uma pequena parte da mamoa. A sua planta seria circular e aparenta ter corredor orientado a Norte. O interior da câmara parece ter sido sujeito a violação (Costa e Palhete, 2016a). A Anta 2 do Monte da Sobreira de Cima (CNS 21421) também foi erigida com recurso a elementos de xisto locais e conserva parte da mamoa. A sua planta seria circular ou ovalada e pode ter corredor. Nas imediações foi recolhido um machado ou martelo em arenito e alguma indústria lítica em quartzito (Costa e Palhete, 2016a).

A Anta da Ribeira das Figueiras (CNS 40653) conserva cinco esteios que definem uma câmara circular com 2 metros de diâmetro e apresenta corredor orientado a Sudeste com cerca de 3 metros de comprimento¹³.

A Anta do Monte de Dona Maria (CNS 36229) possui câmara com oito esteios de pequena dimensão, sem se identificarem restos da mamoa ou presença de corredor. Trata-se, muito provavelmente, de um dos sepulcros que o casal Leisner identifica na Quinta de D. Maria, em número indeterminado e consideradas mal conservadas (Leisner e Leisner, 1959, p. 245; Costa e Palhete, 2016a). Um outro desses monumentos poderá ser a anta de Quinta de Dona Maria 1 (CNS 40125), previamente identificado por Fragoso de Lima (1944), que refere um monumento bastante desestruturado, cujos esteios foram utilizados na construção de uma malhada. Conservava um único esteio, ainda em posição vertical, e com 60 cm de altura, para além de vestígios de esteios partidos nas imediações e outros reutilizados na malhada. Fragoso de Lima ainda observou os negativos dos esteios, com a presença de numerosos calços. (Figura 4)

Na Corte Serrão localiza-se um conjunto dolménico que terá sido formado por diversos monumentos (Lima, 1944), mas que se encontra reduzido a duas antas a curta distância uma da outra, a Anta Grande e a Anta Pequena (ambas com o CNS 982). A primeira exhibe clara diferenciação entre a câmara poligonal, que conserva 6 esteios e o corredor subretangular com 17 metros. Existem ainda vestígios de uma possível laje de cobertura junto à entrada do corredor. A Anta Pequena exhibe câmara poligonal com sete esteios e ausência de corredor, encontrando-se em melhor estado de conservação que a Anta Grande (Lima, 1944; Lima, 1981; Caetano, 1994; Costa e Palhete, 2016a).

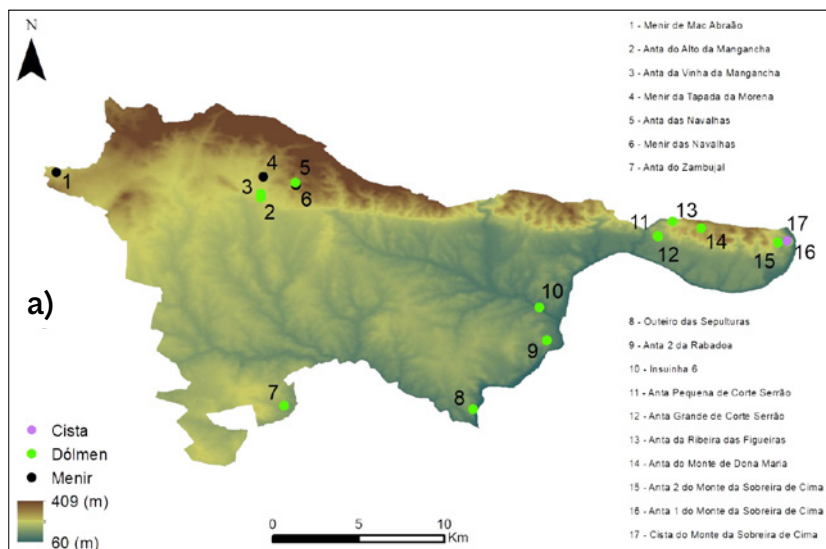
O Outeiro das Sepulturas (CNS 40124) corresponde a uma anta de câmara e corredor diferenciados, sem vestígios de mamoa. A cobertura arbustiva não permite uma descrição sólida da planta e apenas o corredor se encontra com melhor visibilidade, medindo cerca de 4,5 metros de comprimento (Costa e Palhete, 2016a).

¹⁰ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2542607> [consultado a 28.12.2023 às 11h14].

¹¹ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3676549> [consultado a 28.12.2023 às 11h16].

¹² <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3676553> [consultado a 28.12.2023 às 11h19].

¹³ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3686030> [consultado a 28.12.2023 às 11h22].



1978



2015/2016



2017 e 2022



Figura 4 – a) Localização dos sítios mencionados em texto por tipologia; b) Anta Pequena de Corte Serrão e c) Anta Grande de Corte Serrão (Fotografias: Câmara Municipal de Vidigueira); d) Menir da Tapada da Morena; e) Anta do Alto da Mangancha (Fotografia: André Pereira e Hugo Morais); f) Anta da Vinha da Mangancha (Manique, 1945, p. 218); g) Anta do Zambujal, em 1978 (Sardica e Parreira, 1980), 2015/2016 (Fotografia: Câmara Municipal da Vidigueira), 2017 (Fotografia: DRCALEN) e 2022 (Fotografia: O Legado da Terra, c.r.l.).

Na freguesia de Pedrógão, para além do conjunto de antas acima descritas, encontra-se ainda referência a uma possível cista megalítica no Monte da Sobreira de Cima (CNS 21419), formada por um montículo de pedras de xisto de planta oval (Costa e Palhete, 2016a). Também se encontram-se inventariados os sítios de Corte Serrão 3 (CNS 40126) e Corte Serrão 4 (CNS 40464), que geram dúvidas sobre se poderão corresponder a alguns vestígios identificados por J. Fragoso de Lima nas imediações da Anta Grande da Corte Serrão, onde se localizou posteriormente um conjunto de cistas em xisto (Costa e Palhete, 2016a). É ainda de mencionar os sítios de Rabadoa 2, classificado como anta, mas sem qualquer vestígio conhecido no local e de Insuínha 6 (CNS 23116) que também foi identificado como anta, correspondendo a uma laje de xisto colocada ao alto, amparada por outra laje de menor dimensão (Costa e Palhete, 2016a), com dúvidas na sua classificação como monumento megalítico. Existem ainda vagas referências de Fragoso de Lima (1944) a outros dois monumentos na freguesia de Pedrógão que não foram relocados, no Monte Grande (CNS 40465) e na Sobreira de Baixo (CNS 40128).

A freguesia de Selmes apresenta um importante conjunto de monumentos megalíticos, constituído por quatro antas e dois menires. A Anta das Navalhas (CNS 40121) implanta-se numa elevação, apresentando câmara e corredor diferenciados, com um total de 19 esteios de pequena dimensão. A câmara possui 3 metros de diâmetro e o corredor exibe um comprimento de 3,8 metros. Não se conservam vestígios da mamoa (Costa e Palhete, 2016b).

No Alto da Mangancha identificou-se uma anta (CNS 37041) no topo de uma elevação, que se encontra muito destruída. Conserva apenas três esteios e recolheram-se alguns fragmentos de cerâmica pré-histórica e um crescente nas suas imediações (Manique, 1945; Leisner e Leisner, 1959; Caetano, 1994; Costa e Palhete, 2016b). Também na Vinha da Mangancha se detetou outra anta, já bastante destruída no momento da descoberta (Manique, 1945; Caetano, 1994; Leisner e Leisner, 1959) e que em 2010 seria completamente arrasada pelo plantio de uma vinha (Costa e Palhete, 2016b).

José Leite de Vasconcellos (1918, pp. 135-136) refere uma visita à Vidigueira em 1917, onde lhe é dada a conhecer uma anta no sítio da Mangancha, que situa num conjunto de vinhas e descreve uma anta em granito à qual falta a tampa e muitos esteios. Acrescenta ainda que nos terrenos em volta se recolheram mós, “amoladeiras”, percutores, machados de pedra polida, raspadores em pedra, “setas e facas” em sílex, furadores de osso, “pendentes de lousa” (placas de xisto), lâminas de cobre e outros artefactos.

O monumento megalítico que permitiu maior conjunto de informações no concelho de Vidigueira é a Anta do Zambujal (CNS 5267), sujeita a uma primeira intervenção em 1979 (Sardica e Parreira, 1980), e novamente entre 2018 e 2022, como resultado da sua afetação durante a implantação de um projeto agrícola de olival (Vilhena e Inácio, 2019; Almeida *et al.*, 2022). Identificada como sendo uma anta com seis esteios na câmara, corredor e átrio, com mamoa preservada, os trabalhos depois da sua destruição permitiram reconstituir a planta original da câmara e corredor, tendo-se identificado dois elementos de feição menírica cilíndricos a ladear a entrada do corredor, assim como os negativos das pedras que haviam sido associadas a um possível átrio. Registou-se um importante nível de destruição que afectou os elementos arquitectónicos do dólmen, a mamoa e outros contextos associados, sendo possível registar alguns escassos contextos preservados na zona da ante-câmara e corredor. A cultura material era diversa nas suas cronologias, mas os materiais de maior relevância para a caracterização da construção e usos pré-históricos remetem para a segunda metade do 4º milénio e 3º milénio a.n.e., incluindo, sobretudo, uma indústria lítica talhada em quartzito e sílex, uma indústria polida vestigial e escassa cerâmica bastante fragmentada.

Na freguesia de Selmes também se conhecem dois menires, um na Tapada da Morena e outro junto à Anta das Navalhas. O menir da Tapada da Morena (CNS 40123) foi identificado em 2017 durante a plantação de uma vinha e encontrava-se tombado. O proprietário reergueu o monumento junto à entrada do monte, a algumas dezenas de metros do local de achado, sem recolocação da parte superior, que se encontra tombada a curta distância. Trata-se de um monólito de granito com mais de 5 metros de comprimento e 1,4 metros de diâmetro (Cortes e Calado, 2018). Já o menir das Navalhas (CNS 40122) corresponde a um monólito de xisto, tombado e parcialmente soterrado, com 2,77 metros de comprimento e 60 cm de largura visíveis (Costa e Palhete,

2016b). Na freguesia de Vila de Frades o destaque vai para o menir de Mac Abraão (CNS 553), um enorme monólito de granito porfiroide com forma subelipsoidal alongada. A parte visível possui 2,75 metros de comprimento por 1,4 metros de largura e exhibe algumas decorações, nomeadamente um círculo e algumas linhas (Caetano, 1994; Costa e Palhete, 2016c).

3.4. Moura

O concelho de Moura apresenta uma quantidade de monumentos megalíticos similar ao concelho de Vidigueira, com 20 registos, todos relacionados com o mundo funerário, entre diversas antas e mamoas (Figura 5). Contudo, de ressaltar que existem menções a outros monumentos (Lima, 1988), que resultariam num número de cerca de 30 registos para o concelho, porém a escassez de informação leva-nos a não os contemplar neste trabalho. Possui uma área de 958,46 km², fazendo fronteira a Leste e Sul com Espanha e encontrando-se ainda delimitado pelos concelhos de Mourão, Reguengos de Monsaraz e Portel (Distrito de Évora), a Norte, Barrancos, a Leste, Serpa, a Sudoeste e Vidigueira, a Oeste.

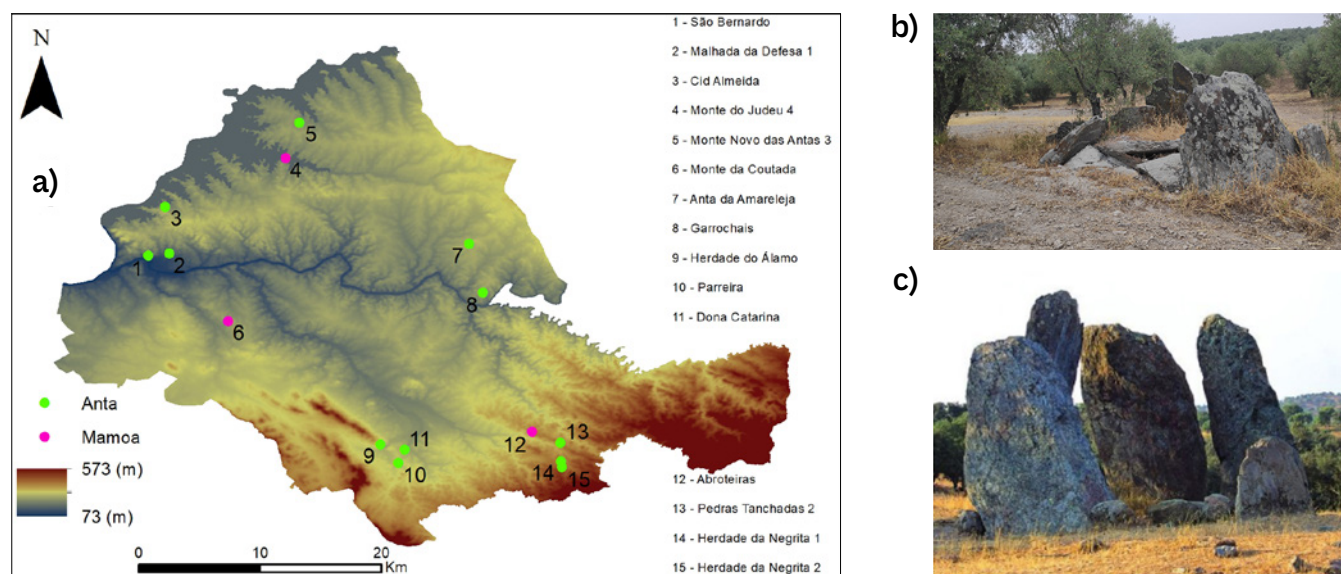


Figura 5 – a) Localização dos sítios mencionados em texto por tipologia; b) Monte Novo das Antas 3 (Fotografia: Câmara Municipal de Moura); c) Anta da Negrita.

Começamos pela anta do Álamo/Touril 1 (CNS 6596), localizada na freguesia de Sobral da Adiça. Esta anta apresenta a mamoas bem preservada e conserva oito esteios *in situ*, mas o esteio de cabeceira está ausente. Um dos esteios poderá corresponder a uma estela e encontra-se gravado com “cavinhas”. Frago de Lima identificou-a como Anta do Touril 1 (Lima, 1951, Leisner e Leisner, 1959; Moita, 1965).

A Malhada de Defesa 1 (CNS 21533), situada na União de Freguesias de Moura e Santo Amador, corresponde a uma anta, que apresentava um esteio com 2 metros de comprimento e um amontado de esteios de menor dimensão, sem vestígios da mamoas (Leisner e Leisner, 1959; Silva, 1999), porém segundo informações de José Gonçalo Valente (Câmara Municipal de Moura), em 2010 já se encontrava destruída. Em São Bernardo (CNS 40067), também na União de Freguesias de Moura e Santo Amador, localizou-se uma anta de pequenas dimensões que foi escavada por Frago de Lima e Manuel Heleno em 1947 (Leisner e Leisner, 1959; Lima, 1988).

No Monte Novo das Antas 3 (CNS 21191), na Póvoa de São Miguel, identificou-se uma anta com nove esteios na câmara, com 4 metros de diâmetro. Já não tem vestígios da laje de cobertura nem do corredor. Nas proximidades identificou-se uma possível estela tombada, com 3,5 metros por 1 metro (Leisner e Leisner, 1956, 1959).

A Anta da Negrita 1 (CNS 1241), na União de Freguesias de Safara e Santo Aleixo da Restauração, possui cinco esteios *in situ*, incluindo o de cabeceira, com uma altura de 2,44 metros. A câmara tem planta poligonal e o corredor é subretangular, encontrando-se praticamente soterrado. Ainda se observam muitas pedras da mamoa e um possível anel pétreo (Lima, 1988; Moita, 1965; Leisner e Leisner, 1959).

A Anta das Pedras Tanchadas ou Pedras Tanchadas 2 (CNS 6315), também em Safara e Santo Aleixo da Restauração, mantém sete esteios *in situ*, e o esteio de cabeceira encontra-se fraturado. Já não possui vestígios da mamoa e do corredor. Também aparece referida como Negrita 3 (CNS 40479) (Leisner e Leisner, 1959; Lima, 1988).

Para além destas seis antas, conhecem-se no concelho de Moura, um conjunto de mamoas, que poderá em parte relacionar-se com o fenómeno do Megalitismo, apesar de algumas dúvidas resultantes da escassa investigação. São os casos das mamoas identificadas em Coutada, Judeu 4 e Abroteiras. A Mamoa da Coutada (CNS 31944), União de Freguesias de Moura e Santo Amador, tem 8 metros de diâmetro e uma concentração de blocos de xisto e quartzo (Leisner e Leisner, 1959), que não permitem uma melhor caracterização. Também a mamoa de Judeu 4 (CNS 22244), na Póvoa de São Miguel, apresentava dimensões similares, com 7 metros de diâmetro e 1,5 metros de altura (Silva, 1999), mas cujos vestígios já não se conservam. A Mamoa das Abroteiras/Abutreiras (sem CNS), recentemente identificada em Safara e Santo Aleixo da Restauração, apresenta uma dimensão superior, com 20 metros de diâmetro e está delimitada por anel pétreo (iné dita, Câmara Municipal de Moura). No centro observam-se alguns esteios de pequena dimensão. No entanto, a sua configuração aproxima-a mais das cistas com *tumulus* da Idade do Bronze.

Existem ainda uma série de referências mais duvidosas ou de difícil confirmação, como as antas de Amareleja (CNS 40062), freguesia de Amareleja (Moita, 1965), Garrochais (CNS 6335), na mesma freguesia (Moita, 1965; Silva, 1999), a Anta do Monte dos Bravos (CNS 40063), em Moura e Santo Amador, Cid Almeida (CNS 40064), em Moura e Santo Amador (Leisner e Leisner, 1959), Dona Catarina (CNS 40477) (Leisner e Leisner, 1959), Palhares (sem CNS) (Lima, 1951), Parreira (CNS 6413) (Lima, 1951; Moita, 1965) e Preguiça (sem CNS), todas em Sobral da Adiça, que não apresentam qualquer vestígio atualmente, com a última a ter mencionada a sua destruição por trabalhos de mineração em 1914 (Leisner e Leisner, 1959). Também na Póvoa de São Miguel encontra-se referida uma anta na Serra Brava (sem CNS), que não foi relocada e na União de Freguesias de Safara e Santo Aleixo da Restauração estão mencionadas antas em Vale de Vinagre (sem CNS) (Leisner e Leisner, 1959) e na Negrita 2 (CNS 40478), que também não foram localizadas (Leisner e Leisner, 1959; Lima, 1951).

3.5. Serpa

Serpa possui a maior extensão dos concelhos analisados, com uma área total de 1105,63 km². É um município raiano, que faz fronteira a Este com Espanha, a Norte e Noroeste com Moura e Vidigueira, a Oeste com Beja e a Sul com Mértola. Conhecem-se 17 monumentos megalíticos em Serpa, com a particularidade de ser o único dos concelhos abordados onde se identificaram *tholoi* (Figura 6). Apesar de não apresentar um conjunto tão expressivo como os registados para Vidigueira e Moura, realça-se a variedade de tipologias (antas, mamoas, *tholoi*, menires), bem como o facto de ser o território mais estudado, com diversas intervenções arqueológicas resultantes de trabalhos de investigação e de salvaguarda.

Na União de Freguesias de Salvador e Santa Maria merece destaque uma possível necrópole formada por quatro antas de pequenas dimensões em Arcins. Arcins (CNS 13296), encontra-se no topo de uma pequena elevação e conserva três esteios, em xisto, *in situ*, incluindo o de cabeceira. A câmara, que está virada para nascente, tem 1,40 m por 0,7 m. Há menção a outros três monumentos nas proximidades que teriam sido completamente destruídos por trabalhos agrícolas (Lopes *et al.*, 1997), mas que foram identificados nos levantamentos no âmbito do processo de classificação do Megalitismo Alentejano. Designados como Arcins 2, 3 e 4 (sem CNS), encontram-se muito destruídos, correspondendo a simples aglomerados de pedras (xisto e quartzo), observando-se alguns esteios fragmentados, aparentemente *in situ*. Na mesma freguesia, a anta da Boa Vista (CNS 13286), está referenciada como uma anta de corredor curto, conservando ainda alguns esteios e o *cairn* em xisto (Lopes *et al.*, 1997).

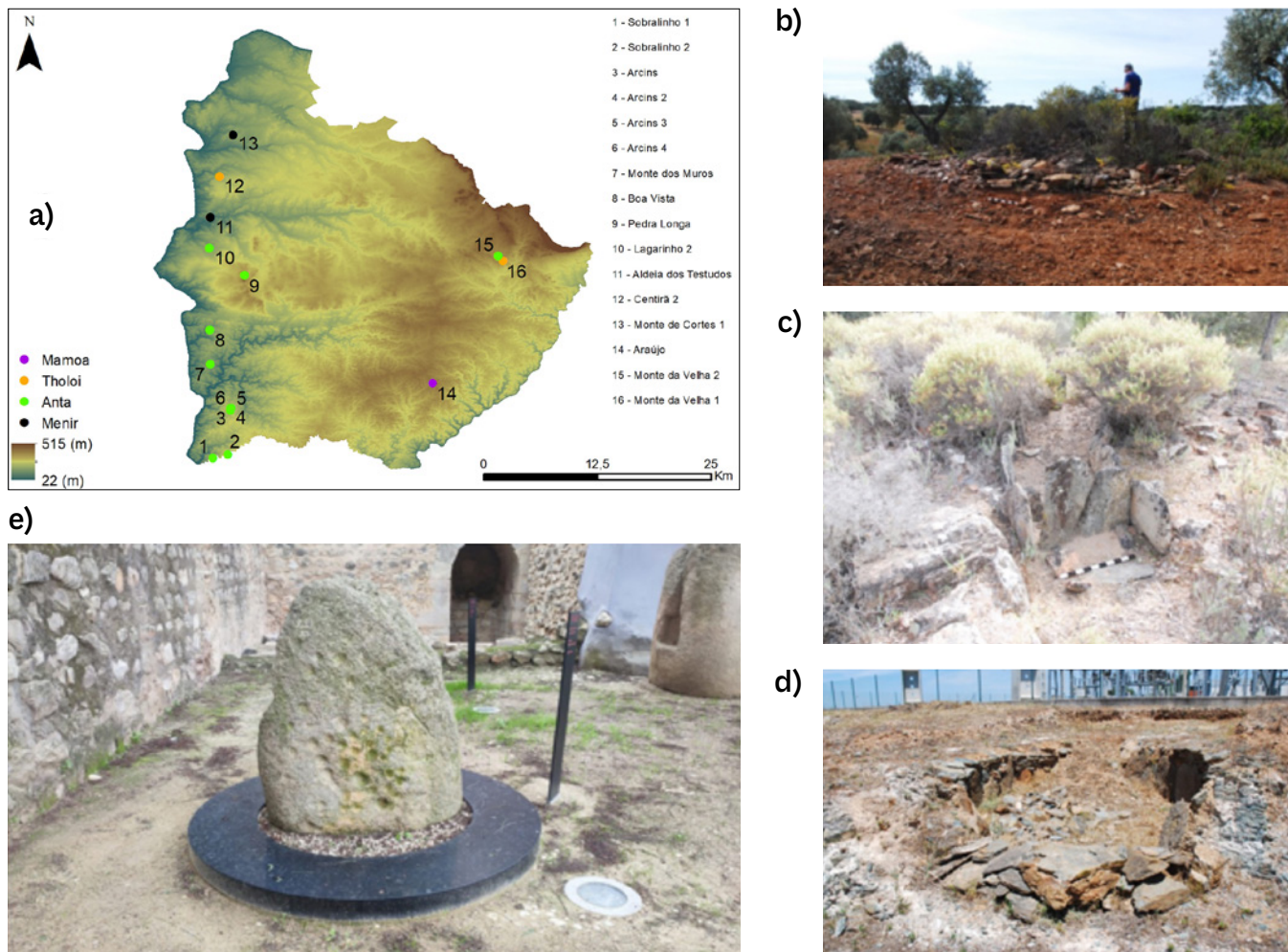


Figura 6 – a) Localização dos sítios mencionados em texto por tipologia; b) Monte da Velha 2; c) Monte da Velha 1; d) Centirã 2; e) Menir de Cortes 1 (Fotografias: Câmara Municipal de Serpa).

As antas de Sobralinho 1 (CNS 13369) e Sobralinho 2 (CNS 13370), situam-se na linha divisória com o concelho de Mértola e correspondem, no primeiro caso, a uma antela com câmara de planta oval, sem corredor, com sete esteios de xisto *in situ*. A mamoia ainda se conserva e possui um anel pétreo, enquanto que no segundo caso estamos perante uma anta que só tem dois esteios em xisto (Lopes *et al.*, 1997). O Monte dos Muros (CNS 21691)¹⁴, classificado como anta na mesma freguesia, não apresenta qualquer vestígio no sítio indicado em bibliografia, podendo tratar-se de um caso de erro de localização a necessitar de confirmação futura. Ainda na União de Freguesias de Salvador e Santa Maria, existe a referência a uma anta designada por Pedra Longa ou Nossa Senhora da Guadalupe (CNS 6272), de que apenas se menciona a presença de dois esteios (Vasconcellos, 1900) e que agora corresponde a um sítio totalmente urbanizado (Lopes *et al.*, 1997).

Um dos monumentos megalíticos mais significativos do concelho de Serpa é a anta do Monte da Velha 2 (CNS 195), em Vila Verde de Ficalho, juntamente com o *tholos* do Monte da Velha 1, fruto das intervenções arqueológicas de que foram alvo.

O Monte da Velha 2 foi escavado no final dos anos 70 do século passado e apresenta uma planta poligonal, com 1,6 metros de diâmetro, constituída por esteios de xisto, e um corredor curto, com 1,4 metros de comprimento, não diferenciado em altura. Possui um *cairn* com um círculo interior de lajes em cutelo e outros arcos de círculo exteriores, com o objetivo de conferir solidez à estrutura. No fundo da câmara detetou-se um piso formado por três grandes lajes

¹⁴ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=241178> [consultado a 27.12.2023 às 18h11]

de xisto dispostas horizontalmente, enquanto que no corredor o piso era constituído por pequenos blocos e lajes de xisto com terra avermelhada. Entre o espólio exumado destacam-se diversas lâminas de sílex, uma placa de grés decorada por uma leve incisão e pontilhado, duas placas de xisto decoradas, percutores, um vaso cilíndrico, um vaso com pegas mamilares, um vaso hemisférico e vários fragmentos cerâmicos. Foram ainda identificados restos osteológicos correspondentes a 5 indivíduos. Apontou-se uma cronologia entre 4000 a 3500 a.n.e. para a sua construção e primeira fase de inumação e 3500 a 3000 a.n.e. para uma segunda fase de utilização (Soares e Arnaud, 1984).

Em relação às *tholoi*, conhecem-se dois monumentos no concelho de Serpa, Centirã 2, na freguesia de Brinches e o já mencionado Monte da Velha 1.

Centirã 2 (CNS 28756), foi identificado em 2006 no decurso do acompanhamento arqueológico do Parque Fotovoltaico HÉRCULES e escavado em 2007 e 2011. A *tholos* é constituída por câmara, corredor curto e átrio. Foram registados alguns enterramentos primários, além de cinco ossários e/ou reduções. Entre o espólio recolhido regista-se a presença de vasos campaniformes lisos, braçais de arqueiro, um botão em osso com perfuração em V e uma ponta tipo Palmela que apontam para uma utilização do Calcolítico final, que as datações pelo radiocarbono permitiram precisar. Posteriormente, o corredor da *tholos* terá sido utilizado, no último quartel do II milénio a.n.e., para dois enterramentos secundários (Henriques *et al.*, 2013a, 2013b).

A *tholos* de Monte da Velha 1 (CNS 12176) foi escavada em 1975 e em 1999/2000, com esta última fase integrada numa ação de valorização do monumento em conjunto com a anta de Monte da Velha 2. Apresenta câmara circular, com 3 metros de diâmetro, e corredor longo. Entre o espólio recolhido evidencia-se a presença de várias peças cerâmicas como uma taça carenada, um copo, um grande vaso esférico e outros vasos de menor dimensão, bem como diversos fragmentos cerâmicos. Havia ainda um conjunto funerário que acompanhava um enterramento secundário, constituído por duas taças hemisféricas e um vaso campaniforme. A coleção lítica é composta por várias lâminas de sílex, uma lâmina calcária, um machado e uma enxada em anfíbólito e um fragmento de placa de xisto decorada. Em termos cronológicos foi atribuída a fase de construção à transição do IV para o III milénio a.n.e., enquanto que o enterramento secundário se situa no denominado Horizonte Ferradeira, tendo sido obtida uma datação que o coloca no 3º quartel do III milénio a.n.e. (Soares, 2008).

Entre os possíveis monumentos funerários há que referir ainda a mamoa de Araújo (CNS 12995), na União de Freguesias de Vila Nova de São Bento e Vale de Vargo (Lopes *et al.*, 1997). É constituída por blocos de xisto e quartzito, para além de vários blocos de quartzo que formam um possível anel pétreo e tem 16 metros de diâmetro. Ao centro observa-se uma depressão e várias lajes de xisto tombadas, tendo-se identificado um fragmento de dormente de mó.

Em relação ao Megalitismo não funerário, conhecem-se em Serpa dois menires, Aldeia de Testudos e Monte de Cortes. Aldeia dos Testudos (CNS 13316), na União de Freguesias de Salvador e Santa Maria, é um menir em granito, que se encontra tombado no local e fraturado. Tem 5 metros de comprimento por 80 cm de diâmetro máximo e exhibe 3 “cavinhas” na área central (Lopes *et al.*, 1997). O Monte de Cortes (CNS 31244), localiza-se em Brinches e foi intervencionado em 2009 no âmbito de trabalhos de minimização. Trata-se de um menir profusamente decorado com “cavinhas”, que se encontrava integrado num pequeno recinto definido por um fosso circular com 21 metros de diâmetro, que ao centro possuía três fossas e o menir. Um outro menir encontrava-se tombado nas proximidades (Valera *et al.*, 2014). O menir decorado integra a exposição permanente do Museu Municipal de Arqueologia de Serpa. No sítio Cortes 2, localizado a 300 metros a Este do recinto, foram intervencionadas diversas fossas e identificado um grande fragmento de outro menir (Valera *et al.*, 2014).

Em Serpa existem algumas referências a outros monumentos de difícil confirmação como Lagarinho 2 (CNS 13334), na União de Freguesias de Salvador e Santa Maria, onde se refere a presença de cinco lajes de granito que formavam uma câmara (Lopes *et al.*, 1997), mas que atualmente se encontra totalmente destruído. Outro sítio é o Monte Catalão (CNS 13070), conhecido por informações pessoais de Fragoso de Lima e também referido como monumento megalítico, apesar de não ser possível confirmar a sua existência, pois já teria sido destruído aquando da visita dos Leisner (Lopes *et al.*, 1997; Leisner e Leisner, 1959, p. 245).

4. QUE FUTURO?

A dispersão dos monumentos megalíticos por concelho, demonstra que existe uma maior frequência de sítios na Vidigueira e Moura, sendo que mesmo Serpa e Cuba apresentam números de mais do dobro dos registados em Alvito (**Figura 7**). De momento, não nos é possível perceber adequadamente até que ponto a desigual distribuição dos monumentos está relacionada com o estado da investigação nas diferentes áreas ou, inclusive, como outras variáveis influenciam estes valores (e.g., destruição, geologia, área total). Contudo, este tipo de análise, apesar de um pouco fora do âmbito inicial do presente artigo merece aprofundamento futuro a uma escala regional.

Relativamente ao tipo de sítios, tratam-se essencialmente de antas (n=59) e menires (n=12), com alguns a serem identificados apenas como mamoa (n=7) devido à falta de informação. As *tholoi* (n=2) e cistas megalíticas (n=1) são residuais. Preliminarmente, verifica-se a prevalência de sítios junto aos maiores cursos de água ou em áreas de maior altimetria.

A ausência de informações detalhadas, sobretudo no que corresponde a materiais arqueológicos, mas também a falta de datações absolutas, limita a caracterização do Megalitismo nestes concelhos. Quanto ao megalitismo funerário, apenas Monte da Velha 1, Monte da Velha 2, Centirã 2, Anta do Zambujal e São Sebastião foram objecto de escavação arqueológica, o último sem uma publicação dos resultados.

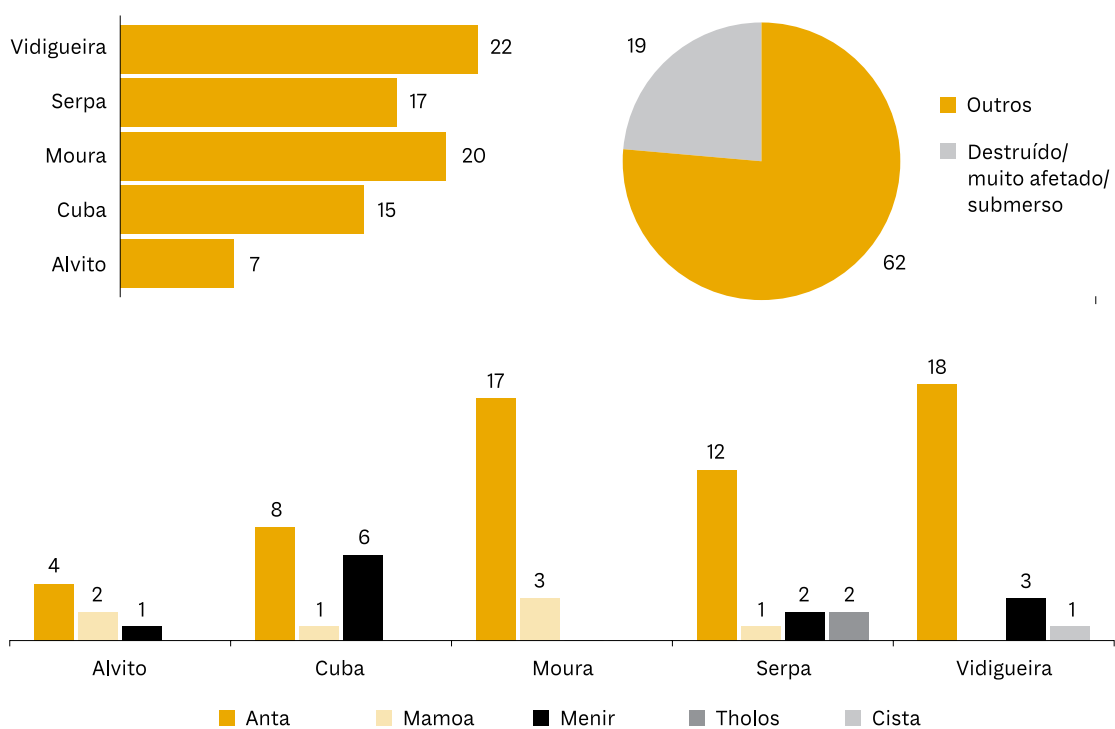


Figura 7 – Número de sítios incluídos no estudo por concelho, relação entre sítios destruídos/muito afectados/submersos com os restantes e quantidade de sítios por tipologia e concelho.

Relativamente ao estado actual, um número infra valorizado, contudo, ainda assim indicativo, é o dos sítios destruídos, muito afectados ou submersos, que atinge c. 24% da amostra. Pelo menos 14 antas e um menir são considerados destruídos, três antas muito afectadas e uma anta submersa. Nestes valores não estão contabilizados os seis menires deslocados, vários elementos não relocados, i.e., um menir e 16 antas, ou outras consideradas como tendo uma informação insuficiente – seis antas, quatro mamoa, um menir. Os sítios que não estão contabilizados, mesmo assim, correspondem maioritariamente a elementos cuja preservação carece de caracterização actualizada e/ou mais aprofundada, sendo comuns os sítios com apenas alguns ortostatos preservados *in situ*.

Face a este panorama que, obviamente, se repete em outras áreas do país, com as suas diferenças e vicissitudes específicas, resta questionar sobre qual o futuro para o Megalitismo nestes concelhos. Na realidade, como se tem vindo a observar, existe uma escassez de informação sobre estes sítios e que tem vindo a ser atenuada gradualmente pelo processo de diagnóstico e caracterização em curso. Somos da opinião que este processo deverá ser concluído, mesmo que não apresente o aprofundamento desejável para uma análise mais detalhada. É, ainda assim, condição imprescindível para permitir aferir acções futuras no que concerne à preservação e valorização destes monumentos. Como é óbvio, as questões legais e regimes sancionatórios, associados às questões de destruição e afetação patrimonial, precisam de uma adequação, não cabendo aqui a discussão destes aspectos. Quanto a outras possibilidades, em nossa opinião, as acções futuras nesta região deveriam focar-se na:

- Realização de acções de sensibilização junto das comunidades locais e proprietários. O desconhecimento e falta de informação acerca deste Património é ainda hoje comum, com óbvias consequências para a sua preservação;
- Preparação de projectos de investigação para fazer face às lacunas existentes. Uma importante parte dos sítios conhecidos está escassamente caracterizado, sendo que vários casos carecem de trabalhos arqueológicos com vista a caracterizar o tipo de sítios e averiguar da preservação de contextos e materiais;
- Monitorização dos sítios como forma de contribuir para evitar destruições. Apesar das óbvias dificuldades relacionadas com a falta de recursos humanos, é necessário que sejam realizadas visitas aos distintos sítios com intervalos de tempo que não sejam demasiado alargados, sobretudo quando as áreas onde estes se encontram estiverem a ser alvo de trabalhos agrícolas de maior envergadura;
- Valorização de monumentos que tenham melhores condições. Alguns dos sítios mencionados apresentam uma preservação aceitável para se proceder a iniciativas de conservação, restauro e valorização.

AGRADECIMENTOS

Para este artigo, foram utilizados dados dos levantamentos no âmbito do processo de classificação do Megalitismo Alentejano¹⁵ facultados pela tutela. Os autores gostariam de agradecer aos seguintes colegas e instituições pela ajuda e disponibilização de informação, inclusive, inédita: Samuel Melro (DRCALEN), José Gonçalo Valente (Câmara Municipal de Moura), André Pereira e Hugo Morais. Os autores gostariam de agradecer aos dois revisores que, através dos seus comentários e sugestões, ajudaram a melhorar o artigo.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, M. A. (2009) – Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo): definição e caracterização do fenómeno de “megalitização” da paisagem na área austral do Norte alentejano. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FLUL.

ANDRADE, M. A.; MATALOTO, R.; PEREIRA, A. (2018) – Territórios de fronteira: o Megalitismo nas abas da Serra d'Ossa (Estremoz-Redondo, Alentejo, Portugal). In SENNA-MARTÍNEZ, J.C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A.F., eds. – De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, pp. 353-392.

ANDRADE, M.; MATALOTO, R.; PEREIRA, A. (2022) – Small is Beautiful: Early megalithism and the first funerary architectures in south-central Portugal (southwestern Iberia). In LAPORTE, L.; LARGE, J.-M.; NESPOULOUS, L.; SCARRE, C.; STEIMER-HERBET, T., eds. – Megaliths of the World, Volume 1. Oxford: Archaeopress, pp. 1313-1328.

ALMEIDA, N. J.; BARREIRA, J.; COSTA, L.; REIS, J.; SERRA, M. (2022) – Anta do Zambujal (Selmes, Vidigueira). Trabalhos em curso e contributos para a história do monumento. *Al Madan Online*, 25, tomo 2, pp. 119-120.

¹⁵ Anúncio 39/2022, DR, 2ª série, n.º 40, de 25 de Fevereiro e Anúncio 17/2023, DR, 2ª série, n.º 31, de 13 de Fevereiro.

- ALMEIDA, N. J.; OOSTERBEEK, L.; SCARRE, C.; FERREIRA, C.; BELO, J.; COSTA, L., (2018) – Dawn of the dead: funerary behaviour in the Middle Tagus Neolithic. In SENNA-MARTÍNEZ, J.C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A.F., eds. – De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, pp. 233-245.
- BOAVENTURA, R. (2011) – Chronology of megalithism in south-central Portugal. In WHEAT- LEY, D.W.; SCARRE, C.; GARCÍA SANJUÁN, L., eds. – Exploring Time and Matter in Prehistoric Monuments: Absolute Chronology and Rare Rocks in European Megaliths. Menga: Revista de Prehistoria de Andalucía 1, pp. 159-190.
- BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R. (2013) – Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal. Revista Portuguesa de Arqueologia. 16, pp. 81-101.
- BORGES, E. (1981) – O Concelho de Cuba. Subsídios para o seu inventário artístico. Cuba: Câmara Municipal de Cuba.
- CAETANO, J. (1994) – Vidigueira e o seu concelho. Vidigueira: CMV (2ª edição).
- CALADO, M. (2004) – Menires do Alentejo Central. Génese e evolução da paisagem megalítica regional. Tese de Doutoramento. Lisboa: FLUL.
- CERRILLO CUENCA, E.; BUENO-RAMÍREZ, P. (2019) – Counting with the invisible record? The role of LiDAR in the interpretation of megalithic landscapes in south-western Iberia (Extremadura, Alentejo and Beira Baixa). Archaeological Prospection. 26, pp. 251-264.
- CORTES, D.; CALADO, M. (2018) – Menir da Tapada da Morena, um novo monumento megalítico no concelho da Vidigueira. Antrope 8. pp. 7-15.
- CORREIA, S. (1996) – Calcolítico do Sul de Portugal – Estudo de um caso: o concelho de Cuba. Dissertação de Mestrado. Porto: FLUL.
- COSTA, M.; PALHETE, H. (2016a) – Carta Arqueológica do Concelho de Vidigueira. Freguesia de Pedrógão do Alentejo. Vidigueira: CMV.
- COSTA, M.; PALHETE, H. (2016b) – Carta Arqueológica do Concelho de Vidigueira. Freguesia de Selmes. Vidigueira: CMV.
- COSTA, M.; PALHETE, H. (2016c) – Carta Arqueológica do Concelho de Vidigueira. Freguesia de Vila de Frades. Vidigueira: CMV.
- FIALHO, L.; PONTE, T. (2011) – Introdução à Carta Arqueológica de Cuba. Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 147-154.
- GONÇALVES, V. S. (1992) – Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- HENRIQUES, F.; SOARES, A.; ANTÓNIO, T.; CURATE, F.; VALÉRIO, P.; ROSA, S. (2013a) – O Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa) – construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologias. Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Villafranca de los Barros: AVB, pp. 319-355.
- HENRIQUES, F.; ANTÓNIO, T.; ROSA, S.; CURATE, F.; SOARES, A. (2013b) – Escavação arqueológica do Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa). Estudos de Arqueologia e Património Cultural. 1, pp. 1-31.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1956) – Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: der Westen. Madrider Forschungen. Berlin: Walter Gruyter & Co., Bd. 1.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: der Westen. Madrider Forschungen. Berlin: Walter Gruyter & Co., Bd. 1:2.
- LIMA, J. (1944) – Antas da Bacia do Guadiana. Dolmenes da Corte Serrão. Arquivo de Beja. 1, 3, pp. 246-249.
- LIMA, J. (1951) – Aspetos da romanização no território português da Bética. O Arqueólogo Português. Nova série, 1, pp. 171-211.
- LIMA, J. (1981) – Elementos históricos e arqueológicos do Concelho de Moura. Moura: CMM.
- LIMA, J. (1988) – Monografia arqueológica do concelho de Moura. Moura: CMM.
- LIMA, R.; PEREIRA, G. (2021) – Relatório Final de Acompanhamento Arqueológico do projeto de obra Circuito Hidráulico de Viana do Alentejo e respetivo Bloco de Rega (Viana do Alentejo). NEXO - Património Cultural.
- LOPES, M.; CARVALHO, P.; GOMES, S. (1997) – Arqueologia do Concelho de Serpa. Serpa: CMS.
- MANIQUE, L. (1945) – Antas do Alentejo. Arquivo de Beja. 2, 34, pp. 215-217.
- MANTAS, V. (1986) – Implantação rural romana em torno da villa de S. Cucufate (Vidigueira). Arquivo de Beja. III, 2ª série, pp. 199-214.
- MOITA, I. (1965) – A carta arqueológica da margem esquerda do Guadiana e o Museu de Serpa (projecto). Lucerna. 4, pp. 140-152.

- OLIVEIRA, J. (1995) – Monumentos megalíticos da Bacia hidrográfica do Sever (Marvão, Castelo de Vide, Nisa, Valência de Alcântara, Herrera de Alcântara e Cedillo). Tese de Doutoramento. Évora: UÉ.
- ROCHA, L. (2005) – As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno. Tese de doutoramento. Lisboa: FLUL.
- SARDICA, J.; PARREIRA, R. (1980) – Relatório dos trabalhos de escavação efectuados em Julho de 1979 na Anta do Zambujal (concelho da Vidigueira, distrito de Beja). Relatório. Lisboa: DGPC.
- SCARRE, C.; OOSTERBEEK, L. (2010) – The megalithic tombs of the middle Tagus basin and agro-pastoral origins in Western Iberia. In ARMBRUESTER, T.; HEGEWISCH, M., eds. – On Pre- and Earlier History of Iberia and Central Europe. Studien Zur Archäologie Europas 11. Verlag: Bonn, pp. 97-110.
- SILVA, A. (1999) – Salvamento arqueológico no Guadiana. Memórias d'Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva, 1. Beja: EDIA.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (2000) – Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas. In GONÇALVES, V., ed. – Muitas Antas, Pouca Gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa: IPA, pp. 117-134.
- SOARES, A. (2008) – O monumento megalítico Monte da Velha 1 (Vila Verde de Ficalho, Serpa). Revista Portuguesa de Arqueologia. 11.1, pp. 33-51.
- SOARES, A.; ARNAUD, J. (1984) – Escavações do sepulcro megalítico MV 2 (V. V. de Ficalho, Serpa). Arquivo de Beja. 2ª série, 1, pp. 67-82.
- SOUSA, A. C. (2016) – Megalitismo e Metalurgia. Os Tholoi do Centro e Sul de Portugal. In SOUSA, A.C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. – Água e Terra, Colher Sementes, Invocar a Deusa. Estudos & memórias 9. Lisboa: UNIARQ, pp. 209-242.
- VALERA, A. C. (2010) – Gestão da Morte no 3º milénio a.C. no Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): um primeiro contributo para a sua espacialidade. Apontamentos de Arqueologia e Património. 5, pp. 57-62.
- VALERA, A. C., ed. (2013) – Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja). Lisboa: NIA.
- VALERA, A. C.; GODINHO, R.; CLAVO, E.; BERREQUERO, F. J. M.; FILIPE, V.; SANTOS, H. (2014) – Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa). 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O plano de rega (2002-2010), Memórias d'Odiana, 2ª Série. 14. Edia/DRCALEN, pp. 55-73.
- VALERA, A.; NUNES, T., eds. (2020) – Vale de Barrancos 1. A necrópole de hipogeus do Neolítico (Mombeja, Beja). Lisboa: NIA/Éra Arqueologia.
- VALERA, A. C.; SANTOS, H.; FIGUEIREDO, M.; GRANJA, R. (2013) – Contextos funerários na Periferia do Porto Torrão: Cardim 6 e Carrascal 2. 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O plano de rega (2002-2010), Memórias d'Odiana, 2ª Série. 14. Edia/DRCALEN, pp. 83-95.
- VALÉRIO, A. (1993) – Alvito: o Espaço e os Homens (1251-1640). Subsídios para a história de uma vila alentejana. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FLUL.
- VASCONCELLOS, J. (1900) – Da Lusitânia à Bética. O Arqueólogo Português. 1ª série, 5, pp. 224-249.
- VASCONCELLOS, J. (1917) – Coisas Velhas. O Arqueólogo Português. 1ª série, 22, pp. 107-169.
- VASCONCELLOS, J. (1918) – Pelo Sul de Portugal (Baixo Alentejo e Algarve). O Arqueólogo Português. 1ª série, 23, pp. 104-138.
- VASCONCELLOS, J. (1927) – De terra em terra: excursões arqueológico-etnográficas através de Portugal (Norte, Centro e Sul). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- VIANA, A. (1946) – Pelo Baixo Alentejo. Notas históricas, arqueológicas e etnográficas. Arquivo de Beja. 3, 12, pp. 336.
- VILHENA, J.; INÁCIO, N. (2019) – Sondagens arqueológicas na Anta do Zambujal (CNS 5267). Dezembro 2018 – Fevereiro 2019. Relatório. Lisboa: DGPC.

MULHERES E MEGÁLITOS – O FEMININO NAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS DO 4^o E 3^o MILÉNIOS AC, NO OCIDENTE PENINSULAR

Mariana Diniz

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

m.diniz@letras.ulisboa.pt

Resumo: O presente trabalho, redigido em memória de João Carlos Senna-Martinez, tem como principal objectivo discutir o papel das mulheres nas sociedades neolíticas e calcolíticas, partindo dos contextos funerários megalíticos. Para além das metodologias tradicionais de diagnose sexual baseadas na morfologia e osteometria dos restos humanos, nos últimos anos, novas ferramentas de análise do ADN antigo e dos péptidos do esmalte dentário permitiram uma superior eficácia na determinação do sexo dos indivíduos vindo a confirmar cenários já antes avançados da preponderância numérica das mulheres nestes contextos funerários e revelando também que algumas personagens de excepção, antes pensadas, homens são, afinal, do sexo feminino.

Discutir o significado destes números e o lugar que as mulheres ocupam na pirâmide social, indo para além da possibilidade oitocentista da existência de um Matriarcado como fase primitiva da Humanidade, é o que se pretende neste texto.

Palavras Chave: Megalitismo; Mulheres; Matriarcado; Península Ibérica; 4^o e 3^o milénios AC.

Abstract: The present work, written in memory of João Carlos Senna-Martinez, aims to discuss the role of women in Neolithic and Chalcolithic societies, based on megalithic funerary contexts. In addition to traditional methods of sex diagnosis based on the morphology and osteometry of human remains, in recent years, new tools such as ancient DNA analysis and dental enamel peptide examination have allowed for greater accuracy in determining the sex of individuals. These tools have confirmed previously suggested scenarios of a numerical predominance of women in these funerary contexts and have also revealed that some exceptional figures, previously thought to be men, are actually female.

This text aims to explore the significance of these numbers and the place women occupy in the social hierarchy, going beyond the 19th-century idea of the existence of a Matriarchy as a primitive phase of humanity.

Key words: Megalithism; Women; Matriarchy; Iberian Peninsula; 4th and 3rd millennia BC.

“The absence of decisive archaeological evidence for a matriarchy, which would support this socio-evolutionary idea, led most scholars to dismiss this approach completely. Considering the empirical findings presented in this paper, themes such as matriarchal political systems and the role of female leaders in early political organisations deserve further discussion.”

Cintas-Peña et al., 2023

1. INTRODUÇÃO

O texto que agora se apresenta foi construído para integrar as Actas do Encontro De Gibraltar aos Pirenéus – Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular In Memoriam João Carlos de Senna-Martinez – Arqueologia, Património e Turismo, realizado na Fundação da Lapa do Lobo, Nelas, nos dias 26 e 27 de Janeiro de 2024.

Versando sobre a temática central desta reunião – o Megalitismo – este texto discute um tópico com o qual tomei contacto pela primeira vez nas aulas da cadeira de Pré-história, parte integrante do currículo do primeiro ano da licenciatura em História variante Arqueologia, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no ano longínquo de 1986, primeiro desta variante na FLUL, lecionadas por João Carlos Senna-Martinez, então designado por Professor Martinez.

Entre uma massa imensa de bibliografia, sob a forma de monografias e artigos de revista integrados em minuciosos Cadernos de Textos de Apoio, mas também artigos avulsos saídos já depois das colectâneas organizadas, com que erámos de imediato confrontados e que, creio, quase todos líamos na íntegra estava a obra (então muito recente) da antropóloga Ellen Fisher – de que ainda guardo as fotocópias... – *La Stratégie du Sexe*, onde o papel (ainda que inconsciente como no caso da supressão do cio), das fêmeas, nos alvares do processo de hominização, era definido, pelas consequências sociais que acarretava, enquanto estratégico (**Figura 1**). Claro apreciador do sexo feminino, o Professor Martinez abria-nos assim, nas suas aulas, as portas para um tema – o do papel das mulheres na organização social dos poderes – que naquela década, passada a agitação dos anos 60 e 70, caía em desuso, para muitos parte de um debate a evitar porque mais ideológico do que científico, revista-se de contornos quase panfletários de que a Universidade então fugia.

Agora, depois de múltiplas vagas do movimento feminista, que ocorreram desde os anos 80 do passado século, e recorrendo aos resultados obtidos pelos novos métodos de diagnose sexual de esqueletos humanos – ADN antigo e análise de proteínas do esmalte dentário – parece outra vez pertinente discutir o papel das mulheres nas sociedades neolíticas e calcolíticas, papel lido a partir dos seus restos funerários, dos ambientes em que foram depositadas e das reconstruções que a partir do registo arqueológico foram feitas sobre o feminino nas sociedades do 4º e 3º milénios AC.

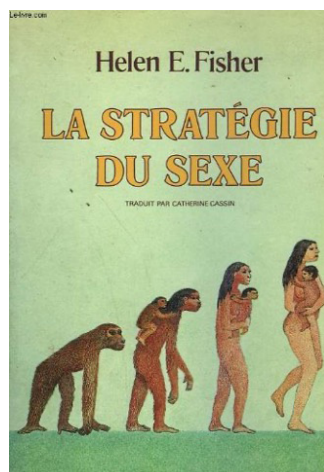


Figura 1 – *La Stratégie du sexe: l'évolution du comportement humain* – Ellen Fisher, 1983.

2. FEMININO E MASCULINO, SOBRE UMA PRÉ-HISTÓRIA BINÁRIA, NUM OCIDENTE PÓS-BINÁRIO?

Como sobre outras temáticas, o debate sobre o lugar dos sexos e dos géneros, e das complexas questões biológicas e culturais que o rodeiam, é no discurso sobre a Pré-história um reflexo do contexto social em que estes são discutidos e em que são produzidas as narrativas que o abordam.

Como ciência nascida da grande renovação/revolução científica das primeiras décadas do século XIX, levada a cabo por homens herdeiros da racionalidade das Luzes e depois adeptos do Positivismo, a Pré-história, então descrita ou imaginada, distingue o papel de homens e de mulheres atribuindo-lhes funções que misturam, de forma nem sempre crítica, observações etnográficas – os homens caçam e guerreiam – com relatos da vida urbana e burguesa do século – as mulheres, em casa, cuidam dos filhos (ainda que das mesmas observações etnográficas devesse ter sido óbvio que, em sociedades tradicionais, as crianças desde a mais tenra idade cuidam, em pequenos bandos, de si próprias, sem supervisão parental...). Mas a lista de funções desempenhadas por mulheres excede em muito a dos cuidados do lar... como se torna claro da detalhada descrição feita por John Lubbock (1865), sobre as diferentes tarefas que em diferentes geografias cabem às mulheres. Entre os esquimós: “The women are the cooks, they prepare the skins, and make the clothes. They also repair the houses, tents, and boats, the men doing only carpenter’s work. (p. 408), e noutras geografias “Wild rice (...) It was gathered by the women, and formed one of their principal articles of food. They went into the rice-fields in canoes, and bending the stalks in handful over the sides of the canoe, beat out the grain with paddles”. (p. 423), demonstrando-se, desta resenha muito breve, que as tarefas das mulheres não só são diversificadas, como ocorrem em ambientes para além da esfera da casa e possuem em simultâneo efectivo significado económico.

Da observação etnográfica, de que a obra de Lubbock é uma síntese detalhada, deduz-se também que qualquer que seja a geografia, as descrições mencionam sempre como coisas distintas as tarefas atribuídas a cada sexo. Aquilo que viajantes, missionários, naturalistas e outros tenham observado para lá deste binómio “tarefas de homens/tarefas de mulheres” – e se o entenderam – não é registado e o mundo parece organizado em dois sexos biológicos que dão origem a dois géneros culturais.

Esta visão marcadamente binária, que hoje alguns discutem, marcará também as grandes narrativas do século XX. Na segunda metade desse século, alguns dos sistemas explicativos construídos no Ocidente para justificar o registo arqueológico do Passado pré-histórico assentam na dicotomia masculino/feminino, oposição que se considera fundamental para organizar o sistema social.

Em 1964, na sua obra “Les Religions de la Préhistoire”, o etnólogo/arqueólogo André Leroi-Gourhan, descreve a estrutura religiosa das sociedades do Paleolítico Superior europeu como organizada a partir de uma oposição/complementaridade fundamental do par masculino/feminino – representado a partir de diferentes espécies de animais e de um conjunto de símbolos – freudianamente interpretados – como falos, todos os alongados, como vulvas todos os de tendência circular/ovalada. O cavalo e o signo α^1 – masculino, o auroque/bisonte e os signos β – femininos materializam um sistema binário “chave da simbólica paleolítica” (Leroi-Gourhan sd, p. 101).

Algumas décadas mais tarde, em 1990, Ian Hodder constrói também, para explicar a Neolitização da Europa central, uma outra grande síntese que, tal como a proposta de Leroi-Gourhan se redige a partir dos pressupostos do Estruturalismo. Na obra *The Domestication of Europe*, o processo de ocupação do território pelas primeiras comunidades agro-pastoris faz-se pelo confronto de dois princípios fundamentais – Domus – o mundo da casa, do doméstico, dos limites do espaço antropizado e dos novos elementos do Neolítico – princípio feminino e o Agrios – o mundo da floresta, do selvagem, da morte e das práticas funerárias – princípio masculino (**Figura 2**).

¹ A própria atribuição do signo alfa ao princípio masculino e beta ao princípio masculino é também revelador do lugar que ocupa cada género.

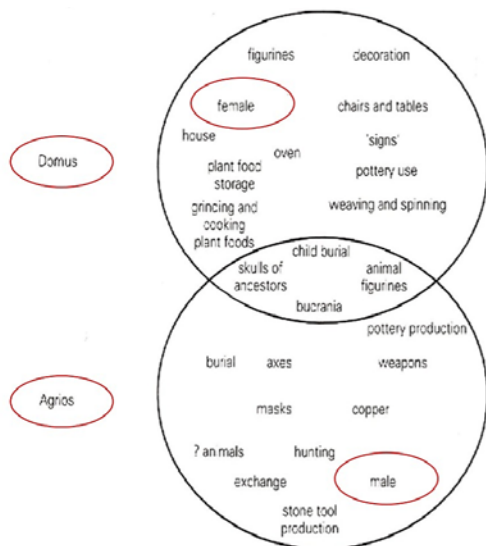


Figura 2 – Definição de *Domus* e *Agrios*, segundo o modelo de Hodder (1990, p. 69).

No entanto, para os jovens investigadores que escrevem na última década sobre as paisagens sociais antigas esta dualidade já não parece suficiente para abarcar a diversidade de posicionamentos de género que os indivíduos do Passado, como os do Presente, podem ter assumido (e.g. Pape e Ialongo, 2023). Com elevada probabilidade propostas interpretativas como a de Leroi-Gourhan ou de Ian Hodder hoje não seriam concebidas, e as novas terminologias usadas para descrever as diferentes identidades no primeiro quartel do século XXI, migram para os discursos sobre o Passado. Hoje, admite-se inclusivamente para o que seriam alguns baluartes de masculinidade (eventualmente tóxica), como os príncipes e os arqueiros campaniformes, a sua integração em estruturas sociais complexas e não-binárias (Soriano et al., 2021).

Que a interpretação dos dados não é simples, e que a reconstrução dos sistemas sociais do Passado sem escrita é uma tarefa particularmente complexa parece óbvio. No tópico das relações de poder entre sexos, como para outras questões, o problema emerge, e coloca-se, com pertinência acrescida, a questão como sair “da frente do espelho”? como reconstruir uma Pré-história que vá para além da imagem do Ocidente de meados do século XX, como surge na proposta binária de Leroi-Gourhan, como reconstruir uma Pré-história que não reflecta a agenda de Género, das primeiras décadas do século XXI?

3. A QUESTÃO DO MATRIARCADO, NO SÉCULO XIX

Numa Pré-história acabada de descobrir, e onde o Homem é, como para Boucher de Perthes, um ser raro entre comunidades de animais que dominam a Terra, a questão da guerra dos sexos, ou o debate sobre que papel ocupa na sociedade cada sexo não se coloca. O Homem, substantivo colectivo que abarca toda a humanidade, em luta com a Natureza é o agente da História, sem outros considerandos (1847, p. 55).

Será J. J. Bachofen uma personagem central para a temática. Descrevendo na obra *Das Mutterrecht* (1861), uma Antiguidade longínqua, que não recua para além da Proto-história, mas cujos modelos sociais assentam em organizações arcaicas, em fórmulas perdidas no tempo, concebe a ideia de Matriarcado, uma etapa universal na História da Humanidade, (como todos os estádios previstos nas grandes narrativas de matriz evolucionistas do século XIX, de A. Comte (1830), a C. Darwin (1859), de J. Lubbock (1865), a L. Morgan (1877), K. Marx e F. Engels (1902), em que a linhagem materna – a única segura – garante às mulheres um estatuto social único, conectando-as com a esfera do divino que controlam: “He [Bachofen] designates this exclusive recognition of descent from the female line and the hereditary relations resulting there from in course of time as “maternal law”. (...) At this cultural stage, women remain preeminent in religion because agriculture ensues from Mother Earth.” (Engels, 1902, p. 50).

A ideia de Matriarcado e da existência de um tempo antigo em que a posição das mulheres seria outra é defendida por outros autores decisivos para a reconstrução dos cenários sociais da Pré-história, como se constata nas palavras de Lewis Morgan: “Elsewhere I have referred to the unfavorable influence upon the position of women which was produced by a change of descent from the female line to the male ancient society.” (1877, p. 260).

A passagem de sociedades de tipo matriarcal – de que as divindades femininas constituíam o mais claro vestígio – para sociedades de tipo patriarcal parece assim um facto histórico e as causas da mudança serão eminentemente materiais. Esta etapa primitiva de domínio feminino faz-se corresponder a uma sociedade sem classes e sem posses, como escreve Gordon Childe: “(...) and which societies still enjoyed the complete primitive communism of matriarchy.” (1951, p. 28). Serão por isso os novos meios de produção que alteram de forma irreversível o panorama: “With two oxen and a plow a man can cultivate in a day a far larger area than can a woman with a hoe. The plot gives place to the field, and agriculture (from Latin user, “a field”) really begins. And all that means larger crops, more food, and expanding population. (And incidentally men replace women as principals in cultivation.). (1951, p. 182).

Mas será mesmo a própria ideia de um Matriarcado inicial – e não apenas discutir quando e porque se deu a transferência de poderes do feminino para o masculino – que passa a ser discutida: “Of course, ethnographers now reject the supposed universal priority of matrilineal over patrilineal kinship, and furthermore deny that the former coincides with such a preponderance of female influence in public or domestic affairs as could be labelled matriarchy. But even if the sequence were what was generally believed when Engels wrote, it is not easily applicable to archaeological data. Indications as to kinship systems or the social position of either sex are singularly rare in the archaeological record and often ambiguous at that.” (Childe 1951, p. 58).

E porque é difícil, a partir dos vestígios arqueológicos constatar de forma inequívoca o papel dos sexos nas sociedades do Passado, e porque a pouca cientificidade da matéria afasta a investigação arqueológica dominante deste tópico, a ideia do Matriarcado, ou de um mundo perdido dominado por mulheres vai resvalando para as periferias científicas e escorregando mesmo, na cultura popular, para o campo das fantasias sexuais (**Figura 3**).

O tema do Matriarcado ficará nas agendas de alguns arqueólogos, ou mais exactamente arqueólogas, personagens complexas, como Marija Gimbutas que a partir do universo simbólico das sociedades neolíticas e calcolíticas da Velha Europa propõe para estas etapas primitivas um domínio das mulheres refletido no papel da Deusa e das suas propriedades (**Figura 4**). Mas Marija Gimbutas, como outras autoras, apesar da carreira académica e do imenso mediatismo, permanecerão à margem, figuras excêntricas, cujo discurso embala os dados arqueológicos numa retórica improvável e indemonstrável (Navickaitė, 2023).

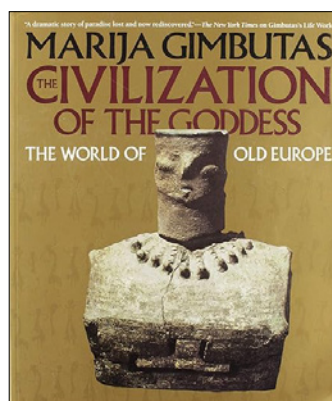
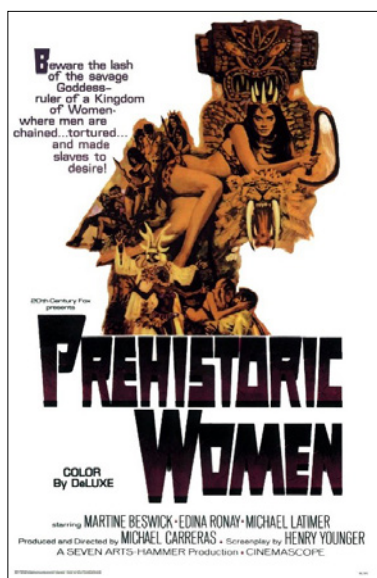


Figura 3 (à esquerda) – *Prehistoric Women* – 20th Century Fox, 1967.

Figura 4 (em cima) – *The Civilization of the Goddess*, Marija Gimbutas, 1991.

Em simultâneo, vozes dominantes reconstróem uma Pré-história (recente), na qual o poder dos homens parece central: “*I pointed out that for so great an investment of labor it is necessary to think of some central organizing authority and that it is possible to list a number of relevant features of chiefdom societies as ethnologists recognize them. Fundamental among these features, of course, is the existence of a ranked society (with a chief at its head) (...)*” (Renfrew, 1983, p. 157) e, para todos, estes chefes são homens – os tais Big Man que os etnógrafos ainda puderam observar em acção, ainda que as (menos célebres, mas também existentes) Big Women possam desempenhar o mesmo papel (Lepowsky, 1990).

Como etapa (pré)histórica, o Matriarcado esvazia-se de sentido e algumas autoridades do conhecimento ocidental rejeitam-no em absoluto. Segundo a entrada da Wikipedia: *Matriarchy is a social system in which positions of dominance and authority are primarily held by women. In a broader sense it can also extend to moral authority, social privilege, and control of property. While those definitions apply in general English, definitions specific to anthropology and feminism differ in some respects. (...) Most anthropologists hold that there are no known societies that are unambiguously matriarchal.* E em nota de rodapé, o veredicto da Enciclopédia Britânica: “*Encyclopædia Britannica describes this view as “consensus”, listing matriarchy as a hypothetical social system: Encyclopædia Britannica (2007)*”, (in <https://en.wikipedia.org/wiki/Matriarchy>).

O Matriarcado está assim, nos finais do século XX, remetido para o campo dos discursos alternativos, como o do Eco-feminismo, para o campo das utopias retro-activas desconectado da História e da sua reconstrução científica.

4. A PARTIR DE RESTOS HUMANOS: MÉTODOS DE DIAGNOSE SEXUAL – POTENCIALIDADES E LIMITES

4.1. Material osteológico

Discutir o lugar dos sexos na teia das sociedades pré-históricas como referiu Childe é tarefa quase impossível dada a difícil recuperação de informação dessa natureza: “*Indications as to kinship systems or the social position of either sex are singularly rare in the archaeological record and often ambiguous at that*” (1951). A aproximação à questão do género, na Pré-história pode fazer-se recorrendo às escassas representações gráficas e coroplásticas onde o sexo das personagens é tornado evidente, preenchendo-se os vazios de informação, tal como para recriar os dinossaúros na saga dos finais do século XX, com os dados recentes da Antropologia cultural, mas será fundamentalmente a partir das análises feitos aos restos humanos pela Antropologia física que se determina o sexo dos indivíduos recuperados em escavação.

De entre os restos ósseos três elementos, em esqueletos de indivíduos já púberes, são fundamentais para esta diagnose: crânios/mandíbula, fémures e pélvis. Apresentando acentuado dimorfismo sexual, ao nível da robustez, dimensão e morfologia, esta última no caso particular no caso dos ossos da bacia, a identificação é feita a partir de uma combinatória de elementos qualitativos e quantitativos muitas vezes difíceis de aplicar a conjuntos ósseos muito quebrados e incompletos como são maioritariamente os recuperados em contextos da Pré-história recente, em particular nos ambientes megalíticos, marcados por uma acentuada fragmentação dos restos humanos (Evangelista, 2019).

Outras peças esqueléticas de menor dimensão, do esqueleto pós-craniano como o calcâneo e talus (Silva, 1995), o carpo e metacarpo ou outros (Teixeira, 2021), funcionam como elementos de diagnose sexual hoje fundamentais e para os quais se estima uma taxa de identificação positiva entre os 60%-80%. Esta metodologia de análise desenvolvida por A.M. Silva pode explicar o diferente ratio homens:mulheres que esta investigadora e a sua equipa tem registado no Ocidente peninsular, face aos números obtidos no Centro/Norte da Península, onde o predomínio de homens no interior de monumentos megalíticos tem sido registado. Algumas hipóteses colocadas como a da diferente preservação dos esqueletos das mulheres, mais frágeis após a menopausa ou com o efeito de masculinização que sofrem com a idade os crânios femininos (Fernandez-Crespo e de-la-Rúa, 2015), podem justificar, para estas geografias, o escasso número

de mulheres de idade avançada, mas não explica a sua menor representatividade em grupos menos idosos.

Mas os limites da diagnose sexual dos restos humanos prendem-se também com o estado em que estes se conservam. No interior de monumentos megalíticos onde a norma foi o uso colectivo, prolongado e com alterações pós-deposicionais muito significativas, com causas naturais e antrópicas, responsáveis por desarticulações, fracturas, re-organização, remoção de partes e lixiviação de restos humanos, o grupo dos restos indeterminados é, por norma, o grupo dominante (Cintas-Peña e Herrero-Coral, 2020), tornando frágeis as leituras em torno das modalidades de organização social, a partir dos resultados da diagnose sexual dos (por vezes, raros) indivíduos identificados.

4.2. As análises de ADN antigo.

Nas últimas décadas do século XX, a determinação molecular do sexo, tornada possível depois da extracção bem-sucedida de ácido desoxirribonucleico (ADN) de ossos antigos, acrescentou aos trabalhos de diagnose sexual, dos indivíduos pré-históricos, uma ferramenta de notável precisão. Independentemente do estado de fragmentação dos ossos e das partes que sobrevivem no registo, a partir do ADN ainda conservado é possível a diagnose sexual, permitindo mesmo que sobre peças esqueléticas não utilizadas no diagnóstico antropológico, a partir de restos humanos que se enquadram na zona de sobreposição morfológica entre mulheres e homens, ou a partir de indivíduos infantis – ainda sem dimorfismo sexual evidente – seja possível identificar geneticamente a presença de cromossoma x ou y (Stone et al., 1996).

Reconhecido desde a fase de arranque como o método mais fiável de diagnose sexual, mas muito lento e excessivamente dispendioso para se tornar recorrente, os estudos de ADN não só classificaram restos até então indeterminados como, em alguns casos por vezes muito mediáticos, corrigem a classificação feita a partir das análises morfológicas dos ossos, como o de Birka, o guerreiro afinal guerreira (Skoglund et al., 2013; Hagelberg et al., 2015), instalando a dúvida sobre as anteriores diagnose sexuais.

O já referido binómio custo-tempo, a necessidade de amostras de qualidade e de equipas especializadas no processo de extracção do ADN antigo explica que apesar do imenso potencial desta ferramenta os casos de estudos sejam – apesar de cada vez mais frequentes – ainda escassos e o número de indivíduos cujo sexo foi geneticamente estimado relativamente ao número de indivíduos recuperados em contextos megalíticos ser ainda diminuto.

4.3. As análises de péptidos do esmalte dentário

Nos finais da segunda década do século XXI, uma nova metodologia de identificação do sexo dos indivíduos, a partir da análise dos peptidos da proteína *amelogenina* do esmalte dentário, tem gerado uma revolução na bio-antropologia e, em consequência, no debate acerca da estrutura social dos grupos megalíticos. Este processo, económico, célere e eficaz de determinação do sexo do indivíduo a partir dos seus restos dentários (Stewart et al., 2017) – material robusto que tende a sobreviver no registo arqueológico – apresenta um potencial analítico único e tem sido utilizado para determinar o sexo de conjuntos numerosos permitindo assim reconstituir os mecanismos de selecção social daqueles que são depositados no interior de estruturas funerárias megalíticas de distintas tipologias arquitectónicas. 70 anos depois das palavras de Gordon Childe parece ter sido encontrada uma ferramenta segura e rápida de diagnose sexual das populações megalíticas. E, tal como sucedeu com as primeiras análises de ADN, o resultado da análise da *amelogenina re-classificou* algumas personagens de elevado estatuto social, inicialmente classificadas como homens e que se verificam agora ser mulheres, justificando a revisão de alguns cenários traçados para o Passado, adiante discutidos.

Em suma, a diagnose sexual nas populações do Passado é hoje possível a partir de diferentes ferramentas. O cruzamento de metodologias tradicionais e de técnicas recentes abre as portas a novas linhas de debate sobre o papel e o lugar dos sexos na Pré-história recente.

5. O REGISTO ARQUEOLÓGICO: O NÚMERO DE MULHERES EM NECRÓPOLES MEGALÍTICAS

Ainda que nem sempre tentadas por aqueles que trabalham sobre Megalitismo, as reconstruções sociais e o lugar atribuído a homens e mulheres assenta mais que em dados directos – quase sempre muito escassos – em pré-assunções (a tal informação que preenche os vazios) vindas de observações feitas por Antropólogos/Etnógrafos, quase exclusivamente, homens que descrevem sociedades onde, por norma aos seus olhos, o papel da mulher é secundário, subalterno, menor. Ao mesmo tempo, o grande número de indeterminados no interior das necrópoles pré-históricas, a ausência de restos humanos no interior de grande número de monumentos megalíticos, os restos que sendo recuperados não foram estudados e/ou publicados torna a base empírica frágil e por isso afasta muitos deste debate que consideram um não-tema.

Mas a pergunta é colocada por diferentes autores: considerando que não é depositada a totalidade dos indivíduos no interior do espaço megalítico, que critérios de selecção presidem à escolha dos restos mortais? Em múltiplos contextos regista-se a raridade de crianças de tenra idade (Guilaine, 2021; Fernandez-Crespo e de-la-Rúa, 2015), mas a referência a uma *população natural* (e.g. Neves e Silva, 2018), com um ratio H:M de 0.95:1 a 1.02:1 (Granja et al., 2023), é seguramente a expressão mais utilizada para caracterizar os conjuntos recuperados no interior de monumentos megalíticos, onde homens e mulheres, adultos e juvenis estariam presentes (Renfrew, 1983; Silva, 2020) com acesso, paritário?, ao espaço sepulcral.

Para o predomínio de homens detectado em algumas áreas da Península a justificação pareceu óbvia, para além de questões tafonómicas e osteológicas, atrás referida, é o papel e o poder social dos homens que justificaria este critério de selecção: “(...) it is important to consider the possibility that women were preferably placed in other sort of tombs (shelters, caves, pit graves ...), perhaps less monumental than dolmens.” e a menor frequência de mulheres seria, também o espelho do seu menor protagonismo “It is possible that women did not reach social, economic or politic prominent positions as often as males (Cohen and Bennett,1993; Lerner,1986) and therefore were less frequently selected to be buried in dolmens, like other less distinguished men.” (Fernandez-Crespo e de-la-Rúa, 2015).

Os dados do Ocidente peninsular contrariam este cenário, e em diferentes monumentos, como referido, tem vindo a ser constatado um predomínio de mulheres. Em grutas naturais, mas também em hipogeus e em estruturas complexas como no tholos do Paimogo 1, foi registado uma preponderância de mulheres (Silva, 2002, Boaventura, 2009), o que a admitir como correcta a identificação sexual dos restos humanos, significa que existiram para as paisagens megalíticas diferentes critérios de selecção de indivíduos decorrentes de diferentes fórmulas de organização social, com diferentes protagonismos dos dois sexos, nas distintas geografias.

Numa recolha, em curso, de dados hoje disponíveis – os mais significativos sintetizados na **Tabela 1** – para o Megalitismo do Ocidente peninsular parecem possíveis algumas observações que análises futuras poderão corrigir:

- a existência de um pequeno grupo de indivíduos com determinação de sexo, face ao NMI contabilizado, o que torna sempre frágeis as interpretações sociais daí decorrentes (**Figura 5**);
- a paridade, como norma, entre o número de homens e de mulheres, quando o número de indivíduos depositados no espaço funerário é reduzido;
- uma efectiva discrepância, a favor das mulheres, quando o número de indivíduos identificados é “grande”. Com excepção dos valores obtidos para a Gruta da Casa da Moura, no tholos de Pai Mogo 1, 35 ♂, 69 ♀, no hipogeu de Monte Canelas 1, 15 ♂, 38 ♀, ou na Gruta do Escoural 12 ♂, 23 ♀, parecem confirmar esta tendência cujo significado social importa discutir;
- o predomínio de mulheres em grutas naturais e artificiais, mas também em tholoi, desconectando o seu domínio de arquitecturas menores, como foi avançado, por alguns autores.

Tabela 1 – Determinação do sexo* dos restos humanos, em monumentos megalíticos do Ocidente peninsular.

Grutas Naturais	♂	♀	NMI – adultos	Referência
Casa da Moura (Cesareda)	105	68	640 *restos de adultos	Telles-Antunes et al., 2009
Lapa da Bugalheira (Torres Novas)	2	3	24	Gomes, 2022
Gruta Pedra Furada (V.Franca Xira)	4	3	24	Silva et al, 2014
Poço Velho (Cascais)	30	30	93	Antunes- Ferreira,2003
Lapa do Bugio (Sesimbra)	6	1	15 (conjunto em estudo)	Marques e Silva, 2009
Lapa da Furada (Sesimbra)	32	34	66 adultos	Marques e Silva, 2009
Escoural (Montemor-o-Novo)			67	Granja et al., 2023
	12	23	36 – análise de péptidos	
Cova da Moura (Torres Vedras)	13	26	75	Silva, 2002
Antas	♂	♀	NMI – adultos	Referência
Dólmen de Ansião (Ansião)	3	3	23	Silva, 2002
Anta 3 de Santa Margarida (Reg.de Monsaraz)	-	1?	13	Gonçalves, 2003m
Hipogeus	♂	♀	NMI – adultos	Referência
Hipogeu das Lapas (Torres Novas)	2	2	6	Vagueiro, 2016
Hipogeu da Quinta do Carmo (Torres Novas)	5	5	11	Carvalho et al.,2018
Gruta de S. Paulo 2 (Almada)	28	34	131	Silva, 2002 Silva, 2018
Hipogeu 1 Vale de Barrancas 1 (Beja)	2	2	6	Fernandes, 2013
Hipogeu 2 Vale de Barrancas 1 (Beja)	1	-	5	Fernandes, 2013
Hipogeu 3 Vale de Barrancas 1 (Beja)	2	2	7	Fernandes, 2013
Hipogeu 8 Vale de Barrancas 1 (Beja)	2	0	6	Fernandes, 2013
Monte do Carrascal 1 (Ferreira do Alentejo)	3	21	49	Neves, 2019
Monte Canelas 1 (Portimão)	15	38	65	Neves, 2019
Tholoi	♂	♀	NMI – adultos	Referência
Pai Mogo I (Lourinhã)	46	69	290	Silva, 2002
Samarra (Sintra)	14	23	55	Silva et al., 2006
Cabeço da Arruda (Torres Vedras)	11	22	54	Silva, 2002
Monumento Praia das Maças (Sintra)	3	7	38 (conjunto em estudo)	Silva, 2007
Perdigões 1	4	5	103	Evangelista, 2019
Perdigões 2	6	5	18	Garcia, 2018
Perdigões 4	2	2	4	Evangelista e Godinho, 2020
	3	3	6	
Olival da Pega 2b	2	4	9 (conjunto em estudo)	Silva et al, 2008
Horta João Moura 2	0	2	2	Evangelista, 2019
Horta João Moura 1	19	20	-	Corga e Ferreira, 2011 in Corga, 2022

*A partir de análises osteológicas. Outras técnicas de identificação estão referenciadas.

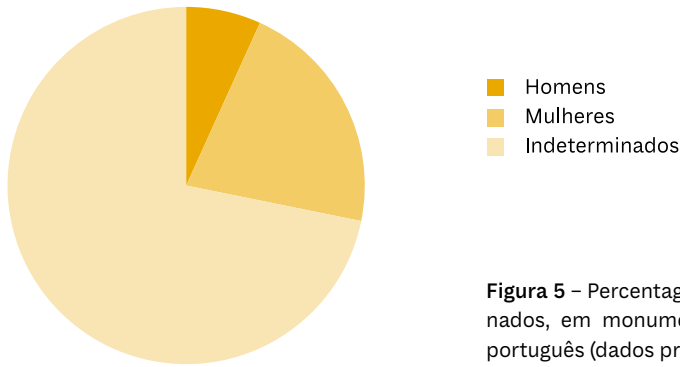


Figura 5 – Percentagem de homens, mulheres e indeterminados, em monumentos megalíticos do actual território português (dados provenientes da Tabela 1).

Para a ampliação desta tabela, os resultados obtidos por análises de ADN serão fundamentais. Ainda que pouco frequentes, estes apontam também para um peso efectivo das mulheres nas necrópoles megalíticas, ao mesmo tempo que permitirão corrigir anteriores classificações. Se forem confirmadas as informações avançadas para Monte Canelas I (Neves, 2019), os resultados do ADN antigo apenas em 2 casos de 6 confirmaram o sexo dos indivíduos estimado a partir de critérios osteológicos, levantando dúvidas sobre as anteriores classificações.

Mas serão as análises de peptídeos que maiores contributos darão para esta questão. Tornadas frequentes nos últimos anos, as análises proteómicas estão na base de algumas das mais inesperadas? reconstituições de critérios de selectividade cultural dos indivíduos depositados nos espaços megalíticos. O caso da Gruta do Escoural e da sua necrópole neolítica é decisivo. Os resultados das análises conduzidas por R. Granja (et al., 2023), revelaram um uso do espaço funerário onde a preferência de género, em favor das mulheres é absoluta. Na gruta do Escoural, o ratio de 0.5:1, M:F torna óbvia a existência de um critério de selecção ainda que as causas desta discrepância que ultrapassa o desequilíbrio de uma população natural têm sido discutidas sem que pareça clara a razão deste comportamento selectivo. O argumento *qualitativo* – maior número de mulheres em sepulturas *de baixo valor acrescentado* como são as grutas naturais – não parece suficiente atendendo aos dados provenientes de outros contextos como os da necrópole dolménica de Panoria (Granada), onde a partir de análises osteológicas, genéticas e proteómicas veio a revelar-se um domínio significativo do número de mulheres nas diferentes fases de uso deste lugar funerário (Díaz-Zorita Bonilla et al., 2024).

Passar dos números aos cenários explicativos não é, no entanto, uma tarefa simples e neste tópico os preconceitos sobre o lugar dos sexos explicam, em parte, a natureza das razões avançadas para os casos em que predominam mulheres nos ambientes funerários.

Se o maior número de homens em monumentos megalíticos de tipo dolménico se admitiu ser um reflexo do seu protagonismo social, o número maior de mulheres foi nalguns casos lido como sinal de uma sociedade poligâmica, onde também na morte um só homem pode rodear-se de um grande número de mulheres. Mas como refere A.M.Silva, não se avança, para explicar o maior número de homens em alguns monumentos, com a possibilidade de estas terem sido sociedades poliândricas: “But this possibility does not seem very realistic in the Spanish context, where predominance is very high and shifts towards males, suggesting a kind of polyandrous union that has been barely documented in the ethnographic and historical literature” (Silva, 2003, p. 58-59).

Não querendo enveredar pelos caminhos da grande “Escola do Ressentimento” como lhe chamou Harold Bloom (1997), parece enviesada a explicação: quando mais numerosos, os homens, estes são dominantes, quando mais numerosas as mulheres, estas são acompanhantes.

Mas os dados (re)-abrem a questão, na gruta do Escoural, nos dólmens de Panoria, ou no hipogeu de Monte Canelas ou no tholos de Pai Mogo, a partir de diferentes metodologias de diagnose do sexo dos restos humanos, os resultados têm vindo a apontar para um maior número de mulheres em monumentos megalíticos que deve ser discutido.

Identificar critérios de selecção de entrada nos espaços megalíticos, identificar a variabilidade geográfica – e cronológica dos mesmos, reconstituir os laços familiares e o tipo de relações

que se estabeleceram entre os aí depositados são alguns elementos a ter presentes no debate futuro ao qual as novas metodologias de análise garantem outro patamar de informação.

6. O LUGAR DAS MULHERES, NA PIRÂMIDE SOCIAL

“There are scarcely any nations, whether barbarous or civilised, in which the relations of the two sexes are quite satisfactory. Savages, almost without exception, treat their women as slaves, and civilised nations too often avoid this error only to fall into others.”

J. Lubbock 1865, p. 388

O papel das mulheres deve, nas sociedades da Pré-história recente, ter sofrido com a Revolução Neolítica uma alteração profunda, num processo de um crescente protagonismo social, económico, religioso, e demográfico que parece em marcha em algumas áreas do Próximo Oriente, logo nos primeiros milénios do Holoceno, antes de um volte-face de cronologia instável, mas que se deve concretizar ao longo da Proto-história, quando se instalam, em definitivo ?, as sociedades de tipo patriarcal.

Este crescente protagonismo muitas vezes associado ao novo papel dos recursos vegetais – de recolectora a agricultora – e a uma nova estratégia demográfica que marca os grupos neolíticos (Bocquet-Appel, 2008), para os quais a reprodução e o crescimento do grupo, assegurados por múltiplos nascimentos, constituem elementos chave das dinâmicas sociais geradoras de um forte expansionismo territorial – na base da neolitização do continente europeu - reflecte-se numa *nova religião*, na qual as personagens e os corpos femininos assumem um papel decisivo (Cauvin, 1997).

O lugar na pirâmide social destas figuras não é muito claro. Se figuras como a senhora sentada com as mãos sobre a cabeça de leopardos de Çatal Höyük (**Figura 6**), transmite uma imagem de poder que se capta de imediato, no sítio, no mundo funerário, a remoção de crânios e a sua transformação em relíquias de antepassados, acontece quer em esqueletos femininos quer masculinos, e o mesmo tratamento – posição do corpo, tipo de espólio, é realizado sobre corpos de homens e de mulheres reflectindo uma igualdade de tratamento que também se verifica na dieta, na patologias e desgaste ósseos, sinais de um mundo paritário (Hodder, 2005) .

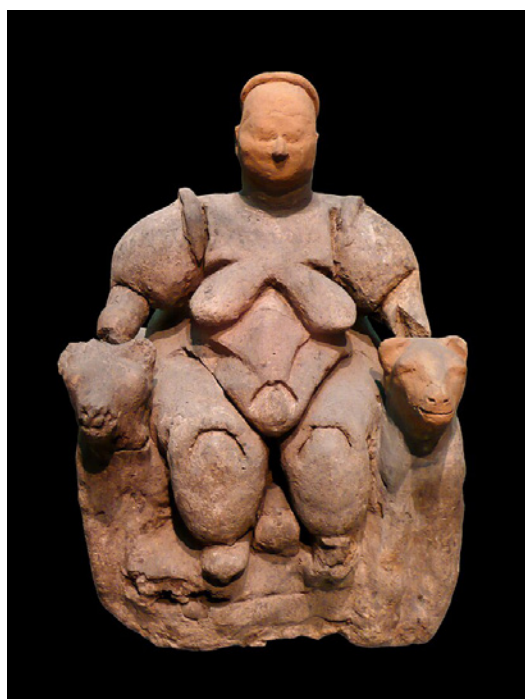


Figura 6 – *Senhora Sentada* de Çatal Höyük (Museu das Civilizações Anatólicas, Ancara) https://en.wikipedia.org/wiki/Museum_of_Anatolian_Civilizations.

As diferentes tradições nas paisagens funerárias da Europa pré-megalítica – enterramento primário e individual em fossa entre os grupos LBK (Oros e Marton, 2012), uso pontual (?) de cavidades naturais muitas vezes com deposição simples dos corpos sobre o solo da gruta com grande perturbação dos contextos originais parecem revelar em ambos os casos números paritários de homens e mulheres, ainda que em algumas fossas LBK só os homens surjam acompanhados com espólio.

Alguns casos excepcionais permitem diferentes interpretações e a única mulher encontrada entre treze homens no túmulo longo, que ultrapassa os 300 m, de Fleury-sur-Orne na Normandia, acompanhada de pontas de seta (Rivollat et al., 2022) pode ter, como mulher, atingido um estatuto de excepção e não apenas como avatar de homem merecer este destaque funerário, ao contrário da hipótese avançada: *c'est que de son vivant, bien que de sexe féminin, cette femme a eu à endosser un rôle masculin pour des raisons que nous ne connaissons sans doute jamais (...)*, “*Cette femme enterrée avec un objet symboliquement masculin, suggère que l'incarnation du sexe masculin dans la mort était nécessaire pour accéder à l'inhumation dans ces structures gigantesques.*” (Thomas, 2022).

São, como decorre da citação anterior, as mulheres simulacros, em tom menor, de homens? Ou detêm também as mulheres, Poder, em nome próprio? A informação sobre estas personagens nas sociedades neolíticas e calcolíticas da Península Ibérica não é, ainda, abundante, mas alguns testemunhos devem ser considerados e numa paisagem dominada por espaços de enterramento colectivos e onde a paridade parece dominante alguns tratamentos de excepção parecem ter mulheres como destinatárias.

Nas primeiras etapas da neolitização da Interior peninsular, a anciã de La Lámpara (Ambrona), (Rojo et al., 2008; Blanco-Gonzalez, 2015), objecto de um enterramento individual em fossa, e de um cuidado ritual de deposição de diferentes categorias de material, entre os quais cerâmica intencionalmente fracturada, tornam esta mulher, sem dentes e de alvéolos cerrados, uma figura de destaque no grupo cuja centralidade se quis sublinhar na reconstituição do cenário do seu enterramento (Rojo et al., 2008, p. 84).

Mas os enterramentos individuais não são a norma e mais raros ainda são aqueles que contêm elementos de distinção efectivos. No Sudoeste peninsular, já nos finais do 4º milénio AC, na necrópole de Castelo Belinho (Silves), (Gomes, 2008), o indivíduo adulto que recebe o conjunto único de 11 braceletes de *Glycymeris glycymeris* em cada antebraço não tem determinação de sexo, questão que permanecerá em aberto dada também a má preservação do ADN antigo, nestes restos humanos (Robinson, 2018).

Sobre lugares na pirâmide social, alguns dados recentes permitem rever cenários anteriormente avançados. O mais mediático de todos os casos será o da deposição, funerária, individual e primária, identificada em Valencina de la Concepción (Espanha), na estrutura 10.049 (García SanJuan et al., 2019). Se a arquitectura do monumento de tipo tholos com corredor curto não distingue este monumento de muitos outros do Sul peninsular, a sua “anexação” a uma das maiores construções de Valencina, bem como a deposição singular no seu interior foge já à norma de uso destas estruturas, onde as deposições colectivas, nalguns casos ultrapassando as centenas de indivíduos, constituem o padrão de gestão destes espaços funerários. Mas é o espólio, colocado em dois níveis de deposição separados por lajes de xisto, que acompanha esta personagem inicialmente descrita como “(...) a young male aged between 17 and 25 years (...)” (Robles Carrasco e Díaz-Zorita Bonilla, 2013, p. 377) que torna esta uma sepultura sem paralelo conhecido no espaço peninsular.

O dente de elefante, as lâminas de sílex, o punhal de sílex com cabeça de punho em âmbar, os objectos em marfim, os pratos de bordos almendrado, o cinábrio que o cobre e bem como o conjunto irrepetível, recuperado no depósito superior, mais tardio, e onde a presa de elefante decorada, o punhal de quartzo hialino e a sua bainha em marfim, o ovo de avestruz, e as lâminas de sílex se destacam, ilustram a proeminência social desta personagem, mesmo que nas áreas domésticas não se identifiquem espaços de elites (García SanJuan et al., 2018, p. 294-295), como se parecem testemunhar na morte. Deve ainda destacar-se que deste espólio, nas suas duas fases de deposição não fazem parte “objectos da simbólica”, mas são pelo contrário utensílios

“marcadamente masculinos”, punhais, grandes lâminas de sílex e ponta de seta, que acompanham esta figura.

Em 2021, as análises de péptidos viriam a revelar que o “Senhor” era afinal uma “Senhora do Marfim”, impondo-se uma reavaliação, magistralmente conduzida por M. Cintas-Peña (et al., 2023), do papel das mulheres, de algumas mulheres, nas sociedades ibéricas do 3º milénio AC.

Num universo de deposições colectivas, e de espaços funerários de uso intenso onde se perdem as conexões entre espólios funerários e inumações específicas é uma mulher que foi objecto de um tratamento único, num momento em que estarão em fase de arranque processos de crescente hierarquização/desigualdade social que se esperavam fundamentalmente conectados com a emergência de figuras masculinas, não tanto porque as sociedades primitivas deviam ser matriarcais e sem classes, mas porque nos modelos económicos defendidos por arqueólogos como G. Childe (1951) ou A. Sherratt (1982) a introdução da agricultura de arado catapultou os homens para os lugares cimeiros da pirâmide social, lugares que ocupam nas sociedades de chefaturas ou nos regimes de Big Man, descritos pela Antropologia.

Mas esta mulher depositada na estrutura 10.049, parece desafiar os modelos propostos. Quem é esta personagem? Uma relíquia social? Um testemunho quase último de um poder feminino que está já em pré-colapso ou, pelo contrário, é um sinal de que, no Grande Sudoeste da Península Ibérica, ao longo do 3º milénio AC, as mulheres gozam de um protagonismo social efectivo, não só porque são mais numerosas nos espaços funerários, mas também porque ocupam/dividem o topo da pirâmide social, num cenário que parece prolongar-se pela Idade do Bronze, a avaliar pelo enterramento duplo escavado em La Almoloya (Murcia) (Lull et al., 2021). E que este protagonismo social efectivo vai para além da esfera do simbólico ou do mágico-religioso é o que esta mulher da estrutura 10.049 demonstra. Não é filha, porque não existem em Valencina, estatutos hereditários, não é consorte, porque nenhum esqueleto de homem foi encontrado nesta sepultura, não é mãe porque nenhum filho a acompanha, nenhum elemento remete para uma maternidade óbvia. Podendo ter tido todos estes estatutos – o de filha necessariamente – a sua solidão no espaço funerário parece aludir a um poder, sem paralelo, que esta personagem adquire e possui, sendo mulher.

Parece assim distinguir-se daquelas outras, igualmente figuras de excepção, depositadas no interior do tholos de Montelirio (Valencina de la Concepción) (Flores et al, 2016), para as quais a classificação como “sacerdotisas” – dos templos funerários? – parece por toda a parafernália que as envolve a descrição mais adequada. Assim em Valencina, na primeira metade do 3º milénio AC, a partir do registo arqueológico até agora exumado, as mais significativas personagens, pela riqueza que transportam, pelo domínio da esfera do sagrado, são mulheres. Até à data nenhum enterramento masculino se pode assemelhar a estes.

Mas sobre este poder feminino, a solo ou em parceria, dão também testemunho outros espólios funerários de excepção. Em ambientes funerários de sólida tradição masculina, como o das necrópoles campaniformes da Meseta, marcadas pela presença de fossas de deposição individual, a presença de sepulturas femininas como a do hipogeu da área funerária 2 de Camino de las Yeseras revela a presença de mulheres de destaque. Nesta estrutura negativa, a deposição individual de uma mulher, sexo confirmado por análises de ADN, é acompanhada por um diadema de ouro, composto por mais de vinte contas tubulares de ouro – o que o torna “(...) el tocado áureo campaniforme más importante del ámbito peninsular.” (Blasco e Liesau, 2019, p. 268), por contas de marfim, e botões com perfuração em V, cerâmica simbólica onde figuram veados, com e sem hastes, e polvilhada com cinábrio (Blasco e Liesau, 2019).

Mas também no grande sítio de Humanejos (Madrid), como alguns homens, algumas mulheres destacam-se na morte (Garrido-Pena et al., 2019). Neste sítio, como em outros contextos do 3º milénio na Meseta ibérica, as arquitecturas funerárias não são monumentais e fossas e hipogeus constituem as tipologias fundamentais dos espaços da morte. Será por isso no interior destas cavidades artificiais, onde os homens representam cerca de 47% dos restos identificados, contra 25% de mulheres, e 28% de indeterminados, no campo dos espólios funerários que se podem identificar as *desigualdades sociais* e em Humanejos para além de algumas sepulturas masculinas de excepção – entre as quais merece destaque a sepultura 5 – na sepultura 4, estão os

restos de uma mulher, de sexo confirmado por análises de ADN, mais uma vez a solo, e cujo espólio, nesta *Terra de Príncipes* e de guerreiros, a destaca no quadro social. Na segunda metade do 3º milénio AC, os adornos em ouro e marfim, a complexidade do traje e do penteado, do qual parecem fazer contas de ouro, mas também a presença de um punhal de lingueta de cobre, a cobertura de cinábrio e o conjunto vasto de recipientes campaniformes que poderão alguns fazer já parte da cerimónia de encerramento da sepultura recuperados na câmara funerária desta mulher, colocam-na, mesmo que a título de personagem única, ao lado dos homens recuperados em outras sepulturas excepcionais de Humanejos, como a sepultura 1 ou a, já referida, sepultura 5 (Garrido-Pena et al., 2019).

Mais uma vez, nesta sepultura e como acontece com a *Senhora do Marfim* de Valencina de la Concepción não há no espólio que acompanha esta figura nada de inequivocamente simbólico e o seu poder tal como o dos homens que se destacam em Humanejos não parece derivar do controlo das esferas do sagrado. Em Humanejos, a desigualdade social na morte e na vida é inquestionável e o acesso diferenciado a bens de prestígio demonstra-se nos diferentes espólios provenientes das mais de 30 estruturas funerárias já escavadas, com cronologias calcolíticas. Personagens como a mulher da Sepultura 4 demonstram que nesta etapa de verticalização social, algumas mulheres, ascendem também ao topo da pirâmide.

Em outros lugares mais a Ocidente, como nas paisagens dolménicas do Alentejo central, onde o ritual de enterramento colectivo torna menos claros os protagonistas individuais, no último terço do 3º milénio AC, a mais modesta “Cesteira Marta”, depositada na última utilização da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz), configura uma situação excepcional (Gonçalves, 2003). Uma mulher de idade avançada (Silva, p. 414 in Gonçalves, 2003), com patologias ósseas e dentárias compatíveis com uma vida de intenso trabalho como cesteira é depositada, sem posterior perturbação do cenário funerário, sobre um cão jovem que tem junto às patas um pequeno vaso. Dos três fragmentos de quartzito branco que a acompanham, um foi colocado na sua boca (Gonçalves, 2003, p. 207). Aqui não é o espólio, modesto, que distingue esta mulher, mas o ritual funerário de que foi objecto. Numa paisagem social e simbólica fortemente marcada pelo enterramento colectivo e pela não preservação da integridade do corpo cujos restos esqueléticos dispersos, fragmentados, parcialmente incinerados no interior das câmaras funerárias de antas, hipogeus e tholoi, dissolvem o indivíduo no grupo, uma das raras figuras para as quais é possível reconstruir os gestos e os objectos que a acompanharam é uma figura de mulher. Não tem armas, nem qualquer instrumento de cobre, não tem sequer objectos de adorno, ou elementos da simbólica que caracterizam as paisagens megalíticas da região de Reguengos de Monsaraz, ainda assim esta mulher – um anti-herói – pela idade, pelo estado de desgaste ósseo, pela “pobreza” do espólio que a acompanha foi escolhida como objecto de uma performance funerária exclusiva.

Também nos últimos dois séculos do 3º milénio AC, e num contexto que já não se inscreve no Megalitismo clássico, como é o do sítio da Bela Vista 5 (Beja), (Valera, 2014), uma mulher, de idade madura é objecto de um tratamento de excepção. O espólio que a acompanha, de que faz parte uma ponta tipo Palmela, elemento próprio do equipamento do guerreiro campaniforme, o processo longo de manipulação de que o seu corpo foi objecto e o lugar onde este foi depositado, único enterramento, no lugar central de um pequeno recinto de fossos, distingue esta personagem feminina (Cunha et al., 2018). O atributo do poder masculino que possui – a ponta de Palmela, a arquitectura complexa e ritualizada que rodeia o seu corpo apontam na mesma direcção de outras sepulturas de excepção, a da centralidade e do protagonismo de figuras femininas nestas etapas da Pré-história recente.

7. O LUGAR DAS MULHERES NAS PAISAGENS MEGALÍTICAS DO 4º E 3º MILÉNIOS DO OCIDENTE PENINSULAR – CONTRIBUTOS PARA UM DEBATE

Discutir hoje, com as actuais ferramentas de diagnose sexual, o lugar que mulheres e homens ocuparam na pirâmide social da Pré-história recente e como se transformam, ao longo do tempo, as esferas de poder, não tem que ser um debate sobre utopias retrospectivas, e sobre mundos idealizados pelos pensadores do século XIX/XX, que na senda de J. Ofenbach e F. Engels, concebem

a passagem de sociedades de tipo matriarcal, igualitárias e pacíficas para sociedades patriarcais hierarquizadas e guerreiras como uma das transições fundamentais do final da Pré-história.

Ao longo dos 4º e 3º milénios AC, num momento de mudança decisiva e de substituição das velhas fórmulas económicas e sociais – uma agricultura/horticultura, de enxada, feminina, por uma agricultura extensa, de arado, masculina – as práticas funerárias megalíticas parecem reflectir índices baixos de selectividade sexual. Nestes monumentos, são depositados indivíduos de sexo feminino e masculino, de diferentes idades, parecendo escassas as crianças com poucos anos, reflectindo, no essencial uma população natural, como referem inúmeros autores. Esta aparente paridade de género no acesso aos espaços funerários, no entanto pode ser ilusória uma vez que o número de restos esqueléticos sobre os quais é possível a diagnose sexual é quase sempre muito reduzido e o peso, imenso, dos Indeterminados possa esconder preferências efectivas. Em simultâneo, em alguns sepulcros e em algumas geografias, o domínio de homens tem sido registado, como no Norte da Península Ibérica e nas Ilhas Britânicas, onde para além de maioritários são os homens que também recebem os espólios mais ricos, como acontece no mundo campaniforme (Parker Pearson et al., 2016).

Mas as discrepâncias regionais existem e na fachada ocidental da Península Ibérica regista-se um predomínio de mulheres no interior das diferentes tipologias de monumentos megalíticos. Este cenário traçado, por A.M. Silva desde a década de 90 do passado século, a partir de critérios osteométricos, tem sido nos últimos anos confirmado por análises genómicas e proteómicas sublinhando a natureza histórica deste quadro.

Mas um número maior de mulheres, que terá necessariamente que ser interpretado com a mesma grelha que o predomínio de homens, e que em muitos espaços funerários ultrapassa largamente os desequilíbrios próprios de uma população natural, o que reflecte da organização social desde grupos? Um protagonismo económico, ligado primeiro à agricultura e ao longo de toda a etapa ao facto de serem as mulheres as que geram (no sentido literal), a força de trabalho, fundamental à reprodução e expansão dos sistemas produtores? Um protagonismo simbólico (sempre o mais fácil de admitir), materializado nas representações da “Deusa-mãe” ou de corpos femininos como elementos centrais do universo mágico-religioso? Ou a combinatória destes, e de outras formas de poder, que gera personagens como a Senhora do Marfim, de Valencina de la Concepción? Esta mulher, sozinha no seu espaço sepulcral, num momento em que o enterramento colectivo é a norma, parece pelo seu espólio ligada a uma esfera que não o mágico-religioso. Não parece uma “sacerdotisa” como as mulheres depositados no extraordinário lugar que é o tholos de Montelirio, parece antes uma figura de Poder, como serão as mulheres já da etapa campaniforme enterradas com espólios de excepção no centro da Meseta, demonstrando que no topo da pirâmide social, em fase plena de construção das sociedades hierarquizadas, estão (também?) mulheres.

P.S. E DEPOIS DA PRÉ-HISTÓRIA – A REPRESENTAÇÃO DO PODER, NO FEMININO

A reconstrução dos sistemas sociais do Passado e a apresentação a diferentes públicos do conhecimento sobre eles gerado implica em muitas ocasiões a realização de ilustrações, de personagens, de ambientes e de cenários onde diferentes figuras agem e inter-agem.

A reconstrução gráfica destas figuras e dos espaços (pré-)históricos onde se enquadram possui um papel decisivo nas modalidades, sobretudo inconscientes com que percebemos as sociedades passadas e estas imagens tendem assumir-se como retratos do Passado, ilustrações efectivas do que aconteceu (Diniz, 2006; Solometo e Moss, 2013; Coltofean-Arizancu et al., 2021).

A reconstrução gráfica do poder no feminino entre as sociedades megalíticas parece neste domínio um caso de estudo relevante. Dados recentes atrás discutidos têm revelado a existência de mulheres como figuras de excepção, o caso da Senhora do Marfim, sendo o mais notório, pelo extraordinário espólio que a acompanha e também pelo facto de este esqueleto ter sido inicialmente classificado como sendo uma personagem de excepção, masculina.

Servem por isso de base a esta reflexão duas reconstruções da Senhora do Marfim. A primeira da autoria de Miriam Luciañez Triviño é publicada no artigo da revista *Scientific Reports*,

no qual se apresentam os surpreendentes resultados da análise de péptidos do esmalte dentário desta personagem que assim se vem a revelar ser uma mulher (Cintas-Peña et al., 2023).

Na Figura 5 deste artigo, com a legenda *Recreation drawing of 'The Ivory Lady'*, da autoria de Miriam Luciañez Triviño, representa-se o interior de uma casa de telhado de colmo e lareira central (Figura 7). Um grupo numeroso de homens, mulheres e crianças de diferentes idades rodeia a Senhora do Marfim, a única sentada, numa estrutura tipo banco. Junto à porta, duas presas de elefante marcam a entrada e rodeiam esta mulher, ou estão sobre o seu corpo, os objectos com que foi encontrada na sepultura e os que lhe terão sido oferecidos num segundo momento. O tronco e os braços cobertos de cinábrio. Esta mulher é figura central desta ilustração e é a figura central deste grupo. O tom de sangue do cinábrio que lhe cobre o peito adensa essa diferença face aos restantes que a olham.



Figura 7 – Representação da Senhora do Marfim por Miriam Luciañez Triviño. In Cintas-Peña et al., 2023, Fig. 5.

É uma personagem central, mas desta ilustração não transparece Poder. Apesar da *peinete* em marfim, do punhal na cintura, dos colares que enverga, as costas curvadas, as pernas abertas, a mão apoiada na coxa, o braço que gesticula, toda a sua linguagem corporal transmite familiaridade, proximidade, simpatia – alguém bondoso que conta uma história – e minimiza os seus excepcionais indicadores de riqueza.

Esta mesma Senhora do Marfim foi reconstruída pelo ilustrador Remy (https://x.com/Remy_06) (Figura 8). Na sua recriação da *The Ivory Lady*, Grand Chief of Valencina de la Concepción (Seville, Spain), apresenta uma mulher jovem, rodeada dos artefactos com que foi encontrada, com o corpo pintado de cinábrio e um pequeno saiote. Apoia uma mão no dente de elefante, na outra segura o pequeno recipiente de marfim, mas é a representação de uns seios imensos e nus que marca a personagem, cuja dimensão sexual parece ser o ser mais óbvio atributo de poder.

Com propósitos e públicos distintos, creio que escapa a estas duas ilustrações, a da esfera científica e a da cultura pop, o que possa ter sido o lugar desta mulher e a observação de representações pré-históricas de mulheres pode dar um importante contributo para este processo de reconstrução de imagens.

Se parece obrigatório citar de novo o caso da Mulher Sentada de Çatal Höyük, uma figura feminina obesa, sentada num trono (?), ladeada por duas panteras em cuja cabeça assenta as mãos, numa pose hierática, dada pela verticalidade do tronco e pela posição das pernas tão fechadas quanto seria possível a esta personagem. A mesma gestão do corpo – cerimoniosa, sem movimento, de resguardo e contenção é visível noutras representações de corpos de mulheres da Pré-história recente, como será discutido noutro momento.

Para já parece da observação de testemunhos directos que os códigos visuais de representação de Poder, feminino ou masculino, definem-se numa etapa precoce da Pré-história recente e se no seu quotidiano os gestos familiares da Senhora do Marfim fizeram parte da sua existência, é de admitir que, sobretudo quando adornada, se apresentasse numa pose *hierática*, tradução imediata do seu protagonismo social.

Representar o poder feminino no Passado pré-histórico não é um tópico simples, como decorre deste pequeno exercício, mas este também não é um debate que aqui se encerre porque novos dados trarão, seguramente, matéria para mais sustentadas interpretações.



Figura 8 – *The Ivory Lady*, Grand Chief of Valencina de la Concepción (Seville, Spain). Copper Age – SW Iberia. Seg. Remy @Re_my_06.

AGRADECIMENTOS

A José Ventura, pela realização desta homenagem.
Aos revisores, pelos comentários ao manuscrito.

BIBLIOGRAFIA

- BACHOFEN, J. J. (1861) (tradução 2008) – El Matriarcado. Una investigación sobre la ginecocracia en el mundo antiguo según su naturaleza religiosa e jurídica. Madrid: Akal.
- BLANCO-GONZÁLEZ, A. (2015) – Past fragments: From ceramics to social practices in later prehistoric Iberia. *Journal of Social Archaeology*, 15(3), 342-365. <https://doi.org/10.1177/1469605315591256>.
- BLASCO, C.; LIESAU, C. (2019) – Mundos paralelos: la convivencia de otras prácticas funerarias con los rituales campaniformes. In Germán Delibes y Elisa Guerra (Eds) – Un brindis por el príncipe! El vaso Campaniforme en el interior de la Península Ibérica (2500-2000 a. C). Madrid: Museu Arqueológico Nacional, pp. 249-277.
- BLOOM, H. (1997) – O Cânone Ocidental. Os Livros e a Escola das Idades. Lisboa: Temas e Debates.
- BOAVENTURA, R. (2009) – As antas e o Megalitismo da região de Lisboa. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa.
- BOAVENTURA, R.; FERREIRA, M. T.; SILVA, A. M. (2013) – Perscrutando espólios antigos: a anta de Sobreira 1 (Elvas). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, pp. 63-79.
- BOCQUET-APPEL, J-P. (2008) – The Neolithic Demographic Transition, Population Pressure and Cultural Change. *Comparative Civilizations Review*, 58, pp. 36-49.
- BOUCHER DE PERTHES, J. (1847) – Antiquités celtiques et antédiluviennes: mémoire sur l'industrie primitive et les arts à leur origine. Paris: Treuttel et Wurtz.

- CARVALHO, A. F.; GRANJA, R.; SOUTO, P.; ROMÃO, J.; GODINHO, P. (2018) – O hipogeu campaniforme do Convento do Carmo (Torres Novas): principais resultados dos trabalhos de escavação. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 21, pp. 45-56.
- CAUVIN, J. (1999) – Nascimento das Divindades. Nascimento da Agricultura. Lisboa: Instituto Piaget.
- CHILDE, V. G. (1951) – Social Evolution. Nova Iorque: Schuman.
- CINTAS-PEÑA, M.; HERRERO-CORRAL, A. M. (2020) – Missing prehistoric women? Sex ratio as an indicator for analyzing the population of Iberia from the 8th to the 3rd millennia B.C.. *Archaeol Anthropol Sci* 12, 263. <https://doi.org/10.1007/s12520-020-01215-x>.
- CINTAS-PEÑA, M.; LUCIAÑEZ-TRIVIÑO, M.; MONTERO ARTÚS, R. et al (2023) – Amelogenin peptide analyses reveal female leadership in Copper Age Iberia (c. 2900–2650 BC). *Nature Science Reports* 13, 9594. <https://doi.org/10.1038/s41598-023-36368-x>.
- COLTOFEAN-ARIZANCU, L.; GAYDARSKA, B.; MATIĆ, U. (Eds) (2021) – Gender stereotypes in archaeology. A short reflection in image and text. Sidestone Press. DOI> 10.4312/dp.47.21.
- COMTE, A. (1830) – Cours de Philosophie Positive. Paris: Rouen Frères, Libraires-Éditeurs.
- CUNHA, C.; SILVA, A. M.; TOMÉ, T.; VALERA, A. (2018) – The Hand that Threads the Needle Can also Draw the Arrow: The Case of Bela Vista 5. In M. Gligor e A. Soficaru (Eds.) – Archaeology of Women Mortuary Practices and Bioarchaeological Reconstruction. *Annales Universitatis Apulensis*, 22 – I, pp. 117-130.
- DÍAZ-ZORITA BONILLA, M.; ARANDA JIMÉNEZ, G.; SÁNCHEZ ROMERO, M. et al. (2024) – Female sex bias in Iberian megalithic societies through bioarchaeology, aDNA and proteomics. *Sci Rep*. 23; 14(1): 21818. doi: 10.1038/s41598-024-72148-x.
- DINIZ, M. (2006) – Para a história das mulheres na Pré-história: em torno de alguns atributos do discurso. *Promontoria*. 4, pp. 37-51.
- ELLIOTT, E.; SAUPE, T.; THOMPSON, J.; ROBB, J. E.; SCHEIB, C. L. (2023) – Sex bias in Neolithic megalithic burials. *American Journal of Biological Anthropology*, 180(1), 196–206. <https://doi.org/10.1002/ajpa.24645>.
- ENGELS, F. (1902) – The Origin of the Family, Private Property and the State: in the Light of the Researches of Lewis H. Morgan. Chicago, C. H. Kerr & company.
- EVANGELISTA, L. (2019) – Resting in Peace or in Pieces? Tomb I and Death Management in the 3rd Millennium BC at the Perdigoões Enclosure (Reguengos de Monsaraz, Portugal): Understanding mortuary practices and collective burials in Chalcolithic Portugal. Oxford: BAR – International Series.
- EVANGELISTA, L. S. e GODINHO, R. (2020) – Sepulcro 4 dos Perdigoões: estudo bio-antropológico do sepulcro 4 dos Perdigoões. In A. C. Valera (Ed.), O Sepulcro 4 dos Perdigoões. Um Tholos da Segunda Metade do 3^o Milénio A.C. Lisboa: Era – Arqueologia, pp.
- FERNANDES, P. (2013) – Os Hipogeus de Vale de Barrancas 1 (Berinjel, Beja). Práticas funerárias e análise antropológica dos restos ósseos humanos exumados. Tese de Mestrado. Universidade de Coimbra.
- FERNANDEZ-CRESPO, T.; DE-LA-RÚA, C. (2015) – Demographic evidence of selective burial in megalithic graves of northern Spain. *Journal of Archaeological Science* 53 pp. 604-617. <https://doi.org/10.1016/j.jas.2014.11.015>.
- FISHER, E. (1983) – La Stratégie du Sexe: l'évolution du comportement humain. Paris: Calmann-Lévy.
- FERNÁNDEZ FLORES, A.; GARCÍA SANJUÁN, L.; DÍAZ-ZORITA BONILLA, M. (eds) (2016) – Montelirio. Un gran monumento megalítico de la Edad del Cobre. (Arqueología Monografías). Sevilla: Consejería de Cultura, Junta de Andalucía.
- GARCÍA SANJUÁN, L.; VARGAS JIMÉNEZ, J. M.; CÁCERES PURO, L. M. et al. (2018) – Assembling the Dead, Gathering the Living: Radiocarbon Dating and Bayesian Modelling for Copper Age Valencina de la Concepción (Seville, Spain). *J World Prehist* 31, pp. 179-313. <https://doi.org/10.1007/s10963-018-9114-2>.
- GARCÍA SANJUÁN, L.; CINTAS-PEÑA, M.; DIAZ_GUADARMINO URIBE, M. et al. (2015) – Burial practices and social hierarchisation in Copper Age Iberia: Analysing tomb 10 042 – 10 049 at Valencina de la Concepción (Seville, Spain). In J. Muller, M. Hinz e M. Wunderlich (Eds.) – International Conference Megaliths, Societies, Landscapes. Early Monumentality and Social Differentiation in Neolithic Europe. 3, 3, pp. 1005-1038.
- GARRIDO-PENA, R.; FLORES FERNÁNDEZ, R.; HERRERO-CORRAL, A. M. (2019) – Las Sepulturas Campaniformes de Humanejos (Parla, Madrid). Madrid: Comunidad de Madrid.
- GIMBUTAS, M. (1991) – The Civilization of the Goddess. San Francisco: Harper San Francisco.
- GOMES, M. H. (2022) – População do 4^o/3^o milénio A.C. da Lapa da Bugalheira, Torres Novas. Tese de Mestrado apresentada à Universidade de Coimbra.

- GOMES, M. V. (2008) – Castelo Belinho (Algarve, Portugal) and the first Southwest Iberian Villages. In M. DINIZ – Early Neolithic in Iberian Peninsula. Regional and Transregional Components. Oxford: B.A.R. (BAR International Series; 1857), pp. 71-77.
- GONÇALVES, V. S. (2003) – STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GRANJA, R.; ARAÚJO, A. C.; LUGLI, F. et al. (2023) – Unbalanced sex-ratio in the Neolithic individuals from the Escoural Cave (Montemor-o-Novo, Portugal) revealed by peptide analysis. *Sci Rep* 13, 19902. <https://doi.org/10.1038/s41598-023-47037-4>.
- GUILAINE, J. (2021) – Mégolithes et grottes funéraire, Préhistoires Méditerranéennes. *Open Editions Journal* 2699. <https://doi.org/10.4000/pm.2699>.
- HAGELBERG, E.; HOFREITER, M.; KEYSER, C. (2015) – Introduction. Ancient DNA: the first three decades. *Philos Trans R Soc Lond B Biol Sci.* Jan 19;370(1660):20130371. doi: 10.1098/rstb.2013.0371.
- HODDER, I. (1990) – The Domestication of Europe. Oxford & Cambridge: Basil Blackwell.
- HODDER, I. (2005) – Women and Men at Çatalhöyük. *Scientific American*. <https://www.scientificamerican.com/article/women-and-men-at-atalhyk-2005-01/>.
- LEPOWSKY, M. (1990) – Big Men, Big Women, and Cultural Autonomy. *Ethnology*. 29, 1, pp. 35-50. <https://doi.org/10.2307/3773480>.
- LEROI-GOURHAN, A. (1964) – Les Religions de la Préhistoire. (Paléolithique). Paris: Presses Universitaires de France.
- LUBBOCK, J. (1865) – Pre-historic times, as illustrated by ancient remains, and the manners and customs of modern savages. London: Williams and Norgate.
- LUCIAÑEZ-TRIVIÑO, M.; GARCÍA SANJUÁN, L.; SCHUHMACHER, T. (2022) – Crafting Idiosyncrasies. Early Social Complexity, Ivory and Identity-Making in Copper Age Iberia. *Cambridge Archaeological Journal*. 32, 1, pp. 23-60. doi:10.1017/S0959774321000287.
- LULL, V.; RIHUETE-HERRADA, C.; RISCH, R. et al. (2021) – Emblems and spaces of power during the *Argaric* Bronze Age at La Almoloya, Murcia. *Antiquity*, 95(380), pp. 329-348. doi:10.15184/aqy.2021.8.
- MARQUES, R.; SILVA, A. M. (2009) – Espólio Antropológico do concelho de Sesimbra. In *O Tempo do Risco – Carta Arqueológica de Sesimbra*. Câmara Municipal de Sesimbra. p. 151.
- MATRIARCHY – in <https://en.wikipedia.org/wiki/Matriarchy>. (Consulta Dezembro de 2023).
- MORGAN, L. (1877) – Ancient Society. Researches in the Lines of Human Progress from Savagery, through Barbarism to Civilization. Nova Iorque.
- NAVICKAITĖ, R. (2023) – Marija Gimbutas – Transnational Biography, Feminist Reception, and the Controversy of Goddess Archaeology. Routledge.
- NEVES, M^a J. (2019) – O contributo da Arqueotematologia para a compreensão das práticas funerárias dos 4^o e 3^o milénio a.C. no sul de Portugal: os hipogeus de Monte Canelas I (Portimão, Faro) e Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja). Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/90757>.
- NEVES, M^a J. e SILVA, A. M. (2018) – “Uma análise arqueotematológica em três hipogeus: os contributos dos sítios de Monte Canelas I (Portimão) e do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo) para a compreensão das práticas funerárias nos 4^o e 3^o milénio a.C. no Sul de Portugal.” In J. C. Senna-Martínez, M. Diniz, & A. F. Carvalho (Eds.), *De Gibraltar aos Pirenéus – Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo / UNIARQ – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / CEAACP – Universidade do Algarve, pp. 411-430.
- OROSS, K.; MARTON, T. (2012) – Neolithic burials of the LinearBandKeramik settlement at Balatonszárszó and their European Context. *Acta Archaeologica Academiae Scientiarum Hungaricae* 63, pp. 257-300.
- PAPE, E., IALONGO, N. (2024) – Error or Minority? The Identification of Non-binary Gender in Prehistoric Burials in Central Europe. *Cambridge Archaeological Journal*. 34 (1): 43-63. doi:10.1017/S0959774323000082.
- PARKER PEARSON, M.; CHAMBERLAIN, A.; JAY, M.; RICHARDS, M.; SHERIDAN, A.; CURTIS, N.; EVANS, J. et al. (2016) – “Beaker People in Britain: Migration, Mobility and Diet”. *Antiquity*. 90: 620–637. doi:10.15184/aqy.2016.72.
- REMY (2023) – The Ivory Lady, Grand Chief of Valencina de la Concepción (Seville, Spain). Copper Age – SW Iberia. https://x.com/Re_my_06/status/173561520277776414.
- RENFREW, C. (1983) – The Social Archaeology of Megalithic Monuments. *Scientific American*, 249, 5, pp. 152-163.

- RIVOLLAT, M.; THOMAS, A.; GHESQUIÈRE, E.; ROHRLACH, AB.; SPÄTH, E.; PEMONGE, M. H.; HAAK, W.; CHAMBON, P.; DEGUILLLOUX, M. F. (2022) – Ancient DNA gives new insights into a Norman Neolithic monumental cemetery dedicated to male elites. *Proc Natl Acad Sci* 3; 119 (18): e2120786119. doi: 10.1073/pnas.2120786119.
- ROBINSON, C. (2018) – Human Mitochondrial DNA from 5th – 3rd Millennia BCE: An Analysis of Iberian Populations. Masters thesis, Liverpool John Moores University.
- ROBLES CARRASCO, S.; DÍAZ-ZORITA BONILLA, M. (2013) – Análisis bioarqueológico de tres contextos-estructuras funerarias del sector PP4–Montelirio del yacimiento de Valencina de la Concepción–Castilleja de Guzmán (Sevilla). In GARCÍA SANJUÁN, L., VARGAS JIMÉNEZ, J. M., HURTADO PÉREZ, V., RUIZ MORENO, T., CRUZ-AUÑÓN BRIONES, R., (Eds.) – El asentamiento prehistórico de Valencina de la Concepción (Sevilla): Investigación y tutela en el 150 aniversario del descubrimiento de La Pastora. Seville: Universidad de Sevilla, pp. 369-386.
- ROJO GUERRA, M.; KUNST, M.; GARRIDO PENA, R.; GARCIA MARTINEZ DE LAGRAN, I. (2008) – Paisajes De La Memoria: Asentamientos Del Neolítico Antiguo En El Valle De Ambrona (Soria, Es.). Valladolid: Universidade de Valladolid.
- SHERRATT, A. (1981) – Plough and pastoralism: aspects of the secondary products revolution. In I. Hodder, G. Isaac, & N. Hammond (eds.), *Pattern of the past: Studies in honour of David Clarke*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 261-305.
- SILVA, A. M. (1995) – Sex assessment using the calcaneus and talus. *Antropologia Portuguesa*. 13, pp. 107-119.
- SILVA, A. M. (2002) – Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico final-Calcolítico. Tese de Doutoramento. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- SILVA, A. M. (2003) – Portuguese populations of Late Neolithic and Chalcolithic periods exhumed from collective burials: an overview. *Anthropologie*. 41, (1e2), pp. 55-64.
- SILVA, A. M. (2007) – Os ossos humanos “esquecidos” da praia das maçãs. Análise antropológica da amostra óssea do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. *Conimbriga*, 46, pp. 5-26. DOI: 10.14195/1647-8657_46_1.
- SILVA, A. M. (2018) – “Gentes” do 4^º e 3^º milénios ac: os restos ósseos humanos do neolítico final/calcolítico recuperados das grutas artificiais 1 e 2 de São Paulo (Almada, Portugal). *Estudos do Quaternário*, 19. pp. 49-62. <http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq>.
- SILVA, A. M. (2020) – The megalithic builders: new data on old bones from Megalitho do Facho (Figueira da Foz, Portugal). *Documenta Praehistorica* 47, pp. 390-403.
- SILVA, A. M.; BOAVENTURA, R.; PIMENTA, J.; DETRY, C.; CARDOSO, J. L (2014) – Percutando espólios antigos: a gruta de Pedra Furada 1 (Vila Franca de Xira). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 21. Oeiras: Câmara Municipal, pp. 159-182.
- SILVA, A. M.; FERREIRA, M. T.; CODINHA, S. (2006) – Praia da Samarra: análise antropológica dos restos ósseos humanos depositados no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9, 2. pp. 157-169.
- SILVA, F. C.; CUNHA, E.; GONÇALVES, V. S. (2008) – Sinais de fogo: análise antropológica de restos ósseos cremados do Neolítico final/Calcolítico do tholos OP2b (Olival da Pega, Reguengos de Monsaraz). *Antropologia Portuguesa* 25, pp. 109-139.
- SKOGLUND, P.; STORÅ, J.; GÖTHERSTRÖM, A.; JAKOBSSON, M. (2013) – Accurate sex identification of ancient human remains using DNA shotgun sequencing. *Journal of Archaeological Science*, 40: 12, pp. 4477-4482. <https://doi.org/10.1016/j.jas.2013.07.004>.
- SOLOMETO, J.; MOSS, J. (2013) – Picturing the Past: Gender in National Geographic Reconstructions of Prehistoric Life. *American Antiquity* 78 (1): 123-146. doi:10.7183/0002-7316.78.1.123.
- SORIANO, I.; HERRERO-CORRAL, A. M.; GARRIDO-PENA, R.; MAJÓ, T. (2021) – Sex/gender system and social hierarchy in Bell Beaker burials from Iberia. *Journal of Anthropological Archaeology*. 64, 101335. <https://doi.org/10.1016/j.jaa.2021.101335>.
- STEWART, N.; GERLACH, R.; GOWLAND, R.; GRON, K.; MONTGOMERY, J. (2017) – Sex determination of human remains from peptides in tooth enamel. *Proc Natl Acad Sci* 114 (52): 13649-13654. doi: 10.1073/pnas.1714926115.
- STONE, A. C.; MILNER, S.; GEORGE, R.; PAABO, A.; STONEKING, M. (1996) – Sex Determination of Ancient Human Skeletons Using DNA. *American Journal of Physical Anthropology* 99: 231-238.
- TEIXEIRA, A. (2021) – Diagnose sexual a partir da análise métrica dos ossos do carpo e metacarpo de uma amostra de esqueletos da população portuguesa do século XXI. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia. <https://hdl.handle.net/10316/97956>.

TELLES ANTUNES, M.; CARDOSO, J. L.; SANTINHO CUNHA, A. (2009) – espólio humano da gruta da casa da moura (cesareda): observações osteológicas crânio-faciais. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 17. Oeiras: Câmara Municipal, pp. 175-22.

THOMAS, A. (2022) – Quand la génétique révèle qui étaient les occupants des tumulus géants du 5^e millénaire avant notre ère dans le nord de la France. Sciences et Avenir. https://www.sciencesetavenir.fr/archeo-paleo/archeologie/quand-la-genetique-revele-qui-etaient-les-occupants-des-tumulus-geants-du-ve-millenaire-avant-notre-ere-trouves-dans-le-nord-de-la-france_163008.

VAGUEIRO, C. S. (2016) – A gruta artificial das Lapas (Torres Novas). Contributo para o conhecimento das práticas funerárias dos 4^o e 3^o milénios a.n.e. na Estremadura Portuguesa. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa.

VALERA, A. C. (2018) – Bela Vista 5. Um recinto do Final do 3^o milénio a.n.e. (Mombeja, Beja). Lisboa: Nia-Era. Era Monográfica 2.

AS PLACAS DE GRÉS/ ARENITO E MICAXISTO NO CENTRO E SUL DE PORTUGAL E NA EXTREMA- DURA ESPANHOLA: INVENTÁRIO PRELIMINAR, INTERPRETAÇÕES E PROBLEMÁTICAS

Nuno Faria

Mestrando em Arqueologia da Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa
nunofaria263@gmail.com

Resumo: No âmbito da tese de mestrado intitulada “O Megalitismo do Nordeste Alentejano: Estudo dos materiais da anta dos Mosteiros (Póvoa e Meadas/Castelo de Vide)”, orientada por Mariana Diniz e Leonor Rocha foi construída uma base de dados preliminar das placas de grés/arenito e micaxisto recolhidas em monumentos megalíticos ao longo do Tejo. Estes artefactos executados em grés ou micaxisto possuem cantos arredondados, decoração incisa, baixo-relevo ou sem decoração apresentavam uma distribuição ampla pelo que durante o processo de recolha dos dados optou-se por alargar o território incluindo áreas mais a Norte e a Sul do médio Tejo. A recolha da amostra foi efetuada através da bibliografia publicada até à data, resultando numa amostragem total de 186 placas.

Palavras-chave: Megalitismo; Placas de Grés; Neolítico Final; Calcolítico.

Abstract: Within the scope of the master’s thesis entitled “The Megalithism of the Northeast Alentejo: Study of materials from the dolmen of Mosteiros (Póvoa e Meadas/Castelo de Vide)”, Guided by Mariana Diniz and Leonor Rocha, a preliminary database of sandstone and mica schist slabs collected in megalithic monuments along the Tagus was built. These artefacts made in sandstone or mica schist have rounded corners, incised decoration, bas-relief or no decoration and were widely distributed, so during the data collection process it was decided to expand the territory to include areas further north and south of the middle Tagus. The sample collection was carried out through the bibliography published to date, resulting in a total sampling of 186 plates.

1. INTRODUÇÃO

A ausência de um inventário preliminar relacionado com as placas de grés/arenito e micaxisto que condessasse a grande maioria da informação relacionada com estes objetos simbólicos, fez com que o objetivo deste artigo fosse dar a conhecer estes objetos menos trabalhados dentro do mundo do simbólico, criando, como já foi referido, uma base de dados preliminar, que poderá ser trabalhada futuramente, como a continuação do projeto Esprit, de Katina Lillios, e que resultará num fórum disponível na internet e onde constará toda a informação revista das placas de xisto, grés/arenito e micaxisto.

Irão ser discutidos temas como a distribuição das placas no território nacional e transfronteiriço; contextos e proveniências dos materiais; características morfotipológicas, entre as quais estado de conservação, forma, número de perfurações, suporte, vestígios de ocre/cinábrio e motivos decorativos; interpretações simbólicas e significados; por fim, serão apresentadas as leituras do conjunto analisado e considerações finais.

2. METODOLOGIA

2.1. Recolha bibliográfica e tratamento dos dados

A recolha da informação para a elaboração dos inventários preliminares foi realizada, numa primeira fase, através da consulta das obras de referência do Megalitismo alentejano, nomeadamente as publicações de George e Vera Leisner (1951; 1953; 1959), de Veiga Ferreira (1973), e de Isidoro Agostinho Farinha (1967-1968; 1971; 1973 e 1975). Seguidamente, foram consultados os dois principais projetos que tinham como propósito central estudar as placas de xisto, o “projeto Placa Nostra”, realizado pelo Professor Doutor Victor Gonçalves, e o “projeto Esprit”, cuja intenção foi a criação uma base de dados online com as principais informações relacionadas com as placas de xisto, realizado pela investigadora Katina Lillios. Apesar da importância dos dados recolhidos por estes projetos, o estudo das placas de xisto, grés e micaxisto ainda está em fase inicial. Foram também consultados vários trabalhos dos investigadores Marco Andrade (2009; 2014; 2015 a; 2016 e 2018), sobre a região do Alentejo Central e relacionado com o projeto “Placa Nostra”, assim como as teses de doutoramento do professor Jorge Oliveira (1997), no distrito de Portalegre, e os trabalhos da professora Primitiva Bueno (1988; 1998; 1999), na região de Valencia de Alcántara e Alcántara. As referências aos trabalhos encontram-se na tabela 1.

Definiu-se como “placas de grés/arenito” uma placa com formas entre retangulares, sub-retangulares, quadrangulares, elípticas e trapezoidais, possuindo cantos arredondados, com ou sem decoração. Assim para a construção dos inventários foram recolhidas todas as referências, não só a placas de grés/arenito e micaxisto, mas também a “estela antropomórfica” e alguns polidores ou pedras de afiar de Manuel Heleno, que foram revistas pelos investigadores associados ao projeto “Placa Nostra”. Essa informação foi cedida pelos autores.

Os inventários aqui apresentados não contemplam a totalidade das placas de grés/arenito e micaxisto, apesar de serem o resultado de uma recolha bibliográfica cuidadosa. Ressalva-se a necessidade de revisão presencial dos materiais do Museu Nacional de Arqueologia, e das escavações do arqueólogo Manuel Heleno, com o objetivo de se determinar se as aguçadeiras e pedras de afiar documentadas nos seus cadernos de campo se o são efetivamente? ou se poderão ser placas de grés/arenito ou lingotes de grés.

Durante a recolha dos dados e tratamento dos mesmos notaram-se algumas incongruências na classificação das placas de grés, nomeadamente a confusão entre micaxisto e grés ou até mesmo entre xistos com tonalidades mais acastanhadas ou bege, além de incongruências entre o que é classificado nos inventários e o que é referido nas publicações, tornando-se difícil a classificação dos materiais. Assim sendo, no tratamento da informação deixou-se um ponto de interrogação quando a bibliografia não é clara quanto ao suporte utilizado.

2.2. Inventário, mapas e critérios descritivos

A elaboração dos inventários foi realizada com base nos critérios descritivos e decorativos do projeto “Placa Nostra” (Gonçalves, 2003, 2004 a e d), adicionando-se os campos que abrangessem toda a informação pertinente referente à temática das placas de grés. Para este efeito foram criados dois inventários, que poderão encontrar-se em anexo. O primeiro é mais geral, contendo o nome do sítio arqueológico, localização geográfica (Concelho), tipo de sítio arqueológico (Anta, Gruta natural, Gruta artificial e Habitat) número (Nº) total de placas presentes no monumento, proveniência da placa (Câmara, Corredor, Indeterminado), estado de conservação (Inteira, Fragmento, Indeterminado, considerando-se inteiras todas as placas que apresentavam fragmentos que permitiam a reconstituição entre si, contabilizando-se como uma), vestígios de ocre ou cinábrio quando descritos na bibliografia. O segundo apresenta mais informações e uma descrição mais detalhada de todas as placas, contendo o nome do sítio arqueológico, nº de placas, onde são apresentados os números de inventário presentes na bibliografia (quando este não é apresentado na bibliografia, a placa fica marcada com números em sequência crescente), suporte (micaxisto, arenito/grés e arenito/grés ou micaxisto?), nº de perfurações, os vários tipos de decoração, moldura periférica, linhas incisas, linhas em ziguezague ou triângulos, falsos olhos, decoração antropomórfica em baixo-relevo ou decoração incisa, discriminando o que apresenta em termos de motivos decorativos (olhos, sobrancelhas, nariz, tatuagens faciais, braços, mãos, triângulo invertido, linhas incisas no inverso e na lateral e colar), e por fim são apresentadas as placas sem decoração, contornos antropomórficos ou hiperboloides, com depressão central.

O mapa com a localização dos monumentos foi realizado em Arqgis pelo geógrafo Francisco Madeiras. O sistema de coordenadas utilizado para referenciar os monumentos foi o ETRS 89, recomendado pela agência Eurogeographics, sendo todas as coordenadas convertidas quando não se encontravam no sistema utilizado. Estas encontram-se presentes na tabela 3.

3. O TERRITÓRIO

A área em análise compreende o médio Tejo português e internacional, mais concretamente a zona de Cáceres, e à partida admitiu-se que as placas de grés/arenito teriam uma distribuição mais centrada no Alentejo e na Estremadura portuguesa, a informação recolhida demonstrou que também em concelhos como Leiria, Viseu e Beja, estas estavam presentes.

3.1. A distribuição das placas de grés/arenito no território

A distribuição das placas de grés/arenito e micaxisto poderá ser delimitada por uma fronteira artificial materializada geograficamente a Norte, pelo concelho de Viseu, a Sul pelo concelho de Beja, a Este por Cáceres e a Oeste por Lisboa e Leiria. Contudo, é importante ressaltar que a única placa existente em Viseu encontra-se isolada da área nuclear e, portanto, a delimitação espacial concentra o limite Norte no Tejo internacional e na zona de Alcobaça. Já a placa de Viseu configura-se como uma exceção a metodologia aplicada (**Figura 1**).

Na análise da tabela 2 constatamos uma grande presença das placas de grés com decoração antropomórfica em baixo-relevo no distrito de Portalegre, mais concretamente nos concelhos de Marvão, Castelo de Vide, Crato, Alter do Chão, Elvas e Estremoz, mas também no lado espanhol, na comarca de Valencia de Alcántara. Esta tipologia de placas em baixo-relevo mais “regional” não se estende nestes moldes para lá das fronteiras acima definidas, porém, estas assumem outras decorações dentro e fora do Alto Alentejo.

Assim, estas placas com motivos variados poderão ter surgido no Alto Alentejo, representando de uma forma clara ou não os atributos humanos ou a pretensão de passar “exatamente o mesmo que as placas de xisto gravadas, traduzindo a existência de um corredor de circulação de produtos de intercâmbio (...)” (Gonçalves, 2004a: 181) Este dado já foi reconhecido por outros autores como devendo “(...) ter a sua origem algures no Distrito de Portalegre, ou na região vizinha Estremadura de Espanha. A linha tangencial de separação destes dois fenómenos parece ocorrer no Concelho de Estremoz. (...)” (Rocha, 2012: 49).

Apesar de ser necessário um estudo mais intensivo na comparação de padrões regionais entre a decoração e distribuição das placas de grés/arenito e uma comparação com as placas de xisto, podemos constatar algumas considerações-chave que serão desenvolvidas no capítulo final da leitura de conjunto:

1. Distribuição das placas de grés/arenito ao longo da bacia hidrográfica do Rio Tejo.
2. Circulação simultânea das placas de grés/arenito e de xisto, numa escala geográfica e numérica que apresenta ligeiras diferenças.
3. Possível surgimento das placas de grés/arenito no Distrito de Portalegre, podendo-se considerar como um fenómeno regional, nomeadamente as placas de grés antropomórficas em baixo-relevo.
4. Alterações nos motivos decorativos fora do distrito de Portalegre.

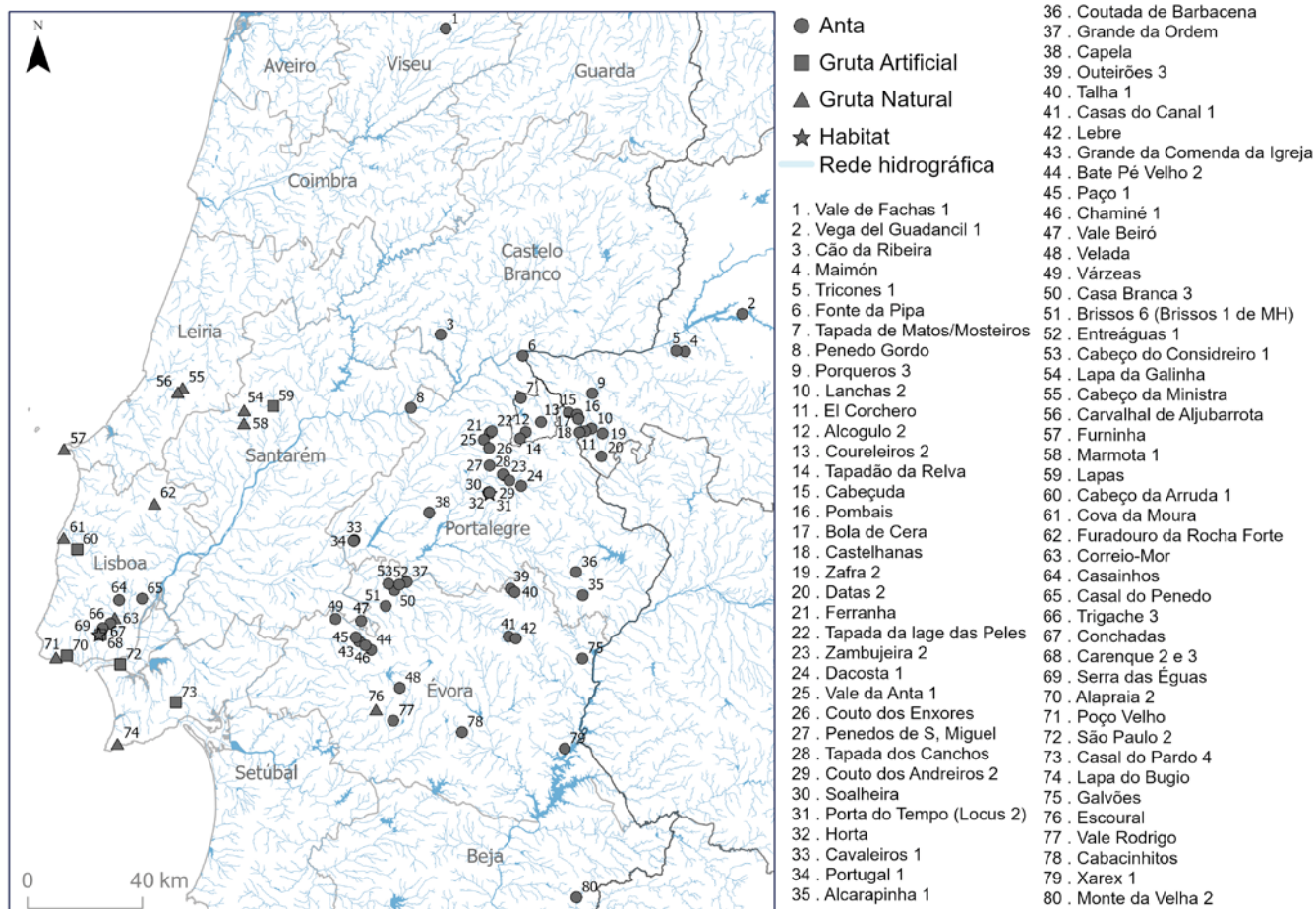


Figura 1 – Distribuição das placas de grés/arenito e micaxisto no Centro e Sul de Portugal e na Estremadura espanhola. (mapa realizado por Francisco Madeiras).

3.2. Por sítio arqueológico

O mapa presente na Figura 1 representa não só a dispersão das placas de grés/arenito no território em análise, como vimos no subcapítulo anterior 4.1, mas também a dispersão das placas de grés segundo o tipo de sítio arqueológico onde estas são documentadas.

Pela observação do mapa, podemos constatar uma clara prevalência das placas de grés/arenito e micaxisto nas antas presentes no interior do território, tanto no Alentejo como na zona de Cáceres, em claro contraste com o litoral, onde as placas ocorrem nas grutas naturais e artificiais. A sua ocorrência em sítios de habitat é quase nula, sendo apenas documentadas duas placas de grés no sítio de habitat das Portas do Tempo, no locus 2 e na Serra das Éguas. É importante destacar que a placa do sítio das Portas do Tempo foi recolhida numa camada de revolvimento,

estando descontextualizada e podendo vir de outro local por escorrência, pois a zona apresenta um declive acentuado (Oliveira, 2010). Colocando estas observações em termos numéricos, podemos constatar que as antas apresentam 63 monumentos, as grutas naturais, 11, as grutas artificiais, 7, os sítios de habitat, 2. Conclui-se, portanto, que ao contrário das placas de xisto, que ocorrem em sítios de habitat e funerários, as placas de grés/arenito ou micaxisto ocorrem quase exclusivamente em sítios funerários, fazendo destas um fenómeno dolménico. Porém, estes dados deixam algumas questões em aberto, por exemplo: Já que não foram documentadas em povoados à exceção dos mencionados anteriormente, onde eram “fabricadas” estas placas? Será que a ausência de placas de grés poderá representar um *gap* na investigação, sendo consideradas irrelevantes pelos arqueólogos por não apresentarem decoração e confundidas com polidores/afiadores?

3.2.1. Contextos e proveniência das placas

Além da distribuição através do território, é importante olharmos para a dispersão das placas dentro do próprio monumento e os contextos onde estas peças são recolhidas. A grande maioria das placas não apresentam contextos ou proveniências devido ao facto de provirem de escavações antigas ou de os próprios autores não revelarem essa informação, sendo classificadas como proveniência indeterminada, como acontece a 79 placas. Porém, como provenientes da câmara estão referidas 59 placas e do corredor 48.

A proveniência e contextos em que as placas são recolhidas na sua maioria é inexistente, por vezes existe uma referência a proveniência do corredor, da câmara, ou da transição do corredor para a câmara. Noutros casos, há uma descrição mais detalhada, associada a sepulturas, ossos, descrição da camada e do conteúdo da mesma.

Assim sendo, decidiu-se analisar os pontos de proveniência, como câmara, transição câmara-corredor e corredor, para uma melhor compreensão da informação.

3.2.1.1. Câmara:

A anta da Bola de Cera é um dos monumentos que oferece os dados mais concretos e completos, uma vez que foram recolhidas nesta câmara, numa camada de ocre/cinábrio, as placas de micaxisto, (Estampa 4, nº 26 e 27) (Oliveira, 1997: 396 e 408). Contexto semelhante foi documentado na anta da Cabeçuda (Marvão), onde as placas de grés (Estampa 4, nº 22-25), recolhidas no interior da câmara, se encontravam também numa camada de ocre ou cinábrio (Oliveira, 1997: 401/402). Porém, na anta de Pombais (Marvão) as placas grés/arenito (Estampa 5, nº 29 e 31), e as de micaxisto (Estampa 5, nº 28 e 30), registadas no interior da câmara, não foram recolhidas numa camada de ocre/cinábrio, ainda que tenham sido encontradas polvilhadas com essas substâncias (Oliveira, 1997: 416).

Outros sítios apresentavam proveniência associada a sepulturas, por exemplo a Lapa do Bugio (Sesimbra), onde as placas de grés/arenito estavam associadas às sepulturas 8 e 9; esconderijo; limpeza realizada por Veiga Ferreira em 1966; e materiais depositados no Museu de Sesimbra (Cardoso, 1992: 107). Há placas cuja descrição das camadas e dos contextos onde foram encontradas se limita a referir apenas o interior da câmara, como o caso da anta do Penedo Gordo, Gavião (Cunha e Cardoso, 2002/2003: 50), (Estampa 2, nº 12); a anta de Casáinhos, Loures (Leisner, 1965), (Estampa 13, nº108); a gruta artificial do Cabeço da Arruda 1, Torres Vedras (Leisner, 1965); a gruta da Furninha, Peniche (Cardoso e Carvalho, 2010/2011: 380-384), (Estampa 11, nº 91); a gruta do Furadouro, Cadaval/Lisboa (Gonçalves, 1990/1992: 147) (Estampa 12, nº 96-98); e a gruta do Correio-Mor, Loures (Cardoso, 2003: 243-245) (Estampa 12/13, nº 99-107).

3.2.1.2. Transição câmara-corredor

Na transição do corredor para a câmara foram recolhidas na anta da Cabeçuda a placa de grés C-116 polvilhada de ocre/cinábrio; na anta dos Mosteiros/Tapada de Matos (Castelo de Vide), foram documentadas duas placas, uma de grés (Estampa 2 nº 9) e outra de micaxisto (Estampa 2, nº 10), ambas com vestígios de ocre/cinábrio, porém apenas a placa de grés (TM 282) foi encontrada junto ao primeiro pilar do corredor numa terra compactada e de tonalidade bege (informação oral fornecida pela SACCV). Situação semelhante foi documentada na anta dos Penedos de

S. Miguel, onde junto ao primeiro e segundo pilares de aspeto antropomórfico foram encontrados vários fragmentos de placas de grés/arenitos, algumas destas colavam entre si (Gonçalves, 1982). Polvilhadas com ocre e na transição da câmara para o corredor é também a referência para as placas de grés C-116 da anta da Cabeçuda, Marvão (Oliveira, 1997: 396 e 408) e a placa de Tricones 1 e Maimón, Alcántara, Espanha (Estampa 1) (Bueno, 1999: 149).

3.2.1.3. Corredor

No grupo das provenientes do corredor, importa destacar as placas de grés/arenito e micaxisto da anta da Horta (Coudelaria de Alter do Chão), Este monumento apresenta um contexto excepcional, onde se documentou um crânio à entrada do corredor voltado para o interior do monumento, rodeado das placas de grés/arenito e micaxisto lisas ou antropomórficas e placas de xisto (Oliveira, 2006: 360). Ainda na Coudelaria de Alter do Chão, na anta da Soalheira foram identificadas placas de grés lisas e com falsos olhos provenientes do corredor, mas vindas de um contexto muito violado pela presença romana e durante a época moderna e contemporânea (Oliveira, 2006: 370).

Nas antas da Lebre, Estremoz (Andrade, *et. al.*, 2018: 364-381), da Cabeçuda, Marvão (Oliveira, 1997), de Maimón, Alcántara (Bueno, 1998: 174) (Estampa 1, nº 5), na gruta de São Paulo 2, Almada (Gonçalves, *et. al.*, 2004b: 77) e na gruta artificial de Carenque 2, Amadora (Gonçalves, *et. al.*, 2014a: 132), as placas de grés/arenito identificadas são provenientes do corredor.

A análise da proveniência das placas de grés/arenito e micaxisto permite nesta fase bastante preliminar perceber um padrão possivelmente simbólico e ritual da localização destas peças, seja a acompanhar os mortos na câmara, envolvidos em camadas de ocre/cinábrio ou polvilhados, seja na passagem da câmara para o corredor. Vigiarão as entradas, tanto da câmara como do corredor? Ou indicariam meramente pontos de passagem para o espaço mais sagrado do monumento? Exemplos destas deposições rituais são as placas antropomórficas da anta da Horta (Alter do Chão), Penedos de S. Miguel (Crato), Tapada de Matos/Mosteiros (Castelo de Vide); Tricones 1 (Alcántara) e Penedo Gordo (Gavião). Também em outros monumentos megalíticos, conjuntos de ídolos que pareciam guardar a entrada do monumento em Los Millares e no *tholos* da Tintuarria (Cardoso, 1996).

No hipogeu de Sobreira de Cima foram documentados, depositados no recheio de condeação do acesso à câmara, lingotes de anfíbolito, objetos centrais da vida destas comunidades, para as quais a extração e circulação e do anfíbolito se assumem como um cimento identitário (Valera, 2019: 13) e caso semelhante poderá ter ocorrido com o lingote de grés da anta Grande da Comenda da Igreja. Poderá este estar associado a algum ritual relacionado com a extração da placa de grés e a sua transformação em lingotes?

Estas deposições poderão estar associadas a práticas de fragmentação intencional, ponto que será abordado adiante.

4. AS PLACAS DE GRÉS/ARENITO E MICAXISTO: CARACTERÍSTICAS MORFOTIPOLOGICAS

Descreve-se aqui as características comuns e particulares que as placas de grés/arenito e micaxisto apresentam e serão realizadas comparações com as placas de xisto, dado pertencerem ao mesmo imaginário coletivo simbólico.

Será observado o estado de conservação, as características gerais das placas (forma, número de perfurações, suporte, vestígios de ocre ou cinábrio) e, por fim, apresenta-se de uma forma geral os tipos de decorações destacando algumas particularidades, como a distribuição geográfica (regionalismos).

4.1. Estado de conservação

As placas de grés/arenito e micaxisto apresentam um estado de conservação bastante fragmentado, podendo-se constatar que das 186 placas analisadas neste artigo, 70 apresentam-se “inteiras” (considerando-se inteiras quando classificadas pelos autores como tal), 108 são fragmentos

e 8 têm um estatuto indeterminado, não havendo referência ao seu estado de conservação ou acesso a registos fotográficos ou desenhos. Afunilando a análise quanto à fragmentação das placas de grés/arenito e micaxisto, constata-se que as placas com decoração antropomórfica de baixo-relevo ou antropomórficas incisas de micaxisto apresentam-se de uma forma geral fraturadas pela metade, assim como as placas lisas, com contornos hiperboloides, “falsos olhos”, decorações geométricas incisas e moldura periférica. Contudo, existem exceções no que concerne às placas que apresentam um grau muito elevado de fraturação e às placas que se encontram inteiras, dado que estas, aquando da escavação, se encontravam fraturadas, talvez intencionalmente ou devido às metodologias do arqueólogo.

Tal não parece ser um mero acaso da ação de processos naturais e, como já foi referido, poderá relacionar-se com um processo intencional de fragmentação das placas. “Analisando esta prática a partir de uma abordagem ontológica interpretativa, percebe-se que decompor a unidade em partes mantém a sua “essência” original, em que cada fragmento cria a possibilidade de disseminar a ideia e o significado, permitindo que estes aspetos “essenciais” partilhados pelo objeto, como a cerimónia, o detentor ou o próprio significado do momento de fraturação, possam ser difundidos através do espaço e do tempo, contribuindo para o fortalecimento dos laços entre as pessoas, o território e o evento, criando um hibridismo de símbolos” (Valera, 2019: 17). No povoado de Vila Nova de São Pedro os ídolos cilíndricos apresentam fraturações semelhantes às das placas de grés/arenito, alguma dessas apresentam polimento, sendo este realizado com o intuito de reutilização posterior da peça (Martins, 2020: 211).

Pode-se pensar que as placas de grés/arenito e micaxisto com decoração antropomórfica seriam executadas e fragmentadas intencionalmente e os fragmentos resultantes das mesmas seriam distribuídos pelas gerações (pais, filhos, netos), sendo que cada fragmento conteria a “essência” do ritual de fragmentação, associado à representação antropomórfica e a tudo o que ela invoca, como um carácter de ancestralidade, em que os fragmentos reencontrados e conjugados formariam uma placa unindo a linhagem. Esta possibilidade surge no que foi referido anteriormente e pelos estudos de “(...) isótopos de estrôncio realizados sobre indivíduos identificados em contextos funerários estreitamente datáveis do Neolítico Médio ao Calcolítico (...)” (Andrade, Van Calker, 2019: 23), porém, esta proposta é bastante especulativa devido à ausência de mais dados.

4.2. Forma

As formas que se irão apresentar neste subcapítulo foram obtidas a partir da descrição bibliográfica, fotografia ou desenho e quando estes não são apresentados classificou-se como indeterminado. Algumas informações foram disponibilizadas pelos investigadores Marco Andrade e André Pereira.

As formas presentes nas placas de grés/arenito e micaxisto são mais variadas que nas placas de xisto, sendo compostas pelas formas: sub-retangular; subcircular; retangular; quadrangular; trapezoidal; elíptica. No conjunto das placas em análise não foi possível determinar a forma de 49 das 186 placas não só pelos motivos supramencionados, mas pelo elevado grau de fragmentação quando este lhes confere tamanhos muito reduzidos. Com forma sub-retangular, foi possível determinar 42 placas; 39 com forma retangular; 28, trapezoidal; 19 com contornos hiperboloides; 4, quadrangular; 3, subcircular; e 2 com uma forma elíptica. Destacam-se, portanto, as placas com formas sub-retangulares ou retangulares, seguidas das formas trapezoidais e com contornos hiperboloides. As formas das placas de grés/arenito e micaxisto assemelham-se às das placas de xisto, apresentando, todavia, contornos mais retangulares, pois a própria matéria-prima assim o dita, dado que o grés e o micaxisto permitem executar peças de maior dimensão e com maior espessura do que o xisto, que é mais frágil e sujeito a fratura.

4.3. Número de Perfurações

As placas sem perfuração correspondem a 127; com apenas uma perfuração contabilizam-se 39; com duas perfurações, 18 placas, estas mais associadas as placas antropomórficas de baixo-relevo ou incisas; com quatro perfurações, existe a placa da anta da Horta (Estampa 6, nº 43), onde estas se sobrepõem, possivelmente um erro na elaboração das mesmas; por fim, com seis

perfurações, destaca-se a placa de micaxisto da anta da Bola de Cera (BC-44), que exhibe duas na zona dos olhos e quatro no centro superior da placa. Estes dados advêm de uma amostragem de 186 placas, que apresentam um número de perfurações bastante regular, não se afastando do que é mais comum de se encontrar nesta tipologia de materiais (uma, duas ou sem perfuração).

Infelizmente, não foi possível concluir qual o tipo/técnica de perfuração, devido à falta de informação bibliográfica. Deste modo conclui-se que a maior parte das placas não possui qualquer tipo de perfuração, possivelmente por se tratar, na sua grande maioria, de placas sem decoração. Estas poderão ter sido pintadas, não necessitando de perfuração para sustentação. Outro motivo possível poderá ser por não estarem acabadas.

4.4. Suporte

Numa fase inicial deste trabalho foram apenas consideradas as placas de grés e de arenito, sendo recolhidas todas as referências a estas mesmas matérias-primas. Porém, numa fase já avançada da recolha de informação, decidiu-se incluir as placas de micaxisto por pertencerem ao mesmo universo das placas de grés/arenito. A matéria-prima mais recorrente são o grés e o arenito, os quais, para o âmbito deste trabalho, foram agrupados uma vez que se trata de rochas sedimentares. Com estas designações de grés e arenito, foram recolhidas 159 placas, 21 de micaxisto e 6 que apareceram classificadas como arenito ou micaxisto e que, dada a indecisão dos autores, acabaram por classificar-se como grés/arenito ou micaxisto adicionando-se um ponto de interrogação.

A escolha do suporte onde são executadas as placas de grés/arenito e micaxisto poderá estar relacionado com questões de extração local da matéria-prima ou uma escolha baseada na obtenção dos resultados que se pretende para os diferentes tipos de decoração. Pois ao contrário do xisto, que, por ser uma rocha metamórfica, se fratura com muita facilidade, impedindo a realização de decorações em baixo-relevo, o grés/arenito apresenta características petrográficas que facilitam a obtenção de decorações escavadas na rocha, depressões centrais, baixo-relevo e decorações incisivas. No entanto, é necessária uma revisão das coleções antigas e uma reclassificação das matérias-primas, para assim se poder chegar a conclusões quanto ao suporte, se este era escolhido consoante a decoração que se quisesse obter ou se teria algum padrão associado à utilização de determinadas matérias-primas.

4.5. Presença de Ocre/Cinábrio

Uma das características gerais que se tiveram em atenção foi a presença ou ausência de ocre ou cinábrio, tanto vestígios residuais como mais abundantes na peça, com o objetivo de averiguar a possível pintura das placas de grés/arenito, nomeadamente as placas sem qualquer tipo de decoração, ou o seu uso num possível cenário de ritual.

A contabilização foi realizada não por placas, mas por sítio arqueológico. Posto isto, foram determinados 17 sítios que apresentavam pigmentos vermelhos, que poderão ser óxidos de ferro ou cinábrio, nas placas de grés/arenito e micaxisto. No caso concreto da placa pintada de Vale das Fachas (Viseu), as análises de fluorescência de raio-X documentaram a presença de mercúrio e enxofre, que permitiu perceber que o pigmento utilizado na pintura da placa foi cinábrio e não ocre (Vilaça, 2023: 43). Esta placa insere-se na área das antas com pintura integrando-se, portanto, no mesmo universo simbólico, a dispersão deste sistema, ter-se-á realizado através de contactos com as comunidades da Extremadura espanhola e da Beira Baixa (Diniz, 2000: 175).

Além da utilização de cinábrio na placa pintada de Vale das Fachas, foi igualmente documentada a presença de cinábrio na placa sem decoração da anta de Maimón 1 e na placa de baixo-relevo com decoração antropomórfica da anta de Tricones 1 (Bueno, 2010: 495). Assim como nas placas da anta da Bola de Cera, Castelhanas, Cabeçuda e Pombais, todas elas localizadas no concelho de Marvão, e nas placas de baixo-relevo da anta da Horta (Alter do Chão). Nas da Tapada de Matos/Mosteiros (Castelo de Vide), encontram-se pequenas manchas ténues de pigmento vermelho, não sendo possível verificar se se tratava de ocre ou cinábrio, assim como na dos Penedos de São Miguel (Crato) e na anta Grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo). Também foi documentada a presença de ocre ou cinábrio na Extremadura portuguesa, nomeadamente nos sítios da Lapa da Galinha (Alcanena) e no Poço Velho (Cascais).

A utilização de ocre/cinábrio era uma prática usada recorrentemente durante a pré-história, sendo colocados diretamente sobre a pele ou sobre restos humanos. O cobrimento dos corpos com estas substâncias poderia passar para os materiais, uma vez que estes acompanhavam os mortos, justificando assim a presença ténue destas substâncias. Contudo, estas poderiam ser pintadas, como a placa da anta de Vale das Fachas (Viseu), e como ocorre em alguns casos da arte megalítica com a pintura de esteios (Bueno, 2006).

4.6. Motivos decorativos

Relacionado com tudo o que discutimos quanto às características gerais das placas de grés/arenito e micaxisto, o tipo de decoração é bastante variado, abrindo debate a interpretações consoante as características gerais da própria peça. Na do anexo 2, são apresentadas as várias decorações presentes nas 186 placas estudadas, observando-se placas com mais do que uma decoração.

As placas sem qualquer tipo de decoração contabilizam um total de 107. Essa ausência de decoração poderá estar relacionada com a possibilidade de serem produtos inacabados ou pré-formas. No subcapítulo 4.2.1.3 (a proveniência das placas de grés dentro do corredor), interpreta-se, desde uma perspetiva ontológica, a presença de lingotes de anfíbolito nos hipogeus de sobreira de cima, associados a um ritual que poderia representar a associação destas comunidades com a extração e circulação do anfíbolito (Valera, 2019: 13). Situação semelhante foi apresentada para as placas de xisto lisas, igualmente vistas como produtos inacabados ou pré-forma (Gonçalves, Andrade, 2022: 172). Ainda dentro das placas lisas existem algumas exceções. As placas que não apresentam decoração, mas possuem uma depressão central, podiam representar molduras periféricas ou rebordos, porém, devido à incerteza, optou-se por as individualizar numa categoria à parte, contabilizando-se um total de 5 placas com este tipo de decoração.

Outro tipo de decoração bastante recorrente nas placas de grés/arenito e micaxisto, são os contornos antropomórficos ou hiperboloides (18 placas), as decorações em baixo-relevo ou incisadas com características claramente humanas, como a representação dos olhos, nariz, tatuagem, braços, mãos, colar e o triângulo púbico (23 placas) e com “falsos olhos” (15 placas). As placas antropomórficas de grés/arenito em baixo-relevo destacam-se pela sua decoração bastante explícita e pela sua presença abundante no distrito de Portalegre e em Cáceres, demonstrando um desenvolvimento simbólico de carácter regional, modelo que não vingou fora da área referida. Esta tipologia de placas em baixo-relevo é uma adaptação de um modelo já existente, reproduzido com cunho regional, mas que noutras zonas do país continuou com contornos decorativos bastante padronizados.

Esses padrões decorativos que se desenvolvem tanto no Alentejo central como na Estremadura portuguesa parecem estar mais ligados às decorações presentes nas placas de xisto, decorações como molduras periféricas (8 placas), linhas incisadas (8 placas) e linhas em ziguezague ou triângulos (4 placas).

Os motivos decorativos presentes nas placas de grés/arenito e micaxisto não se afastam das representações presentes nas placas de xisto, ambas representam o mesmo conceito ou essência, porém, observa-se uma clara adaptação ao suporte utilizado e uma maior diversidade decorativa, com um maior ou menor grau de antropomorfização, mas com a mesma carga simbólica.

5. INTERPRETAÇÕES SIMBÓLICAS DAS PLACAS DE GRÉS/ARENITO E MICAXISTO

Os arqueólogos e investigadores que ao longo dos anos estudaram o Megalitismo e a sua cultura material entendem que o que estudamos é uma parte de um todo complexo, que leva a variadas interpretações simbólicas do que poderão ter significado determinados materiais para as comunidades (“Deusa-Mãe”, “Jovem- Deus”, representar antepassados, linhagens ou clãs).

Posto isto, vários investigadores analisaram e interpretaram os artefactos simbólicos baseadas em várias perspetivas de investigação, de entre os quais se destaca a proposta interpretativa de tanto placas de xisto como as de grés/arenito e micaxisto representarem a “Deusa-Mãe”, símbolo da fertilidade e protetora dos mortos (Rodrigues, 1986), baseada numa perspetiva *orientalizante*. Esta interpretação foi igualmente seguida por Victor Gonçalves (Gonçalves, 2004d), que

interpreta as placas de xisto com triângulo invertido como a “Deusa da Noite”, uma manifestação do sagrado contendo características femininas ou de perfis antropomórficos com destaque para os olhos que tudo veem. Contudo, a interpretação como “Deusa da Noite ou Deusa-Mãe” apresenta algumas complicações na leitura, dado que nem todas as placas possuem a representação do triângulo invertido, comumente associado à fertilidade ou atributos femininos.

Outras linhas de investigação, baseadas nas decorações e características das placas, foram apresentadas por Katina Lillios, que interpretou os padrões geométricos presentes nas placas como representações de linhagens ou do clã, atribuindo-lhe uma função heráldica (Lillios, 2004, 2006, 2008), com o objetivo de os mortos saberem qual era o seu lugar na família na “vida além da morte”, ou que os vivos conseguissem identificar os seus antepassados através das placas (Lillios, 2002). Porém, esta proposta interpretativa apresenta algumas lacunas, que se relacionam com o tipo de decoração, dado que nem todas as placas apresentam uma decoração geométrica, sejam elas de xisto, grés/arenito ou micaxisto, deixando de fora as placas com decorações antropomórficas, “falsos olhos”, moldura periférica, depressão central ou lisas.

Outra interpretação para as placas de xisto, grés/arenito e micaxisto coloca a hipótese de se tratar de representações humanas, dos mortos ou dos seus antepassados (Rocha, 2005), quase como se de uma “lápide funerária” se tratasse, em que a decoração das placas se equipararia a uma fotografia nos dias de hoje.

A última leitura não descarta a interpretação anteriormente referida, mas tenta analisar o conjunto global funerário, envolvendo a arte megalítica e as temáticas gráficas dos menires (Bueno, 2010b). Estas abordagens interpretativas mais abrangentes e ligadas aos antepassados embrem o espólio votivo de uma “essência” mais emocional, familiar, onde a parte funciona como o todo através de práticas de fragmentação e deposição intencional, representam o apego simbólico, emocional, associado ao fragmento de placa de xisto, grés/arenito e micaxisto, que é a personificação de um ser humano, líder do grupo, chefe de uma linhagem, antepassado de uma família mais alargada, que poderá não ser do mesmo sangue, mas que é cultuado, homenageado e simbolizado através do espólio votivo que o acompanha. Este espólio, que apresenta símbolos de poder económico e pessoal personificados nos objetos, é documentado em dois possíveis processos: os objetos inacabados, que representam uma parte da cadeia operatória e que poderão ser uma demonstração identitária do que se extrai da natureza e se transforma, e os produtos acabados, que simbolizam parte da economia produtiva (agricultura e pecuária) e da manipulação da natureza.

Este sistema figurativo complexo é rico em diferentes interpretações, fomenta uma infinidade de debates acerca do papel simbólico destas peças e muito desse debate foi apresentado neste capítulo.

6. CRONOLOGIAS

As cronologias apresentadas na **Tabela 1** foram na sua grande maioria recolhidas que não englobavam placas de grés/arenito, à exceção das datações da anta da Bola de Cera (Marvão) 3258-2900 AC (Oliveira, 1997), da anta da Horta (Alter do Chão) 2800-2760 AC (Oliveira, 2010). Estas foram realizadas sobre osso que se apresentavam rodeados de placas de xisto e de grés, dando-nos um intervalo que corresponde ao Neolítico Final e Calcolítico. As datações da gruta do Escoural não se encontram associadas às placas de grés/arenito ou micaxisto, sendo apenas possível confirmar que a gruta foi utilizada durante o Neolítico Final e o Calcolítico.

Assim conclui-se que tanto as placas de grés/arenito como as placas de xisto, circulavam em simultâneo. Porém a datação da gruta de São Paulo 2 (Almada), apresentada na tabela 4, poderá ser falaciosa, dado a ser uma cronologia muito tardias sobre osso humano, 2553-2137 AC (Gonçalves, 2004b), podendo representar o momento de abandono do respetivo monumento. Contudo, para um melhor entendimento quanto aos momentos de circulação das placas de grés/arenito e micaxisto é necessário haver uma maior atenção na recolha e contextos dos materiais datáveis no que diz respeito às placas de grés/arenito.

Tabela 1

Monumento	Laboratório	Amostra	Anos BP	Cal BC – 2	Bibliografia
Anta da Bola de Cera	ICEN 67	Ossos na base do monumento associado a placas de xisto	4420±45	3331-2916	(Oliveira, 1997: 616)
Anta da Horta	Beta – 194313)	Fragmento de Mandíbula da câmara		3350 a 3020	(Oliveira, 2010)
Anta da Horta	Beta – 194312	Calcâneo proveniente do corredor com placas de grés associadas	4390±40	2800 a 2760	(Oliveira, 2010)
Gruta do Escoural	Lv – 1922	Osso proveniente de G. 4.3.	4500±60	3370-2929	Araújo e Santos, 1995: 74
Gruta do Escoural	Lv – 1923	Osso proveniente de G. 4.4	4610±60	3600-3105	Araújo e Santos, 1995: 74
Gruta do Escoural	Lv – 1924	Osso proveniente de G. 12.4	4460±70	3360-2920	Araújo e Santos, 1995: 74
Gruta do Escoural	Lv – 1925	Osso proveniente de G. 12.4	4420±60	3340-2910	Araújo e Santos, 1995: 74
Gruta do Escoural	ICEN – 861	Osso proveniente de Sala 1	4680±80	3644-3103	Araújo e Santos, 1995: 74
Gruta de São Paulo 2	UBAR – 630	Osso humano	3870±70	2553-2137	Gonçalves, 2004b: 78

7. LEITURAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As placas de grés/arenito e micaxisto infelizmente não têm sido alvo da mesma investigação intensiva que as suas parentes placas de xisto. Têm recebido, ao longo das sucessivas investigações, uma escassa atenção, justificado seguramente pelo elevado número de placas lisas que são sucessivamente descartadas e desvalorizadas pela ausência de decoração. Situação semelhante aconteceu durante as escavações de Afonso do Paço, que descartou a cerâmica lisa. Não obstante, procurou-se aqui reunir os atributos das placas de grés/arenito e micaxisto, a sua distribuição no território, os contextos onde foram encontradas, as características físicas das peças e o significado das representações simbólicas, tendo sempre em atenção a sua proximidade com as placas de xisto.

A sua dispersão pelo território apresenta os mesmos padrões de dispersão das placas de xisto, apresentando algumas diferenças quanto às temáticas decorativas. A presença do maior número de placas de grés/arenito e micaxisto e a sua diversidade temática levam alguns autores a afirmar que têm a sua origem no Alto Alentejo ou na Extremadura espanhola. (Rocha, 2012: 49; Gonçalves, 2004a). À medida que nos afastamos dos centros originários destes objetos simbólicos (Alto Alentejo e Alentejo Central), acentua-se uma maior diversidade de registos, suportes e motivos decorativos, diluindo-se a “essência” das placas. (Vilaça, 2023: 53).

Estas distribuem-se dentro dos monumentos, pela câmara e corredor apresentando um propósito, possivelmente ritual, associado ao culto dos antepassados e onde os olhos ou a representação dos mesmos assumem um papel crucial. Poderá ser na proteção dos antepassados? A vigilância de zonas de passagem, sejam estas mais escondidas ou de maior destaque?

As práticas de fraturação, em que a parte remete para o todo, onde a decoração e a própria placa adquirem uma hibridez de símbolos e significados e onde a execução e tratamento das placas, apesar de ser distinto, representa uma ideia comum, transversal ao tempo e ao espaço, representações essas que podem ser lidas como uma adaptação lógica e oportunista aos impedimentos e limites dos suportes utilizados. Todas estas ilações foram desenvolvidas ao longo dos vários capítulos e permitem considerar estas placas como portadoras de uma essência simbólica, abrangente e complexa que tem de ser analisada contextualmente, mas lida como um todo e inserida num contexto simbólico regional, peninsular e europeu. O fenómeno do Megalitismo, assume uma hibridez de simbolismos, associados a legitimação do território, culto aos antepassados e na construção de uma paisagem simbólica, onde os artefactos, a morte e os mortos apresentam-se como seres significativos na paisagem (Diniz, 2018: 313 e 314).

Finalmente, ressalta-se que é assim necessário desenvolver trabalhos em torno da classificação petrográfica das rochas usadas, para assim ser possível averiguar padrões de exploração

e averiguar o porquê da utilização de determinadas matérias-primas em detrimento de outras, assim como uma revisão das coleções antigas presentes no Museu Nacional de Arqueologia, entre outros, que resolverá um dos entraves na investigação das placas de grés/arenito e micaxisto, mas também nas placas de xisto, que é a da indisponibilidade de dados precisos sobre matérias-primas. A respeito disto, o inventário aqui apresentado não contém todas as placas de grés/arenito e micaxisto presentes na Península Ibérica, este é um inventário preliminar realizado com a informação disponível e funcionando como ponto de partida para um trabalho mais amplo e completo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às professoras e orientadoras Mariana Diniz e Leonor Rocha por me orientarem na escrita deste artigo, assim como aos investigadores da Uniarq, Marco Andrade e André Pereira pela informação cedida, presencialmente ou via email, sobre as placas de grés/arenito e micaxisto.

Agradeço também ao geógrafo Francisco Madeiras pela elaboração do mapa em SIG, a Ricardo Maravilha pela revisão e a todos os meus amigos mais próximos, que durante os últimos meses me acompanharam e apoiaram na realização deste artigo.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, A. M. (2009) – Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo): definição e caracterização do fenómeno de “megalitização” da paisagem na área austral do Norte alentejano. Dissertação de Mestrado apresentada à da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado;
- ANDRADE, M. A.; MAURÍCIO, J.; SOUTO, P. (2010) – Estudo morfo-tipológico de duas placas de xisto gravadas provenientes da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (Chancelaria, Torres Novas): contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas no Maciço Calcário Estremenho. *Nova Augusta*. Torres Novas. 2.ª série. 22, pp. 239-259.
- ANDRADE, M. (2013) – As placas de xisto gravadas da Anta da Herdade da Lameira (Alto Alentejo, Portugal). In *O Arqueólogo Português*, impressão Casa da Moeda, Série V, pp. 171-195.
- ANDRADE, M. A. (2014) – Contextos perdidos, obscurantismos helénicos: espólio de um monumento de Alter do Chão pertencente à coleção de Manuel Heleno. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 17, pp. 35-60.
- ANDRADE, M. A. (2015a) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas do Maciço Calcário Estremenho 2: as placas votivas da “necrópole megalítica” das Lapas (Torres Novas) e o hipogeísmo na Alta Estremadura. In *Nova Augusta* (Vol. 27, pp. 294-322). Torres Novas.
- ANDRADE, M. A. (2015b) – Cherchez la femme! Iconografia e imagética nas placas de xisto gravadas do Megalitismo do Sudoeste da Península Ibérica. In: GIRALDO, H. C e ARRANZ, J, J. (Eds.) – XIX International Rock Art Conference IFRAO. Cáceres, ARKEOS 37.
- ANDRADE, M. A. (2016) – As placas votivas da «anta grande» da ordem (Maranhão, Avis): um marco na historiografia do estudo das placas de xisto gravadas do sudoeste peninsular. In: *Terra e Água Escolher sementes, invocar a Deusa*. Estudos em homenagem a Vítor S. Gonçalves. Lisboa, UNIAR/FLUL, pp. 125-147.
- ANDRADE, M. A.; MATALOTO, R.; PEREIRA, A. (2018) – Territórios de fronteira: o Megalitismo nas abas da Serra d’Ossa (Estremoz-Redondo, Alentejo, Portugal). In: SENNA-MARTINEZ, J. C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A. F. (Eds.) *De Gibraltar aos Pirenéus Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*. Nelas, Fundação Lapa do Lobo, pp. 353-392.
- ANDRADE, M.; COSTEIRA, C.; MATALOTO, R. (2021) – À sua imagem e semelhança. De deuses, ídolos e representações simbólicas em espaços de matriz habitacional durante os 4.º e 3.º milénios a.n.e no sul de Portugal. In *Ídolos olhares milenares: O estudo da arte em Portugal*. Lisboa, imprensa Nacional, pp. 213-247.
- ARAÚJO, A. C.; LEJEUNE, M. (1995) – Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR).
- BELO, R.; TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, pp. 391-418.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1988) – Los dólmenes de Valencia de Alcántara. Madrid: Ministerio de Cultura.
- BUENO R, P.; BALBÍN B, R.; BARROSO B, R.; ALDECOA QUINTANA, M. A.; CASADO MATEOS, A. B. (1998) – Dólmenes en la cuenca del Tajo: restauración y consolidación de megalitos en Alcántara (Cáceres). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 55:1, pp. 171-184.

- BUENO R, P.; BALBÍN B, R.; BARROSO B, R.; ALDECOA QUINTANA, M. A.; CASADO MATEOS, A. B. (1999) – Proyecto de excavación y restauración en dólmenes de Alcántara, Cáceres. Segunda campaña, España. *Estudios PreHistoricos*, Vol.56, Nº1, pp. 131-146.
- BUENO R, P.; BALBÍN B, R.; BARROSO B, R.; ALDECOA QUINTANA, M. A.; CASADO MATEOS, A. B. (2000a) – El espacio de la muerte en los grupos neolíticos y calcolíticos de la Extremadura española. *Extremadura Arqueológica*, VIII, 35-80.2000.
- BUENO R, P.; BALBÍN B, R.; BARROSO B, R.; ALDECOA QUINTANA, M. A.; CASADO MATEOS, A. B. (2000b) – Dólmenes en Alcántara (Cáceres). Un proyecto de consolidación e información arqueológica en las comarcas extremeñas del Tajo. Balance de las campañas de 1997 y 1998. *Extremadura Arqueológica*, VIII: El Megalitismo en Extremadura, 129-168.
- BUENO, P.; BALBÍN, R. e BARROSO, R. (2006) – Megalitos y marcadores gráficos en el Tajo Internacional: Santiago de Alcántara (Cáceres). Santiago de Alcántara: Ayuntamiento de Santiago de Alcántara.
- BUENO, P.; BALBÍN, R. e BARROSO, R. (2010a) – “Gráfias de los grupos productores y metalúrgicos en la Cuenca interior del Tajo. La realidad del cambio simbólico”. In GONÇALVES, A. C. e SOUSA, A. C. (Eds.): *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* Cascais: uniarq, pp. 489-517.
- BUENO, P., R. (2010b) – Ancestros e imagens antropomorfas muebles en el ámbito del megalitismo occidental: las placas decoradas. In: CACHO, C., et. al., (Eds.) – *Ojos que nunca se cierran. Ídolos en las primeras sociedades campesinas.* Madrid, Museo Arqueológico Nacional, pp. 39-77.
- BUENO, R. B, BERMEJO, B. R e BEHRMANN, B. R. (2017) – Ancestors' Images as Marks of the Past The Dolmen of Azután, Toledo (Spain). In *Key resources and sociocultural developments in the iberian chalcolithic.* Germany, Tübingen Library Publishing, pp. 23-36.
- CARDOSO, J. L.; MONTEIRO, R.; FERREIRA, O. V.; COELHO, A. V. P.; GUERRA, F.; GIL, F. B.; PAIS, J. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. 9/10, pp. 89-225.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. V. et. al., (1996) – O monumento pré-histórico da Tituarua, Moinhos da Casela (Maфра). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, Câmara municipal, pp. 135-193.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. V.; ZBYSEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; BERGER, F. (2003) – A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 11, pp. 229-321.
- CARDOSO, J. L.; CARVALHO, A. F. (2010/2011) – A gruta da Furninha (Peniche): estudo dos espólios das necrópoles neolíticas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18, pp. 333-392.
- CORREIA, V. (1917) – “Os ídolos placas” *Terra Portuguesa*, ano 2, nº 13-14, pp. 29-35.
- CORREIA, V. (1921) – El Neolítico de Pavia (Alentejo-Portugal). In *Comisió de Investigacio Paleontológicas y Prehistóricas.* Memoria Nº27, Serie Nº24 Madrid, Museu Nacional de Ciencias Naturales.
- CUENCA, E. C. (2016) – La Colección Sande del Museo Arqueológico Nacional. Novedades en la biografía de los monumentos megalíticos de la necrópolis de Guadancil. In: PÉREZ, A., C. (Eds.) *Boletín del Museo Arqueológico Nacional.* Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, Secretaría General Técnica, pp. 29-46.
- CUENCA, E. C. (2018) – Una Biografía de la Necrópolis Megalítica del Área de Alconétar. Mérida, Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida.
- CUNHA, L. A.; CARDOSO, J. L. (2002/2003) – A anta do Penedo (Bever, Gavião). *ESTUDOS PRÉ-HISTÓRICOS.* Viseu, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Vol. X-XI. pp. 31-53.
- DELICADO, C. (2016) – A gruta artificial das Lapas (Torres Novas). Contributo para o conhecimento das práticas funerárias dos 4º e 3º milénios a.n.e. na Estremadura Portuguesa. *Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia.* Faculdade de Letra da Universidade de Lisboa.
- DINIZ, M. (2000) – Neolitização e Megalitismo. Arquitecturas do tempo no espaço. In *Muitas antas, pouca gente?: Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo / coord. por Victor S. Gonçalves, Ana Catarina Sousa, António Marques de Faria*, pp. 105-116.
- DINIZ, M. (2018) – The Origins of Megalithism in Western Iberia: resilient signs of a symbolic revolution? In J. C. Senna-Martínez, M. Diniz, & A. F. Carvalho (Eds.), *De Gibraltar aos Pirenéus – Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular* (pp. 303-320). Nelas: Fundação Lapa do Lobo / UNIARQ – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / CEAACP – Universidade do Algarve.
- FERREIRA, O. DA VEIGA (1973) – Acerca das placas-ídolos com mãos encontradas em Portugal e o culto da fecundidade. *Estudios de (dedicados al Professor Dr. Luis Pericot.* Barcelona. Universidad de Barcelona, Instituto de Arqueología y Prehistoria, pp. 233-240.
- GONÇALVES, V. S. (1973) – Uma nova necrópole de Idade do Bronze: A Gruta da Marmota. *O Arqueólogo Português*, 6, 213-218.

- GONÇALVES, V. S., & PEREIRA, A. R. (1974-77) – Considerações sobre Neolítico da Gruta dos Carrascos (Monsanto, Alcanena). *O Arqueólogo Português*, VII-IX, 49-87.
- GONÇALVES, V. S. (1978) – A neolitização e o Megalitismo da Região de Alcobaça. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- GONÇALVES, V.; CLAUSTRE-TREINEN, F. & ARRUDA, M. A. (1981) – Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato) campanha 1-(81). *Revista do centro de história da universidade de lisboa. CLIO*, Lisboa, Vol. 3, pp. 153-171.
- GONÇALVES, V.; CLAUSTRE-TREINEN, F.; ARRUDA, M. A. & ZAMMIT, J. (1983/1984) – Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato) campanha 2-(82). *Revista do centro de história da universidade de lisboa. CLIO*, Lisboa, Vol. 1, pp. 225-230.
- GONÇALVES, J. L. M. (1990/1992) – As grutas da serra de Montejunto (Cadaval). *O Arqueólogo Português*. 4ª série, 8/10, p. 41-201.
- GONÇALVES, V. S. (1993) – Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. A Deusa dos Olhos de Sol – um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras*. Nº 15, serie 5, pp. 9-15.
- GONÇALVES, V. S. (2001) – A anta 2 da herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. volume 4. número 2, pp. 115-206.
- GONÇALVES, V. S. (2003) – “Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular: 4. “A síndrome das placas loucas”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, nº 6, pp. 131-157.
- GONÇALVES, V. S. (2004a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 5: o explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7: 1, pp. 165-183;
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. A. & PEREIRA, A. (2004b) – As placas de xisto gravadas da gruta artificial de S. Paulo 2 (Almada). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7, 73-96.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. A. & PEREIRA, A. (2004c) – As placas de xisto gravadas das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque e da necrópole das Baútas (Mina, Amadora). *O Arqueólogo Português*, 22, 113-162.
- GONÇALVES, V. S. (2004d) – As deusas da noite: o projecto “Placa Nostra” e as Placas de Xisto gravadas da região de Évora, Lisboa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, pp. 49-72.
- GONÇALVES, V. S. (2005a) – Tempos, símbolos e espaços da Morte das antigas sociedades camponesas. In: *Cascais Há 5000 Anos*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais e Uniarq. pp. 63-195.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2005b) – As notáveis placas votivas da Anta de Cabacinheiros (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 8. número 1, pp. 43-109.
- GONÇALVES, V. S. (2009) – As ocupações pré-históricas das furnas do Poço Velho (Cascais). Câmara Municipal de Cascais e Uniarq.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. et.al., (2013) – No limite oriental do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Évora: EDIA e DRCALEN.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. A.; PEREIRA, A. (2014a) – As placas votivas (e o Báculo) da Lapa da Galinha, na primeira metade do 3º milénio A.N.E. In *Estudo Arqueológico de Oeiras*. Vol. 21, Oeiras, Camara municipal, pp. 109-158.
- GONÇALVES, V. S. & ANDRADE, M. A. (2014b) – Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto. 2. Antas inéditas do grupo megalítico Crato-Nisa (Anta das Romeiras e Anta da Ferranha). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 17, 61-94.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. & SANTOS, M. (2018) – A Necrópole de Grutas Artificiais do Casal do Pardo (Quinta do Anjo, Palmela, 3200-2000 antes da nossa Era) – Um Guia Curto e Alguns Comentários. Palmela: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2021a) – A propósito das placas de xisto gravadas do ocidente peninsular (3200-2500 a.n.e). Um depoimento pessoal. In: *Ídolos olhares milenares: O estudo da arte em Portugal*. Lisboa, imprensa Nacional, pp. 149-168.
- GONÇALVES, V. S. e ANDRADE, M. A. (2021b) – “A propósito de algumas placas votivas da Anta grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo, Alentejo Médio): breves leituras, esperando outras, mais extensas e sistemáticas”. In: *Terra e Sal. Das antigas sociedades camponesas ao fim dos tempos modernos. Estudos Oferecidos a Carlos Tavares da Silva*. Estudos & Memórias, 16. Lisboa: uniarq, pp. 167-191.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1967-1968) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – II. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 20: 3-4, pp. 285-297.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1971) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – IV. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 22:1, pp. 41-56.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1973) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – V. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 22:2, pp. 107-123.

- ISIDORO, Agostinho Farinha (1975) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – VI. Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa. Porto. 29, pp. 3-13.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) – Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz, reimpressão Lisboa, UNIARCH/INIC, 1985, pp. 114-140; 155-167.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1953) – Contribuição para o registo das antas portuguesas: a região de Montargil, concelho de Ponte de Sôr. O Arqueólogo Português. Lisboa. Nova série, 2, pp. 227-256.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen, 2, Walter de Gruyter, Lieferung, Berlin.
- LEISNER, V. (1965) – Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen, Lieferung: Berlin, Walter de Gruyter, 3.
- LILLIOS, K. (2002) – Some new views of the engraved slate plaques of southwest Iberia in O Arqueólogo Português, impressão Casa da Moeda, volume 5, número 2, pp. 135-151.
- LILLIOS, K. (2004) – “Lives of Stone, Lives of People: Re-Viewing the Engraved Plaques of Late Neolithic and Copper Age Iberia”, European Journal of Archaeology, nº 7 (2), pp. 125-158.
- LILLIOS, K. (2006) – “Liminal animals, luminal people: the Barn Owl (*Tyto alba*) and the engraved plaques of Late Neolithic and Copper Age Iberia”, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular: Animais na Pré-História e Arqueologia da Península Ibérica, Estudos de Património. Departamento de História, Arqueologia e Património. Universidade do Algarve, pp. 27-34.
- LILLIOS, K. (2008) – Heraldry for the Dead, University of Texas Press.
- MARTINHO, C. (2009) – Roteiro Megalítico de Coruche. Coruche, Camara Municipal de Coruche/Museu Municipal de Coruche.
- MARTINS, A., NEVES, C., DINIZ, M., & ARNAUD, J. M. (2020 (2018)) – Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a coleção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa). Arqueologia & História.
- OLIVEIRA, J. (1997) – Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever. Tomo I. Edição Especial Ibn-Maruán. Marvão: Colibri/Câmara Municipal.
- OLIVEIRA, J. (1999/2000) – A Anta da Tapada de Matos-Castelo de Vide intervenção arqueológica no corredor, in Ibn Maruán, Nº9/10, pp. 239-260.
- OLIVEIRA, J. (2006) – Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris, Edições Colibri/Universidade de Évora.
- OLIVEIRA, J. (2010) – Neolítico e Megalitismo na Coudelaria de Alter. In V. S. Gonçalves & A. C. Sousa (Eds.), Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e 3º milénios a.n.e. (pp. 357-397). Cascais: Câmara Municipal.
- OLIVEIRA, J. (2015) – O eterno descanso no neolítico do Alentejo Norte in Actas do II Congresso Internacional Sobre Arqueologia de Transição: Mundo Funerário, CHAIA-Universidade de Évora, pp. 97-106.
- PAROLEIRO, A. (2016) – Estudo dos Recipientes Cerâmicos dos Monumentos Megalíticos do Concelho de Castelo de Vide. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Pré-história. Faculdade de Letra da Universidade do Porto.
- ROCHA, L. (2005) – Origens do megalitismo funerário... a contribuição de Manuel Heleno, Tese de Doutoramento (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), policopiada.
- ROCHA, L. (2012) – Arte móvel megalítica no Alentejo Central (Portugal): algumas leituras possíveis, in III SIMPOSIUM INTERNACIONAL DE ARTE RUPESTRE DE HAVANA, instituto cubano de antropologia, pp. 46-65.
- ROCHA, L. (2021) – Tributos aos deuses: Os ídolos em contextos funerários da pré-história recente em Portugal. In Ídolos olhares milenares: O estudo da arte em Portugal. Lisboa, imprensa Nacional, pp. 249-265.
- RODRIGES, M. (1986) – Código para a análise das Placas de Xisto Gravadas do Alto Alentejo, Câmara de Castelo de Vide, vol. 1.
- RODRIGES, M. (1986) – Estudo Ideológico-Simbólico das Placas de Xisto Gravadas, Câmara Municipal de Castelo de Vide, vol. 2.
- SOARES, A. M. e ARNOUD, J. M. (1976) – Escavações do sepulcro megalítico MV 2 (V. V. Ficalhos, Serpa). Arquivo de Beja, Vol. I, serie II, pp. 67-82.
- VALERA, A., C. (2019) – Segmentation and depositional practices in prehistoric south Portugal: between ontological stability and fluidity. Lisboa, NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA (NIA) ERA ARQUEOLOGIA S.A., pp. 9-30.
- VAN CALKER, D. (2020) – Revisitar a Lapa da Galinha (Alcanena Santarém): as práticas funerárias no Maciço Calcário Estremenho (4º e 3º milénios a.n.e.). Tese de Mestrado em arqueologia. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- VILAÇA, R.; CARVALHO, S. P.; CATARIMO, L.; PEREIRA, B. L. (2023) – Placas de contextos megalíticos del centro de Portugal. Los casos de Arqinha da Moura (Tondela) y de Mamaltar de Vale de Fachas (Viseu). In Zephyrus, XCII, Universidad de Salamanca, pp. 39-61.

Anexo 1

Sítio	Localização	Tipo de Sítio	Nº total de Placas	Proveniência			Estado de Conservação			Vestígios de Ocre/ Cinábrio	Bibliografia
				Câmara	Corredor	Indeterminado	Inteira	Fragmento	Indeterminado		
Vale das Fachas	Viseu	Anta	1	1				1	Presente	(Vilaça, 2023)	
Vega del Guadancil 1	Alcântara	Anta	1			1	1		Presente	(Bueno, 1999)	
Cão da Ribeira	Proença-a-Nova	Anta	2			2		2	Indeterminado	André Pereira – informação oral	
Maimón	Alcântara	Anta	1		1		1		Presente	(Bueno, 1998: 174)	
Tricones 1	Alcântara	Anta	1		1			1	Presente	(Bueno, 1999: 141)	
Fonte da Pipa	Nisa	Anta	2	2				2	Presente	(Oliveira, 1997: 501)	
Tapada de Matos/Mosteiros	Castelo de Vide	Anta	2		2			2	Presente	(Oliveira, 1997: 517 e 518)	
Penedo Gordo	Gavião	Anta	1	1				1	Ausente	(Cunha, Cardoso, 2002/2003: 50)	
Porqueros 3	Valencia de Alcântara	Anta	1	1				1	Indeterminado	(Bueno, 1988: 30)	
Lanchas 1	Valencia de Alcântara	Anta	1	1			1		Ausente	(Bueno, 1988)	
El Corchero	Valencia de Alcântara	Anta	1		1			1	Ausente	(Bueno, 1988)	
Alcogulo 2	Castelo de Vide	Anta	1			1	1		Ausente	(Oliveira, 1997) (Paroleiro, 2018: 153)	
Courelheiros 2	Castelo de Vide	Anta	5		5			5	Ausente	(Oliveira, 1997: 518 e 519) (Paroleiro, 2018: 153)	
Tapadão da Relva	Castelo de Vide	Anta	1		1		1		Ausente	(Oliveira, 1997)	
Cabeçuda	Marvão	Anta	4		4		2	2	Presente	(Oliveira, 1997)	
Bola de Cera	Marvão	Anta	2	2			2		Presente	(Oliveira, 1997)	
Pombais	Marvão	Anta	4	4			1	3	Presente	(Oliveira, 1997)	
Castelhanas	Marvão	Anta	1			1		1	Presente	(Oliveira, 1997)	
Zafras 2	Valencia de Alcântara	Anta	1			1		1	Indeterminado	(Bueno, 1988: 102)	
Datas 2	Valencia de Alcântara	Anta	1	1				1	Indeterminado	(Bueno, 1988: 146)	
Ferranha	Crato	Anta	5			5	3	2	Presente	(Gonçalves, Andrade, 2014b: 78-80)	
Tapada da Lage das Peles	Crato	Anta	1			1	1		Indeterminado	(Isidoro, 1971: 41-43)	
Zambujeira 2	Crato	Anta	3			3	3		Indeterminado	(Isidoro, 1975: 3-12)	
Dacosta 1	Crato	Anta	1			1		1	Ausente	(Isidoro, 1973: 107-109)	

Sítio	Localização	Tipo de Sítio	Nº total de Placas	Proveniência			Estado de Conservação			Vestígios de Ocre/Cinábrio	Bibliografia
				Câmara	Corredor	Indeterminado	Inteira	Fragmento	Indeterminado		
Vale das Antas 1	Crato	Anta	2		2			2		Indeterminado	(Isidoro, 1973: 107-123)
Coutado dos Enxares	Crato	Anta	1		1			1		Indeterminado	(Isidoro, 1973: 107-123)
Penedos de São Miguel	Crato	Anta	>9		9		1	8		Presente	(Gonçalves, 1981/1982/1983)
Tapada dos Canchos	Crato	Anta	1	1				1		Indeterminado	(Isidoro, 1967/68: 287-290)
Couto dos Andreiros 2	Crato	Anta	2	2				2		Indeterminado	(Isidoro, 1967/68: 291-295)
“Alter do Chão”	Alter do Chão	Anta	1			1		1		Ausente	(Andrade, 2014: 49)
Horta	Alter do Chão	Anta	14		14		11	3		Ausente	(Oliveira, 2006: 389-392; Oliveira, 2010)
Soalheira	Alter do Chão	Anta	3		3		2	1		Ausente	(Oliveira, 2006: 370-373; Oliveira, 2010)
Portas do Tempo (Locus 2)	Alter do Chão	Habitat	1			1		1		Ausente	(Oliveira, 2006: 389-392; Oliveira, 2010)
Cavaleiros 1	Ponte de Sor	Anta	1			1	1			Ausente	(Leisner e Leisner, 1953)
Portugal 1	Ponte de Sor	Anta	1			1	1			Ausente	(Leisner e Leisner, 1953)
Alcarapinha 1	Elvas	Anta	1			1	1			Ausente	(Leisner e Leisner, 1959)
Coutada de Barbacena	Elvas	Anta	1			1			1	Indeterminado	(Ferreira, 1973: 233-240)
Ordem 1	Avis	Anta	1			1	1			Ausente	(Andrade, 2016: 144)
Capela	Avis	Anta	3			3	1	2		Presente	(Leisner e Leisner, 1959)
Outeirões 3	Estremoz	Anta	1	1			1			Indeterminado	(Andrade, et, al., 2018: 364-381)
Talha 1	Estremoz	Anta	2			2			2	Indeterminado	(Andrade, et, al., 2018: 364-381)
Casas do Canal 1	Estremoz	Anta	1			1		1		Indeterminado	(Andrade, et, al., 2018: 364-381)
Espadanal	Estremoz	Anta	2			2	2			Ausente	(Andrade, et, al., 2018: 364-381)
Lebre	Estremoz	Anta	1		1		1			Ausente	(Andrade, et, al., 2018: 364-381)
Grande da Comenda da Igreja	Montemor-o-Novo	Anta	3			3			3	Presente	(Gonçalves, Andrade, 2001: 166)
Bate Pé Velho 2	Montemor-o-Novo	Anta	1			1	1			Indeterminado	Marco Andrade – Informação oral
Paço 1	Montemor-o-Novo	Anta	2			2	2			Indeterminado	André Pereira – informação oral
Chaminé 1	Montemor-o-Novo	Anta	1			1	1			Indeterminado	Marco Andrade – Informação oral

Sítio	Localização	Tipo de Sítio	Nº total de Placas	Proveniência			Estado de Conservação			Vestígios de Ocre/Cinábrio	Bibliografia
				Câmara	Corredor	Indeterminado	Inteira	Fragmento	Indeterminado		
Vale Beiró	Coruche	Anta	5			5	4	1		Indeterminado	(Martinho, 2009: 14)
Velada	Montemor-o-Novo	Anta	1		1		1			Ausente	(Leisner e Leisner, 1959)
Várzeas	Montemor-o-Novo	Anta	1			1	1			Indeterminado	(Martinho, 2009: 88)
Casa Branca 3	Mora	Anta	1			1		1		Presente	(Leisner e Leisner, 1959)
Brissos 6 (Brissos 1 de Manuel Heleno)	Mora	Anta	1			1	1			Indeterminado	Marco Andrade – Informação oral
Entreáguas 1	Mora	Anta	1			1		1		Indeterminado	(Leisner e Leisner, 1959)
Cabeço do Considreiro 1	Mora	Anta	1			1		1		Indeterminado	(Leisner e Leisner, 1959)
Lapa da Galinha	Alcanena	Gruta Natural	7	7			1	6		Presente	(Gonçalves, 2014a: 123) e (Calker, Van, 2020)
Cabeço da Ministra	Aljubarrota	Gruta Natural	1			1		1		Indeterminado	(Gonçalves, 1978: 72 e 73)
Carvalho de Aljubarrota	Aljubarrota	Gruta Natural	4			4	1	3		Indeterminado	(Gonçalves, 1978: 72 e 73)
Furninha	Peniche	Gruta Natural	1			1	1			Ausente	(Cardoso e Carvalho, 2010/2011)
Marmota 1	Santarém	Gruta Natural	2	2				2		Ausente	(Gonçalves, 1973); (Gonçalves, et, al., 2014a: 133)
Lapas	Santarém	Gruta Artificial	1	1				1		Ausente	(Andrade, 2015a); (Delicado, 2016: 76)
Cabeço da Arruda 1	Torres Vedras	Gruta Artificial	2			2	2			Indeterminado	(Leisner, 1965)
Cova da Moura	Torres Vedras	Gruta Natural	4	4			2	2		Ausente	(Belo, et, al., 1961)
Furadouro da Rocha Forte	Cadaval	Gruta Natural	3	3				3		Ausente	(Gonçalves, 1990/1992)
Correio-Mor	Loures	Gruta Natural	9	9				9		Ausente	(Cardoso, 2003)
Casainhos	Loures	Anta	1	1				1		Ausente	(Leisner, 1965)
Casal do Penedo	Vila Franca de Xira	Anta	1			1		1		Ausente	(Leisner, 1965)
Trigache 3	Odivelas	Anta	1			1		1		Ausente	(Leisner, 1965)
Conchadas	Amadora	Anta	1			1	1			Ausente	(Leisner, 1965)
Carenque 2	Amadora	Gruta Artificial	1		1			1		Ausente	(Gonçalves, et, al., 2014c: 132)
Serra das Éguas	Amadora	Habitat	1			1	1			Indeterminado	(Andrade, 2021, p. 235)

Sítio	Localização	Tipo de Sítio	Nº total de Placas	Proveniência			Estado de Conservação			Vestígios de Ocre/ Cinábrio	Bibliografia
				Câmara	Corredor	Indeterminado	Inteira	Fragmento	Indeterminado		
Carenque 3	Amadora	Gruta Artificial	1			1	1			Ausente	(Gonçalves, et, al., 2014c: 132)
Alapraia 2	Cascais	Gruta Artificial	1			1		1		Ausente	(Leisner, 1965)
Poço Velho	Cascais	Gruta Natural	8			8	3	5		Presente	(Gonçalves, 2005a); (Gonçalves, 2009: 459-463)
São Paulo 2	Almada	Gruta Artificial	2			2			2	Indeterminado	(Gonçalves, et, al., 2004b: 77)
Casal do Pardo 4	Palmela	Gruta Artificial	1		1		1			Ausente	(Gonçalves, et, al., 2018: 43)
Lapa do Bugio	Sesimbra	Gruta Natural	15	15			3	12		Ausente	(Cardoso, 1992)
Galvões	Alandroal	Anta	1			1		1		Ausente	(Leisner e Leisner, 1959)
Escoural	Montemor-o-Novo	Gruta Natural	2			2	2			Ausente	(Araújo, Santos, 1995: 73-75); (Gonçalves, 2001: 174)
Vale Rodrigo	Évora	Anta	1			1		1		Ausente	(Leisne e Leisner, 1959)
Cabacinhitos	Évora	Anta	1			1		1		Ausente	(Gonçalves, et, al., 2005b: 76)
Xarez 1	Reguengos de Monsaraz	Anta	1			1		1		Ausente	(Gonçalves, 2013: 485)
Monte da Velha 2	Serpa	Anta	1			1		1		Ausente	(Soares e Arnaud, 1976)

* **Legenda das abreviaturas** – M.P. = Moldura Periférica; L.I. = Linhas Incisas; L. Ziguezague ou T. = Linhas Ziguezague ou Triângulos; F. O. = Falsos Olhos; O = Olhos; S = Sobrancelhas; N = Nariz; T. F. = Tatuagens Faciais; B = Braços; M = Mãos; T. P. = Triângulo Público; L. I. = Linhas Incisas; C = Colar; S. D = Sem Decoração; C. A. = Contornos Antropomórficos; D. C. = Depressão Central.

Sítio	Nº de Placas	Suporte	Forma da placa	Nº de perfurações	M.P.*	L.I.*	L. Ziguezague ou T.*	F. O.*	Decorações Antropomórficas												
									O.*	S.*	N.*	T. F.*	B.*	M.*	T. P.*	L. I.*	C.*	S. D.*	C. A.*	D. C.*	
Bola de Cera	BC - 44	Micaxisto	Sub-retangular	6 Perfurações					X	X	X	X	X	X							
	BC - 86	Micaxisto	Sub-retangular	2 Perfurações					X	X	X	X				X					
Pombais	AP - 104	Micaxisto	Indeterminada	2 Perfurações					X	X	X	X									
	AP - 106	Grés/Arenito	Trapezoidal	Sem Perfuração													X				
	AP - 107	Micaxisto	Contorno hiperboloide	Sem Perfuração															X		
	AP - 135	Grés/Arenito	Retangular	Sem Perfuração													X				
Castelhanas	AC - 59	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração													X				
Zafra 2	33	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração													X				
Datas 2	34	Grés/Arenito	Indeterminada	1 Perfuração		X															
Ferranha	AF - 16	Grés/Arenito	Contorno hiperboloide	Sem Perfuração																X	
	AF - 17	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração														X			
	AF - 18	Grés/Arenito	Contorno hiperboloide	Sem Perfuração																X	
	AF - 19	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração														X			
	AF - 20	Grés/Arenito	Retangular	Sem Perfuração														X			
Tapada da lage das Peles	40	Micaxisto	Indeterminada	1 Perfuração				X													
Zambujeira 2	41	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração														X			
	42	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração														X			
	43	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração														X			
Dacosta 2	44	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração														X			
Vale da Anta 1	45	Grés/Arenito ou Micaxisto?	Indeterminada	1 Perfuração				X													
	46	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração														X			
Coutado dos Enxares	47	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração		X															

Sítio	Nº de Placas	Suporte	Forma da placa	Nº de perfurações	M.P.*	L.I.*	L. Ziguezague ou T.*	F.O.*	Decorações Antropomórficas										S.D.*	C.A.*	D.C.*
									O.*	S.*	N.*	T.F.*	B.*	M.*	T.P.*	L.I.*	C.*				
Penedos de S. Miguel	48	Grés/Arenito	Trapezoidal	2 Perfurações					X	X	X	X	X	X	X	X					
	49	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração													X				
	50	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração													X				
	51	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração													X				
	52	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração													X				
	53	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração													X				
	54	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração													X				
	55	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração													X				
	56	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração													X				
Tapada do Cancho	57	Grés/Arenito	Retangular	1 Perfuração					X		X	X									
Couto dos Andreiros 2	58	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração													X				
	59	Grés/Arenito	Retangular	2 Perfurações					X	X	X	X	X			X					
“Alter do Chão”	60	Grés/Arenito	Retangular	Sem Perfuração													X				
Horta	AH 161	Micaxisto	Sub-retangular	2 Perfurações					X		X	X	X	X	X	X	X				
	AH 163	Grés/Arenito	Trapezoidal	4 Perfurações					X		X	X	X	X	X	X	X				
	AH 165	Grés/Arenito	Retangular	2 Perfurações					X		X	X	X	X	X	X	X				
	AH 168	Grés/Arenito	Trapezoidal	1 Perfuração																X	
	AH 170	Grés/Arenito	Contorno hiperboloide	Sem Perfuração																X	
	AH 176	Grés/Arenito	Contorno hiperboloide	Sem Perfuração																X	
	AH 177	Grés/Arenito	Retangular	Sem Perfuração														X			
	Ah 178	Grés/Arenito	Trapezoidal	Sem Perfuração														X			
	Ah 195	Grés/Arenito	Contorno hiperboloide	Sem Perfuração																	
	AH196	Grés/Arenito	Sub-retangular	Sem Perfuração																	X
	AH 197	Grés/Arenito	Trapezoidal	2 Perfurações						X		X	X	X	X	X	X	X			
	AH 198	Micaxisto	Retangular	2 Perfurações						X		X	X	X	X	X	X	X			
	AH 204	Grés/Arenito	Contorno hiperboloide	Sem Perfuração																X	
	AH 209	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração														X			218

Sítio	Nº de Placas	Suporte	Forma da placa	Nº de perfurações	M.P.*	L.I.*	L. Ziguezague ou T.*	F.O.*	Decorações Antropomórficas										S.D.*	C.A.*	D.C.*
									O.*	S.*	N.*	T.F.*	B.*	M.*	T.P.*	L.I.*	C.*				
Paço 1	98	Grés/Arenito	Retangular	Sem Perforação														X			
	99	Grés/Arenito	Retangular	1 Perforação	X	X															
Chaminé 1	100	Grés/Arenito	Contorno hiperboloide	1 Perforação															X		
Vale Beiró	101	Grés/Arenito	Sub-retangular	1 Perforação				X													
	102	Grés/Arenito	Retangular	1 Perforação														X			
	103	Grés/Arenito	Trapezoidal	1 Perforação														X			
	104	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perforação														X			
	105	Grés/Arenito	Retangular	1 Perforação														X			
Várzeas	106	Grés/Arenito	Trapezoidal	Sem Perforação														X			
Velada	107	Grés/Arenito	Retangular	Sem Perforação														X			
Casa Branca 3	108	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perforação														X			
Brissos 6 (Brissos 1 de Manuel Heleno)	109	Grés/Arenito	Trapezoidal	Sem Perforação														X			
Entreáguas 1	110	Grés/Arenito	Contorno hiperboloide	1 Perforação															X		
Cabeço do Considreiro 1	111	Micaxisto	Sub-retangular	1 Perforação				X													
Lapa da Galinha	MNA 6663	Micaxisto	Retangular	2 Perforações					X	X	X	X					X				
	MNA - 6664	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perforação		X															
	MNA - 6884 A e B	Grés/Arenito	Indeterminada	1 Perforação														X			
	MNA - 6835 A	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perforação		X															
	MNA - 6955	Grés/Arenito	Sub-retangular	Sem Perforação														X			
	MNA - 6539 B	Grés/Arenito	Sub-retangular	Sem Perforação														X			
	MNA - 6739	Grés/Arenito	Contorno hiperboloide	Sem Perforação															X		
Cabeço da Ministra	864	Grés/Arenito	Sub-retangular	1 Perforação				X													

Sítio	Nº de Placas	Suporte	Forma da placa	Nº de perfurações	M.P.*	L.I.*	L. Ziguezague ou T.*	F. O.*	Decorações Antropomórficas											
									O.*	S.*	N.*	T. F.*	B.*	M.*	T. P.*	L. I.*	C.*	S. D.*	C. A.*	D. C.*
Carvalhal de Aljubarrota	873	Grés/Arenito	Trapezoidal	1 Perfuração				X												
	121	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração		X														
	122	Grés/Arenito	Sub-retangular	Sem Perfuração														X		
	123	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração														X		
Furninha	124	Micaxisto	Sub-retangular	1 Perfuração				X												
Marmota 1	125	Grés/Arenito	Sub-retangular	Sem Perfuração			X													
	126	Grés/Arenito	Contorno hiperboloide	Sem Perfuração															X	
Lapas	2003.168.137	Grés/Arenito	Retangular	Sem Perfuração														X		
Cabeço da Arruda 1	128	Grés/Arenito	Sub-retangular	Sem Perfuração				X												
	129	Grés/Arenito	Sub-retangular	1 Perfuração																
Cova da Moura	130	Grés/Arenito	Trapezoidal	1 Perfuração		X														
	131	Grés/Arenito	Retangular	Sem Perfuração															X	
	132	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração															X	
	133	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração															X	
Furadouro da Rocha Forte	134	Grés/Arenito	Trapezoidal	Sem Perfuração															X	
	135	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração															X	
	136	Micaxisto	Sub-retangular	2 Perfurações				X												
Correio-Mor	137	Micaxisto	Sub-retangular	1 Perfuração				X												
	138	Grés/Arenito	Retangular	1 Perfuração	X															
	139	Grés/Arenito	Trapezoidal	1 Perfuração															X	
	140	Grés/Arenito	Trapezoidal	Sem Perfuração															X	
	141	Grés/Arenito	Trapezoidal	Sem Perfuração	X															
	142	Grés/Arenito	Subcircular	Sem Perfuração															X	
	143	Grés/Arenito	Sub-retangular	Sem Perfuração															X	
	144	Micaxisto	Trapezoidal	Sem Perfuração															X	
	145	Micaxisto	Sub-retangular	1 Perfuração															X	

Anexo 2 (continuação)

Sítio	Nº de Placas	Suporte	Forma da placa	Nº de perfurações	M.P.*	L.I.*	L. Ziguezague ou T.*	F.O.*	Decorações Antropomórficas										S.D.*	C.A.*	D.C.*
									O.*	S.*	N.*	T.F.*	B.*	M.*	T.P.*	L.I.*	C.*				
Casainhos	146	Grés/Arenito	Retangular	Sem Perfuração															X		
Casal do Penedo	147	Grés/Arenito ou Micaxisto?	Retangular	1 Perfuração																	X
Trigache 3	148	Grés/Arenito	Contorno hiperboloide	1 Perfuração																X	
Conchadas	149	Grés/Arenito ou Micaxisto?	Retangular	1 Perfuração															X		
Carenque 2	Nº 625-626	Grés/Arenito	Sub-retangular	Sem Perfuração															X		
Serra das Éguas	151	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração															X		
Carenque 3	152	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração															X		
Alapraia 2	153	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração															X		
Poço Velho	IGM 137	Grés/Arenito	Retangular	1 Perfuração			X														
	IGM 289	Grés/Arenito	Retangular	1 Perfuração															X		
	IGM 290+291	Grés/Arenito	Contorno hiperboloide	Sem Perfuração																X	
	IGM 364	Grés/Arenito	Retangular	Sem Perfuração															X		
	IGM 285	Grés/Arenito	Retangular	Sem Perfuração															X		
	IGM 286	Grés/Arenito	Retangular	Sem Perfuração															X		
	IGM 287	Grés/Arenito	Trapezoidal	Sem Perfuração															X		
	IGM 363	Grés/Arenito	Retangular	Sem Perfuração															X		
São Paulo 2	162	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração															X		
	163	Grés/Arenito	Indeterminada	Sem Perfuração															X		
Casal do Pardo 4	164	Grés/Arenito	Retangular	Sem Perfuração															X		

Anexo 3

Nº do sítio	Tipo de sítio arqueológico	Nome	X	Y
1	Anta	Mamaltar de Vale de Fachas 1	40,67954	-7,85051
2	Anta	Vega del Guadancil 1	39,77635	-6,64706
3	Anta	Cão da Ribeira	39,71994	-7,87454
4	Anta	Maimón	39,66008	-6,88279
5	Anta	Trícones 1	39,66233	-6,91894
6	Anta	Fonte da Pipa	39,65176	-7,54156
7	Anta	Tapada de Matos/Mosteiros	39,51991	-7,5509
8	Anta	Penedo Gordo	39,4902	-7,99663
9	Anta	Porqueros 3	39,53316	-7,26172
10	Anta	Lanchas 2	39,422	-7,26575
11	Anta	El Corchero	39,41356	-7,2902
12	Anta	Alcogulo 2	39,41303	-7,5317
13	Anta	Coureleiros 2	39,44403	-7,47016
14	Anta	Tapadão da Relva	39,39308	-7,55484
15	Anta	Cabeçuda	39,4736	-7,35725
16	Anta	Pombais	39,46687	-7,3217
17	Anta	Bola de Cera	39,45328	-7,31775
18	Anta	Castelhanas	39,41024	-7,31402
19	Anta	Zafra 2	39,40586	-7,22104
20	Anta	Datas 2	39,33414	-7,22665
21	Anta	Ferranha	39,41006	-7,67854
22	Anta	Tapada da lage das Peles	39,41605	-7,66978
23	Anta	Zambujeira 2	39,27713	-7,61855
24	Anta	Dacosta 1	39,24378	-7,55115
25	Anta	Vale da Anta 1	39,39022	-7,70122
26	Anta	Couto dos Enxores	39,36295	-7,68058
27	Anta	Penedos de S, Miguel	39,30852	-7,67856
28	Anta	Tapada dos Canchos	39,28077	-7,62547
29	Anta	Couto dos Andreiros 2	39,26147	-7,59891
30	Anta	Soalheira	39,22405	-7,68464
31	Habitat	Porta do Tempo (Locus 2)	39,2218	-7,6801
32	Anta	Horta	39,22404	-7,67926
33	Anta	Cavaleiros 1	39,07587	-8,22601
34	Anta	Portugal 1	39,07272	-8,2283
35	Anta	Alcarapinha 1	38,90013	-7,30713
36	Anta	Coutada de Barbacena	38,97344	-7,33264
37	Anta	Grande da Ordem	38,94461	-8,01447
38	Anta	Capela	39,16202	-7,92291
39	Anta	Outeirões 3	38,92208	-7,59658
40	Anta	Talha 1	38,91133	-7,58064
41	Anta	Casas do Canal 1	38,77229	-7,60631
42	Anta	Lebre	38,76578	-7,57749

Anexo 3 (continuação)

Nº do sítio	Tipo de sítio arqueológico	Nome	X	Y
43	Anta	Grande da Comenda da Igreja	38,758	-8,20489
44	Anta	Bate Pé Velho 2	38,73122	-8,15818
45	Anta	Paço 1	38,77129	-8,21872
46	Anta	Chaminé 1	38,7462	-8,1804
47	Anta	Vale Beiró	38,82215	-8,19742
48	Anta	Velada	38,61251	-8,04255
49	Anta	Várzeas	38,82849	-8,30058
50	Anta	Casa Branca 3	38,91795	-8,06362
51	Anta	Brissos 6 (Brissos 1 de Manuel Heleno)	38,86935	-8,09876
52	Anta	Entreáguas 1	38,93671	-8,04374
53	Anta	Cabeço do Considreiro 1	38,93823	-8,08786
54	Gruta Natural	Lapa da Galinha	39,48146	-8,6724
55	Gruta Natural	Cabeço da Ministra	39,55065	-8,92249
56	Gruta Natural	Carvalho de Aljubarrota	39,53669	-8,94202
57	Gruta Natural	Furninha	39,3545	-9,39955
58	Gruta Natural	Marmota 1	39,44044	-8,67319
59	Gruta Artificial	Lapas	39,49506	-8,55477
60	Gruta Artificial	Cabeço da Arruda 1	39,04044	-9,34126
61	Gruta Natural	Cova da Moura	39,0755	-9,39638
62	Gruta Natural	Furadouro da Rocha Forte	39,18697	-9,03183
63	Gruta Natural	Correio-Mor	38,82674	-9,18716
64	Anta	Casainhos	38,88208	-9,17056
65	Anta	Casal do Penedo	38,88836	-9,07876
66	Anta	Trigache 3	38,8094	-9,20424
67	Anta	Conchadas	38,79432	-9,23517
68	Gruta Artificial	Carenque 2 e 3	38,77337	-9,24386
69	Habitat	Serra das Éguas	38,77468	-9,24953
70	Gruta Artificial	Alapraia 2	38,70644	-9,3774
71	Gruta Natural	Poço Velho	38,70008	-9,42055
72	Gruta Artificial	São Paulo 2	38,68117	-9,16258
73	Gruta Artificial	Casal do Pardo 4	38,56415	-8,93863
74	Gruta Natural	Lapa do Bugio	38,43234	-9,17025
75	Anta	Galvões	38,70094	-7,31122
76	Gruta Natural	Escoural	38,54417	-8,13797
77	Anta	Vale Rodrigo	38,50891	-8,06877
78	Anta	Cabacinheiros	38,47294	-7,79453
79	Anta	Xarex 1	38,41952	-7,38496
80	Anta	Monte da Velha 2	37,95211	-7,342000

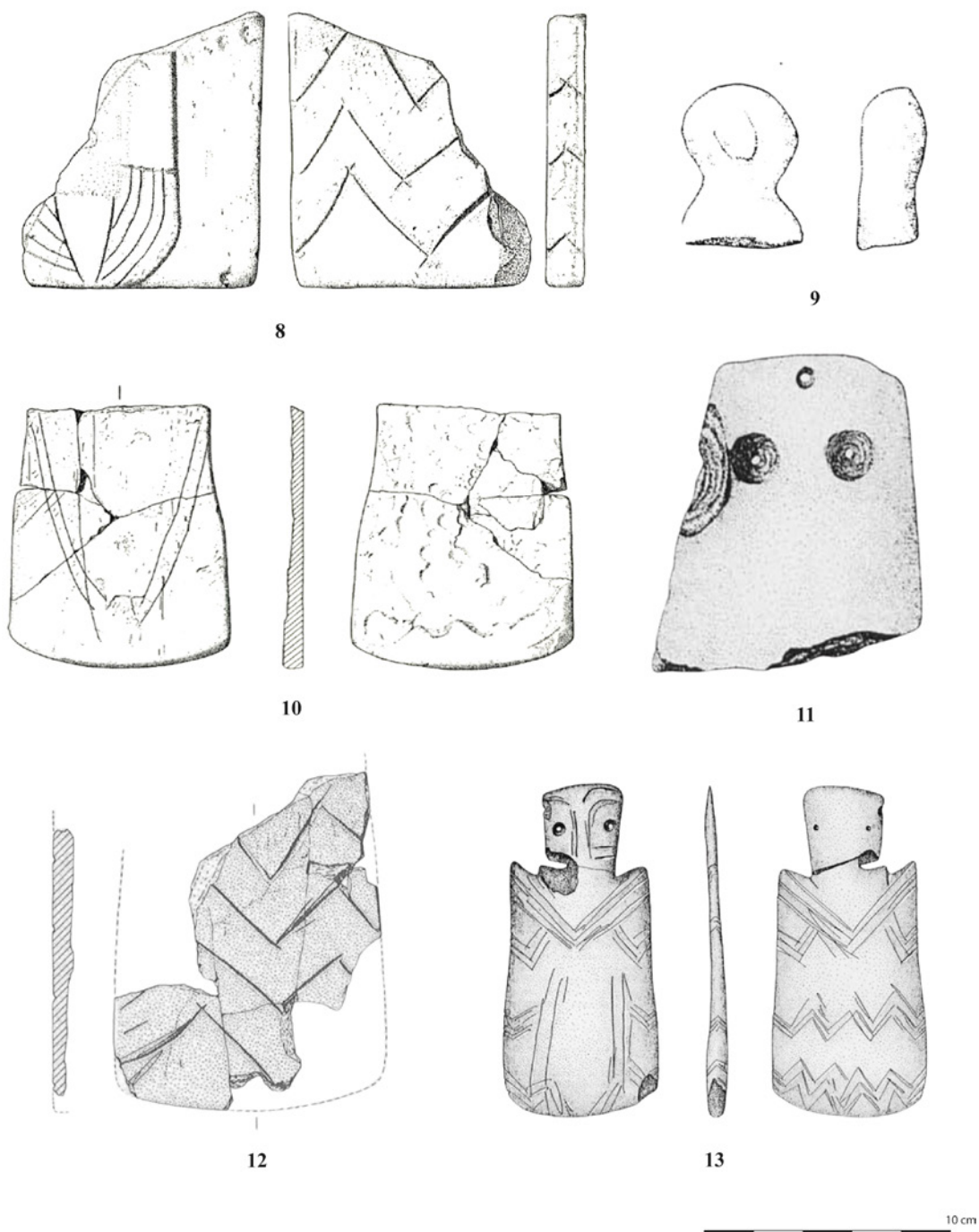
Anexo 4

Monumento	Laboratório	Amostra	Anos BP	Cal BC – 2	Bibliografia
Anta da Bola de Cera	ICEN 67	Ossos na base do monumento associado a placas de xisto	4420±45	3331-2916	(Oliveira, 1997: 616)
Anta da Horta	Beta – 194313)	Fragmento de Mandíbula da câmara		3350 a 3020	(Oliveira, 2010)
Anta da Horta	Beta – 194312	Calcâneo proveniente do corredor com placas de grés associadas	4390±40	2800 a 2760	(Oliveira, 2010)
Gruta do Escoural	Lv – 1922	Osso proveniente de G. 4.3.	4500±60	3370 - 2929	Araújo e Santos, 1995: 74
Gruta do Escoural	Lv- 1923	Osso proveniente de G. 4.4	4610±60	3600- 3105	Araújo e Santos, 1995: 74
Gruta do Escoural	Lv - 1924	Osso proveniente de G. 12.4	4460±70	3360-2920	Araújo e Santos, 1995: 74
Gruta do Escoural	Lv – 1925	Osso proveniente de G. 12.4	4420±60	3340-2910	Araújo e Santos, 1995:
Gruta do Escoural	ICEN – 861	Osso proveniente de Sala 1	4680±80	3644-3103	Araújo e Santos, 1995: 74
Gruta de São Paulo 2	UBAR – 630	Osso humano	3870±70	2553-2137	Gonçalves, 2004b: 78

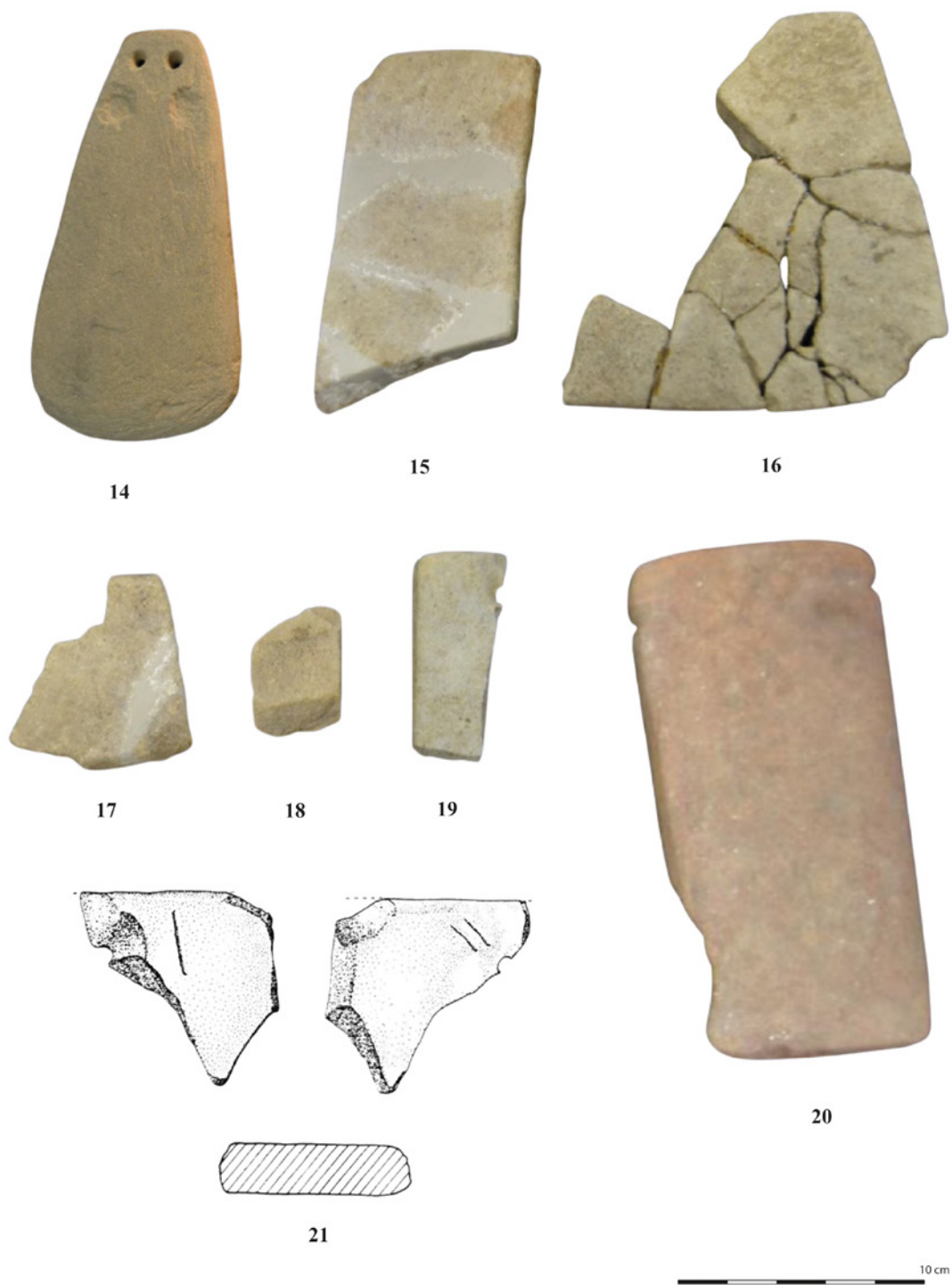
Estampas de 1 até 16



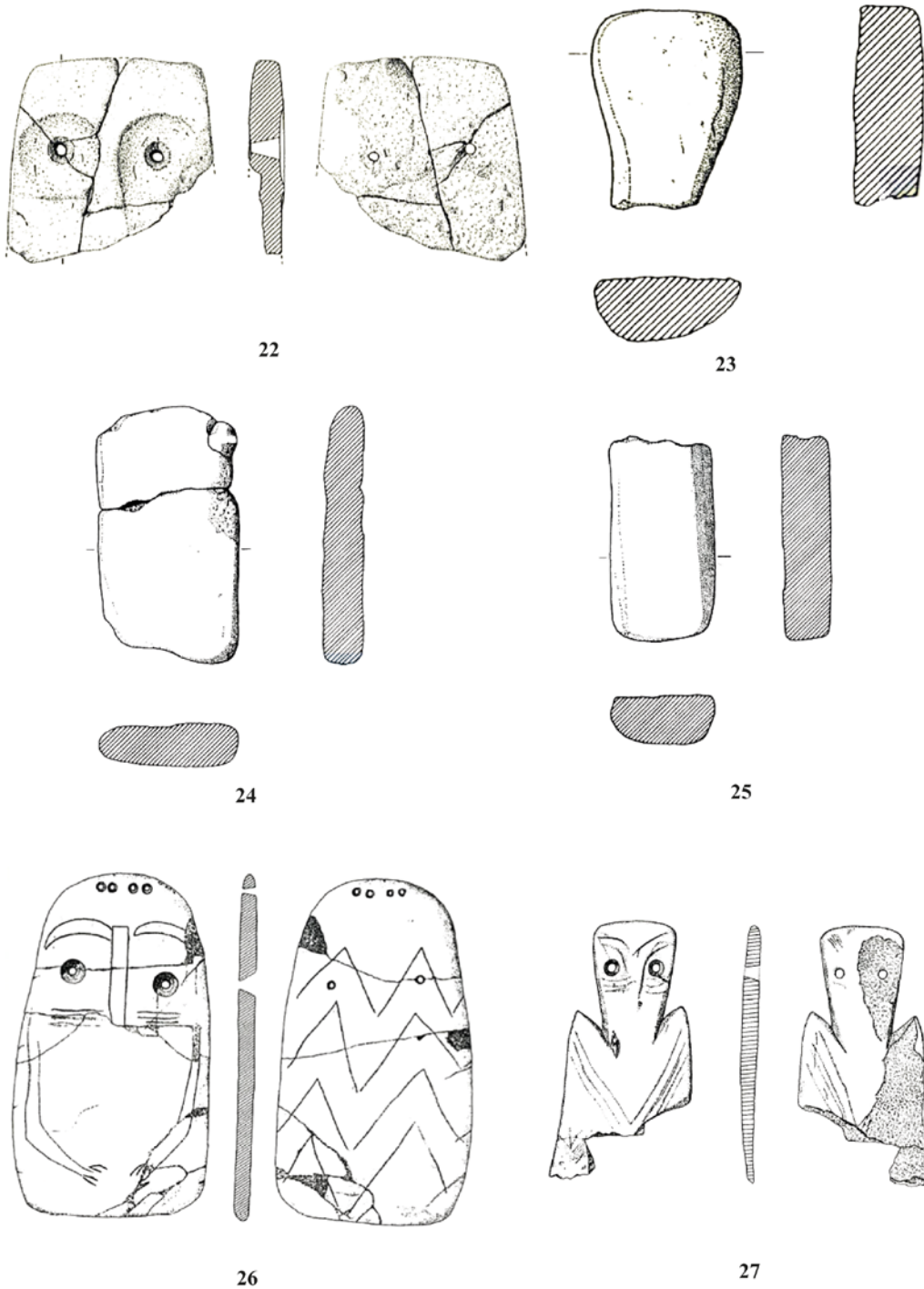
Estampa 1: 2 - Anta de Vale das Fanchas (Viseu), N° JC79-35 (Vilaça, et.al., 2023); 3 - Anta de Tricones I (Alcántara), N° 6 (Bueno, et. al., 1999); 4 - Anta de Vega del Guadancil I (Alcántara), N° 358 (Cuenca, 2018); 5 - Anta de Maimón (Alcántara), N° 5 (Bueno, et. al., 1998); 6 - Anta da Fonte da Pipa (Nisa), FP-20 (Oliveira, 1997, tomabo 3); 7 - Fonte da Pipa (Nisa), N° 21 (Oliveira, 1997, tombo 3)



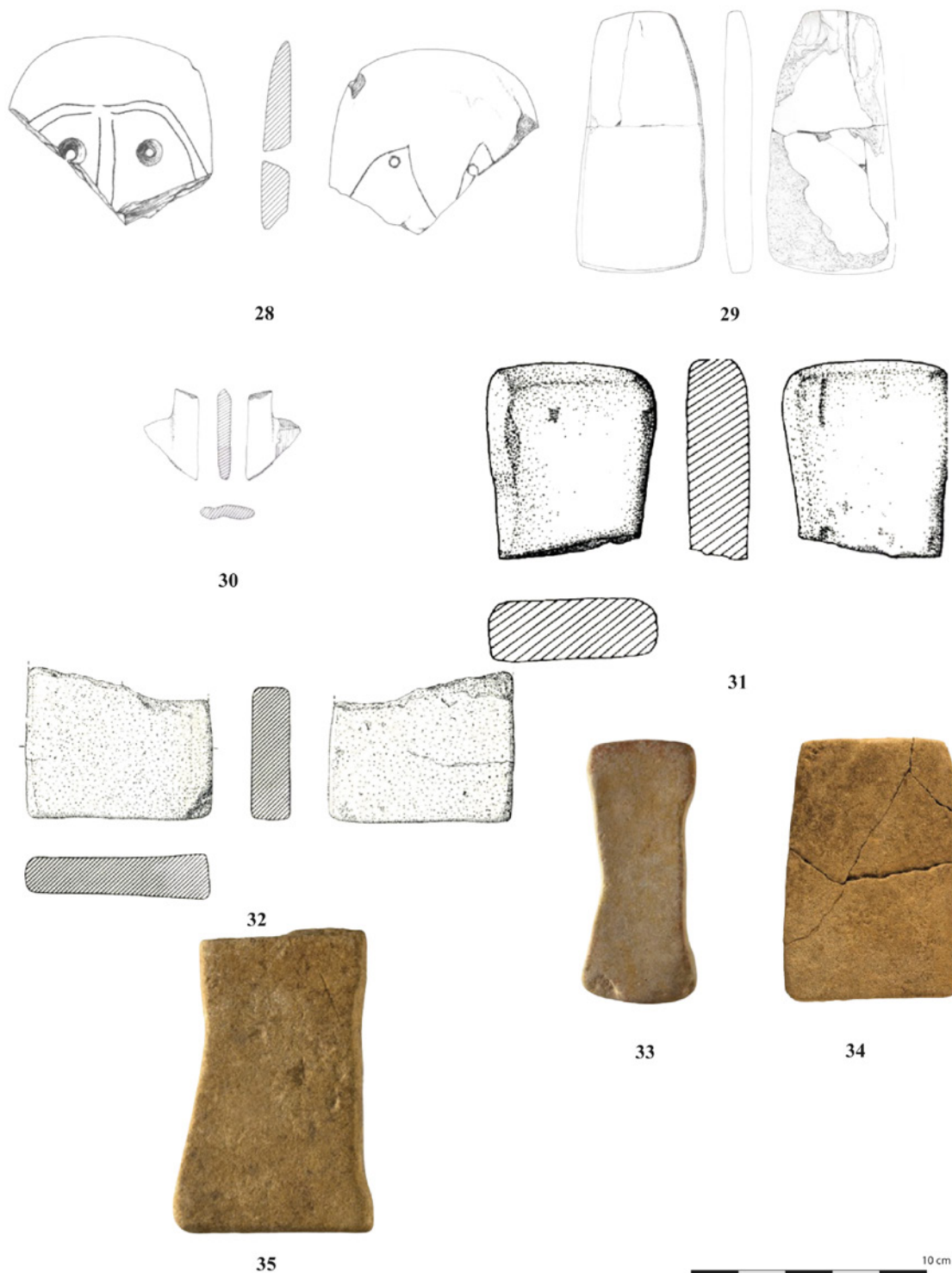
Estampa 2: 8 - Anta da Tapada de Matos/Mosteiros (Castelo de Vide), Nº TM 282 (Oliveira, 1997); 9 - Anta de Porqueros 3 (Valência de Alcántara), Nº 12 (Buenos, 1988); 10 - Anta da Tapada de Matos/Mosteiros (Castelo de Vide), Nº 272 (Oliveira, 1997); 11 - Anta del Corchero (Valência de Alcántara), Nº 13 (Bueno, et. al., 1998); 12 - Anta do Penedo Gordo (Gavião), Nº 11 (Cunha e Cardoso, 2002/2003); 13 - Anta de Lanchas 1 (Valência de Alcántara), Nº 14 (Bueno, 1988)



Estampa 3: 14 - Anta do Alcogulo 2 (Castelo de Vide), N° 15 (Oliveira, 1997); 15 a 19 - Anta dos Coureiros 2 (Castelo de Vide), N° 16-20 (Oliveira, 1997) e (Paroleiros, 2018); 20 - Anta do Tapadão da Relva (Castelo de Vide), N° TR 26 (Oliveira, 1997); 21 - Anta de Datas 1 (Valência de Alcántara), N° 34 (Bueno, 1988)



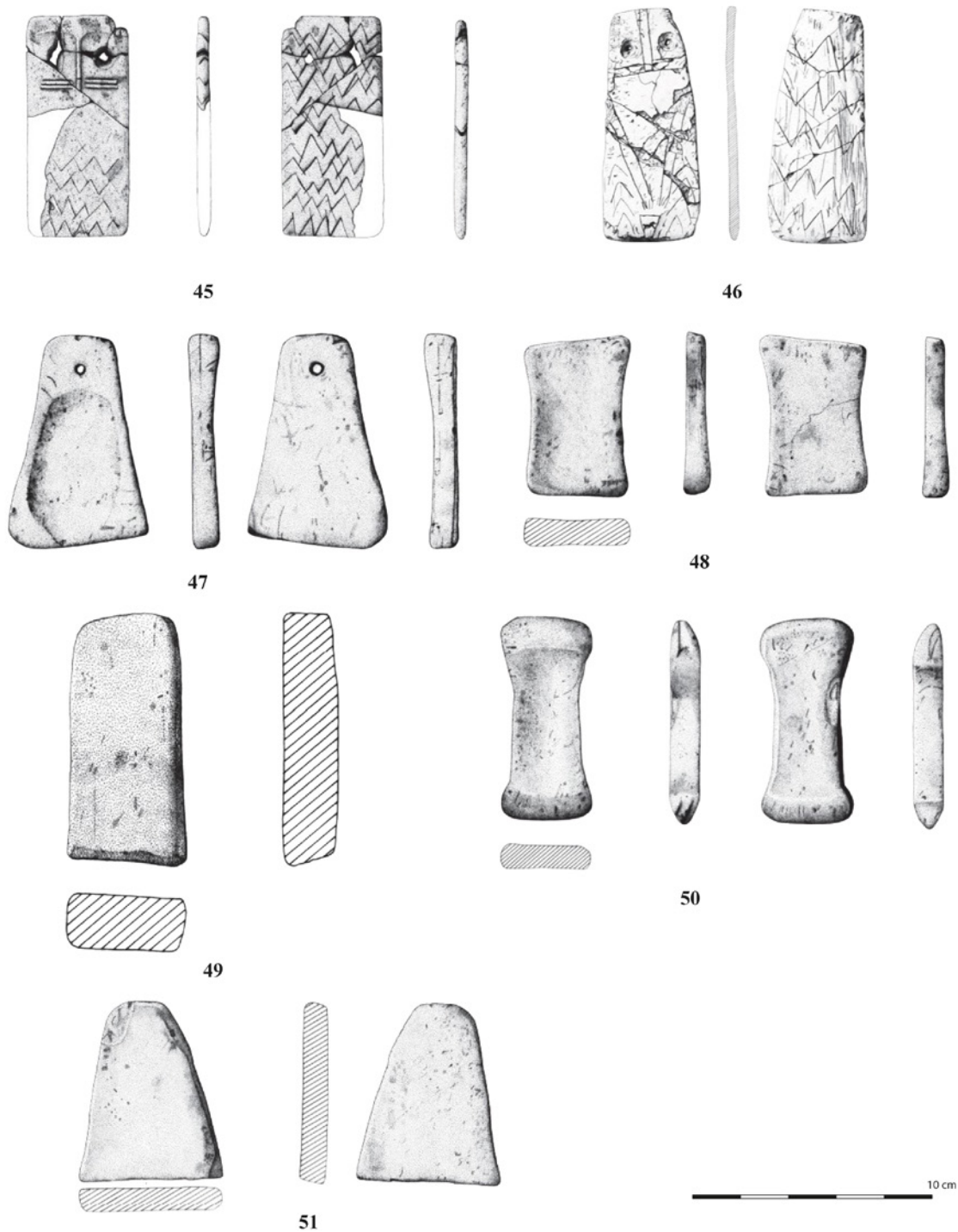
Estampa 4: 22 a 25 - Anta da Cabeçuda (Marvão), N^o C-116, C-118, C-124 (Oliveira, 1997); **26 e 27** - Anta da Bola de Cera (Marvão), N^o BC-44 e BC- 86 (Oliveira, 1997);



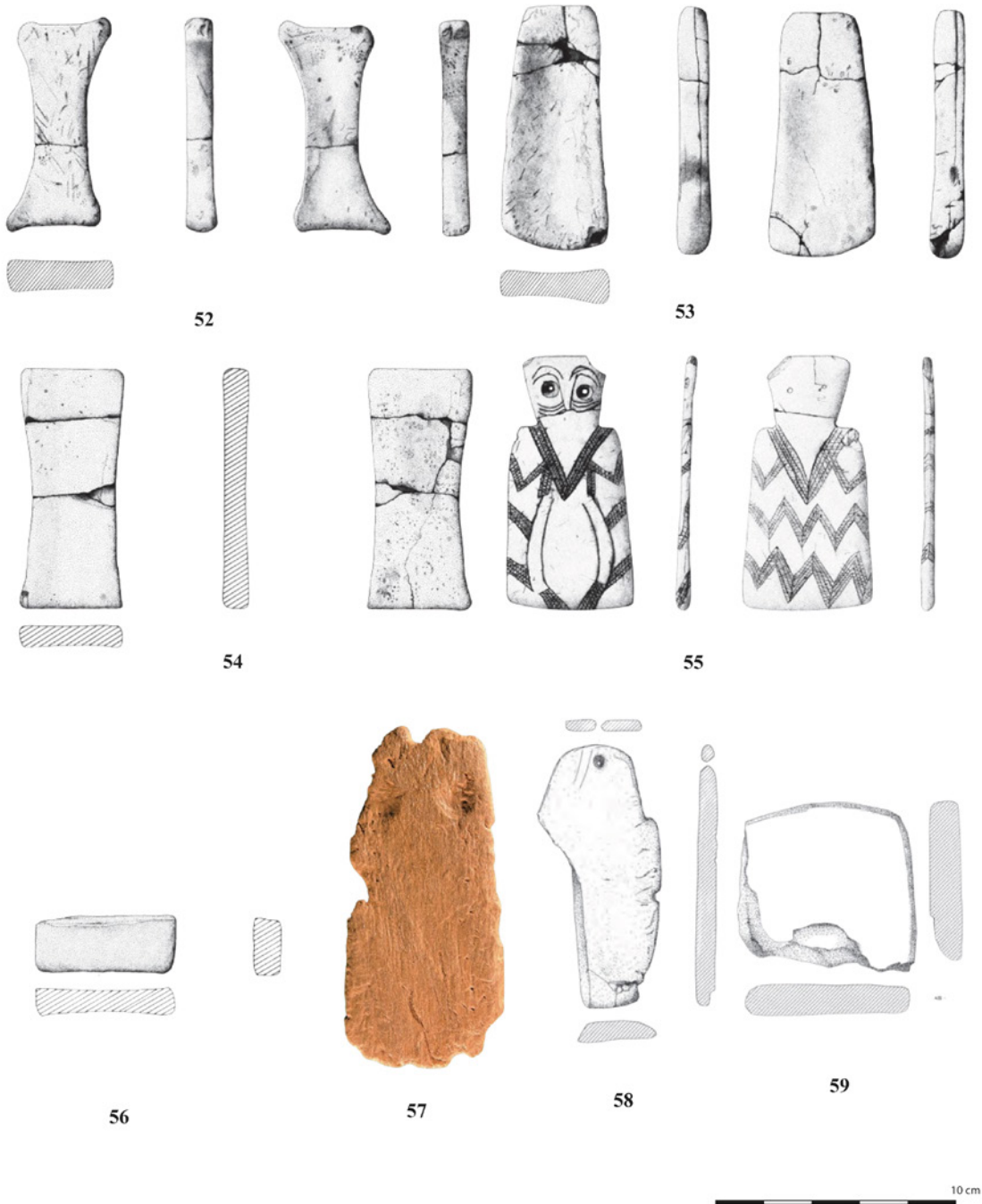
Estampa 5: 28 a 31 - Anta de Pombais (Marvão), N° AP-104, AP-106, AP-107, AP-135 (Oliveira, 1997);
32 - Anta das Castelhanas (Marvão), N° AC-59 (Oliveira, 1997); **33 a 35** - Anta da Ferranha (Crato),
 N° AF-16, AF-17, AF-18, (Gonçalves e Andrade, 2014b);



Estampa 6: 36 e 37 - Anta da Ferranha (Crato), N° AF-19, AF-20, (Gonçalves e Andrade, 2014b);
 38 - Anta do Coutado de Enchares (Crato), N° 47 (Isidoro, 1973); 39 - Anta da Tapada dos Canchos (Crato),
 N° 57, (Isidoro, 1967/68); 40 - Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), N° 48 (Gonçalves, 2021a);
Figura 41 - Anta dos Andreiros 2 (Crato), N° 59 (Isidoro, 1967/68); 42 - "Alter do Chão, N° 60 (Andrade, 2014) ;
 43 e 44 - Anta da Horta (Alter do Chão), N° 168 e 197 (Oliveira, 2006)



Estampa 7: 45 - Anta da Horta (Alter do Chão), Nº 165 (Oliveira, 2006); 46 - Anta da Horta (Alter do Chão), Nº 161 (Oliveira, 2006); 47 - Anta da Horta (Alter do Chão), Nº 168, (Oliveira, 2006); 48 - Anta da Horta (Alter do Chão), Nº 170 (Oliveira, 2006); 49 - Anta da Horta (Alter do Chão), Nº 177 (Oliveira, 2006); 50 - Anta da Horta, Nº 176 (Oliveira, 2006) ; 51 - Anta da Horta (Alter do Chão), Nº 178 (Oliveira, 2006)



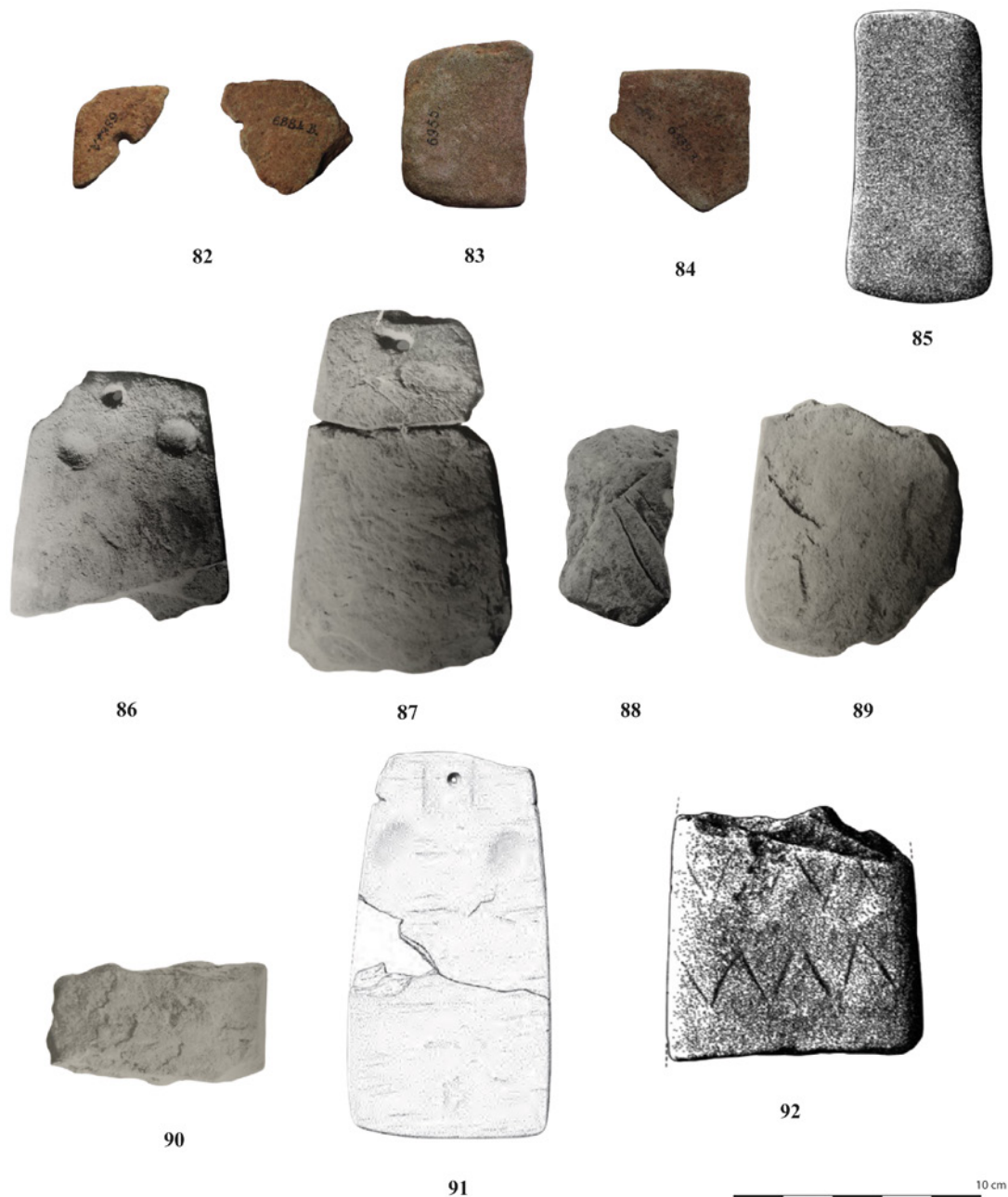
Estampa 8: 52 - Anta da Horta (Alter do Chão), N° AH-195 (Oliveira, 2006); 53 - Anta da Horta (Alter do Chão), N° AH-196 (Oliveira, 2006); 54 - Anta da Horta (Alter do Chão), N° AH-204, (Oliveira, 2006); 55 - Anta da Horta (Alter do Chão), N° AH-198 (Oliveira, 2006); 56 - Anta da Horta (Alter do Chão), N° AH-209 (Oliveira, 2006); 57 - Anta da Soalheira, N° AS-26 (Oliveira, 2006) ; 58 - Anta da Soalheira (Alter do Chão), N° AS-31 (Oliveira, 2006); 59 - Anta da Soalheira (Alter do Chão), N° AS-48 (Oliveira, 2006);



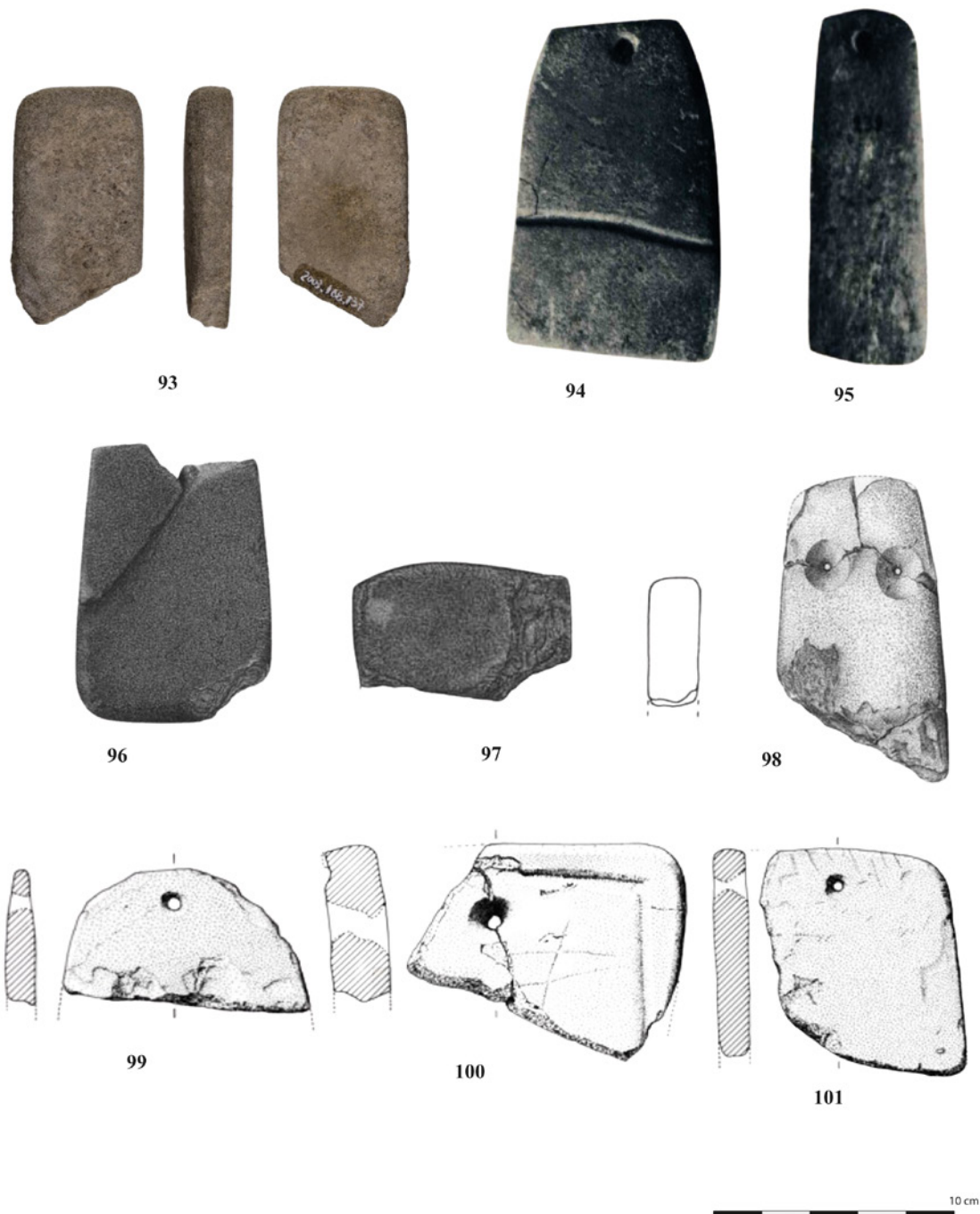
Estampa 9: 60 - Portas do Tempo (Alter do Chão), Nº Locus 2 192 (Oliveira, 2006); 61-Anta de Portugal 1 (Ponte de Sôr), Nº 80 (Leisner e Leisner, 1953); 62 - Anta dos Cavaleiros I (Ponte de Sôr), Nº 59, (Leisner e Leisner, 1953); 63 - Anta da Alapraia (Elvas), Nº 81(Leisner e Leisner, 1959); 64 - Anta de Barbacena (Elvas), Nº 82 (Ferreira, 1973); 65 - Anta da Ordem I(Avis), Nº MNA 998.78.33 (Andrade, 2016); 66 - Anta da Capela (Avis), Nº 84 (Leisner e Leisner, 1959); 67-Anta da Capela (Avis), Nº 85 (Leisner e Leisner, 1959); 68-Anta da Capela (Avis), Nº 86 (Leisner e Leisner, 1959); 69-Anta da Talha 1 (Estremoz), Nº 20053264.2 (Esprit); 70-Anta das Casas do Canal I (Estremoz), Nº 90 (Leisner e Leisner, 1955);



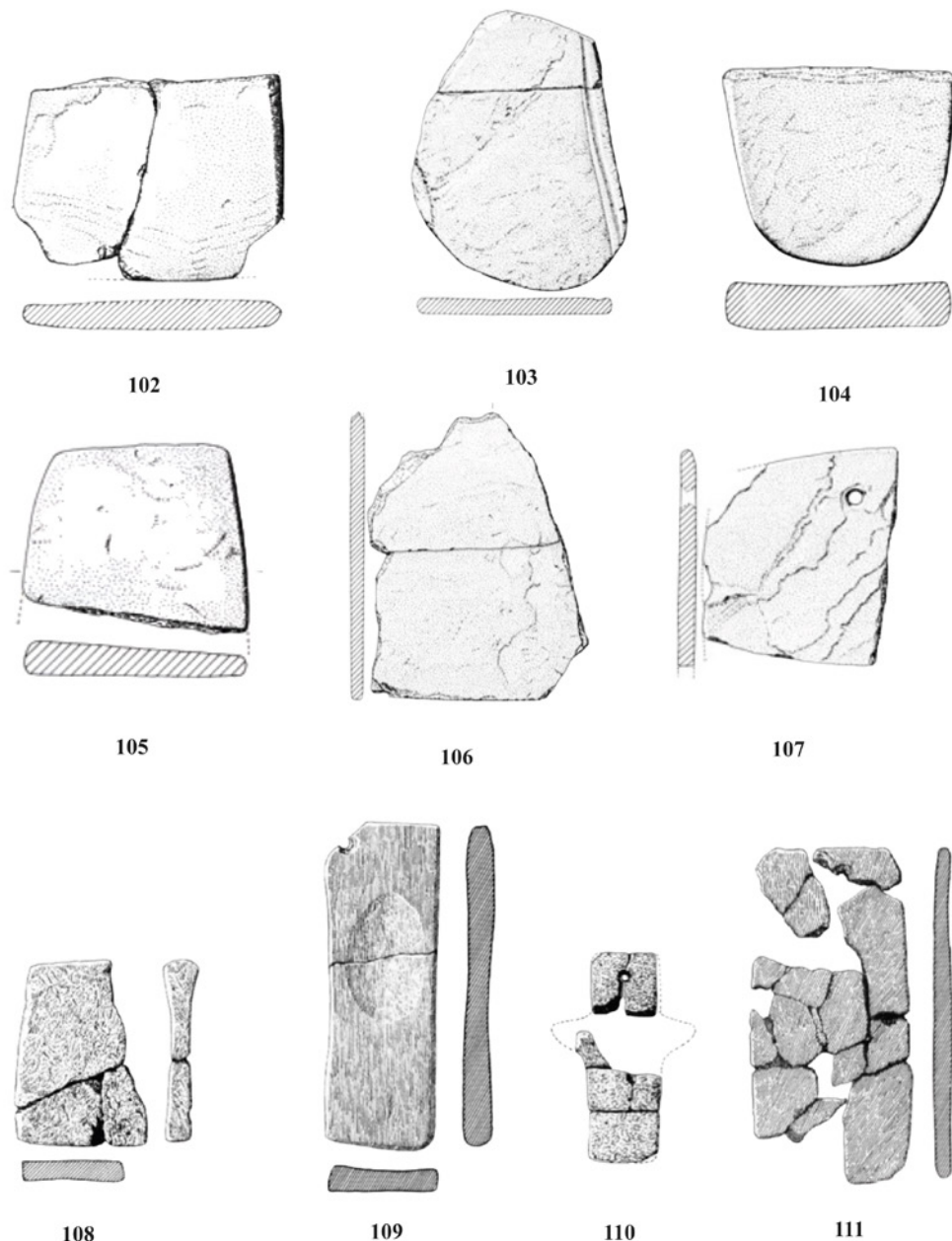
Estampa 10: 71 - Anta do Espadanal (Estremoz), N° MNA 989.27.1 (Rocha, 2005); 72 - Anta Grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo), N° 95.51.79 (Gonçalves e Andrade, 2001); 73 - Anta Grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo), N° 985.51.81 (Gonçalves e Andrade, 2001); 74 - Anta Grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo), N° 985.51.82A (Gonçalves e Andrade, 2001); 75 - Anta Grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo), N° 985.51.78 (Gonçalves e Andrade, 2001); 76 - Anta da Velada (Montemor-o-Novo), N° 107 (Leisner e Leisner, 1959); 77 - Anta do Consedreiro 1 (Mora), N° 111 (Leisner e Leisner, 1959); 78 - Anta de Entreáguas 1 (Mora), N° 110 (Leisner e Leisner, 1959); 79 - Lapa da Galinha (Alcanena), N° MNA 6663 (Correia, 1921); 80 - Lapa da Galinha (Alcanena), N° MNA 6664 (VanCalker, 2020); 81 - Lapa da Galinha (Alcanena), N° MNA 6835 A (VanCalker, 2020);



Estampa 11: **82** - Lapa da Galinha (Alcanena), N° MNA 6884 A e B (VanCalker, 2020); **83** - Lapa da Galinha (Alcanena), N° MNA 6955 (VanCalker, 2020); **84** - Lapa da Galinha (Alcanena), N° MNA 6539 B (VanCalker, 2020); **85** - Lapa da Galinha (Alcanena), N° MNA 6739 (Gonçalves, 2014a); **86** - Cabeço da Ministra (Aljubarrota), N° 864 (Gonçalves, 1978); **87** - Carvalhal de Aljubarrota (Aljubarrota), N° 873 (Gonçalves, 1978); **88** - Carvalhal de Aljubarrota (Aljubarrota), N° 121 (Gonçalves, 1978); **89** - Cabeço da Ministra (Aljubarrota), N° 122 (Gonçalves, 1978); **90** - Carvalhal de Aljubarrota (Aljubarrota), N° 123 (Gonçalves, 1978); **91** - Gruta da Furninha (Peniches), N° 124 (Cardoso e Carvalho, 2010/2011); **92** - Gruta da Marmota 1 (Santarém), N° 125 (Gonçalves, 1973);



Estampa 12: **93** - Gruta das Lapas (Santarém), Nº 2003.168.137 (Delicado, 2016); **94** - Cova da Moura (Torres Vedra), Nº 130 (Belo, et.al., 1961); **95** - Cova da Moura (Torres Vedra), Nº 131 (Belo, et.al., 1961); **96** - Gruta do Furadouro (Cadaval), Nº 134 (Gonçalves, 1990/1992); **97** - Gruta do Furadouro (Cadaval), Nº 135 (Gonçalves, 1990/1992); **98** - Gruta do Furadouro (Cadaval), Nº 136 (Gonçalves, 1990/1992); **99** - Gruta do Correio-Mor (Loures), Nº 137 (Cardoso, et. al., 2003); **100** - Gruta do Correio-Mor (Loures), Nº 138 (Cardoso, et. al., 2003); **101** - Gruta do Correio-Mor (Loures), Nº 139 (Cardoso, et. al., 2003);



Estampa 13: **102** - Gruta do Correio-Mor (Loures), Nº 140 (Cardoso, et. al., 2003); **103** - Gruta do Correio-Mor (Loures), Nº 141 (Cardoso, et. al., 2003); **104** - Gruta do Correio-Mor (Loures), Nº 142 (Cardoso, et. al., 2003); **105** - Gruta do Correio-Mor (Loures), Nº 143 (Cardoso, et. al., 2003); **106** - Gruta do Correio-Mor (Loures), Nº 144 (Cardoso, et. al., 2003); **107** - Gruta do Correio-Mor (Loures), Nº 145 (Cardoso, et. al., 2003); **108** - Anta de Casainhos (Loures), Nº 146 (Leisner, 1965); **109** - Anta do Casal do Penedo (Vila Franca de Xira) Nº 147 (Leisner, 1965); **110** - Anta de Trigache I (Odivelas), Nº 148 (Leisner, 1965); **111** - Anta de Conchadas (Amadora), Nº 149 (Leisner, 1965);



112



113



114



115



116



117



118



119



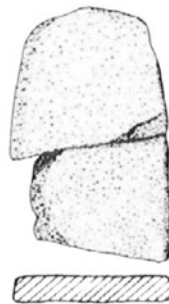
120



121



122



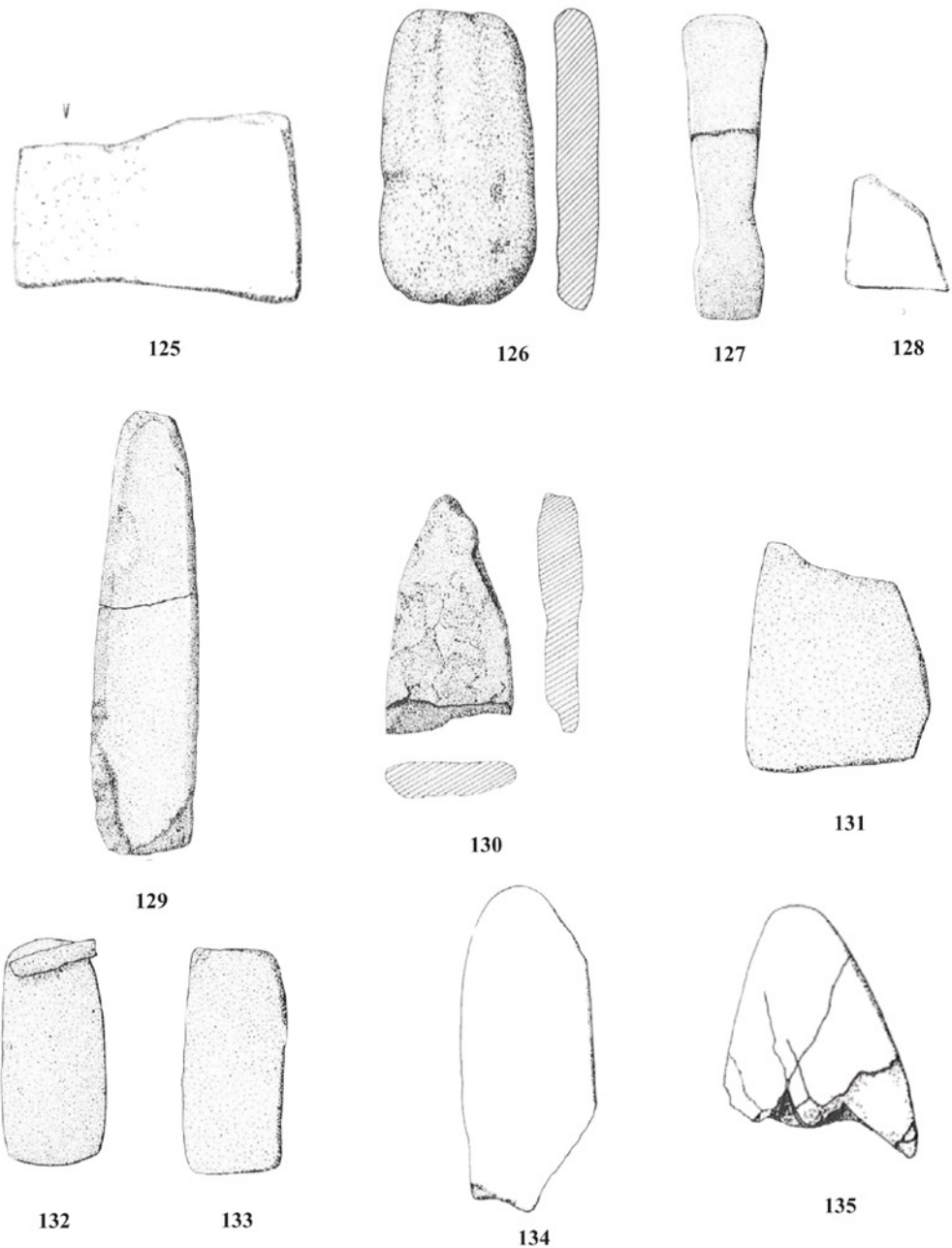
123



124



Estampa 14: 112 - Gruta do Poço Velho (Cascais), N° IGM 137 (Gonçalves, 2009); 113 - Gruta do Poço Velho (Cascais), N° IGM 289 (Gonçalves, 2009); 114 - Gruta do Poço Velho (Cascais), N° IGM 290 +291 (Gonçalves, 2009); 115 - Gruta do Poço Velho (Cascais), N° IGM 364 (Gonçalves, 2009); 116 - Gruta do Poço Velho (Cascais), N° IGM 285 (Gonçalves, 2009); 117 - Gruta do Poço Velho (Cascais), N° IGM 286 (Gonçalves, 2009); 118 - Gruta do Poço Velho (Cascais), N° IGM 287 (Gonçalves, 2009); 119 - Gruta do Poço Velho (Cascais), N° IGM 363 (Gonçalves, 2009); 120 - Quinta do Casal do Pardo 4(Palmela), N° 164 (Gonçalves, et. al., 2018); 121 - Lapa do Bugio (Sesimbra), N° 165 (Cardoso et. al., 1992); 122 - Lapa do Bugio (Sesimbra), N° 166 (Cardoso et. al., 1992); 123 - Lapa do Bugio (Sesimbra), N° 167 (Cardoso et. al., 1992); 124 - Lapa do Bugio (Sesimbra), N° 168 (Cardoso et. al., 1992)



Estampa 15: 125 - Lapa do Bugio (Sesimbra), N° 169 (Cardoso et. al., 1992); 126 - Lapa do Bugio (Sesimbra), N° 170 (Cardoso et. al., 1992); 127 - Lapa do Bugio (Sesimbra), N° 171 (Cardoso et. al., 1992); 128 - Lapa do Bugio (Sesimbra), N° 172 (Cardoso et. al., 1992); 129 - Lapa do Bugio (Sesimbra), N° 173 (Cardoso et. al., 1992); 130 - Lapa do Bugio (Sesimbra), N° 174 (Cardoso et. al., 1992); 131 - Lapa do Bugio (Sesimbra), N° 175 (Cardoso et. al., 1992); 132 - Lapa do Bugio (Sesimbra), N° 176 (Cardoso et. al., 1992); 133 - Lapa do Bugio (Sesimbra), N° 177 (Cardoso et. al., 1992); 134 - Lapa do Bugio (Sesimbra), N° 178 (Cardoso et. al., 1992); 135 - Lapa do Bugio (Sesimbra), N° 179 (Cardoso et. al., 1992)



136



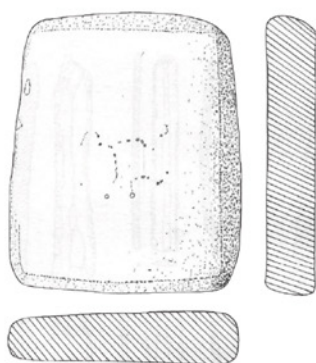
137



138



139



140



Estampa 16: 136 - Anta dos Galvões (Alandroal), Nº 180 (Leisner e Leisner, 1959); 137 - Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo), Nº 181 (Araújo e Santos, 1995); 138 - Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo), Nº 182 (Araújo e Santos, 1995); 139 - Anta dos Cabacinheiros (Évora), Nº 184 (Gonçalves et. al., 2005b); 140 - Anta do Monte da Velha 2 (Serpa), Nº 185 (Sousa e Arnaud, 19976).

MONUMENTO DA VÍBORA (CARREGAL DO SAL, VISEU): ESTADO DA INVESTIGAÇÃO

Telma Ribeiro

Mestre em Arqueologia

Projecto NeoMEGA

Investigadora Colaboradora do Centro de Arqueologia (UNIARQ)

telmaribeiro@campus.ul.pt

Resumo: Realizaram-se até ao Verão de 2023 três campanhas de escavação no Monumento da Víbora, no âmbito do projecto de investigação “NeoMEGA – Antigas Sociedades Camponesas e Megalitismo na Plataforma do Mondego”. Trata-se de um monumento sob um tumulus de terras com revestimento pétreo, de planta subcircular de 11m de diâmetro máximo e com uma depressão central que deverá corresponder ao espaço tumular, à semelhança da maioria dos monumentos funerários típicos da região da Beira Alta nos II e I milénios a.C. No entanto, e mesmo encontrando-se já muito violado, este monumento apresenta diversas particularidades que, desde a sua localização à sua estrutura, demonstram uma encenação do espaço, com recurso, por exemplo, a possíveis estruturas verticais instaladas na couraça. Apesar de a investigação estar ainda longe de terminada, procuramos com este artigo expor pela primeira vez os trabalhos até agora realizados, quais os principais resultados obtidos e uma interpretação preliminar destes.

Palavras-chave: Idade do Bronze; Contextos e práticas funerário; Tumulus; Beira Alta.

Abstract: Until the summer of 2023 three archaeological excavation campaigns have occurred at the Monument of Víbora, in the context of the research project “NeoMEGA – Ancient Peasant Societies and Megalithism in the Mondego Platform”. It’s a monument under a tumulus of dirt with a cover of stones, of subcircular shape with a maximum diameter of 11m and with a central depression that should correspond to the burial area, as seen at the most of the funerary monuments of the Beira Alta region in the 2nd and 1st millenniums b.C. However, and despite it being already very destroyed, this monument presents many peculiarities that, from its location to its structure, demonstrate a staging of the space, resorting, for example, to possible vertical structures installed on the cover of the mound. Even though the investigations are far from finished, with this article we reveal for the first time the work done so far, its main results and their preliminary interpretation.

Keywords: Bronze Age; Funerary contexts and practises; Rumulus; Beira Alta.

1. INTRODUÇÃO

O Monumento da Víbora (ou Orquinha da Víbora – cf. Pinto, 2012), (acrónimo: ORVI) foi descoberto no Verão de 1987 (**Figura 2**), por João Carlos de Senna-Martinez (1989, p. 141-142), no âmbito do seu projecto “*PEABMAN: Programa de Estudo Arqueológico da Bacia do Médio e Alto Mondego*”, tendo-se na altura realizado apenas uma limpeza e o levantamento topográfico do sítio, dirigida pela Dr.ª Luísa Portela (Ventura, 1998, p. 58-59). Foi inicialmente identificado como uma estrutura circular de tipo “*cairn*”, à semelhança dos monumentos funerários típicos da região, durante a Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro. Entretanto o monumento perdeu-se na vegetação que foi crescendo no local, até 2009 quando foi redescoberto pela equipa da Câmara Municipal de Carregal do Sal. O monumento foi então novamente limpo e também demarcado com um círculo de pedras e coberto com areão, de forma a manter o sítio identificável e preservado para depois se integrar no Circuito Pré-Histórico de Fiais/Azenha promovido pelo município.

Em ambos os momentos de intervenção existem registos de o monumento já apresentar evidências de violação, nomeadamente na sua depressão central, mas também com alguns elementos pétreos soltos à superfície, inclusivamente uma grande laje que na limpeza de 2009 foi erguida e implantada na estrutura do monumento. Em 2016 o sítio foi inserido no Projecto de Investigação “*NeoMEGA – Antigas Sociedades Camponesas e Megalitismo na Plataforma do Mondego*”, tendo-se procedido até agora a três campanhas de escavação que ocorreram nos verões de 2018, 2019 e 2023 sob a direcção da signatária e em articulação com o Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ), com o apoio da Câmara Municipal de Carregal do Sal e, na mais recente campanha, também com o apoio do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade de Bournemouth do Reino Unido.

2. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E ARQUEOLÓGICO

O monumento localiza-se administrativamente na freguesia de Oliveira do Conde, concelho de Carregal do Sal, Distrito de Viseu. Encontra-se nas proximidades do Marco Geodésico da Víbora (**Figura 1**), num planalto sobranceiro ao rio Mondego, com uma altitude de cerca de 320m e com as coordenadas 40°26'14,7516" N de latitude e -7°56'33,2592"E de longitude. Construído numa paisagem granítica, o sítio tem visibilidade para a Serra do Caramulo a Oeste e para a Serra da Estrela para Este, destacando-se esta última como um ponto simbólico e zona de passagem e de transumância, para onde as comunidades pré-históricas se deslocariam durante os meses de Primavera/Verão (Senna-Martinez & Ventura, 2008).

Terá sido este enquadramento que tornou este planalto, conhecido como “planalto do Ameal”, bastante favorável à fixação humana, como se pode verificar pelo vasto inventário de sítios arqueológicos ali identificados, com ocupações que remontam, pelo menos, até ao Neolítico Antigo, surgindo no Neolítico Médio os primeiros monumentos funerários megalíticos e intensificando-se esta ocupação durante o Neolítico Final (Pinto, 2005, 2007, 2012). A ocupação do território prossegue ao longo da Idade do Bronze, testemunhada inicialmente por reutilizações dos monumentos funerários, enquanto durante o Bronze Final as comunidades se terão deslocado para outras áreas do actual concelho, implantando-se em povoados como o de Outeiro do Castelo de Beijós e o seu pequeno “casal-agrícola” da Malcata (Senna-Martinez e Nunes, 1993; Senna-Martinez, 1993). Já no concelho de Oliveira do Hospital, mas mais próximo de ORVI, pelo menos em termos de visibilidade, encontra-se também o povoado do Castro de S. Cosme (Senna-Martinez, 1989, p. 206), num cabeço encaixado no vale do Mondego. Existe, no entanto, registo de outros monumentos semelhantes a ORVI pelo restante planalto que apontam também para uma cronologia da Idade do Bronze/inícios da Idade do Ferro, mas que se encontram ainda por escavar, destruídos e/ou perdidos.

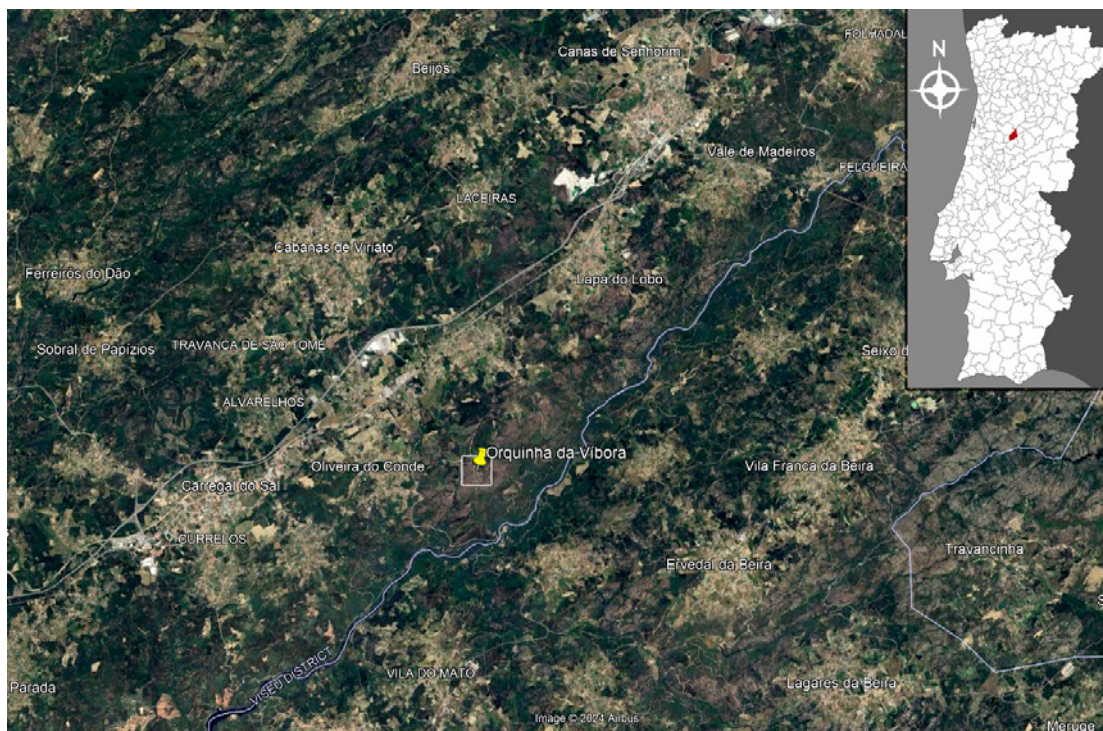


Figura 1 – Localização do Monumento da Vibora.



Figura 2 – Fotografia do sítio em 1987 (vista de W-E) (fotografia por J. C. Senna-Martinez).

3. METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS

A área de escavação do monumento teve por base uma quadrícula de 16m x 16m com o eixo central orientado a Norte, que foi inicialmente dividida em quadrantes – NE, NW, SE e SW. Tratando-se de uma intervenção no âmbito de um projecto de investigação, a primeira abordagem ao sítio, em 2018, foi focada na quase totalidade do quadrante SE já que esta área se apresentava mais exposta e por isso mais remexida, tendo-se apenas realizado uma decapagem para expor a estrutura e os limites do monumento. Em 2019, procurou-se escavar o quadrante oposto, desta vez recorrendo à abertura de duas sanjas nas suas extremidades, uma no sentido N/S e outra no

sentido W/E. Deu-se também início à escavação do espaço central do monumento com a abertura de uma área de 4m x 5m. Em 2023, focámo-nos na desmontagem de metade de cada uma das sanjas abertas e na continuação da escavação do espaço central do monumento numa área agora mais restrita de 2m x 2m, mas o decorrer dos trabalhos obrigou ainda à abertura de um novo quadrado no quadrante SW e de uma sondagem de 2m x 1m, num novo sector a norte do monumento.

A escavação foi realizada de forma manual e com base no método de *open area* – Barker (1977) e Harris (1979) – adaptando-o às singularidades do sítio, assim como o registo individual escrito, gráfico e fotográfico de todas as realidades estratigráficas observadas. Na 3ª campanha tivemos também recurso a fotografia por *drone* (Figura 3), levantamentos em 3D e a recolha e análise de amostras sedimentares e botânicas a cargo de uma equipa especializada da Universidade de Bournemouth.

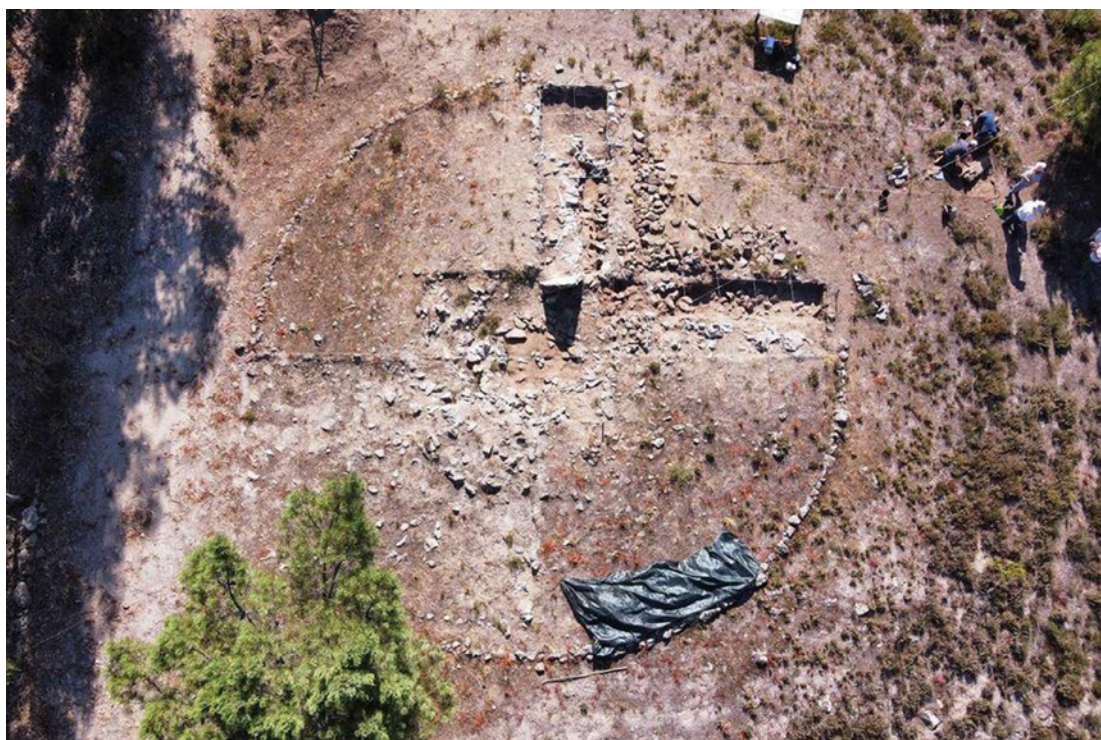


Figura 3 – Vista aérea, orientada a W/E, do monumento da Víbora durante a campanha 3(2023), sendo visíveis as áreas de escavação abertas.

Quando terminados os trabalhos foram tomadas as devidas medidas de protecção do monumento com a cobertura das áreas escavadas com manta geotêxtil e terras de crivagem e/ou areão, visando a reabertura futura de algumas áreas, mas também a futura musealização do sítio.

4. O MONUMENTO

4.1. O *tumulus* e o seu método construtivo

Após a limpeza superficial da área identificou-se primeiramente a camada de areão depositado no sítio em 2009, a [0], seguida da camada humosa [1], fortemente afectada pelos frequentes incêndios florestais registados no local e por ação de máquinas e trabalhos agrícolas. Este depósito natural demonstrou ter maior expressividade no quadrante NW, onde a sua espessura chegou aos 0,60m, enquanto no quadrante SE os afloramentos rochosos já eram visíveis à superfície. Uma vez removidas estas camadas superficiais foi exposta a estrutura do monumento, revestido por uma couraça pétreia e com uma planta subcircular com cerca de 9m de diâmetro até

agora identificados no sentido W-E e cerca de 11m no sentido N-S, apresentando uma depressão central (**Figura 4**).

A desmontagem das sanjas permitiu desenhar perfis estratigráficos (**Figuras 5 e 6**) e perceber em parte o método de construção do monumento. Não foi ainda possível atestar se o substrato geológico [8] foi escavado ou se a sua morfologia natural foi aproveitada para esta construção, mas parece ter existido uma fase inicial de limpeza desta área já que o monumento assenta directamente sobre a rocha-base e que o preenchimento de duas estruturas negativas identificadas na Sanja W ([25] e [27]) denunciam essa limpeza. Estes negativos, escavados no substrato geológico e alinhados no sentido W-E, poderão estar relacionadas com o início da construção do monumento ou com uma ocupação anterior a esta.

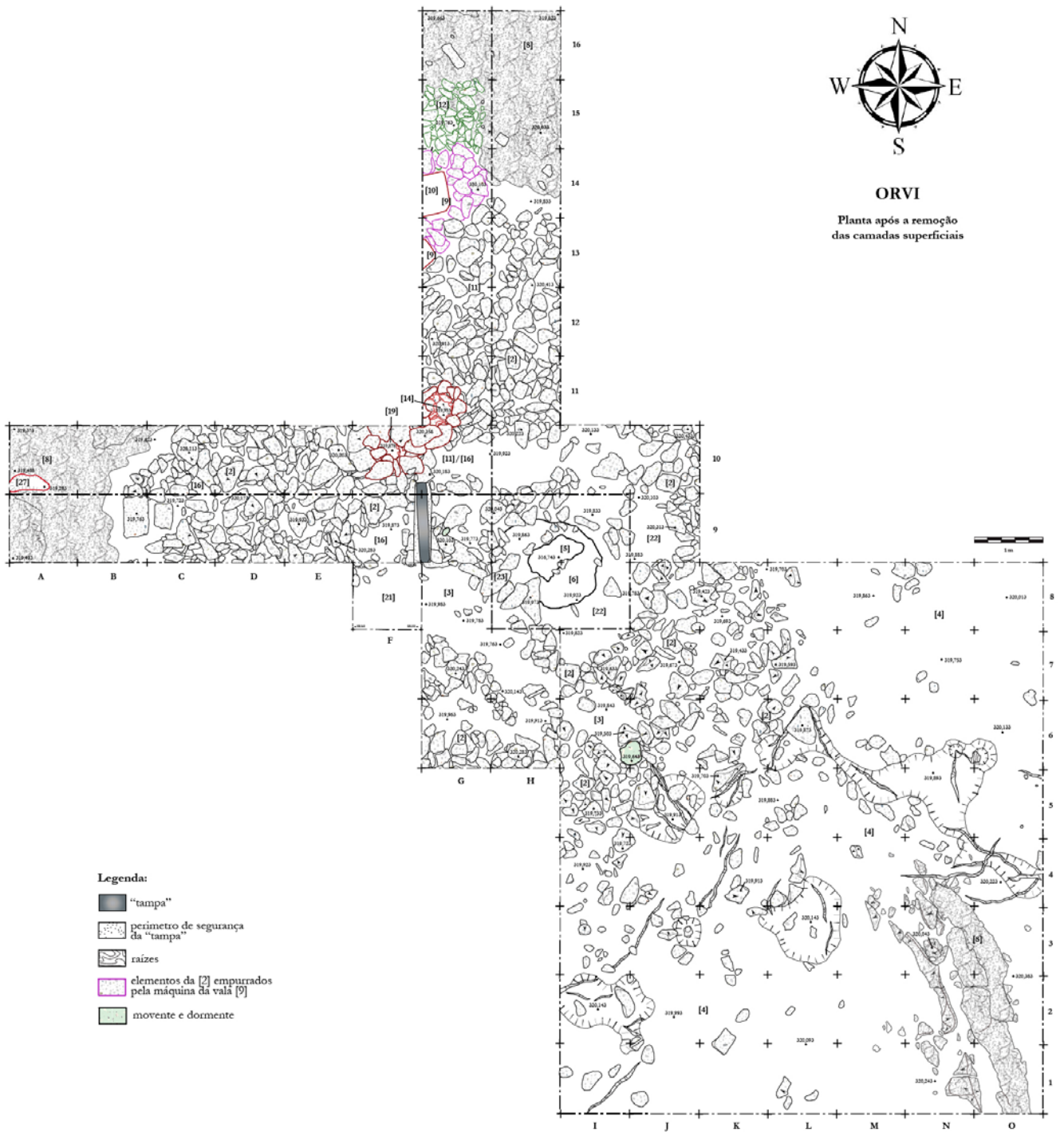


Figura 4 – Planta geral do monumento após a remoção das camadas superficiais.

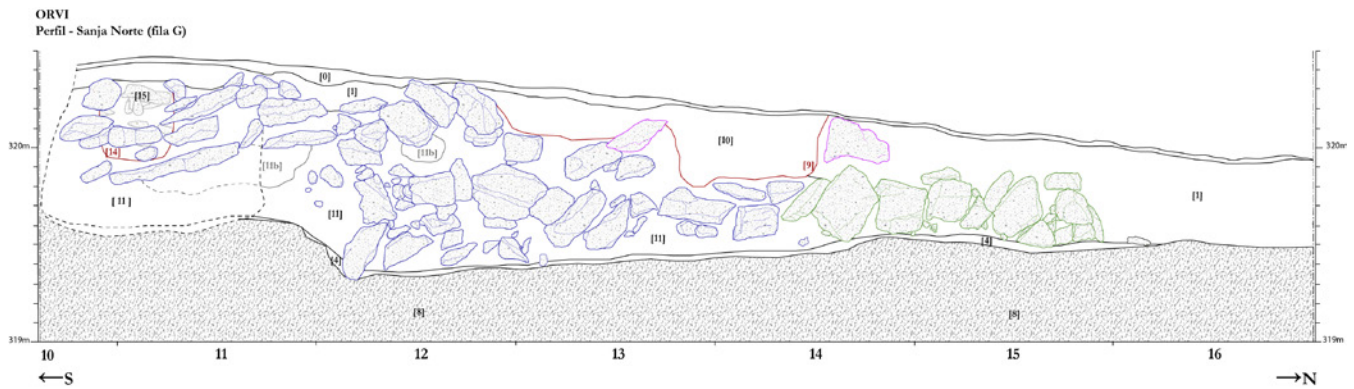


Figura 5 – Perfil estratigráfico do corte W da Sanja N.

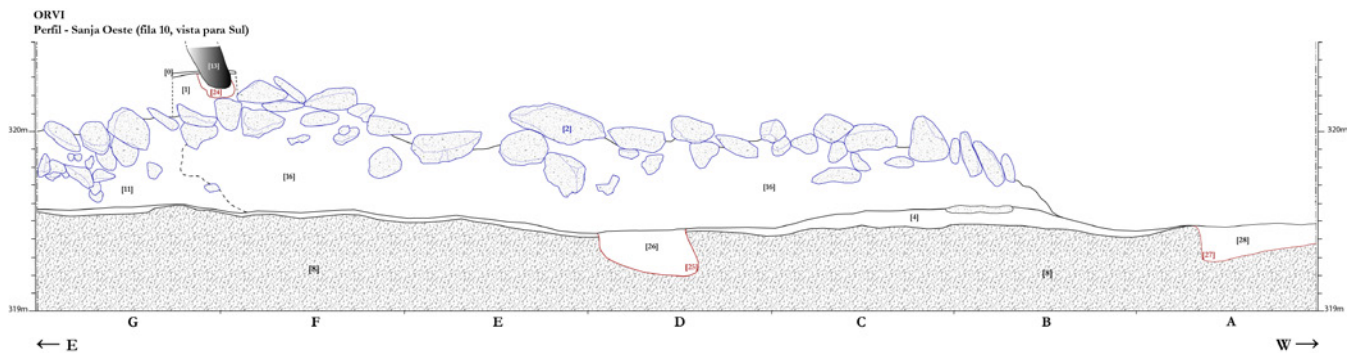


Figura 6 – Perfil estratigráfico do corte S da Sanja W.

A seguinte fase de construção difere entre as áreas escavadas. O método principal parece corresponder ao depósito sucessivo de sedimentos – pontualmente com algumas pedras – para construir o montículo, depois coberto com uma couraça ([2]) de elementos pétreos de granito local, na maioria de médio e grande calibre, excluindo-se a área central onde não se aplicou couraça. Na Sanja N, foi registado o mesmo método de construção nos primeiros 1,50m desde o interior, até se atingir um “degrau” identificado no substrato geológico que aparenta ser natural, mas que poderá eventualmente ser antrópico. Verificou-se a partir daqui uma maior indiscriminação entre os dois níveis de construção, verificando-se não só uma grande mistura entre os sedimentos e pedras, como uma maior concentração pétreo na base do monumento, eventualmente para colmatar esse desnível na rocha-base. Esta mistura não permitiu distinguir a couraça dessas pedras na base, no entanto, poderemos estar nesta sanja perante fases distintas de construção, com um enchimento pétreo de um desnível geológico, seguido de uma fina camada de terras e por fim a couraça pétreo. Identificou-se também um negativo ([17]) no interior da camada de sedimentos da sanja N, já cortado em profundidade e com calço, que terá resultado do uso temporário de alguma estrutura vertical durante a construção do monumento.

Os sedimentos usados nesta construção revelam-nos o recurso a grandes recipientes para a sua recolha e deposição, assim como diferentes origens. As terras [3] originalmente identificadas no quadrante SE definiam-se pelo seu tom amarelo-acastanhado, de textura areno-argilosa e compactas. Na Sanja W, porém, os sedimentos [16] já eram menos compactos e mais acastanhados, ainda que com algumas manchas amarelas, enquanto na Sanja N, tínhamos as terras [11], também pouco soltas, mas muito mais acastanhadas e escuras, com bolsas de terras ([11b]) muito amarelas, que aqui se definiam muito claramente como o resultado de “cestas” de terras de uma origem diferente. Estes sedimentos, apesar das suas distintas características, seriam ainda assim de origem local, já que continham vestígios artefactuais que remetem para a forte ocupação neolítica do planalto em que o monumento se localiza, e a mesma tipologia de artefactos foi recolhida nas terras superficiais do sítio.

Não se verificou ainda qualquer anel pétreo de contenção ou delimitação exterior do monumento, embora em alguns pontos os afloramentos de base pareçam ter sido aproveitados para essa função. No entanto é ainda de notar que a extremidade da couraça na Sanja W era constituída por pedras aparentemente estruturadas verticalmente, alinhadas a W-E, criando uma saliência triangular num limite que é maioritariamente arredondado. Alguns destes elementos pétreos sugerem algum afeiçoamento, nomeadamente uma laje quase perfeitamente rectangular, com cerca de 50cm de comprimento, deitada ao lado destes elementos verticais (Figura 8). Como se encontram na metade não reaberta da sanja não é ainda possível desenvolver esta questão. No limite exterior da Sanja N, porém, identificou-se uma nova estrutura, a [12], inicialmente interpretada como um derrube da couraça provocada pela vala de máquina [9] que corta esta sanja (Figura 7). Esta estrutura pétreo é muito compactada, de planta aparentemente subcircular e para já com 1m de diâmetro identificável (continua para dentro do corte), está a uma cota mais baixa, sobre o substrato geológico e aparentemente não contém terras.



Figura 7 – Sanja N (vista de N-S) no final da 2ª campanha. A estrutura [12] é visível no lado direito, assim como a vala [9].



Figura 8 – Sanja W (vista de W-E) no final da 2ª campanha, com as pedras estruturadas verticalmente e alinhadas na ponta.

Provavelmente anterior ao monumento – embora seja difícil distinguir o limite onde uma estrutura acaba e se inicia a outra, devido ao efectivo derrube criado pela vala, que empurrou as pedras da couraça para cima da [12] – esta estrutura poderá ser o resultado de: um enchimento de uma ligeira depressão que aqui se verifica no substrato geológico; os restos de um amontoado de pedra que se reuniu para a construção do monumento; ou uma estrutura anexa, à semelhança do que se conhece na necrópole do Rochão (Castro Daire) (Santos & Marques, 2007) e no Monumento 3 da Casinha Derribada (Viseu) (Cruz, Gomes & Carvalho, 1998a), cuja função não é clara. A sua definição está dependente de um futuro alargamento desta área.

Nas imediações do limite interior da couraça, foram identificadas em ambas as sanjas umas estruturas negativas que cortavam o revestimento pétreo (Figura 5). Estes negativos, a [14] na Sanja N e a [19] na Sanja W, foram aparentemente criados propositadamente aquando da construção da couraça, recorrendo à estruturação das suas paredes com lajes, maioritariamente na horizontal, que foram intercaladas. Ambos são semelhantes, com boca ovalada e uma profundidade de cerca de 40cm, mas o negativo da Sanja N é ligeiramente maior (36cm x 25cm) e com fundo em bisel criado por uma laje. Os seus preenchimentos aparentavam resultar essencialmente da intrusão das terras superficiais, embora no negativo [19] fosse possível notar alguma terra avermelhada com presença de carvões, o que aponta para o uso de uma estrutura em madeira. Também neste negativo foi encontrado um fragmento cerâmico provavelmente dos finais da Idade do Bronze. Existe ainda a possibilidade, a verificar futuramente, de existir um anel pétreo interior, ou seja, de contenção dos sedimentos e do revestimento pétreo do *tumulus* e, ao mesmo tempo, de delimitação do espaço tumular.

No quadrante SE, como referido, notava-se já uma grande afectação do monumento por maquinaria e raízes, verificando-se vários elementos pétreos derrubados para fora de contexto. No entanto, a exposição da estrutura revelou algo mais complexo, com os elementos pétreos da couraça a criar “caminhos curvilíneos” e alguns pequenos “átrios” difíceis de interpretar como estruturas intencionais ou como o resultado de alterações pós-deposicionais. Em princípio, boa parte destas ocorrências podem associar-se a violações ao sítio, nomeadamente a valas de máquinas, mas a identificação de alguns elementos pétreos fincados verticalmente nas extremidades destes “átrios” deixa espaço para outras interpretações. Isto torna-se especialmente intrigante quando num destes exemplos encontrámos um dormente integrado na couraça (Figura 9).



Figura 9 – Quadrante SE no final da 1ª campanha, com um dos possíveis “átrios” com pedras fincadas verticalmente e o dormente visivelmente incluído na estrutura.

4.2. O espaço central

É sabido que estes monumentos, nomeadamente a sua área central, são tradicionalmente violados ao longo dos séculos pelas mais diversas razões, e ORVI não é excepção. Após a remoção das camadas superficiais, tornaram-se claros os limites do revestimento pétreo nos quadrantes NW, NE e SE, mas não no SW, onde aparentemente terá sido afectado novamente por uma vala de máquina. A primeira unidade a ser identificada no espaço central foi a estrutura de combustão [5], que assentava sobre uma camada ([6]) com uma grande acumulação de pequenas raízes, muito escura, com manchas aparentemente queimadas e de textura areno-argilosa que provavelmente estará relacionada com os restos de uma queimada de lixo orgânico (Figura 4). O uso destes espaços centrais com uma depressão para o uso de fogo ou depósito de lixo é algo muito comum nos tempos modernos e contemporâneos. Removendo esta última camada verificavam-se bastantes elementos pétreos, a [23], que deverão corresponder a um derrube da couraça, eventualmente estruturado durante as violações ao monumento.

Sob estes elementos pétreos, deparávamo-nos com o primeiro de uma sucessão de depósitos de sedimentos que originalmente faziam parte da estrutura do monumento, mas que agora correspondem a momentos de destruição. O primeiro depósito, [22], constituído por terras amarelas, muito compactas e areno-argilosas, incluía não só alguns elementos pétreos (derrubes) no seu interior, mas também várias bolsas muito irregulares e a diferentes cotas de uma camada muito lamacenta de argila com carvões, a [7]. Isto permitiu desde logo perceber que estas U.E.s estavam já muito revolvidas. Um extremo revolvimento veio-se também a verificar na camada seguinte, a [29], de sedimentos semelhantes à anterior, mas menos compacta e com muito poucos elementos pétreos incluídos. Além de ser cortada por uma estrutura negativa, esta camada continha artefactos de diversas cronologias – desde líticos de tradição neolítica a telha e faiança – confirmando-se a sua violação ao longo dos séculos. Após a escavação deste depósito identificámos uma camada de planta subcircular, a [31], com terras areno-argilosas, pouco soltas e de tom amarelo-torrado, que aparenta poder ser o preenchimento de uma fossa. Não sabemos ainda se esta U.E. está conservada, mas poderá corresponder ao início do espaço tumular. Esta camada é circundada pela [32] que é ligeiramente mais compacta e clara (Figura 10).

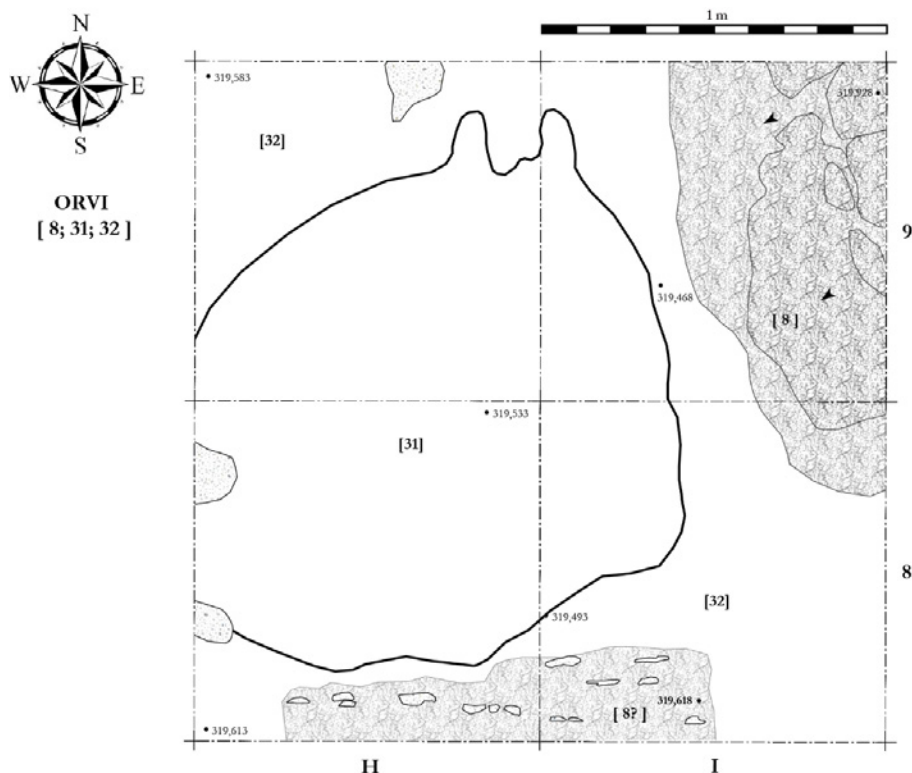


Figura 10 – Planta da área central no final da campanha 3 (2023).

No canto NE desta área surgiu um afloramento granítico, inclinado em direção ao centro, o que aponta para o aproveitamento de uma depressão (natural ou antrópica) na rocha-base para o espaço central/tumular. No canto Sul começou também a surgir um filão de pedra muito fragmentada que poderá corresponder já à camada de desagregação ([4]) do substracto geológico ou a uma estrutura pétreia em fragmentação. Os trabalhos terminaram antes de podermos avançar para a escavação destes últimos depósitos identificados o que significa que todas as U.E.s desta área central até agora escavadas correspondem a momentos de violação ao monumento, com cronologias que poderão ir desde tempos contemporâneos até medievais.

4.3. A laje de tampa e uma possível estela-menir

A laje que foi erguida e implantada no monumento em 2009 foi, desde a nossa primeira visita ao sítio, uma problemática. Além de prejudicar a leitura das áreas abertas, já que por questões de segurança e falta de meios não se pôde ainda remover este monólito ou escavar em seu torno, sempre subsistiu a dúvida sobre se estaríamos perante uma estela ou uma laje de tampa. Tínhamos conhecimento da intervenção feita em 2009 e nunca se encontraram sinais de gravuras no monólito, mas tal não impedia o seu uso como estela. Entretanto, porém, chegaram-nos diapositivos fotográficos datados de 1987 que nos mostram onde e como este monólito se encontrava então. Nestas fotografias é visível uma cratera central com claros sinais de violação, com o monólito no mesmo ponto onde se encontra presentemente (nos limites entre a extremidade interior da couraça e o início da depressão central), mas deitado sobre uma outra cratera com o mesmo formato da laje, criada pelo seu próprio peso sobre um montículo de terras retiradas do espaço central (**Figura 2**). Isto aponta para que se tratasse efectivamente de uma tampa, que foi para ali movida de forma a facilitar as escavações clandestinas ao centro do monumento, lugar onde cremos que o monólito originalmente estaria, a servir de tampa do espaço tumular. Não sendo possível confirmar este dado, importa apenas alertar sobre esta maior probabilidade, mas especialmente, sobre como a sua actual implantação não é a original.

Ainda assim, a cerca de 4 metros a norte do monumento identificámos um outro monólito granítico enterrado horizontalmente, aparentemente afeiçoado e com as dimensões de uma possível estela-menir, mas que não estava tão visível em campanhas anteriores. Foi aberta uma pequena sondagem que denominámos de Sector M e que demonstrou ter uma potência estratigráfica muito reduzida, o que contrastou com o quadrante NW do monumento. Não existindo aqui a camada de areão, foi apenas identificada a camada humosa equivalente à [1], com apenas cerca de 5cm de espessura, cortada pelo monólito e directamente em cima do substracto geológico. O monólito (**Figura 11**), aparentemente *ex situ*, mas certamente de origem próxima, revelou ter cerca de 1,15m de altura e uma face posterior muito lisa, porém também não foram detectados quaisquer gravuras ou sinais que confirmem a sua utilização por comunidades antigas. Sem embargo, as suas características e localização continuam a ser bastante sugestivas.

5. ESPÓLIO E AMOSTRAS

Nestas 3 campanhas, a grande maioria do espólio recolhido corresponde a líticos provenientes essencialmente da camada humosa [1] e das variadas terras do *tumulus* do monumento. Os líticos são de pequenas dimensões e a maioria em quartzo, embora se tenham recolhido também fragmentos de lamelas em sílex. Estes artefactos podem ter diversas cronologias, mas como referido, remetem para as ocupações neolíticas do local. Destacam-se os já mencionados moventes e dormente, mas também um esmagador de ocre, ainda com vestígios deste pigmento, que foi recolhido na área central. Também relevante é um pequeno fragmento de granito recolhido na [1], aparentemente afeiçoado e que apresenta um picotado, quase *fossetes*, além de umas estranhas incrustações, mas que infelizmente carece ainda de um estudo aprofundado. Existe ainda um afiador em anfibólito que estava cravado na superfície do monumento, provavelmente de cronologia recente.

Da mesma forma, a maioria dos fragmentos cerâmicos recolhidos são bojos a torno e de cronologias medievais, modernas ou contemporâneas, destacando-se um fragmento que poderá



Figura 11 – A possível estela-menir, depois de erguida (calços feitos pela equipa).

ainda ser de cronologia romana. Mais uma vez, todos provêm de terras superficiais ou das camadas de destruição do espaço central. Restam-nos o mencionado bojo de produção manual, sem decoração, mas cuja pasta de cozedura redutora e acabamento polido remetem para o Bronze Final/inícios da Idade do Ferro, encontrado no enchimento do negativo da Sanja W, e ainda outro fragmento de bojo muito semelhante encontrado nas terras superficiais.

Na última campanha foi possível ainda recolher carvões, sementes carbonizadas e amostras de sedimentos. Destas últimas, metade foi submetida para análises de OSL e a outra para fitólitos. À data deste artigo ainda não estão disponíveis os resultados destas análises pelo que as interpretações cronológicas aqui presentes estão truncadas. Caso se justifique, também os carvões serão futuramente submetidos a análises de radiocarbono.

6. DISCUSSÃO E PERSPECTIVAS DE CONTINUIDADE

Apesar do nível de destruição que o monumento evidência, e com apenas 3 campanhas de escavação até agora realizadas, por sinal todas muito curtas e com diversos imprevistos que dificultaram os trabalhos, será naturalmente precoce fazer interpretações sobre este monumento, mas tal não nos impede de procurar algumas hipóteses preliminares em luz dos resultados já apresentados. Existem ainda muitas importantes questões em aberto, nomeadamente a cronologia e tipologia/função do monumento que estão dependentes de datações arqueométricas e da escavação do espaço tumular, mas podemos já caracterizá-lo como um *tumulus* de terras com um revestimento pétreo, de planta subcircular com um diâmetro máximo de 11m, quase 1m de altura e com uma depressão central. Este tipo de estrutura tem como paralelos construtivamente mais próximos os monumentos das necrópoles da Casinha Derribada (Viseu) (Cruz,

Gomes & Carvalho, 1998a) e Senhora da Ouvida (Castro Daire) (Cruz & Vilaça, 1999), que datam de entre os finais do Bronze Médio e finais do Bronze Final. Falamos de cronologias em que se generalizam a prática da incineração, embora ainda se praticasse a inumação pontualmente, e os monumentos de carácter individual, de tipo “*cairn*”, ou seja, sob *tumulus* essencialmente pétreos e de reduzido diâmetro e volumetria. O espaço tumular destes monumentos traduz-se geralmente numa estrutura cistoide, de fossa ou simplesmente de depósito de urnas cerâmicas ou de restos mortais (Vilaça & Cruz, 1999). No entanto, também acontece a total ausência de quaisquer formas de deposição tumular, que poderá resultar de uma falta de conservação dos restos mortais, algo muito natural com a incineração e especialmente nos terrenos ácidos da Beira Alta, mas também poderá significar uma função não funerária destes monumentos, mas apenas de culto, fazendo deles cenotáfios (Vilaça, 2017). Qualquer uma destas opções poderá vir a verificar-se em ORVI, mas também outras soluções poderão ter sido encontradas pelos seus construtores, já que este monumento apresenta as suas particularidades. Existe também a possibilidade, ainda que remota, de estarmos perante um monumento mais antigo, neolítico, cujos esteios foram retirados, partidos ou condenados. Tudo depende, para já, da continuação da escavação do espaço central do monumento e dos resultados de análises realizadas, mas continuamos a suspeitar estarmos perante um monumento funerário da Idade do Bronze.

Focando-nos nas áreas já escavadas, têm especial relevância os negativos encontrados na couraça. Sabemos que estes negativos resultam de um acto intencional durante a construção da couraça e não algo escavado após essa construção o que automaticamente descarta a possibilidade de se tratarem de reutilizações ou violações (embora possam ter sido aproveitados posteriormente). Poderão ter tido diversos propósitos, mas acreditamos que o mais provável seria o da implantação de estruturas verticais. A localização destes negativos poderá supor a existência de outros semelhantes, possivelmente também alinhados ao limite interior da couraça e, portanto, a circundar a área central. Ou, pela proximidade entre os dois negativos, poderá corresponder a uma singular estrutura de dois pés. Independentemente destas possibilidades, estamos perante algo até agora inédito neste tipo de monumentos. Como referido, tradicionalmente estes monumentos tardios apresentam uma volumetria muito baixa, tornando-se praticamente invisíveis na paisagem, algo que foi colmatado em muitos exemplos pelo uso de quartzo ou outras rochas coloridas na constituição dos seus revestimentos para que o brilho e cor desses elementos pétreos fizesse o monumento destacar-se na paisagem (Vilaça, 2017). Em ORVI, porém, não encontramos quartzo ou outras rochas de destaque na couraça – na realidade, blocos de quartzo são praticamente inexistentes neste monumento – o que nos leva a teorizar/questionar que estes negativos tenham servido para a implantação de estruturas verticais, provavelmente em madeira. Estas estruturas poderiam ser votivas (totens), ou de suporte de algum tipo de cobertura da área central do monumento, algo já conhecido do Megalitismo europeu¹, e que certamente destacariam ORVI na paisagem. Perante a perecibilidade da madeira, também elementos pétreos poderão ter sido usados e, entretanto, removidos. Relembramos a possível estela-menir identificada e aplicamos-lhe o mesmo raciocínio da visibilidade. Temos conhecimento de estelas e menires directamente associadas a monumentos funerários com cronologias do Neolítico e da Idade do Ferro², mas cada vez mais também se encontram associações a *tumulus* da Idade do Bronze. Novamente, não temos evidências que nos façam acreditar estarmos perante uma efectiva estela-menir em ORVI, mas serve este monólito para lembrar a sacralidade do planalto em que se encontra, repleto de monumentos megalíticos, habitats e gravuras rupestres com “cavinhas”.

A associação destes pequenos *tumuli* tardios a monumentos mais antigos é muito comum, como acontece por exemplo em Senhora da Ouvida (Castro Daire) (Cruz & Vilaça, 1999), assim como a reutilização e visitas a esses monumentos antigos, também comprovada neste planalto. Isto revela uma ligação aos antepassados no mundo funerário das comunidades da Idade do

¹ Jorge (1980, p. 11) menciona “a cobertura das estruturas megalíticas por construções de madeira, que por vezes conferem ao monumento um aspecto de «casa mortuária»”, referindo-se a monumentos megalíticos da região de Franco-Condado (França) e de Sião, Valais (Suíça).

² ver necrópole de La Osera (Ávila) (Baquedano & Escorza, 1998), e necrópole do Monte da Tera (Vila do Bispo) (Rocha, 2003).

Bronze que contrasta com uma clara distância relativamente ao povoamento. Como mencionado, não se conhece nenhum povoado com essa cronologia no planalto do Ameal, numa invisibilidade que se verifica com a maioria das necrópoles da Idade do Bronze. Relembremos as estruturas negativas escavadas na rocha-base que poderão testemunhar uma utilização daquele espaço anteriormente à construção do monumento, eventualmente como habitat, mas também a estrutura anexa [12] que, caso se venha a confirmar como uma estrutura independente e anterior ao monumento, poderá ser mais um exemplo dessa *“apropriação de sítios anteriores por parte das comunidades do Bronze Final, verificando-se tal fenómeno, tanto em necrópoles como na arte rupestre”* (Santos & Marques, 2007, p. 48). Nesse sentido, como Santos e Marques (2007, p. 48) afirmam relativamente à necrópole do Rochão *“a visualização desse “passado” poderá ter sido conseguida pela edificação das estruturas circulares anexas a ambos os monumentos. Desse modo, essas construções poderão representar a petrificação do Tempo”*.

Outro aspecto interessante da localização de ORVI é o facto de que a poucos metros para Este do monumento existe um grande fragão granítico que por si só já seria um elemento de destaque na paisagem. É de apontar que o seu formato lembra e quase alinha com o contorno da Serra da Estrela, bem visível no horizonte nesta direcção, e que por si só é já um elemento agregador destas comunidades, tendo influenciado a orientação dos monumentos megalíticos da plataforma do Mondego (Silva, 2013) e que, possivelmente, teria ainda grande valor simbólico durante a Idade do Bronze (Ribeiro, 2017, p. 105-106). A localização escolhida para o monumento da Víbora não foi, por isso, aleatória.

Algum do espólio que se destaca merece também a sua discussão. O esmagador de ocre, por exemplo, apesar de ter sido recolhido numa camada muito revolvida da área central, poderá estar relacionado com as cerimónias rituais realizadas no monumento, assim como a pedra “picotada” que poderá ter sido fragmentada propositadamente. Quanto aos fragmentos cerâmicos de cronologias do Bronze Final, se não estiverem directamente relacionados com a construção/utilização do monumento, poderão pelo menos testemunhar visitas a este. Especialmente interessante é a inclusão de um dormente e de um movente na estrutura pétreo do monumento. É conhecido o valor simbólico destas ferramentas para as comunidades neolíticas, sendo muitas vezes “sacrificados” e depositados nos monumentos funerários ou outros lugares sagrados, algo que se verifica em vários dos monumentos megalíticos locais. Esta tradição terá sido mantida, como se verifica em alguns monumentos mais tardios, como no monumento 2 da Serra da Muna (Cruz, Gomes & Carvalho, 1998b) que continha 6 dormentes na sua estrutura pétreo, e agora também em ORVI. A presença destes exemplares poderá significar a manutenção de uma tradição, mas também temos de admitir que poderá resultar de uma casualidade na recolha de pedra para a construção do monumento, já que é relativamente fácil encontrar dormentes e moventes à superfície dos habitats neolíticos locais, como o relativamente próximo Habitat do Ameal. Alguns dos elementos pétreos usados no *tumulus* de ORVI, aliás, parecem resultar da fragmentação de esteios de outros monumentos que poderão ter sido encontrados e reaproveitados por estas comunidades.

Todos os aspectos até agora observados em ORVI, desde a sua localização até à sua estrutura demonstram a existência de práticas fortemente ritualizadas e a construção propositada de um *cenário*. Embora pesem todas as reservas já mencionadas, poderemos imaginar este monumento no momento da sua utilização, com totens ou uma cobertura instalada na sua couraça, com os possíveis “caminhos” e “átrios” no lado Sul e as pedras afeiçoadas fincadas em “exibição” na extremidade Oeste. Não seria surpresa virmos ainda a encontrar vestígios do uso de fogueiras rituais, de oferendas ou pedras insculturadas no espaço tumular, como acontece em muitos destes *tumuli*, ainda que o nível de destruição de ORVI afecte as probabilidades de isso acontecer.

É por isso imperativa a continuação dos trabalhos de escavação deste monumento. O ponto focal de uma próxima campanha será a área central, onde esperamos ainda encontrar, pelo menos, parte da estratigrafia do espaço tumular conservada e com vestígios que nos confirmem a funcionalidade, estrutura e cronologia do monumento. Esperamos ainda poder reabrir e alargar outras áreas do monumento e assim responder a algumas das dúvidas que permanecem, nomeadamente sobre a intencionalidade e função de possíveis estruturas e “espaços” (*versus* o resultado de alterações pós-deposicionais) e a possibilidade de uma ocupação anterior à construção de ORVI.

Independentemente das possíveis funções, cronologias e estruturas que possamos vir a encontrar futuramente no Monumento da Víbora, os trabalhos de escavação já realizados revelam estarmos perante um monumento singular, de características inéditas, que muito acrescentam ao nosso conhecimento sobre a complexidade das comunidades construtoras de monumentos megalíticos da Beira Alta, especialmente da plataforma do Mondego.

BIBLIOGRAFIA

- BAQUEDANO, I. & ESCORZA, C. M. (1998) – Alineaciones astronómicas en la necrópolis de la Edad del Hierro de La Osera (Chamartín de la Sierra, Ávila). *Complutum*, 9. Madrid, pp. 85-110.
- BARKER, P. (1977) – *Techniques of Archaeological Excavation*. Batsford Ltd.
- CRUZ, D. J.; GOMES, L. F.; CARVALHO, P. S. (1998a) – O grupo de *tumuli* da Casinha Derribada (concelho de Viseu). Resultados preliminares da escavação arqueológica dos monumentos 3, 4 e 5. *Conimbriga*, XXXVIII, Coimbra, pp. 5-7.
- CRUZ, D. J.; GOMES, L. F. C.; CARVALHO, P. S. (1998b) – Monumento 2 da Serra da Muna (Campo, Viseu). Resultados preliminares dos trabalhos de escavação. *Estudos Pré-históricos*, 6, Viseu, pp. 375-395.
- CRUZ, D. J.; VILAÇA, R. (1999) – O grupo de *tumuli* da “Senhora da Ouvida” (Monteiras/Moura Morta, Castro Daire, Viseu). Resultados dos trabalhos arqueológicos. *Estudos Pré-históricos*, vol. VII, Viseu, pp. 129-16.
- HARRIS, E. C. (1979) – *Principles of Archaeological Stratigraphy*. London.
- JORGE, Vítor Oliveira (1980) – Escavação da mamoa 1 de Outeiro dos Gregos. In *Portugália*. Porto. nova série: 1, p. 928.
- PINTO, E. J. J. (2005) – Roteiro Arqueológico do concelho de Carregal do Sal. Carregal do Sal: Câmara Municipal de Carregal do Sal.
- PINTO, E. J. J. (2007) – *Património Arqueológico do Concelho do Carregal do Sal – 2ª Fase da Carta e Roteiro*. Carregal do Sal: Câmara Municipal de Carregal do Sal.
- PINTO, E. J. J. (2012) – *Novos contributos para a actualização da Carta Arqueológica do Concelho de Carregal do Sal – 3ª Fase da Carta e Roteiro*. Carregal do Sal: Museu Municipal Manuel Soares de Albergaria/Câmara Municipal de Carregal do Sal.
- RIBEIRO, T. (2018) – *Cerâmica e áreas funcionais: O conjunto cerâmico do “Ambiente AW3 exterior” do Cabeço do Crasto de S. Romão (Seia)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ROCHA, L. (2003) – O monumento megalítico da I Idade do Ferro do Monte da Tera (Pavia, Mora): Sectores 1 e 21. *REVISTA PORTUGUESA DE Arqueologia*. volume 6. número 1. 2003, pp. 121-129.
- SANTOS, A. T.; MARQUES, J. N. (2007) – Os *tumuli* do Rochão (Castro Daire, Viseu). *Conimbriga*, XL VI. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 27-51.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989) – *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia. Universidade de Lisboa. 3 Vols., policopiada, pp. 141-142.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993) – O sítio do Bronze Final da Malcata (Carregal do Sal): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa: Colibri, pp. 149-154.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; NUNES, M.T.S. (1993) – A ocupação do Bronze Final do Outeiro dos Castelos (Beijós): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa: Colibri, pp. 137-141.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J.M.Q. (2008) – Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Veiga Ferreira e o megalitismo da Beira Alta, meio século depois. Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. Câmara Municipal. 16, pp. 317-350.
- SILVA, F. (2013) – Astronomia e Paisagem no Megalitismo do Norte do País: Problemas e Perspectivas. In: ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. eds. – *Arqueologia em Portugal - 150 anos*, Lisboa: AAP, pp. 427-433.
- VENTURA, J. Q. (1998) – *A Necrópole Megalítica do Ameal, no contexto do Megalitismo da Plataforma do Mondego*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada, pp. 58-59.
- VILAÇA, R. (2017) – Da Morte e Seus Rituais em Finais da Idade do Bronze no Centro de Portugal: 20 anos de Investigação. In: Actas da Mesa-Redonda. «A Pré-história e a Proto-história no Centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro». *Estudos Pré-históricos*, XVII, pp. 101-133.
- VILAÇA, R.; CRUZ, D. J. (1999) – Práticas funerárias e cultuais dos finais da Idade do Bronze na Beira Alta. *Arqueologia*, 24, Porto, pp. 78-79.

APRESENTAÇÃO DA OBRA “PRONTUÁRIO PATRIMONIAL LOCAL – PARA DESCOBRIR OU RECONHECER MONUMENTOS E SÍTIOS DOS CONCELHOS DE CARREGAL DO SAL E NELAS”

Evaristo Pinto

Mestre em Museologia e Património Cultural

Ex-Diretor do Museu Municipal Manuel Soares de Albergaria, Carregal do Sal

evvarjoao67.jp@gmail.com

Luís Ladeiras

Mestre em Arqueologia

Projecto NeoMEGA

Câmara Municipal de Nelas

luis.ladeiras@cm-nelas.pt

Resumo: Através de uma conceptualização científica, direta e acessível a todos os leitores, surge como fonte de conhecimento sobre o património cultural local, o “PRONTUÁRIO PATRIMONIAL LOCAL – PARA DESCOBRIR OU RECONHECER MONUMENTOS E SÍTIOS DOS CONCELHOS DE CARREGAL DO SAL E NELAS”, da autoria de Evaristo Pinto e Luís Ladeiras.

Trata-se de uma obra dedicada a dois concelhos vizinhos do distrito de Viseu, apoiada por ambos os Municípios e Fundação da Lapa do Lobo, uma casa de cultura e educação que, desde a sua criação em 2007, tem vindo a contribuir para a preservação e divulgação do património cultural destes dois territórios. Reúne um levantamento exaustivo, mas inacabado, de todos os valores patrimoniais indissociáveis à história local e sociedade atual. Para além da sua fácil consulta, a presente obra resume muitos dos trabalhos de inúmeros investigadores que se dedicaram à investigação do património cultural dos dois concelhos, contribuindo para o enriquecimento atual do conhecimento e divulgação da história local.

Palavras-chave: Património Cultural; Território; Nelas e Carregal do Sal.

Abstract: The “PRONTUÁRIO PATRIMONIAL LOCAL – PARA DESCOBRIR OU RECONHECER MONUMENTOS E SÍTIOS DOS CONCELHOS DE CARREGAL DO SAL E NELAS” emerges as a source of knowledge about local cultural heritage, through a scientific conceptualization, direct and accessible to all readers, a work by Evaristo Pinto and Luís Ladeiras.

It is a work dedicated to two neighboring municipalities in the district of Viseu, supported by both Municipalities and Lapa do Lobo Foundation, a house of culture and education that, since its creation in 2007, has contributed to the preservation and dissemination of the cultural heritage of these two territories. It brings together an exhaustive, but unfinished, survey of all patrimonial values inseparable from local history and current society. This book, in addition to being easy to consult, summarises many of the works of numerous researchers who have dedicated to investigating the cultural heritage of the two municipalities, contributing to the current enrichment of the knowledge and dissemination of local history.

Keywords: Cultural heritage Territory; Nelas and Carregal do Sal.

1. INTRODUÇÃO

A riqueza do património cultural dos concelhos de Carregal do Sal e Nelas expressa um passado extremamente diversificado e rico em pessoas, monumentos e materialidades. A própria história recente destes dois territórios assenta em acontecimentos idênticos. Perante a necessidade de consolidar, afirmar, documentar e preservar as suas raízes entre a população atual, é fundamental dar a conhecer, primeiramente, a sua origem através dos testemunhos físicos e humanos que chegam à atualidade. Foram estas as linhas de reflexão que estiveram na origem da execução desta obra.

Este trabalho assenta numa tradição de registo, conservação e divulgação do Património, que em Portugal remontam às Memórias Paroquiais e que tem nas Cartas Arqueológicas as suas versões contemporâneas. Ao analisar muitos dos verbetes constantes na obra é notória a contínua ligação do passado ao presente verificada quer através das fontes documentais bibliográficas mencionadas, quer através da análise das descrições dos monumentos registados que ainda perduram atualmente. Nesta perspetiva tivemos a preocupação de, através da criação deste modelo de registo de divulgação patrimonial, documentar, conservar, valorizar e garantir a transmissão do nosso legado histórico-cultural às futuras gerações. Da mesma forma foi nosso objetivo, com a salvaguarda do levantamento e identificação das ocorrências patrimoniais registadas, garantir a continuidade do estudo e atualização da investigação dos testemunhos históricos de ocupação humana nos territórios dos concelhos de Nelas e Carregal do Sal.

A atual realidade de gestão do património local de ambos os municípios e a forte sensibilidade dos autarcas para com as questões da sua conservação e valorização representam passos importantíssimos para o fomento do turismo cultural, ao mesmo tempo que servem de base para o desenvolvimento da educação patrimonial, da preservação e do respeito por tudo aquilo que consideramos valores de memória ou fontes históricas.

Os exemplos da criação dos vários circuitos arqueológicos nos concelhos de Carregal do Sal e Nelas ou da implementação da Rota de Megalitismo Viseu Dão Lafões e Sever do Vouga, da Comunidade Intermunicipal Viseu Dão Lafões, também referidos nesta obra, constituem, a par desta publicação, meios de recuperação e de enriquecimento da nossa herança cultural, traduzindo-se, entre outros aspetos, no aumento do número de sítios arqueológicos visitáveis com relevante interesse científico, patrimonial e turístico para ambos os concelhos. Este tipo de ações são verdadeiros elos de ligação entre aquele passado e o eixo contínuo que atravessa gerações e que, na atualidade, com a regular execução de trabalhos de investigação, manutenção e valorização, se faz questão em preservar esses laços, ligando então aquele passado ao presente, e o presente ao futuro.

O “PRONTUÁRIO PATRIMONIAL LOCAL – PARA DESCOBRIR OU RECONHECER MONUMENTOS E SÍTIOS DOS CONCELHOS DE CARREGAL DO SAL E NELAS” é composto por dois volumes, o volume I dedicado ao concelho de Carregal do Sal e o volume II ao concelho de Nelas (**Figura 1**). Pretende assumir-se como um verdadeiro instrumento de trabalho reunindo conhecimentos patrimoniais diversos, privilegiando permanentemente a geografia local. A sua dimensão didática e utilitária, além de permitir realizar pesquisas rápidas por professores, alunos, investigadores e munícipes em geral, permite a disponibilização de um vasto conjunto de informações para aprofundar a realidade do património cultural de cada um dos municípios. Ao estabelecer o primeiro contacto com a obra, interrogar-se-á, sobretudo pela invulgaridade da designação, das razões que motivaram a própria seleção do título. Quer o significado intrínseco da palavra “Prontuário” como pelo exposto relativo à estruturação, justificam esta escolha.

Os autores tiveram a preocupação de reunir e produzir conhecimento de uma forma objetiva, mas capaz de transmitir cientificamente o património cultural das áreas de estudo. Com objetivo de enriquecer o sentido desta missão, sustentada na necessidade de preservar a identidade, memória e cultura comunitária, são igualmente referenciados diversos estudos concretizados nos territórios em questão, permitindo recuperar o historial de investigação local sobre diversas temáticas.

Esta obra deve ser compreendida como um “manual de consulta” ou uma via de acesso ao aprofundamento do legado histórico-cultural com novas perspetivas de abordagem.

Trata-se de um registo exaustivo de diversas realidades patrimoniais que procura contribuir para o conhecimento, divulgação e valorização do património cultural. São 1211 entradas apuradas, constatando-se cerca de seis centenas de verbetes atribuídos a cada concelho.

Poderá encontrar nas suas páginas, através das centenas de entradas ou verbetes, informação sobre diferentes temáticas do património cultural local: abrigos pré-históricos, açudes, alminhas, antas ou dólmenes, arte rupestre, bustos, calçadas, caminhos antigos, capelas, casas solarengas dos séculos XVII, XVIII e XIX, chafarizes, fontes e fontanários, cruzeiros, circuitos arqueológicos, espaços museológicos, estelas medievais, gravuras, igrejas, inscrições, lagares, moinhos, outeiros, pelourinhos, penedos, pontes, sepulturas medievais e sítios arqueológicos.

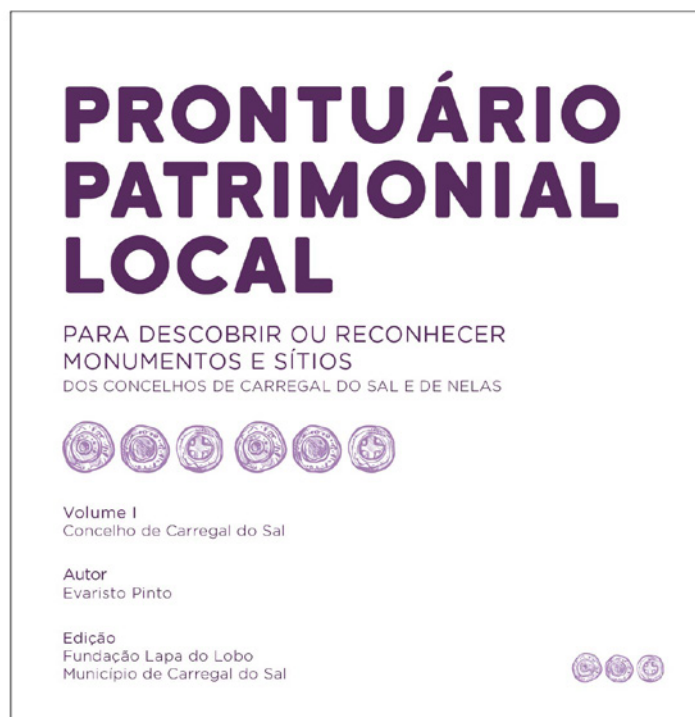


Figura 1 – Capas do Volume 1 (Carregal do Sal) e Volume II (Nelas).

Estas entradas, organizadas e expostas por ordem alfabética, poderão suscitar leituras ou objetivos vários por parte dos leitores, nomeadamente o de visitar cada um deles para fruição turística e cultural ou conhecer o sítio ou monumento para investigação científica.

Trata-se de uma obra sustentada em diversas fontes históricas e bibliográficas e, principalmente, no conhecimento *in situ* das ocorrências patrimoniais. As entradas coligidas demonstram a pura realidade dos registos efetuados e a profundidade técnico-científica da investigação que esteve sempre presente desde o início do trabalho. Saliente-se que, em muitos casos, são anunciadas novas descobertas arqueológicas e testemunhos do passado que são dados a conhecer com a simplicidade e rigor exigidos para uma obra deste género. No entanto, procura sempre aliar a divulgação ao empenho disciplinar dos autores.

Refira-se ainda que este trabalho deverá ser entendido à luz de um contexto de cooperação, transmissão e partilha do conhecimento patrimonial e histórico aqui enunciado, não só para com as Instituições (Fundação Lapa do Lobo e Autarquias de Nelas e de Carregal do Sal) envolvidas, como também para com os investigadores, técnicos de turismo e munícipes em geral.

Apresentada e lançada no decurso do *Congresso Arqueologia, Património e Turismo, In Memoriam João Carlos Senna-Martinez*, é publicada pela Fundação Lapa do Lobo com o apoio de ambos os Municípios, respetivamente de Carregal do Sal e Nelas, constituindo uma súpula do património cultural atualmente existente em cada um dos concelhos visados (**Figura 2**).

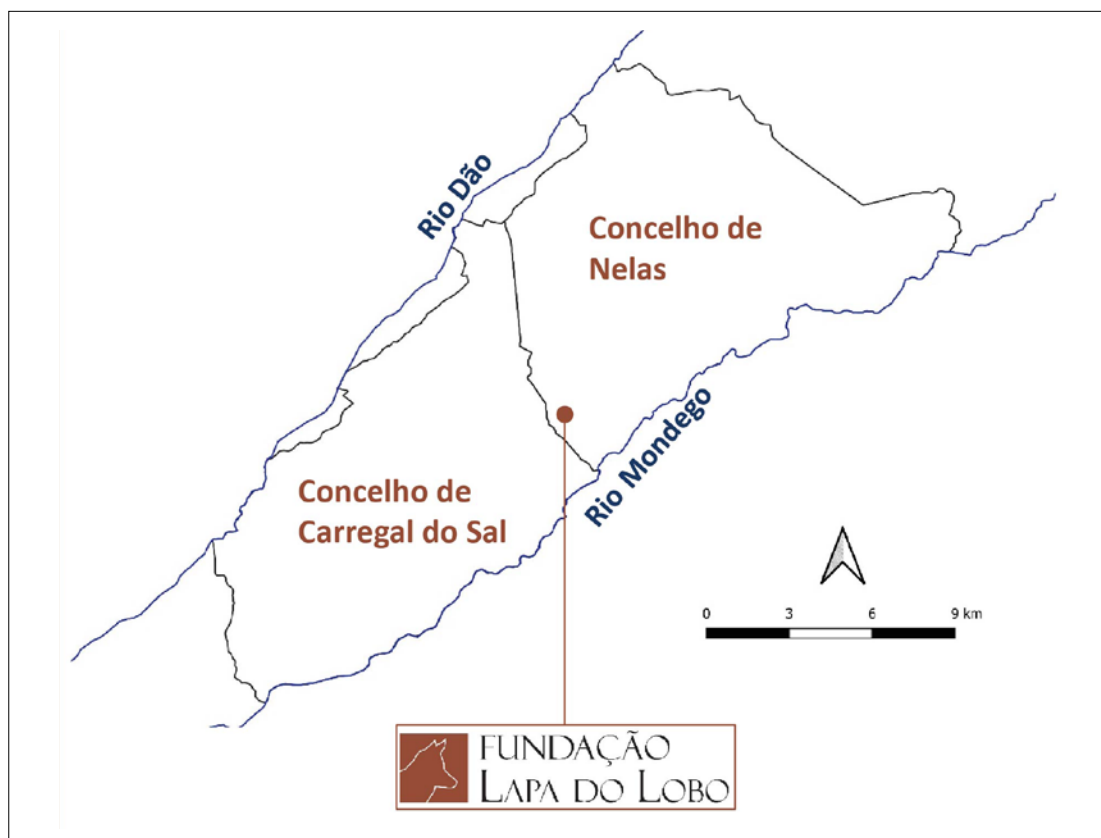


Figura 2 – Territórios: concelho de Carregal do Sal e concelho de Nelas.

1.1. Organização da Obra: Metodologia e Caracterização

A grandeza e diversidade dos temas incluídos nesta obra implicaram a criação de uma metodologia de abordagem diversificada (**Figura 3**). No entanto, considere-se que o exposto é, imperiosamente, uma pequena amostra objetiva da riqueza do património cultural local.

A inclusão de temas tão diferenciados, mas capazes de levar o leitor a uma grande viagem à milenar história local, impediram o estabelecimento de uma única regra de abordagem

metodológica capaz de ser aplicada a todos os verbetes presentes. Por essa razão, numa fase prévia da escrita e não visível na obra, foram criados 5 grandes grupos temáticos: património arqueológico, património arquitetónico religioso, património arquitetónico profano, património documental e outros, um grupo que inclui, por exemplo, comentários a textos publicados sobre o património local. A partir dessa fragmentação grupal, foram definidas 3 linhas de tratamento metodológico diferentes, a serem aplicadas a um ou mais grupos temáticos.

ÍNDICE GERAL	
Agradecimentos	1
Nota de Abertura	3
Prefácio	5
Introdução	7
Metodologias do Prontuário: Instruções para a sua utilização	11
Monumentos e Sítios do Concelho de Nelas	15
Índice de Entradas Patrimoniais	207
Bibliografia	227
Fontes Documentais e Jornais	239
Outras Fontes Bibliográficas Consultadas	240
Glossário	241
Sobre os Autores	254



Figura 3 – Índice geral do Volume II (concelho de Nelas).

Apesar de serem diferenciadas, seguem um corpo argumentativo e descritivo semelhante. Assim, por norma, a organização de cada entrada ou verbete patrimonial respeita uma abordagem gradativa, partindo, tanto quanto possível, de afirmações gerais para afirmações específicas e científicas. Dentro dessa ordem, cada linha de abordagem obedece a uma estrutura tipificada dos elementos descritivos.

A primeira linha de abordagem, também considerada como referência principal, é aplicada a quase todos os grupos temáticos anteriormente referidos. Caracteriza-se, sequencialmente, por uma introdução plural, resultante da observação atual e geral sobre a entrada com referência às tradições orais. Segue-se uma narração científica e pormenorizada, incluindo uma abordagem à métrica, arquitetura e a outros assuntos intrínsecos ao valor patrimonial e à configuração estrutural e estética de cada entrada. Por fim, um comentário final sob uma visão patrimonial com respetivo enquadramento histórico, caso se considere oportuno colocar no final da entrada, incluindo posições argumentativas de outros autores e uma interpretação conjunta dos dados apresentados.

A segunda linha de abordagem integra, do grupo do património arquitetónico religioso, as entradas referentes às alminhas, capelas, cruzeiros e igrejas, e do grupo do património arquite-

tónico profano, as casas solarengas, os solares e edifícios termais e hoteleiros. Estas entradas diferenciam-se da primeira linha por apresentarem no segundo momento a abordagem pormenorizada, a apresentação geral da construção, descrição das partes e narrativa sobre o interior da construção.

A terceira linha é dedicada exclusivamente aos verbetes referentes às fontes, fontanários e chafarizes, pertencentes ao grupo do património arquitetónico profano. Estas entradas iniciam com a alusão ao tipo e descrição do aparelho construtivo numa introdução plural, resultante da observação atual e geral com referência, caso se considere oportuno, às tradições orais. Num segundo momento, prossegue-se com a narração descritiva pormenorizada, abordando a métrica, arquitetura e outros assuntos intrínsecos ao valor patrimonial e à configuração estrutural e estética de cada ocorrência, incluindo-se, portanto, a descrição geral e a referência do tipo de abastecimento. Para terminar, é desenvolvido, caso se considere necessário, um comentário final, incluindo, por esta ordem, a abordagem a inscrições e outros elementos associados, tipo de arquitetura e uma visão patrimonial com respetivo enquadramento histórico, incluindo posições argumentativas de outros autores e uma interpretação conjunta dos dados apresentados.

Num tratamento interno de cada uma das entradas, importa ainda deixar evidentes algumas opções estruturais que, de certo modo, podem ser consideradas como instruções de consulta e uso contínuo do prontuário para os leitores.

Uma das opções tomadas passa pela formatação da designação inicial de cada entrada. Optou-se por utilizar o negrito quer para o nome da entrada como para a indicação do lugar, localidade ou freguesia, elementos sempre presentes com objetivo de localizar instantaneamente o leitor na geografia local.

Face à multiplicidade de designações existentes entre o historial de investigação ou comunidade local, por vezes, para um único verbete, optou-se por expor as mais significativas. Desse modo, quando se verifica a necessidade de mencionar entradas que correspondam a outras já referidas com diferentes designações, utiliza-se “O m. q.” como abreviatura de “O mesmo que”. Ainda, no conjunto de abreviaturas utilizadas na obra, as indicações “Ver” ou “Ver também”, geralmente referidas no final do verbete, têm a função de recomendar a leitura de outra entrada para complementar o conhecimento do assunto em questão, podendo dar-se o caso de uma entrada possuir o “O m. q.” e “Ver/Ver também”.

Outra das instruções que importa destacar passa pela questão bibliográfica. Quase a totalidade das entradas apresentam, no final, indicações bibliográficas que pretendem inteirar o leitor de estudos onde podem encontrar mais informação e que, de certo modo, foram igualmente referenciadas no tratamento de cada verbete.

Quanto às localizações geográficas, relativas a igrejas, capelas, alminhas, solares, casas solarengas, cruzeiros e chafarizes, foram intencionalmente excluídas ou omitidas as coordenadas geográficas, a altitude e o tipo de sítio. Esta opção resulta do facto de estes monumentos se localizarem no centro e área circundante das povoações e por se considerar que são lugares centrais facilmente encontrados. Ainda assim, é mencionado o respetivo concelho, freguesia e lugar, seguindo-se a recomendação de fontes bibliográficas onde se pode encontrar informação mais detalhada do respetivo assunto.

Para o património arqueológico, nas localizações geográficas, foram dentro do possível, acrescentadas as coordenadas correspondentes a cada um dos sítios ou monumentos, acessos atuais, o número da Carta Militar de Portugal na escala de 1:25000, a altitude, a indicação do tipo de sítio e o respetivo período histórico, terminando a entrada ou registo com as indicações bibliográficas correspondentes.

Com objetivo de encontrar mais facilmente uma entrada, pode, na parte final do prontuário, recorrer ao “Índice de Entradas Patrimoniais”. Este índice apresenta todas as entradas patrimoniais tratadas na obra, encontrando-se organizadas por ordem alfabética e devida correspondência da página.

A seguir à bibliografia, onde pode avaliar o historial da investigação de cada um dos concelhos, é apresentado um “Glossário”. Integra diversos nomes específicos das diversas temáticas patrimoniais (Figura 3). Pretende-se que nomes mais complexos ou menos usuais não impeçam uma compreensão integral de todos os verbetes ou entradas.

estudos & memórias

Volumes anteriores de esta série:

PIMENTA, J. (2024) – *Monte dos Castelinhos e as dinâmicas da conquista romana da Península de Lisboa e Baixo Tejo*. estudos & memórias, 24. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. Vol I. 536 p.; Vol II. 300 p.

DINIZ, M.; MARTINS, A.; NEVES, C.; ARNAUD, J. (Eds.) (2024) – *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular 2*. estudos & memórias 23. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 296 p.

DINIZ, M.; MARTINS, A.; NEVES, C.; ARNAUD, J. (Eds.) (2024) – *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular 1*. estudos & memórias, 22. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 408 p.

NEVES, C. (2023) – *O Neolítico Médio no sul de Portugal. O sítio da Moita do Ourives (Benavente), no quadro do povoamento do 5º e 4º milénios AC*. estudos & memórias, 21. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 420 p.

FILIPE, V. (2023) – *Olisipo (Lisboa). O Grande Porto da Fachada Atlântica. Economia e Comércio*. estudos & memórias, 20. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 640 p.

VALENTE, M. J. V.; DETRY, C.; COSTA, C. (eds.) (2022) – *New Trends in Iberian Zooarchaeology*. estudos & memórias, 19. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 216 p.

VIEGAS, C.; BUSTAMANTE-ÁLVAREZ, M. (eds.) (2021) – *South Gaulish sigillata in Southwest Hispania: circulation and consumption*. estudos & memórias, 18. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 244 p.

GOMES, F. B. (2021) – *A necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal, Portugal). Práticas funerárias, Cultura Material e Identidade(s) na Idade do Ferro do Baixo Sado (séculos VII – II a.n.e.)*. estudos & memórias, 17. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 560 p.

GONÇALVES, V. S., ed. (2021) – *Terra e Sal. Das antigas sociedades camponesas ao fim dos tempos modernos. Estudos oferecidos a Carlos Tavares da Silva*. estudos & memórias, 16. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 440 p.

PEREIRA, C.; ALBUQUERQUE, P.; MORILLO, A.; FABIÃO, C.; CHAVES, F, eds. (2021) – *De Ilipe a Munda. Guerra e conflito no Sul da Hispânia*. estudos & memórias, 15. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 338 p.

SOUSA, A. C.; BRAGANÇA, F.; TORQUATO, F.; KUNST, M. (2020) – *Georg e Vera Leisner e o estudo do Megalitismo no Ocidente da Península Ibérica. Contributos para a história da investigação arqueológica lusoalemã através do Arquivo Leisner (1909-1972) / Georg und Vera Leisner und die Megalithgräberforschung im Westen der Iberischen Halbinsel. Beiträge zur portugiesisch-deutschen Forschungsgeschichte der Archäologie im Spiegel des Leisner-Archivs (1909-1972)*. estudos & memórias, 14. Lisboa: UNIARQ/ IAA/ DGPC. 704 p.

ARRUDA, A. M.; FERREIRA, D.; SOUSA, E. (2020) – *Cerâmicas Gregas do Castelo de Castro Marim*. estudos & memórias, 13. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 113 p.

MORÁN HERNÁNDEZ, M. E. (2018) – *El Asentamiento Prehistórico de Alcalar (Portimão, Portugal). La organización del territorio y el proceso de formación de un estado prístino en la Bahía de Lagos en el Tercer Milenio A.N.E.* estudos & memórias, 12. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 312 p.

GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2018) – *Casas Novas, numa curva do Sorraia (no 6.º milénio a.n.e. e a seguir)*. estudos & memórias, 11. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL, 280 p.

GONÇALVES, V. S., ed. (2017) – *Sinos e Taças. Junto ao oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. estudos & memórias, 10. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 370 p.

SOUSA, A. C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. (2016) – *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. estudos & memórias, 9. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 623 p.

GONÇALVES, V. S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C., eds. (2015) – *5.º Congresso do Neolítico Peninsular. Actas*. estudos & memórias, 8. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 661 p.

SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. estudos & memórias, 7. Lisboa: UNIARQ. 449 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2014) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar, 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. estudos & memórias, 6. Lisboa: UNIARQ. 698 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2013) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar, 1. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. estudos & memórias, 5. Lisboa: UNIARQ. 506 p.

QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. estudos & memórias, 4. Lisboa: UNIARQ. 489 p.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. estudos & memórias, 3. Lisboa: UNIARQ. 670 p.

GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada. 2 Volumes*. estudos & memórias, 2. Lisboa: CAH/ Uniarch/ INIC. 566+333 p.

LEISNER, G.; LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. estudos & memórias, 1. Lisboa: Uniarch/ INIC. 321 p.

